



DAVID

GILMAN

MESTRE DA GUERRA
DESAFIANDO
— A —
MORTE



DAVID GILMAN

MESTRE DA GUERRA
DESAFIANDO
—A—
MORTE

TRADUÇÃO
Caio Pereira



SÃO PAULO, 2016

Desafiando a morte (Mestre da Guerra – vol. 2)
Defiant Unto Death
Copyright © David Gilman, 2015
Copyright © 2016 by Novo Século Editora Ltda.

COORDENAÇÃO EDITORIAL GERENTE DE AQUISIÇÕES

Vitor Donofrio

Renata de Mello do Vale

EDITORIAL

Giovanna Petrólio

João Paulo Putini

Nair Ferraz

Vitor Donofrio

ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES

Acácio Alves

TRADUÇÃO

Caio Pereira

PREPARAÇÃO

Fernanda Guerriero

PROJETO GRÁFICO

Vanúcia Santos (AS Edições)

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK

Loope – design e publicações digitais |
www.loope.com.br

DIAGRAMAÇÃO

João Paulo Putini

REVISÃO

Barbara Cabral Parente

MONTAGEM DE CAPA

João Paulo Putini

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1o de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Gilman, David

Desafiando a morte

David Gilman; [tradução de Caio Pereira].

Barueri, SP: Novo Século Editora, 2016.

(Mestre da Guerra; 2)

Título original: Defiant Unto Death

ISBN: 978-85-428-1011-0

1. Ficção inglesa I. Título II. Pereira, Caio.

16 -0556

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa 823



NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

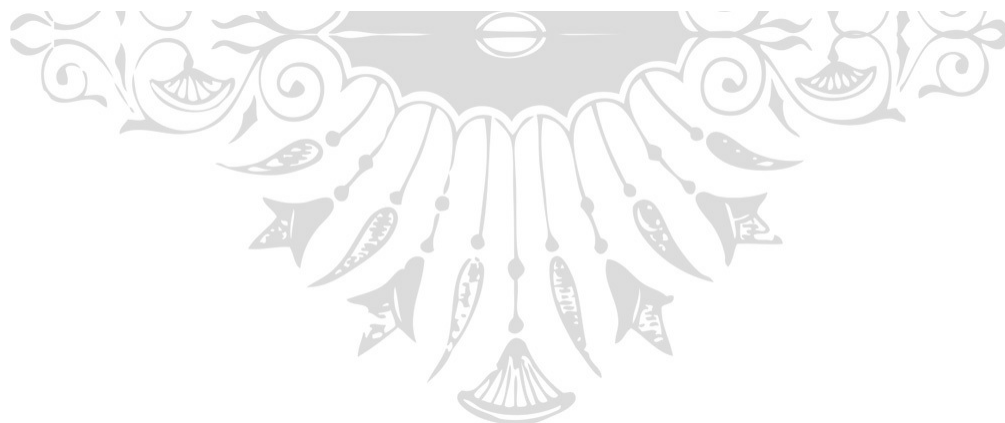
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br

VOL.
II
MESTRE DA GUERRA



PARA SUZY, COMO SEMPRE.



Os ferimentos de guerra ainda sangravam.

O maior exército da cristandade fora assolado dez anos antes em Crécy, quando Thomas Blackstone e seu bando de arqueiros mantiveram-se firmes e choeram morte sobre guerreiro e cavalo, príncipe e plebeu. Foi desse campo de morte esquálido que Blackstone se erguera, lutara mano a mano e salvara o filho do rei inglês. Arrancado da lama tomada de sangue, Blackstone, fatalmente ferido, recebera o último sacramento e fora honrado pelo rei. Não havia premiação maior do que ser nomeado cavaleiro em plena batalha, e o corpo quebrado de Sir Thomas Blackstone suportou a agonia e frustrou o manto sombrio da morte. Ao longo dos anos, desde esse dia, o rei Edward continuara a avançar em busca do trono francês. Calais, o portão para a França, permanecia sob seu comando, mas a poderosa nação ainda não se ajoelhava perante ele.

A peste assolara ambos os reinos, tomando vidas e rendimentos, deixando as duas monarquias incapazes de financiar a guerra ou desatar uma batalha definitiva. Por ora. Isso ocorreria quando os senhores normandos, homens astutos e agressivos que ansiavam por mais poder dentro da França e tinham ressentimento contra o rei, finalmente ficassem fortes o bastante para desafiá-lo.



SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Parte Um

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Parte Dois

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta

Parte Três

Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco
Capítulo Trinta e Seis
Capítulo Trinta e Sete
Capítulo Trinta e Oito

Notas históricas

Colofão

PARTE UM
O PADRE SELVAGEM



CAPÍTULO UM

Dizia-se que Thomas Blackstone era como um fantasma de cemitério. Os homens podiam sentir sua presença, mas, quando se viravam para o espetro, a brisa fria da morte os derrubava. Ninguém sabia onde o inglês da cicatriz no rosto atacaria em seguida. Todos sabiam que ele era protegido por lordes normandos nas profundezas de seus territórios, porém, quando mercenários assassinos, repudiados pelo rei francês, entravam nas florestas do forte dos normandos à sua procura, seus corpos eram encontrados pendurados à beira da estrada.

Sua reputação de ferocidade poderia ter sofrido caso seus inimigos o tivessem visto nesse dia varrido pelo vento. A espuma crepitava na ponta das ondas conforme a maré agitava-se sob um vendaval rodopiante que inchava o mar de forma dentada e nauseante. O barco de pesca de trinta toneladas precisou de dois dos quinze marinheiros a bordo para conter a cana do leme, que estava sendo atizado pela turbulência. A maré subia, e eles torciam para que o banco de areia à frente da embarcação estivesse suficientemente coberto de água para impedir que as pranchas em protesto batessem e arremessassem os tripulantes à mercê das ondas e da lama pegajosa abaixo delas. O mentor de Blackstone, de muito tempo, gritou o único comando que lhe veio à mente. *Firmem pés no chão e lutem!*, insistiu a voz de Sir Gilbert Killbere. Santo Deus, aquilo ali não era *chão*! Era o convés vacilante de um barco, uma das centenas de unidades que levaram o exército de Edward à França dez anos antes. E dez anos era pouquíssimo tempo de descanso para ser posto naquela rolha gigante, independentemente do quanto o mestre afirmava ser resistente.

Blackstone aceitou o pinicar do sal no rosto e sorveu o ar frio a fundo nos pulmões, agarrado à amurada do barco que avançava. Veio o vômito, e ele soltou tudo sobre o arco, sabendo que havia homens atrás dele grudados ali também e agora, sem dúvida, cobertos pelo jantar que ele comera há pouco.

– Vai demorar? – ele gritou para o mestre, que, ao contrário de Blackstone e seus homens, estava de pé, pernas espaçadas, no tombadilho superior, levando a mão em concha ao ouvido para captar as palavras do cavaleiro.

– Falo para o senhor quando souber, Sir Thomas! Quando souber! Nem um pouco antes!

Blackstone equilibrou-se, enrolando uma das cordas do barco no braço. Puxou a imagem de prata de Arianrhod, presa ao pescoço, e a beijou com lábios cheios de cuspe. A deusa pagã lhe fora dada anos antes por um arqueiro galês moribundo na ferocidade da batalha por Caen, e seu manto protetor lhe servira muito bem, mas a miséria o fizera ir muito além em sua busca por alívio.

Meu bom Jesus, dei-lhe as costas tantas vezes. Coloco minha fé na superstição pagã, mas juro, por tudo o que é sagrado no céu, que, se me tirar desta tortura, darei minha porção de pilhagem que conseguir na guerra para a igreja mais pobre e mais próxima que encontrar.

Uma figura cambaleou até ele, mas o homem que se atracava na lateral do barco para apoiar-se não demonstrava sinal algum de enjoo. Ele afastou o cabelo da frente do rosto com a ajuda do vento açoitante.

– Promessas para Deus quase nunca são cumpridas, senhor. Melhor rezar para seu estômago por conforto – disse Guillaume Bourdin, escudeiro de Blackstone, como se tivesse lido os pensamentos de seu senhor.

O jovem valente não fora afetado pelas ondas furiosas. Blackstone mal podia erguer o rosto sem que o vômito se anunciasse de novo. Ele endireitou os ombros, envergonhado pela falta de desconforto do escudeiro. Blackstone não navegara desde a travessia que fizeram para invadir a França, dez anos antes, quando seu irmão, Richard, fora o único tripulante não afetado, entretanto, lá estava ele, quebrando a promessa de nunca repetir a experiência. A todo segundo, o horizonte ondulante lhe contorcia o estômago. Tudo igual.

– E os homens? – quis saber Blackstone, virando um pouco a tempo de ver a popa subindo em uma onda das grandes, fazendo a pequena embarcação mergulhar a ponta do nariz em uma vala que ameaçou virá-la de ponta-cabeça.

Blackstone e Guillaume seguraram-se nas empunhaduras. O mestre gritou um comando que ninguém escutou, e o barco deslizou pela lateral da onda, tremelicou e firmou-se novamente no curso. A vela única farfalhou, e a lona dura feito aço tremeu como um carvalho imenso sendo derrubado. Blackstone via o deque apinhado, homens protegendo-se atrás de anteparos, de ombros grudados nos dos vizinhos, equilibrando-se.

– Conseguem lutar? – perguntou Blackstone.

– Um terço está fraco demais... Metade tem chance de chegar aos muros do castelo, o resto, talvez, tenha força para escalar e lutar.

Guillaume apertou os olhos para enxergar por entre a água espirrada. A costa e o temido banco de areia estavam cada vez mais perto. O *Saint Margaret* tinha comprimento duas vezes maior que a largura, lotado de homens e cascos de breu e óleo. E vacilava feito um porco bêbado.

– Você sorri como um monge com uma vela enfiada no rabo! Não zombe do seu senhor, Guillaume... Ele pode fazer da sua vida um inferno bem pior que este!

– Perdoe-me, senhor, mas, pelo que os marinheiros dizem, não há por que se preocupar com o ataque ao castelo. Há uma corrente das bravas na boca do estuário e além dos pântanos que vai sugar homens e cavalos. Tomar o forte é a menor de nossas preocupações.

Com outro solavanco de sacudir o esqueleto, Guillaume verteu o corpo para acomodar a turbulência. O rapaz era ágil e forte, ensinado a mover-se rapidamente com espada, machado e clava. Um guerreiro de 19 anos, com a imortalidade dos jovens, que lutara ao lado de Blackstone nos momentos de desespero, nas batalhas, desde que forjara um pacto de lealdade com ele.

Um grito de aviso foi trazido pelo vento. O mestre ordenara aos marinheiros que colocassem seu peso sobre um dos lados da embarcação.

– Melhor se preparar, Sir Thomas! – gritou ele. – Se perder um homem aqui, ele vai direto para o inferno!

Blackstone deu mais uma enrolada com a corda no braço e sentiu o barco avançar, erguer-se e colidir em um baque de sacudir o esqueleto. Na contorção súbita, inesperada, os dedos de Guillaume soltaram-se de onde se prendiam, e seu corpo bateu contra o casco do barco. O golpe o fez perder o

comando das pernas, e ele correu para se agarrar em uma empunhadura qualquer. Blackstone soltou um pouco a mão da corda, sentindo a fibra dura raspando-lhe a palma ao deslizar pela mão. Agarrou a túnica de Guillaume e sustentou-lhe o peso, mas sabia que, apesar de toda sua força, o sacudir e inundar do deque logo lhe arrancaria o escudeiro, que estaria perdido. A expressão firme do rapaz mostrou a determinação que Blackstone percebera nele quando o escudeiro ainda era menino, e apontara uma adaga, trêmulo, para o rosto de Blackstone para proteger seu mestre moribundo. Contudo, ali, viu súbito pânico nos olhos de Guillaume. Ninguém disse nada, mas, com um último e desesperado olhar lançado para seu senhor, Guillaume foi arrancado dele por uma onda verde, malévola e rodopiante, coberta de espuma branca, que varreu toda a borda do barco.

Desespero e arrependimento dominaram Blackstone. Ele deveria ter deixado o mestre do barco, Jennah de Hythe, no chão da taberna em Bordeaux com uma faca no pescoço e permitido que os mercenários alemães bêbados, que tinham começado a briga, terminassem o serviço. Mas Blackstone chutara longe o robusto assassino quando os homens seguraram Jennah pelos braços. Brigas de taberna, em geral, terminavam com algum morto ou mutilado, mas incapacitar um homem segurando-o era pior do que matança de porcos; então Blackstone interviu. Frequentadores de tabernas deveriam pensar duas vezes antes de desafiar desconhecidos, dissera ele ao alemão que o ameaçara. Imprudentemente, o bêbado avançou – tentativa fútil, visto que Blackstone e Guillaume rapidamente desarmaram os atacantes. Depois, o capitão de Blackstone, Meulon, o cortador de gargantas, fez o resto, quietinho, e com um corte tão profundo, que os homens nem conseguiram gritar. A puta velha que tocava a taberna gritou um palavrão, mas Meulon apontou-lhe a adaga e ergueu as sobrancelhas desgrenhadas. Não precisou dizer nada. A mulher deu um chute no criado, uma criança, e o piso foi enxaguado; depois jogaram serragem no sangue derramado, enquanto os corpos dos homens eram levados para o beco que dava para o cais. A água que espirrou quando cada um foi jogado seis metros abaixo quase não foi ouvida. O exército invasor do príncipe não daria falta de três de seus homens.

E mestre Jennah ficou muito agradecido. Depois de uma dúzia de garrafas de um vinho tinto forte e um prato de carneiro partilhados, suas histórias desconexas de velejo pela costa descampada das margens do Oeste da França mencionaram um castelo ocupado em nome do rei francês que tinha uma ponte-chave a qual cobria um rio oitenta metros ao norte em linha reta. Dizia-se que lá havia armamento que abastecia os apoiadores do rei francês. Era longe demais para o príncipe de Gales atacar, e a posição específica do castelo mantinha seu leal comandante gascão, o Captal de Buch, de guerrear além de Bordeaux. O príncipe inglês queria pilhagem e vitória, não um sítio prolongado e doloroso nos pântanos, motivo pelo qual levava seus exércitos para o sul: o príncipe pousara em Bordeaux no fim do ano anterior e cavalgava para o sudeste. Como uma rolha na garrafa, o castelo assentava-se na cabeça do estuário, local imundo e enevoado com gás de pântano fedido feito peido de puta e uma maré poderosa e afluyente. E, quando essa maré virava, deixava um atoleiro dos diabos.

Blackstone olhou ao redor da sala à meia-luz. A lenha da lareira estalava e cuspiam, e os olhos dos homens estavam marejados de tanta fumaça. Figuras balançavam, gingando para frente e para trás; um jorro de vento frio varreu a sala quando a porta foi aberta e fechada, mas o fedor de suor rançoso pairava no ar, conforme os homens caíam no chão já dormindo. A dona da taberna os chutava e xingava, contudo, como tufo de grama do pântano na maré baixa, eles continuavam imóveis. Pântanos. Como um barco subiria o rio? Ele fizera essa pergunta ou apenas a formulara em seus pensamentos? Alguém dissera que somente um maluco tentaria atacar rio acima, mesmo se um barco pudesse chegar até lá, cruzando uma costa assolada por tempestades e, caso o inglês ainda não soubesse, um barco, com seu fundo chato, não podia velejar contra o vento.

Por acaso, Jennah de Hythe conhecia aquelas águas? Blackstone estava quase tão bêbado quanto o maldito do mestre do barco, encharcado de vinho, com um plano vanglorioso formando-se na mente, plano que lhe colocaria dinheiro no bolso e infligiria derrota aos franceses, inimigos de seu rei. Fizera juramento de honra para com Edward e seu filho.

O rosto do navegante estava da cor do couro curtido. Veias rompidas pela bebedeira ou pelo clima deixavam bochechas e nariz avermelhados. Ele passou um braço pelos lábios, o que fez vazar vinho por entre dentes enegrecidos.

– Se conheço? Vim conhecendo nos últimos vinte anos. Levei meu barco de Bordeaux a Southampton e voltei levando vinho do meu rei da Gasconha. Trouxe uns vinte homens amarrados que nem barris quando invadimos a França em 46! Vinte! Ninguém carregava mais que uma dúzia. Menos! Levei a rapaziada e estavam todos de pés secos quando aportamos. O senhor estava lá, não estava, mestre Blackstone?

Blackstone fez que sim. Nem bêbado ele conseguia esquecer aquela travessia dos infernos, embora não fosse nada se comparada ao que o esperava no campo de batalha.

Mestre Jennah pegou Blackstone pelo ombro, os olhos quase fechados com o sono iminente da bebedeira, e balbuciou uma declaração gaguejante:

– Nunca tinha matado a sede com um cavaleiro, Sir Thomas. A honra é toda minha, e não tivesse meu barco sido tomado pelo sargento, e posto em uso, e minha carga tomada... minha carga! Aye! Também perdi meu contrato. Estou liso, servindo ao meu rei... mas... dito isso... se ela fosse minha para oferecer... seria sua se pudesse lhe servir.

A cabeça de Jennah desabou na mesa, espirrando vinho. Blackstone cambaleou pela taberna, meteu o ombro na porta, noite afora, e levou sua ambiciosa ideia para o comandante gascão.



Jean de Grailly, cujas tropas aliadas lutavam pela Coroa, pertencia a uma das famílias mais nobres de Bordelais. Era muita sorte do rei inglês tê-lo ao seu lado, pois era um dos comandantes mais jovens e hábeis, de família augusta, e tinha garantido algumas das maiores vitórias de Edward, além de portar o título feudal de Captal de Buch. Era conhecido em toda a França por seus ataques audaciosos que alavancaram as conquistas territoriais do rei inglês. Devia ser dois ou três anos mais jovem que Blackstone – que tinha 26 –, concluía este perante aquele grande *seigneur*. Era incomum para um lorde

de tão alto escalão ceder audiência para alguém que considerava de posto inferior, mas a reputação de Blackstone e a consideração que tinha por parte do rei inglês – e, se os rumores não mentissem, dos lordes normandos –, não eram de se negar. De Grailly estudou o homem desgrenhado a sua frente. Blackstone estava a pelo menos duas semanas de cavalgada de casa. Ao longo dos anos, o cavaleiro da cicatriz aproveitara santuário e proteção de senescais ingleses locais e nobres gascões enquanto transportava gado e alimento nos climas amenos além da Normandia. Blackstone não se envolvia em batalhas, e o príncipe não demandava nada dele. Ali, no Sudeste, os nobres tocavam seus antigos feudos contando uns com os outros. Alguns podiam ser comprados, outros, derrotados para conquistar um território na guerra, então por que Thomas Blackstone viera ao seu quartel-general? De Grailly não sabia. O inglês já estava a caminho de casa com os cinquenta homens que cavalgavam junto, levando gado e provisões para reabastecer os suprimentos de inverno. Teria o inglês feito nova aliança com um senhor feudal tão distante ao sul de seus domínios?

Blackstone estava sóbrio, porém, quando explicou seu plano audacioso, sentiu o coração frio e duro feito a geada matinal sob seus pés. O que pusera em chamas sua ambição na bebedeira da noite anterior agora parecia uma ideia tola e maldita, que ele não precisava sugerir, mas aquele era um inverno longo e difícil que jamais acabava, e Blackstone estava sempre precisando de dinheiro e armamento para seus homens. Aceitou a taça de vinho quente que lhe ofereceram e, mantendo a insegurança de canto, esmiuçou seu plano.

De Grailly escutou com atenção; era um dos poucos que sabiam pôr de lado a arrogância da posição quando um guerreiro experiente sugeria um plano que poderia trazer vitória e glória pessoal.

– Quer que eu libere esse barco? – disse de Grailly, não muito surpreso com o pedido em si, mas com o objetivo que Blackstone delineara.

– Sim. E, se ele conseguir nos fazer passar, que lhe devolvam o carregamento e deixem que obtenha algum lucro quando retornar à Inglaterra.

– Thomas – disse de Grailly, sem saber se a ousadia do plano era a de um homem possuído ou um ato que lhe permitiria atacar mais ao norte no território francês do que ele jamais esperara conseguir –, sabe quantos

homens aquele barquinho pode levar? Uma dúzia, talvez um pouco mais. Não é possível.

Talvez de Grailly tivesse razão, pensou Blackstone. Jogar-se à mercê do mar e velejar rio acima com uma maré virando rápida atrás de um forte inimigo, com pouco conhecimento das suas fortificações, seria um atalho para a morte. O mestre do navio lhe dissera que um pedacinho de terra, como uma pequena ilha, jazia no lado do forte que dava para o mar e, caso a maré não tivesse subido demais e tornado o solo intransponível, os homens poderiam passar por ele e escalar as paredes. Além disso, pouco se sabia. Blackstone esperava queimar o portão principal e forçar a guarnição – de quantos? Sessenta ou mais? – a defender-se dentro do pátio. O peso do contingente de Grailly teria de chegar para dar apoio, e a tempo.

De Grailly disse:

– Os franceses controlam o rio e a estrada. Terão barcas patrulhando o curso da água. A barca pode virar e ultrapassar um navio. Estarão esperando você.

– Mestre Jennah me disse que a maré estará a nosso favor, vindo do mar. Velejaremos com ela. As barcas do alto do rio não enfrentarão a maré.

O silêncio assentou-se entre de Grailly e Blackstone enquanto os dois homens pensavam sobre a ideia. De Grailly compreendeu que, se deslizasse para o norte e causasse uma ferida profunda no ventre dos franceses, poderia, então, colocar suas tropas em terra e seguir para o sul em um movimento de pinça que tiraria o inimigo de sua posição defensiva e lhe permitiria conquistar Périgueux, uma grande cidade tomada pela França. O homem tamborilava os dedos nervosamente na mesa. Rápido demais? Muita exposição de sua parte? Por quanto tempo mais esse cavaleiro inglês teria sorte na vida?

Blackstone quebrou o silêncio.

– Tome a guarnição, arranque-lhe o armamento e terá infligido um ferimento que os sangrará até secar. Terá o controle do rio, seus homens comandarão a estrada para o norte, suas costas estarão protegidas e o príncipe vai beijar-lhe as bochechas e banhá-lo de glória.

– E para você, Thomas? Qual é o benefício?

– Eu fico com todas as armas que puder carregar. Fico com o ouro e a prata, alivio-os das moedas que terão para o pagamento da guarnição e dos nobres locais que apoiam o rei John. Você fica com a vitória; eu, com as recompensas. Não posso pagar meus homens só com glória.

De Grailly concordava. O inglês estava assumindo o risco maior.

– Você teria de estar naquela estrada para defendê-la – disse Blackstone, sabendo que a chave era a rota para o castelo. Reforços poderiam cair feito chuva no local e dominar o pequeno grupo de Blackstone. – Esteja lá quando eu for derrubar aqueles portões e entrar no forte. Se não for, estarei em uma cilada.

– E se não conseguir entrar? Fico exposto. Não posso recuar seiscentos homens. Os franceses verão minha chegada e estarei nas mãos deles. Minha cabeça seria entregue ao rei francês, e o príncipe ficaria vulnerável.

– E um cavalo pode tropeçar andando pelo pátio do estábulo, derrubá-lo e quebrar seu pescoço, ou um ladrão pode lhe enfiar uma faca entre as costelas. A morte espera todos nós. O truque é enganá-la o máximo possível – Blackstone respondeu.



A onda que levou Guillaume jogou-o longe no deque. Mais um solavanco e um sacolejo e seria o fim. Blackstone não podia fazer nada; sua mão já sangrava da aspereza da corda e, quando se balançou feito um gancho de polia ginchando na tempestade, em um último e desesperado esforço para agarrar o rapaz, viu uma figura obscura separar-se da massa abarrotada. A figura corpulenta, os olhos quase invisíveis, a barba negra coberta de sal, jogou o peso de seu corpo sobre o homem incapacitado, tirando Guillaume das águas turvas. Era Meulon, que puxava o rapaz para si como um escudo e foi, por sua vez, agarrado e seguro por Gaillard. Havia músculo suficiente entre eles para forçar meia dúzia de homens ao chão com uma facilidade feroz. À raiva do deus dos mares foi negado seu sacrifício – e, como um animal entrando na toca, Guillaume desapareceu debaixo do paredão.

Blackstone agarrou-se com mais força à corda, desequilibrou-se e foi jogado contra a lateral do navio. A dor o percorreu por inteiro, mas deu-lhe

um surto de raiva que dobrou suas forças. Então o navio estremeceu, com o ominoso barulho de madeira raspando em um banco de areia. O navio de clínquer era como uma tigela barriguda; as costelas curvas o faziam boiar, mas o casco de fundo chato permitia que ele entrasse em águas rasas e, com a maré vindo junto, o navio deslizou pela boca cascalhenta do estuário. Houve um baque imediato quando o navio encontrou águas mais calmas na faixa ampla do rio. Por duzentos passos de cada lado da embarcação, os lamaçais erguiam-se em um restolho de tocos de árvore apodrecidos que pegavam o vento e uivavam, sombrios.

Blackstone girou-se para fitar os homens amontoados.

– Levantem-se! Andem! Agora!

Os homens cambaleavam, inseguros, encontrando o pouco de equilíbrio que conseguiam, juntando os braços, firmando as pernas, com arma em uma mão, e se segurando firmemente nos camaradas com a outra. Tinham jorrado vômito suficiente nesse dia para esvaziar o estômago, e Blackstone enxergava a expressão esquelética da doença no rosto de cada homem. Quando o navio estabilizou-se, mestre Jennah ordenou que as velas fossem baixadas e presas.

– O vento está contra nós a todo vapor agora, mas essa maré nos carregará rio acima – ele gritou para Blackstone. – Juguem a água fora!

O navio estava cheio de água do mar até os joelhos, sem ter para onde ir. Blackstone pegou um balde e seguiu o exemplo dos marinheiros: coletou água e passou para o seguinte. Sem terem de ser ordenados, seus subalternos largaram os escudos e, ignorando o deque apinhado, uniram-se na tarefa. O barco pararia se eles não botassem para fora a água presa. Jennah viu o vento mudar de direção e espalhar água e espuma, e gritou para os timoneiros que mantivessem o curso. O comando era meramente um ritual nesses rios rasos, mas os homens que manobravam o navio tinham se dedicado ao serviço por boa parte da vida e dirigido embarcações como o navio *Saint Margaret* por muitas enseadas.

Mestre Jennah contara a Blackstone sobre as curvas longas e tortas do rio, dos bancos de lama que rompiam a superfície rasa e do terreno baldio que se esticava até as florestas distantes. Se chegassem à boca do rio na hora em que o sol estivesse acima da cabeça deles, dissera a Blackstone com uma

expressão meio apreensiva, então, quando escutassem um distante sino de igreja anunciar as orações, teriam menos de meio dia de luminosidade. Seria quando fariam a última curva no rio. Blackstone olhou para a margem e supôs que estavam se movendo tão rápido quanto um cavalo trotando. Se mestre Jennah estivesse certo, quando alcançassem a guarnição, teriam pouquíssimo tempo até o cair da noite. Era o melhor cenário possível. Era isso que ele torcia para que acontecesse: umas poucas horas para chegar perto das paredes, depois lutar e conquistar. Atacariam e defenderiam o posto até a manhã seguinte. De Grailly não traria suas tropas no escuro. Com sorte, o comandante gascão estaria esperando a alguns quilômetros dali, escondido na floresta para que, à primeira luz da manhã, pudesse tomar a estrada. Um soldado precisava ter sorte, o toque calmante dos anjos que lhe permitia sobreviver; vendo o estado de seus homens, tremendo, encolhidos, de membros doloridos e barriga vazia, o inglês reconheceu que também precisaria da bênção dos espíritos da terra.

O que não lhes foi dado.

Blackstone jogou a água do balde para o lado. Ela foi chicoteada pelo vento, e metade do conteúdo espirrou-lhe o rosto. O vento mudara de curso.

Olhou para onde estava Jennah, com seus timoneiros, e o mestre do navio acenou com o rosto, mostrando que também notara. O vento estava atrás deles agora e, com a maré os empurrando cada vez mais rápido para o inimigo, chegariam ao castelo com mais luminosidade do que queriam.



Ninguém teve apetite para as rações de peixe salgado do navio, então, assim que a água foi retirada, ele deu a cada homem uma porção generosa de conhaque. A bebida amenizaria os efeitos da viagem e devolveria força a braços e pernas, e Blackstone sabia que seus efeitos acalmariam a insegurança que se alojava na mente de cada um. Estavam em apenas vinte – mais dois, contando Blackstone e Guillaume –, e não se podia esperar que os marinheiros participassem do ataque. Era provável que houvesse pelo menos o dobro entre as paredes do castelo para manter um forte como aquele, mas Blackstone rezava para que sua abordagem marota pelos lamaçais passasse

despercebida. O nobre francês que comandava a guarnição esperaria que quaisquer desafios fossem feitos perante as paredes do castelo. Homens de honra não se esgueiravam às surdinas, pelas costas do inimigo, feito assassinos na noite.

A honra, pensou Blackstone consigo, tinha significados diferentes para cada homem.

Não havia sino algum de igreja tocando quando o navio *Saint Margaret* passou pelo promontório da última curva do rio. Os homens estavam agachados atrás das laterais do navio; já Blackstone e Jennah, de pé, vendo o forte aparecer no horizonte. O que o cavaleiro via era uma estrutura pobre em defesas que dependia do relevo natural do terreno. Uma parede de madeira dava para o rio, e Blackstone supôs que o solo úmido fora mole demais para suportar uma fortificação de pedra, a qual ele podia ver estendida pela parede traseira do castelo, onde o solo devia ser mais firme. Valas de drenagem foram cavadas e abandonadas ao longo do tempo. Houvera pouca necessidade de botar mais esforços em uma parede de defesa em um ponto em que o pântano e a maré formavam defesas aparentemente impenetráveis. A madeira seria de castanheiro ou carvalho, dura feito ferro, mas com os pés no solo macio. O castelo erguia-se a pouco mais de quatro metros do rio, e dava para ver que o que antes fora uma faixa ampla de água estreitara-se para canais menores, finalmente desaparecendo em nada mais que filamentos de água que desaguavam num distante terreno alagado. Não era de se estranhar que o castelo defendesse a estrada; havia pouca chance de ser atacado por terra.

– Não muito perto, mestre Jennah – disse Blackstone.

Grama alta e junco ocultavam o que restara de árvores definhadas, encharcadas de água salobra, que acobertavam o pequeno navio. Os filamentos de cipó pendiam com o vento, espalhados.

– Posso encalhar naquele banco de lama ali, Sir Thomas – disse ele, mantendo o navio bem junto à margem do rio –, e me liberto quando a maré virar. O senhor e seus homens terão que ir por entre o junco, e será difícil, principalmente se tiverem que carregar os barris.

Ele gesticulou para os tonéis surrados, de metade do tamanho de um barril de vinho, mas que, mesmo assim, deviam pesar uns cinquenta quilos ou mais. Mestre Jennah fez careta – mais, ele supunha. Blackstone trouxera uma dúzia desses barris cheios de breu com a intenção de atear fogo no portão principal, mas agora via que seria impossível, visto que o rio não permitia acesso à entrada no forte. Ele serpenteava por debaixo da ponte da estrada, tendo sua força diminuída ao espalhar-se pelos tributários rasos dos terrenos alagados mais além. Ficou claro que o único local em que se poderia alojar os barris era a parede de madeira. Caminhar por um pântano carregando os barris sob o disfarce dos juncos era tarefa que ele não queria delegar a seus pobres homens enjoados. A vegetação poderia obscurecer a aproximação do bando, mas não por tanto tempo. Um tributário estreito fluía por debaixo das paredes, engrossado pela gosma preta fedida de vegetação apodrecida, e depois se reunia ao rio. Era melhor que uma trincheira de defesa. Se esse acesso fosse o único caminho de ataque para Blackstone, Jennah pensava, aquelas paredes levariam muito tempo para queimar, o que daria aviso suficiente para que a guarnição convocasse reforços. Dez anos antes, ele ancorara seu navio além da grande cidade de Caen e assistira à destruição desta do alto do rio. Naqueles dias, o exército do rei trouxera barcas cheias de arqueiros, e seu poder de fogo ganhara tempo para os soldados. O lugar em que estavam agora não chegava aos pés de Caen, mas, com apenas vinte homens, nenhum arqueiro nem plataformas flutuantes, o castelo poderia, sim, equiparar-se à cidade.

– Pode levar o navio até aquela vala? – perguntou Blackstone, apontando para a água que corria para baixo do muro.

– Posso levar, mas não consigo trazer de volta. Vai ficar preso.

Blackstone manteve o olhar fixo no rosto de Jennah. O mestre do navio levou apenas um instante para entender a intenção do cavaleiro.

– Não! Não vou fazer deste um navio de fogo!

As pernas de Blackstone ainda estavam vacilando por conta da viagem tormentosa, então o homem corpulento teve força suficiente para pô-lo de lado. Jennah rosnou para o timoneiro:

– Segure o navio! Mantenha a proa ali! – disse ele, cortando o ar com a mão na horizontal, apontando para a margem do rio. A maré continuava mantendo o navio abaixado, sorrateiro, fora das vistas dos franceses. Jennah olhou feio para Blackstone. – O mestre de um navio faz o juramento de salvar a carga e a vida de seus homens. E um navio não está perdido enquanto mestre e tripulação não estão mortos, essa é a lei! A lei, Sir Thomas! E não sacrificarei meu navio nem meus homens pelo senhor. Devo-lhe minha vida, e nada mais.

– Você ganhará a bênção do príncipe – Blackstone lhe disse, na esperança de cutucar a lealdade do homem.

– Aye! O príncipe! Que Deus o abençoe! Ele tiraria a camisa de um homem se assim pudesse matar o pobre coitado de frio. Só que o príncipe não precisa do meu navio reduzido a cinzas!

O cavaleiro da cicatriz tinha mais homens que o mestre do navio. Jennah cuspiu e coçou os cabelos muito curtos, espalhando flocos de caspa no vento. Suas mãos rachadas de sal e vento tinham se curado tantas vezes, que ele nem se lembrava, mas tinham força suficiente para pegar uma faca e uma corda com nó e lutar com o homem que queria atear fogo em seu navio.

Blackstone sabia que a ameaça é a atitude dos homens bravos. Jennah estava três passadas distante, mas Meulon e os homens sacaram as espadas. Blackstone ergueu um braço e conteve qualquer violência contra os marinheiros, cuja morte teria sido chacina, visto que poderiam oferecer somente resistência simbólica.

– Não vai levar meu navio, pelas lágrimas de Cristo, não vai, Sir Thomas – disse Jennah, preparando-se. – Um cavaleiro lutaria por sua flâmula ou bandeira; teria de estar morto para deixar a espada cair do punho. Não é nada diferente para um marinheiro. Fizemos um juramento. O navio *Saint Margaret* é minha embarcação. Meu coração, minha alma.

Teria sido tarefa fácil desarmar o homem irritado, mas matá-lo não serviria para nada. Blackstone não tinha habilidade para usar a maré e enfiar o navio por entre as paredes, e chantagear o velho matando um de seus inocentes marinheiros não era uma opção que Blackstone consideraria – só serviria como blefe. Além do mais, mestre Jennah cumprira sua parte do trato e trouxera os combatentes à costa.

Blackstone disse:

– Quanto tempo mais até que a maré vire?

– Três horas, no máximo – respondeu Jennah, ainda empunhando a faca, por precaução.

Blackstone assentiu e virou-se para seus homens, que aguardavam.

– Meulon. Mande Gaillard para terra com um tonel. – Blackstone voltou-se de novo para Jennah. – Baixe sua arma, mestre Jennah. Não o machucarei. Seu navio é seu. Homem nenhum precisa de motivo para defender aquilo que ama.

Jennah hesitou; entretanto, quando Blackstone desceu para o deque, deslizou a lâmina de volta para a bainha. Viu quando um dos soldados de Blackstone, um homem tão grande quanto o próprio cavaleiro, mas com ombros mais robustos, passou por cima da lateral do navio carregando um tonel de breu. Não havia dúvida em relação à força ou à determinação do homem ao tentar caminhar pelo solo lamacento que sugava suas pernas até os joelhos. Com o tonel no ombro, ele tentava manter o equilíbrio, mas, depois de dez passadas, caiu. Levantou-se com dificuldade, içou o fardo de volta ao ombro, mas não deu mais três ou quatro passos antes de tombar de novo.

Meulon recebeu o sinal de Blackstone e assoviou suavemente uma única nota, assim chamando Gaillard de volta ao navio. Todos os soldados sabiam que, se com toda sua força, Gaillard não conseguia avançar nem vinte passos, então nenhum deles alcançaria a base do muro, a mais de trezentos metros dali, e ainda ter de lidar com o lamaçal e a corrente.

Blackstone pesou as possibilidades. Se atacasse muito cedo, a guarnição enviaria um mensageiro em busca de reforços. Então não importaria o quanto o exército de Grailly parecesse ser forte, ele poderia ser emboscado na estrada estreita, e os ingleses sofreriam uma derrota que poderia ter efeito devastador na guerra de atrito do príncipe de Gales. Se atacasse tarde demais, Blackstone e seus homens poderiam ser encurralados feito ratos contra as paredes. Tendo tido sucesso na última batida, que lhe ocupara muitas semanas, sabia que seus homens estavam prontos para o conforto de suas mulheres e uma boa lareira, em vez de solo úmido e combate amargo. Agora

poderiam acabar com as cabeças fincadas em lanças. O inglês xingou-se por ser tão ambicioso.

Deveria estar a meio caminho de casa a uma hora dessas. Prometera a Christiana que, assim que tivesse reabastecido as cidades que defendia e pagado os homens que o seguiam, haveria tempo para os dois antes do aniversário do filho. Houvera poucas incursões durante os meses de inverno, então ele arranhara as fundações de um novo muro, deitando pedras para que as chuvas corressem livres por elas e não danificassem sua construção planejada. Tinham trazido rochas dos campos e pedreiras, e ele passara dois gelados meses em seu celeiro cortando e moldando a pedra a seu gosto. Assim que chegaram à casa do velho normando, depois de casados, o cavaleiro descobrira sinais de um assentamento antigo. Em sua época, os romanos deitaram passagens de pedra cortada e construíram abrigos para os animais com paredes defensivas, porém, como muitas cidades antigas da França, elas tinham cedido e jaziam dominadas pela grama. Guerreiros antigos acamparam nessas terras até que as guerras de conquista os arrancaram dali. O local causava uma sensação de familiaridade em Blackstone; sentia que poderia viver ali em relativa paz com Christiana e os filhos. E queriam, desesperadamente, ter mais um bebê. Prometera tudo isso à esposa. Seis meses antes da incursão em busca de alimento e suprimentos, a moça perdera a criança ainda na gestação. As mulheres que a atenderam envolveram o infante e o esconderam dela, mas Blackstone desembrulhara o linho ensanguentado e fitara a criaturinha que teria sido seu segundo filho e que jazia encaracolada em uma morte que mais parecia sono.

Uma amiga, Joanne de Ruymont, que jamais partilhara da amizade do marido com o inglês, confortara a moça. Era uma mulher contida pelas maneiras ditadas pela família de berço, uma mulher que guardava um ressentimento enraizado contra Thomas Blackstone, um arqueiro que matara membros da família dela em Crécy. Era o marido dela, Guy, quem atuava como pacificador entre as duas famílias, dada sua grande amizade com o mentor de Blackstone, o lorde normando Jean de Harcourt, mas era Christiana quem Joanna visitava quando os homens estavam longe, lutando. Foi ela quem deu apoio à moça durante a época torturante da perda do bebê.

E agora tudo que Blackstone queria era voltar para casa, confortar a esposa e construir sua parede.

– Sir Thomas?

A voz de Meulon interrompeu os pensamentos de Blackstone.

– Quais são suas ordens?

Blackstone olhou para seus homens, que aguardavam as ordens.

– Algum de seus homens sabe nadar, mestre Jennah?

– Nadar? Não, só eu. Sou o único homem com chance de chegar à margem se naufragarmos. Não tem como nadar aqui, Sir Thomas. Não com essa corrente. – A ideia não fazia sentido algum para o marinheiro. – Nadar para onde?

– Amarre cada barril de óleo com um de breu. Alguém precisa levá-los por baixo das pontes, até o terreno alagado. E depois acender. Se lançarmos chamas ao céu, vamos atrair os que estão dentro do forte. Mas será preciso pelo menos dois homens.

– Bom, estou velho demais para isso. A água está fria, e a pessoa pode ser agarrada pelo que se esconde lá embaixo. E manter a madeira seca para acender os barris dará um trabalho do cão.

Blackstone olhou para seus homens. Guillaume deu um passo à frente.

– Eu vou, senhor. Mas vou precisar de tempo para colocá-los em posição.

O inglês não queria nem um pouco ver seu escudeiro entrar na água. A pessoa que acendesse os barris poderia facilmente ser vista pelos besteiros alocados nos muros. Muitos voleios poderiam ser disparados para passar por entre os bancos de junco sem nem mesmo mirar.

– Meulon, você lidera o ataque. Vou entrar na água com o mestre Guillaume.

Não havia escolha. Blackstone nadara no rio que passava por sua vila desde que aprendera a andar.

– Meu senhor – Meulon se apressou a dizer. – Podemos tomar os muros, mas precisamos do senhor para liderar. Podemos nos atrapalhar dentro do forte tanto quanto se nos afogássemos na água.

Todos murmuraram, concordando. Um homem rijo, musculoso apesar do corpo esguio, deu um passo à frente. Era Perinne, um dos homens que lutara

junto a Blackstone pelos últimos dez anos. Pedreiro, como o homem que o liderava.

– Já cruzei um lago uma vez, Sir Thomas. Se me der um pedaço de madeira para me apoiar, consigo chegar até lá com uma ajudinha da corrente. Não podemos deixar o Meulon aqui ficar com toda a glória por tomar o lugar. Além disso, é mais seguro na água do que com o Gaillard metendo a lança no meu rabo toda vez que uma sombra se mover.

Os homens riram e murmuraram em concordância; a tensão da insegurança foi quebrada.

– Muito bem – disse Guillaume –, mas, quando acender os barris de breu, certifique-se de estar a favor do vento, ou vai ficar ainda mais sem cabelo.

O cabelo curto, rareando, de Perinne mostrava as cicatrizes feito pés de galinha espalhadas pela cabeça.

– Posso não ter os cabelos de uma moça, mestre Guillaume, mas aposto que essa velha cabeça aqui se aninhou entre mais tetas que a sua.

Guillaume Bourdin tinha cabelos até os ombros e, com seus belos traços, poderia facilmente ser confundido por uma moça – erro devidamente evitado quando a batalha começava –, mas era muito raro verem o jovem escudeiro com uma puta. O orgulho do rapaz era rapidamente atingido quando tocavam nesse assunto, porém, para lutar junto de homens como esses, o orgulho precisava aprender a levar umas mordidas; a essa altura, Guillaume portava tantos talhes e cortes quanto a cabeça de Perinne.

– Santo Cristo, Sir Thomas. Um rapaz e um homem que mal pode boiar na maré feito cocô? Esse é seu plano? – exclamou mestre Jennah.

– Se a vitória dependesse da nossa aparência e de merda flutuar, seríamos todos reis da França. Vou nadar com eles até que os barris estejam no lugar, depois volto. Agora, mestre Jennah, mantenha seu navio seguro e atracado aqui, porque, quando a maré virar, teremos de torcer para que não mandem patrulhas daquela guarnição. Se o fizerem, o navio será tomado, e sua tripulação, morta, junto com você. Não poderei ajudá-lo, porque estaremos naquele muro, esperando que o fogo chame a atenção deles.

Jennah passou a mão no rosto. O risco de ser descoberto e atacado tornara-se mais realidade do que fora até então.

– Sir Thomas, não posso ficar ancorado aqui por muito tempo. Verão o mastro cedo ou tarde. O senhor só precisa da maré para levar esses barris de breu; não precisa do meu navio. Deixe-me partir quando o vento virar.

Foi a voz de Meulon que interviu.

– Vai nos abandonar?

O grupo teso de homens avançou, mudando rapidamente de humor.

O mestre do navio deu um passo para trás. Esses homens violentos eram tão perigosos quanto o inimigo. Fez o sinal da cruz, orando para Jesus, Filho de Deus. Blackstone colocou-se entre ele e os homens.

– Mestre Jennah fez o que pedi. Ele tem razão: não precisamos mais do seu navio. Tomaremos esse forte e seremos rendidos pelo Captal de Buch e suas forças ou morreremos. E, se querem saber, não quero ficar nem mais um pouco neste balde e deixar minhas entranhas para os peixes. Vou lutar, mas não vou morrer de joelhos, botando o rabo para fora pela garganta!

O comentário grosseiro deliberadamente aplicado teve o efeito desejado.

– Amém, meu senhor – disse Perinne.

Os outros concordaram. Meulon aproveitou a deixa de Blackstone.

– Então é melhor nos colocarmos junto àquele muro enquanto ainda tem luz e tentar digerir um pouco do peixe salgado do mestre Jennah, porque será uma noite longa.



CAPÍTULO DOIS

O s redemoinhos cessaram quando a maré virou. Em poucas horas, seis metros de margem seriam expostos conforme a água corria para o mar. Blackstone tirou as roupas e entrou nu na água gelada. O homem exclamou de frio, sentindo os músculos se contraírem. Guillaume e Perinne foram logo em seguida, mas, como passariam a noite toda no pântano, estavam vestidos, com as armas seguramente envolvidas em tecido encharcado de óleo. Usando a água mais calma para vagar por baixo da ponte, cada homem trazia consigo dois dos barris presos em corda, com as aduelas já cortadas por machado e cobertos em aniagem para conter a infiltração. Às vezes, os homens tocavam os pés no chão, ganhando impulso, ao cruzar o terreno alagado, afastando grama macia e junco, rezando para que a brisa escondesse o movimento da vegetação. Quando haviam passado a muralha do forte, ousaram olhar para trás e viram os portões de ferro e a casinha adjacente, onde o brilho fraco do entardecer revelava as figuras de duas sentinelas que protegiam seus postos. Não havia sinal de mais gente. O comandante francês tinha ficado displicente. De tão bem localizada que estava a guarnição, parecia óbvio que o único modo de um inimigo se aproximar seria pela estrada.

Blackstone pegou um dos canais e foi até um pântano; Guillaume e Perinne, que tinha amarrado um pedaço de madeira junto ao peito, nadaram para outros. Ao longe, um sino de igreja cantarolava. Cem metros à frente, alojaram os tonéis nos montinhos entrelaçados de vegetação e abriram ainda mais as fendas nas aduelas. A pedra e o ferro lá dentro, bem como a madeira que traziam por baixo do tampo de couro para acender o fogo, ficariam protegidos e secos até que o sinal fosse dado. Em algum lugar do descampado, esse mesmo sino de igreja ressoaria na escuridão, e seu cantarolar solitário sinalizaria a hora do ataque.

Blackstone nadou até os dois homens. O vento tinha cessado, e o fedor dos gases do pântano que borbulhavam na superfície amargou-lhes o fundo da

garganta. Fumaça desprendia-se vagarosamente da guarnição, e o ar frio e pesado a forçava para baixo, na direção da superfície do rio. Os homens tremiam não apenas por conta da umidade e do frio, mas pela crença de que os espíritos perdidos dos mortos, presos entre céus e terra, poderiam erguer-se do borbulhante e fedorento submundo. Blackstone agarrou Perinne pelo ombro, pondo de lado seu próprio medo.

– Eles não aparecerão à noite, Perinne. Se forem se manifestar, será agora, à meia-luz. Não confunda essa fumaça loquaz com qualquer outra coisa. Suba nesse montinho de junco e fique fora da água. Você sabe o que fazer.

– Aye, Sir Thomas. Sei, sim.

– Minha vida depende de você, como antes dependeu. Preciso de sua coragem hoje, mais do que nunca. E, se houver espíritos por perto, serão dos nossos amigos mortos, enviados para nos proteger.

Perinne sorriu. Seus dentes quase pararam de bater.

– Só falta agora me dizer que minha mãe não era uma puta – disse.

Blackstone afastou-se dali, abrindo caminho pela vegetação entrelaçada. Arianrhod aninhava-se logo abaixo da garganta dele, escutando a oração sussurrada pelo inglês enquanto seu corpo nu era acariciado por ervas submersas e os dedos podres das raízes. Sua mente, contudo, imaginava os mortos flutuando, estendendo os braços para ele; o homem fez de tudo para não gritar de medo. O local tinha todo um ranço do mal. Entretanto, ele nadou mais duas vezes, com Guillaume, que não reclamava, pondo também seu medo de lado e os barris que faltavam no lugar. Guillaume ficaria perto de Perinne. A coragem de dois homens era melhor do que a de apenas um, imerso na fastidiosa neblina. Já estava escurecendo quando os homens de Jennah pescaram um trêmulo Blackstone. Enquanto Meulon relatava que enviara Gaillard e mais dois com rolos de corda leve para marcar o caminho, o inglês se secou com aniagem, atijando sua pele para aquecê-la. Dava para sentir o navio subindo e descendo gentilmente, raspando o casco contra o banco de lama, ávido por libertar-se no desejo de juntar-se à maré crescente. Um sino gordo marcando as vésperas – o fim do dia – enviou seu tilintar assombroso por todo o pântano.

Meulon juntou os homens e, com eles, cruzou as bordas do navio, passando para a margem, onde ficou esperando Blackstone.

– Seus dois homens que estão na água... os escudos deles ainda estão aqui – disse Jennah.

– Não podemos carregar peso extra. Faça o que quiser com eles – disse o inglês, passando o próprio escudo para as costas. – Receberão outros para substituir.

– Então guardaremos os escudos com orgulho, Sir Thomas. A neblina está baixando – disse Jennah, grato por a natureza cobrir sua partida. – Ela vai deitar-se em torno daquelas ravinas e proteger o senhor e seus homens até a hora de escalarem o muro. Desejo-lhe tudo de bom, e que Deus abençoe suas empreitadas, mas tenho que liberar meu navio e sumir daqui.

Blackstone terminava de vestir-se.

– Sua carga o espera, mestre Jennah. O *Saint Margaret* é todo seu mais uma vez.

Jennah acenou com a cabeça, enquanto Blackstone apertava bem o escudo, como fizeram os homens nas margens.

– Sou um marinheiro, Sir Thomas. Seu mundo me mete medo. Mas eu o teria enfrentado pelo meu navio, mesmo que o senhor fosse me matar.

– Vá e receba seu lucro e sua liberdade, mestre Jennah de Hythe. Prefiro morrer aqui a enfrentar o mar outra vez. Cada um luta do seu jeito.

Menção nenhuma foi feita da dívida de vida de Jennah, nem de que seu navio também fora poupado. Ele viu Blackstone levando seus homens escuridão adentro. Nada foi dito entre eles; cada homem seguiu seu caminho, sabendo o que se esperava dele. O único barulho que Jennah escutava era o esborrachar suave dos pés deles caminhando pelo solo encharcado.

O navio virou-se com a maré. Mestre Jennah ergueu o braço, despedindo-se.

Blackstone, contudo, não olhou para trás.

Estavam até os joelhos no atoleiro negro e fedido, com as costas prensadas na parede de madeira. Levaram lentas e dolorosas horas para cruzar o pedaço de terra, receosos de que seus movimentos fossem vistos por alguma sentinela patrulhando os adarves traseiros. Cruzaram o tributário bem no

momento em que a maré virava, cada homem ajudando outro quando, às vezes, algum afundava mais ainda na podridão. A exaustão os tomava quando uma porção mais ampla de água ondulou feito uma grande cobra. O sino da igreja soou mais uma vez, mandando que camponeses e senhores, onde quer que estivessem, recolhessem-se para a noite. A badalada seguinte ocorreria mais tarde na noite, chamando os monges para rezar – e esse seria o sinal para que Guillaume botasse fogo nos barris de breu.

E Blackstone agora reparava que seria tarde demais.

Vinte homens tremiam e rezavam conforme a água se elevava. Blackstone sabia que Guillaume e Perinne estariam agarrados às raízes do junco. E aquele óleo teria vazado pela massa entrelaçada, mas a maré estava chegando mais rápido do que o inglês julgara ser possível. Se Guillaume tivesse pegado no sono ou não percebesse a rapidez da maré, os homens encostados na parede logo teriam uma única e simples escolha: afogar-se ou escalar as paredes e cair nos braços dos inimigos.

Eles ouviram a apressada maré antes de ver a escuridão mover-se para eles. O rio começava a jorrar para o tributário do pedaço de terra e, conforme serpenteava pelo estreito estuário, a força da água passou varrendo a margem do rio. A lama sobre a qual eles caminharam agora era água que já batia nas coxas. Se esperassem um pouco mais, os homens não teriam material para equilibrar-se quando fossem lançar os arpões de ferro seis metros acima de suas cabeças.

– Lancem! – Blackstone sibilou.

Cordas serpentearam na escuridão, e suas garras de ferro mordiscaram o topo do muro de madeira. Vinte homens, seis cordas. Blackstone colocou seu peso contra uma delas e testou-lhe a força e, então, sem falar mais nada, começou a escalar, mão atrás de mão, enquanto tentava, com os pés, achar um jeito de apoiar-se na madeira gosmenta. Outros se atrapalhavam dos dois lados dele, grunhindo com o esforço, sobrepujando os protestos de músculos retesados e corpos frios. Blackstone foi o primeiro a pular o muro; agachou para baixar o contorno de seu corpo contra o pano de fundo do céu escuro. O brilho fraco de tochas reluzentes chegava dos quatro cantos do pátio. O forte era pouco mais do que um trabalho de pedra glorificado que fora fortificado

com o passar dos anos, com reformas picadas ao sabor das demandas. Do outro lado da grande expansão, na direção oposta de onde Blackstone e seus homens estavam, via-se a silhueta do portão erguido. Um cavalo relinchou em um estábulo ali perto. Os homens congelaram. Teria a brisa carregado o cheiro deles? Umas vozes abafadas chegaram de um dos prédios debaixo do muro. A porta de um alojamento foi aberta; uma tocha reluziu, bruxuleante, quando um soldado saiu e caminhou alguns metros até outro prédio – as latrinas.

Acenda logo essa fogueira, garoto! Agora!

Quando o soldado retornasse, viria diretamente de frente para onde Blackstone e seus homens estavam agachados. Independentemente do quanto tentassem ficar abaixados sob o baluarte, a forma do muro mudaria, e viver em uma guarnição dava sentidos animais a um homem sobre coisas que se alteravam.

A porta se abriu. Deu para ver o rosto do homem com clareza.

Acenda, Guillaume! Não espere o maldito sino! Acenda o óleo!

Encaracolados e tensos, os homens não ousaram mover-se. Blackstone sentiu que Meulon se virara para fitá-lo, esperando pelas ordens de seu senhor. Melhor descer para o pátio do que ser pego no muro. Haveria chance de correr para a casa de guarda e tomá-la? Blackstone refletiu, pesando a probabilidade de sobreviver mais do que o plano dar certo.

Melhor lutar e descobrir.

E então o céu noturno brilhou em uma cortina de fumaça.

Sentinelas gritaram seus avisos e, em questão de instantes, a guarnição estava viva, com homens gritando, pegando suas armas e correndo para o adarve frontal. Blackstone sinalizou. Meulon levou metade dos homens para a direita; ele, com os outros, seguiu para a esquerda. Cada grupo correu até as escadarias que os levariam para a briga, lá embaixo. Além das muralhas, o mar de junco pegava um fogo que faiscava feito estrelas ardentes que voavam e morriam. Homens gritavam, uma porta abriu-se com tudo e um cavaleiro sem capacete com o escudeiro do lado saiu correndo, vestindo cinto com espada, e juntou-se aos homens que corriam para a casa de guarda e muralhas.

Trinta, quarenta homens, pelo menos. Matar todos – como?

Sob um céu resplandecente, Blackstone devotou um pensamento rápido para seu escudeiro e Perinne. Se estivessem malposicionados, não haveria como escapar do inferno que tomaria cada porção de junco seco. Veio-lhe uma lembrança: um moinho de vento engolfado por chamas quando era arqueiro, deitado à beira da morte no campo de Crécy, com o punho ensanguentado segurando a espada do cavaleiro boêmio que matara seu irmão mais novo. A lâmina com a marca do lobo correndo. O inglês a arrancara da mão do cavaleiro e, em uma última disputa brutal, matara-o com ela.

Blackstone acenou com a Espada do Lobo para Gaillard, que pegou seus seis homens e correu pelas sombras de um prédio para proteger o lado do cavaleiro. Meulon já tinha posicionado seus homens. Blackstone passaria para o centro e começaria a matança. Quando chegasse a hora, os besteiros de Meulon soltariam seus mísseis contra os soldados desavisados. Ninguém da guarnição tinha olhado para trás até então, desconhecendo que a escuridão portava ameaça tão mortal. Subiam escadas e apoiavam-se sobre o parapeito, enquanto os que já estavam no muro gritavam uns para os outros, tentando descobrir de onde estaria vindo a ameaça, apontando para sombras que dançavam e enganavam.

Blackstone correu pelo campo aberto até a escada, para matar os homens que se juntavam no final do muro.

Os cavalos começaram a choramingar quando escutaram os gritos de pânico e sentiram o cheiro de fogo no ar. Alguns davam coices dentro de suas baias. Um grupinho de quatro ou cinco franceses virou-se e correu de volta para os estábulos, com as mentes focadas em acalmar os cavalos. Foram eles que viram Blackstone e sua meia dúzia de soldados com escudos correndo na diagonal pelo pátio. Esses intrusos dos olhos escancarados olharam brevemente na direção deles, mas, incrivelmente, preferiram ignorá-los. Nesse momento, ainda que fossem soldados comuns, os franceses reconheceram o desenho nos escudos, de um punho com manopla segurando uma espada em forma de cruz, e souberam quem estava dentro de suas muralhas. Esse instante de medo os paralisou; puderam apenas virar para trás

e avisar, aos gritos. Morreram ali mesmo onde estavam, com incredulidade e agonia estampada no rosto, quando os lanceiros de Gaillard atacaram de seu esconderijo, enfiando as lâminas compridas nas costas dos soldados para então derreter-se de volta nas sombras, momento em que Blackstone já estava na escadaria, vendo a luz avermelhada que inundava o céu. Se o comandante tivesse nobres aliados em um raio de trinta quilômetros, estes também saberiam que havia violência caindo sobre a guarnição. Blackstone passou correndo pelos primeiros doze homens, metendo-lhes o ombro e empurrando-os em seu trajeto de linha reta ao longo do adarve. Nenhum se virou. Na pressa de chegar à muralha, os soldados se acotovelaram e se empurraram, pensando que havia alguém correndo atrás – eram colegas apressados, fazendo a mesma coisa. Mesmerizados pelo incêndio que se alastrava e parecia ter tomado todo o amplo terreno alagado, observavam o fluir de óleo em chamas e breu flutuante permeando os canais, como garras vermelhas de sangue esquadrinhando a terra.

Blackstone estava quase na metade da fileira de homens. Sua sorte não duraria muito tempo. Ele fincou a Espada do Lobo nas costas de um homem, cuja contorção virou o soldado que estava logo ao lado. Tomado pelo horror, o rosto do homem contorceu-se em uma máscara macabra enquanto ele tentava sacar sua espada. A Espada do Lobo decepou-lhe o braço, e Blackstone empurrou-o, este aos gritos, com seu escudo. Os soldados, agora alertados, viraram-se e atacaram. Blackstone ouviu o tilintar de armas atrás de si: seus homens já estavam ali, destruindo os aturdidos defensores. Havia pouco espaço para manobrar em cima da estreita plataforma; no instante em que ele se esquivou de um atacante, outro, atrás dele, meteu a espada no peito do inimigo. Os homens de Blackstone lutavam logo atrás dele, emprestando-lhe seu peso toda vez que o francês seguinte dava com seu escudo, e força quando ele teve que conter o enxame de soldados que se puseram a prensá-lo. O sibilo súbito do voleio de bestas tornou-se baques de rasgar músculos quando as flechas atingiram o castelo. Meulon aferiu a ameaça, e seus homens soltaram suas flechas, visto que seu suserano estava sob ataque, prensado contra os moribundos e feridos que caíam uns sobre os outros, alguns até caindo para o pátio. Blackstone recuperou-se. Pelo menos vinte

homens jaziam mortos, pelo custo de dois dos dele. Esse setor da muralha fora tomado. Meulon não perdera tempo recarregando as bestas para levar seus homens para a casa de guarda. Bandos esparsos de defensores franceses deixaram a meia-luz do outro lado do pátio e foram correndo para a batalha. A confusão os separou ainda mais, conforme os homens de Blackstone, escondidos nas sombras, atacavam subitamente, liderados por um barbudo robusto, cortando e golpeando, matando e aleijando, para depois recuar rapidamente. Outro grupo de homens armados atacou perto da casa de guarda. Gritos e comandos incoerentes entre os franceses sitiados causaram caos. Não havia local em que pudessem se defender. Os atacantes pareciam estar em todo canto.

Duas torres robustas de uns dez metros de altura erguiam-se em cada lado do portão, unidas no alto pela passarela da entrada. As duas salas acima do arco formavam a casa de guarda que guardava o mecanismo giratório do rastrilho e o alojamento do comandante. Meulon correu para a torre leste, enquanto os homens de Blackstone açoitavam a porta trancada com machados. A resistência passara a ser esporádica agora que a equipe de Gaillard volta e meia engajava-se em violência aleatória contra os desorganizados defensores, e os homens de Meulon defendiam o outro lado da casa de guarda. Blackstone sabia que ainda havia pelo menos vinte ou trinta franceses vivos e, cedo ou tarde, alguém perceberia como eram poucos os atacantes e se organizariam em uma unidade de combate. Desse modo, os batedores isolados de Blackstone seriam encurralados e mortos. Quando a porta de madeira rachou entre os gritos de alarme dos que ainda estavam dentro da torre, Blackstone olhou por cima da muralha, por uma das ameias, e viu duas figuras enlameadas arrastando-se para a estreita estrada, saindo dos montes ardentes de junco.

Gritos de agonia logo passaram para um choramingar de dor, e então caíram no silêncio quando os feridos foram mortos. Blackstone entrou na torre e viu Meulon cortando a garganta de um ferido. Os homens que trouxera estavam todos ofegantes, arfando; esse último ataque drenara-lhes o que restava das forças. Blackstone sabia que todos precisavam de sono, comida e abrigo, em

segurança, mas ainda havia homens no forte que podiam unir esforços e armas e pôr-se a caçá-los.

– Levantem – ele ordenou. Meulon e dois outros foram para o molinete, enquanto Blackstone voltou para o frio da noite e gritou para os outros: – Gaillard. A ponte! Baixe a ponte! E abra os portões!

A inconfundível figura pesada de Gaillard liderou outros do abrigo de uma das construções de pedra mais baixas até os contrapesos, abaixo. Assim que fossem soltos, a ponte levadiça de três metros de comprimento cairia em seu lugar por cima da vala defensiva e uniria estrada e castelo.

Dentro da torre, os homens exaustos travaram o molinete e largaram-se contra a parede. Somente Meulon permaneceu em pé, mas Blackstone via que até mesmo ele tinha pouca energia sobrando para continuar com o combate.

– A guarnição ainda não se rendeu. Meulon! Dois homens que estiverem feridos ficam aqui para o rastrilho. Se vierem reforços franceses, baixem-no. Os outros, para fora.

Ninguém ali dormia nem fazia uma refeição decente há três dias; vomitaram o tempo todo cruzando um mar violento e enfrentaram pântano e inimigo. Por um momento, pareceu que aqueles homens de olhos fundos poderiam recusar-se a cooperar enquanto o líder saía pela porta, sem querer ver sua ordem ser questionada, sem saber o que faria caso fosse. Quando chegou ao pátio, ele ouviu os homens descendo os degraus atrás dele. O espaço aberto no arco estava sem rastrilho e portão. O caminho para fuga estava aberto.

– Gaillard, Meulon. Junte os homens; escudos em punho. Vamos caçar o lobo no covil.

Dos vinte homens que o seguiram até a muralha, três estavam mortos, dois tinham ferimentos que demandariam um cirurgião-barbeiro, e todos os outros, incluindo o cavaleiro da cicatriz, tinham machucados leves. Ele seguiu adiante, acompanhado por catorze homens que ergueram seus escudos e avançaram pelo amplo pátio. Os restantes esparsos das forças da guarnição viram toda essa disciplina e as espadas prontas para atacar e, vendo Blackstone urgir seus soldados como agitadores perseguindo a presa, correram para o portão aberto e a segurança além das muralhas da guarnição.

Um grupo não foi.

Um vento cada vez mais forte açoitava as chamas das tochas, distorcendo as sombras, tornando indistinguível o pequeno bando de homens. Haveria mais do que o punhado de homens que Blackstone enxergava em frente a uma destacada figura de cabeça pelada? O bando não fez menção de atacar, aguardando, ao invés disso, que Blackstone se voltasse contra ele. O cavaleiro breou seus homens; o forte lhes pertenceria, não fosse por esses soldados. O careca era o cavaleiro que ele vira cruzando o pátio. Seu escudo diferenciava-se pela cabeça de um javali, e a túnica do homem trazia o mesmo emblema. Blackstone reparou tratar-se do comandante da guarnição e levou seus homens para ele lentamente; os franceses, em menor número, tinham de ter receio, como ocorria a todo homem quando a morte se aproximava, mas Blackstone enxergava neles uma postura resoluta ao defender seu senhor.

– Segure os homens – Blackstone disse a Meulon e aproximou-se do grupo.

A luz das tochas ao redor deles mostrava que eram homens mais velhos, em grande parte – Blackstone supôs, tendo conhecido batalha por mais de vinte anos – colocados a serviço de seu suserano desde quando não passavam de crianças. Provavelmente a mesma idade do irmão de Blackstone, que tinha 14 anos quando fora com ele para a guerra dez anos antes. E se esses homens tinham sobrevivido por tanto tempo, significava que suas habilidades de luta eram lapidadas. O cavaleiro lembrava-o de Sir Reginald Cobham, o cavaleiro implacável que comandara em Crécy. Agressivamente orgulhoso. Intrépido.

Blackstone parou a dez passos do bando.

– Eu sou Thomas... – começou ele, mas foi rapidamente interrompido pelo cavaleiro.

– Sei quem você é, Thomas Blackstone. Um mercenário, um assassino. Um homem sem honra. Eu sou Henri de la Beaumont, Conde de Saint-Clair-de-la-Beaumont e guardião daqui, castelo do meu rei.

Blackstone soube, nesse momento, que o velho jamais se renderia e que mais de seus homens morreriam no embate.

– Este lugar está perdido, meu senhor. Eu o reivindico em nome de Edward, rei da Inglaterra, e seu filho, o príncipe de Gales. Baixem as armas.

O velho fez uma careta e cuspiu no chão.

– Por um punhado de degoladas? Seus corpos flutuarão maré abaixo como o cocô das nossas latrinas.

Blackstone escutou seus homens espalharem-se em uma formação de meia-lua atrás dele. Envelopariam esses soldados restantes e essa longa noite de derramar sangue finalmente terminaria.

– Não desejo mais matança, meu senhor. Pegue seus homens e deixe este lugar – disse Blackstone. – Nem pedirei que se rendam porque me considera um cavaleiro inferior. Se ficar aqui e esperar até amanhecer, então Lorde de Grailly aceitará sua rendição e pedirá resgate ao seu rei.

Blackstone viu a expressão de derrota formar-se no rosto do velho. Se o Capital de Buch estava tão perto era porque tinha avançado mais ao norte do que o cavaleiro francês julgara ser possível. Isso não era uma mera batida oportunista da parte de um ousado capitão independente; era um ataque designado para conceder vantagem estratégica aos inimigos do rei John. Por um momento, Blackstone pensou que o antigo guerreiro enxergaria a falta de opções em sua situação. Não havia vergonha em render-se para alguém da posição de Grailly. Contudo, os olhos de de la Beaumont estreitaram-se com desprezo.

– Jean de Grailly é um papel de bunda gascão para seu rei inglês.

Blackstone poderia recusar-se a enfrentar o velho e esperar até que de Grailly chegasse e tomasse o comando, mas o passar dos pés e o juntar de escudos indicavam que os homens estavam prontos para lutar e morrer. Foi preciso apenas um instante para acontecer; um aviso breve enquanto os homens vestiam o rosto de aço. Então, como um homem num sonho avançando desesperado pela lama, o francês seguiu. Escudos colidiram, e a ilusão acabou. Blackstone trombou e brandiu, esquivou-se e matou. O nó de sangue da Espada do Lobo mordeu o punho dele e manteve o punho liso firme em sua mão. Lanças atacaram aos lados dele, enquanto Meulon atacou com clava, martelando o capacete de um homem, reduzindo seu crânio a polpa. O velho cavaleiro aguardava atrás de seus homens, determinado a não ceder o que quer que houvesse no edifício atrás de si. Seria Blackstone o homem que o mataria – uma luta rápida e terrível que acabaria com sua morte. Blackstone foi abrindo caminho, com seus homens logo atrás. Um

golpe súbito acertou-o quando um francês ferido caiu violentamente, brandindo a espada; a lâmina bateu de lado na nuca de Blackstone. Ele caiu com tudo, mas logo rolou e se cobriu com o escudo. O rosto contorcido de seus homens mortos o fitou. Imagens deles ainda vivos apareceram, em meio à dor, em sua mente. Ele se apressou para ficar de pé, mas seus soldados tinham avançado à frente dele, e ele viu Meulon defender-se dos ataques do cavaleiro, permitindo que homens atrás dele metessem suas lanças no velho, prensando-o na porta. Ele se contorceu, cuspiu sangue, olhou feroz para Blackstone – um homem de posição e honra sendo chacinado por homens inferiores – segundos antes que outros se amontoaram sobre ele e o derrubaram. O velho urso estava morto. O combate finalmente terminou.

Blackstone tirou o cinturão de prata do corpo do cavaleiro e o passou a Meulon. Era sua recompensa.

– Explorem a guarnição. Haverá ouro, e Sir Henri terá fechos e seda. Peguem tudo o que conseguirem antes que os homens de Lorde de Grailly cheguem; eles vão limpar o lugar. – Todos exceto Meulon e Gaillard pegaram tochas e saíram correndo. – Vão lá fora encontrar Guillaume e Perinne, depois fechem os portões – ele lhes ordenou.

Os dois homens desafiaram a exaustão e ganharam a escuridão, enquanto Blackstone afastou o corpo de Sir Henri e abriu a porta que este protegia. A luz bruxuleante da tocha durou o bastante para que Blackstone visse barris cheios de flechas de besta e espadas. Lanças encontravam-se estocadas contra a parede. Os franceses usavam a guarnição para suprir senhores locais a fim de apoiar as fronteiras ao sul, contra a Gasconha. Não havia sinal algum de moedas até que Blackstone mexeu em umas armas e puxou para o lado placas envoltas em aniagem antiga cobertas com uns punhados de terra. O espaço cavado no solo era grande o bastante para alocar diversos barris, mas ele encontrou apenas dois – suficiente, pensou ele, para manter os homens que o serviam até que fizessem uma nova batida no ano seguinte, e o bastante para impedir que o rei francês pagasse seus vassalos da região. Seria um ano bom, comprido, em que os homens de Blackstone poderiam descansar e ele, deitar-se com Christiana sob a sombra do grande salgueiro, às margens do

rio. Fariam mais um bebê e o ano terminaria com seu nascimento. Esse embate valeria cada maldito minuto de miséria.

Em coisa de uma hora, Guillaume e Perinne, pouco cientes das horas que passaram deitados na água gelada, foram envoltos em cobertores e colocados perto de uma fogueira armada pelos homens no centro do pátio. Deitaram-se de costas para o fogo, com o saque junto, e deixaram o cansaço da batalha finalmente reivindicá-los.



Quando o sino da igreja distante tocou a matina, as tropas de Jean de Grailly desceram a estrada estreita entre os bancos chamuscados de junco. Ele mantivera a palavra e defendera a rota para o sul. Uma sentinela, quase dormindo, gritou uma ameaça, depois permitiu que de Grailly se adiantasse com um punhado de seus homens, finalmente vendo o campo de batalha dentro dos muros do castelo. Era cedo demais, após a batalha, para ver algo além dos homens de Blackstone, sujos e exaustos. Seus corpos, cobertos de lama seca e sangue, davam-lhes a aparência de uma tribo selvagem antiga. Ocorreu-lhe brevemente que era preferível ter o cavaleiro da cicatriz como amigo, em vez de oponente. Os corpos dos defensores franceses jaziam espalhados, nos pontos onde caíram, por cima de ameias e por todo o pátio, enquanto ainda havia fumaça desprendendo do descampado. Um punhado de mortos jazia mutilado em frente a uma construção; seu fedor já começava a erguer-se, como a maré matinal. De Grailly chegara a pensar que desceria a estrada e encontraria a guarnição intacta. Planejara enviar batedores e montar uma emboscada para o caso de os franceses avançarem contra ele com violência. Não haveria vergonha alguma em recuar e admitir que avançara demais ao norte.

Contudo, Thomas Blackstone e seus homens de aparência animalesca lhe tinham oferecido a glória.

– Você se tornará um grande inimigo para o rei da França por esta vitória, Thomas – disse de Grailly ao desmontar.

– Tomei o forte em nome de Edward. Vai defendê-lo por ele, milorde? – disse Blackstone, ciente de que de Grailly não lhe estendera a mão em

amizade nem fizera gesto algum de abraçar seu colega cavaleiro.

– Vou protegê-lo com cem homens e mandar um mensageiro para o príncipe. Tem comida aqui?

– Creio que sim, mas estamos dormindo faz algumas horas. Precisávamos mais de sono que de comida.

De Grailly assentiu, assimilando o cenário todo. Ele viu o escudo com o urso largado perto de um dos mortos.

– Você matou Sir Henri. Poderíamos ter pedido resgate.

– Ele colocou um preço alto demais em si.

De Grailly estudou o inglês.

– Como você, após esse ataque. Vão querer botar sua cabeça numa lança para mostrar ao rei. O ninho do zangão foi cutucado feio com um baita de um graveto. Logo você será mais famoso até do que eu. Na verdade, já é. Muito bem, Thomas. Farei que tragam o restante dos seus homens dos fundos da coluna.

– Obrigado, milorde. Precisarei de seu cirurgião-barbeiro para os feridos.

– Então o terá. E meus cozinheiros vão alimentá-los. Enviarei o corpo de Sir Henri para casa, para um enterro cristão; os outros, deixemos que a maré os carregue para o mar.

Blackstone fitou os homens que tinham sobrevivido à luta.

– Tem uma igreja aqui por perto; escutamos o sino. Levarei meus mortos até lá e farei orações por eles.

Ele fitou a túnica intacta do cavaleiro. Se houvera combate, de Grailly não tomara parte, embora Blackstone soubesse que, se houvesse matança, lá estaria de Grailly, feliz da vida, na confusão, brandindo a espada. Qualquer que tivesse sido o conflito que enfrentaram ao vir do sul, devia ter oferecido pouca resistência para o líder de guerra gascão. Para ele, a luta ainda estava por vir.

– Faça isso. Sua pilhagem estará segura aqui. Nenhum de meus homens a tocará. Vá honrar seus mortos.



Encontrar a igreja foi muito fácil; bastou esperar a chamada seguinte para as orações e seguir aquele barulhinho fúnebre distante. O sino pobremente moldado em uma fundição deficiente não oferecia esperança nem alegria em seu rimbombar surdo. O pântano deu espaço à floresta, depois a uma clareira, com tocos de árvore ainda desenterrados, que suportava um recinto de madeira com campanário do mesmo material. Era uma base modesta para uma humilde unidade monástica que comportava somente meia dúzia de monges, que viviam em casebres e passavam o tempo tirando sustento do solo e criando umas poucas cabras para ter o leite. Os monges subnutridos e seus hábitos sujos de lama contavam sua história de labuta. Quando Blackstone trouxe seus amargos soldados para a clareira, os monges juntaram-se em um grupinho medroso. Um deles adiantou-se. Era mais jovem que alguns dos outros; suas mãos sujas de terra seguravam, com firmeza, o machado que ele vinha usando para cortar lenha, mas o mantinha muito junto do corpo, sugerindo que era mais por conforto e segurança que para qualquer ato pensado de violência.

– Não temos nada de valor aqui, mas temos sopa que podemos partilhar. Seus soldados parecem ter fome – disse o monge com certa trepidação na voz.

Aqueles homens, com aparência violenta, obviamente, estiveram envolvidos no combate que acendera o céu da noite anterior. Conciliar parecia ser a única solução. Havia tão pouco a ser saqueado, mas isso não queria dizer que matar por matar não fosse a intenção deles.

Blackstone viu as veias do homem que pulsavam pela força que ele empregava com os punhos. O rosto do monge era marcado pelo cansaço, fazendo-o parecer mais velho do que realmente era, mas seus olhos brilhavam com uma determinação que mostrava que ele morreria defendendo a santa cruz que, sem dúvida, tinha seu lugar de honra na capela de vime e lama.

– Há algum prior aqui? – perguntou Blackstone.

– Não, somos pouco mais de uma unidade de nossa ordem. O priorado em si fica a uma semana de caminhada para o leste. Ainda não fizemos votação

entre nós para ver quem deve liderar. Tomamos as decisões por consenso de todos. Sou o irmão Clement.

– Não queremos sua comida, irmão. Vim enterrar meus mortos e oferecer-lhes orações.

O monge olhou para ver o carrinho que fora estacionado atrás dos cavaleiros.

– Temos dois dos nossos enterrados em solo sagrado.

– Meus soldados não se importarão com a companhia que terão. Suas almas precisam de perdão e seus corpos, de enterro cristão – disse Blackstone, cansado.

Queria sair daquele lugar úmido e ir para casa. Suas cidades seriam ressupridas com as armas e o dinheiro que ganhara, e seus homens precisavam de mulher e bebida. Blackstone fitou os monges maltrapilhos; eles pareciam precisar mais de cuidado que seus próprios homens.

– Tem o que caçar aqui?

– Tem muito na floresta, mas não temos armas, e Sir Henri proibiu a todos, exceto ele e seus homens, de caçar.

– A alma arrogante de Sir Henri ainda não foi posta para descansar, mas seu fantasma não pode impedir que cacem. Mande seus monges cavarem uma sepultura, uma só basta, comprida e profunda o bastante para meus homens.

Ele esporou seu cavalo à frente. Carne fresca de veado ou javali encheria as barrigas de seus homens, reunindo corpo e alma.



Quando ele retornou, o sol lânguido já tinha caminhado meia tarde. E onde antes jaziam os corpos de seus homens, nos fundos do carrinho, havia agora uma corça que os alimentaria durante os dias seguintes, uma que serviria de suplemento ao ensopado dos cozinheiros de de Grailly, e uma para os gratos monges.

Uma cruz de madeira foi martelada no solo; os homens de Blackstone ajoelharam-se na lama e rezaram, enquanto ele pairava atrás deles, tateando sua deusa de prata. Irmão Clement fez a liturgia em latim; olhou feio na direção de Blackstone.

– Humildade perante Deus não custa nada a um homem, exceto seu orgulho
– disse, correndo o risco de censurar Blackstone enquanto os demais juntavam seus cavalos.

– Não tenho orgulho, irmão.

– Tem o quê, então?

– Raiva.

– De Deus? – disse, vacilando, o monge, receoso de que o homem diante de si, de ferimentos enfaixados e rosto desfigurado pela guerra, fosse um agente de Satanás.

– Não é da sua conta – disse Blackstone, ajustando a faixa da sela em sua montaria.

– Existem almas abandonadas que assombram esses pântanos desolados à noite. Escutamo-os berrando nas florestas. Faça as pazes, senhor cavaleiro, e Deus o salvará. Ponha de lado essa deusa pagã que você veste e deixe seus homens verem um guerreiro sagrado liderando-os.

– O que vocês escutam são os lobos chamando os irmãos para caçar. Minha deusa é dos pântanos e árvores, é montanha e rio. Está em todo lugar em que preciso. – O inglês içou-se para a sela e jogou um saco cheio de prata e outro de moedas nos pés do monge. – E ela não mata um garoto surdo-mudo. Meu irmão foi chacinado feito uma fera dez anos atrás; cedo demais para minha raiva abrandar. Mas, em minha jornada aqui, prometi a Deus que daria minha parte dos despojos à primeira igreja pobre que encontrasse. Cumpro minhas promessas, só para o caso de ele estar de olho. Gaste com sabedoria, ou ficarei sabendo.

Blackstone virou seu cavalo, enquanto a descrença de irmão Clement deu lugar à alegria quando ele abriu o saco. Gritou para Blackstone:

– Milorde! Certamente! Uma enfermaria e mais! Sir Thomas, será sempre bem-vindo aqui!

– Ouviu isso? – disse Meulon. – Será convidado de honra neste fosso de lama.

– Então vamos torcer para nunca mais cavalgar para estes lados – disse Blackstone.

Meulon virou-se na sela e olhou para os monges reunidos, abraçando-se, alegres, juntando as mãos em oração, olhos erguidos para o céu, agradecendo pelo dinheiro entregue pelo inglês da cicatriz.

– Sua parte teria servido melhor para subornar os burgueses de alguma cidade a abrir seus portões para nós. Teria nos poupado mais um conflito.

Blackstone meteu os calcanhares nas laterais do cavalo.

– Temos tudo de que precisamos. Chega de cidades, Meulon. Vamos para casa. Perdemos o Natal e o aniversário do meu filho. Não haverá mais luta este ano.



CAPÍTULO TRÊS

O moleque de rua corria pelas alamedas enlameadas de Paris que ele conhecia em seus 8 anos, evitando as multidões amontoadas nas principais vias públicas pavimentadas que comportavam carrinhos e carruagens. Ele ia desviando das pilhas de fezes humanas congeladas que fediam muito, espalhadas pelo caminho e perto das portas. Embora o regulamento da cidade estipulasse que cada residente deveria carregar tais depósitos para os lixões, o garoto, cujo único nome de batismo era Raoul, não conhecia ninguém que obedecia à autoridade. Pelo contrário, Raoul, e outros como ele, removiam os dejetos a pá para as pessoas. Uma crosta de pão rançoso ou moeda quase sem valor era pagamento suficiente para garantir que ele agradasse àqueles que agachavam e se aliviavam enquanto ele pairava, feito uma das moscas que sobrevoavam a pilha fumegante, pronto para apanhá-la com a pá. Quando as alamedas tomadas de fedor ficavam fétidas demais, ele carregava baldes de água nas fontes da cidade para jorrá-los em frente às portas e sarjetas que corriam bem no centro das ruas estreitas. Do amanhecer até o Ângelus que tocava às oito, ele passava de local em local de trabalho; era uma rotina que não pagaria o bastante a um homem para sustentar a si e a sua família, mas permitia que esse garoto feroz sobrevivesse por mais um dia. Serviço nenhum era inferior demais.

Certa vez, ele levava uma prostituta moça para o homem que tocava os banhos públicos. A menina não tinha nem 13 anos de idade, mas conseguiu satisfazer aquele velho gordo maldito tanto quanto a filha dele, que fugira do incesto por ele praticado, e foi encontrada afogada no Sena. Alguns diziam que ela se matara para evitar a danação eterna por parte do padre local, com quem se confessara. De todo modo, o suicídio a condenara. Isso não importava a Raoul; seu serviço era recompensado quando o velho lhe permitia carregar os baldes de água quente até as banheiras comuns. O vapor enxaguava a lama da pele dele e amolecia o cabelo emaranhado, e lhe dava

calor nos meses de inverno, quando o rei ordenava que os banhos ficassem abertos, mesmo com o alto preço do combustível. Não era de surpreender que o chamassem de “le Bon”. O “bom” rei dava esmola para os pobres e era piedoso perante o rosto de Deus. Os grandes senhores e outros homens de influência e poder estavam na cidade para jurar lealdade ao rei. Empregariam fidelidade e dinheiro para apoiar os planos dele de erguer um grande exército de trinta mil para conter o príncipe de Gales em sua flagelação em direção ao sul – e, onde multidões se reuniam, havia bolsas para cortar, porque, assim que esses nobres emergissem de sua cerimônia com o rei, eles se juntariam aos mercadores, artesãos e plebeus na Praça de Grève, onde os desempregados se reuniam para ser contratados para qualquer trabalho que pudessem encontrar. Mas não haveria emprego nesse dia. Em vez disso, haveria um espetáculo.

Era um cortar de bolsas como presente de Deus sempre que o divino rei mandava deceparem um de seus senhores normandos em plena praça.

E era por isso que Raoul evitava as ruas principais apinhadas.

– Raoul! – gritou um homem quando viu os pés pelados do moleque passando ligeiros pelas ruas sujas de terra. – Limpe essa merda!

Hoje, não.



Rei John II da França, resplandecente em seus trajes reais, aguardava nas antessalas da Grande Câmara do Parlamento. Suas irritações o friccionavam feito armadura apertada. Ser rei implicava muitas decisões. Ele estava ali para enfrentar aqueles que desejavam controlar a bolsa real. Isso e ponderar, pela última vez, se concederia clemência ao Conde Bernard d’Aubriet, senhor normando que cederia seu território aos ingleses. A incerteza era como uma faca mergulhada na barriga. Além das paredes, por pátios e telhados, ele sentia a população invisível seguindo com seus afazeres diários, isolado como estava no Palácio Real na Île de la Cité, a ilha no meio do rio Sena. A Grand Pont era o caminho para ele cruzar o rio, mas uma excursão realizada com pouca frequência, a não ser quando o parlamento francês o convocava ou ele saía para guerrear. Raramente, ele deitava olhos em seus súditos; eram

seus representantes, o Estado Geral, que falavam por eles; eram estes que faziam as demandas, bajulavam e se curvavam enquanto esquematizavam o melhor modo de proteger a riqueza local, como não juntar os impostos de que o rei precisava. Bom, ele precisava do dinheiro deles para já. Uma solicitação fora enviada dos estados do sul, pedindo – essa palavra era mais insultante e humilhante do que ser cuspidado na cara em público – que ele mandasse tropas para defendê-los da pilhagem perpetrada pelo príncipe de Gales, cujo exército, embora pequeno, desatava o caos, punha fogo na terra, saqueava cidades e vilarejos. Eles *pediam* que ele cumprisse seu dever real e os protegesse. E agora chegavam as notícias de nobres de confiança, no sul, que o haviam traído pelo príncipe inglês.

O rei levantou-se subitamente da cadeira, sendo propellido pelos pensamentos a ficar de pé. Lorde Chamberlain e os conselheiros mais próximos se assustaram e se afastaram dele, mas o rei mal os via; via somente o desastre iminente e a derrota esmagadora de seu reino se não forçasse os ingleses a pararem com essa degradação. Precisava de mais dinheiro. E, assim que tivesse demonstrado seu comando da situação, colocaria sob controle os lordes normandos problemáticos e, quando os tivesse sob rédea curta, confiscaria, finalmente, as terras de seu enteado e trancafiaria o maldito assassino e maquinador Charles de Navarre no Châtelet.

John precisava dos Estados Gerais de Languedoïl, que representava a população do norte da França. E precisava do povo de Paris. Precisava de seu apoio, de sua fé e de seus impostos. Precisava de um subsídio para pagar o exército. Não lhe importava nem um pouco se seus súditos não o amavam como seu rei, fossem eles camponeses ou mercadores. Logo após a grande peste, metade dos danados famigerados nobres tinha comprado sua posição e *status*. O pai dele os fizera pagar por isso. Apresara as últimas moedas daquelas mãos mesquinhas, que foi basicamente a única coisa boa que fizera antes de morrer. O resto? Falência, dissensões e a porcária dos ingleses.

Notando o tormento de incerteza do rei, um dos outros homens aproximou-se. Simon Bucy não tinha medo dos ataques do rei; ele e outros como ele eram a força por trás do indeciso monarca. Eram todos considerados amigos, e cada um deles tinha se beneficiado da generosidade de John. Eram homens

capazes que trabalhavam diligentemente pela Coroa, e, mais do que um bom cargo, a riqueza lhes conferia a classe.

– Milorde?

– Simon, o que faremos? – perguntou o rei, quase sussurrando. – Executaremos ou repreendemos Aubriet? A morte dele causará uma rebelião normanda? Precisamos de mais tempo. Deveríamos ter concedido um julgamento ao homem... um julgamento público. Agora os normandos verão que o condenamos por conta própria.

– Quem sabe, milorde, um gesto generoso aplacaria os lordes normandos.

O rei perdeu a cabeça.

– Nossa generosidade é nossa deficiência! Vamos nos manobrando entre um enteado que arma intriga, que nutre a fraqueza de nosso filho, o Delfin, contra nós, que reúne os barões prontos para atacar quando Edward está para invadir a fim de apoiar o príncipe de Gales... E invadirá mesmo!

O homem arremessou seu cálice de vinho para o outro lado da sala. Cortesãos e conselheiros esquivaram-se e se afastaram, mas os que estavam mais perto do monarca não puderam evitar levar uns pingos. Rei John curvou-se sobre a mesa intrincadamente gravada e adornada em alto-relevo, com os dedos enrolados feito garras de falcão. A mesa, como o reino, fora herdada do pai, que esbanjara a glória da França em Crécy dez anos antes e morrera meses depois que seus nobres falharam ao tomar Calais de volta. John também herdara cofres vazios, drenados por anos de guerra. Nos anos passados desde a morte do pai e a última humilhação em Calais, ele aumentara os impostos, protegera alianças, trouxera cavaleiros errantes e nobres dissidentes de volta ao meio real. Contudo, ainda não bastava para que se livrasse de certos lordes normandos e do capitão inglês, Thomas Blackstone, que lhe rasgava a carne. Era como se a França fosse um porco no rolete, girando lentamente por cima do carvão, pingando gordura nas chamas bruxuleantes e ardendo como fizeram as províncias do sul, queimadas e saqueadas pelos ingleses e os gascões, que tomaram cidades e rotas de comércio. E os lordes normandos ainda o desafiavam; ainda faziam demandas; continuavam negando que protegiam o aventureiro inglês Thomas Blackstone, que roubava as cidades como um ladrão no meio da noite.

– Somos flagelantes? Devemos ser açoitados em público para ainda maior humilhação? Já não sangramos o suficiente pela França? – berrava ele, jorrando cuspe naqueles que antes evitaram o vinho do cálice arremessado, mas agora não ousaram desviar-se da fleuma real.

A casa real de Valois enfrentara as chamadas ardentes de descontentamento em amplo fronte, o que, às vezes, circulava o rei feito cães em torno de um bicho encurralado.

– Muito bem. Está feito. Vamos mostrar-lhes! O povo de Paris precisa ver que seu rei não concede misericórdia àqueles que colocam a França em risco.

Ele deu meia-volta e marchou até a porta. Simon Bucy fitou os outros homens da sala. Nenhum conseguia esconder direito o desespero para com seu impetuoso rei, mas, quando o conselho era cortado na raiz, não havia como conter o homem. Ele não aprendia com os erros do passado, e agora estava prestes a cometer mais um.



Rei John, “o Bom”, sentou-se no divã elevado numa plataforma debaixo de um largo dossel no canto mais distante da Grande Câmara do Parlamento. Os principais do reino sentavam-se ao longo da parede, à esquerda do rei; à sua direita, estavam nobres e barões. Em nível inferior, estavam os representantes das cidades com quinhentos habitantes ou mais. O impressionante salão coberto de madeira era dominado por uma gravura da crucificação. A imagem do sofrimento divino parecia ser volta e meia refletida na expressão dorida do rei.

Poder e majestade eram dois lados de uma mesma moeda. Os normandos estavam resplandecentes em seus tabardos – maiores que túnicas, eram feitos de seda bordada em estilo suntuoso, decorada com o brasão do nobre. Sir Godfrey e Jean de Harcourt sentavam-se junto de Guy de Ruymont e outros senhores normandos, entre estes os senhores mais velhos de Mainemares e Jean Malet, o Lorde de Graville – homens que prefeririam ver um monarca mais capaz descansar as costas nas almofadas bordadas com a flor de lis. Eles continham a impaciência com sombria determinação enquanto o chanceler, Pierre de la Forêt, zumbia feito um agiota glorificado sobre as dificuldades de

financiar uma guerra defensiva somente com os cofres do tesouro real. Mais dinheiro seria necessário, impostos seriam aumentados e o apoio real dos Estados Gerais era crucial nesse momento de crise nacional. O murmúrio de incerteza ecoou por todo o salão abobadado. O chanceler esperou um instante, depois se virou para o rei, que lhe deu confiança; essas reuniões eram sempre um manejo de palco. Os Estados iriam querer algo em troca para dar à Coroa o dinheiro de que precisava.

Como um artista de rua comum, o chanceler capturou a expectativa insegura da plateia. A taxa do sal seria aumentada, ele lhes disse. Isso surtiu efeito calmante, porque o sal era um produto caro, apreciado somente por aqueles que podiam pagar. E os ricos seriam taxados em quatro por cento sobre sua riqueza. Agora foi a vez de os burgueses e os nobres sentirem o chicote da Coroa. Sua lealdade seria provada por concordarem com tais termos. As recusas eram o primeiro passo para a traição.

Godfrey de Harcourt virou-se para os que estavam perto.

– Ele está usando os impostos para nos prender a ele. Podemos barganhar pela vida de Aubriet concordando com isso?

Guy de Ruymont, que era um dos nobres mais jovens e tinha abordagem menos forçosa do que a maioria, estava bem ao lado de Harcourt. Fizera amizade com Blackstone quando o jovem arqueiro ainda estava se recuperando dos ferimentos no castelo de Jean de Harcourt, todos aqueles anos antes. Tinha ajudado a fechar o abismo entre guerreiros comuns e nobres. Fora uma longa jornada de amizade, porque sua esposa, Joanne, perdera familiares sob as flechas dos arqueiros em Crécy e seu ódio pelo inglês intensificou-se quando ela descobriu que Blackstone fora um dos homens que chacinaram nobres franceses. A cola que agora ligava as duas famílias era a amizade dela com a esposa de Blackstone, Christiana, e seus filhos. Joanne de Ruymont fora bondosa com Christiana ao longo dos anos e, às vezes, dava indícios de ter suavizada sua animosidade para com Blackstone. Quando havia banquetes e celebrações, Ruymont e sua família convidavam os Blackstone, e seus filhos costumavam brincar juntos. Moravam a menos de meio dia de carruagem do solar do inglês, o que fazia deles e dos Harcourt os vizinhos mais próximos.

Ele se inclinou, e quase não se pôde ouvir sua voz em meio ao rimbombar das falas desconcertadas no grande salão.

– Ele vai querer os impostos, nossa lealdade e a vida de Bernard. Deveríamos prometer tudo e implorar por misericórdia.

Os barões refletiram sobre o que ele disse e rapidamente fizeram que sim.

O mais experiente, Barão de Mainemares, disse:

– Prometa e ponha à prova as intenções dele. Se executar Bernard, saberemos que nos derrubará cedo ou tarde. Prometa e lidaremos com as consequências em nosso próprio ritmo. Edward invadirá pelo norte cedo ou tarde. Ganharemos o tempo de que precisamos, até que ele o faça.

O rei aguardava, impaciente, observando o tumulto, conforme este ia e vinha entre os delegados, mas os lordes normandos nada diziam. Ele sabia que os tinha encurralado e que seriam forçados a jurar lealdade, pelo menos por ora, e isso era tudo de que ele precisava, porque os eventos podiam alterar a lealdade e as decisões dos homens. Quanto mais tempo tivesse para revelar os que armavam contra ele, melhor. Já tinha descoberto que um dos lordes normandos estava preparado para trair os demais. Uma promessa de maior fortuna e domínios adicionais que legariam riquezas por gerações à família dele e sucessores. Era dar a um traidor uma fortuna dessas e ele recearia perder tudo e acabava escravizado à Coroa.

O rei os observava, rejubilando-se na ideia de que não sabiam que havia um Judas entre eles.

John virou-se para o preboste dos mercadores, escolhido pelos cidadãos líderes, que curvou a cabeça e dirigiu-se diretamente ao rei.

– Nossa lealdade não diminuiu, apesar das perdas que nossa amada França vem enfrentando, mas não vemos motivo em proteger o reino somente por defesa. Nosso grande rei deveria reunir o exército e demandar o *arrière-ban*, juntar cada senhor, cavaleiro e soldado e, então, atacar!

Houve ovações espalhadas no salão cheio. O preboste ergueu o braço, como se varresse a onda de entusiasmo por toda a plateia para o rei.

– Se a França quiser sobreviver, os ingleses têm de ser derrotados, não contidos. Derrotados e feitos sofrer tão dolorosas perdas, que não ousarão pôr os pés novamente na França – disse ele com floreio.

– Esse maldito ignorante não sabe nada de guerra e morte – disse Graville, e cuspiu casualmente nos que estavam embaixo.

O salão acalmou-se em um murmúrio. Os Estados ganharam a grande concessão de ter seus próprios oficiais a cargo de coletar os impostos. As negociações do dia estavam quase concluídas. O rei estava prestes a se levantar. Quando Godfrey de Harcourt fez menção de se levantar, Jean de Harcourt pegou-o pelo braço.

– Não, tio. Sou o chefe da família. Deixe que eu faça isso.

E, antes que o veterano pudesse ficar de pé, Jean de Harcourt já levantara e falava para todo o salão, com tom claro e desafiador.

– Senhor!

Rei John e os homens ao seu redor olharam para o homem de pé como se prestes a lançar um desafio. O rei ergueu a mão, indicando que Harcourt podia falar e, no final do aceno, pegou um pedaço imaginário de fibra de sua vestimenta num gesto de desprezo que não passou despercebido pelos senhores normandos ali reunidos.

Jean de Harcourt ignorou a desfeita.

– Senhor, nós também desejamos uma concessão benevolente de vossa alteza.

– Sabemos disso, Conde de Harcourt, mas somos prisioneiros das circunstâncias. Estamos de mãos atadas – disse o rei, sabendo muito bem que a pergunta lhe seria feita.

Harcourt deu um passo adiante, afastando-se dos outros, para que pudesse ser ainda mais claramente visto pelas centenas de delegados e conselheiros. Melhor que a opinião dos normandos fosse escancarada ao público, para que o rei pudesse ser visto como o monarca injusto que era.

– Senhor, meu pai e eu lutamos junto de seu pai em Crécy. Sofremos e demos nosso sangue pela França, como fez Bernard d’Aubriet. Ele não lhe causou mal algum. Liberte-o, senhor, é isso que peço.

– É isso que os lordes da Normandia demandam? – perguntou o rei.

– Sim, milorde – disse Harcourt.

– Então estão do lado de um traidor da França – disse o rei, quase sorrindo.

– Bernard d’Aubriet não é um traidor. Fez mais do que muitos por este país.

O rei acenou para os delegados reunidos.

– Esses homens representam a França por nós, Conde de Harcourt. Seu amigo cedeu território vital para nosso inimigo. Inimigo da França. Que escolha temos senão puni-lo por colocar franceses em perigo?

A provocação discreta do rei foi demais para Godfrey de Harcourt, que se levantou e apontou para os homens ali reunidos.

– Está cometendo uma injustiça com a França! Os homens neste salão são mercadores e artesãos que irão até as pessoas pedir dinheiro para pagar pelo exército. Não serão esses *coletores de impostos* – disse ele com o máximo de escárnio que pôde instilar – que pegarão na espada, mas homens como o Conde d’Aubriet, que respeitam sua honra!

Dessa vez, Simon Bucy não pôde impedir que o rei John soltasse as rédeas de seu temperamento.

– Honra, Sir Godfrey! Está falando de honra? Você, que ficou contra o próprio pai! Que lutou pelos ingleses!

Uma década antes, Godfrey de Harcourt arriscara ser executado por implorar pelo perdão do velho rei. O monarca francês derrotado perdoou a traição do cavaleiro manco e aceitou apenas o juramento de aliança e a humilhação pública de Godfrey. Vestindo nada além de uma camisa, e com uma corda em torno do pescoço, Godfrey fora desfilado perante a corte. O rei Philip sabia que os barões normandos passariam muito tempo bebendo do cálice do ressentimento se ele sentenciasse Godfrey à morte. Mas Philip, como John, seu herdeiro, era um péssimo tomador de decisões, cujas falhas foram duramente evidenciadas durante a invasão inglesa – e poupar o traiçoeiro Godfrey de Harcourt certamente fora um equívoco. Dez anos depois da batalha de Crécy, o coração do traidor estava prestes a virar casaca mais uma vez.

Godfrey de Harcourt não se acovardaria perante um rei de pavio curto protegido por homens tão interesseiros quanto Bucy.

– A honra é o credo de cada homem conforme ele o compreende. Lutei contra seu pai por algo que me fizeram de errado. Um dos favoritos dele ficou com minhas terras. Minha honra demandava que eu juntasse forças com aquele que me ajudaria a recuperá-las. Se a honra é nosso escudo, o orgulho é

nossa decadência. Implorei pelo perdão. Fui humilhado. Apresentei-me por essas ruas de Paris vestindo nada mais do que uma camisa com uma corda em volta do pescoço. Prostrei-me perante seu pai!

– E ele o perdoou! – disse o rei John.

– Ele me perdoou porque sabia que, se fosse para fazer valer a justiça, precisaria que eu lutasse novamente pela Coroa. Está cometendo o mesmo erro, meu príncipe: matará um homem que pode ser mais bem-aproveitado.

– A morte será seu melhor proveito!

– Não! – Jean de Harcourt empurrou o tio de lado, por ver que o humor do rei começava a ficar perigoso. Simon Bucy estava logo atrás do rei, com a mão pairando bem perto do braço do soberano caso ele resolvesse avançar e encarar os senhores normandos. Os guardas armados mudaram de posição, preparando-se. – Senhor – disse ele em tom mais comedido. – Quando Bernard d’Aubriet foi capturado pelos ingleses no ano passado, o resgate foi mais do que ele poderia assegurar em toda uma vida.

A proximidade de Bucy e o posicionamento imparcial de Harcourt acalmaram o rei momentaneamente.

– Ele deu seu castelo aos ingleses como pagamento, e agora estes o ocupam. Nossa fronteira está comprometida – disse o rei.

– Toda fronteira tem suas fraquezas, senhor – respondeu Harcourt.

– Aye, como é a Normandia para a França!

O insulto direto aos lordes normandos permaneceu incontestado com Jean de Harcourt gesticulando para contê-los, pedindo aos demais que ficassem em silêncio, mas a provocação gerou um murmúrio que passou ondulando por entre os delegados.

– O senhor não deu muita escolha ao Conde d’Aubriet – disse Harcourt, erguendo mais a voz, querendo que até mesmo os que se encontravam nos fundos do salão escutassem a acusação. – Confiscou suas terras para recuperar impostos, terra que podia ser empregada para pagar pelo resgate. Ele não teve escolha senão entregar o que lhe restara. Conceda-lhe a vida, senhor. Um ato de justiça, um ato que demonstrará sua graciosa misericórdia.

O rei virou-se para a plateia lotada, desviando o olhar de Harcourt e os outros.

– A punição é justa – declarou. E então se virou para os normandos. – Todos aqueles que enfraquecem a França com traição e falsa lealdade enfrentarão as consequências.

E deixou o salão. Bucy lançou um olhar indiferente para Harcourt.

– Pelo sangue de Cristo, esse rei é um imprestável, um péssimo governante – disse Jean de Harcourt, abrindo caminho pela multidão.

Os homens ficaram em silêncio e pegaram seus casacos. Seria difícil ver Aubriet morrer. Era um deles.



A multidão reuniu-se, acotovelando-se e empurrando para chegar mais perto de onde os soldados do rei formavam uma barricada, a poucos metros do cadafalso. Godfrey de Harcourt foi mancando para juntar-se aos outros senhores normandos e mostrar ao amigo que estavam todos ali. Mesmo que o homem não pudesse drenar coragem da presença deles, o orgulho se fortaleceria o bastante para que ele morresse bem em frente aos amigos.

A Praça de Grève estava quase lotada; os malabaristas e artistas de rua receberam todas as poucas moedas que lhe concederam, mas a multidão estava ávida pelo entretenimento mais brutal. Homens e mulheres olhavam por cima das cabeças dos outros; as crianças eram erguidas nos ombros.

Jean de Harcourt mal podia conter sua raiva borbulhante.

– Esses camponeses malditos deviam ser jogados ao Sena. Que afoguem como os ratos que são. – Acenou para Ruymont. – Mande alguns dos nossos partidários para dentro da multidão; que se misturem. Peça que mantenham ouvidos atentos a quaisquer palavras de descontentamento para com o rei. Isso nos ajudará a saber quanto desconforto existe em meio ao povo de Paris.

Guy de Ruymont assentiu e abriu caminho por entre os mercadores e oficiais da cidade, amontoados atrás dele. Além do recinto no qual senhores e comerciantes privilegiados aguardavam para testemunhar a execução, Raoul serpenteava seu caminho em meio à multidão. Ele mantinha a faca de lâmina curta debaixo da manga e, assim que a percussão começasse a anunciar a chegada do condenado, pescoços se virariam e olhos mirariam o local da execução, e então ele deslizaria rápido por entre as pessoas. No instante em

que a cabeça do nobre fosse seccionada, também o seria um punhado de bolsas, separadas dos cintos das vítimas do garoto. Uma execução era um evento lucrativo para aqueles ainda menos afortunados do que um arrogante lorde que desacatara o rei.



Bernard d'Aubriet estava preso no antigo prédio do Châtelet, um pequeno forte que um dia guardara a entrada da cidade. Os anos passados presenciaram o estender-se das paredes da cidade, e o papel do Châtelet ficou redundante, por isso foi transformado na prisão estadual, que também abrigava os escritórios dos prebostes. Quando seus portões foram abertos, a multidão já estava reunida para acompanhar a jornada final de Aubriet até o cadafalso. Despido às camisas, punhos amarrados por corda áspera que lhe puía a pele, agarrava-se à lateral do carrinho, sem querer ser ainda mais humilhado perdendo o equilíbrio e caindo perante a multidão em zombaria. As rodas de ferro do carrinho batiam contra as ruas às vistas do Sena e, quando ele passou pela Grand Pont que dava para o Palácio Real na Île de la Cité, a bandeira e as flâmulas do rei agitaram-se, zombeteiras, como se celebrassem a vitória deste sobre um lorde normando. Aubriet tremia com a brisa gelada que vinha do imponente rio, mas também tremia de medo da morte cada vez mais próxima. Tinham pelo menos concedido ao homem um padre, que lhe garantira que o reino dos céus aguardava sua alma imortal, mas seria seu corpo mortal que sofreria a decapitação. A morte em uma batalha era forjada no fogo do desespero e da urgência, mas a ideia dessa morte a sangue frio jogava água gelada em suas entranhas.

Fosse ele um criminoso comum, o carrinho teria seguido pela Grand'Rue, ao norte, para a planície na qual homens assim eram executados, mas, em vez disso, ele virou para o leste, afastando-se dos amplos subúrbios nos quais as mansões dos burgueses mercadores ostentavam a riqueza destes longe das tendas dos açougueiros do bloco do mercado de Paris e o fedor que eles sustentavam. As estreitas ruas irregulares davam às multidões a oportunidade de cuspir e gritar palavrões para o condenado, que mantinha os olhos resolutos nas ruas à frente e na luz que brilhava no espaço aberto da Praça de

Grève. Pelo menos, por conta do título, tortura nenhuma lhe fora infligida em nome do rei; parte nenhuma de seu corpo fora rasgada com pinças em brasa nem óleo fervente derramado nos ferimentos. O privilégio de sua posição lhe garantiria uma morte limpa. Não o aguardava o corte grosseiro do machado do carrasco sobre um bloco, mas o golpe ligeiro da espada. A última coisa que escutaria, além da exclamação da multidão, seria a comprida lâmina sussurrando pelo ar.

Os lordes normandos viram o carrinho nivelar-se com os degraus do cadafalso. Soldados aguardavam ao lado enquanto Aubriet firmava os pés neles – equilibrando-se; comandando as pernas a não tremerem e exporem seu medo. A multidão rugiu quando ele apareceu em cima da plataforma. O carrasco colocou-se em posição quando o capitão da guarda soltou as amarras de Aubriet. Ele esfregou os punhos; seus olhos pesquisaram a multidão, em busca dos tabardos de cores brilhantes de seus colegas barões. Sir Godfrey ergueu o braço.

– Bernard! Seus amigos estão aqui!

O condenado abriu um sorriso pesaroso e assentiu; então, como se ansiasse para que tudo acabasse logo, pegou a moeda de ouro guardada para ele pelo capitão e a entregou ao carrasco, que fez as mãos em concha, como um potinho de esmolas, e baixou a cabeça, reconhecendo a oferenda. O assistente do carrasco deu um passo à frente, mas Aubriet fez um pequeno gesto, recusando a ajuda, e enfiou os cabelos sob a capa de linho branco liso. Virou-se mais uma vez para os amigos, ignorando os berros da plateia, e mostrou-lhes as palmas das mãos – o homem deixa esse mundo de mãos vazias.

Um rufar surdo de tambor começou, silenciando a multidão.

Raoul, o ladrão de bolsas, sentiu a onda de silêncio engolfar os espectadores, cuja atenção focava o cadafalso e o homem ajoelhado. O carrasco encapuzado logo se curvou, tirou a espada da cobertura de pano e, com concentração treinada, golpeou.

O som do fio mordendo o osso foi fácil de ouvir. A multidão exclamou. O baque surdo de uma cabeça caindo prendeu-lhe a atenção por mais um instante.

Raoul separou a bolsa do cinto de uma pessoa quando as vozes rugiram sua aprovação. O corpo sacudiu-se, jorrando sangue. Pouco depois de ter cortado a bolsa, o garoto sentiu um homem agarrando-lhe o pescoço e olhou para o rosto zangado de um dos homens dos senhores normandos.

Jean de Harcourt e os outros já tinham dado as costas à plataforma banhada em sangue e não viam nada do diabrete das ruas sendo apreendido.

– Temos de nos preparar – disse Guy de Ruymont.

– E Blackstone pode nos ser útil nesses próximos meses – acrescentou o Lorde de Graville. – Onde ele está?

Os homens foram abrindo caminho para deixar o amontoado, sentindo ainda mais o ar frio do inverno.

– Não sei – respondeu Jean de Harcourt. – Cavalgando por aí.

– Você não sabe? Talvez precisemos dele – disse o normando mais velho. – Ele é seu soldado!

Sir Godfrey de Harcourt respondeu antes do sobrinho.

– Ele não é soldado de ninguém; já deveria saber disso. Onde quer que esteja, logo irá para casa e, então, o abordaremos.



CAPÍTULO QUATRO

Quando Blackstone se recuperara de seus ferimentos, causados anos antes em Crécy, e mostrara sua habilidade com a Espada do Lobo, Jean de Harcourt o levou ao arsenal em Clos des Galées, perto de Rouen, e pagou por uma armadura de aço feito com o melhor minério de ferro da região, minado em Pont-Audemer. Cavaleiro pobre que era, a armadura não apenas protegia Blackstone, mas proclamava seu status como um homem de amigos poderosos. Foi na jornada de volta ao Castelo de Harcourt, nessa ocasião, que ele e Christiana descobriram o local que viria a ser seu novo lar. O vale Risle, a noroeste de Harcourt, tivera altos e baixos. Os ingleses o saquearam; a peste causara a morte de muitos mais; mas Thomas e Christiana encontraram um antigo solar fortificado, abandonado e parcialmente arruinado, em uma aldeia às vistas do rio, protegido do vento nordeste por uma floresta de antigas castanheiras-portuguesas.

Diversas famílias cultivavam o território circundante e, quando o jovem cavaleiro endurecido na guerra reivindicou o solar e seu terreno, todas aceitaram suas promessas de proteção. Agora, os cerca de cinquenta camponeses eram bem-alimentados e prosperavam por seus próprios esforços e pela generosidade de seu senhor, que lhes declarara homens livres. Lorde de Graville legara-lhe um retentor, Hugh, para atuar como mordomo. O velho sabia ler e escrever, e era aceito como representante de Blackstone no território quando este estava ausente. Christiana, no entanto, tinha cabeça firme quando se tratava de organização e frequentemente batia de frente com o velho mordomo. Era contenda que ela raramente vencida, porque o corcunda conhecia a terra e sabia calcular uma mudança no clima melhor até que Blackstone. O inglês cujo braço torto jamais empunharia um arco de guerra novamente e o normando de costas curvas entendiam-se perfeitamente – e ambos sabiam que Lady Christiana inspecionaria os registros e avistaria

quaisquer erros. Por esse motivo, ela era senhora das terras do marido. O respeito mútuo firmara-se.

Blackstone guiava suas tropas fatigadas pela trilha na floresta. O cheiro de lenha queimando o puxava para casa feito um fio invisível. Ele se virou para sorrir para os que o seguiam. Guinot, o anglo-gascão, ergueu as costas doloridas e curvadas da sela e captou o cheiro das fogueiras e o aroma de pão fresquinho de dar água na boca. A meia dúzia de soldados urgiu seus cavalos à frente, quase concluída a longa jornada. Comida, descanso e segurança estavam à vista.

Havia cavalos presos no quintal de Blackstone, e ele viu que os animais, bem como o escudeiro e o pajem que deles cuidavam, pertenciam a Jean de Harcourt. E havia outros cavalos nos anéis de amarração. A ansiedade súbita por voltar para casa logo passou para a insegurança quando ele viu uma dúzia de soldados zanzando pelos estábulos e soube que aquilo não podia ser somente uma visita de seu velho amigo.

– Devemos esperar aqui, milorde? – perguntou Guinot.

– Não, são amigos. Leve os homens e os suprimentos para o pátio do estábulo.

Blackstone urgiu seu cavalo à frente no instante em que seus homens de armas apareceram, mãos na empunhadura da espada para o caso de os cavaleiros que se aproximavam serem inimigos. Logo reconheceram Blackstone.

– Sir Thomas! Milordes Harcourt e Ruymont estão aqui – disse-lhe um deles, abrindo caminho para o cavalo de Blackstone, que passou trotando pelo arco, pátio adentro.

Guillaume desmontou e segurou as rédeas de Blackstone.

– Christiana! – ele chamou.

Criados corriam daqui para ali, vergando-se em reverências ou curvando a cabeça ao vê-lo.

Houve uma agitação repentina de gente no saguão de entrada. Christiana ergueu as saias e quase correu para o marido; Jean de Harcourt e Blanche estavam poucos passos atrás, bem como Guy de Ruymont e a esposa, Joanne.

– Thomas! – exclamou Christiana, que o abraçou.

A insegurança de Blackstone logo foi sanada quando Jean de Harcourt pegou-o pelo braço.

– Ouvimos dizer que estava morto. Deus atendeu às nossas preces.

Christiana limpou lágrimas do rosto, pondo bravamente as emoções de novo sob controle, como cabia à esposa de um cavaleiro. Blanche colocara-se ao lado dela.

– Thomas, você causou grande aflição a sua família e amigos. No instante em que ouvimos, viemos para cá ficar com Christiana e as crianças.

– Não faça essa cara de perplexo, Thomas – disse Guy de Ruymont –, nunca sabemos onde suas incursões o levam. O boato de que você morreu não deveria causar surpresa a nenhum de nós.

– Como podem ver – disse Blackstone –, posso estar fedido, mas estou vivo.

– Chegaram notícias da Bretanha de que um navio afundou por conta do mau tempo e que seus escudos foram levados à margem junto aos destroços. Ninguém sobreviveu, e somente três corpos foram encontrados.

Blackstone sentiu uma pontada de tristeza ao ouvir a notícia. Então mestre Jennah de Hythe estava morto.

– Usamos o navio para atacar um forte no sul. O mestre do navio era um bom homem. Sua habilidade nos garantiu o sucesso.

– Então ofereçamos nossas orações para ele – disse Blanche de Harcourt.

– Você esteve longe de nós por tempo demais. Há muito a contar-lhe – disse baixinho Harcourt.

Estava mais quieto que de costume, pensou Blackstone. O amigo parecia abatido e pálido; os traços marcados lembravam os de um homem que se recupera de ferimentos.

– Bernard foi executado em Paris, e o rei não repara no erro que cometeu – acrescentou logo Ruymont.

– Aubriet? Por entregar suas terras? Os homens do rei estão rumando para a Normandia? – perguntou Blackstone.

Caso se tratasse de um ataque determinado contra os lordes normandos, era preciso preparar as defesas.

– Não, foi somente um gesto para mostrar autoridade. Ele não está em condições de vir aqui – disse Harcourt.

Blackstone enxergava a preocupação e a raiva na expressão dos homens.

A esposa de Ruymont interviu.

– Guy, aqui não é hora nem lugar para repreender o rei ou...

O amável normando virou-se subitamente para a esposa.

– Presume que sabe quando devo falar sobre assuntos tão importantes?

Joanne de Ruymont ficou envergonhada e baixou a cabeça.

O silêncio embaraçoso foi rapidamente quebrado quando Ruymont sorriu para Blackstone.

– Agora, devemos deixá-lo celebrar seu retorno em segurança.

– Não, ficaremos! – disse Harcourt. – Isso demanda uma festa, claro. Pelo menos algo para nos animar!

Havia ainda embaraço entre Guy e a esposa. Blanche de Harcourt, sendo da família mais tradicional ali presente, exerceu o direito de decisão.

– Outro dia, Jean – disse ela gentilmente.

Sabia da paixão que sentia pelo marido quando ele retornava da batalha, e Christiana e Blackstone precisariam de privacidade.

– São todos bem-vindos para ficar – disse Christiana, acolhedora, esperando que o convite fosse visto como o gesto polido que era.

Foi Guy de Ruymont quem se aproximou do amigo, Harcourt, e murmurou-lhe algo no ouvido. Harcourt não conseguiu esconder a súbita expressão que fez quando entendeu. Riu-se.

– Faz muito tempo que não combato, Thomas; estou ficando velho, gordo e obtuso. Quando seus ferimentos tiverem curado e você tiver descansado – disse ele –, então venha até nós e passe um dia conosco para podermos contar-lhe o que andou acontecendo durante sua ausência e ouvir tudo do seu sucesso.

– E discutiremos os arranjos para a festa de Henry. Não será tudo só política – disse Blanche de Harcourt.

As mulheres se beijaram nas bochechas, e Guy de Ruymont apertou Blackstone no ombro.

– É verdade que Saint-Clair caiu? Ouvimos rumores.

Blackstone fez que sim.

– Nós o tomamos.

– Você é um maluco, Thomas, eu sempre soube – disse Ruymont. Depois baixou a voz para que a esposa não ouvisse a blasfêmia: – Santo Deus, você tem um anjo ou um demônio nas costas.

Apesar do cuidado que Ruymont tomara, a esposa ouviu o que ele disse e, arriscando ser censurada pelo marido, não pôde conter um comentário áspero.

– Sua esposa é um anjo, Thomas; é você quem dá santuário ao demônio. Passar mais tempo ajoelhado numa capela não lhe faria mal algum. Você procura tesouros e fortuna por aí, mas estão aqui, debaixo do seu teto. Deveria ficar mais em casa.

Antes que Guy de Ruymont pudesse dizer qualquer coisa, Christiana interviu.

– Joanne, Thomas sabe bem o que tem, e o que sempre estará aqui quando ele retornar – disse ela, passando o braço debaixo do dele.

Atendentes trouxeram os cavalos até ali; a escolta de soldados já estava formada. Jean de Harcourt tomou as rédeas.

– Você se esquece, Joanne, de que Thomas não herdou sua riqueza; lutou por ela. Christiana, estou contando com você para fazê-lo vir nos ver.

Ela fez que sim, grata pela companhia e pelo carinho dos amigos. Blanche de Harcourt acabara tornando-se mais do que a guardiã que um dia fora.

– Agradeço a todos por virem aqui me confortar.

– Somos a única família que você tem entre esses muros, e os normandos cuidam uns dos outros – disse Harcourt. – Thomas! Queremos ouvir tudo! Uma semana! Nada mais! O homem não precisa dormir e... *descansar...* tanto assim – ele acrescentou abruptamente, depois virou o cavalo e liderou os demais para fora do pátio do solar.



Blackstone achava que havia momentos em que pareceria, aos outros, que Christiana se importava mais com o escudeiro do que com ele. Sempre que retornavam de longo tempo passado longe, era sempre a mesma coisa: ela o recebia de modo contido e logo voltava sua atenção para Guillaume. A filha

mais nova de Blackstone, Agnes, jogava-se nos braços dele, com os cabelos castanhos balançando feito a cauda de um pônei por debaixo da touca de linho bordado. Dessa vez não foi diferente. Pouco depois que os cavalos deixaram o pátio, as crianças vieram correndo da casa. Blackstone sentiu uma onda de afeição pela criança sardenta cujos olhos eram tão verdes quanto os da mãe; adorava sua inocência alegre. As crianças do vilarejo trabalhavam; as dos nobres eram mimadas; mas essa criança conhecia a felicidade. Aos risinhos e gritinhos quando Blackstone a acariciou com o bigode baixo, a menina escondeu o rosto nas mãos. O filho Henry aguardava, como sempre, a uma distância respeitável, até que fosse chamado, ao contrário dos cães, que farejavam e choramingavam aos pés do mestre. Um punhado de criados corria de cômodo em cômodo do pequeno solar, na tentativa de última hora de trocar tacos sujos de terra por hastes recém-cortadas e polvilhar ervas perfumadas nas lareiras.

– Não chegou notícia alguma do seu retorno; somente a do naufrágio. Seria tão difícil assim mandar um mensageiro? – Christiana perguntou ao tocar-lhe o rosto gentilmente e beijar-lhe os lábios.

– O mensageiro pode ser interceptado. Logo haveria mercenários ou homens do rei tentando me emboscar. Melhor eu chegar de supetão. Além disso, não é você que gosta de surpresas?

– Quando se trata de você estar bem; e não de que jaz nas profundezas de um mar remoto.

A filha riu e pediu que ele a colocasse nos ombros. Christiana soltou um suspiro baixinho.

– Envelheço um ano cada dia que você passa longe – disse com a voz pingando tristeza.

– Não é verdade – disse ele e a beijou de leve, mas a filha virava seu rosto, passando o dedo pela cicatriz.

– Agnes pode ficar com você agora, mas logo vou precisar de você – disse ela, deixando Blackstone ver o desejo nos olhos da esposa.

Ela deu-lhe as costas e saiu andando com Guillaume, para mimá-lo, dizendo quanto as crianças sentiram falta de brincar com ele. Com paciência, a mulher arrancaria do jovem escudeiro onde seu marido e os homens estiveram e o

que fizeram, porque sabia que Blackstone lhe daria poucos detalhes do perigo que enfrentaram. Christiana confortava-se em saber que o jovem escudeiro tornara-se tão bom soldado, pois isso significava que havia ainda outro guerreiro determinado ao lado do marido. Essas reuniões de família após uma incursão eram um ritual, não diferente dos bailes da corte, que Blackstone nunca dominara. Christiana demonstrava pouco para com o marido em público, umas poucas palavras aqui e ali, quase com um senso de indiferença, mas era tudo por conta de ser ela a dona da casa. Suas emoções fervilhavam, mas ela mantinha uma postura recatada. Por um lado, Blackstone gostava do modo com que as outras damas, Blanche de Harcourt e Joanne de Ruymont, a ensinaram nos deveres que se esperava da esposa de um cavaleiro em comando de sua própria residência; por outro, desejava que a moça selvagem, temperamental, dos cabelos castanhos, com o fogo da paixão nos olhos, que antes se contivera para com ele por tanto tempo e depois se entregara com abandono, ainda fosse assim espontânea. Como Blackstone descobrira durante o tempo de sua recuperação, a mulher que banhara seu corpo quebrado e ensanguentado e que dormira ao seu lado respirava o mesmo ar de rebeldia que sua senhora, a Condessa Blanche de Harcourt et Ponthieu. Se uma mulher quisesse ter concedido respeito acima do papel de gerar filhos, uma determinação férrea e a disposição para sofrer privações pela honra de seus maridos e sua família deviam dominar sua vida. Blackstone precisara de toda a paciência do mundo para esperar até que a verdadeira expressão do amor e da paixão da moça pudesse ser saboreada na privacidade do quarto do casal.

Como de costume, Blackstone avisara ao escudeiro que não passasse muita informação à esposa, mas não havia muito com que se preocupar; o escudeiro era tão hábil com palavras quanto era com a espada. Blackstone não tinha o charme suave do rapaz, resultado da educação de Guillaume sob um mestre bondoso, que morrera na grande peste, e que dera ao jovem as ferramentas para conduzir a vida com confiança. Não havia dúvida na mente de Blackstone de que o filho, Henry, que estava prestes a ter a celebração atrasada de seu aniversário, recebia ensino similar de leitura e escrita, e era criado para apreciar as boas maneiras e os esforços poéticos requisitados ao

filho de um nobre. Contudo, o inglês não era membro da nobreza, e o filho deveria ter sido treinado no uso de armamento e na compreensão do combate pelos dois anos anteriores. Era essa a corrente subjacente de desacordo, o que podia subitamente explodir entre ele e Christiana. Na opinião de Blackstone, o garoto recebera educação suficiente e precisava ser endurecido para poder ser enviado à residência de um nobre para ser criado como pajem, em preparação para ser escudeiro.

A formalidade da chegada em casa de Blackstone fora encenada. Quando ele entrou na grande sala na qual uma lareira ardia, seguido pelos cachorros, Christiana agarrou-o pelo braço e ficou na ponta dos pés para beijá-lo, em um gesto ligeiro, antes que os serviçais pudessem interromper.

– Quero você – sussurrou ela. – Te desejo toda noite em que está longe da nossa cama. Fico irritada com os criados e durmo com medo de você nunca mais retornar para mim.

Essas poucas palavras sussurradas o excitaram, mas, assim que ele tocou a esposa no seio, ela se afastou com um sorriso maroto, dizendo que tinha que cuidar do almoço para os homens que o acompanhavam. O cavaleiro praguejou contra a vulnerabilidade perante a provocação da esposa, pois teria expulsado os cachorros e a possuía ali mesmo, no tapete, em frente à lareira. Seu corpo sujo e fedido teria sufocado a maciez perfumada dela. Mas aqueles dias tranquilos de prazer carnal espontâneo eram coisa do passado. A casa, os criados e os homens que perambulavam, patrulhando a paliçada, garantiam isso. O sucesso enquanto cavaleiro trouxera restrições à vida deles. Ele a acompanhou até o pátio, vendo o corpo dela gingar, dando rédeas à imaginação. Quando ela foi para a cozinha, ele viu o velho Hugh aguardando no jardim, de cabeça curvada perante o olhar de Blackstone. O justilho era preso por um largo cinto de couro por cima de uma barriga que conhecera a fome e a fartura. Essa barriga era resultado da falta de comida quando as plantações não vingavam – e quantas vezes isso tinha acontecido durante toda a vida do velho? Muitas, pensava Blackstone. O mordomo não se movera, as pernas enlameadas até os tornozelos; o frio devia estar castigando aquelas pernas espigadas feito garras de ferro. Obviamente, ele aguardara no jardim desde que Blackstone chegara, enraizado como o velho bordão de espinheiro

no qual se apoiava para manter o equilíbrio. Cuidara já de seus afazeres, e agora esperava para cumprimentar o patrão.

Os cavalos dos homens já tinham sido conduzidos aos estábulos, escovados e alimentados com aveia e castanhas para repor as forças antes de os soldados partirem para Chaulion, a cidade mais próxima da de Blackstone. Ele mal tinha descido da sela, mas reconhecia a determinação estoica dos homens de mostrar-lhe que tudo corra muito bem durante sua ausência. Enquanto caminhavam pelo jardim na direção do arco de entrada, Guinot apareceu, vindo das latrinas, apertando as calças debaixo do justilho. Blackstone acenou para que ele se unisse ao grupo, então o gascão, após pigarrear e cuspir o fedor do fosso de merda, meteu as mãos calosas no cinto e pôs-se a andar ao lado de Blackstone e do velho Hugh. Por que seu suserano permitia que o velho corcunda aleijado o arrastasse por todo seu território feito um cavaliço ele nunca compreenderia, mas, como qualquer outro que servia Thomas Blackstone, sabia que o inglês tinha lá seus motivos e não havia nunca hora boa para questioná-los. Guinot, como os demais, estava contente por serem os últimos a retornar às atividades, e por saber que seriam alimentados antes de prosseguir com a jornada. Durante o trajeto de volta para casa, os homens alocados nas cidades foram devolvidos a suas guarnições e, em cada parada, comida, dinheiro e armas eram distribuídos, de modo que, quando chegaram ao solar do inglês, restava apenas um punhado de homens junto dele. Meulon e Gaillard tinham retornado a seus postos, com a responsabilidade que Blackstone lhes dera de defender uma das cidades na corrente de seis que formava sua linha de defesa pela Normandia. Essas cidades, junto com outros senhores normandos e Charles de Navarre, que dominava faixas da baixa Normandia, garantiam que o rei francês quase não tivesse ponto de apoio no ducado. Chaulion foi a primeira cidade que Blackstone capturara anos antes e, estando a poucos dias a cavalo, era a mais próxima de casa. Guinot, seu firme e sério comandante, deixaria a casa de Blackstone na manhã seguinte com sua meia dúzia de homens e retornaria para a guarnição.

Blackstone permitiu que o velho Hugh ditasse o passo. Os três homens ganharam a clareira além do solar, onde os campos esticavam-se em cercas

vivas e pomares. Havia pouca chance, se alguém viesse de noite, de flanquear o solar.

– Guinot? Acha que colocamos tudo perto o bastante? – Blackstone perguntou a seu comandante em Chaulion.

O gascão viu que, desde a última viagem que fizeram, alguns dos moradores da vila foram movidos para mais perto das baixas muralhas.

– Melhor do que estava antes, Sir Thomas. É improvável que alguém possa passar por eles sem que o alarme seja soado pelos cães sarnentos que o senhor tem por aqui.

– Eu os tenho por um bom motivo. Eles latem quando farejam uma raposa e até quando escutam o respirar distante de um veado entre as árvores – disse Blackstone, apontando para o bosque de bétulas mais próximo.

Guinot era um sólido homem com olhar treinado em defesa, motivo pelo qual Blackstone o mantinha dentro dos muros de Chaulion. Era forte o suficiente para exercer disciplina, embora estivesse ficando velho demais para lutar o mínimo que fosse. Sua beligerância podia entrincheirá-lo feito um javali em um matagal e manter o inimigo distante, mas, do jeito que Blackstone lutava, era preciso ter força e vontade duradouras. Quando o inglês velejara para Saint-Clair, o careca reclamou de ter sido deixado para trás, longe do combate, a cargo do vagão de bagagens, mas ele já devia saber, no fundo, que Blackstone estava certo. Não que isso diminuísse a vontade do homem de lutar.

– Não há muito mais que fazer, Sir Thomas. É o máximo que se consegue sem trazer uma centena de homens para construir um maldito castelo, e, sejamos sinceros, esses normandos cujas terras cercam a sua são duros feito muralhas – disse ele, passando os olhos pelos prados e pelos obstáculos; precauções tomadas por Blackstone.

Com os anos, o cavaleiro construíra novas casas perto das paliçadas do solar para agirem como um amortecedor e uma patrulha, trazendo alguns dos animais cercados mais para perto. Os gansos nos cercados e os cães sarnentos a que Guinot se referira davam ótimas sentinelas.

O velho Hugh parecia um caranguejo ao caminhar, usando o cetro de espinheiro nodoso para equilibrar o andar, mas era rápido o bastante para as

passadas longas de Blackstone. Como de costume, o homem reclamava.

– Não está tirando o suficiente, Sir Thomas. Lorde de Graville sabia como fazer a terra trabalhar por ele – disse Hugh. – Tome mais desses malditos camponeses e passaria menos tempo longe de casa para nos reabastecer.

– Eu viajo para todas as cidades que defendo, sabe disso – respondeu Blackstone, sabendo que a bronca não podia ser interrompida, e viu Guinot suprimir um sorriso.

– Aye, sei, sim. – Hugh estava determinado a censurar gentilmente o patrão. – E sei que estaria muito melhor, com todo o respeito, milorde, se me soltasse nessas suas cidades. – Ele deu uma olhada feia para Guinot, o que permitiu a Blackstone sorrir e erguer as sobrancelhas. – E o *patis* que pega desses vilões – continuou, rabugento, o velho.

Eles cruzaram a ponte sobre o riacho, perturbando os gansos, que deram um chilique digno de altivas damas da corte, com os pescoços compridos metendo as narinas no ar enquanto batiam asas para longe, em segurança, buzinando, irritados. Cercados de vime separados agora prendiam galinhas, porcos e gansos domésticos mais perto da traseira dos estábulos, cuja porção traseira fora sempre a mais vulnerável à escalada. Os aviários do solar e os pomares eram mantidos separados das hortas dos aldeãos – não que houvesse alguma coisa no solo congelado agora. Nabos e repolhos foram todos colhidos e usados para os pratos de inverno.

O capataz apontou para os campos com o cajado.

– Vamos deitar o estrume nos próximos dez dias. Se Deus quiser, teremos uma boa primavera para semear. Aye, Lorde de Graville sabia das coisas – prosseguiu ele, como sempre apimentando seu relatório para o patrão com lembranças repetitivas de seus dias como capataz de Jean Malet, Lorde de Graville. – Escolhia muito bem esses serviçais piolhentos, sim. Dez barris de mel, trezentos pães, uma dúzia de barris de cerveja forte e cidra, e nunca pegava mais de um par de vacas e uma dúzia de gansos, dos gordos, sabe; queijo, manteiga... um barril cheio de manteiga ele pegava deles...

– E salmão. Não se esqueça disso, Hugh – Blackstone interrompeu.

Sabia o aluguel que Graville cobrava de seus vassalos. O velho Hugh nunca deixava de depreciar a generosidade do novo patrão para com os aldeãos.

– Não me esqueci, milorde, é que ainda não tinha chegado nessa parte da história.

A fumaça que saía das fogueiras da vila assentava-se feito a coifa do bezerro recém-nascido.

– Pelo visto, você andou bem ocupado – disse Blackstone para o velho, observando o campo aberto.

As cercas vivas tinham sido cortadas, acrescentando mais uma linha de defesa entre a floresta e a trilha que dava para o portão do solar. Além disso, o terreno a oeste estava gasto e não seria cultivado nesse ano, então Blackstone instruíra que todos os galhos e cortes das árvores fossem largados ali, criando mais um obstáculo para um possível intruso ter que superar.

Ele respirou fundo o ar gelado e viu o velho arquejar.

– Irei até a vila amanhã, depois pegamos os cavalos para ver o resto – disse, dispensando-os da inspeção.

– Senhor – disse o velho Hugh, curvando a cabeça. – É generoso demais para com todos nós. Receio por seus lucros.

– Pela primeira vez, concordo com ele, Sir Thomas – disse Guinot.

Blackstone sacudiu a cabeça. A vida dos camponeses já era difícil demais; batalhavam apenas pela subsistência. Ele passara por isso quando menino e vira a seca e a inundação arruinarem plantações e colocarem famílias em túmulos. O condado em que nascera e crescera tinha um patrão rígido – Lorde Marldon; o homem não receava infligir punições, mas não tinha punho de ferro para com os aldeões. Blackstone lembrava-se dessas lições antigas como um exemplo.

– Tem o suficiente – disse ele. – Não tenho vontade alguma de pôr mais peso nas costas de um camponês para eu poder comer mais uma garfada.

O velho deu de ombros. O que se podia fazer com o jovem cavaleiro inglês? Ele mesmo não tinha do que reclamar. Blackstone e Lady Christiana o aceitaram, um velho corcunda cujo cérebro era mais usável do que o corpo. Lorde de Graville ordenara-o a servir, e servir ele iria. Era grato por não ter sido abandonado por conta da idade.



Blackstone serviu a água de um jarro numa tigela pousada sobre um criado-mudo, em seu quarto. O filho aguardava.

– Henry – disse Blackstone –, acompanhou o capataz Hugh quando ele inspecionava os campos e checava o gado?

– Sim, pai – respondeu o menino.

– E quem deu os presentes às famílias da aldeia no Natal?

– Fui eu, como o senhor mandou antes de sair de casa.

Blackstone tirou as roupas marcadas de suor e as jogou em um canto do quarto. Tomaria banho mais tarde com Christiana, mas, por ora, molhou o tronco com a água da tigela que, por estar fria, causou arrepios na pele.

– Havia feixes de lenha suficientes para todos?

– Hugh mandou que os homens a cortassem e amarrassem e guardou tudo no celeiro. Cada família ficou com uma parte. E tínhamos bastante forragem em estoque para as vacas, então tivemos ainda mais leite.

– Ótimo. Você fica no meu lugar quando eu não estiver aqui. O velho Hugh vai cuidar da terra e os aldeões, e sua mãe vai cuidar do Hugh o máximo que puder, mas você é o dono deste território na minha ausência. Será sempre desse jeito.

– Faça o melhor para honrá-lo, pai.

Blackstone pôs a mão no ombro do filho e deu um apertão afetuoso. Teve a impressão de que o menino se retraiu.

– Filho, me perdoe por ter perdido seu aniversário, mas eu disse antes de sair que vamos comemorar antes da sementeira da primavera. Vamos até o seu padrinho, passar um tempo em Harcourt. Todos vão estar lá. Você vai se divertir com todas as outras crianças.

– Não sou criança, pai.

Blackstone arrependeu-se da palavra assim que a disse. Mas a verdade era que Henry não tinha ainda compreendido a seriedade de sua idade e nem o que era esperado dele. Havia uma gentileza no caráter do menino que o pai reconhecia; algo de si que via no garoto. Seu próprio senhor, Sir Gilbert Killbere, confessara-lhe que julgara que Blackstone não seria adequado para a guerra, por ter coração gentil demais.

– Claro que não – disse Blackstone, sem convencer muito.

Um silêncio incômodo se instalou entre os dois.

– Além do mais, está ficando um pouco velho para coisas como aniversários – disse o pai, tentando remendar possíveis danos causados aos sentimentos do menino, mas, pela expressão breve de desespero no rosto de Henry, só fez piorar as coisas.

– Sim, pai. Tem razão – o filho respondeu, obediente.

Blackstone pigarreou e foi secar-se com uma toalha. Prometeu a si mesmo que passaria o verão com o menino e estreitaria os laços entre eles.

– Olhe dentro da minha alforja – disse ele.

Henry fez como ordenado e puxou uma adaga de punho de marfim. O menino a fitou por alguns segundos, depois a sacou cautelosamente da bainha de detalhes prateados.

– Peguei essa de um dos senhores do rei.

– O senhor o matou, pai?

– Meulon o matou com um golpe de lança, entrou pela barriga e foi até o peito. O homem sacudiu-se feito minhoca no anzol. Lembra-se de Meulon?

Henry fez que sim, mas seus olhos não deixaram a lâmina, que ele deslizava para dentro e para fora da bainha.

Blackstone vestiu camisa e justilho limpos. O vento aumentara, e ele precisava checar seus homens, ver se no celeiro havia palha fresca no chão para eles. Sabia que o problema teria sido resolvido pelo velho capataz, mas queria ver por conta própria antes que a fadiga e a fome o dominassem.

– Acho que deve ter sido presente de família. O punho é de marfim; o guarda-mão parece ser feito de aço bom, como a lâmina, então talvez os ancestrais dele a tenham trazido das cruzadas. Sabe a adaga que Guillaume usa?

– A que ele traz no cinto? Está sempre com ele.

– Isso. É especial para ele. Ele a tem desde quando era mais novo que você – disse Blackstone, lembrando-se de quando essa adaga vacilara a poucos centímetros de seu rosto, estendida pelo próprio Guillaume, então com 10 anos, um pajem aterrorizado que queria apenas proteger seu suserano burgúndio depois da ultrapassagem do rio em Blanchetaque. – Todos nós

temos uma arma que nos é especial. Idolatramo-las e as mantemos perto. Dê-a para mim.

O filho quase não conseguiu esconder o desapontamento de entregar a faca. Blackstone a tomou e sentiu o peso.

– Esta é uma faca de nobre, Henry. Uma das melhores que já vi. Foi por isso que a tomei dele. – Ele fez uma pausa, depois estendeu a faca. – Para você. Presente de aniversário.



Nessa noite, enquanto os homens dormiam no celeiro, depois que Blackstone verificou as sentinelas, ele e Christiana tomaram banho, depois ela esfregou óleos nos músculos machucados dele e cuidou dos cortes que putrefizeram por falta de atenção. Os dois se acabaram na cama enorme, coberta de almofadas e cobertores feitos à mão, perante o fogo quase apagado na grelha, com os cachorros choramingando à porta até ele comandar que silenciassem. As crianças dormiam em outro quarto, mas era perto, então Christiana abafou e enterrou os gemidos apaixonados entre os travesseiros. Antes de o inglês ter saído para a última incursão, a esposa finalmente superara a perda do bebê. Noites de oração a tinham mantido longe da cama de Blackstone, testando a paciência dele até as brigas aumentarem. A perda, dizia ela, fora punição divina, embora Blackstone tivesse falhado em descobrir qual teria sido o crime cometido para fazer Deus puxar a criança do útero dela, mas não tinha como consolá-la. Os meses se passaram e, quando o inverno se intensificou, Blackstone passou a retirar-se para o celeiro para cortar pedra para sua muralha. A habilidade lenta e determinada do pedreiro nunca o abandonara, e o apaziguava ver algo ser construído em vez de destruído. Então, em um dia de fúria, ela foi até ele, e os dois se deitaram na palha quentinha e baniram os meses de secura fazendo amor com certo desespero. Deles era uma estranha sina: unidos pelo conflito da guerra, mas era uma ligação que os fortalecia, tendo ambos lutado um pelo outro e cuidado um do outro.

Em algum lugar, uma porta aberta bateu com o vento, e a voz abafada de uma sentinela gritou que alguém a fechasse. Blackstone apalpava a plenitude

dos seios da esposa e sussurrou um suspiro entre os mamilos. Eles ergueram-se até os lábios dele, e ele os provocou com a língua. Tinham já saciado o desejo, e agora era hora de prolongar o prazer lento e tranquilo das carícias. Ela passou os braços em torno dele, nas costas, e passou os dedos nas antigas cicatrizes. Quando sentiu os vergões erguidos em seus músculos, resultado do último confronto, foi trespassada por um calafrio. Medo e paixão enfrentaram-se até que o movimento deliberadamente lento dele dentro dela suprimiu a ansiedade e a banhou em calor e amor, e tudo se derreteu na luz fraca das velas.

Christiana aninhou-se no braço do marido.

– Tenho rezado à nossa abençoada Virgem Maria por um bebê, Thomas. Quero outro filho. – Foram as últimas palavras por ela sussurradas antes de pegar no sono.



CAPÍTULO CINCO

Guillaume Bourdin jamais aprendera a acordar antes de seu senhor. Blackstone tinha a habilidade de acordar pelo menos uma hora antes de o primeiro brilho do amanhecer arrastar-se pelo céu, independentemente da estação. Antes dos primeiros raios de luz, ele podia ser encontrado na solidão do pátio de exercícios, praticando com a Espada do Lobo. Havia vezes em que o jovem escudeiro achava que o mestre estava lutando contra demônios. Muitos anos antes, quando ainda era menino, Guillaume sobrevivera à peste e cavalgara por treze dias em busca de Blackstone, que um dia lhe salvara a vida. Seu próprio senhor, Henri Livay, jazia morto com os inchaços pretos hediondos infligidos pela Grande Peste. A vontade de viver do garoto o levava ao homem que lhe concedera a honra de ser seu escudeiro e o ensinara a lutar. O menino herdou a bela espada de Livay e aprendeu a usá-la bem, mas, por mais jovem que fosse e habilidoso que se tornara, jamais vira tão incansável fúria num guerreiro como a de seu senhor, Sir Thomas Blackstone, cavaleiro que os lordes normandos declaravam ser o mais feroz que já tinham visto. Entretanto, essa fúria, que os homens reverenciavam em um líder de guerra, nunca era testemunhada por familiares e amigos.

A história de como Blackstone chegara até a espada, com a característica insígnia do lobo correndo, era conhecida fazia anos, e Guillaume nunca se cansava de contar. Os grandes ferreiros de Passau, na Germânia, aprenderam sua técnica com os sarracenos, após as cruzadas. E a Espada do Lobo fora presente de um conde germano para o filho, que lutava ao lado do rei da Boêmia, aliado dos franceses. O germano teve a infelicidade de matar o irmão de Thomas Blackstone no campo de batalha em Crécy. Foi ali, Guillaume pensava, que os demônios de seu mestre foram liberados. Visto que, quando o cavaleiro germano aproximou-se do príncipe de Gales a ponto de golpeá-lo, o arqueiro inglês tomou para si a luta e o matou, mesmo estando seriamente ferido. Demônio nem deus algum teria esperado que

músculos e nervos fizessem o que Blackstone fez. E toda vez que Guillaume polia a armadura do mestre, recitava a lenda para o filho de Blackstone, Henry, que ainda estava para aprender as tradições dos guerreiros. Era ainda muito menino, brincava com crianças mais novas, algo que devia preocupar, Guillaume sabia, mas não lhe cabia fazer comentário nem encorajar o menino além de contar-lhe histórias e agradar a Lady Christiana brincando com as crianças quando não estava ocupado com seus afazeres.

Ele suspeitava que Blackstone partilhava da gratidão da esposa, mas era assunto que os dois jamais discutiam quando saíam juntos em campanha. E, agora que não haveria mais combate até o fim do ano, Guillaume passaria mais tempo com o menino e o ajudaria nos estudos de latim. Ele sabia, contudo, que Sir Thomas jamais abrandaria o cronograma de treinamento e que, quando o peso da vida doméstica comesse a incomodar, os dois cavalaria até as outras cidades muradas para que Blackstone pudesse ter contato com seus homens e garantir a prontidão destes para a guerra. E para escapar das mulheres que visitariam Lady Christiana para sentarem-se à lareira. E fofocar.

O solar de Blackstone não era grande: um conjunto de construções no pátio abrigava estábulos e uns poucos criados; a cozinha ficava perto do salão principal. Embora cada quarto tivesse uma lareira, toda a socialização acontecia onde o fogo ardia mais brilhante, no grande salão, com uma cornija de castanheiro de quase quatro metros de comprimento. Blackstone era gracioso o bastante para passar tempo com esses visitantes infrequentes, grato de que mostravam preocupação com Christiana a ponto de ficar com ela quando ele saía em campanha, mas ele não tinha o luxo dos barões normandos que tiravam receita muito maior de suas terras. A fração que Blackstone coletava de seus aldeões era suficiente para manter a casa quente e pôr comida na mesa para o punhado de cavaleiros que moravam por ali com as esposas e cuidavam dos arredores do solar. Todas as cidades sob o controle de Blackstone tinham similar *patis*, oferecendo proteção para os camponeses em troca da alimentação dos soldados e uma percentagem dos produtos vendidos nos mercados locais. Contudo, o pagamento para esses homens vinha da pilhagem, e era por isso que ele fazia as campanhas que

fazia, afastando-se cada vez mais da segurança de casa para atacar gente leal ao rei John e despi-la de toda moeda e todo ouro e gado. Ao atacar outros homens de armas ou nobres, seus suprimentos acabavam, o que implicava que os camponeses que tocavam as terras destes sofreriam. Alguns até passariam fome. Mas não tinham importância alguma para o inglês. Seu próprio povo contava com ele para protegê-los e garantir que passariam pelo inverno com comida suficiente na mesa. Era seu dever para com eles, como o tinham para com ele.

Blackstone era estimado por aqueles que sabiam de seu valor e temido pelos que o consideravam um açougueiro banal, elevado pela casa real inglesa dos mais baixos estratos, famosos por chacinarem os maiores cavaleiros do cristianismo: os arqueiros.

No frio celeiro em que Guillaume limpava a armadura de seu senhor, ele fitou Blackstone, que parecia estar se concentrando demais em amolar sua faca de arqueiro.

– Henry vai ser tão inútil, que será mandado para um monastério? – perguntou Blackstone. O local de despejo das crianças fracas e burras da nobreza ou camponeses bastardos.

Guillaume sabia que o filho era uma preocupação para Blackstone.

– Milorde – disse –, ele é inteligente nos estudos e bem-versado em outras disciplinas, como deve ser um garoto educado.

Blackstone ensinara Henry a cavalgar e nadar, levando-o para as piscinas mais profundas do rio para que pudesse sentir o frio, ensinando-o a conter a tremedeira concentrando a mente e ignorando o sofrimento do corpo.

– Ele não é muito forte – Blackstone argumentou, querendo ouvir que estava errado e que o filho mostrara ao escudeiro um lado de sua natureza que ele mesmo nunca vira.

– Não – Guillaume respondeu –, não é, Sir Thomas. Mas é esforçado.

Isso era verdade, e o inglês sempre contava com a sinceridade do escudeiro. Era uma virtude que, às vezes, beirava o incômodo. Blackstone amava o filho; adorava-o tanto quanto a irmã, Agnes. Era uma alegria escondida da maioria para que ninguém fizesse pouco caso dele, embora quem seriam as pessoas que o fariam era a pergunta que ele nunca sabia responder.

Entretanto, demonstrar afeição demais por um filho poderia ser prejudicial para o próprio menino. Ele se consideraria mais fraco do que era e seria zombado por outras crianças por ser defendido e protegido por um pai superprotetor. Sobrancelhas ergueram-se quando ele proibiu o padre de açoitar Henry pela falta de progresso no estudo do latim. Que maldita diferença faria se ele não conseguisse aprender a linguagem de advogados e monges? A não ser que fosse tornar-se um.

– Eu deveria passar mais tempo com ele. Vai fazer nove este ano.

– Sim, senhor. Deixe que ele sinta o peso de sua espada na mão e saiba o que o senhor sente quando a segura.

Blackstone sabia que o assomo de poder e violência que o percorria quando a Espada do Lobo era empunhada por suas mãos e o nó de sangue que lhe envolvia o pulso jamais seria conhecido por seu filho. Esses sentimentos não tinham nada a ver com o equilíbrio ou o aço finamente trabalhado da lâmina.

– Aye, deixe que sinta o peso, mas que tenha mais tempo para treinar com a espada. Ele precisa sentir o que a lâmina pode fazer a um garoto descuidado que não se protege adequadamente.

Guillaume tornou a polir a armadura. Não tinha vontade alguma de contrariar seu senhor, nem queria que ele visse a dúvida em sua expressão. Henry não possuía a determinação austera que todo menino precisava para aguentar a punição do treinamento.

– Lady Christiana vai reparar se o menino tiver hematomas, senhor.

– Então o ataque onde não vai aparecer. Ele tem de aprender, Guillaume.

O escudeiro encarou o mestre.

– Perderei a confiança dele se o ferir, Sir Thomas. Ele não é...

– Forte? – Blackstone interrompeu. – Acha que não sei disso? Não me importa se ele odiar nós dois. Se não ensinarmos, logo chegará o dia em que ele terá de ir à casa de um nobre para aprender a dura realidade de ser sozinho e punido por cada passo errado.

Blackstone deixou o escudeiro para que continuasse seus afazeres, retirando consigo as dúvidas para com o filho e sua própria inabilidade de ser um bom pai.



Simon Bucy, o homem que queria tirar de Henry Blackstone seu pai, ponderava sobre o destino da França e o papel vital que poderia exercer em salvá-la. De sua magnífica propriedade urbana, perto da abadia de Saint-Germain-des-Prés, ele olhava pela janela de sua mansão para os jardins que davam para o Palácio Real. Tanto tumulto fora enfrentado pelo povo daquela grande cidade. Fazia poucos anos que metade da população, uns cinquenta mil, jazia em miserável morte nas ruas. As grandes ruas pavimentadas que levavam aos subúrbios da cidade e o interior não viram procissão real alguma, mas testemunharam o ritmo crepitante de carrinhos ao cambalear, lotados de mortos, para as sepulturas comuns. Mas agora Paris estava viva, com seus mercados de rua e o comércio, e não tombaria jamais sob as mãos dos bárbaros soldados ingleses. Que Edward firmasse ainda mais seu controle da Gasconha por ora, se quisesse, mas aqueles que o apoiavam em segredo, e que poderiam entregar as chaves dessa grande cidade para os inimigos do rei, tinham de ser impedidos. Era preciso encontrar um modo de cortar pela raiz o poder dos senhores normandos, privando-os da força que possuíam. Não se podia infligir violência súbita contra eles; pelo contrário – deveriam ser atraídos, emboscados e dispensados. Mas como destruir o homem que podia erguer-se para apoiá-los, trazendo consigo as centenas de homens postos em guarnições em suas cidades? Qual seria a fraqueza dele a ser explorada? Se Thomas Blackstone continuava entrincheirado em sua casa na Normandia, como informavam a Bucy os espiões do rei, então pouco podia ser feito para atraí-lo para fora.

Os passos de um criado o anunciaram. Bucy acenou para que o homem se aproximasse e pegou a mensagem dobrada da bandeja de prata que lhe foi oferecida. O papel marcado à tinta mostrava uma letra decente escrita às pressas, com pena pouco afiada. Bucy enviara um recado para o único senhor normando que poderia responder à pergunta que lhe assombrava a mente. O traidor não podia ser visto visitando a residência de Bucy; o jeito foi mandar um mensageiro até ele, passando notas sem assinatura entre os dois. Selo nem marca alguma revelariam os escritores.

Honra e lealdade, ou a busca pela riqueza, podiam fazer um homem cruzar o mundo para enfrentar um inimigo que nem conhecia. Mas o que mantinha

um homem desses em casa? Era preciso encontrar o meio de castrar o inglês da cicatriz. Bucy abriu a nota.



Bucy caminhava pela clausura da abadia de Saint-Magloire, que ficava ao norte da cidade. Mensageiros foram antes para manter os monges fora de vista. Esse encontro secreto não precisava ter testemunhas, e a igreja recebera dinheiro suficiente em doações para o prior saber quando sua ausência era necessária. Dois dos guardas de Bucy patrulhavam as grandes portas que davam para a escuridão reclusa da igreja. Quando ele passou por elas, as portas foram fechadas, e o eco taciturno que fizeram reverberou nas pedras. Uma figura encapuzada saiu das sombras, com o tabardo escondido; o capuz do manto de arminho cobria-lhe o rosto. Bucy olhou para os lados, por hábito, para se certificar de que não havia mesmo testemunhas do encontro, que nenhum monge jazia prostrado na semiescuridão, reverenciando a Deus. Sabia que era desnecessário, visto que seus guardas já tinham varrido os altares laterais e passado por trás dos imensos pilares para explorar as sombras com a luz da tocha. Somente o traidor aguardava ali.

Bucy foi até o altar e a figura do Cristo em sofrimento iluminada pelas velas. Havia pouca humildade em Simon Bucy – era um político, um sobrevivente –, mas ele se ajoelhou. O senhor normando que estava prestes a trair os amigos sentou-se num banco. Bucy levantou-se e aproximou-se dele. Ele apertou ainda mais seu manto no corpo, com o frio úmido da capela penetrando-lhe os ossos velhos, embora sentisse certo calor com a satisfação de estar um passo à frente na busca pelo modo de destruir Thomas Blackstone. Nenhum dos homens falou por alguns instantes, e Bucy sentiu que o normando hesitava em cometer a traição.

– Ficaremos sentados, rezando em silêncio? – perguntou ele, vendo o ar que soltava pela boca feito vapor naquela atmosfera gelada.

– A guarnição de Saint-Clair-de-la-Beaumont caiu. Blackstone a tomou – disse o traidor. Martelada brutal que teve o efeito desejado.

Bucy escancarou os olhos; depois largou os ombros. Um forte vital caíra, e Bucy seria o responsável por transmitir a notícia ao rei.

– Tenho o nome de um homem que o senhor pode usar para armar uma cilada e matar Blackstone – disse o traidor. – Mas quero a garantia do rei de que eu e minha família seremos protegidos.

Bucy logo se recobrou.

– Serei eu quem garantirá sua proteção. O fato de nos encontrarmos é um gesto da gratidão do rei. Diga-me o que tem para que possamos nos livrar de seus normandos encrenqueiros e do maldito inglês.

O normando limpou um pouquinho de suor do rosto. O ar frio punia tanto quanto a quaresma.

– Tenho duas fontes que posso usar contra Blackstone. Uma é alguém próximo dele.

– Quem? – Bucy perguntou.

– Isso só eu devo saber. Mas é alguém de quem o inglês e sua família jamais suspeitariam.

– Muito bem. Quem é o outro?

– Anos atrás, estive no Castelo de Harcourt, onde Thomas Blackstone fora abrigado após sofrer ferimentos em Crécy. O velho rei ouvira dizer que um inglês estava lá e enviara homens para pegá-lo, mas Harcourt os enganou e enviou um mensageiro ferido que Blackstone resgatara de um tropel em uma das vilas. Os homens do rei o levaram, mas o homem morreu menos de um dia depois. Foi um belo truque, e Blackstone foi salvo.

O normando fazia questão de demorar. Vazava a história como um cirurgião-barbeiro sangrando o doente. Bucy mantinha sua impaciência sob rédeas, mas não havia estofado macio no qual se sentar, e o piso gelado fazia doer as pernas. O normando traidor não ter escolhido cavalgar pelos campos além dos muros da cidade era irritante, mas suas ações refletiam o receio e a incerteza que sentia. Talvez, pensou Bucy, estar perante o torturado filho de Deus, que morrera pelos pecados da humanidade, oferecia certo consolo – e se fosse esse o caso então talvez esse normando esperasse que seus pecados, agora confessos, fossem perdoados. Bucy quase deu de ombros ao pensar nisso: o perdão não lhe cabia dar, então que ficasse nas mãos do Todo-poderoso.

– Sim, sabemos que Thomas Blackstone sempre teve sorte na vida, mas como esse evento de tantos anos atrás pode nos ajudar agora?

– É caso de entender onde as sementes do medo são plantadas – disse o normando. – E então colhe o resultado.

– De fato – respondeu Bucy –, mas receio estar prestes a pegar uma gripe se ficar neste lugar escuro por mais tempo.

– Vida boa demais, milorde.

– Estado de conforto no qual pretendo continuar, *milorde*.

O traidor conteve uma retrucada.

– Havia um homem cavalgando junto dos mercenários do rei nesse dia. Era um fracote na época, uma sarna no rabo dos mercenários; mas tem poder agora, montou um bando de mercenários. E pode ser comprado. – Esperou um pouco, deixando que Bucy cozinhasse seus pensamentos um pouco mais. – Esse homem é a arma que o senhor pode usar para matar Blackstone.

Bucy saboreou o prazer do sucesso iminente. Poderia ele usar esse homem para destruir o inimigo do rei sem que este fosse envolvido? O rei poderia ainda ter chance de negociar com os barões quando a ameaça de Blackstone fosse removida. Poderiam, então, se desenrolar eventos que forçariam os senhores normandos a abandonarem suas ambições para com a Coroa inglesa e Charles de Navarre e jurarem lealdade a John.

O traidor inclinou-se para a frente.

– Sei onde ele está. Convoque-o, e ele virá até o senhor. – Passou a sussurrar. – Mas tenha cuidado. Guie-se pelo receio. Ele é o grande destruidor.



CAPÍTULO SEIS

Blackstone raramente aventurava-se além das muralhas do solar sem dar uma passada pela cozinha. O vapor cheiroso que escapava pela janela aberta e o som das conchas arranhando as panelas de ferro no cozer da sopa sempre traziam lembranças da infância. Se havia um modo de o inglês ter algum contentamento na vida era ali, em casa.

Ele entrou e encontrou quatro meninos da vila preparando trinchos de pão integral prontos para levar cobertura para os homens de Blackstone. Quando entrou, os meninos pararam o que faziam e curvaram as cabeças e, quando Beatrix o viu, fez uma reverência. A cozinha era um domínio todo seu; Christiana quase não entrava ali, mas Blackstone não gostava que os criados trabalhassem sem uma cobrança ocasional.

O calor do fogo e das panelas fumegantes fez o rosto de Beatrix parecer muito mais rosado do que de costume. Ela quase nunca via Blackstone, mesmo quando ele não estava em campanha, e teve de se recompor por um momento, sem querer ser pega ruborizada pelos meninos da cozinha.

– Beatrix, os homens têm fome, então espero que não lhes ofereça peixe salgado; já nos empanturramos disso – disse ele, sorrindo para ela.

Contudo, era uma camponesa francesa que não entendia seu patrão inglês, que costumava usar as palavras faladas em branda molequice. Achou melhor não tentar interpretá-las de nenhum outro modo do que como foram ouvidas.

– Servirei sopa e carneiro, milorde.

– Nada de molho branco ou carne de vaca? – disse ele, novamente brincando com a moça.

Beatrix fez careta.

– Nunca saiu comida requintada desta cozinha, a não ser quando as senhoras Harcourt e Ruymont visitaram, e então minha patroa mandou servir cortes finos com molho. Não precisa se preocupar com seus homens, Sir

Thomas. Eles deitarão na palha de barriga cheia e dormirão feito porcos peidorreiros.

Ela censurou os meninos e deu um tapinha leve na nuca de um deles, urgindo-os a continuarem seus afazeres e baixarem os olhos quando seu suserano e mestre entrasse na cozinha.

Blackstone olhou ao redor, para as prateleiras lotadas de jarros de sopa estocada. Havia mel e manteiga, e ele sentia cheiro de menta e sálvia, e um dos meninos moía alho fresco com o pilão. Em um canto frio da cozinha, havia vinho e azeite que fora comprado de mercadores ou conseguido em uma das incursões do inglês. Ele mergulhou o dedo em um jarro de mel congelado e sugou a doçura enjoativa até o céu da boca. Havia uma pontadinha adstringente de ervas que lembrava alecrim e lavanda. Fez careta. Muitos eram os deleites de morar em uma casa cercada pela riqueza do campo, mas esse não era o melhor mel que ele já provara. Beatrix sabia misturar temperos para agradar a maioria dos paladares quando tinham visitas, mas as demandas de Blackstone para com comida eram apenas simplicidade e quantidade. Ele engoliu o doce e passou o dedo no céu da boca, depois pegou um punhado de carne.

– Coloque carne de veado na mesa também. Eles merecem – disse. – Tenho gascões comigo, então se certifique de pôr mais alho. Vão beber cerveja em vez de cidra, mas tenha a cidra em mãos, porque terão sede. Já sabe quantos homens são?

– Aye, Sir Thomas. E fizemos um bálsamo para os que têm ferimentos – disse ela, tomando do homem o jarro com o conteúdo que ele acabara de provar.

Blackstone escondeu a jocosidade quando Beatrix retomou a autoridade na cozinha. Um guerreiro sabia quando recuar, então Blackstone trocou o calor da cozinha pelo ar frio do céu aberto. Havia um muro a ser construído, e sua habilidade de escolher e deitar pedras era uma distração muito bem-vinda. Ele se lembrou de que houve certo descontentamento dos homens que trabalhavam na cozinha quando Beatrix veio até a casa, mancando pela estrada com a trouxa no ombro, duas vezes mais corcunda que o velho Hugh, a quem ela acompanhava. Onde um era enviado, o outro ia atrás, por isso

Christiana herdou não apenas um capataz para cuidar dos assuntos de Blackstone quando ele estivesse longe, em combate, mas uma cozinha do castelo de Lorde de Graville, uma mulher de rosto tingido pelos anos perante chamas e panelas fumegantes, com veias rompidas no rosto que serpenteavam feito rios em um mapa. Trinta anos de cozinha era experiência que beneficiaria o inglês e sua esposa, Graville determinara. Era fato conhecido entre os nobres franceses que os ingleses assavam sua comida e comiam pão integral e, se Christiana insistia em romper a tradição dando de mamar aos filhos, então não faria mal algum ter uma mulher fazendo comida na cozinha em vez de um serviçal do sexo masculino. E Lorde de Graville não dera os criados de presente apenas por bondade de coração ou vontade de ajudar Blackstone e a esposa na nova casa. Os criados estavam velhos, sua força logo fraquejaria e logo seriam bocas para alimentar sem retorno nenhum em forma de trabalho.

Mas Beatrix e o velho Hugh demonstraram disponibilidade para servir o novo mestre com o que parecia ser uma determinação austera. Talvez fosse pela generosidade com que Blackstone e Christiana governavam sua casa. Havia regras firmes, mas tanto Christiana, filha de um cavaleiro avaro, quanto Blackstone, aldeão pedreiro cuja força e coragem trouxeram-lhe honra, sabiam como camponeses podiam ser tratados às vezes. Beatrix provara-se mais competente do que o esperado. Seu corpo, previamente subnutrido, ganhou peso e, apesar da silhueta esguia, ela não tinha dificuldade de puxar as correntes da grande lareira da cozinha quando havia carne para ser defumada e assada ou quando erguia os caldeirões de presunto cozido e sopa quando Blackstone alimentava seus homens.

Christiana cuidava para que crianças mais velhas da vila fossem empregadas para transportar coisas e esfregar o piso da cozinha, e o descontentamento entre os homens que trabalhavam como cozinheiros foi logo sanado quando Blackstone insinuou que talvez eles preferissem voltar a ser fiadores a ter a liberdade que ele lhes dera. Com o tempo, as terras do inglês ficaram produtivas e bem-organizadas. O que ele mais gostava era de levar o filho para as florestas, junto com Guillaume, para mostrar a Henry o rastro das raposas e dos lobos enquanto caçavam veados e javalis cuja carne

era defumada ou salgada para os meses de inverno. Os reservatórios principais de grãos do solar foram reparados e estavam secos e arejados, mantendo o produto livre de mofo. O velho Hugh supervisionava a rotação de culturas, instruía os ferreiros e brigava com os cavaleiros quando não eram diligentes com seus afazeres. Era tão incansável quanto o mestre. Havia pouco tempo para descansar, exceto nos feriados e ocasiões especiais nas quais os aldeões não trabalhavam. Mas, em qualquer um desses dias, Blackstone quase nunca ficava atrás das muralhas que cercavam o jardim. Os domínios circundantes dos lordes normandos ofereciam-lhe proteção, mas ele criava suas próprias defesas, cortando árvores, usando a madeira como paliçada que criava uma barreira adicional para qualquer um que resolvesse atacar subitamente. Um riacho fora represado para formar um pequeno lago com uma eclusa, onde criavam peixe para pescar quando o congelamento do inverno não estivesse muito intenso. Tudo demandara muito esforço, porque ele estava sempre tão ausente, mas as recompensas estavam ali para todos verem.

Blackstone lembrava-se do solar em ruínas que vira quando entraram, pela primeira vez, no jardim tomado de erva daninha. Trabalharam feito camponeses para limpar tudo, e os aldeões submeteram-se gradualmente à promessa de proteção. Nos meses seguintes, Christiana decorou os quartos com tapeçaria e seda, cobriu pisos com carpetes que Blackstone trazia para casa de suas batidas contra os lordes franceses. A engenhosidade da moça era sempre testada, não menos quando Blackstone estava longe, em combate. Certa vez, um ladrão passou incólume por entre os soldados de Blackstone que patrulhavam; ela se manteve calma, mesmo perante o homem desesperado, ameaçando-a com uma faca. E conversou com ele até que finalmente concordou em ser alimentado e receber comida para a viagem. Christiana prometeu cumprir o combinado. Quando o homem estava satisfeito e com um saco de suprimento em mãos, os homens de Blackstone o prenderam, para que esperasse o retorno do senhor e o enforcamento, que certamente aconteceria. Christiana mandou soltarem o ladrão. Sua palavra valia tanto quanto a de Blackstone. Relutantemente, fizeram conforme ela ordenara, mas, como todos os vagabundos, o homem deixou uma marca

numa pedra perto do solar, um sinal para indicar a outros como ele que havia facilidade em pegar coisas da dona da casa. O ladrão seguinte que entrou pela janela da cozinha ameaçou Beatrix à ponta da faca, mas, dessa vez, Christiana convocou a sentinela. A promessa que fizera ao intruso fora também muito direta. Caso ferisse a cozinheira, ele seria enforcado, arrastado e esquartejado pelo Conde Jean de Harcourt, cujo território o ladrão invadira para chegar aos domínios de Blackstone. Caso se entregasse, seria enforcado de barriga cheia, sem mutilação. O ladrão se rendeu, foi alimentado e pendurado na encruzilhada. Não apareceu mais ladrão algum no terreno do solar.

O punhado de soldados que servia na vila nunca ficava à toa, em geral trabalhando junto de seu suserano quando este reforçava muros quebrados ou juntava pedra nova para outros. Eram homens de casta inferior; alguns tinham cometido assassinato; todos tinham servido em um ou outro exército. Alguns eram desertores, outros, homens deslocados por pactos desfeitos, mas, conforme Blackstone tomava cidades e juntava estes aos soldados atraídos pela sua reputação, escolhiam alguns dos mais vis para assentar-se na vila com suas mulheres. Esse tipo de homem, o inglês sabia, lutaria com grande ferocidade para defender o privilégio a ele concedido. Seu valor fora provado em ocasiões nas quais o rei enviara mercenários ao ducado. Os lordes normandos informavam Blackstone, e eram homens da vila dele os que cavalgavam e faziam a matança. Era estranho o relacionamento entre o cavaleiro inglês e esses homens, mas ele demonstrara ter mão firme e os pagava bem, e eles atuavam na primeira linha de defesa caso intrusos atravessassem as florestas e atacassem a vila. O território servia a todos, e seu mestre era implacável na determinação de vê-lo prosperar ainda mais. Ele se perguntava se chegaria um tempo em que a violência entre França e Inglaterra cessaria e o rei Edward abandonaria o desejo de possuir a Coroa francesa. Mesmo que isso viesse a ocorrer, a matança não pararia em locais como a Bretanha e a Gasconha, porque os senhores locais disputariam, e a última coisa que um homem treinado para guerrear quer na vida é paz.

Mas ali, na Normandia, que era como um país natal para ele, os campos luxuosos e os pomares ricos compunham um refúgio no qual sua família

podia ser alimentada, um local que lhe permitia ver os filhos crescerem.

– Está sonhando acordado – disse Christiana, trazendo no braço uma cesta até onde ele estava cortando e deitando pedras no muro.

Blackstone olhou rápido para ela.

– Estava?

– Sim. – Ela jogou um cobertor do lado de um pedaço grande de pedra que ainda seria cortado e moldado. – De boca aberta, olhos brilhando e moscas começando a juntar – disse ela ao sentar-se e ajeitar-se.

O inglês largou o cinzel e o malho e inclinou-se para beijar a esposa.

– Estava pensando – disse-lhe.

– Parecia sofrido.

– Mas não estava incomodado.

– Estava fazendo careta – ela disse, e puxou o pano de linho que cobria a comida dele.

– Pensar, às vezes, é trabalhoso – disse, e a acariciou com o nariz, respirando fundo seu perfume.

Christiana encolheu-se, repelindo-o.

– Não vim aqui por sexo, Thomas. Está frio demais, e esse gelo teimoso me tomaria até os ossos.

– Eu te esquentaria. Você ficaria quente de desejo e grata pela terra fria para esfriar sua paixão. Não é isso que diria um nobre cortês?

– Quer queijo ou carne? – ela perguntou.

– Nenhum – disse ele, sorrindo.

Não fazia diferença o que ele iria comer; o que não poderia ignorar era a paixão ardente por ela.

Christiana cortou um naco de pão duro e entregou para ele com um pedaço de queijo, mais uma maçã cuja casca começava a enrugar.

Ele brincou com a maçã entre os dedos.

– Estamos casados faz muito tempo?

– Está dizendo que estou muito enrugada?

– Estou dizendo que costumávamos cruzar feito animais – disse ele, depois deu uma mordida no queijo e pôs um pedaço lascado de pão na boca ao mesmo tempo.

– Você é um peão, Thomas – disse ela, sem maldade, para o que ele sorriu maroto e assentiu. Ela pegou a maçã enrugada. – É uma das últimas na prateleira do celeiro – disse. – Talvez seja mesmo como eu. Largada no inverno, envelhecendo sozinha. Deixando secar meus sucos.

– Você poderia ter um amante – disse ele, então tirou a rolha do frasco de pedra que estava na cesta para dar uma boa golada na cidra. – Santo Deus, isto aqui pode deixar um homem cego – comentou, fazendo careta.

– Bom, certamente não pode deixá-lo mais burro – Christiana provocou, depositando uma fatia fina de maçã entre os lábios.

– Ora, porque sugeri que leve outro homem para a cama? Você não faria isso. Eu sei.

– Não, porque o sol está afugentando a neblina, e estamos aqui, longe de casa e das crianças, onde não há criados nem sentinelas. O mais escondido que podia ser. Você, obviamente, não precisa da cidra para enxergar mal.

Blackstone engoliu o líquido e olhou para a esposa, apoiada no cotovelo, encarando-o sem dizer nada, com o volume dos seios aparecendo por debaixo do vestido. Como uma criança invadindo o território de seu senhor, o inglês meteu a cabeça acima do muro e escaneou os campos e os pomares. Estavam sozinhos. Ele empurrou a cesta para longe e deitou-se ao lado dela.

– Por que não fala simplesmente que quer se deitar com seu senhor e marido? – disse ele, acariciando o mamilo dela por debaixo do vestido, com um dos dedos.

– Thomas, não é assim que se joga esse jogo – ela respondeu e puxou seu rosto marcado para seus lábios.



CAPÍTULO SETE

Paris e a Île de la Cité brilhavam sob a luz primaveral, mudança bem-vinda em contraste com a neblina do rio. As torres de Notre-Dame finalmente rasgaram o véu que as cobrira por muitos dias. O fedor da cidade diminuía com o virar da brisa, e o rei John sentiu que o futuro recompensaria sua determinação em proteger essa joia de cidade, com sua renomada universidade e a magnífica homenagem a Deus que era Notre-Dame. O astrólogo da corte previra que eventos importantes ocorreriam, que uma grande batalha seria travada, e isso só podia significar uma coisa para o impetuoso rei – que Edward da Inglaterra seria derrotado e recuado por La Manche, o mar que o bastardo duque da Normandia cruzara para invadir e tomar a terra além para si. Como uma lâmina girando em um ferimento, a história, desde esse dia, infligira sua agonia nos franceses e causara desconfiança e amargura permanentes entre eles e os normandos.

O rei, apesar da aparente força física, era dado a calafrios e má saúde. Sua cadeira estava alocada bem perto do fogo quando Simon Bucy entrou nos aposentos reais. John fitou-o e, por um momento, o outro pensou que ele parecia um velho, apesar de ter somente 37 anos. O rei puxou o robe de arminho mais para perto do pescoço. Não estava com vontade de ver o líder do Parlamento trazendo-lhe questões de Estado.

– Temos um novo falcão, e pensei em soltar umas gaiolas de pombos. Uma distração para o tédio desta gaiola dourada na qual sou mantido preso ao dever – disse John.

– Senhor, tenho notícias – disse Bucy. – Do sul.

Bucy logo acenou aos serviçais que se afastassem, e estes se apressaram em juntar-se às paredes, onde não poderiam escutar. Bucy respirou lenta e profundamente. Precisava acalmar a própria trepidação antes de entregar o que seria mais um golpe violento contra a já vacilante confiança do rei.

– Jean de Grailly lidera uma força mista de gascões e ingleses. Atacou ao norte de Bordeaux, longe da força principal, depois virou para o leste. Tomou a cidade de Périgueux.

O rei John soltou uma exclamação como uma bexiga solta o ar.

– O quê? – sussurrou. – Impossível. A guarnição de Saint-Clair-de-la-Beaumont defende a estrada e o rio. De Grailly precisaria tê-la tomado. Não poderia. Ninguém consegue sitiar Saint-Clair. Sir Henri teria dado notícias. Teríamos ouvido falar.

– Receio que seja verdade, alteza. Thomas Blackstone velejou rio acima e atacou pelos pântanos, por trás. Sir Henri está morto, assim como seus homens. De Grailly guarneceu o forte com uma tropa de cem homens ou mais, e Blackstone tomou as armas e moedas que Sir Henri guardava para pagar os senhores locais. Não podemos criar mais impostos. Temos de achar outros meios de pagar os que ainda são leais a nós lá.

– Blackstone – disse John, como se o próprio nome fosse veneno em sua língua.

Bucy avançou ligeiro, ávido por aliviar a má notícia.

– Senhor, encontrei o homem que ousaria atrair Thomas Blackstone para fora de casa e, ao fazer isso, nos permitiria enfraquecer os lordes normandos.

A luz do súbito interesse brilhou nos olhos do rei John. Ele acenou para que Bucy se sentasse.

Bucy começou a relatar tudo o que ouvira do traidor normando.

– É filho de família pobre. É educado, letrado e inteligente, ainda que seja mais feral que a maioria.

– Não queremos que esses nobres inferiores pensem que lhes garantiremos terra e favor porque acreditam ser capazes de enfrentar o inglês. Quantos tolos sonharam com isso e agora veem sua insensatez lá do céu?

Bucy balançou a cabeça e falou baixinho.

– Não tem nada a ver com a família dele. Eles o abandonaram, felizes de livrarem-se dele. Ele roubou de uma família quando era convidado na casa...

O rei interrompeu:

– Todos os nobres são ladrões, meu amigo, como ratos de sarjeta pescando migalhas. Eles se alisam com cuspe para os inimigos. O homem que cobiça

um cálice de prata e está preparado para matar por ele é mau-caráter. Ser um mestre ladrão com ambição é roubar uma nação – ele acrescentou, indiferente. – Olhe para Edward se quiser uma lição em ladroagem.

– Esse homem é mais do que um ladrão, senhor. Começou a matar ainda jovem. Fez amizade com o filho de uma viúva para tentar seduzi-la, mas ela recusou seus avanços.

O rei estava todo ouvidos.

– E a matou por isso?

– Não, a castidade dela o fez fugir, mas ele pegou todas as joias que encontrou. Quando o jovem filho da mulher o acusou de roubo, ele assassinou o menino.

– Questão de honra, por ter sido falsamente acusado, ou havia provas? – perguntou o rei.

Bucy umedeceu os lábios, nervoso. O que lhe dava medo não eram as maquinações da política, mas ter qualquer contato próximo com os homens violentos que se espalhavam pelo país, fossem eles nobres ou gentilha, como os cavaleiros mercenários. Estupros e chacinas eram ocorrências diárias. O rei garantia permissão para a tortura, e a Igreja nunca questionava uma confissão de heresia obtida por esmagar e queimar uma vítima. Entretanto, Bucy hesitava. Estava prestes a entregar a seu rei um homem tão vil em natureza, que o devoto John poderia recusar-se a tê-lo fazendo o serviço da Coroa.

– Foi para vingar-se da mulher. Ele pegou o filho dela no meio da noite e o amarrou a uma árvore, bem em vista do quarto da mãe. Quando ela acordou, a primeira coisa que viu foram os restos rasgados e sangrentos. Foi uma evisceração terrível que tocou até os corações dos homens que lutam na guerra.

– Ele teria sido condenado – disse o rei. – E enforcado.

– E foi por pouco. O escândalo mal pôde ser contido. A família dele beirou a ruína. A reparação à viúva ofendida teria implicado perda da propriedade e compensação financeira que os forçaria à penúria.

O rei levou a taça de vinho aos lábios. Estava claro que seu conselheiro sentia medo só de pensar no homem. Se o medo podia ser espalhado por

contágio, pelo visto o vetor da praga estava bem à frente dele.

– Por que ele não foi punido?

– A solução foi sugerida pelo próprio assassino. Se a família comprasse um benefício do arcebispo, a terra seria retida, ele seria salvo da forca, e a viúva não poderia contestar o perdão que seria conferido.

– E o assassino foi feito arcebispo da diocese?

Bucy fez que sim.

– E, ao fazê-lo, a Igreja deu-lhe a oportunidade de garantir sua autoridade e riqueza.

Os dois homens ficaram em silêncio. A solução do benefício ofereceu um modo abençoadamente simples para o assassino ganhar influência, e sua família livrou-se de vez de um filho brutal e encenqueiro que lhes garantiria a ruína. Bucy continuou contando o que sabia.

– Esse homem entregou pecadores ao bispo; os acusados de blasfêmia, ele açoitou e torturou; trocou óleos santos por presentes, rosários por prazeres carnavais e, quando visitava os mortos, tomava deles todas as joias. A abominação terminou somente quando o bispo percebeu que seu padre tomava mais das vítimas dentro das dioceses do que o próprio bispo. O assassino perdeu o benefício, mas, nesse ponto, já estava muito acostumado aos prazeres que o dinheiro podia comprar.

Bispos eram poderosos, arcebispos ainda mais, e o papa podia muito bem ser a voz encarnada de Deus. O poder e a autoridade da Igreja conseguiam desafiar diretamente a autoridade da Coroa com frequência, apesar de o rei ser considerado divino, no entanto, eles terem aceitado entre os seus uma criatura assim tão má e o tirado do cargo somente quando descobriram que era mais habilidoso na extorsão do que eles mesmos davam ao rei dispensa para usá-lo. Dúvidas invadiram a mente do rei. Um assassino brutal talvez não fosse o melhor modo de enfraquecer o poder dos lordes normandos, ao matar Thomas Blackstone.

– Simon, não é suficiente deixar um cão raivoso solto pelos campos. Um homem desses nunca será aliviado com sangue; matará simplesmente por prazer. Não é ele o homem que procuramos. Seus desejos o tornam bem pouco confiável.

– Senhor, tem mais.

O rei ergueu as sobrancelhas. Um assassino que torturava suas vítimas não poderia ter mais qualidades a serem postas em bom uso.

– Dez ou onze anos atrás, ele ficou obcecado com a filha de um cavaleiro mais velho, Guyon de Sainteny – prosseguiu Bucy.

Rei John lembrava-se da lealdade tão bem quanto das traições.

– De Sainteny? Era um normando. Sim, serviu a nosso pai contra Godfrey de Harcourt e o inglês. O que aconteceu a de Sainteny?

Bucy quase não conseguiu conter o suspiro de alívio que escapou de seu peito. Era fácil distrair o rei.

– Não sei, senhor. Morto no combate antes de Crécy, sem dúvida. Era pouco importante. O que sabemos é que era pobre, um viúvo que não podia manter a filha em segurança. Até mesmo um convento não era um completo santuário.

– Então essa criatura violou a filha dele? Foi isso?

– Não. Tentou convencê-la a casar-se com ele. Ameaçou Sir Guyon, mas o velho cavaleiro desaprovava e sabia que jamais seria capaz de oferecer a proteção de que a filha precisava, então a mandou para uma casa que o homem jamais ousaria desafiar. – Bucy fez uma pausa para maior efeito. – A da Condessa Blanche de Harcourt.

A taça de vinho ficou suspensa no ar sem tocar os lábios do rei. Bucy soube, nesse momento, que o interesse de John fora finalmente aceso.

– Harcourt? – murmurou o rei.

Ele bebericou o vinho com a mente girando de antecipação ao visualizar os primeiros passos na direção de ferir os lordes normandos, incitando-o a considerar engajar-se com essa besta em forma de homem.

– Se ele matar Blackstone, deixe que fique com tudo o que possuiu. O território. As cidades. É isso que ele deseja. Ou parte disso, pelo menos. Perdoe-o e use-o – Bucy urgiu.

O rei estava em dúvida. Se concordasse, daria ao assassino status oficial e uma fonte legal de renda. John pensou no caso. O medo que esse homem criava a partir da violência que infligia valia mais do que podia ser comprado.

– Ele é filho de Satanás?

– Afirma ser o instrumento da ira de Deus, senhor. – Bucy hesitou, pensando se deveria mencionar a alcunha do assassino ao devoto monarca. – É conhecido como “le Prêtre sanguinaire”.

Rei John engoliu em seco, respirando tão rápido, que o tremelique o sacudia inteiro.

– O nome?

– Gilles de Marcy.

O nome nada dizia a John. Temer a Deus era a herança da maioria dos homens. Mas, obviamente, não desse. Grandes senhores despiam-se de sua riqueza e prostravam-se perante a Igreja quando beirando a morte na tentativa de renunciar aos desejos mundanos e ao sucesso. Tal desespero por absolvição e por purgar o orgulho de suas almas era um apelo final por misericórdia antes de serem varridos para os céus com os diabinhos de Satanás mordendo e arranhando-lhes os tornozelos. Mas um homem que alegava abraçar tão divina vingança era possuído... de quê?

– Esse Padre Selvagem. Um fanático, então. Perigoso – disse o rei John.

Bucy não tentou esconder a própria sensação de desgosto com relação ao passado macabro de Marcy, cujos atos selvagens tinham se tornado uma praga, desprezado que era por todo homem temente a Deus, fosse ele camponês ou aristocrata.

– Mais do que perigoso, milorde. É uma criatura louca. Sente prazer em torturar, saliva ao pensar na dor e a inflige com deleite. Quanto a ser instrumento da ira de Deus, se é mesmo nisso que acredita, então ele é implacável – disse Bucy.

Rei John entendeu o jogo. Sabia que Bucy escondia alguma coisa, esperando pelo momento em que revelaria uma porção crucial de informação.

– Muito bem. O que mais ele quer?

– Que lhe entreguemos a mulher que ele sempre desejou. A filha de Sainteny.

– Ela pode estar em qualquer lugar.

Bucy tornou a hesitar, querendo estender os momentos finais de suspense, como o barão traidor fizera com ele.

– É a esposa de Blackstone, e que Deus a proteja se soltarmos esse homem.

O rei exclamou baixinho; a sensação de vitória acalmou sua ansiedade.

O sol do inverno queimara a neblina do rio, transformando-a em vapor. Ele cavalgaria com seus falcões favoritos e os veria rasgar o bando de pombos indefesos com sanguinário terror.



CAPÍTULO OITO

Blackstone esperara quase três semanas antes de visitar o amigo, precisando de tempo para refletir sobre a decisão de não fazer mais campanha até o fim do ano e manter suas cidades intactas, bem-supridas e disciplinadas durante os meses seguintes. Em Meulon e Gaillard ele podia confiar para manter suas guarnições em ordem, e Guinot jamais permitiria que alguém desafiasse sua autoridade. Mas Blackstone ainda teria que viajar durante o verão para garantir que sua liderança permanecesse inquestionada entre as guarnições menores e solares que juravam lealdade a ele. Guerreiros precisavam lutar e, se não houvesse inimigo comum entre eles, era provável que se virassem uns contra os outros. Conde Jean de Harcourt merecia uma visita por respeito e amizade, e Blackstone ficava satisfeito em conceder – mas segundo os próprios termos. Era um capitão independente de homens que não buscavam favores de ninguém.

Blackstone direcionou seu cavalo para a trilha que circundava o fosso externo do Castelo de Harcourt, com sua amplitude e profundidade ainda tão formidáveis quanto quando ele cavalgara por ali como um arqueiro jovem sob as ordens de Sir Godfrey de Harcourt. Richard, seu irmão, equilibrara-se no esquife, e sua grande força sustentara Blackstone para escalar a janela baixa que agora ele podia ver quando o grupo virou seus cavalos para a muralha exterior. Escondidas nos confins do castelo estiveram brigadas que assassinaram os serviçais, mas, felizmente, não a família Harcourt, que estava fora. Porém, o tesouro que Blackstone encontrara escondido num corredor estreito foi a moça que ele colocou em segurança: Christiana.

– Senhor Harcourt tem grande estima pelo senhor, Sir Thomas – disse Guillaume, quando o castelo entrou em seu campo de visão. – Vejo que cortaram a borda da mata mais à frente no portão norte, como sugeri. – Ele se ergueu na sela. – E tem mais homens na muralha.

– Todos devemos nos preparar para o pior, Guillaume – disse Blackstone.

As sentinelas gritaram seu aviso, a que Guillaume respondeu.

– Então acha que deveríamos trazer Gaillard e Meulon com mais homens para o solar? – perguntou o escudeiro enquanto os cavalos passavam por debaixo do arco, e as sentinelas de Harcourt gritavam para serviçais que viessem correndo pegar os cavalos.

– No instante em que alguém vier pelo vale, saberemos a tempo, e ninguém pode nos sitiar com os lordes normandos nas costas. E lembre-se, Guillaume: ninguém em Paris sabe em quais das minhas cidades estou a cada momento, então o rei não arriscaria nos alertar, atacando aleatoriamente.

Blackstone viu Blanche de Harcourt aparecer debaixo do rastrilho erguido e cruzar a ponte de madeira que cobria o fosso interno. À frente dela, Marcel, o criado pessoal, corria para eles, baixando o rosto por respeito.

– Milorde, Sir Thomas, seja bem-vindo, como sempre, à casa de meu mestre. Apreciamos sua vitória. Milady Blanche pede que eu os leve até ela.

Blackstone olhou para o fiel serviçal de Blanche. O homem estivera presente na época em que Christiana cuidara dos ferimentos do inglês, que levou certo tempo para reparar que era o velho homem o verdadeiro confidente de Blanche, e não o marido. Marcel cumprimentou o escudeiro com um movimento curto do rosto.

– Mestre Guillaume, é bom vê-lo de novo.

Os cavalos foram levados dali por cavaleiros, e Blanche de Harcourt chegou mais perto, quase podia ouvi-los.

– Você está bem, Marcel? – Blackstone perguntou, vendo os hematomas no pescoço e no rosto do serviçal.

– Estou, Sir Thomas – ele respondeu sem hesitar por nenhum instante, ignorando o ferimento. – Caí descendo a escada no celeiro. Receio que a idade tenha me deixado mais desajeitado do que eu gostaria.

Blackstone viu a expressão momentânea de pesar nos olhos do homem. Ele estava mentindo.

– As dores são a maldição de todos nós que moramos neste lugar úmido e pegajoso, Marcel. – Blackstone estendeu o braço torto o máximo que pôde. – Também sinto o fisgar em meus ossos, e tenho alguns anos ainda até chegar à

sua idade. E pelo jeito que correu pelo pátio parece que ela não está lhe fazendo tão mal assim.

Blanche de Harcourt juntou-se aos homens e beijou Blackstone nas bochechas.

– Finalmente, Thomas, veio até nós. Agora, deixe-me levá-lo até Jean, que está na biblioteca. Ele ficará ainda mais contente em vê-lo. – Ela se virou para Marcel. – Leve mestre Guillaume para a cozinha e garanta que lhe deem tudo de que precisar.

Guillaume curvou-se, agradecido.

– Milady.

Blanche passou o braço pelo de Blackstone e o levou até a entrada do castelo. O cavaleiro deixou os olhos vagarem pela cortina de paredões, interrompidos por meias torres. Fora tudo reforçado em diversos pontos desde a última vez que ele visitara o local.

Blanche de Harcourt parecia nervosa, embora controlasse a voz com cautela.

– Jean é fervoroso nas orações. Ainda está chateado com a execução de Bernard d’Aubriet, e não posso culpá-lo, Thomas. O rei tomou uma decisão cruel e injusta. Desde que meu marido retornou de Paris, passa o tempo entre a capela e a biblioteca. Ele se tranca lá e planeja o que deve ser feito. – Blackstone sentiu a mão da mulher apertar-lhe mais o braço. – Ele precisa de você, Thomas. Às vezes a tensão é insuportável, porque ele sente que esse é chegado o momento da Normandia e a chance de influenciar o que acontecerá ao rei.

– E teme um ataque – disse Blackstone, fitando as muralhas.

Ela sabia que Blackstone era observador o bastante para notar as mudanças feitas no local em que passara anos se recuperando dos ferimentos e sendo atraído para a família Harcourt, que ele e Christiana visitavam diversas vezes ao ano. Ela fez que sim. O cavaleiro sentiu mais tristeza que medo.

Ele olhou para ela.

– Marcel nunca tropeçou em todos os anos que o vi aqui. Podia andar por todo este castelo à noite, no breu, e não tropeçava. É leal a você, Blanche. O que está acontecendo?

Por um momento, ela não respondeu. Blackstone sentiu que a mulher cedia, como se o sofrimento a dominasse – foi quase imperceptível, mas ele reparou; ela, então, se firmou, resoluta, pondo ferro nos ossos, e cedeu.

– Guy de Ruymont esteve aqui semana passada. Jean o viu conversando com Marcel nos estábulos. Deu uma moeda de prata ao Marcel. Jean achou que Guy o estava questionando sobre o que acontecia aqui... que Guy não confiava nele para carregar o fardo nas costas.

– Jean espancou Marcel.

Ela fez que sim.

– Foi uma tolice. Guy estava recompensando Marcel por ter cuidado de Joanne e das crianças quando estiveram aqui. Sabe como Marcel se dá bem com as crianças; elas montam nele como num burrinho. Os medos de Jean têm crescido demais, estão desproporcionais. Pensou que estivesse sendo traído e espancou Marcel. Tive que impedir. Tentar manter os lordes que apoiam Charles de Navarre na linha está se mostrando tarefa difícil. Jean não lida bem com a tensão. E, se continuar desse jeito, cometerá erro ainda maior. Todos sabemos que não se pode confiar em Navarre. O que seria preciso para que se virasse contra Jean e os outros? Nada mais do que outro acordo com o rei.

Eles chegaram ao salão interior, onde tochas ardiam em arandelas de ferro, banhando os corredores com luz irregular. Blackstone achou que ela fazia os corredores de pedra lembrarem uma cripta, com o frio assentado à meia-luz. O baque de algum objeto arremessado ecoou do salão principal, seguido pelo guinado de um cachorro. Blanche agarrou o braço de Blackstone, com inquestionável preocupação estampada no rosto.

– Thomas, tome cuidado. Ele andou bebendo.



Jean, o quinto conde de Harcourt, uma das famílias mais proeminentes da Normandia, estava bêbado. Despejava sua raiva nas sombras que o atormentavam no salão principal, para os demônios criados nas paredes pela luz do fogo. Sua ira, seus berros e seus gritos de autocomiseração mantinham tanto criados quanto familiares longe do surto de violência. Bancos e

banquetas, ele os arremessava, e geralmente mirava nos cachorros, que se escondiam nos cantos mais distantes do cômodo, choramingando de medo e estupefação.

Harcourt cambaleou, sacou a espada e meteu-a na tapeçaria que zombava dele: uma grande cena de caça com um nobre e seu falcão atacando um pombo, um veado de coração fincado por uma lança e uma mulher admirando-o, ao lado. Fios dourados foram entremeados junto aos ornamentos das figuras. Um nobre senhor e sua dama. Época de grandes alegrias. E que mais? Riqueza. Confiança. Autoridade.

O vinho lhe desceu pelas roupas quando ele virou a taça na boca. A honra o desertara. Que vergonha maior poderia recair sobre um homem?



Blackstone aguardou mais um instante antes de pôr seu peso contra a maciça porta. O rosto de Blanche de Harcourt contorcia-se de angústia.

– Há quanto tempo ele está aí? – perguntou Blackstone.

Ela hesitou, sem querer condenar as atitudes do marido.

– Chegou em casa pouco depois do alvorecer. Ficou aí o dia todo. Nunca o vi desse jeito, Thomas. – Blanche recuou. – Ele encontrou William de Fossat e Rabigot Dury. Havia outros. Não sei quantos. – Ela desviou o rosto de Thomas, como se para aceitar o inevitável. – E Charles de Navarre.

William de Fossat fora, um dia, adversário de Blackstone, mas, desde então, os dois passaram a lutar lado a lado. Contudo, a associação recente de Harcourt com Charles de Navarre e outros nobres descontentes aumentava o espectro de homens violentos com intenção de infligir sua vontade contra o rei francês.

– Não sei por onde ele andou esses últimos três dias, mas quando voltou, hoje de manhã, as roupas estavam manchadas de sangue.

Blackstone abriu a porta do grande salão e a fechou com cuidado. A luz das chamas era a única iluminação da sala, e ele teve que olhar para as sombras para encontrar a forma quase largada de Jean de Harcourt. Blackstone avançou com cautela. Um cavaleiro bêbado com uma adaga na cinta e uma espada na mão podia conjurar um exército de demônios de dentro de si.

– Jean – Blackstone chamou gentilmente. – Jean, é o Thomas. Está me ouvindo?

Harcourt levantou-se, olhando confuso na direção do amigo. Blackstone tinha altura comum a muitos homens, e a luz das tochas lançava uma sombra sinistra e comprida atrás dele. O lorde normando recuou como se um dos demônios de Satanás tivesse vindo buscar sua alma. E, quando o cavaleiro da cicatriz chegou mais perto, Harcourt colou as costas à parede, pronto para lutar.

– Fique aí! Não chegue mais perto! – rosnou Harcourt.

Blackstone viu o medo confuso pela embriaguez e soube que o amigo não o tinha reconhecido. Preso em seu tormento, Harcourt não via nada além do que sua mente distorcida projetava.

Quando Blackstone chegou mais perto, foi erguendo a mão num gesto tranquilo, na tentativa de acalmar a loucura atizada pelo vinho.

– Jean, baixe sua espada. Sou eu, Thomas Blackstone. Você está assustando Blanche e as crianças.

Como uma fera encurralada, Harcourt preparou-se para atacar.

– Baixe sua espada! – Blackstone gritou, torcendo para que o comando penetrasse na consciência do homem.

O efeito foi oposto. Com um berro de desafio, Harcourt avançou, erguendo o braço para então mergulhar a lâmina, cruzando, forte o bastante para seccionar um braço ou abrir um homem do pescoço ao peito. Blackstone girou, permitindo que o ataque tirasse o equilíbrio de Harcourt. Ele meteu o punho no crânio do amigo, que caiu como se golpeado pelo cabo de um machado. Quando Blackstone inclinou-se e agarrou o manto do amigo para levá-lo até a cadeira, um dos fiéis cães veio correndo, rosnando, para defender seu mestre. Blackstone virou-se, oferecendo o braço coberto pela túnica, e sentiu os dentes esmagadores juntando-se nele; os outros cachorros começaram a atacar. Blackstone sacou sua adaga, cortou a garganta do cachorro e chutou sua carcaça trêmula contra eles. Por um momento, o sangue do companheiro os confundiu e dispersou, concedendo momentos preciosos antes de retomar o ataque. Blackstone arrastou o amigo até a porta e, sem cerimônia, jogou-o no corredor, e bateu a porta no instante em que os

cachorros chegaram ali, aos latidos, persistindo no fungar e arranhar, enquanto o inglês se virava para ver a cara de choque de criados e Blanche de Harcourt.

– Levem milorde para seus aposentos e cuidem dele! – Blackstone ordenou, quebrando o feitiço da incerteza.

Mãos dispostas juntaram o corpo esparramado do mestre.

– Santo Deus, Blanche, que foi que ele fez?

Ela sacudiu a cabeça, com uma das mãos fechada em punho pressionando, sem ela notar, a boca. Blackstone viu lágrimas juntando-se nos olhos dela, mas a mulher logo recobrou o controle de si.

– Seja lá o que fez, rasgou-o ao meio e congelou-lhe o coração. – Ela estendeu as mãos e beijou o rosto marcado do inglês, por gratidão. – Passe a noite com ele, Thomas. Ele não vai querer me ver enquanto a mente não clarear e esse tumulto esvanecer.

Blanche virou-se e foi embora.

Blackstone xingou baixinho. Cuidar de Harcourt feito uma ama de leite seria um teste para a amizade. Matara o cachorro favorito do homem e arremessara seu corpo ao chão. Não havia nada a fazer além de seguir o barulho dos esforçados serviçais ao carregar seu mestre. Seria uma noite muito longa.



O amanhecer trouxe consigo um frio de gelar os ossos. Harcourt fez que ia vomitar, com as mãos esparramadas em súplica no assento da latrina. Vomitou de novo e cuspiu o resíduo dos lábios. Grunhiu como um homem padecendo de um ferimento de batalha, depois rolou de lado para livrar-se do fedor. Blackstone ofereceu-lhe um jarro de água; ele o pegou com as mãos trêmulas e virou em cima da cabeça, sem ligar para a água que lhe encharcou as roupas e fez uma poça no chão.

– Está feito, Thomas. Não há como impedir o assassinato quando as pessoas estão focadas nisso.

Blackstone permaneceu em silêncio e jogou um pano para Harcourt, para limpar o rosto. Seu amigo e mentor vacilou ao levantar-se e começou a tirar

as roupas até ficar só de camisa. Ele se largou em uma cadeira e serviu-se de vinho, com os olhos fitando Blackstone por cima da borda do cálice enquanto ele bebia, sedento, esperando que o inglês ficasse bravo e o repreendesse.

Em vez disso, ganhou um cobertor para aquecer-se.

– Você não é um assassino, Jean. Sei disso.

Harcourt puxou o cobertor por cima do corpo e desviou o olhar. Os campos da Normandia esticavam-se no horizonte até onde sua herança alcançava – aos tempos dos vikings. Sua nobre família servira a reis franceses desde que o primeiro escriba cristão fora encontrado para deitar em registro a história dela. Essa história fora já fraturada por divisões, mas, apesar das intrigas e conspirações, tudo que Harcourt sempre quisera era que os normandos permanecessem autônomos e decidissem para qual senhor deveria ser jurada sua lealdade. Se ao menos o rei Edward tivesse tomado a Coroa quando tivera chance, após a grande batalha de Crécy, todos aqueles anos antes... Quem dera.

Blackstone sentou-se num banquinho, observando seu mentor e amigo, cujo envolvimento em sua vida era como uma tapeçaria de seu passado. Cada nó trançado os unia ainda mais apertados. Após a primeira grande batalha de Blackstone, foi preciso um ano para seus ferimentos serem curados, e mais um para que suas forças retornassem, época em que a Grande Peste já tinha varrido toda a Europa, dos portos tomados pelas pragas de Genoa e Marselha. Nesse tempo, o inverno ferrenho isolara as vilas e cidades em torno do Castelo de Harcourt, evitando o ataque assolador da peste e estendendo a vida até a primavera seguinte. Cinquenta mil morreram somente na cidade papal de Avignon; mais ainda em Paris. Por toda a França, bandeiras pretas eram erguidas em cada vilarejo arruinado pela praga. Corpos eram empilhados nas sepulturas de massa; algumas famílias contaminadas eram emparedadas dentro de casa e queimadas.

Mas praga nenhuma os ameaçara quando o jovem Blackstone foi mantido em segurança na bonança do castelo, sob as ordens do rei inglês. A ameaça da época era de outros nobres normandos, que odiavam os arqueiros que tinham assassinado tantos de seus conterrâneos. Blackstone passara muitas horas, todos os dias, recobrando as forças de seu corpo. O braço quebrado

jamais empunharia um arco de guerra novamente, porém, em vez disso, carregaria um escudo que absorveria o mais intenso dos golpes de espada, machado e clava. Foram esses meses de duro treinamento em luta de espada sob a tutela de Jean de Harcourt que fizeram do arqueiro um guerreiro homem de armas, e nem Harcourt nem qualquer outro cavaleiro experiente entre seus amigos era melhor que Blackstone no combate. Para não correrem risco de serem feridos, eles cediam quando o inglês os forçava à submissão. A selvageria implacável de seus ataques lembrava os franceses de outros ingleses que testemunharam na frente de batalha: Cobham, Killbere e de Bohun, mas não havia como alguém saber que o que percorria os músculos e nervos de Blackstone eram raiva e remorso enjaulados. Cada golpe executado com a espada tomada do cavaleiro alemão que chacinara seu irmão em Crécy era uma tentativa desesperada de sanar a culpa que sentia por ter falhado em protegê-lo. Era uma violência alimentada ao longo dos anos seguintes, nos quais ele foi tomando cidades e vilas e deixando sua marca nos franceses. E agora tinha sido chamado para salvar o amigo... de quê?

– Não ergui a mão a tempo de impedir – respondeu Harcourt, e relatou o ato vil. – Matamos um homem que achávamos que estava nos atraindo para uma cilada. Um encontro clandestino foi arranjado com o filho do rei. Um dos outros ficou desconfiado. E fomos confundidos por nossas suspeitas. – Harcourt chacoalhou a cabeça. – Descobrimos que o pobre bastardo era inocente de qualquer suspeita. E pior ainda... era primo distante... de Blanche. Santo Deus, ela não faz ideia de que o rapaz estava envolvido. Se algum dia descobrir... – Enxaguou de novo a boca e cuspiu. – Enterramo-lo e voltamos para casa feito cães selvagens.

Blackstone sabia que o amigo jamais se perdoaria por não ter impedido o assassinato. Fora manchado pela marca invisível de um ladrão: um ladrão que lhe roubara a própria honra. Não havia por que arrastar o sofrimento do homem. Não era hora de ser compassivo.

– Fique quieto, e ela nunca saberá. Confie em mim, sei como é guardar segredos que enegrecem a alma. Pelo amor de Deus, o rapaz foi a vítima. Você joga esse jogo de reis, Jean, e as pessoas morrem. Abra os olhos – disse

Blackstone, deliberadamente provocando o amigo para sacudi-lo e arrancá-lo da autocomiseração.

– Você não entende? Não é só a morte do rapaz. Os riscos aumentam quanto mais barões trazemos para nossa causa. Não conseguimos caminho livre para remover esse rei. Somos pouquíssimos. Não temos o que fazer!

– Você é um fraco! – Blackstone retrucou. – Choramanga. Cambaleia por aí feito cego no escuro. Mantenha aqueles em quem confia perto de você. Seja seu próprio mestre. Cedo ou tarde o rei descobrirá quanto o filho está preparado para escutar você, que planeja com Navarre colocar a ele ou o Delfim no trono. E então o atacará. Aguardará o momento certo. Ele quer que coloque sua cabeça na forca. É um tolo de pavio curto, mas não o atacará enquanto não estiver pronto. Seja qual for o caminho que escolher, mantenha a cabeça fria. Escolha um caminho e lute.

Harcourt ficou ali pasmo, como se a resposta de Blackstone fosse um soco na cara. Após um momento, fez que concordava. Era um lorde normando, e esse homem comum a quem ele confiara amizade acabava de trazê-lo de volta à consciência.

– Vista-se – disse Blackstone –, vou mandar que levem comida à biblioteca. Harcourt fez careta.

– Não para você, maldição. Estou faminto.



CAPÍTULO NOVE

A biblioteca estava como sempre estivera. Abarrotada de pergaminhos e manuscritos, mapas abertos sobre a placa de castanheiro que servia como mesa, era aquecida pelo arco de calor que irradiava da lareira de pedra enquanto Blackstone terminava o prato de comida que lhe fora trazido. Ninguém mencionava o que acontecera no quarto. Sóbrio, Harcourt parecia-se mais com sua pessoa de sempre, entretanto, havia ainda uma inquestionável tensão no homem.

– Era para você ter vindo dentro de uma semana, Thomas, foi o que prometera.

– Não prometi nada, Jean. Foi você que pediu. Não podia ter saído de casa antes disso – disse Blackstone, empurrando o prato.

– A esposa não deve prender o homem em casa – respondeu Harcourt, servindo vinho para os dois.

– Tenho vilas a cuidar e dados a computar. E queria passar um tempo com Christiana e as crianças.

Blackstone viu o amigo dar de ombros e voltar sua atenção para as chamas.

– Há questões mais sérias que o incomodam. Vou escutar, mas não me peça para me envolver.

Estava claro que os barões normandos ainda não tinham chegado a uma conclusão quanto ao curso de ação para apoiar Charles de Navarre em sua empreitada de usurpar a Coroa francesa. Mensageiros cavalgavam diariamente entre cada um dos domínios, seguros ao saber que as tropas francesas não infiltrariam seu território, mas cautelosos o bastante para garantir que as mensagens fossem breves, de modo que, caso o mensageiro caísse, por acaso, nas mãos do rei francês, o conhecimento das informações que carregava fosse limitado. Mas não importava qual curso de ação seria finalmente escolhido, Harcourt preferiria que Blackstone e seus homens,

daquelas cidades espalhadas por toda a Normandia, estivessem prontos para lutar ao lado deles caso fosse preciso.

– O príncipe de Gales talha seu caminho ao sul, Thomas – disse Harcourt ao colocar um pouco mais de lenha no fogo. Blackstone afagava as orelhas de um dos cachorros que repousava a cabeça em seu joelho, confortando o nariz geladinho com o cheiro do manto do cavaleiro. – E nós, tão dóceis quanto esse cão, esperamos pela palavra do rei Edward de que temos seu apoio – acrescentou, incapaz de esconder a irritação.

– E quanto aos outros? Estão de acordo? Está em contato com eles? – perguntou Blackstone.

– Diariamente. Todos, exceto Graville...

Harcourt hesitou, parecendo inseguro do que dissera.

– Que tem ele?

– Está passando um tempo em Paris – admitiu Harcourt.

– Anda falando com o rei? – Blackstone perguntou.

Os traidores brotavam em qualquer lugar.

Harcourt fez que não.

– Corteja o Delfim e fica à espreita, nos bastidores, sussurrando palavras de encorajamento quando precisa. O Delfim é nossa chave para entrar.

– Mas passa mais tempo em Rouen, não Paris.

Harcourt sabia qual era a dúvida de Blackstone.

– Graville é leal, Thomas. Ele lhe enviou seus velhos criados como gesto de boa vontade, não foi?

– Então por que Paris? Tem uma puta favorita lá? – Blackstone insistiu.

– Graville! – Harcourt riu do ridículo. – Ele não é como nosso amigo Fossat, que cavalga para longe daquela esposa de cara azeda dele para deitar-se com uma filha de mercador.

– William tem uma amante? – disse Blackstone.

– Aye. Tetas brancas feito leite, tímida como botão de rosa na primavera. Ouvi dizer que se abre toda quando ele a toca. Ele prometeu ao pai da menina ajudar a comprar um título de nobreza. Não, Graville vai a Paris ver um padre. Sabe que o homem é religioso à beça. Leva a sério. – Ergueu o dedo em um gesto rápido. – E, antes que pergunte, é o padre com quem ele se se

confessou por vinte anos em Rouen, e está agora em Paris. Um homem pode ser mais fiel ao confessor do que à sua puta favorita.

Harcourt encheu as taças dos dois de novo.

Blackstone perguntava-se até que ponto seu amigo e os outros lordes normandos chegariam para tirar a coroa de John. Tentariam matá-lo, como diziam os rumores? Ouvira dizer que um complô da parte do primo e genro do rei, Charles de Navarre, e outros barões incógnitos fora forjado meses antes, contudo, o fato de que o filho do rei, o Delfim, estava aparentemente envolvido não era de se surpreender. Dizia-se que o rei assumira as dívidas do filho para mantê-lo próximo. Vai saber. Os rumores eram tão corriqueiros quanto as moscas que incomodavam o cachorro que cutucava a mão do inglês, querendo atenção.

– Jean, sabe tão bem quanto eu que Edward não confia em Navarre. Você mesmo me disse. Quantas vezes o homem fizera tratos com Edward e depois usara essas promessas para negociar um contrato melhor com o rei John? Navarre joga dos dois lados, e você e os outros não enxergam isso.

Harcourt cutucava as toras incandescentes com um cetro de ferro.

– Usamo-lo para influenciar o Delfim. Se o garoto pode ser influenciado por alguém, esse alguém é Navarre. Charles é de sangue real, não nos esqueçamos disso, e conquistou metade da corte francesa, então, pouco a pouco, chegamos perto de conquistar o que desejamos. Parto amanhã para um encontro na casa de Guy de Ruymont. Alguns dos outros participarão.

Ele parou de esfaquear as chamas e largou a barra num gesto curto de frustração.

– Edward verá que o charme de Navarre e sua astuta persuasão nos garantirão a Coroa. Usaremos Navarre para nos ajudar a convencer o Delfim de que ele deveria governar no lugar do pai, ou deixaremos que Navarre mesmo use a coroa. De todo modo, triunfaremos, e nós, normandos, finalmente teremos o controle do próprio destino. O que Edward tem de fazer é invadir e investir contra o rei John firme e ligeiro pela Normandia. O príncipe de Gales ao sul, e Edward ao norte. Entregaremos a Normandia para ele, e juro que ainda mais lordes franceses virão para o nosso lado – disse ele, largando-se na cadeira junto à lareira.

Saboreava o conforto de não haver tido mais incursão alguma nos territórios normandos após as notícias do sucesso de Blackstone, que despojara o rei John de uma guarnição estratégica e permitira aos gascões avançarem e garantirem vitória ainda maior.

– É um sinal, Thomas. – Harcourt esticou as botas perto do fogo. – John está fraco, não tem mais dinheiro; o máximo que pode fazer é fortificar Paris. Por que acha que escolheu executar Bernard? Precisa do povo e das companhias de comércio prontos para lutar. Mas você o feriu. Pegou o dinheiro dele, cutucou-lhe o orgulho e o enfraqueceu. E ele não pode fazer nada com relação a isso. Nada! – disse o homem, quase não contendo a empolgação do triunfo. – Acabaremos com esse rei se pudermos convencer Edward a agir logo. Estamos negando as taxas a John. Nenhum de nós paga nada.

Blackstone afastou o cachorro e inclinou-se à frente. Os normandos estavam cegos para a realidade.

– Tomaram a decisão errada. Isso lhe dará mais desculpas para achar um jeito de atacar vocês, e não pagar impostos é traição. Estão botando lenha na fogueira sem necessidade. Paguem o que devem. Isso lhes comprará mais tempo e não dará desculpas ao rei.

Jean de Harcourt fitou o homem dez anos mais novo que ele; havia muito já não era mais o garoto que ele treinara para se tornar um homem de armas. O cavaleiro gasto pelo tempo que tinha à sua frente sobrevivera e tivera sucesso onde muitos julgaram que morreria no fracasso. Tinha uma cabeça boa apoiada nos ombros, que funcionava tão habilmente quanto a espada.

– Deveríamos tê-lo nomeado como nosso embaixador junto a Edward. Enxerga a questão clara e rapidamente. Tem razão; garantirei que alguns deles paguem, como exemplo. E só. Nada de apoio. Vamos sufocar o tesouro do rei, mas ele se arriscaria a nos varrer do caminho sem um exército?

Harcourt precisava que Blackstone se juntasse a eles, mas o cavaleiro tinha razão: estavam fraturados demais em sua conspiração. Motivo ainda melhor para persuadi-lo. O francês pesou as palavras com cuidado.

– Thomas, o rei pode erguer um exército de trinta mil se convocar o *arrière-ban*. Nossos barões têm somente umas poucas centenas, a maioria,

aldeões, um punhado de guerreiros. Entende nosso problema?

O que Blackstone via era que os lordes normandos estavam brincando com fogo, mas ele estava em dívida com Harcourt por sua amizade e proteção em todos esses anos.

– Então paguem o que ele pede e mantenham distância o máximo que puderem – respondeu ele. Blackstone não tinha vontade alguma de ser trazido para o conflito do amigo. – Faça o que achar melhor, Jean. Navarre tem tropas. Pode trazê-las de navio do sul para os portos da Normandia; tem guarnições aqui, tem o apoio dos outros lordes. Não precisa de mim.

Dava para ver que Harcourt não se ateria à paciência por muito tempo, e o inglês não queria forçar tão duradoura amizade – amizade vivaz que passara por frequentes desacordos, mas o respeito mútuo dos dois homens formara ligação tão próxima quanto a da espada com a bainha.

– Defende suas cidades em nome de Edward...

– Já passamos por isso, Jean – Blackstone interrompeu. – Tenho salário de quinhentas libras pago pelo tesouro inglês. Não é suficiente. É uma recompensa pela minha lealdade e pelo que fiz em Calais, só isso. Mesmo assim, tenho que sair em campanha e lutar para manter aquelas cidades sob o nome dele. Se Edward pedir minha ajuda, ele a terá.

– E nós? – disse Harcourt, bravo.

Blackstone desviou o rosto e fitou o fogo crepitante. Uma faísca estalada no lugar errado poderia atear fogo na Normandia. O rei John entraria em guerra contra os normandos se fosse forçado a tanto – estavam jogando um jogo de tolos. Não estavam prontos para atacar, não ainda. Precisavam que o Delfim ficasse do lado deles, que fosse guiado sob a tutela de Charles de Navarre. Era um homem cujo charme poderia compelir toda a nobreza a garantir que a Coroa ficasse com o jovem Delfim. E então, que jogo se seguiria? Edward veria o garoto como um oponente mais fraco? Navarre usaria seu sangue real para reivindicar a Coroa? Blackstone amaldiçoou, em pensamentos, as ambições sedentas de poder de todos eles. Mas era um inglês vassalo do rei. Mal pôde disfarçar um suspiro quando a verdade o encarou. Era melhor, por acaso? Lutara e tomara terras para estender o próprio território. Não havia

dúvida de que existiam homens que desejavam ter o que ele tinha e o tomariam se pudessem. Era um jogo que jamais se extinguiria.

– Edward espera demais, Thomas – disse Harcourt. – Temos que fazer o possível para nos livrarmos desse rei. E quanto antes melhor.

– Vá com calma – disse Blackstone. – Não se pode confiar em Navarre. Não tenho como saber o que Edward tem em mente, mas ele planeja com cuidado. Como você deveria fazer. Vai atacar quando estiver pronto. Acalme-se, pelo amor de Deus; a história os aguardará.

Harcourt levantou-se de súbito, punho cerrado de raiva.

– Nós *somos* a droga da história! Maldito seja, Thomas! Pense nos seus antepassados. Não foram os franceses que invadiram sua ilha bárbara; fomos nós! Os normandos! Nós mudamos a história e vamos mudá-la de novo. Seus reis vêm daqui!

Uma veia pulsava na têmpora do homem. Blackstone não se lembrava de tê-lo visto assim antes. O que poderia fazer para acalmá-lo?

– Jean, minha presença aqui na Normandia é um entrave?

A pergunta perturbou os pensamentos de Harcourt por um instante.

– Como?

– Eu estar aqui, depois do que aconteceu em Saint-Clair. O rei John quer tanto a minha cabeça que cruzaria a Normandia atrás dela? Sou eu a desculpa dele para vir atrás de você agora em vez de esperar que você dê o passo seguinte?

– Ele não pode nos atacar, e sabe disso – respondeu Harcourt, a mente distraída pela pergunta do amigo.

– Porque, se for esse o caso, eu levaria minha família ao sul, até Bordeaux. Os senescais de Edward nos darão refúgio entre os gascões até que seus assuntos sejam resolvidos.

– Santo Deus, Thomas! Em um minuto, é sábio como Salomão, no outro, banca o aldeão burro! Quero você *aqui*! Quero você pronto para juntar seus homens e nos dar apoio.

– Então, quando chegar a hora e o rei Edward precisar de você, estarei pronto. Eu sirvo ao meu rei, Jean, não importa de onde vieram os ancestrais dele.

Blackstone sorriu, deixando que sua segurança aplacasse o amigo. Harcourt rangia os dentes. Foi uma resposta boa. Ele fez que concordava, mas não disse nada. Blackstone imaginava quanto tempo esses normandos levariam para agir. Foi olhar para fora, pela janela do *château*; estava no coração da terra que o nutrira e lhe dera a vida. Que tinha dívida para com Jean era inegável, tanto quanto seu amor pelo homem e sua família, que era quase tão profundo quanto por sua própria. Sabia que o amigo aspirava à paz, mas não a qualquer preço. Vinha de uma família nobre, oprimida pela honra, e os nobres inferiores procuravam Harcourt por sua liderança. Guerreiros precisavam encontrar força – raramente falada, mas demonstrada por gesto e coragem –, que, em geral, vinha dos que lutavam lado a lado com eles.

– Jean, eu sirvo ao meu senhor, mas daria minha vida por você – Blackstone disse baixinho.

A expressão austera de Harcourt passou para uma carranca rabugenta e seus olhos encheram-se de lágrimas.



Blanche de Harcourt era nobre por direito. Quando o pai, o Conde de Aumale, morrera, sessenta anos antes, a herança e o título passaram para ela. Possuía riqueza e autoridade independentes dentro de sua região de nascimento, mas fora colocada de lado quando assumira o posto de senhora do Castelo de Harcourt e esposa de um lorde guerreiro. Anos antes, quando os ingleses invadiram e seu marido saíra para enfrentá-los na guerra, ela se armara e defendera o castelo da mãe, em Noyelles. Foi lá – quando os ingleses cavalgaram por Blanchetaque e mataram muitos cavaleiros da Borgonha – que ela oferecera abrigo para um jovem pajem e seu senhor moribundo. Quão próxima era essa lembrança: sua protegida Christiana fora salva por um dos arqueiros do rei Edward. Blanche fora assegurada de que o castelo não seria atacado; não tivesse sido, teria derrubado o homem que acompanhava a garota: o arqueiro que ela veio a conhecer como Thomas Blackstone. Nada a teria feito aprovar a companhia de tão odioso inimigo não tivesse mais tarde ela descoberto que ele oferecera socorro ao cavaleiro ferido que ela abrigara e escondera em um cômodo adjacente. Mesmo assim, seu

coração não conseguia realmente perdoar... mas o mistério de Deus desdobrou-se ainda mais depois de Crécy, quando Thomas Blackstone foi trazido para eles, quase morto. Enquanto Christiana tomava conta dele, Blanche começou a tolerar a presença dele lentamente e então...

A dama baixou o bordado que tinha em mãos e deixou que as imagens rolassem pelos anos anteriores. E então... acabaram aceitando e passaram a amar o homem de armas que o arqueiro se tornou.

Agora ela sentia alegria em salvar o bem-estar do marido. Nos bastidores, ela garantia que o capataz do marido cuidasse dos afazeres da propriedade e que os serviçais da residência tocassem suas atividades de modo eficiente. A comemoração do aniversário de Henry Blackstone estava a poucas semanas de acontecer, e o evento reuniria todas as famílias. Ela estava animada. Pelo menos se divertiriam um pouco, e as mulheres poderiam contar as novidades, fofocas e rumores. E era uma distração, graças a Deus: hora de livrar-se de todo o cansaço do dia a dia, que se tornara tão frágil pelas incertezas. Ligeira, ela passava a agulha pelo material esticado; a imagem lentamente tomava forma, mas sem erro. Qualquer coisa que aliviasse a tensão acumulada era bem-vinda. Independentemente do que acontecesse, ela estava determinada a dar a festa, e admitia para si mesma que era mais benéfico para ela e os amigos do que para as crianças.

Os aposentos de Blanche eram um local de conforto no qual uma grande janela lhe dava boa luz para sentar-se e se concentrar no trabalho com a agulha. Mas sua concentração falhava, e os pontos acabavam repuxados quando, em tempos como esses, suas mãos tremiam. Estava preocupada com o jogo perigoso do marido. Quase ficara aliviada de Blackstone estar ausente em campanha nos meses anteriores, porque lhe dera motivo para passar o Natal com Christiana e ficar mais tempo com ela, dando a Jean a desculpa de que a mulher precisava de companhia quando o marido saía para combater. Christiana podia, sim, estar casada, mas, no coração de Blanche, a moça seria sempre sua protegida. Exceto que agora era a guardiã que precisava do conforto da companhia da mais jovem. Como Condessa, ela jamais confessaria os medos para uma moça, mas simplesmente estar na companhia

dos jovens, com sua resiliência à desgraça e a abençoada ignorância do que podia fazer no horizonte, era um bálsamo.

Os olhos da Condessa pousaram no veludo rico que tinha entre os dedos, pelo qual ela cozia fios verdes e dourados. Escutou vozes na ala interior e foi espiar, vendo Jean e Blackstone caminharem até a ponte sul, entre as torres. Foi possível notar que não havia animosidade entre os dois, pelo que ficou grata. Após a execução em Paris, o marido e os outros lordes normandos pareciam determinados a vingar a morte de Aubriet. Nunca antes ela vira o marido tão teso de tensão. Algo dera muito errado duas noites antes e, apesar de sua gentil influência sobre ele, sabia que havia assuntos que nunca seriam partilhados. Quem sabe, pensava ela, o marido procurasse mantê-la na ignorância como meio de protegê-la. Blackstone devia tê-lo acalmado – como homem tão maturado em guerra conseguia tal feito ela não sabia, mas sentiu-se grata mesmo assim.

Deixaria que os dois conversassem mais: vê-los juntos firmou-lhe as mãos ao entrelaçar fios prateados no padrão dourado. As figuras tomavam forma, e sua riqueza logo demonstraria a habilidade amplamente invejada de Blanche. Os ingleses desenvolveram um estilo muito admirado de bordado com ouro e prata – *opus anglicanum* –, mas ela trouxera *finesse* especial à técnica e passara semanas costurando cuidadosamente a figura de um menino de cabelo preto cutucando um pombo de uma arvorezinha. O *aumônière* era um presente para Henry Blackstone, para que o menino levasse algo de qualidade e beleza preso ao cinto para guardar moedas. A Condessa hesitou com a agulha prestes a entremear-se pela seda. Estava sendo inocente? Ver o cavaleiro endurecido suscitara-lhe uma dúvida na mente. Seria um equívoco esse presente? O filho de Christiana gostava desse tipo de bolsinha – a mãe tinha uma dúzia delas –, mas Blackstone preferia uma algibeira de couro, simples e discreta, com cordão. Blanche censurou-se mentalmente por ser tão tola. Blackstone era inglês. A mãe francesa morrera quando ele tinha 2 anos de idade; ele jamais apreciaria a complexidade delicada de tais coisas, independentemente de quanto lhe fora ensinado. Talvez fosse por isso que o destino sorria para Henry, que teria por legado a formidável lenda do pai e a

apreciação da beleza que vinha da mãe. Uma bela bolsa era algo típico de um cavaleiro.

Blanche sorriu ao pensar nisso. O arqueiro bárbaro fora civilizado sob aquele mesmo teto e agora a geração seguinte estava sendo educada para apreciar beleza e cortesia. Christiana sempre insistira que Blackstone tinha um coração bondoso, mas Blanche acreditava que a influência e a autoridade de Harcourt tinham amaciado a grosseria inerente do inglês. Ela sabia que, se Deus permitisse, eles passariam por essa fase turbulenta. E rezava todos os dias para que Blackstone se prontificasse para ajudá-los, ajoelhada no piso frio irregular da capela até estar certa disso. Ela e Jean foram instrumentais na forja das forças individuais de Thomas e Christiana em uma só. Forja semelhante à que Blackstone chamava de sua Espada do Lobo. Uma lâmina temperada por artes antigas nas mãos de um mestre. Boa comparação. Trazia força de espírito.



– Está tudo bem, milorde? – perguntou Guillaume com certa prudência enquanto afastavam-se do Castelo de Harcourt, virando-se na sela para ver as torres brancas e os muros de pedra.

– Nunca olhe para trás, Guillaume – disse Blackstone, atijando gentilmente seu cavalo adiante ao escalar os morros de terra que faziam parte da defesa do castelo.

– O senhor sempre diz isso, Sir Thomas.

Blackstone deu de ombros.

– Não há por que olhar para onde estive ou para os que deixa para trás. É sempre o caminho à frente que deve ser sua prioridade.

Guillaume não disse nada por um momento.

– Só que seus amigos estão ali acenando.

– Boas maneiras. São nobres. É sentimentalismo. Entende o que quero dizer?

O escudeiro hesitou.

– Acho que não – disse.

– É uma vontade dentro deles de sentir que fazem parte de você.

Guillaume pensou nisso por um minuto.

– Amizade e lealdade significam a mesma coisa, não?

Blackstone sorriu. Quando menino certa vez perguntara a seu senhor, Sir Gilbert Killbere, algo similar quando embarcavam pela primeira vez para a França, dez vidas antes.

– Pode ser que sim, mas, atrás de você, está o passado, que já se foi. E talvez não haja reminiscência alguma quando retornar. O sentimentalismo, Guillaume, é o nó da corda que roça suas orelhas antes que o destino chute o banco em que você se equilibra. Não morra com arrependimento no coração.

Guillaume Bourdin não sabia muito bem se entendera exatamente o que o senhor quisera dizer: era algo que o mestre sentia profundamente, que tinha certeza. Talvez olhar para trás fosse o primeiro passo para o arrependimento. De partir.

Sir Thomas não era homem de falar sem motivo. Podiam cavalgar por dias e quase não dizer nada, exceto talvez poucas palavras para explicar o voo de um milhafre ou falcão, o amassado na relva que indicava onde um gamo deitara e o jeito com que as nuvens mudavam de forma para informar o que estava acontecendo com o clima. Ele apontava trilhas de caça por entre a floresta e os gramados, cicatrizes na terra por onde viajavam os animais, guiados por seus instintos. Um cheiro no vento e dava para saber onde estavam os homens, Blackstone dizia. Observe terra e céu para saber onde está e o que pode lhe acontecer. E fora sempre assim para Guillaume sob o treinamento e a proteção de seu senhor, Sir Thomas Blackstone.

– Agora, Guillaume, me diga. Está tudo bem nos domínios de meu amigo? Sei que andou falando com os criados. Quantos cavalos por dia vêm e vão?

– O estoque de ração está cheio, mas milorde Harcourt traz mais todo dia para repor o que foi usado.

– Das vilas dele?

– Aye, Sir Thomas. Ele toma o que eles têm. Pelo menos dois cavaleiros por dia são enviados e retornam com mensagens. Há muita atividade entre todos os lordes normandos. Os criados trabalham até tarde da noite. Homens cavalgam à luz da tocha com escolta.

– E o senhor Harcourt? Quais escândalos e mentiras os criados falam sobre ele?

Blackstone sempre esperava que o escudeiro zanzasse por entre os criados, prestasse atenção ao que ouvia à mesa e memorizasse tudo dito enquanto cuidavam dos cavalos.

– Ele usa palavras duras, às vezes, piores do que já ousou dizer. Açoita homens por não cumprirem seus deveres, mas depois se arrepende e dá comida ou pagamento extra. Ninguém sabe o que fazer. Os soldados fazem longas rondas noturnas. Duvido que seja mentira, e ninguém ousaria espalhar um escândalo. Marcel não disse nada sobre os ferimentos, mas pude notar que está aflito. É o criado mais antigo e, seja lá o que acontece, preocupa-o. Talvez Lorde Harcourt ande com a mão pesada para com todos – disse ele finalmente, indicando claramente que o mestre de Marcel era o responsável pelos ferimentos do homem.

Blackstone fitou o escudeiro. Havia tanta confiança e lealdade entre eles quanto entre ele e Jean de Harcourt. Guillaume sempre dava respostas diretas, e seus olhos e ouvidos serviam somente a Blackstone.

– Fui duro demais no que disse ou em como disse? – Guillaume perguntou, preocupado com o silêncio do mestre.

Blackstone fez que não.

– Eu já sabia. O próprio conde admitiu-o para mim. Os barões normandos são uma tempestade em formação. Estão carregados de descontentamento e insegurança quanto a como o rei vai lidar com eles, ou eles com o rei. Conde de Harcourt sustenta responsabilidade demais e não quer que as famílias normandas sofram sem motivo. Tem pavio curto. Tenho pena dele.

– Se tem pena dele, então... não é um sentimento, Sir Thomas?

– Creio que sim – respondeu o cavaleiro.

O jovem escudeiro ficou pensando por uns instantes.

– Então não olha para trás porque carrega os sentimentos consigo – disse, finalmente compreendendo. – No coração.

Blackstone fitou o rapaz, depois tornou a olhar para o caminho. E, sem que o escudeiro visse, permitiu um sorriso discreto. Sorriso esse tingido de pesar. Sentia-se grato por não fazer parte da conspiração dos normandos. Levava

uma vida descomplicada de soldado, junto a homens que enfrentavam os inimigos cara a cara. Ser um gentio tinha lá suas vantagens. Entretanto, foi com uma sensação de angústia que cavalgou de volta para a esposa e os filhos.



CAPÍTULO DEZ

Muito distante no horizonte, ao leste de Blackstone, chamas ardiam sob a luminosidade parca de uma floresta. Homens de rosto chupado, dentes à mostra, fugiam arquejando do terror que os perseguia. Uma fumaça espessa espiralava por sobre o topo das árvores de uma vila em chamas. Os sobreviventes grunhiam, exaustos, empurrando crianças que atrapalhavam sua escapada para a clareira. Mulheres soluçavam; a expressão de sofrimento na cara deixava óbvia a escolha amarga que tiveram que fazer; largar os bebês que carregavam ou prendê-los junto ao corpo e perecer. A maioria os largava ou jogava as crianças aterrorizadas nos riachos avolumados pela enchente primaveril. Mais crianças podiam nascer, mas, para isso, a mãe precisava estar viva.

Os aldeões que escaparam do ataque brutal rasgavam a pele nos espinhos ao correr desesperadamente pelo matagal. Crianças estupefatas corriam aos tropeços, de braços erguidos, com os corpos sujos ainda mais enlameados em meio à altercação, e seus gritos e berros eram logo silenciados por espadas e lanças. Os assassinos riam e gritavam, alertando uns aos outros de para onde escapavam os sobreviventes, pondo-se a perseguir como em uma caça a javalis.

O terror revelou-se para dois cavaleiros que tentavam acalmar seus cavalos enquanto testemunhavam o ataque, mas o derramamento de sangue e a gritaria os alcançaram rapidamente. Os assassinos vinham logo atrás, espalhando-se pelas laterais da clareira, de modo que os perseguidos foram acudados na arena de grama baixa.

Não fosse pela vestimenta e pela qualidade dos cavalos, os dois também teriam sido chacinados pelos mercenários sanguinolentos que assolavam os aldeões em fuga. Os cavalos se assustaram, os homens caíram e, rapidamente, ficaram de joelhos, mãos unidas em súplica, gritando o nome do mestre, berrando a plenos pulmões que eram mensageiros. O intestino de um deles

cedeu ao medo, e o cheiro foi somar-se ao dos mortos e moribundos. Um rufião barbudo de manto rubro notou a vestimenta e escutou a súplica.

– Esses não! – ordenou e correu para os aldeões, que foram cercados.

Dois dos atacantes meteram os pés nas costas dos mensageiros, derrubando-os na grama úmida, onde foram presos, imóveis, tomados por medo. Os homens, as mulheres e as crianças cercados recuaram até formar um círculo, fazendo o sinal da cruz junto às súplicas, cedendo ao inevitável. Os mercenários mal pararam para tomar fôlego enquanto chacinavam todos eles.



Os mensageiros foram amarrados e arrastados até a vila em chamas. Pouco mais de uma dúzia escapara do assentamento para ser morto na clareira; ali, nas ruínas, pelo menos setenta aldeões jaziam mortos. Os corredores entre o que restava dos casebres eram pura lama pisoteada com fios brilhantes de sangue. O fedor da carne chamuscada pregava no fundo da garganta, misturando-se ao cheiro do sapé queimado.

De olhos escancarados de medo, eles guinchavam seguindo os passos dos captores, sendo arrastados para a igreja que indicava o centro da vila. Uma fogueira ardia em chamas crepitantes conforme a brasa subjacente era alimentada com mais lenha seca, combustível que teria suprido os aldeões durante todo o verão.

Não havia sinal algum de monges ou padres, e a igreja parecia não ter sido violada, ao contrário das mulheres aos berros sendo atacadas e estupradas pelos mercenários. Um homem estava perto da fogueira, atizando a brasa com uma vara, acompanhando a chegada dos mensageiros. Um manto escuro escondia sua cota de malha, e a cabeça nua estava livre do camal. Um cinto largo de prata sustentava uma espada de empunhadura prateada, o que indicava tratar-se de homem rico ou o assassino que a tomara de alguém. Uma mancha úmida e pesada de sangue escurecia o ainda mais tecido escuro por debaixo de um crucifixo de ébano. Os homens desviaram os olhos dele. Foram chutados ao chão, caíram de joelhos e juntaram as mãos, apesar dos punhos amarrados, exclamando súplicas, implorando por clemência. Nenhum

dos homens ousava erguer os olhos para ver o que julgavam ser um discípulo do diabo.

O homem que se borrara todo tremia, incapaz de conter o medo; balbuciava sem coerência, jorrando palavras ao contar ao líder dos mercenários a quem eles serviam e por que foram enviados, e que o mestre falava em nome do rei. O outro finalmente tomou coragem, ergueu a cabeça e entregou a mensagem que seu suserano ordenara que fosse claramente dada a essa brigada de assassinos.

– Viemos informá-lo, senhor Marcy, que Thomas Blackstone matou Henri, Conde de Saint Clair-de-la-Beaumont, tomou o forte e entregou-o aos aliados do rei Edward. Está lotado de moeda e armamento.

Marcy franziu o cenho. Blackstone. O inglês acumulava sucesso atrás de sucesso. Blackstone cavalgara impune e retornara ao santuário dos lordes normandos. Agora o rei francês estava subitamente disposto a usar Bucy como mediador. Gilles de Marcy sabia que era um pária. A nobreza abominava suas ações; alguns tentaram, muitas vezes, emboscá-lo e colocar uma corda em torno de seu pescoço. Mas eram eles que sofriam o terror de sua retribuição. Eles e suas famílias. Ele tateou o crucifixo de ébano no pescoço. A violência divina era sua para exercer. Servia bem aos seus propósitos usar a raiva de Deus em benefício próprio. Era uma bênção que o protegia. O dia em que chegara mais perto de ser apreendido fora enterrado no passado, poucas semanas após os ingleses invadirem e abrirem caminho a espada na Normandia, até as ruas de Caen, onde um arqueiro perspicaz lhe cortara um dedo. Um encontro casual. Um momento breve de dor. Mas ele escapara de um inimigo desprezado. A lembrança logo se afastou de seus pensamentos.

Marcy cutucou a roupa do mensageiro com a vara chamuscada.

– Bucy os enviou? – disse, mirando com um olhar sinistro o rosto aterrorizado do mensageiro, que desviou os olhos.

Os homens fizeram que sim vigorosamente.

– Para me contar do sucesso do inglês? Notícias que eu logo ouviria dos viajantes que roubo e mato?

– Milorde – disse o mais forte –, nosso mestre quer que entre em Paris e encontre-se com ele.

– Com meus homens nas costas? Quer nos ver dentro das muralhas? – disse ele, incrédulo.

– Sozinho, senhor, com uma pequena escolta. Para encontrar-se com ele em segredo.

– E o que ele oferece?

– Que o senhor seja o instrumento da morte do inglês. Que tenha sucesso onde outros fracassaram. Para receber perdão, riqueza e aceitação como homem do rei.

A atenção do Padre Selvagem pairou sobre o anel que tinha em um dos dedos. Dez anos antes, a grande matança no campo de batalha de Crécy conferira-lhe riqueza suficiente, das joias e das armas da nobreza francesa assassinada, para que pudesse contratar seus próprios capangas. E agora o rei o convocava, acolhendo sua sede de matar. Marcy grunhiu e cutucou o peito do homem com a ponta chamuscada da vara. Os mensageiros não teriam mais informações além das já apresentadas. Seria uma cilada? Mercenários secavam o campo com seus ataques. Rei John não tinha recursos para combatê-los, mas atrair os que comandavam os assaltantes, um por um, seria um modo de diminuir sua força.

– Quem mais foi convocado?

– Senhor? – perguntou o mensageiro, sem entender.

– Quem mais foi sondado para dar cabo do inglês para o rei?

O homem sacudiu a cabeça. Parecia aturdido.

– Ninguém. Somos mensageiros de nosso mestre, servimo-lo a vida toda, somos de confiança. Nenhum outro da casa de nosso mestre fora enviado. Mas não posso responder pelo que meu rei pode ter feito.

O homem dizia a verdade, concluiu Marcy. Bucy era o confidente do rei, o poder atrás do trono, e o rei não enviaria os próprios mensageiros, correndo o risco de ser visto aliando-se abertamente com tão cruel mercenário. Os políticos eram todos uns tolos; viam nos homens de armas instrumentos grosseiros. Um comandante precisava de perspicácia para atrair o inimigo, flanqueá-lo, do instinto animal para atacar um inimigo depois de tê-lo

enganado. Esses homens não traziam consigo nenhum documento selado, não havia nada que ligasse o rei à missão deles, mas Bucy não ousaria sancionar perdão sem a permissão do rei.

– E nada mais foi dito?

O homem hesitou.

– Um benefício que o agradaria.

– Ele me oferece um lugar na mesa principal? – zombou o mercenário.

O mensageiro vacilou. Bucy dissera o nome da mulher quase sem querer quando lhes passara as ordens.

– Sainteny. Christiana de Sainteny. Não entendo tudo que me fora ordenado dizer, mas esse nome me foi dado.

A reação do Padre Selvagem ao nome que, para ele, era um desejo havia muito abandonado, foi quase imperceptível, mas ele ficou balançado. A pulsação acelerou. Os anos apagaram facilmente o jovem que deitara olhos naquela menina de cabelos castanhos. Jamais esquecera esse momento tão especial. Um menino, já assassino, vira uma mulher cuja beleza abria caminho por entre sua escuridão. Um instante raro de luz em uma vida de luxúria e violência. Durara menos que um piscar de olhos. Aquilo que lhe tomara o coração também o esmagara e secara quando ela o rejeitou.

Passara uma década ou mais. Marcy abria caminho às cotoveladas pelo mercado lotado, ávido por fugir do fedor do beco atrás de si. A menina carregava uma cesta no braço, de costas para ele; ele estava a pouco mais de meia dúzia de passos atrás dela quando viu a silhueta curvada do mendigo velho que cortou a bolsa da corda amarrada em sua cintura. Por que Marcy desviara de sua fuga pela praça, ele nunca soube. Um ladrão banal não lhe importava, mas ele alterou o passo, agarrou o velho pelo braço e forçou o pedinte a abrir a mão. No instante em que o velho gemeu de dor, a menina que ele veio a conhecer como Christiana de Sainteny virou-se.

Nada jamais explicara esse momento. Os olhos verdes dela escancararam-se de espanto e rapidamente entenderam o que se passava quando ela viu a bolsa. Ela dissera algo sobre não machucar o pedinte e, enquanto Marcy ainda o segurava, tomou de volta a bolsa e depositou uma moeda na mão ainda aberta dele. Ela sorriu e agradeceu ao interventor, depois se virou para

continuar o que fazia, enfiando uma mecha dos cabelos castanhos debaixo do capuz. Como um prisioneiro mantido em um fosso escuro ao ver um feixe de luz, um lampejo do céu, mas logo perdeu o privilégio, pois estendeu a mão e pegou a moça pelo braço. Ela se virou mais uma vez e, antes que ele pudesse expressar as palavras que se debatiam em sua língua, aqueles mesmos olhos arderam de raiva. Ela viu a mão ensanguentada que a prendia e reparou que ele não se limpara do sangue que ali se grudara depois do assassinato cometido no beco poucos minutos antes. Christiana libertou-se, gritando, o que alarmou os demais. A realidade trouxe os sentidos de volta a Marcy; um grito de alarme e, logo, ele seria encurralado e acabaria na forca antes que o dia terminasse. Ele puxou o capuz para cobrir o rosto e desapareceu na multidão.

Os meses se passaram, e Marcy rastreou a moça. A persistência dele na perseguição encontrou hostilidade crescente da parte do pai e dos que a este serviam. Pelas ameaças, ninguém tinha medo dele. Marcy ofereceu todos os estímulos que pôde – até casamento –, mas então, um dia, ela se foi, transportada para um local mais seguro. E agora estava sendo usada para atraí-lo. Como, ele não sabia ainda, mas havia uma oportunidade de ser aceito novamente entre a nobreza e uma oferta de riqueza com o bônus que era a mulher que ele cobiçara um dia. Fez careta para o mensageiro que se cagara.

– Seu fedor me incomoda.

Marcy mal ergueu os olhos para o homem atrás do mensageiro ajoelhado. O mercenário fincou a lança nas costas do homem e forçou seu corpo para dentro da fogueira. As chamas lambeiram o homem, que se debatia ao ser alfinetado feito um inseto desesperado, e seus gritos foram abafados pelo cauterizar da brasa.

– Conte ao seu mestre o que viu hoje – disse ele ao segundo mensageiro, que, horrorizado, acompanhava o destino do colega. – E diga-lhe que estou a caminho.



CAPÍTULO ONZE

Simon Bucy, amigo e conselheiro do rei, observou, ao chegar à igreja, que uma dúzia de homens ocupava diversas partes do claustro. Não estavam agrupados, mas separados, e ele entendeu que atuavam como guardas do homem que esperava lá dentro. Bucy concordara em encontrar o Padre Selvagem, e ficou claro que o mercenário não confiava naquele com quem estava lidando. Caso fosse uma cilada arquitetada por rei John, usando Bucy e a oferta como isca, era óbvio que o mercenário tinha a fuga planejada.

Conforme Bucy aproximou-se pelo piso irregular de pedra das portas de ferro, o comportamento casual dos homens mudou, e os salteadores ficaram mais alertas. A escolta de meia dúzia de homens de Bucy chegou mais perto dele, mas ele ergueu a mão.

– Capitão, você aguarda aqui.

O capitão da guarda hesitou; era fácil matar alguém importante à meia-luz da igreja e, pelo que ouvira falar do homem que Bucy estava para encontrar, seu receio era bastante justificável.

– Estou incumbido da sua segurança – insistiu o capitão.

– E ficará aqui até que o chame. Estou a serviço do rei, e nenhum infortúnio cairá sobre mim hoje. Não se aproxime de nenhum daqueles homens; não quero criar oportunidade alguma para que alguém cause problemas. Então mantenha seus homens aqui e em silêncio.

O capitão não ficou contente com a ordem, mas o poderoso Simon Bucy não deveria ser contrariado. Fez que sim, que entendia as ordens, e observou Bucy seguir adiante sem ele.

Bucy tinha, até então, conseguido manter o medo sob controle, porém, quando as portas arqueadas foram abertas, a sensação foi de adentrar o ninho de uma fera em vez de um local de culto. Um dos salteadores acenou para que ele cruzasse o arco, depois fechou a porta. Bucy não deu mais um passo sequer na quase escuridão. Ventava muito, nuvens densas escureciam o céu, e

as janelas da igreja estavam embaçadas de umidade. Ele estremeceu debaixo do manto e apertou a gola de peles em torno do pescoço, segurando-a com força por um instante, forçando a mão a parar de tremer. Foi adiante nas sombras e tentou ver se havia mais figuras nas capelas adjacentes, entretanto, não viu ninguém. Quando se virou para o transepto, um monge encapuzado apareceu na outra ponta, com uma vela grossa feito um braço de homem, que depositou em um pedestal apiciforme. Sob a luz amarela que ela lançava estava uma figura de capa curvada em oração. Bucy estreitou os olhos, tentando focar as costas do homem, incapaz de ver se era seu traidor ou o homem que tinha vindo encontrar. Olhou, nervoso, para os lados; sua mente lhe pregava peças. Aqueles normandos eram todos uns bastardos traidores. Um pânico súbito o dominou. E se fora enganado feito bobo e tinham planejado capturá-lo e matá-lo o tempo todo? Isso lhes daria um dos conselheiros do rei, um homem que sabia o que o rei pensava e planejava fazer. Simon Bucy era uma fonte de informação que podia ser de grande valia para Charles de Navarre e os lordes normandos. Meu Deus, pensou ele, fui um tolo. Quase não pôde conter o ímpeto de chamar os soldados para que entrassem correndo na escuridão e o levassem de volta ao calor e luxo de costume.

A figura curvada levantou-se e se virou, mas o rosto coberto permanecia sob as sombras. A pessoa ergueu a mão e acenou para que Bucy se aproximasse. Este prendeu a respiração, como se convocado por um emissário da morte. Vacilando, não conseguia botar um pé na frente do outro. Não era o traidor – era o assassino que estava ali para agir no lugar do rei. Acostumados às sombras, os olhos de Bucy finalmente viram que o homem era maior e mais robusto que o lorde normando.

– Venha para perto da luz – disse o homem, cuja voz ecoou enquanto ele permanecia ali, parado.

Sem perceber, Bucy começou a andar na direção do estranho. Sentiu-se atraído ao comando do homem sem questioná-lo e foi pego de surpresa por suas ações. Parou no meio do caminho. Era hora de se recompor e exercer sua autoridade – somente isso abrandaria o medo.

– Declare-se – disse ele, endireitando-se, tentando sentir-se o mais alto possível, sabendo que a figura que o aguardava em frente ao altar era muito mais alta que ele.

O homem jogou o capuz para trás e aproximou-se da luz da vela.

– Sou o homem que veio atender ao seu chamado, milorde. Sou Gilles de Marcy.

Bucy não pôde deixar de aproximar-se para ver os traços do homem.

– Está sozinho? – perguntou, nervoso, com os olhos fixos nos detalhes magros e pálidos do homem que ainda não fizera mais movimento algum em sua direção.

Bucy foi trespassado pelos olhos do homem, que pareciam não refletir luz alguma, eram como obsidianas enfiadas nos globos oculares. Ele estremeceu ao imaginar esse rosto perto do da vítima, a última visão do inferno na Terra.

E sentiu-se tolo assim que a pergunta lhe passou pelos lábios:

– É *le Prêtre sanguinaire*?

– É assim que sou chamado? – respondeu Marcy.

Bucy sentiu a irritação suscitada por seu comportamento patético.

– Sabe muito bem que sim.

Muito melhor. Começava a recobrar um pouco o controle. Ser enviado a uma igreja congelante para encontrar uma criatura desprezada por tudo que era sagrado era tarefa que ele implorava ao rei que não lhe pedisse. Mas o rei John recusou-se a ver o homem ser trazido ao palácio. E não teria contato pessoal algum com o líder dos mercenários. Havia condições nas quais John insistiria mesmo que o homem tivesse sucesso na tarefa de matar Thomas Blackstone.

Bucy sentiu certo conforto retornar ao pensar em seu papel como enviado do rei. Deu mais alguns passos decididos, tentando mostrar que não tinha medo da figura encapuzada e que era ele quem detinha o controle do encontro.

Marcy recuou um passo, permitindo que Bucy se assentasse em um dos bancos do outro lado do corredor. Bucy agitou a mão em um gesto frustrado de ter um ser inferior em sua presença.

– Sente-se. Quanto antes terminarmos isso, melhor.

Marcy fez conforme instruído, mas mostrou pouca consideração pelo status do outro. Estavam os dois ali para um único propósito. Um contrato seria firmado, e as duas partes buscavam a mesma conclusão.

– Falhamos em matar Thomas Blackstone. Ele reside no coração da Normandia. Enviamos mercenários, homens que não há como serem ligados ao rei, mas foi um fracasso. Todas as vezes – disse Bucy com palavras manchadas pela exasperação.

Bucy aguardou uma resposta da criatura sombria, pois era isso que parecia, à meia-luz, usando a escuridão como o manto de um feiticeiro, mas ela permaneceu em silêncio, deixando o aliado de confiança do rei sofrer mais um pouquinho. Como um homem debaixo da bota, com uma espada no pescoço.

– Não há como matar um homem desses com força bruta, a não ser que Deus o favoreça na batalha – disse ele.

– Você consegue matar Thomas Blackstone? – perguntou Bucy.

– Consigo.

– Então vai me dizer como, antes que eu continue.

– Não posso colocar em risco o meu plano, contando para você ou qualquer outro. Os segredos se espalham na corte do rei feito uma privada vazando. Basta saber que atrairei Blackstone, sem seus homens, vou isolá-lo e então ele será meu. – O homem sorriu. – Você deixará que eu fique com ele para que possa determinar quanto tempo ele levará para morrer.

Bucy virou o rosto.

– Tenho autoridade para oferecer pagamento e reconhecimento pelos serviços que você proverá ao rei. Mate Blackstone, e todas as cidades que ele detém serão suas. Ficará com o *patis* dos que pagam para ele. Controlará o território, ficará com a casa... tudo.

Marcy não disse nada por um momento. Seu silêncio foi rompido pelo som do respirar do outro homem. Estava quase dificultoso. Como de um homem com medo.

– Christiana de Sainteny. Onde ela está? – perguntou baixinho o Padre Selvagem, sabendo que estava devolvendo a vantagem para o conselheiro do rei.

Bucy abriu um sorriso maldoso.

– Você a deseja? – provocou.

– Diga – sussurrou Marcy.

O pedido dito suavemente carregava em si uma ameaça não expressa.

Bucy conteve os nervos. Olhou mais uma vez para o assassino, querendo ver sua autoridade reconhecida.

– Ainda não. Nosso rei tem outra coisa a pedir de você.

Bucy já sentia o gosto de bile no fundo da garganta. Ao longo dos anos em que servira ao pai do rei, e agora ao próprio, jogara todo tipo de jogo político no intuito de promover os interesses do rei assim como as próprias recompensas. Sabia que a brutalidade era comum em um campo de guerra encharcado de sangue na intenção de proteger uma nação, mas, sentado ali, sentindo o cheiro das paredes úmidas e o de suor e fumaça que desprendia das roupas do homem, foi trazido para perto demais da realidade toda. Bucy jamais brandira uma espada por raiva. Notou que seu olhar passara para o crepitar da vela. Como uma mariposa, sua mente buscara a chama e seu conforto e, também como a mariposa, talvez estivesse sendo atraído para sua destruição. Ele mesmo aconselhara ao rei seguir pelo irreconciliável caminho do assassinato. Não importava. Os dados foram jogados. A vitória seria o prêmio. Então melhor olhar para a chama hipnotizante que para o rosto do Padre Selvagem.

– O que foi? – perguntou Marcy sem preocupação nem irritação, pegando Bucy de surpresa, fazendo-o desviar os olhos da chama para seu rosto.

Bucy levantou-se; queria muito que o dia terminasse.

– Centenas o seguem. Quando chegar a hora, você e seus cavaleiros deverão servir ao rei em combate contra os ingleses. Haverá grande necessidade de guerreiros. Mas você não receberá pagamento algum por esse dever – ele respondeu bruscamente.

– E se esses termos não me forem adequados?

– Então você jamais terá os domínios que Thomas Blackstone comanda nem a glória de ter matado o inglês. A mulher que um dia desejou será avisada que a procura e ela desaparecerá da sua vida para sempre.

Marcy deu de ombros, como se não ligasse.

– É Blackstone quem eu quero. Fico com os impostos; fico com as terras e as cidades. E recebo o perdão do rei e retorno à corte.

– Você um dia quis a mulher, e é o tipo de homem que não deixaria um desejo escapar-lhe.

Bucy sabia que estava certo, e Marcy também. O maldito segurava firme a linha, e o anzol era comprido. Por quanto tempo se permitiria ficar ali se debatendo?

– Por mais remota que seja esta possibilidade, e se Blackstone escapar e eu fracassar em matá-lo?

– Você continua obrigado – disse Bucy.

– E se eu concordar e depois mudar de ideia?

– Não haverá local onde possa se esconder neste país, nem em outro. E, se duvidar disso, entenda que meu senhor soberano pode dar ordens a outros onde quer que venda sua espada, seja para o Sagrado Império Romano, seja para os italianos, ou os alemães, qualquer um. Você será pego e sofrerá um destino que infligirá a maior das dores.

Bucy aguardou um instante. Hora de jogar o osso à criatura vil.

– Christiana de Sainteny é esposa de Blackstone.

Os lábios de Gilles de Marcy contraíram-se num sorriso como de um rato mostrando as presas amareladas.

– Eu aceito – ele disse, e estendeu a mão para selar o contrato.

Bucy olhou para a mão ossuda que brotara das dobras do manto e viu que metade do dedinho estava faltando. Vira piores desfigurações antes, mas, por algum motivo, a ideia de tocar aquela mão o fez recolher a dele.

Sem falar mais nada, deu meia-volta e saiu o mais rápido que sua dignidade podia permitir-lhe, forçando-se a não desatar em correria, mas incapaz de disfarçar o desespero na voz.

– Abram as portas! – gritou. – Abram as portas!



CAPÍTULO DOZE

William de Fossat, um dia, fora inimigo de Thomas Blackstone e membro do grupo de barões normandos que enfrentara o rei inglês uma década antes, mas o descontentamento fervilhante deles para com a liderança parca do monarca francês o levava a ficar do lado de Blackstone e enfrentar os franceses em Calais. Era um homem que agarrava as oportunidades, e o admitia. Para ele, não havia vergonha em acordar do estupor para constatar que a honra da França não mais jazia nas mãos de um rei patético e indeciso. Foi por isso que se uniu aos lordes normandos que se aliaram a Navarre.

Fossat não se importava. Casara-se com uma viúva com terras, e sua honra e riqueza estavam intactas novamente. Havia noites, no entanto, em que ele pagava o alto preço ali deitado, no quarto, escutando a esposa roncar, quando a carcaça arquejante ameaçava rasgar a camisola como um javali aos grunhidos arando o solo da floresta. Se as orações fossem ouvidas, um dia ela engasgaria com um osso de peixe e ele seria livre para fazer o que quisesse. Vendera seu corpo à viúva, que lhe dera riqueza, e o território estava seguro sob a proteção dele, mas não havia esperança para salvar sua alma. As terras da viúva agora eram dele, e aninhavam-se na segurança dos pântanos bretões, local no qual o rei francês ainda ousaria aventurar-se caso deslocasse os ingleses do sul. Fossat lembrou-se, com um misto de tristeza e carinho, da parceria com Blackstone. A guerra forjava estranhas alianças, até mesmo amizades e, se houvesse combates futuros, ele cavalgaria ao lado do inglês mais uma vez.

Conforme seu cavalo vagueava pela trilha na floresta, os pensamentos do homem passavam por lembranças antigas desses tempos e a conspiração fervilhante dos lordes normandos contra o rei. Era uma boa aliança entre ele e o inglês, mesmo Blackstone quase o tendo matado certo dia, em duelo. Apesar de ser um nobre oportunista, Fossat era guiado pela honra, movido

pela ambição e jurado a ficar ao lado dos outros nobres, que secretamente planejavam uma conspiração para remover o rei inglês e substituí-lo pelo filho, o Delfim, Duque da Normandia – cujo título herdado significava pouco para os normandos. Como se retirando um pensamento desagradável da cabeça, Fossat inclinou-se na sela e assoou melecão das narinas. Não eram esses esquemas de conspiração e traição que detinham sua atenção e quase lhe tiravam a cautela. Em sua imaginação, ele já estava retirando a roupa íntima de Aloise, a menina de 18 anos com quem vinha se deitando ao longo do ano. O frescor da moça o revigorava e, quando ele acordava excitado toda manhã, era por pensar nela, e não pelas demandas da esposa, insistindo que deveriam frequentar a igreja e ajoelhar em humildade em um piso frio de pedra por uma hora ou mais para ouvir um imbecil qualquer, dos que presta apenas para ser um monge parasita, cantar uma litania piedosa. Era a imagem dos mamilos rosados de Aloise e sua pele perfeita, não o campo de guerra cheio de crateras que era o traseiro da esposa, que o abastecia de calor e o fazia baixar a guarda.

Ele não notou o caminho gasto que cruzava a floresta, rota que era raramente usada, a não ser por ele ou os da residência, ou os arbustos amassados debaixo dos galhos nus – sinais muito óbvios de cavaleiros abrindo caminho para as sombras da floresta.

O assassino do rei francês aguardava pacientemente à meia-luz da floresta, observando a vítima avançar para a armadilha por ele preparada. A tropa suja de mercenários que ele liderava estava ansiosa para acionar a emboscada, porém o medo do líder segurava a mão de todos. O cavaleiro dos traços pálidos e tesos tinha os ouvidos de um rei temeroso que confiava em poucos ao redor. Mesmo o próprio filho do rei, o Delfim, era um suspeito – mais pela fraqueza que o garoto de 17 anos exibia, que acreditava inocentemente nas promessas falsas dos normandos, do que alguma tentativa direta de traição. O filho era a rota fácil para o coração e o trono do rei. Como um ferimento podre, o veneno dos normandos rastejava lentamente para o coração da França. Marcy sabia que era melhor deixar que um malfeitor como ele fosse até onde os homens do rei não poderiam ir e cometesse o assassinato do qual o rei devia negar a responsabilidade. Como um larápio em suas próprias

terras reais, ele lançaria a isca. Cedo ou tarde, Thomas Blackstone e aqueles que secretamente o apoiavam entrariam, um por um, na armadilha.

Os arbustos explodiram quando os homens saltaram de onde se escondiam, lançando-se sobre Fossat. Excitados pela ganância, os tolos subestimaram a habilidade de combate do cavaleiro, que reagiu tão rápido, que seu cavalo, esporeado, derrubou três deles com as patas. Ossos partiram-se sob a força de cascos ferrados e, embora as mãos de Fossat pouco antes segurassem as rédeas, agora ele brandia a espada. O cavaleiro fora realmente testado somente uma vez, por Blackstone, e esses guerreiros pútridos pagariam alto preço por tentarem capturá-lo vivo. Metendo calcanhares no cavalo, ele o fez virar em uma curva curta e ligeira, pegou outros dois, girou a espada e sentiu a lâmina morder crânio e ombro. Homens praguejavam; outros gritavam de dor. Mas, como uma alcateia de lobos derruba um veado, em contingente superior, os inimigos logo o sobrepujaram. Mãos fortes seguraram o freio do cavalo; adagas mergulharam no pescoço do animal. Ele choramingou e caiu quando outros o atacaram também.

– Não o mate! – gritou Marcy.

Um dos mercenários rosnou, cuspidando sangue, no ponto onde Fossat metera-lhe o pomo da espada. A ordem conteve o golpe da adaga já apontada para a garganta de Fossat, mas não foi suficiente para impedir a vingança do homem, que a mergulhou na coxa do normando. Este gritou, mas libertou-se num giro, metendo o punho no pescoço do mercenário, tendo a satisfação de ouvir ossos quebrando pela força do golpe. Agarrando um dos homens pelo cinto, ele o desequilibrou e puxou a adaga de seu cinto. A que estava presa em sua perna, ele a deixou para conter o sangramento, e desviou de uma clava pontiaguda que passou de raspão por sua cabeça. O atacante perdeu o equilíbrio, então Fossat fincou a faca na axila do homem, depois fintou, usando seu peso para um encontrão de ombro contra outro. O que era para ter sido uma emboscada simples passara para um combate de vida ou morte quando Fossat pegou a clava e sua espada do chão. A adaga permanecia fincada na perna, diminuindo sua agilidade, mas a força e a velocidade dos ataques de espada mutilavam e matavam. Em poucos minutos, mais quatro homens caíram mortos e outros dois foram fatalmente feridos. Sangue

espirrou nas samambaias pisoteadas quando ele recuou para a trilha. Havia pouca dúvida em sua mente de que iria morrer. Estava longe demais de casa para alguém ouvir os gritos dos homens e não perto o bastante de qualquer vila para alguém trazer ajuda, mas, se pudesse matar os dois que faltavam, restaria somente o homem no cavalo. Sua vida ainda não fora condenada. Ainda não. Sempre havia esperança. Porém, um lampejo do homem no cavalo trouxe a compreensão breve, quase inconsciente, de que ele já vira o homem antes. Anos antes. Mas onde? Não havia tempo para lembrar. Os capangas tinham sido muito bem-pagos, e o par sobrevivente juntou-se ombro a ombro e lançou-se para cima do cavaleiro ainda a postos para lutar. Melhor fracassar enfrentando Fossat do que aguentar a morte lenta que *le Prêtre sanguinaire* infligiria.

Um dos homens golpeou a adaga fincada na perna de Fossat, e a dor aguda o fez baixar o ombro, permitindo que o mercenário brandisse a espada em um golpe para baixo, que Fossat defendeu, mas não foi capaz de impedir que o outro homem tirasse vantagem da movimentação e o acertasse na cabeça com o pomo da espada. O renomado guerreiro normando tombou, e teria sido morto não fosse isso proibido pelas ordens recebidas. Os soldados o chutaram e golpearam até que, sem fôlego, arquejantes por tanto esforço, cambalearam para trás, afastando-se do corpo inconsciente e maltratado do normando.

O Padre Selvagem atçou seu cavalo adiante e fitou o homem caído. Não tinha recordação alguma de ver esse cavaleiro no Castelo de Harcourt em todos os anos em que cavalgara com os mercenários do rei, no entanto, o traidor normando informara a Simon Bucy que Fossat estava lá. Não fazia diferença. Não tinha vindo ali pelo cavaleiro safado; fora ali buscar a isca. Um cordeiro ferido no rolete à espera do lobo.



CAPÍTULO TREZE

Blackstone aguardava pacientemente, observando Christiana sentada em frente ao fogo no salão principal, torcendo o lenço de linho nas mãos. Tinha deitado o tecido no colo e o espalhado com carinho, e repousado as mãos na imagem do passarinho azul em pleno voo. Certa vez, ela dera emblema similar a um jovem Thomas Blackstone quando este fora para a guerra. Um símbolo de seu afeto por ele e do desejo de que retornasse para ela são e salvo, que sempre se aninhara debaixo da túnica de Blackstone. Mas agora a aflição que Christiana sentia fazia a mente do inglês fervilhar de insegurança.

– E quem lhe contou isso? – perguntou Blackstone, escondendo a própria ansiedade.

Retornara do Castelo de Harcourt pela manhã e, em sua ausência de dois dias, notícias perturbadoras chegaram à porta de sua casa, trazendo consigo um medo que podia rasgar ao meio sua família.

– Joanne de Ruymont enviou por um mensageiro.

– De Paris?

– Sim.

– E questionou o cavaleiro que o trouxe?

– Não, eu estava com Henry, fazendo lição. Está aprendendo um poema para o recital do aniversário. O velho Hugh foi quem trouxe a mensagem para mim. Estava embrulhado com um recado dela. Ela o encontrou em Paris – disse a moça, erguendo o tecido bordado como se fosse seda rara. – Comprou de um vendedor de rua. – Sua voz pairava entre a alegria e a aflição. – E, quando fez mais perguntas, descobriu que um velho muito pobre o vendera.

– E o recado foi escrito pela própria Joanne?

– Sim... claro.

– Mas você não tem certeza.

– Mas quem mais?

Blackstone via que a esposa quase não conseguia conter a empolgação.

– Significa que meu pai pode estar vivo, após todos esses anos – disse ela. – Ninguém poderia saber que bordo desenhos como este.

Blackstone sentiu um frio na barriga. Sabia que o símbolo da afeição da esposa, dado a ele anos antes, que ele portara na guerra, ainda possuía as manchas de sangue encrustadas no tecido. Era exatamente o mesmo brasão que fora bordado na túnica do primeiro homem que ele matara durante a grande invasão, dez anos antes. O velho era um cavaleiro de poucas armas com um grupo de besteiros deitados em emboscada, porém, Blackstone, cru e assustado, surpreendera o homem. Foi a flecha do jovem arqueiro que matou o cavaleiro francês e permitiu aos ingleses passarem em segurança pela encruzilhada. Somente semanas depois, com o progredir do combate, e tendo o coração de Blackstone sido capturado, que ele percebeu que o velho provavelmente era o pai de Christiana.

E esse segredo jamais poderia ser revelado.

– Você morou em Harcourt por anos. E quanto aos serviçais? Eles sabiam. Outras mulheres sabiam. As mulheres falam sempre sobre bordado, não? Não era bem um segredo.

– Era, sim – ela disse, paciente. – Não é segredo, mas ninguém poderia copiar meu bordado. Isso foi feito por mim.

– Não tem dúvida mesmo? – ele perguntou com cautela. – Esse bordado poderia ter sido pego por um dos criados quando você morava em Harcourt. Alguns deles vão a Paris com Jean e Blanche. Vai ver, quando você morava com eles, ele foi roubado e vendido na cidade.

– Pode ser – ela concedeu. E tornou a examinar o paninho, como se o padrão simples no material velho e gasto pudesse expor mais de sua jornada.

– Um pedaço simples de linho, Thomas. Quase não vale nada, mas, ainda assim, precioso, e para ser guardado junto ao coração.

Blackstone tirou seu lenço de linho das dobras da camisa e o abriu, na esperança de que houvesse diferença entre os dois quadrados de pano. Christiana tomou-o dos dedos do marido e deitou no colo, ao lado do outro.

– Veja, Thomas – disse ela, aos sussurros –, a pouca diferença entre eles mostra apenas os fios que usei. Ele deve estar vivo e morando em algum

lugar em Paris.

Blackstone não fazia ideia de como poderia convencer a esposa do contrário sem confessar sua participação na morte do velho cavaleiro. Os caminhos misteriosos da vida trouxeram Christiana até ele, e a morte infeliz e coincidente do pai dela era, para ele, um fardo que pesava ainda mais sempre que ela contava histórias de como era a vida deles. O tempo se passara, e a vida seguira em frente; contudo, essa novidade chegara como um estilhaço de espelho quebrado refletindo um fantasma.

– Christiana, lembra-se de quando, há muitos anos, Godfrey de Harcourt veio avisar a Jean que o rei Edward não podia ir atrás da Coroa francesa, ele lhe contou na época... eu estava lá, estávamos todos lá... que seu pai estava morto. Posso entender que deseja que fosse diferente, mas esse pedaço de pano não prova nada.

Ela dobrou o lenço de Blackstone com cuidado e o levou aos lábios, depois devolveu ao marido.

– Thomas, você nunca renunciou a esse símbolo que lhe dei. Não importava o que acontecesse, você o guardava com cuidado, como representante do amor que temos um pelo outro. E era assim entre mim e meu pai. Se ele estiver vivo, está tão desesperado, que foi capaz de vender para matar a fome e, se foi roubado dele, então o ladrão deve saber onde ele está.

– Christiana! Quantos lenços bordados desse você já fez? Quantas vezes deixou um paninho desses largado por aí ao longo dos anos? Abra os olhos! Foi pego por um criado e vendido na cidade. Não faz sentido pensar de outro jeito – disse ele, incapaz de manter a voz calma.

Ou, como ele admitiu para si, era uma sensação de pânico que se recusava a acalmar-se. As palavras saíram mal-escolhidas, e ele se arrependeu de exprimi-las assim que viu a dor no rosto da esposa.

– Por que não me ater ao sonho de meu pai ainda estar vivo? – disse ela, fitando o marido, incrédula.

Blackstone apressou-se a suavizar o tom de voz.

– Eu faria qualquer coisa para vê-lo vivo, Christiana, porque isso curaria todas as cicatrizes do seu coração causadas por essa perda. Mas se passaram dez anos e, se ele estivesse vivo, com certeza já saberíamos.

Christiana limpou uma lágrima da bochecha, mas mostrou ao marido uma expressão corajosa.

– Bem – ela tentou raciocinar –, um senhor de idade capturado em batalha, provavelmente ferido, e levado para um monastério, e então, quando seus ferimentos estivessem curados, e talvez com a memória tão danificada quanto o corpo, ele vagaria sem dinheiro e sem saber quem era, vila após vila, como um pedinte. Quantos mendigos já vimos que foram guerreiros?

Blackstone envolveu com as suas as mãos da esposa, que ainda aninhava o lenço.

– Não é possível, Christiana. Não é.

– Acredito que seja – ela disse baixinho.

O cavaleiro sabia que não adiantava discutir. Quando a esposa escolhia um caminho, não havia como detê-la. Ele mesmo vivenciara isso ao longo dos anos, e tudo começara com a determinação da moça, desafiando seus guardiões, ao amar um inglês ferido.

– Está bem – disse ele. – Falarei com Guy e Joanne e pedirei que enviem pessoas à cidade para descobrir o que puderem. Sabe que não posso ir; é tudo que os soldados do rei John querem na vida. Tenha um pouco de paciência e me deixe lidar com isso. Pagarei por qualquer informação que pudermos ter. Vai levar um tempinho. Tenha paciência.

Ela fez que sim e sorriu entre as lágrimas.

– Obrigada, Thomas.

Ele puxou o rosto da esposa para si e a beijou gentilmente, como faria a uma criança ferida. E, ao deixá-la perante a lareira, foi se xingando pelas mentiras que lhe contara, mas agradecendo a Deus por ter ganhado tempo e os meios para convencê-la de que o pai estava morto fazia muito tempo.



– Hugh!

O velho parou de dar ordens aos homens que empilhavam sacos de grãos em um dos celeiros ao ver Blackstone caminhando até ele.

– Milorde?

– Você reconheceu o homem que trouxe a mensagem para Lady Christiana?

– Não, Sir Thomas. Não o conheço. As sentinelas também não o reconheceram e recusaram-se a deixar que entrasse pelos portões.

– Ele era da região? Deu para ver pelo sotaque?

– Era homem comum, milorde, e quase não falou. Disse que viera dos domínios de Lorde de Ruymont. Por ser jornada de um dia, ofereci-lhe comida e abrigo para a noite, e estábulo para o cavalo, mas ele recusou.

– Então viajou de volta no escuro?

– Aye, milorde, mas pareceu determinado a tanto.

– Achou isso estranho?

– Achei louvável ele querer servir ao mestre assim tão bem – respondeu Hugh.

Blackstone pensou nisso por um instante. Um criado a que fosse oferecido passar a noite embaixo de um teto, deitado em palha sequinha com a barriga cheia de comida quente, era mais provável que aproveitasse a chance e usufruísse do conforto.

– E ele não perguntou de mim?

– Não. Só que eu entregasse o que ele trouxera para Lady Christiana.

Blackstone assentiu e foi embora. Que fazer? Por quanto tempo poderia ignorar o pedido da esposa? O máximo possível, foi a única resposta que lhe veio à mente; ou mais cedo ou tarde Guy ou Joanne de Ruymont viria visitá-los, ou mandaria mensagem para saber o que dera. Droga. Ele teria que falar com eles. Mas não nesta semana, nem na seguinte. Esperaria até a festa de aniversário de Henry e torceria para que uma boa ideia lhe ocorresse quanto a como lidar com a questão. Era tolice pensar assim – e ele sabia. Tratava-se de ameaça que teria de ser resolvida, e logo.

Assombrado, Blackstone foi até os estábulos, com os cães ao redor, contente com a companhia deles. Uma brisa fresca os fez erguer os focinhos; um deles latiu. Os bichinhos tinham liberdade para ir aonde escolhessem, mas não deixavam os arredores da casa, onde correntes invisíveis de aromas familiares os detinham. Mas, se o mestre resolvesse ir mais além nos campos, eles desatavam a pular e trombar uns nos outros, como agora faziam, sabendo a intenção de Blackstone antes mesmo de ele tomar a decisão. A culpa e a incerteza liberavam um fedor todo seu. Os cachorros o conheciam, os cavalos

também, assim como quando os soldados estão amontoados, esperando para atacar. Quando tais sentimentos demoravam a esvanecer, feito suor rançoso, então era melhor que fossem despojados.

– Hugh! – ele chamou o velho. – Mande selarem meu cavalo!



Era um maldito de um cavalo – um bicho feio. A requintada herança francesa da mãe fora estragada por um garanhão maroto, e o que resultara do cruzamento era uma criatura implacável na beligerância. Um pescoço grosso como a cintura de um homem sustentava uma cabeça que era mais a proa de um navio, grande demais e deformada, que ele baixava no combate feito um aríete. Os dentes amarelos, firmes e fortes como pedra de amolar, mordiam Blackstone sempre que surgia oportunidade. As orelhas entortavam para direções opostas em estado constante de alerta em busca de sussurros de movimento daqui e de lá. Os cascos, da largura da mão de um homem e firmados por músculos inchados de ombros que protegiam um coração incansável, calçavam solas de ferro que rasgavam o solo. Cicatrizado na guerra, fora lançado – pelo menos era o que se dizia – neste mundo pelo diabo, quando forjou um pacto com o reino animal. Houvera poucos homens capazes de tolerar o trote esquisito do cavalo quando andava, mas, quando as rédeas eram soltas e um cavaleiro forte lhe dava confiança, o bicho corria por dias e noites sem fraquejar.

Os cavaliços não se arriscavam a entrar sozinhos na baia dele. Era preciso dois homens determinados para colocar um cabresto na besta e coagi-la a sair. Os outros cavalos de Blackstone, principalmente o corsário grande no qual cavalgava quando ia caçar, eram mantidos em separado desse animal de olhos selvagens, que não tolerava a competição dos garanhões, dos castrados nem das éguas. Já tinha destruído cocheiras e mordido e chutado cavalos menores que lhe ergueram a cabeça e crisparam as orelhas, apontando os focinhos na inocente expectativa de exercer superioridade sobre ele. Quando o montava, Blackstone sempre mantinha tesa a rédea oposta, puxando a cabeça do cavalo para longe do ponto no qual o bater dos dentes o acertaria caso ele fosse incauto demais e não recordasse eventos passados; mas o

inglês jamais dera com o chicote no animal. Um testava o outro – e cedia quando necessário. Toda semana, Blackstone cavalgava o cavalo à força, livrando-o da agressividade, pisoteando prados e morros, mergulhando-o em rios cheios para escalar encostas lamacentas, pondo sua vida aos cuidados do cavalo enquanto enfrentavam as demandas de correntes tortuosas e solo irregular, nem cavaleiro nem cavalo prontos para fraquejar. E Blackstone jurava que amava mais esse cavalo do que qualquer outro por ter alma mais ardente do que a de todo guerreiro que ele conhecia.

Os cachorros tinham desistido quilômetros antes; suas línguas balançavam entre a baba, e jaziam com a barriguinha arquejando. Apesar da lealdade que tinham pelo mestre, não conseguiam acompanhá-lo quando ele cavalgava o cavalo preto manchado cujo pelo parecia ter sido tingido pelas brasas do inferno. Os cães logo se recuperariam, depois trotariam de volta para casa, onde aguardariam até que o vento lhes trouxesse conhecimento do retorno de homem e cavalo.

Guillaume seguia a bom meio quilômetro atrás de Blackstone; seu cavalo era incapaz de alcançar o outro. Contudo, isso cabia a um escudeiro; permitia-o ficar de olho aberto para qualquer sinal de perigo. Seu suserano era um homem procurado e, apesar da proteção dos normandos, não era impossível para um assassino penetrar os domínios e aguardar deitado. Os movimentos eram facilmente observados em uma paisagem que nunca mudava, exceto pelas estações, ou onde se pastava ou cultivava, então seus marcos eram familiares para quem a conhecia. Blackstone escolhera uma rota difícil, mas era distância menor do que a estrada de costume. Não havia dúvida de que ele seguia para o castelo de Guy de Ruymont, onde o Conde de Harcourt e outros se reuniam. Foi o farfalhar de pássaros levantando voo nas profundezas da floresta que alertou Guillaume. Blackstone estava perto demais das árvores, portanto julgaria que teria sido ele quem os espantara. O escudeiro esporeou seu cavalo e cortou o solo irregular na diagonal, mesmo com o risco de o cavalo tropeçar. Os pássaros tinham sido afugentados por cavaleiros que emergiam da floresta.

A ansiedade de Guillaume deveria ter sido abrandada por mais confiança em seu mestre e no cavalo que ele montava, mas a lealdade a um cavaleiro

como Sir Thomas era um privilégio que podia ser concedido apenas uma vez na vida, e o jovem preferia morrer a ver um inimigo derrubar o inglês por conta de alguma falha de sua parte no serviço. Não precisava preocupar-se, no entanto. O cavalo de Blackstone já o alertara. Seus ouvidos captaram o movimento mesmo antes de os pássaros decolarem dos galhos; e Blackstone também ouvira o quebrar de gravetos secos pelo peso dos cavaleiros que se aproximavam. Quando os homens apareceram, a Espada do Lobo já estava em sua mão, e o cavalo do diabo virara-se para encará-los: duro feito rocha, orelhas para a frente, músculos tremendo momentaneamente ao farejar outros animais. A mudança de posição do mestre informou-lhe que uma contenda era iminente.

Jean de Harcourt veio cavalgando pela beirada da mata, com vinte ou mais homens nas costas, bandeiras flamulando. Ergueu a mão quando viu o cavaleiro sozinho, esperando e, ao longe, Guillaume Bourdin em galope na direção deles.

– Thomas! Por Deus, homem! Cavalgando sozinho? – disse Harcourt, avançando com o cavalo.

Blackstone embainhou a Espada do Lobo e puxou uma das rédeas.

– Como em qualquer outro dia, Jean. Estava indo ao Guy. Achei que fosse estar lá com os outros.

– Aye, bem, depois do que aconteceu, estamos esperando um pouco, atrás de nossas muralhas, para ver o que virá pela frente.

– Aconteceu alguma coisa com eles? Preciso falar com Guy e Joanne.

Guillaume acalmou seu cavalo, que trotou os últimos cem metros, depois parou e curvou a cabeça para Harcourt, que devolveu o cumprimento e respondeu para Blackstone.

– Não. Estão bem. Mas não temos certeza se o rei está planejando um ataque contra nós. Achamos que não, mas nos manteremos em resguardo por alguns dias e tomaremos conta uns dos outros. Quando o vi pronto para lutar, pensei que tivesse ouvido falar, mas claro que não. Chegou um mensageiro de Paris. Um dos informantes de Guy na corte. Raptaram William.

Para o rei John, atacar um lorde normando, principalmente um cujos domínios percorriam os pântanos bretões, fora um passo ousado.

– Atacaram o castelo dele? – perguntou Blackstone, sabendo que, se fosse esse o caso, agora os homens estariam investindo contra seu solar.

Harcourt tirou o capacete e a cota de malha dos cabelos molhados de suor e coçou a cabeça.

– Não. Pegaram-no a caminho de visitar a garota de que lhe falei. Foi uma emboscada, pura e simples. O tolo caiu direto nela. Não ameaçaram mais ninguém. Não há sinal de tropas, nenhum indicativo de que o rei John esteja planejando nos atacar. Até onde sabemos, eram mercenários. Esperávamos que pedissem resgate, mas não pediram nada.

– Quando ele foi capturado?

– Três, talvez quatro dias atrás. Está preso junto a um dos senescais do rei, Sir Rolf de Sagard, mas, se John o sancionou, não sabemos. Ou ele vai nos capturar um por um ou foi o ataque maroto de mercenários malditos que se refugiaram atrás dos muros dele.

– Um ataque planejado, então?

– Vai saber. Lembra-se de que lhe disse que William prometera ajudar o pai da garota comprando um título? Bem, nosso amigo ainda não tinha cumprido de todo a promessa. Interessado demais em xoxota. Então, não me surpreenderia descobrir que o pai dela está por trás do rapto.

– Está a caminho de encontrar os outros barões para libertá-lo? – perguntou Blackstone, observando os soldados bem-armados.

– Salvar William? E nos expor? Se for mesmo trabalho de rei, então temos de estar prontos. Se não, nossos planos continuam no lugar e daremos seguimento à reunião com o Delfim e Navarre.

– Fossat é um dos seus! – Blackstone disse, brusco.

– E dele mesmo! – Harcourt retrucou.

– Tem sido seu aliado o tempo todo. Merece sua ajuda.

– Não, Thomas. Se o pau de William lhe trouxe a queda, então ele ficará suando no calabouço do homem até que demandas sejam feitas.

Os temperamentos dos dois homens acalmaram-se. Um amigo e aliado, independentemente de seu caráter, estava em perigo, mas Blackstone sabia que Harcourt tinha razão.

– Eu iria para casa se fosse você. Fique atento por alguns dias – disse o Conde.

Blackstone sentiu um conflito incômodo brotar dentro de si. A emboscada e a captura de William de Fossat não podiam ter ocorrido em época pior. Harcourt viu a preocupação enrugando o rosto do inglês; conhecia bem demais o amigo.

– Santo e misericordioso Deus, Thomas, não pode estar pensando em um juramento feito anos atrás.

– Estou em dívida com ele. Salvou a minha vida. É meu amigo.

– Só quando está tudo bem.

– É meu amigo! É para quem juramos confiança que conta!

Harcourt agarrou o cabresto do cavalo de Blackstone, porém, a força do animal era demais, e ele bufou, libertando-se do punho do homem.

– Também sou seu amigo. E imploro que não seja tolo. Quem se importa se um juramento não é mantido quando o homem não consegue controlar o próprio pau?

Blackstone retomou o controle do cavalo.

– Dei minha palavra, Jean – disse baixinho.

Os ânimos acalmaram-se de vez. Harcourt suspirou e, finalmente, concordou.

– Eu sei.

– Escute, Jean. É melhor eu ir para o sul com meus homens. Isso manterá você e os lordes normandos fora disso. Se eu puder libertar William, nós o levaremos para casa e trancaremos o tarado maldito no próprio calabouço até que tudo se acalme. Você tem que concordar.

Harcourt grunhiu, recusando-se a responder imediatamente, mas já sabia que Blackstone estava de cabeça feita.

– Sir Rolf de Sagard tem cerca de sessenta ou setenta homens atrás daqueles muros. Isso o faz repensar a ideia?

O pessoal de Blackstone estava cansado da incursão de inverno e do combate em Saint-Clair, e agora ele pretendia demandar ainda mais deles.

– Vá direto para Christiana e a leve com as crianças para Harcourt. Mantenha-os lá até que eu retorne. Duas semanas. Nada mais.

– Santo Deus, Thomas. Ela vai ter um ataque. Você prometeu que não haveria mais campanhas nem combates este ano. Deu também a *ela* a sua palavra.

– E acha que vou conseguir sentar-me em frente à lareira e não fazer nada por William?

Harcourt colocou o capacete.

– Partiremos agora mesmo. E diga a William, quando o vir, que ele deveria ser mais diligente nas orações e agradecer a Deus por ter você como amigo.

O cavaleiro fez um aceno de adeus e puxou o cavalo para o lado, ganhando a estrada que levava para o solar de Blackstone – e o desgosto de Christiana.



CAPÍTULO CATORZE

Os soldados em recuo pisoteavam lama encharcada de sangue, ofegando desesperadamente de exaustão enquanto corriam por suas vidas, perseguidos por homens igualmente ofegantes, mas que sentiam a vitória quase em mãos. Pontas de espadas cortavam o ar, e suas lâminas rompiam nervos e músculos de pernas. Os que caíam viravam-se e tentavam erguer a espada para se defender, entretanto, os atacantes rosnavam seu veneno e fincavam espada, adaga ou machado nos homens, entre seus gritos. Corpos eram abertos ao meio, entranhas espalhavam-se pelas pernas, e mãos atabalhoadas tentavam juntar vísceras momentos antes de as lâminas seccionarem cabeças e membros. Os guerreiros pisotearam as entranhas dos inimigos e avançaram pela encosta. O jardim de um açougueiro, coberto de sangue.

Os que fugiam viam que o homem que liderava os assassinos em perseguição ficava sempre meia dúzia de passadas à frente dos que o seguiam – todos guerreiros experientes ansiosos pela vitória e pelos despojos de guerra. Conforme o combate ganhou o topo do morro, dez cavaleiros do castelo esporearam seus cavalos à frente para atropelar os atacantes sob seus cascos. Os que corriam, homens que sobreviveram à horda que avançava atrás deles, conseguiram de algum modo correr por entre as montarias de seus aliados, estupefatos com o descuido dos cavaleiros para com sua segurança. O alívio espalhou-se por entre esses sobreviventes. Estavam a salvo! Os selvagens bastardos que queriam tomar o forte fracassaram, porque agora os cavaleiros do castelo dariam cabo deles. Ledo engano. O momento de satisfação extinguiu-se tão rapidamente quanto ocorrera. Quando alcançaram o topo, os cavaleiros ficaram vulneráveis demais. A horda raivosa nivelou piques e lanças e fincou-os nas barrigas dos cavalos. Os gritos agonizantes dos animais ecoaram pelos morros, até os muros do castelo.

Eviscerados e mortalmente feridos, os cavalos guinavam para trás, derrubando os cavaleiros em meio aos atacantes, que avançaram sobre eles em uma maré implacável e impiedosa. O suor pinicava os olhos dos cavaleiros, cuja visão não passava de um filete estreito no visor do elmo, incapazes de enxergar o massacre perpetrado. Essa semivisão tornava-se uma terrível claustrofobia quando tombava o cavalo que os sustentava, jogando homem e os quase quarenta quilos de armadura que os envolvia feito uma minhoca em um caixão de ferro ao chão. Um dos primeiros a cair teve uma sensação final e incapaz de horror, com o mijo escorrendo pela perna perante a última visão de sua vida: um atacante de olhos selvagens rosnando um palavrão no mesmo instante em que uma adaga passou pelo filete estreito e fincou olho e cérebro. Com os pés, ele martelava o solo em sua agonia de morte – tateando na escuridão, percebendo que o urrar era dele. E que Deus não existia.

Antes que as entranhas do homem desistissem de funcionar, o assassino já passava por cima daquele corpo sem vida para atacar outro.

Quase lá! Sorva o ar e cuspa o medo. De olhos escancarados, implacáveis, os atacantes ganharam o topo do morro e viram o inimigo fugir para a segurança das muralhas do castelo. O rastrilho estava erguido; os homens de dentro do assentamento gritavam para que os sobreviventes corressem. Uma sirene de dor e horror informou aos defensores que, a não ser que o rastrilho fosse baixado, a morte logo se uniria a eles. Os perseguidos foram ultrapassados pelo único homem de armas que sobrevivera e agora esporeava sem dó seu cavalo para escapar da selvageria que vinha logo atrás. Os fugitivos ouviram o maldito gritando para baixarem o rastrilho assim que ele chegasse ao portão do castelo. Ouviram os cascos de seu cavalo trotando pela ponte. Cinquenta metros. Quarenta. Agora só trinta. Trinta passadas rápidas para a segurança. Um grunhido veio da torre da corrente quando a pesada manivela que segurava o rastrilho soltou o peso que sustentava. O rastrilho caiu com um baque no chão. Os sobreviventes estavam a apenas dez metros da salvação, e seus gritos de angústia ecoaram pelos muros do castelo. Estavam todos condenados.

A dúzia de soldados, ensanguentados e exaustos, virou-se para os homens que viriam matá-los. De costas para o portão trancado, largaram as armas e ajoelharam em súplica. A misericórdia era sua única esperança.

Mas não a obtiveram.

A chacina durou poucos minutos, mesmo com as lanças e rochas que eram lançadas sobre os que a conduziam. Não havia piche nem óleo fervente, não fora estruturada defesa alguma, visto que alarme nenhum soara. O ataque pegara a guarnição de surpresa quando os carroções com suprimentos foram assaltados na estrada. Eram tão poucos os homens que surgiram da floresta, que o comandante da guarnição achou que podiam ser somente um bando de mercenários itinerantes desorganizados – do tipo que vagueava atrás de roubar suprimentos. E foi por isso que Sir Rolf de Sagard enviara tropas e cavaleiros para infligir punição e resgatar seus suprimentos – mas o bando de vagabundos logo entrou em formação em um nó coeso de guerreiros disciplinados liderados por um homem na ponta da falange. Agora que os atacantes chegavam mais perto, o francês viu o brasão na armadura do homem: uma manopla de armadura segurando uma espada em posição de cruz. Seu coração parou no estômago – Sir Thomas Blackstone. Havia somente um motivo para que ele se aventurasse tão ao sul, em tão hostil território; Blackstone estava atrás do prisioneiro mantido no calabouço do castelo. Mas como o inglês poderia querer tomar o castelo com tão poucos homens? Era esse o máximo que podia conjurar – menos de cinquenta guerreiros? Talvez as lendas acerca de Blackstone não passassem de floreios. Ele parecia não ser mais do que um salteador comum com ambição além de sua capacidade. As expectativas de Sir Rolf de Sagard se elevaram. Além de seu portão, o inglês da cicatriz e seus homens agacharam-se atrás dos escudos, protegendo-se da barragem armada pelos inimigos. O francês berrou suas ordens para os homens na muralha.

– Matem-nos! Nós os pegamos! Mais pedras!

A glória seria dele, e o rei da França o recompensaria por entregar a cabeça do homem que o atormentara por tanto tempo.

Blackstone e seus guerreiros ajoelharam-se, alças dos escudos firmes e travadas acima da cabeça para receber a chuva da lança e pedregulho que

caiu sobre eles. A proteção que usavam nos joelhos, de couro fervido, os protegia do solo pedregoso, mas não demoraria muito até que os escudos rachassem feito ovos e, então, os corpos de Blackstone e seus homens iriam se unir aos dos homens chacinados.

– Santa Mãe! É melhor ele andar logo! – gritou Meulon por sobre o ruído do ataque martelando em cima deles.

Blackstone girou a cabeça e fitou o homem das barbas negras cujos olhos brilhavam por detrás da proteção de nariz do capacete. Meulon e os outros – Gaillard, Perinne: vassalos que o acompanhavam fazia muitos anos – agachados feito animais no campo, quando estão com medo de ser atingidos por relâmpagos.

– Ele vai conseguir! – gritou Blackstone, e rezou para que seu escudeiro tivesse feito exatamente conforme ordenado, visto que esse ataque era apenas uma finta para atrair os homens do castelo para o muro frontal.



Guillaume Bourdin escalava o muro de trás por uma escada frágil que balançava precariamente, quando quatro dos degraus cederam com seu peso. O rapaz continuou a invasão, embora quase tenha soltado as mãos da escada quando todo seu corpo caiu pelo buraco ali formado. Seus pés bateram no homem que estava embaixo; um grunhido abafado e um palavrão foram tudo que o escudeiro de 19 anos escutou enquanto erguia seu corpo, degrau após degrau. Escudo e espada estavam amarrados em suas costas, o que significava que ele estaria vulnerável quando cruzasse o muro. Mas nenhum soldado o aguardava; os gritos da batalha estavam bem além, no ponto em que Blackstone liderava o ataque frontal. Apesar da escada quebrada, homens jorravam pela muralha atrás dele, passando em correria pelas ameias, separando-se para a esquerda e a direita para defender muros e torres de vigilância. Corriam em silêncio, trazendo escudos junto ao corpo, preparando machados e lanças. Nenhum vestia armadura; a velocidade das passadas e a agilidade no combate demandavam que usassem apenas cotas de malha por debaixo de um jaquetão que ostentava o brasão de Blackstone. Não havia distinção entre cavaleiro e soldado comum. O pátio interior do castelo era

protegido por um muro. Quando Guillaume correu para as ameias frontais, viu outros escalando a proa de um navio que afundava para a torre de menagem, onde os soldados tomariam conta da família do cavaleiro da guarnição. O jovem escudeiro não deu bola para eles. Se os homens seguissem as ordens de Blackstone, mulheres e crianças não seriam feridas, porém, se alguém mostrasse resistência, seria assassinado.

Guillaume e seus homens conseguiram ir além do que achavam possível antes de serem detectados, visto que os defensores concentravam seus esforços em destruir os que estavam além da muralha frontal. Dez homens corriam atrás dele, para dar-lhe apoio; outra dúzia corria pelo outro adarve e logo encontraria resistência na torre de vigiância, mas os homens no solo, os quais desceram os degraus que davam para o pátio, teriam que dominar o portão o mais rapidamente possível, enquanto os de cima tomavam controle da torre e erguiam o rastrilho. Guillaume viu o andar enroscado de Guinot, o gascão robusto, o cabelo curto grisalho brilhando sob a luz fraca e a túnica de couro esticada nas costas largas enquanto ele brandia um machado em uma mão e uma clava na outra. Ele e os homens com ele não tinham escudo para se proteger; eram quem abriam caminho em meio aos soldados atrás dos portões. Cinquenta homens estavam, agora, dentro das muralhas do castelo. Guillaume sabia que, apesar de cada um de seus homens valer dois dos de Sir Rolf de Sagard, Blackstone finalmente atacava com força superior.

O comandante da guarnição virou-se quando os homens atrás dele começaram a gritar, alertando-o. Os piores medos de Sir Rolf foram materializados quando ele viu o inimigo invadindo o castelo feito um enxame. Gritou um comando e correu para Guillaume, ao longo do adarve, que era largo o bastante para permitir apenas dois homens. Blackstone passara os cinco anos anteriores treinando diariamente com seu jovem escudeiro, e as demandas sem remorso que cobrava de seus homens eram o que mantinha cidades sob controle e garantia o medo que ele criava. A ferocidade no ataque, ele sempre dizia, motiva o coração e põe força no braço da espada, mas também coloca o medo de Cristo nos outros. Agora, contudo, o maior desafio que Guillaume enfrentava era seguir a ordem de seu suserano de não matar Sir Rolf. Ele queria o homem vivo. Como, perguntava-se o

jovem escudeiro, poderia ele cumprir a ordem e sair vivo? O comandante da guarnição parou e ordenou que seus homens de armas contivessem os atacantes. Guillaume dobrou o ombro debaixo do escudo e raspou o metal ao longo do parapeito do adarve, permitindo que outro de seus homens se apertasse ali ao lado dele. Enquanto o homem cortava cruelmente as pernas dos soldados que defendiam Sir Rolf, Guillaume espetava e fincava sua espada em braços erguidos e gargantas expostas. Os soldados caíam, sôfregos, debatendo-se, e eram chutados para o pátio, lá embaixo.

Sir Rolf virou-se e pôs-se a fugir para a segurança da torre de menagem, mas Guillaume gritou para Guinot, lá embaixo:

– Guinot! Pegue-o! – E apontou com a espada na direção do cavaleiro.

O gascão lambido de suor correu adiante, parando bem no caminho do fugitivo e, quando Sir Rolf matou dois de seus atacantes, Guinot meteu a clava bem na cabeça do homem. O golpe lançou a cabeça do cavaleiro para trás, fazendo-o girar e, logo, um dos joelhos cedeu, e ele cambaleou. Atordado, deu outra meia-volta, agora brandindo desesperadamente a espada em um arco amplo, acertando outro dos homens de Guillaume bem na garganta. Nesse momento, Guinot foi para cima dele, jogou seu peso em cima do homem, arrancou dele o elmo e o socou na têmpora. Sir Rolf de Sagard caiu, inconsciente, na lama, com a barba lambuzada e as orelhas e o nariz vazando sangue. Quando se gritou bem alto que seu comandante tombara, os soldados agruparam-se e formaram um nó defensivo, amontoando-se num canto. Tinham já testemunhado a falta de misericórdia demonstrada aos que tentaram se render do outro lado do rastrilho. Não havia escolha senão lutar. Guillaume gritou para que os outros atacassem a casa de guarda. Enquanto seus soldados metiam lança e espada nos quinze ou menos homens que procuravam defender-se, ele se juntou aos que usavam uma gamela de cavalos de granito como aríete para derrubar a teimosa porta de carvalho.

Ele escutou o rastrilho sendo erguido e homens arquejando nas laterais do portão. Blackstone entrou no pátio exterior ladeado pelas figuras ursídeas de Meulon e Gaillard. Mal tinha dado umas dez passadas, gritou que os poucos sobreviventes restantes fossem poupados. Estes se amontoavam atrás de seus colegas caídos. No instante em que a ordem foi dada, os franceses largaram

as armas e ajoelharam, suplicantes. Os homens de Blackstone foram até esse grupo e urgiram-no ao campo aberto.

– Onde está Sagard? – perguntou Blackstone enquanto ele e os outros caminhavam por entre os caídos.

– Milorde! – Perinne gritou do ponto em que encostara o infeliz comandante contra a muralha, de punhos amarrados e acorrentado a um ilhó da parede.

Sir Rolf ainda estava grogue dos golpes que levara e piscou, confuso, quando Blackstone chegou perto e ergueu o punho do homem com o punho blindado.

– Onde está William de Fossat?

O homem, abatido, balançou a cabeça, murmurou alguma coisa e largou o queixo no peito.

Blackstone apertou o nariz do cavaleiro.

– Não finja que desmaiou, seu merda!

Sir Rolf soltou um suspiro exaltado.

– Você me conhece – disse Blackstone, entre dentes, ameaçando o cavaleiro.

Sir Rolf fez que sim.

– Ótimo – disse o inglês, ao escutar o estilhaçar da porta e ver Guillaume entrar com seus homens. Virou o rosto do homem para que pudesse ver o que estava acontecendo. Ouviu-se um tilintar de aço e gritos de surpresa lá dentro. Homens gritavam; mulheres esperneavam. – Mas não conhece meus homens. Não sabe o que vão fazer com sua esposa e seus filhos. Onde está Fossat?

– Não está aqui.

Blackstone empurrou a cabeça do homem contra a parede, fazendo-o se contorcer sentindo a pedra áspera raspar-lhe a pele.

– Vai poupá-las? Eu imploro, Sir Thomas, não deixe seus homens desonrarem minha esposa e minha filha.

Blackstone ficou encarando o pobre coitado sem dizer nada – e então cedeu.

– Vou poupá-las.

O fato era que já tinha ordenado aos homens que não machucassem a família de Sir Rolf.

– A verdade, Sir Thomas, é que William de Fossat não está aqui. Não é mais prisioneiro.

Dessa vez, Blackstone bateu forte com a cabeça de Rolf, atordoando-o.

– Fique com ele, Guinot. Não deixe que morra. Dê-lhe água quando acordar. Meulon, venha comigo. Gaillard, você e Perinne levam os homens. Procurem em todo canto.

Blackstone caminhou rapidamente até o forte e abriu caminho pela escadaria, por entre seus homens, que vinham descendo com montes de tecido fino, prataria e joias.

– Abram caminho! – gritou Meulon para os demais. – Meu senhor está aqui!

E penetrou a massa de gente, com Blackstone logo atrás. Seus homens iam empurrando os corpos dos defensores mortos, tirando-os do caminho. Outros se prensaram contra as paredes da escada em caracol. Blackstone dizia uma palavra aqui e ali, mencionando os homens pelo nome, parabenizando seus guerreiros.

– Próximo patamar, milorde. Mestre Guillaume está com elas – disse um dos soldados quando Blackstone passou por ele.

O inglês entrou na ampla sala na qual as tábuas compridas do piso rangeram sob seu peso. Aberturas no teto jogavam filetes de luz na câmara, na qual ainda alguns homens saqueavam tapeçaria que tiravam das paredes e levavam jarras de peltre encontradas nos armários. Candelabros e toalhas de mesa já tinham sido arrancados, e um dos homens andava com um casaco de pele de mulher pendurado no ombro. Blackstone puxou o casaco do homem e não deixou que ele chegasse a protestar por ter seu saque roubado.

– Pagarei por isso, Bety. Mais do que vale.

– Aye, milorde – respondeu o soldado.

As moedas de Sir Thomas eram melhores; muito mais fácil do que trocar um casaco pelos prazeres de uma prostituta por um mês ou mais.

Meulon urgiu os homens restantes a deixarem a sala. Blackstone fitava a família amontoada em um canto. Uma mulher, mais de 30 anos, ele supôs,

mantinha um braço em torno de uma menina de uns 8 anos, protegendo-a. Certamente, teria sido estuprada caso fosse outro homem a liderar o ataque. Um garoto da mesma idade, um pouco à frente da mãe, segurava uma lança partida ao meio. Quando Blackstone deu um passo na direção da mulher, que tremia, o menino ameaçou com a lança. Guillaume, encostado na beirada de uma mesa de carvalho, com a espada apontada para o chão, observava a cena, esperando para ver se o menino iria atacar. Não o preocupava nem um pouco a débil ameaça.

– Ele fez-me lembrar, milorde, de outro garoto em outro castelo, em outro tempo.

– Aye, mas não tão determinado quanto você era – disse Blackstone, e acenou para que cuidasse do garoto.

O escudeiro moveu-se tão rapidamente, que o menino não teve chance de redirecionar a ponta da lança. Guillaume a tomou, desequilibrou o menino e meteu-lhe um tabefe na nuca. A mulher soltou uma exclamação, e a menina, um gritinho. Blackstone estendeu o casaco para a mãe.

– Senhora, o castelo foi tomado. Ninguém aqui vai machucar vocês. Está frio; vai precisar disto.

A mulher tomou o casaco a ela ofertado e enrolou-se com ele, depois puxou a filha, muito assustada, para dentro. Guillaume pôs o menino de pé e sorriu para Blackstone. O escudeiro pegou um banco tombado e colocou o garoto ali sentado, depois acenou para que a mulher e a filha também se sentassem. Elas obedeceram, mas não pararam de disparar olhares receosos para o homem de barba escura que pairava sobre elas.

– Meulon, está deixando a dama nervosa. Dê um pouco de espaço – disse Blackstone.

– Dizem que a mãe dele morreu de susto quando deu à luz – disse Guillaume para o menino, agora com os olhinhos escancarados. – Ele nasceu com essa barba aí.

Meulon arreganhou um sorriso e fez o que lhe mandaram.

– Basta – Blackstone disse a Guillaume. – Não temos tempo para brincadeiras. – Muito sério, dirigiu-se à mulher. – Seu marido não estava

preparado para salvá-la, milady. Mentiu para mim. Sei que William de Fossat está aqui.

Ela fez que não.

Blackstone sacou a Espada do Lobo, ainda molhada de sangue, da bainha presa ao cinto.

– Darei a vocês passagem segura para o senhor mais próximo que apoie o rei John, mas preciso saber onde meu amigo está preso. Não vejo onde pode haver um calabouço.

– Não sei nada sobre William de Fossat. Sei que foi trazido para cá e acredito que foi levado após passar somente uma noite acorrentado no pátio exterior.

– Quem o trouxe?

– Não conheço o homem.

Deu para ver a mulher recobrando a confiança. Era, mais uma vez, Lady de Sagard, e desdenhava dos soldados barbáricos que invadiam sua casa. Blackstone dera sua palavra de que não lhe fariam mal, deixando-a mais segura. Aproximou o rosto do dela, vendo-a escancarar de novo os olhos, de medo. Blackstone baixou a voz e falou com ela de modo bastante comedido, para que entendesse bem a mensagem.

– Você e seus filhos estão a salvo, mas seu marido vai morrer hoje, a não ser que me conte o que aconteceu neste lugar. Ficaré viúva, sem proteção. Seus filhos, sem o pai. Queimarei este lugar até as ruínas. O rei tomará suas terras. Salve-se. E a seu senhor.

A mulher hesitou, mas a ideia de ficar viúva, como tantas que ela conhecia, e a dificuldade que a situação traria a fizeram tomar uma decisão.

– Há um calabouço abaixo da parede ao norte. Um alçapão... no arsenal.



Gaillard afastou com a bota o monte de palha no chão, rodeado por Blackstone, Guillaume, junto de Meulon e mais meia dúzia de homens com tochas acesas nas mãos.

– É aqui – disse ele. Grunhindo, o homem curvou-se, agarrou o anel de ferro do alçapão e içou a pesada placa de madeira, para então deixar que

caísse do outro lado, com o próprio peso. – Tem degraus, milorde. – Ao falar, ele se retraiu por conta do fedor que subiu do porão escuro.

O cheiro alcançou os outros, que levaram o braço em cima do nariz e da boca. Blackstone pegou uma das tochas e desceu a escadaria íngreme devagar.

– Fiquem aqui – ordenou.

Conforme foi descendo, o cheiro piorou, e dava para ouvir o zumbido abafado das moscas. Ele supôs que estava já uns cinco metros abaixo do piso, e pôde ver as fundações de pedra grosseiramente lavrada. Quando estendeu a mão para firmar o passo na estreita escadaria, sentiu água descendo pela parede. O lugar pingava umidade do piso acima, e o cheiro pegajoso de putrefação misturava-se ao ar parado. Quando não havia mais degraus, o cavaleiro viu-se em um amplo espaço no qual as chamas de sua tocha não alcançavam os limites. Ao caminhar à frente, viu correntes com manilhas penduradas em anéis nas paredes e um braseiro, frio, com as cinzas cobrindo em parte os tições de ferro usados para torturar, que agora fincavam a brasa apagada. Ele procurou ouvir algo, mas não havia som algum exceto o crepitar da tocha que ele mantinha distante de si, brandindo nas sombras.

– Guillaume! Meulon! Tragam mais luz! – ele pediu. – William? Está aqui embaixo? William! É o Thomas! Está me ouvindo?

Seu chamado não produziu eco; as paredes pesadas absorviam toda a sonoridade. Não veio resposta; talvez a mulher tivesse dito a verdade, que William de Fossat fora levado para outro lugar. Ele ouviu Guillaume e Meulon descerem pela escadaria de madeira, ouviu-os reclamarem do cheiro e cuspirem o gosto nojento da boca. A luz das tochas deles ampliou a visualização do calabouço, mas ainda nenhum sinal de Fossat. Blackstone virou a cabeça e prestou atenção. Um zumbido abafado vinha de algum ponto à direita. Cautelosamente, foi adiante, os outros logo atrás, então viu a figura encostada na parede oposta.

Blackstone correu para o homem pendurado por correntes no teto, algemado pelos punhos; a cabeça pendia contra o peito, e as madeixas compridas de cabelo negro cobriam o rosto.

– Piedoso Deus – sussurrou Meulon, e fez o sinal da cruz.

Blackstone não conseguia compreender o que tinham feito ao seu amigo. Seus olhos levaram alguns instantes para encontrar a resposta, e sua mente, mais um pouco para entender. William de Fossat estava nu, com os braços totalmente estendidos, suportando o peso do corpo, ou o que restara dele. A placa larga de músculos das costas dele não estava coberta com o cabelo preto, como Blackstone se lembrava de ver, mas, sim, por uma massa tremulante de moscas. Ele escutou Guillaume engasgar e vomitar quando a luz da tocha de Blackstone expôs a metade de baixo do corpo do homem. O que Blackstone levava tanto tempo para entender era que o tecido rasgado pendurado logo abaixo do peito de Fossa não era tecido de camisa, mas o que restara da pele que fora esfolada de seu corpo.

A garganta de Blackstone se fechou, e ele quase não conseguiu falar.

– Guillaume, pegue um balde d’água e um pano, e pegue o casaco daquela mulher e traga-o aqui.

Blackstone ouviu seu escudeiro sair às pressas e, segundos depois, o roçar dos pés do moço nos degraus. Ele não tirava os olhos de seu amigo normando, rezando para que não houvesse mais vida naquele corpo torturado. Estendeu o braço para o lado.

– Meulon, pegue esta aqui e traga as duas tochas para perto.

Meulon fez o que Blackstone lhe pedira e abriu bem os braços, dando a seu suserano o máximo possível de luz em torno do homem destruído. Blackstone espantou as moscas; elas tentaram retornar em grupo logo em seguida, mas ele manteve o movimento do braço até que se dispersaram. Gentilmente, ele afastou os cabelos do rosto do homem. Um dos olhos fora arrancado, e a carne inflamada estava tão inchada quanto a massa sangrenta que era a bochecha. Blackstone ficou ali, com as mãos pairando em frente ao amigo, sem saber o que fazer. Ele deixou os dedos percorrerem gentilmente os braços de Fossat e pôde sentir, por debaixo dos grandes músculos, que os ossos foram quebrados.

– William, em nome de Deus, quem foi que lhe fez isso? – ele sussurrou para si mesmo.

Com cuidado, pôs a mão no pescoço de Fossat, mas não sentiu pulso. Guillaume retornou com o balde de água e panos, os quais pousou a alguns

passos do torso rasgado do homem. Blackstone não precisou virar-se para ver o horror no rosto do escudeiro.

– Traga mais perto, Guillaume. Preciso disso aqui – disse, baixinho.

O jovem escudeiro levou o balde para o lado do mestre, mas manteve o rosto virado para longe da pele rasgada e a massa agitada que retornara para alimentar-se da carne rasgada. Blackstone sustentou o rosto de Fossat por um dos lados, erguendo a cabeça.

– Molhe o pano e dê para mim – disse, mantendo os olhos no rosto do torturado.

Ele pegou o pano encharcado e acalentou a pele maltratada, umedecendo os lábios partidos e rachados. Ao sentir um ligeiro tremor, soube que o normando ainda estava vivo. Apertando o pano, colocou mais água em seus lábios.

– William, é Thomas Blackstone. Está me ouvindo?

Com toda atenção, o cavaleiro teve certeza de que ouvira um raspar de ar no fundo da garganta do amigo.

– Guillaume, vá procurar a chave das manilhas. Temos que tirá-lo daqui.

Blackstone levou a boca bem perto do ouvido de Fossat e repetiu seu nome. Dessa vez, foi definitivamente um som o que surgiu no peito do homenzarrão e encontrou seu caminho até seus lábios.

– Thomas... – ele sussurrou.

– Isso, isso, vim buscar você – apressou-se a dizer.

Fossat disse outra coisa, mas Blackstone não entendeu, então colocou o ouvido perto dos lábios do homem.

– Como prometeu...

– Sim. Como prometi – disse Thomas. – Vamos tirá-lo daí.

Blackstone olhou de soslaio para onde Guillaume procurava freneticamente uma chave entre outras correntes e manilhas.

– Anda logo – ele urgiu.

A cabeça de Fossat mexeu-se na mão de Blackstone, que ouviu o amigo sussurrar.

– Não... Thomas... não.

Blackstone foi quase tomado pela incapacidade.

– William, vou levá-lo para casa. Eu juro.

Mais uma vez, a cabeça do homem mexeu um pouco, o olho ileso abriu-se e piscou sob a luz da tocha.

– Abaixei – Blackstone disse a Meulon, que baixou os braços, deixando as sombras cobrirem de leve o rosto de Fossat.

Blackstone sentiu lágrimas brotando nos olhos.

– William – ele sussurrou. – Você está quebrado. Está todo quebrado.

Uma exclamação suave escapou do torturado. Ele tentou falar, mas as palavras não se formaram. Blackstone virou-se angustiado para Meulon e viu que, rangendo os dentes, aquele urso de homem também chorava.

Blackstone engoliu o próprio choro e limpou as lágrimas que já tinham descido por sobre a sujeira de seu rosto. Fungou de volta a fleuma e recompôs-se. Fossat tentava dizer algo. Blackstone prendeu a respiração, o coração martelando, desejando que este se aquietasse.

– Dói... – murmurou Fossat. Depois, bravamente, forçou mais palavras pelos lábios. – Dói... tanto...

Blackstone passou a sussurrar.

– Quem fez isso, William? Conte-me. Foi Sagard?

Por um momento, pareceu que a vida tinha abandonado Fossat, mas logo seus lábios tornaram a se mexer.

– Padre... Thomas... padre...

Não havia mais esperanças.

– Não há padre aqui para confortar nem absolver você, William – disse Blackstone, incapaz de fazer algo a mais pelo amigo.

Este travou olhares com Blackstone, que o fitou de volta, confuso. Então Fossat disse outra coisa.

Blackstone ouviu as palavras claramente e ficou estático, pasmo, por um momento. Depois fez que não.

– Não posso. Vou levá-lo para casa. Prometo.

Contudo, assim que fez a promessa, soube que era falsa. Não havia como baixar dali o homem sem que o sofrimento lhe espremesse a última gota de coragem e fôlego.

Guillaume apareceu logo atrás de seu senhor.

– Encontrei a chave, Sir Thomas.

Blackstone virou-se para os dois homens, com a angústia estampada no rosto. Meulon o incentivou. Já tinha entendido.

– Espere – Thomas disse a Guillaume, quase sem ser ouvido.

Ele levou o rosto perto do de Fossat e beijou o amigo nas duas bochechas. Fossat o recebeu.

– Melhor... meu amigo... do que este inferno – murmurou. – Mesmo... você sendo inglês.

O cantinho da boca ergueu-se, tentando sorrir.

Blackstone abraçou o corpo ensanguentado de quem um dia fora oponente e amigo e mergulhou a faca no coração dele.



A chuva não dava trégua. Nada como flechas trazidas por um vento raivoso, mas um véu uniforme que encharcava e ardia nos olhos. Garoa que disfarçava as lágrimas dos homens.

Meulon e Guillaume trouxeram o corpo de Fossat do calabouço envolto no casaco da mulher. Foram necessários seis homens fortes para carregá-lo até o pátio, onde os outros se reuniram, inquietos, em silêncio. Blackstone amarrara as dobras soltas com cordão; o homem era alto e largo demais para que o manto lhe desse um pouco de dignidade, mas não fazia diferença – tormento como o que lhe fora infligido despira-o da dignidade assim que o primeiro corte de faca circulou seu corpo e a pele descascou. A chuva caía sobre seu rosto pálido, sem vida, absorvida pelo cabelo grosso e a barba conforme amolecia a gola do casaco de pele. Sir Rolf e sua família foram postos na lama, encharcados e tremendo, para ver Blackstone deitar o corpo de Fossat em frente a eles. Ele cortou os cordões tesos e afastou o manto, expondo o torso nu de seu amigo e o que lhe fora infligido.

O homem murmurou alguma coisa; a mulher arquejou e trouxe os filhos para si. Sir Rolf olhou para o corpo e virou o rosto, inclinando-o, como se negasse qualquer interesse ou conhecimento acerca do morto.

– Ossos quebrados, depois esfolado – Blackstone disse aos homens, que a tudo assistiam.

– Esfole esse bastardo, milorde. Que ele sinta o tormento – disse um deles.

– Façam-nos cavar a cova dele! – gritou Perinne. – Depois o esfole!

Os homens todos pareciam concordar. O destino de Sir Rolf pendia na balança.

– Diga-me se foi você quem fez isso – Blackstone disse, muito calmo. A frieza de sua voz não passou despercebida por Sir Rolf.

– Você nos prometeu passagem em segurança – respondeu o cavaleiro. – Para sermos levados a um aliado francês. Deu sua palavra, Sir Thomas. Palavra de cavaleiro!

Blackstone fez que sim.

– Foi dada, e permanece.

Sagard assentiu, finalmente sucumbindo ao pedido de Blackstone, falando com muito mais alívio.

– Seu amigo foi trazido aqui sob custódia de um homem que eu não conhecia. Veio com autorização do rei. Disseram-me que William de Fossat seria mantido aqui. Que ninguém saberia onde estava preso. Agi sem malícia. Receei por nossas próprias vidas, Sir Thomas. Tudo que fiz foi permitir que entrasse. Não sabia nada do que seria feito a Sir William. Nada. Juro pela minha honra. Somos vassalos do rei e obedecemos a ele. Por pena de morte, obedecemos.

– E o nome desse homem?

– Gilles de Marcy. Ouvi os capangas o chamarem de Padre Selvagem.

Blackstone entendeu que Fossat não sussurrara padre por precisar de um, mas para dizer o nome de quem o torturara.

– Não escutou os gritos? – Blackstone perguntou, direcionando o olhar do cavaleiro para a esposa.

Os dois sacudiram as cabeças com veemência. Estavam mentindo. William de Fossat fora um grande guerreiro e um homem que podia suportar dor mais do que muitos, mas Blackstone sabia que, se fosse ele preso naquele calabouço, tendo que enfrentar o mesmo destino, seus gritos ainda estariam ecoando pelos muros do castelo.

– Não veio som nenhum lá de baixo? – ele insistiu. – Nenhum urro de um homem sendo quebrado e esfolado? Nem por essas paredes?

Mais uma vez, o homem e sua esposa fizeram que não.

Blackstone fitou a garotinha, toda trêmula, abraçada às saias da mãe. Devia ter a mesma idade de sua filha. Puxando Guillaume de lado, ele lhe falou baixinho.

– Meu rosto vai assustar a menina; o seu mostra ternura. Pergunte a ela – disse, e passou para o escudeiro a informação que desejava.

Guillaume virou-se para a criança e curvou-se, para poder olhar bem nos olhos dela. E falou baixinho.

– Você tem dormido bem ultimamente, mocinha? – perguntou ele gentilmente.

A mãe recuou o braço, puxando a menina um pouco mais para perto. Guillaume aguardou. Após um momento, quando a menina entendeu que o rapaz dos cabelos claros e olhos bondosos não a estava ameaçando, ela fez que não.

– Foi por causa de alguma coisa que você ouviu à noite? – perguntou Guillaume, sorrindo para atenuar o inquérito.

A menina fez que sim.

– Que foi que você ouviu? – ele continuou, ficando em um dos joelhos, mas não chegando mais perto.

– Os demônios da noite – disse ela. – Ficavam gritando.

Sir Rolf estava prestes a censurar a filha, mas Gaillard se pôs entre ele e a menina, impedindo-a de ver a expressão no rosto do pai. Com uma faca no pescoço, o cavaleiro foi forçado a ficar em silêncio.

– Foi isso que sua mãe lhe disse? – Guillaume perguntou, querendo arrancar a verdade.

A menina fez que não.

– Foi o papai que disse que eram demônios mandados pelo mal para assustar crianças maldosas.

Guillaume sorriu para tranquilizar a garotinha e levantou-se. O rosto da mãe estava deformado, desolada com a revelação da criança. Blackstone virou-se para Sir Rolf.

O destino do francês fora selado, isso era fato.

A esposa de repente correu para ele, afastando a filha, e a ele se prendeu ao ser abraçada. Chorou com o rosto enterrado em seu ombro, depois fitou Blackstone.

– Uma morte honrável, Sir Thomas. Permita-lhe. Não o mutile...

– Como ele permitiu que fizessem com meu amigo! – Blackstone gritou.

A mulher retraiu-se. Gaillard arrastou o infeliz cavaleiro, enquanto Meulon a segurava. A menina berrou pela mãe e correu para agarrar-se às saias dela, mas o filho de Rolf apenas observava estoicamente os eventos que se desenrolavam.

Blackstone foi até o meio do pátio, onde Gaillard chutou as pernas do homem, fazendo-o ajoelhar-se, preparando-o para a execução.

– Deixe que levante – Blackstone ordenou.

Por um momento, em dúvida, Gaillard hesitou, mas então obedeceu.

Sir Rolf parecia um animal encurralado, tremendo perante o bando de homens que o cercavam. Não mostrava mais sinal algum de arrogância de posição ou privilégio.

– Disse que ninguém saberia que William de Fossat estava detido aqui – disse o inglês.

Sir Rolf fez que sim.

– Mas um senhor normando ficou sabendo que meu amigo fora capturado e trazido para cá. E essa informação me foi passada. Era esperado que eu tentasse resgatá-lo. Com quantos homens cavalgava esse Padre Selvagem?

– Somente dois dos homens dele sobreviveram. Fossat matou os outros.

Blackstone entendeu que não se tratava de um ataque contra os lordes normandos. Não era um bando grande de mercenários nem os homens do rei que andavam cavalgando pela Normandia. Se tal incursão ocorresse, sua presença teria sido notada. Aquilo não passara de uma emboscada pequena. Fosse quem tivesse planejado isso, quisera tirar Blackstone da segurança de seus domínios e dos normandos que o protegiam. Sabiam que ele atacaria com toda força e não seria derrotado.

– Então não sou eu a presa – Blackstone murmurou consigo, sentindo um frio na boca do estômago. – Meulon! Dê-lhe a sua espada!

Meulon obedeceu logo e voltou para perto dos outros.

– Você não merece misericórdia, mas pode morrer com dignidade – disse-lhe Blackstone, sacando a Espada do Lobo.

Sir Rolf olhou mais uma vez para a esposa e os filhos, ergueu a espada em posição defensiva e deu três passos determinados contra Blackstone.

Seu ataque teve um bom ritmo, firme no equilíbrio, e o avanço poderia ter sido fatal caso o inglês não tivesse rapidamente se esquivado do arco da espada. No instante em que o impulso de Sir Rolf o tinha levado um passo além de seu oponente, sua cabeça decepada caiu para a frente, na lama, e seu corpo trêmulo deu mais alguns passos vacilantes e tombou com um último espasmo.



O fogo consumiu o castelo, espalhando o ódio de Blackstone por cada fenda. A fumaça espiralada seria vista em um raio de quilômetros, mas ele duvidava que algum francês se aventuraria além da segurança de seus muros até que o céu clareasse. Blackstone mandou que Lady de Sagard e seus filhos fossem escoltados para um lorde local por soldados sobreviventes do marido dela. Cedo ou tarde, batedores sairiam e confirmariam a destruição do forte de Sir Rolf e veriam sua cabeça decepada adornando uma lança em frente ao portão principal. E todos saberiam como o inglês fizera uma rápida e bem-sucedida incursão ao castelo e matara um dos cavaleiros de confiança do rei John.

O corpo de William de Fossat fora empacotado em sal, envolto em linho e amarrado em lona para ser levado para casa por uma dezena dos homens de Blackstone. O enterro do amigo ficaria por conta da viúva. A alma do homem passara pelo abraço do inglês. Uma oração seria dita e uma invocação feita à deusa cuja imagem ele trazia pendurada no pescoço. Anjos ou espíritos pagãos podiam fazer o resto. Não havia dúvida de que Fossat ser torturado de tal maneira era uma declaração de um inimigo que ligava muito pouco para as bênçãos dos anjos. O que faria ele em seguida? Se Fossat fora usado como isca para atrair Blackstone e seus homens, era de se esperar que o ataque para tomar as cidades dele já teria começado. Ele metera as esporas nos flancos do rei John quando tomara Saint-Clair-de-la-Beaumont, entretanto, quanto mais

pensava em tudo, menos sentido encontrava. Rei John não poderia arriscar-se em tal empreitada, e não o faria. Mesmo com mercenários contratados, não havia homens suficientes para sitiar diversas cidades de uma vez só, correndo o risco de que os lordes normandos se virassem contra ele. Apesar da dúvida, Blackstone mandou que Meulon, Gaillard e Guinot e os homens retornassem às pressas para suas atividades. A patrulha seria redobrada, e as cidades, preparadas para pôr todos os aldeões para dentro dos muros. Blackstone soltou totalmente as rédeas de seu impetuoso cavalo, com Guillaume ao lado. Dormiriam na sela mesmo e parariam somente quando os cavalos precisassem descansar.

Garras muito afiadas esmagavam seu coração.

A ameaça do Padre Selvagem colocava em perigo sua casa.



CAPÍTULO QUINZE

Os filhos de Blackstone estavam a salvo. Ele chegou ao Castelo de Harcourt e foi recebido por Blanche e Jean, com a afeição e o calor de costume, mas com a notícia preocupante de que Christiana ficara impaciente e, apesar das objeções deles, viajara até Paris em busca do pai.

Ambos, homens e cavalos, estavam exaustos, mas Blackstone juntou os filhos, afastando a raiva que sentia de Christiana da ternura que concedeu a Agnes, e do mais reservado, embora não menos afetuoso, abraço que deu no filho, Henry.

– Pai, eu disse à mamãe que ela não deveria partir sem o senhor, mas ela não me escutou – disse Henry em pose de respeito perante o pai.

Blackstone pôs Agnes no joelho e arrumou as mechinhas de cabelo da menina atrás das orelhas. Quando a beijou na testa, ela torceu o nariz.

– Você tá com cheiro de cavalo – disse.

– Devo ir embora tomar banho ou você aguenta o cheiro?

– Pode ficar – disse a menina ao pai, e ajeitou-se em sua posição privilegiada, raspando a unha na túnica suja de terra e sangue.

– Ela estava brava? – Blackstone finalmente disse ao filho.

– Não, pai, mas estava infeliz por o senhor não estar aqui.

Não havia como negar que ele não esperava menos que isso.

– Tinha um trabalho a fazer – ele respondeu.

– Salvou Lorde de Fossat? – perguntou Henry, com a mão pousada na empunhadura prateada da faca em seu cinto.

– Não, mas o abracei enquanto morria.

– Matou o homem que o capturara?

– Um deles – disse Blackstone, e pousou a filha no chão. – Tenho que ir agora, Agnes.

– Tomar banho? – ela perguntou, passando a mão nas saias, alisando o material do mesmo modo que ele vira Christiana fazer milhares de vezes.

- Vou tomar banho quando voltar – ele garantiu.
- Vai sair de novo? – ela perguntou, estendendo a mão para as mãos sujas do pai e deslizando ali dentro os dedinhos.
- Sim, vou encontrar sua mãe.



Blackstone reuniu-se com Jean e Blanche de Harcourt no salão principal e lhes disse o que acontecera: que ele acreditava que a emboscada fora encenada apenas para tirá-lo de casa. Não deu detalhes da tortura infligida nem da vingança por ele executada. O vinho que beberam fez pouco para acalmar o sabor amargo de ver Fossat morrendo daquele jeito. Blanche fez o sinal da cruz. Mais tarde, faria orações pelo normando, na capela.

– Não houve incursão alguma perto do seu território, Thomas – Jean lhe disse. – Nenhuma tropa nem mercenário. Nada. Nenhum de nós crê que a emboscada foi qualquer coisa além de questão pessoal. Não há sinal de tropas sendo reunidas.

– Acha que é coincidência Fossat ser levado quando Christiana encontra um lenço que acha que pertence ao pai? – perguntou Blackstone.

– E o que mais seria? Joanne mesmo me disse que o enviou para ela – disse Blanche.

– Quem lhe falou sobre a emboscada? – disse Blackstone, estudando o rosto de Jean de Harcourt, procurando por qualquer indicação de desonestidade, ao mesmo tempo amaldiçoando-se por ter tais pensamentos.

– Graville. Um dos informantes dele em Paris mandou a notícia quando estávamos no castelo de Guy.

– O confessor dele? – disse Blackstone, e terminou seu vinho, mas sem tirar os olhos do rosto do amigo.

Harcourt deu de ombros.

– Thomas, não faço ideia. Graville não nos contaria nem se pedíssemos; seria perigoso demais para quem lhe deu a informação.

Blackstone sabia que Harcourt não estava mentindo. Mas o fato de Graville ter passado um bom tempo em Paris, rezando junto de um padre que conhecia fazia anos, e com ele se confessando, era tanto um risco quanto um

subterfúgio ideal – caso fosse necessário. Uma dúvida supurou. Seria o piedoso Graville um traidor? Não somente ele mandara a notícia da captura de Fossat, mas colocara o velho Hugh e Beatrix na residência de Blackstone. Uma traição dessas se mostraria somente quando os lordes normandos fizessem sua jogada contra o rei. E a força dos normandos poderia ser diminuída com a morte de Blackstone.

– E nada mais de incomum? Mais nenhum acordo com Navarre ou com o filho do rei? – disse Blackstone, procurando qualquer outra coisa que lhe pudesse dar uma pista da causa dos eventos recentes.

– Nada. Além de soldados a mais nos portões da cidade – disse Harcourt, sem desconfiança.

– Por que motivo?

– O rei fica nervoso. Tem acontecido vez ou outra.

Blackstone serviu-se de um pouco mais de vinho.

– Christiana não deveria ter deixado as crianças. Ela me prometeu que me esperaria para ver o que fazer.

Blanche tocou o amigo no braço e tentou acalmá-lo.

– As crianças estão a salvo e sendo bem-cuidadas, Thomas. Marcel tem entretido Agnes, e Jean instrui Henry todos os dias – ela disse, enquanto Blackstone deixava que as chamas da lareira o aquecessem.

– Thomas – Jean insistiu. – Christiana é voluntariosa. Se não fosse, não teria ignorado nosso conselho e se casado com você! – Ele sorriu, na vã tentativa de aliviar Blackstone da ansiedade. – E Henry está indo bem. Ataca direito e a cada dia tem ficado mais agressivo com a espada de treinamento.

Não havia como acalmar os ânimos de Blackstone.

– Ela abandonou os filhos por uma busca impaciente que pode nos colocar a todos em perigo. – Ele fitou os amigos, querendo poder explicar por que tinha certeza de que o que dizia era a verdade. – O pai dela está morto – disse, frio.

Os dois homens se encararam. Leia os meus olhos, desejou Blackstone. Veja o que vi no dia em que minha flecha fincou o homem nas entranhas.

Harcourt sentiu a intensidade de Blackstone, e entendeu que o segredo que o amigo guardava era algo de que jamais se poderia falar em voz alta.

Independentemente do modo como Blackstone obtivera a informação, ficou claro que o pai de Christiana estava mesmo morto.

Blanche de Harcourt julgou que a agonia silenciosa do inglês era somente a preocupação com Christiana. Ela o tocou no braço e sorriu.

– Mandei preparar água quente e comida para você e Guillaume.

O cabelo de Blackstone estava todo emplastado; a sujeira nas mãos e no rosto testemunhava os dias de viagem e conflito. Qualquer cansaço que lhe mordiscava os músculos, ele o ignorava.

– Não vou ficar, Blanche, tenho que encontrá-la.

– Nem pensamos que você ficaria – disse Jean, passando mais uma taça de vinho para ele. – Coma e tome banho, pelo menos.

Blackstone fez que não.

– Se eu for a Paris, tenho que parecer um camponês.

– Até mesmo os de classe baixa tomam banho em Paris, Thomas. Não se preocupe. Vai estar fedendo o suficiente quando chegar lá.

O inglês não podia negar que um banho quente aliviaria o desconforto em sua mente tanto quanto diluiria a sujeira de sua pele, então curvou a cabeça em agradecimento a Blanche. Ela sorriu e saiu para instruir seus criados.

Blackstone aguardou até que a mulher deixou o grande salão.

– Jean, escute. Se eu fosse caçado por um assassino do rei, de que modo seria mais fácil me pegar? Em casa? Aqui, no coração da Normandia? – ele perguntou baixinho.

– Não. Não teriam como pegá-lo aqui. Então, atraem-no para fora, capturando William. Então por que não tentar matá-lo quando foi tentar resgatá-lo?

– Porque eu estava com meus homens. O castelo de Sir Rolf não era tão bem-defendido. Eu mordi a isca, Jean. Fui honrar a dívida para com um amigo, e minha esposa foi convencida a ir a Paris. Posso levar meus homens para lá?

Essa pergunta nem precisava de resposta.

Harcourt espremeu as mãos uma na outra.

– Santo Deus, Thomas, está indo sozinho para uma armadilha.

– O que mais posso fazer? Christiana está em perigo. Sabem que eu vou.

Fossat sacudiu a cabeça.

– Joanne de Ruymont não faria parte disso. Ela gosta tanto de Christiana quanto Blanche. Essas mulheres são ligadas pelo carinho que têm uma pela outra.

– Jean, um simples pedaço de bordado feito por Christiana foi usado para incitá-la a sair. Que modo melhor de atraí-la do que usando uma amiga? Com todas as melhores intenções, Joanne de Ruymont, sem querer, atuou pelas mãos do rei. Ela e Guy também podem estar em perigo.

– Um lorde normando nunca estaria em perigo em Paris, Thomas. Nem mesmo o rei é assim tão burro. Santo Cristo, será que eu trouxe isso sobre você com nossa conspiração?

Blackstone inclinou-se à frente e pegou o amigo pelo braço.

– Não, Jean. Eles devem estar atrás de mim por eu ter ferido o rei ao tomar Saint-Clair. – Blackstone bebeu o que lhe restava de vinho. – Você diz que eles redobram os guardas, então como passo por eles? E como encontro Christiana?



Um dos aliados de Harcourt tinha um contrato com a cidade para fornecer grãos e comida, e suas barcas viajavam pelo Sena cidade adentro. Um aldeão de costas largas era sempre bem-vindo, principalmente quando moeda nenhuma passava para suas mãos e o trabalho era feito como um favor que um dia seria retribuído.

A barca que transportava Blackstone seguia tranquilamente seu caminho ao longo da corrente serpenteante. Despido da cota de malha e da túnica, estava idêntico a qualquer outro camponês que trabalhava nas barcas. O barqueiro manobrava com uma confiança lapidada desde a infância, mas observava o passageiro das costas largas com curiosidade. Não era aristocrata, isso era fato. A sujeira e os músculos denotavam um trabalhador, mas os modos eram sofisticados demais para isso. Falou baixo quando subiu a bordo, agradeceu e perguntou o que deveria fazer. Quem é que dizia “obrigado” a um barqueiro? Sente-se e fique quieto e lhe será dito o que fazer quando for a hora, isso lhe foi ordenado e, como uma maldita ovelha, foi exatamente isso que ele fez.

Seria insensato inquirir o estranho, mas uma viagem segura sem infortúnios seria bem-vista pelo empregador. Os assuntos de um homem dizem respeito somente a ele, mas ele apostaria o pagamento que receberia por esses sacos de grãos que o homem levado a bordo trinta quilômetros rio acima não tinha boas intenções. Assassino, talvez. Contas a acertar. O comércio fluvial fervilhava de homens com facas, mas era apenas para brigas de taverna, nada mais. Não, esse homem foi posto a bordo em segredo por um motivo que o barqueiro não tinha desejo algum de descobrir. Pelas lágrimas de Cristo, pensou ele, não era somente o Sena que tinha profundas correntes traiçoeiras que os homens não enxergavam. Ele se sentiu grato por ter apenas as autoridades dos cais com que lidar e torceu para que o cara da cicatriz não fizesse nada idiota caso fosse desafiado, porque poderiam todos acabar no açoite.

Blackstone via o quadro de vilas e campos passar, mas, quando a barca fez uma curva, ele viu os pilares de fumaça distantes desprendendo-se de chaminés que pareciam encher o horizonte. Até onde dava para ver, os muros da cidade abraçavam Paris. Se a grande guerra de Edward chegasse ali algum dia, ele teria de sitiá-la por toda uma vida. O rio poderia ser bloqueado, mas Blackstone sabia que, se Edward quisesse a Coroa, o rei francês teria de ser atraído de seu forte e derrotado fora de suas muralhas.

Ao passarem pelas cercanias da cidade, viram pássaros sobrevoando as forcas. Os corpos das vítimas pendurados ali atendiam os corvos, que se regalavam com a carne em putrefação. Uma grande estrutura fora construída para enforcar dez ou vinte de uma só vez, imponente feito um monumento à morte no descampado além dos muros da cidade.

O olhar curioso de Blackstone fixou-se em tudo quanto era canto quando passaram debaixo dos arcos de uma imensa ponte. Ele jamais vira tanta atividade no tráfego do rio, indo de lá para cá sob o poder de velas e remo. Da porção mais baixa do rio, as casas erguiam-se para o céu: telhados serrilhados um após o outro. Fileira atrás de fileira de prédios construídos em cima das pontes; janelas abriam-se, e restos de comida eram tombados no rio. Chegaram vozes misturadas aos sons entrecortados da música de rua à barca, em seu traslado pelo rio. O canto solene e misterioso dos monges ia e vinha

pelas ruas, que afunilavam o eco das vozes saídas de fosse lá em qual igreja eles cantavam. Rodas d'água rangiam e gemiam, vertendo água lentamente para o moinho, cujas estacas mais baixas estavam verdes de viver mergulhadas no lodo do rio. Além delas, pináculos e torres impunham-se, arrogantes, proclamando sua dominância sobre as ruas abarrotadas da cidade. O barqueiro manobrou a barca para os declives que chegavam ao rio de uma ampla praça na qual casas construídas com madeira, argila e pedra cortada rodeavam o espaço aberto. Locais importantes. Barcas de grãos, maiores que os demais veículos, tomavam boa parte da costa enquanto barcos menores sacudiam e vacilavam à espera de um cantinho no ancoradouro. Placas de madeira mais altas que um homem alinhavam-se na costa; sacos e barris eram checados pelos oficiais de comércio e agentes do governo enquanto cestas de fruta e gado enjaulado eram removidos das barcas.

O barqueiro usou a corrente para trazer seu veículo para a margem, falando com outros cujos veículos debatiam-se em busca de espaço. Enquanto a barca era estacionada, os palavrões voavam tão facilmente quanto os cumprimentos entre homens que se conheciam fazia toda uma vida de trabalho no rio. O barqueiro fora instruído por seu mestre a entregar o passageiro desconhecido a salvo em Paris, tendo passado sem desconfiança pelos vigias nas pontes – o cais agitado serviria como meio perfeito para cumprir o dever.

A barca foi parando junto da beirada, e os homens pularam fora, muito acostumados a ajeitar a embarcação.

– Você! – gritou o barqueiro para Blackstone. – Quando ancorarmos, pegue um dos sacos e siga os outros homens. Faça o que fizerem.

Blackstone fez que sim. Quando a barca foi amarrada, a tripulação começou a içar sacos de grãos e caminhar com facilidade pela prancha instável que unia a embarcação à margem. O barqueiro ficou observando cada homem trabalhar sob o peso da carga, enquanto Blackstone aguardava sua vez de desembarcar.

– Isso aqui não é lugar para um homem de uma vila na qual ele conhece o vizinho. Há ligas e irmandades nesta cidade, membros de corporações que juram proteger uns aos outros. É melhor não confiar em ninguém – disse ele a Blackstone.

– Vou me lembrar disso.

– Aye, bem, você não parece ser do tipo que confia com facilidade. Mas vale a pena avisar, caso meu mestre fique sabendo que eu o fiz.

– Ficaré.

– Ótimo. Deitará prata na minha mão, e isso ajuda a alimentar a família, nestes tempos difíceis. – Ele virou o rosto para a direção da qual tinham vindo. – Fique longe do Châtelet sobre aquela ponte ali – disse, apontando para um local além da última ponte pela qual tinham passado. – Colocam a pessoa nas celas lá e, querendo ou não, elas ficam.

– E por que eu acabaria em uma cela? – perguntou Blackstone, contando que o homem não soubesse sua verdadeira identidade.

– Porque você parece ser do tipo que sabe cuidar de si mesmo... um briguento. E lá fica o bairro dos açougueiros e curtidores, e são homens difíceis. Uns crápulas, quase sempre. Se houver revolta, pode apostar sua última moeda que eles estarão na primeira fila, com seus cutelos e ganchos. Então, se não forem com a sua cara... e você não parece ser do tipo que evita uma briga... se não lhe matarem, é nas celas que vai parar. E que fedor! É ali que o sangue e a merda dos animais mortos são levados pelo esgoto para o rio.

– Onde estamos agora? – disse Blackstone, querendo localizar-se.

– Lá em cima – disse o barqueiro, olhando para a praça larga pouco acima da margem do rio – é a Praça de Grève, e aquela casa de pedra bonita é a Casa dos Pilares. – Ele fez uma pausa, sabendo que o nome não significava nada para o estranho. – A casa de comércio – acrescentou.

Depois, com uma inflexão mais séria:

– Tem sempre policiais civis por ali. Se a pessoa quer evitar ser interrogada por zanzar feito uma ovelha no matadouro, deve dar a volta na praça e entrar naquelas alamedas estreitas. A multidão engole os estranhos.

Chegou a vez de Blackstone botar um saco sobre o ombro e seguir os outros. O barqueiro o viu passar, receoso de que o passageiro fosse abordado assim que largasse o saco e se misturasse à multidão agitada da praça. Não queria que alguém em terra associasse os dois. Blackstone logo sumiu de

vista, e então o trabalho do barqueiro estava feito. O que aconteceria a essa carga humana não lhe importava mais.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Paris fervilhava. A margem direita do Sena havia se expandido para além das antigas muralhas da cidade, onde o comércio florescia, ao contrário da área menos populosa, na margem oposta, que era dominada pela universidade, pelos escribas e pelos clérigos. Blackstone jamais vira tão conturbada massa de gente. O tráfego entupia as ruas; os vendedores chamavam os consumidores para entrar nas lojas de seus chefes, e os mercadores anunciavam seus preços. As tendas eram organizadas de modo que se grudavam umas nas outras. As vozes dos açougueiros, vendedores de tecido, produtores de queijo e padeiros formavam uma algazarra só. Os cortes suculentos de carne atraíam moscas, enquanto a gordura era raspada e espalhada em fatias de pão italiano de centeio cortados do estoque das prateleiras de pão. Os hexágonos quase perfeitos do bucho de vaca – tripa considerada prato requintado – eram espalhados em molduras de madeira feito roupas postas para secar no varal. Peixes de água doce reluziam deitados em esteiras de junco. Malabaristas entretinham nos cantos das ruas, havia jogadores de dados agachados nas soleiras das portas e mulheres com bandejas de legumes atrapalhando o fluir de gente, mostrando tornozelos e colo para encorajar os compradores. Monges mendicantes sacudiam suas tigelinhas, entoando cânticos. Os aleijados e os cegos sentavam-se feito montes de pano descartado em qualquer canto que encontravam.

Os comerciantes chamavam os consumidores para darem uma olhada na mercadoria disposta em mesas, embora a lei os proibisse de fazer isso enquanto o comprador não tivesse deixado a loja vizinha. O tumulto desse alto tagarelar tilintava ao redor de Blackstone enquanto a multidão abarrotada o forçava a serpentear seu caminho feito um peixe rio acima. Desesperado para rastrear a localização de Christiana, a vibrante atmosfera da cidade o capturava em sua rede, conforme cada rua em que ele virava oferecia mais imagens e sons. Visitar Paris sempre fora um desejo oculto, mas o fato de ter

a cabeça a prêmio garantia que os portões da cidade ficassem sempre fechados para ele. Centenas de ruas e alamedas sem nome entrecruzavam-se num emaranhado impressionante. Em poucas horas, ele concluiu que jamais encontraria Christiana entre o que se dizia ser mais de cem mil almas que povoavam a capital francesa. Era preciso encontrar os apartamentos nos quais a nobreza alojava-se na cidade. Cavalos e mulas forçavam a multidão às laterais enquanto os arreeiros gritavam e açoitavam os animais de carga a passarem pelas fendas estreitas abertas entre as casas de enxaimel, com cada nível mais saliente que o inferior, restringindo a luz que chegava às ruas. Lembranças visitavam a mente do inglês em seu caminho difícil por entre as pessoas impacientes. A última vez que estivera num labirinto desses fora em Caen, uma década antes, quando abria caminho em combate de um canto a outro, procurando por outro ente amado, seu irmão, no tumulto da luta de rua na qual o exército de Edward espoliava a cidade de seus defensores.

O fedor de dejetos humanos misturava-se com o dos caldeirões fumegantes das lavadeiras e o cheiro inequívoco de cozinheiros e padeiros, que competiam pelo ar contra os peixeiros, que limpavam o pescado do dia. O aroma de trigo assado polvilhado com açúcar e angélica era uma tentação de dar água na boca. Apesar da cacofonia, Blackstone ouviu cachorros uivando ao som do tilintar de um sino de mão e uma voz alta que chegava de uma praça ali perto. O inglês livrou-se dos dedos de um vendedor que tentava puxá-lo para sua loja e, ao ganhar a praça, viu um homem em um plinto de pedra em frente a uma fonte. As roupas dele denotavam autoridade. Era ele quem tocava o sino em frente à multidão.

– O que está havendo? – Blackstone perguntou a um dos espectadores.

O homem o fitou.

– Se não sabe, não é daqui. – E resolveu interagir mais seriamente. – Fique de olho na sua bolsa, forasteiro. Temos mais batedores de carteira nestas ruas do que moeda desvalorizada na conta do rei. – Ele abriu um sorriso apreensivo. – A não ser que seja um capanga dele bisbilhotando.

– Não, não sou daqui – Blackstone garantiu, ciente de que não somente seu tamanho o destacava em meio à multidão, mas a ignorância.

– Aye, seu sotaque não é daqui... isso é óbvio. – O francês analisou Blackstone de cima a baixo. – Tem um monte de forasteiros na universidade. Mas você é velho demais para isso, eu diria e, olhando para as suas roupas e suas mãos, vejo que é trabalhador.

Blackstone mantinha o lado do rosto com a cicatriz por trás do capuz, escondido do olhar inquisitivo do homem.

– Sou pedreiro.

O homem aceitou a explicação de Blackstone e acenou para a praça.

– Aquele é o pregoeiro-chefe. Tem todas as notícias do dia. Leva-as por toda a cidade, para que todos escutem. Não que haja muito que dizer, a não ser que vão aumentar mais um maldito imposto.

O pregoeiro-chefe berrou por cima do tilintar do sino:

– Rezem pelas almas dos mortos e por seus próprios pecados ao tocar deste sino – disse ele, sustentando o tilintar por mais um momento.

Estava flanqueado por uma dúzia de assistentes que portavam pequenos tomos que iam passando para ele, um por vez; o homem, então, pronunciava cada decreto, espalhando sua voz por toda a multidão. Haveria o funeral de um vendedor de grãos, e as duas casas que ele possuía seriam postas à venda. Uma criança, descrita por nome e idade, desaparecera do bairro. Uma feira ocorreria em duas semanas, e três crianças seriam batizadas no domingo seguinte.

Quando o pregoeiro-chefe saiu para levar suas notícias para outra praça, malabaristas e músicos rapidamente tiravam vantagem do espaço livre e tentavam manter a atenção da plateia já formada. O homem ao lado de Blackstone virou-se, mas este o pegou pela túnica.

– Camarada, preciso de ajuda.

O homem libertou-se. Não tinha vontade alguma de fazer amizade com um estranho na multidão, não um que parecia ser tão perigoso, cujo rosto marcado pelo tempo ele agora podia ver. Blackstone correu para puxar de volta o capuz a fim de cobrir a cabeça.

– Se eu quisesse encontrar uma dama...

Antes que pudesse dizer mais uma palavra, o homem caiu na gargalhada.

– Você o quê?

O grito fez outros pararem e olharem. A última coisa que Blackstone queria que acontecesse. Ele deu meia-volta, curvando os ombros, tentando ficar menos evidente.

– O cara está atrás de uma puta que finja ser fidalga! – gritou o homem para o divertimento daqueles ao seu redor.

– Não, uma puta, não – Blackstone insistiu.

Não havia escolha senão encarar o confronto.

– A casa de banho, duas quadras daqui! – gritou um dos homens, dando uma mordida numa maçã e apertando o saco. – Fruto proibido, forasteiro. Dizem por aí que as fidalgas visitam para usufruir dos trabalhadores!

– Minha esposa... ela é bordadeira, e está aqui, em algum lugar. Trabalha para uma fidalga, é o que estou tentando dizer.

O homem da maçã riu ainda mais alto, de boca aberta, com a língua esbranquiçada da polpa da maçã. Com jeitão de bandido, passava a impressão de ser do tipo que se saía bem em uma briga.

– Tem que ter muito dinheiro para pagar as putas de Paris, meu chapa. Quanto tem aí? Posso levá-lo aonde quiser. Mas vai custar.

Ele espirrava maçã misturada à saliva ao falar. Era muito mais tolice que bravura desafiar Blackstone desse jeito, mas o inglês notou outros quatro parecidos, alguns passos atrás. Eram, obviamente, uma gangue de rua, e os forasteiros eram presa fácil, não importava o quanto fossem grandes.

O primeiro homem com quem Blackstone conversou tomou ciência da ameaça.

– Deixem-no em paz. Está só procurando a esposa.

O bandido grunhiu uma resposta ininteligível, e seu movimento habilidoso das mãos foi facilmente captado por Blackstone. Uma apunhalada rápida no samaritano causaria tumulto suficiente para que a gangue de rua tomasse a bolsa do forasteiro. Nem era preciso matar. Uma pequena distração bastaria. O rufião estava com a faca abaixada, ao lado da perna, pronto para dar um golpe para cima sem ser visto. Blackstone deu um passo adiante, rapidamente afastando a vítima do perigo, e elevou o outro punho em um arco suave até atingir o outro no queixo como uma marreta. O sorriso malicioso do homem foi abafado num engasgo quando os dentes estilhaçados rasgaram a língua

dele. Antes que o homem caísse em cima de outros da multidão, Blackstone já tinha chutado longe a faca e se virado, torcendo para que o pânico cobrisse sua retirada. O homem que ele salvara passou por ele.

– Por aqui! Os oficiais do preboste logo virão atrás de nós.

A multidão os engolfou. Blackstone, para manter o ritmo de seu guia, abriu caminho da praça até uma alameda lateral, depois entrou em outra, escondendo-se nas frias sombras. Quando estavam a muitas ruas de distância da praça, o tumulto já tinha passado. Finalmente, o homem parou e chamou Blackstone para uma porta, verificando, angustiado, o caminho pelo qual vieram.

– Você é o tipo de homem que traz problemas consigo. Agradeço por não deixar que me machucassem. Mulher nenhuma pode entrar nas casas de banho, nem vagabundos, então os evite. Fique nesta rua até que veja o sinal do dentista e ouça o sino do pregoeiro de novo. Do outro lado da praça é onde ficam as bordadeiras, ao lado dos chapeleiros; é ali que vendem seus produtos. Vá com Deus, forasteiro.

E, dizendo isso, o guia meteu-se em outra alameda.

Blackstone logo encontrou a praça da qual o homem falara. Enquanto o pregoeiro-chefe repetia suas notícias, o inglês passou rapidamente pela beirada da multidão e ganhou as ruas do lado oposto. Havia diversos enclaves de mulheres sentadas às soleiras, ou a mesas, com os exemplos de seu trabalho hábil dispostos carinhosamente em sarapilheira lavada, debaixo de um toldo que oferecia um pouco de proteção da poeira e da chuva. Algumas das bolsas e dos lenços de linho eram costurados com fios de tom pastel, outros, com filões coloridos. Havia gasto envolvido na compra dos materiais e, apesar da habilidade, essas mulheres contavam com o trabalho de fidalgas assim como do comércio de rua. Ao passar pelas pequenas tendas, Blackstone perguntava-se quem teria vendido o lenço de Christiana, o paninho que, sabia ele muito bem, mais provavelmente fora roubado sem ela saber.

Ele foi passando de grupo em grupo. A maioria ignorava o trabalhador de rosto sujo; outras faziam que não quando ele perguntava. Após uma hora cruzando a rua, visitando tenda após tenda, ele reparou que o último grupo de bordadeiras era tudo que restava entre ele e a fileira seguinte de vendedores,

que tinham feixes de tecido e faixas de material multicolorido em exposição. Ele se aproximou das mulheres, que, com as mãos esticadas mostrando seu precioso trabalho, convidavam-no a comprar. Outras, como as anteriores, deram uma olhadela para as roupas pobres do homem e nem se deram o trabalho. Aproximaram-se e cochicharam, fitando-o de soslaio, com malícia. Um homem maltratado desses dificilmente teria algum dinheiro, muito menos o bastante para comprar um pedaço delicado de belo bordado para agradar uma dama. Homem de putas, sem dúvida. O bigode mal escondia a cicatriz horrorosa que cruzava aquele rosto cheio de fuligem da testa ao queixo.

– Não deixe que coloque essas mãos imundas aí, Mathilde! – exclamou uma das mulheres para a que oferecera seu trabalho a Blackstone. – Cuidado com a bolsa! Não me parece coisa boa esse aí.

Blackstone ficou por ali, visto que a mulher chamada Mathilde não hesitou e continuou mostrando o produto.

– Até mesmo um homem simples sabe apreciar a beleza quando a vê – ela lhe disse. – Veja, senhor, veja. Viu como sou hábil? Qualquer homem conquistaria o coração de uma mulher com um presente desses, não é mesmo?

Blackstone viu a representação simples, embora elegante, de um botão de rosa, notando a destreza necessária para bordar a vinha que se enroscava em torno da haste como os braços de um amante.

– É, sim – ele respondeu.

– Então...

– Eu compro se puder me ajudar – disse ele, interrompendo a conversa fiada da vendedora.

– Fique de olho, Mathilde. Se deixá-lo pegar o lenço da sua mão, vai sentir falta de mais coisa! – avisou novamente a amiga.

Blackstone reparou que a mulher começava a perder a fibra.

– Vou levar – disse.

– Mas... você nem perguntou o preço – soltou a mulher, quase incapaz de esconder a alegria de extorquir o caipira. – Cinco deniers...

– Não. Darei três, embora você saiba que vale só dois – retrucou Thomas. – Está cobrando mais do que o dobro por achar que sou bobo.

O cavaleiro largou as moedas nas mãos estendidas da bordadeira, mas não tentou pegar o tecido de requintado bordado.

Foi boa a barganha. A mulher fechou os punhos sobre moedas e tecido quando a ideia de ficar com ambos lhe passou pela cabeça. Na pior das hipóteses, o bronco poderia chamar os homens do preboste, haveria uma discussão e as outras mulheres defenderiam a história dela, de que o homem tentara tomar o tecido sem pagar por ele. Tirando uma delas – Isabeau. Essa sempre arranjava um jeito de apunhalar a colega pelas costas, invejosa que era de suas habilidades. Velha maldita. A bordadeira abriu a mão e passou o lenço para Blackstone. Resmungando, a mulher desamarrou a bolsa e despejou as moedas lá dentro.

– É um belo lenço de seda bordado. E por um bom preço.

– Isso foi tomado de uma dama, cortado de um ferrolho, com certeza sem que ela visse; alguém para quem você vende seus produtos – Blackstone disse-lhe, e viu que devia ter razão com relação ao roubo. Ele mostrou-lhe o bordado manchado de Christiana. – Já tinha visto isso aqui?

A mulher pegou o lenço com relutância.

– Mão de amadora, posso dizer... mas muito boa – admitiu a bordadeira. – Tecido de boa qualidade – disse, passando o dedo pelos fios de algodão entremeados à seda. – Linho grosseiro para costurar. Não é nobre, com certeza. Também não é membro de confraria. – Ela o devolveu. – Nunca tinha visto.

– E se alguém lhe oferecesse, você compraria? Para revender.

– Temos nosso próprio material para vender. Trabalho superior, como pode ver – ela rebateu, desafiadora.

O inglês ignorou a presunção.

– E ninguém, homem nem mulher, veio aqui mostrar um lenço com esse mesmo bordado para alguma de vocês fazendo a mesma pergunta?

O pedaço de pano passou de mão em mão pelas mulheres, todas analisando o bordado de Christiana.

A velha no canto das tendinhas mal olhou para ele.

– Se quiser vender isso aí, vá até as prostitutas da margem do rio. Elas compram tecido mesmo que não seja requintado.

– Ele não está tentando vender, Isabeau! Santa Mãe de Deus, você gorjeia feito velha coroca – Mathilde repreendeu e olhou desconfiada para Blackstone. – Isso não passa de um pano manchado de sangue. Nem mesmo uma prostituta iria querer.

Blackstone não demonstrou sentir-se ofendido. Apenas assentiu e pegou o lenço de volta.

– Como chego ao bairro dos nobres? Tem uma avenida por aqui, não?

– Há! Não vai receber atenção alguma se for bater na porta deles. Se os cachorros não correrem atrás de você, serão os policiais – disse uma das mulheres.

As outras murmuraram, rindo, concordando.

– Vá seguindo ao norte e vai começar a ver as casas maiores, com grandes janelas e jardins – disse Mathilde, cedendo porque o homem lhe pagara bem.

– É depois ainda do mercado e do cemitério, na direção de Porte Saint-Denis.

A mulher chamada Isabeau intrometeu-se, falando do canto do tablado.

– Não vai chegar antes de escurecer; vai acabar passando a noite com os pedintes e levar uma bela sova dos vigias noturnos.

Blackstone sabia que era melhor evitar problemas com agentes da lei.

– Tem alguma taverna por perto em que a pessoa não tenha as botas roubadas no meio da noite? – perguntou ele.

– Tem várias. Só vão roubar suas botas depois de lhe cortar a garganta – Mathilde respondeu, fazendo rir toda a mulherada.

– Vá para a Meia Roda. Não tem cama, mas tem comida e lareira – disse-lhe Isabeau. – Uns dez quarteirões, naquele sentido. Verá a placa. É grande como porta de casa de nobre.

O olhar vazio das bordadeiras deixou claro que não havia mais nada a ser aprendido com elas, mas também confirmou que Christiana ainda não havia passado por elas. Blackstone achava que alguém tinha usado Joanne de Ruymont, que de nada suspeitara, para atrair sua esposa para a cidade. E fazê-lo segui-la. O inglês já ia se misturando à multidão quando a mulher que

lhe dera o nome da taverna juntou seus retalhos em um tecido largo, que amarrou num feixe bem-ajeitado.

– Isabeau! – chamou uma das bordadeiras. – Vai embora já? Tão cedo!

– Estou com frio e com fome. Não vou vender nada hoje, e já quase acabou o dia – respondeu a mulher.

– Algumas aqui venderam uns itens bons a bom preço – provocou a bordadeira. – Seus dedos estão tortos e curvados demais para bordar direito. Talvez tenha chegado a hora de ir para o bairro dos padeiros e começar a fazer torta de carne com dedos assim! Senão, vai morrer de fome.

As outras mulheres riram e deitaram o rosto de volta no trabalho que faziam entre os dedos. A idade chegava para todas elas e, cedo ou tarde, acabariam como a pobre Isabeau. Quando chegasse esse dia, podiam apenas torcer pela caridade de uma mulher rica que lhes permitisse remendar barras em camisolas antes de serem largadas na rua. Era assim a vida das mulheres. Melhor ser esposa de padeiro; pelo menos essas não passavam fome.



Blackstone foi abrindo caminho em meio à multidão. Paris era uma bagunça de alamedas, ruas sem saída e avenidas. Umas poucas portas tinham placas que as destacavam, em geral em casas ocupadas com gente de dinheiro ou que tinha algum tipo de status, por mínimo que fosse. O inglês ainda estava muito longe das casas dos mercadores, mas mulheres de todas as classes sociais zanzavam em volta dele com os vestidos das mais vivas cores, algumas com véus presos aos cabelos entrançados, casacos enfeitados com fino bordado, à procura de peças de tecido ou seda. Muitas delas tinham uma dama de companhia carregando um cesto com os itens adquiridos. Qualquer uma poderia ser Christiana, que sempre usava uma coifa simples, em vez de um véu elaborado ou requintado, para cobrir os cabelos castanhos.

A cidade tinha todo elemento e divertimento que alguém poderia desejar. Paris era como uma prostituta guardada que podia oferecer prazeres assim que o dono quisesse. Algo muito distinto da quietude do campo, onde os forasteiros eram notados e as casas provinham sua própria comida e seu divertimento.

Blanche explicara que a Grand'Rue, que dava para o portão norte da cidade, abrigava a nobreza e aqueles que, por sucesso comercial, aspiravam fazer parte desta, e era ali que Ruymont alugava quartos. Temendo pela segurança de Christiana, Blanche quisera acompanhar Blackstone, mas ele e Jean a convenceram de que era tolice colocar mais amigos em risco em um tempo em que os lordes normandos tomavam parte de um jogo tão perigoso. Christiana estava há apenas dois dias em Paris com Guy e Joanne, e Blackstone e Jean concordaram que havia pouco motivo para o rei John e seu Padre Selvagem atacarem um lorde normando na cidade caso a suspeita de Blackstone, de que se tratava de uma cilada, tivesse fundamento. Deixariam que o engano se desenrolasse para que o inglês fosse atraído para a armadilha. Sua esposa estaria a salvo, pensou o inglês, enquanto procurava o paradeiro do pai. Aqueles que o queriam caçar permaneceriam nas sombras.

Apesar do raciocínio, Blackstone ainda sentia a pressão de dois objetivos conflitantes. Assim como a necessidade de encontrar a esposa e correr para casa o fustigava, ele também queria descobrir quem vendera o lenço para Joanne de Ruymont. Se tudo aquilo era uma cilada para capturá-lo, ele tinha de saber quem jogara a isca. Como uma pontinha saliente em retalho de linho, esse fio se desfaria e o levaria até os responsáveis. Então, quando ele expusesse a enganação para Christiana, ela aceitaria que o pai morrera anos antes.

E o segredo de Blackstone permaneceria enterrado dentro dele.



Enquanto Blackstone afastava-se das bordadeiras, entremeando-se pelas alamedas adjacentes, a velhinha Isabeau correu para uma das casas de banho. Ela se apertou no canto da casa e ficou esperando que o menino aparecesse, mas logo ficou impaciente e chamou um homem que entrava para tomar banho.

– Tem um menino lá dentro que me ajuda com a água. Mande-o vir até mim.

O homem afastou a mão estendida da idosa.

– Não estou aqui para servi-la, velha.

Era um aldeão, como todos os outros que cruzavam as portas da casa de banho, e ela sabia que, se ele pudesse ganhar um trocadinho, aceitaria.

– Não vai pagar pela água se fizer o que pedi – ela lhe disse. – O garoto fará isso por você.

O homem pensou por um instante, depois, sem dizer que concordava, entrou. Quando a velha ajeitara-se nos degraus da entrada, Raoul apareceu de dentro da casa de banho.

– Está com o dinheiro? – perguntou ela ao moleque.

O garoto hesitou com os instintos ferais encrespando-se feito o bigode de um rato. Se a velha lhe trouxesse notícias de um forasteiro perguntando sobre certo lenço, ele seria, mais uma vez, recompensado pelo homem que o agarrara durante a execução. Bateram nele e o jogaram num calabouço fedendo a merda no Châtelet até ser retirado de lá semanas depois pelos homens do normando. Às sombras de uma porta, apontaram uma dama que fazia compras nas barracas de tecido. Comporte-se como o pedinte que é, disseram-lhe, e venda esse bordado para a mulher. Aceite o que ela oferecer, ordenaram, e quando perguntar, diga que lhe foi vendido por um velho que mora junto aos pobres e mendigos perto do cemitério em Les Halles. Nada daquilo fez sentido a Raoul – uma historinha criada para atrair a dama para o mercado, perto do cemitério onde os mortos eram enterrados em amplas trincheiras. Se fosse para estuprar, poderiam ter escolhido mulher mais simplória. Na verdade, o garoto poderia ter apontado a direção certa para o local no qual se podia saciar todo tipo de desejo carnal. Bateram nele, arrancando sangue do lábio rachado e fazendo o ouvido zumbir com o golpe. Se entendera o recado? Certamente. E quando fizesse o que lhe fora ordenado, poderia, então, retornar à sua vida desgraçada. Por mais desgraçada que fosse, o fedor das ruas nunca tivera cheiro tão agradável. Não havia como fugir com as moedas que lhe foram dadas, com a promessa de ganhar mais se fizesse o que lhe fora ordenado, porque Raoul era um coletor de cocô conhecido por muita gente. E o garoto era esperto o bastante para saber como funcionavam as ruas. Quem traísse um homem de status e riqueza seria rastreado como um rato por um gato. A oferta lhe garantiria passagem de ida para longe daquelas ruas fedorentas.

– Dois deniers, como prometido – ele respondeu à velha.

Ela assentiu e estendeu a mão. Não pretendia tentar arrancar mais do menino, porque sabia que, se o fizesse, não tardaria que o menino botasse alguém para brotar de um beco e meter nela uma faca entre as costelas. Ou ele mesmo fazê-lo. De onde o menino tirara o dinheiro, ela não fazia ideia; sabia somente que agora ele passava seus dias ajudando na casa de banho e não mais limpava dejetos humanos das portas das casas. Ele falara com algumas das mulheres das barraquinhas, querendo informações. E, para variar, a sorte abençoara Isabeau. Não, melhor não arrancar mais nada desse aí, pensou ela; havia outro jeito de tirar dinheiro dessa situação.

– É um homem grandalhão com uma cicatriz no rosto. O braço esquerdo é meio curvado, como uma asa quebrada. É mais alto que a maioria. Mande-o à Meia Roda. Chegará lá antes do Ângelus. Não parece ser do tipo rufião que iria querer ser interrogado pelos policiais depois do escurecer.

Raoul depositou a recompensa nas mãos de Isabeau. Era tarde demais para correr para o lorde normando que o pagara – e ameaçara. O homem deveria estar rezando, nas vésperas. Esperaria até o amanhecer e, então, quando os fiéis fossem convocados para a oração, ele contaria cada tilintar do sino como o das moedas caindo nas palmas de suas mãos. Depois ele tentaria a sorte na Grand Pont, usando sua habilidade de ladrão de bolsas naqueles que frequentavam os cambistas de dinheiro e prata – e os ferreiros que ali atendiam. A falta de sorte seria posta de lado feito um montinho de cocô na rua.



CAPÍTULO DEZESSETE

Não havia um lençol de linho sobre um colchão de plumas nem pratos de peltre para comer na taverna Meia Roda. O piso coberto de palha e a lareira ardente eram o máximo de conforto com que os viajantes com pouco dinheiro no bolso poderiam contar. Blackstone pediu comida e bebida e achou uma mesa em um canto de pouca luz. Deslizou para o banco e sentou-se de costas à parede. A entrada principal da taverna ficava bem às vistas, e uma porta lateral, perto dele, seria uma rota de fuga conveniente. Seria impossível para aqueles que o caçavam encontrá-lo em meio à agitação dessa porção da cidade. Mas um encontro casual com os oficiais do preboste poderia expô-lo. Era sempre bom ter a cautela como companheira de viagem. A urgência sobrepujara o apetite do cavaleiro, porém agora ele notava como estava faminto. Comeu um prato de pão integral com linguiça e pediu cerveja em vez de vinho. Mimou o cachorro subnutrido da taverna, com as costelinhas arqueadas, dando-lhe pedacinhos de comida. Com o cair da escuridão, a taverna ficou abarrotada de homens em busca de abrigo para o pernoite. Ninguém o abordara, e os homens que ele observava não demonstravam ser violentos nem de pavio curto. Com o esticar da noite e o soar do sino do Ângelus, a cerveja e o vinho barato, de uvas colhidas tarde demais que faziam dele amargo e espesso – motivo pelo qual era rejeitado por hospedarias mais requintadas –, logo fizeram a sua parte e acalmaram a taverna, tomada agora pelo zumbido melancólico de vozes abafadas e roncos. Blackstone reivindicou o cantinho escuro para si e deitou-se de costas para a parede, sentindo-se seguro ali. O cãozinho choramingou e arrastou-se com a barriguinha raspando o chão pelos poucos metros que os separavam. Blackstone pôs a mão na nuca do bicho, acalmando-o. Como todo cachorro grato por não ser chutado para longe, este entregou sua confiança a Blackstone e deitou-se junto a ele.

Afagar as orelhas do cachorro trouxe ao cavaleiro lembranças de casa, do prazer de ter seus próprios cães esparramados aos seus pés, em frente à lareira, com Christiana sentada do lado oposto, lendo ou bordando, apesar da pouca luz oferecida pelas chamas vacilantes das velas. Eram longas e lentas noites que provocavam o casal à paixão. Mas havia noites em que, toda vez que a agulha fincava o tecido, para ele, era como uma apunhalada na consciência. Nunca olhe para trás, ele se lembrava. Passado era passado. Não existia. Somente seus fantasmas perduravam até o presente. E alguns nunca descansarão, persistia outra voz. O segredo morreria com ele, no entanto, como seria possível encontrar Christiana na vastidão daquela cidade? Thomas levou Arianrhod aos lábios e pediu à deusa que o guiasse até a esposa. O pedido não obteve uma resposta tranquilizadora, mas, com esse pouco de fé em que a deusa o levaria até a mãe de seus filhos, ele se permitiu cair no sono ao som do tilintar dos sinos da igreja – guardiões para seus sonhos.



A cidade estava no escuro; somente os cruzamentos e grandes praças tinham a iluminação das tochas. Isabeau acocorou-se no frio da soleira da porta e apertou bem o xale em torno de si. O vento começava a ficar forte na beirada do rio, e as tochas bruxuleantes faziam as sombras das paredes se mexerem. Ela prometera a um pedinte metade do lucro conseguido com a informação dada a Raoul, então mandou a figurinha subnutrida pela rua escura para a taverna Meia Roda. Se fizesse conforme ela instruía, seria um investimento que daria muito retorno futuramente.

A porta lateral rangeu, mas não foi mais que o barulho feito por um homem se virando, enquanto dormia, nas tábuas de madeira do piso. A vela vacilou com a lufada de ar que seguiu o homem porta adentro. Ele esperou um pouco, deixando que seus olhos se acostumassem com a pouca luz. Uma dúzia de homens jazia em bancos, outros deitaram a cabeça nas mesas; outros três ou quatro encontraram lugar no chão. Ele viu o cachorro da taverna num canto, junto do grandalhão deitado logo atrás com o braço sobre o peito. O cachorro ergueu a cabeça, preguiçoso e, com olhos sonolentos, devolveu-a ao chão, interessando-se pouco ao ver mais alguém procurando abrigo para a noite.

O intruso ergueu a vela e procurou a pessoa por quem ali viera. Ficou claro que havia poucos que batiam com o tamanho do homem descrito pela velha. Somente o homem com o cachorro parecia caber na descrição. Cautelosamente, ele pulou corpos que dormiam, baixou-se em um dos joelhos e estendeu as costas da mão para deixar que o cachorro a cheirasse, evitando que se alarmasse. Nesse momento, uma mão agarrou-lhe o punho, e ele se viu encarando o homem, totalmente acordado e apontando uma faca para sua garganta. O cachorro escapou dali, perturbando um dorminhoco, que grunhiu ao levar patinhas no peito.

Blackstone não disse nada, de olhos fixos nos do homem assustado. A magreza lhe permitira caminhar pelas tábuas silenciosamente, mas agora ele tremia feito vara verde. As palavras sussurradas foram quase inaudíveis quando ele entregou a mensagem.

– Não quero machucá-lo. Fui enviado para avisá-lo.

Sem soltar o punho do homem nem baixar a faca, Blackstone ergueu-se lentamente. Uns poucos homens se mexeram, mas nenhum acordou; o cachorro passara para a lareira, cuja brasa quase apagada ainda transmitia um pouco de calor. Blackstone afrouxou a mão no punho do homem e fez que entendia. O nervoso mensageiro ergueu a vela, trêmulo, e os levou pela taverna até a porta lateral. Uma vez do lado de fora, Blackstone prensou o homem na parede e tirou dele a vela.

– Senhor – disse o homem, com a voz estrangulada, vendo pela primeira vez com mais clareza o homem da cicatriz. – Do outro lado da rua está uma velha que tem informações para você.

– Que não podia esperar até de manhã?

– Eu mesmo perguntei isso. Até lá será tarde demais.

Blackstone continuou calado, esperando ouvir passos ou o som de respiração exalada no ar frio que pudesse denunciar alguma emboscada.

– Leve-me até ela – disse e apagou a vela.



Isabeau pagou o homem assustado e o viu desaparecer nas sombras, sendo antes brevemente capturado pela luz das tochas do cruzamento.

Blackstone impunha-se sobre ela.

– Quem é você?

– Sou uma das mulheres das barraquinhas de bordado. Vai me pagar pela informação que tenho? Já estou sem dinheiro pelo que paguei ao mendigo.

– Eu poderia muito bem botar uma faca na sua garganta magricela para descobrir o que sabe.

– Mas assim não teria certeza se o medo me faz mentir ou não. Além disso, pagou mais a Mathilde do que o que valia o bordado dela. Trabalhador nenhum faria isso, então você deve ter certa honra... É mais do que parece ser. Está procurando alguém, e tem a ver com o lenço que carrega.

– Minha esposa – Blackstone disse. – O que sabe dela?

– Nada. Mas há mais pessoas com interesse nela.

Blackstone sentiu a pulsação acelerar, mas manteve a voz calma.

– Quanto quer?

Isabeau pensara em quanto poderia valer a informação que possuía, mas sua noção de riqueza era limitada ao valor pelo qual vendia o bordado. Ganhava uma miséria, e agora perderia dinheiro pela ignorância. Ela abriu a boca desdentada e tornou a fechá-la, hesitante.

– Quanto vale?

– O que vale o ar da noite? Você não me disse nada. – O cavaleiro reparou que a velha não fazia ideia de quanto pedir. – Se sua informação é o que preciso, então lhe darei dez coroas de prata.

A velha soltou uma exclamação. Um montante desses, em geral, encontrava-se muito além de sua alçada. Seus dedos tortos poderiam descansar do trabalho, que se tornava mais pesaroso a cada inverno.

– Se não for, então ficará com nada além da própria vida – disse o inglês.

– Minha vida estará por um fio se as pessoas que querem sua cabeça descobrirem minha participação nisto. – Ela hesitou. – Você tem esse dinheiro todo? A bolsa no seu cinto parece tão pequena.

Blackstone tirou outra bolsinha de dentro da túnica de couro, cujo peso generoso confirmava que havia moeda suficiente para quitar o valor por ele prometido.

Logo, a primeira luz da manhã acordaria a cidade, então, se havia perigo se aproximando dele, ele precisava saber. Blackstone sentiu que a velha fazia que sim com a cabeça, imersa nas sombras.

– Um moleque de rua que se deu bem na vida prometeu me pagar caso um homem procurasse informações sobre esse lenço bordado que você carrega. Ele trabalha em uma casa de banho, então é pago por outra pessoa. Eu disse que você visitou a barraca e que o mandei para a Meia Roda. Seja lá quem for que o paga, ele virá atrás de você ao amanhecer.

Era isso que ele temia. A cilada era para ele, e usaram Christiana como isca.

– Estenda a mão – disse ele à velha e deitou as moedas na mão dela.

Ela fechou os dedos feito garras sobre o dinheiro e o meteu na bolsa, depois ficou de pé. Blackstone a puxou de volta para a soleira da porta.

– Fique aqui até que esses homens cheguem. Vai que me entrega a eles.

– É perigoso demais ficar. E se me virem?

– Vão matá-la. É melhor ficar quieta, pensando em como vai gastar o dinheiro.



Os homens vieram, astutos e silenciosos. A mulher se mexeu, mas Blackstone a envolveu com o braço, temendo que ela entrasse em pânico e disparasse a correr. O respirar arquejante dela raspava feito o vento nas paredes de pedra grosseira. Ele viu um menino de rua levar cerca de meia dúzia de homens armados até a entrada da taverna. A pouca luz impedia que o inglês identificasse o homem que os liderava, cujo manto preto e as roupas que usava mascaravam-lhe os traços.

Metade deles cruzou a entrada principal; os outros passaram para o beco, para prostrar-se na porta lateral. Blackstone sabia que tivera sorte; teria sido encurralado feito um rato. De dentro da Meia Roda, saíram gritos e berros de susto.

– Aquele é o menino de quem lhe falei – disse a velha.

– Quem é o homem de manto preto? – ele perguntou, falando baixo, para que somente a velha ouvisse.

Ela fez que não sabia.

– Não conheço ninguém.

Blackstone sabia que tinha ali sua chance de fugir, mas a vontade de identificar o homem de preto o conteve.

– Quais são as igrejas nas quais moram os nobres?

Ela deu de ombros.

– Como é que vou saber?

– Você borda para as damas. Já estive lá. Quais igrejas?

– A do Santo Sepulcro... não, ainda está em construção... Saint Catherine e a... não sei. Os monges de Saint Catherine são responsáveis pelos viajantes que morrem na estrada. Quem você procura está vivo ou morto?

– Que mais? – Blackstone insistiu.

Isabeau pensou por um instante.

– Não sei, juro. O único outro lugar próximo é a igreja da paróquia. Saint-Leu... Saint-Gilles.

– Onde?

– Depois dos Inocentes.

Ela viu que o homem não entendeu nada.

– O cemitério. Não tem como não ver. Entre o rio e o portão norte.

Chance melhor, ele não teria. Se Joanne de Ruymont estivesse em dia com as orações, estaria ajoelhada, rezando, em algum lugar, a essa hora do dia, e Christiana estaria rezando junto, implorando por direções para encontrar o pai.

Os dois viram os homens segurando com firmeza o menino que os levara até ali e depois o levando para dentro. Ele resistiu, mas, quando lhe torceram o braço, gritou e cedeu.

– Você escapou, mas agora vão matar o menino – sussurrou Isabeau.

O fedor de urina alcançou as narinas do inglês; a bexiga da senhora não conseguira esperar mais. Ele baixou o braço. Se ela fugisse agora, não seria vista. Não foi preciso dar maior instrução: ela disparou para a alameda seguinte.

Blackstone também se moveu, encontrando rapidamente o canto de outra alameda, no qual ainda podia observar a incursão na taverna, e bem a tempo de ver homens tropicando para fora, perseguidos pelos soldados, e de escutar

o som dos móveis sendo jogados e do choramingar do cachorro ecoando pela rua. Soou o sino das matinas, portas começaram a se abrir, persianas escorregavam e pinicos eram postos na rua. Três dos homens de armas ocupavam-se de um dos clientes. Era um homem robusto e alto, embora não tanto quanto Blackstone, e pareceu-lhe que era possível que o confundissem com ele.

– Milorde Marcy! – disse um dos soldados, forçando a vítima a ficar de joelhos.

Blackstone ficou tenso. O homem que perpetrara a emboscada contra William de Fossat estava ali. Blackstone controlou a respiração, com a mão pronta no cabo da faca presa ao cinto. Concentrando-se, focou a atenção na figura de capa preta que emergiu da taverna. Marcy pegou um punhado dos cabelos do homem e puxou seu rosto para trás para ver mais claramente. Foi preciso apenas um momento para o Padre Selvagem constatar que não se tratava do homem que procurava. Ele soltou os cabelos do homem, e seus capangas o chutaram para longe, para que fosse embora.

Blackstone flexionou as pernas, pronto para disparar para cima do grupo de homens. Marcy deveria ser morto ali mesmo, mas não havia chance de fazê-lo com uma dúzia de capangas ao redor. O inglês conteve a vontade de usar as casas como esconderijo para se aproximar e surpreender com um ataque inesperado. Um homem armado desatando uma vingança súbita. Atacar, matar e fugir. A ideia era boba, e ele sabia disso. Christiana corria ainda mais perigo agora, porque os homens que o procuravam sabiam que ele estava na cidade e tinham perdido uma chance de capturá-lo.



Raoul cometera um erro e não tinha dúvida disso. Esperara demais para reportar-se ao local no qual o lorde normando o instruíra a ir quando houvesse notícia de alguém fazendo perguntas sobre o lenço. Pensara que o encontraria ali, preparando-se para rezar, envolto com o manto ricamente ornado contra o frio da noite e a mão pronta para desatar a bolsa pesada para dar a recompensa. Em vez disso, encontrou um grupo de homens rudes nos cômodos exteriores da casa – quartos escuros e úmidos usados como

alojamento – e, quando foi levado à presença do homem de rosto pálido que o fitou com olhos negros feito pedras no rio, sentiu o medo de Cristo, mesmo com o crucifixo que o homem tinha pendurado no pescoço. Em seus poucos anos de vida, o menino de rua vivenciara violência e ameaça, mas uma cautela astuta e feral o mantivera vivo. Quando o homem falou, suas palavras tinham o peso de um sotaque de alguém que vinha de longe, do sul. Raoul o ouvira antes, falado pelos carroceiros dos arredores da cidade, vindos de lugares dos quais ele nunca ouvira falar, mas cujas descrições eram de outro grande rio e um campo cheio de fruta e plantações. Nada disso lhe importava muito; ele apenas os via bebendo a tristeza nas tavernas, esperando para tomar-lhes as bolsas. Esse era um homem de autoridade. A espada e a faca eram caras; as roupas que usava eram de um trançado requintado que impediria até o vento mais gelado de penetrar. E o manto preto o fazia parecer tão imenso e ameaçador quanto uma nuvem de tempestade invernal.

Ele relatou tudo que Isabeau lhe dissera. Sem perguntar nada, o homem ficou de pé subitamente e gritou ordens para seus capangas. Raoul protestou que queria receber sua recompensa, mas somente deram-lhe tapas na cabeça, agarraram-no pelo braço e o arrastaram até a Meia Roda. O pagamento seria dado somente quando o procurado fosse encontrado. O menino achou melhor não argumentar. E rezou à mãe de Cristo para que o protegesse.



Os protestos do dono da taverna foram contrapostos pela ameaça de que seu fosso de moscas seria fechado pelas autoridades da cidade caso ele resolvesse intervir. Quando interrogado, ele confirmou que o homem descrito estivera na taverna, mas saíra antes do amanhecer. A resposta não satisfez o Padre Selvagem, então os homens no interior da taverna foram postos de pé; os que resistiam eram duramente repreendidos pelos capangas. Enquanto Marcy analisava o rosto dos homens, alguns soldados mantinham Raoul preso. Um deles tinha uma cicatriz que cruzava o rosto do cabelo à orelha, mas não tinha a altura do homem que procuravam. Porém, as lendas bem que podiam ter aumentado a altura do caçado, então este foi empurrado para fora, para ser examinado melhor.

Os gritos de alarde e protesto logo atraíram uma multidão, e os mais exaltados começaram a xingar os homens armados por sua violência. Não fazia diferença terem formado um semicírculo e sacado facas e espadas; a gentilha de Paris juntava-se rapidamente, e Blackstone soube, de onde estava escondido, que os capangas sentiram-se ameaçados pelo contingente cada vez maior nas ruas. A figura de manto preto gritou por cima da raiva crescente da multidão, e Blackstone ouviu as palavras “assunto do rei”. Isso deixou a multidão ainda mais enraivecida. O infame rei já andava gerando muito descontentamento, e ver uma batida numa taverna logo ao amanhecer, com a população a caminho da igreja ou do trabalho, era uma reprimenda ácida contra o preboste dos mercadores e as associações da cidade, essenciais para o rei John sustentar seus impostos e sua autoridade. O Padre Selvagem, Blackstone reparou, dera um passo maior do que a perna.

Raoul acocorou-se no canto e o dono da taverna recuou da figura que tornou a entrar, momentaneamente bloqueando a luz lá de fora, cruzou o salão, com faca em punho, e tentou agarrar o menino, que se debateu por detrás das mesas e dos bancos virados. Ele gritava pela vida, berrando, aterrorizado, quando Marcy avançou e o pegou pelos cabelos.

O menino se debateu e gritou. O dono da taverna recuou ainda mais no salão vazio, mas encontrou a coragem para gritar a plenos pulmões.

– Assassino! Assassino! Tem um assassino aqui!

O alarme pegou o Padre Selvagem de surpresa; Raoul girou, sacrificou um punhado de cabelo e fugiu, sangrando, para a rua, com o Padre Selvagem logo atrás. O menino era conhecido de muitos dos presentes na multidão, e estes exclamaram em uníssono quando o viram, sangrando aterrorizado, perseguido taverna afora pelo homem de capa preta e faca na mão. Houve um tumulto súbito quando os espectadores abriram caminho, permitindo que o garoto escapasse e, então, corpos foram empurrados quando outro grupo de homens quis passar por eles, gritando aos aldeões que dessem espaço. Os homens do preboste tinham sido alertados, e vinte deles, liderados por um delegado com um clérigo a tiracolo, rapidamente tomaram controle e demandaram que os homens baixassem as armas.

Por um momento, o impasse pareceu ficar ainda mais violento, mas o Padre Selvagem mandou seus homens fazerem o que lhes fora ordenado. Ele enfrentou o delegado e disse algo que Blackstone não conseguiu ouvir – somente uma palavra sobressaiu à confusão: inglês. O delegado pareceu confuso por um momento, mas logo se muniu de tom mais decidido e mandou que seus homens abrissem caminho e escoltassem os capangas dali.

A multidão jorrou insultos, então Raoul subitamente reapareceu e lançou um punhado de bosta no homem que o tentara matar. O humor da multidão passou no mesmo instante para o escárnio, e todos riram quando a massa nojenta espalhou-se sobre o manto do homem. O menino saiu correndo e escapou para uma alameda próxima.

Se fossem verdadeiras as palavras do líder da brigada, de estar cuidando de assuntos do rei, Blackstone sabia que, em pouquíssimo tempo, eles retomariam as buscas – e com mais autoridade –, visto que os oficiais da corte instruiriam os homens do preboste a ajudar.

Caçar um inglês era um esporte de que dava gosto participar. E sua captura, algo altamente valorizado pelo rei.



CAPÍTULO DEZOITO

Christiana apreciava o conforto da amizade de Joanne de Ruymont, mas a insistência da piedosa mulher de rezar quatro vezes ao dia e mais uma antes de retirar-se era um teste a enfrentar. Contudo, estava em dívida com ela por ter lhe falado sobre o lenço bordado com que se deparara em Paris. Guy de Ruymont, já muito sofrido, recusara-se a acompanhar a esposa a toda sessão de reza. A crença no Todo-poderoso fortalecia a espinha dorsal de um cavaleiro, mas passar horas por dia ajoelhado numa capela fria e úmida não era o motivo pelo qual Guy concordara em acompanhar as duas a Paris. Christiana suspeitava que a amiga sempre pensara que seu casamento com Thomas Blackstone fora o equivalente a vender a alma ao diabo, e que as sessões de oração, embora silenciosas exceto pelo clicar do rosário, tinham muito a ver com pedir ao bom Deus que a perdoasse por isso.

Os aposentos na casa do comerciante eram espaçosos, com janelas dos dois lados, de modo que a luz se espalhava pelas tábuas largas de castanheiro escuro. Os criados garantiam que a lareira de pedra fosse sempre abastecida de madeira, e que o fogo ardesse ao longo do dia. Havia dois quartos e uma latrina, e Christiana dormia na cama do quarto central. O apartamento no segundo andar do sobrado lhe dava visão do campo distante e dos enormes jardins particulares que se estendiam dos fundos da propriedade – espaço que se tornava raridade conforme crescia a cidade e os proprietários vendiam terreno para seu desenvolvimento. Dois dos portões da cidade ficavam a menos de meio quilômetro ao norte e ao oeste, e Christiana estava ciente do cerco. Estava presa no abraço de uma cidade governada pelo inimigo de seu marido.

A cada novo dia, seus primeiros pensamentos iam para os filhos, e por quanto tempo suportaria ficar longe do Castelo de Harcourt. A parca evidência de que o pai estava vivo poderia ser explorada somente por mais alguns dias, porque Blackstone estava para retornar de sua incursão contra os

que detinham William de Fossat. Ela tinha de estar em casa antes disso, tendo rompido a promessa que lhe fizera. A angústia por estar separada dos filhos e o medo de estar em Paris eram atenuados por sua noção de integridade. Thomas lhe prometera que não haveria mais campanhas nesse ano, que ficaria e faria o que pudesse para encontrar o amado pai da esposa. Se ele podia abandonar a promessa, então ela podia usar a ausência dele para tocar a busca com as próprias mãos. Pensar no pai, um homem velho e frágil perdido nas brumas de lembranças distorcidas, dava-lhe a mesma vontade determinada para agir sozinha que lhe dera a força para casar-se com Blackstone.

Ela acordou antes do amanhecer e foi ela mesma abastecer a lareira e garantir que estivesse limpa e vestida antes que os Ruymont saíssem de seus aposentos para o café da manhã.

– Hoje, quem sabe. – Sorriu Joanne. – Rezaremos para depois procurar. Deus nos guiará. Você vai ver.

Ela fazia o mesmo comentário toda manhã, com uma calma confiante que Christiana podia apenas invejar. Impaciente, Guy passava de janela em janela, observando quem estava lá embaixo, tanto na rua quanto na horta, como se procurasse por algo que estivesse fora do lugar. Quando Joanne deixou a sala para preparar-se para o dia e ralhar com um criado, Christiana aguardou até que a voz da amiga indicasse que estava longe o bastante para não retornar subitamente ao cômodo.

– Sou a culpada pela sua angústia, Guy. Perdoe-me.

Guy de Ruymont era famoso pelo charme e as boas maneiras, tanto quanto pelos ocasionais e inesperados acessos de grosseria para com uma esposa que dava voz a seus desprazeres, fazendo bico, com mais frequência do que ele gostaria.

– Muitas pessoas visitam a cidade, Christiana – disse ele, sorrindo para tranquilizá-la. – Há pouco perigo para nós. E não precisa se preocupar com nada enquanto eu estiver aqui.

Ela lembrou-se da primeira vez em que se deparara com a fala gentil do lorde normando, anos antes, quando Blackstone sobrevivera a seus ferimentos e fora forçado a participar de um banquete de Natal em Harcourt.

Foi Guy quem salvara o inglês do embaraço quando Joanne, ressentida por ter perdido membros de sua família em Crécy, tentara expor a falta de gracejos sociais do arqueiro perante a nobreza ali reunida. O ato de Guy fora puramente bondoso, algo que se estendera ao longo dos anos e aproximara as famílias.

– Minha presença aqui pode prejudicar sua segurança caso saibam que a esposa de Thomas Blackstone está na capital.

– E entre todos os mercadores ricos e os membros da corte, sem contar os outros cavaleiros, barões e donos de terras, que vêm e vão pelas grandes ruas e juntam-se nas alamedas adjacentes, acha que um humilde lorde normando será notado? – disse ele, zombando de si mesmo.

Ela sorriu.

– Acha que nós, mulheres, não sabemos como andam as coisas, Guy? Você e Jean e os demais conversando com Navarre? É perigoso.

– Ainda não – disse ele, confortando-a.

Por um breve segundo, ela viu algo que julgou ser medo nos olhos dele.

– Agora, se Joanne passasse menos tempo de joelhos e mais tempo nos ajudando a procurar seu pai, talvez nossa estadia na cidade se encurtasse – disse o lorde.

Esse dia não seria nada diferente dos outros, quando deixavam o conforto de seus quartos. Guy as acompanharia enquanto as duas pesquisavam a área ao redor da Igreja dos Inocentes e o mercado em busca de qualquer velho mendigo que pudesse ser o pai de Christiana.

– E, enquanto rezamos, Guy, que lhe resta fazer? Andar pelas ruas?

– Posso participar de um pouco de falcoaria e ouvir uma ou outra fofoca sobre o preço do trigo invernal. O mercado me dá uns bocados de informação. Não reclamo de ficar abandonado enquanto Joanne reza pelas almas de todos nós. Está se esquecendo, Christiana, de que os homens apreciam a própria companhia.

– Sei disso muito bem – ela respondeu rápido demais, imediatamente arrependendo-se de demonstrar irritação, embora incapaz de resistir ao impulso. – Sou a esposa de Thomas Blackstone.



Blackstone andava o mais rápido que podia, querendo desesperadamente correr até a igreja que procurava, mas sabendo que se o fizesse atrairia atenção para si, agora que a cidade estava acordando. Havia ainda pouquíssima luz para ver as portas e aqueles que dormiam detrás delas. Ao captar o cheiro de alguma coisa doce no ar, uma pancada de fome misturou-se à ansiedade que sentia por Christiana. A esse momento, aqueles que desejavam capturá-lo já deviam saber que ele escapara de sua rede. Poderiam eles arriscar-se a prender um lorde normando e sua esposa para pôr as mãos em Christiana, forçando-o, assim, a se render? Os normandos já tinham perdido Aubriet sob a mão do rei, e Fossat, torturado e morto pelo Padre Selvagem. Se prendessem Guy de Ruymont sob falsas alegações, a Normandia certamente se proclamaria abertamente por Navarre e os ingleses. Seus pensamentos moviam-se tão rapidamente quanto seus pés no pavimento. O pai de Christiana enfrentara os ingleses, mas isso não a salvaria agora que estava casada com Blackstone. A proteção garantida por Ruymont e o desejo do rei de garantir a lealdade da Normandia eram debates que terminariam de apenas um modo: sua captura e a rendição do esposo para salvá-la.

As alamedas viravam para a esquerda e a direita e, visto que iam se juntando umas às outras, logo Thomas perdeu a noção de direção. Xingou a cidade até seus confins. No instante em que seus instintos e uma boa dose de sorte o trouxeram até uma avenida principal, ele percebeu que perdera a igreja e foi forçado a retornar. Gritos roucos do outro lado o fizeram estancar e passar rente às casas, cautelosamente, na ampla rua. Não eram os que o caçavam, mas os vendedores gritando uns com os outros ao deitar seus produtos sob as tendas do mercado. Um café da manhã de cerveja, pão e queijo era partilhado por homens e mulheres reunidos em torno de uma fogueira, derretendo a frigidez da noite fria de seus corpos doloridos. Pedintes, alguns aleijados, outros cegos e levados por crianças, começaram a brotar dos arcos feito fantasmas em farrapos, pouco mais que trapos unidos por barbante. A igreja ficava a uns cem passos além dos muros do cemitério. O olhar de Blackstone escaneou as pessoas na rua em busca de sinais de reconhecimento, receoso de que os civis voluntários do escritório do preboste já tivessem sido enviados para procurá-lo. O homem que vira na taverna era o

Padre Selvagem e, por ora, ele já teria convencido as autoridades de seu status. Era improvável que fossem convocar a população à caça, algo que poderia facilmente fugir ao controle e passar para uma revolta. Havia muitos homens com cicatrizes dos quais suspeitar, mas seria um verdadeiro caos botar voluntários em um alvoroço, abordando cada homem com tal característica. Era mais provável que o Padre Selvagem fosse controlar os eventos e mandar os homens do preboste fazerem uma busca própria por Blackstone. Ele e seus homens, assim que fossem liberados do interrogatório, trocariam de tática e capturariam Christiana, agora que fracassara em conquistar o prêmio principal na taverna Meia Roda.

Blackstone abriu a porta da igreja e entrou naquela escuridão gelada. Um pássaro bateu asas, lá no alto, em busca de liberdade; fora isso, havia pouco ruído dentro da igreja – apenas a oração sussurrada por uma figura acocorada cujo capuz negro lhe cobria a cabeça. Teria ele já sido descoberto pelo inimigo? Talvez Isabeau tivesse sido capturada. Blackstone já estava levando a mão à faca quando a pessoa levantou-se, ajoelhou perante o altar e virou-se um pouco, sendo banhada pela luz das velas: era um padre. O homem assustou-se quando viu Blackstone parado atrás dos bancos.

– Não vai demonstrar respeito a Deus, meu filho? – perguntou ele. – É pedir demais uma pequena reverência?

– Preciso de respostas que Deus não pode me dar em orações. Procuo uma mulher, provavelmente com companhia, que talvez ande vindo rezar aqui diariamente.

O padre encarou o homem de roupas chulas cujo comportamento parecia desafiar não somente a autoridade dele mas também a da própria Igreja. Havia muitos como esse na cidade; alguns foram enforcados por entrar em um local de culto ou por arrastar suas vítimas para matá-las na rua. O santuário de uma igreja era inviolável para a maioria, mas aqueles que escolhiam ignorar a lei de Deus descobririam que não havia como evitar a punição.

– Os que rezam aqui têm a proteção do Todo-poderoso – disse ele com cuidado, confiando que, ao não oferecer desafio direto, seria poupado de qualquer ataque.

– Se o Todo-poderoso desejar que essas mulheres não sejam maltratadas, então pode me enxergar como um instrumento de proteção dele. Existem pessoas por perto prestes a atacá-las. Diga-me se sabe onde elas podem estar.

Não lhe foi feita ameaça alguma, e o padre sabia que um homem do tipo desse que estava à sua frente poderia ter facilmente estendido as mãos e lhe arrancado a vida à força.

– Duas mulheres rezam aqui de dia. São piedosas e generosas nas doações. Uma é mais velha que a outra e parece ser sua cuidadora. Suspeito que não se aventuram muito longe da segurança deste lugar, o que significa que ficam nas ruas próximas, perto do cemitério e do mercado. Se eu as vir novamente hoje, devo passar um recado?

– Sim. Diga-lhes que fiquem aqui por causa do perigo que as ronda.

Blackstone virou-se para a porta, por onde passavam a luz e o barulho da rua, cortando o silêncio da igreja escura. O padre sentiu a insegurança apertar-lhe o peito e rezou para que seus instintos tivessem acertado ao fazê-lo mandar o homem procurar nas ruas próximas. O pássaro nas vigas encontrou uma telha quebrada e ganhou a liberdade. Novamente o silêncio instalou-se ali.



Inocentes era o nome do cemitério da cidade, cujos muros de três metros de altura circundavam trincheiras de cem passadas de comprimento, cavadas para enterros em massa, não havendo espaço para sepulturas individuais. Crânios e fêmures velhos, de um branco amarelado, ocupavam estandes em uns poucos arcos, uma morada sombria para os que estiveram enterrados por anos e cujo lugar no solo fora requisitado por outros. Carrinhos de mão que transportavam os mortos, guiados por padres e monges, formavam um fluxo quase constante, zanzavam até ali do meio da multidão da agitada rua. Pedintes estendiam potinhos e as mãos em concha, esperando que ver os mortos pudesse lembrar aos pranteadores de que um pequeno ato de caridade poderia ajudar a pavimentar o caminho para o céu, para quando chegasse a vez deles.

Parado em frente à entrada, Thomas demorou-se, como faziam outros, assistindo ao desenrolar do desfile dos mortos. Meninos de rua bebiam na fonte, e os funcionários do mercado colhiam água que carregavam dali em baldes, evitando os vendedores itinerantes de bugigangas com suas bandejas improvisadas. Havia homens e mulheres sob os arcos do claustro; algumas delas vendiam-se, alguns deles as compravam. Certamente, o inglês seria capaz de ver Christiana ao escanear os mendigos e os que estavam bêbados demais para lhe retirarem do estupor da bebedeira da noite anterior. Ele pôs-se a circular a alta muralha. Fora muito bem-construída; mãos habilidosas cortaram e deitaram ali as pedras, trabalho feito muitos anos antes. Em seus pensamentos, ele reconheceu a habilidade do pedreiro e desejou que sua vida lhe tivesse dado a chance de construir um monumento desses com seu nome gravado na pedra. Ele se esquivou dos coveiros que jogavam terra sobre corpos envoltos em linho e também as mulheres que retornavam à rua aos prantos. Uma delas gritou, atormentada. Talvez fosse uma criança que fora posta para descansar, não dava para saber, mas um homem, possivelmente o marido, tentou acalmá-la e, visto que não conseguiu, meteu-lhe um tapa de atordoar. Os joelhos da mulher cederam, e ela foi ao chão, apoiada num dos braços; o homem curvou-se e a ajudou a se levantar.

Blackstone desejou que tivesse algum dia perguntado a Jean de Harcourt onde o lorde normando de Graville rezava durante as viagens frequentes à cidade, porque, assim, ele o teria abordado em busca de proteção. Para testá-lo. Querendo ver se Graville encontrava-se com alguém da corte para passar informações – porque trair Blackstone em Paris seria gesto abençoado pelo rei. Quem teria dado as informações acerca de William de Fossat e arranjado os meios de atrair Christiana até a cidade? Contudo, havia pouquíssimo tempo. Um velho sendo guiado por uma mulher até um canto do cemitério chamou a atenção do cavaleiro. O senhor tinha cabelos brancos até os ombros e conduzia-se de maneira imponente. Como faria um cavaleiro assolado pela pobreza que pudera sempre contar apenas com o orgulho para continuar vivendo. O infeliz devia ser ruim das vistas, dado o modo com que a mulher o ajudava a evitar obstáculos na direção de duas figuras que por ele aguardavam no sotavento da muralha. Um arco escondia o rosto de ambas.

Blackstone pôs-se a caminho. Uma das mulheres adiantou-se e estendeu as mãos para, em concha, tocar o rosto barbado do idoso. Ela deu mais um passo. A luz matinal banhou-lhe o rosto e sua expressão de desapontamento.

Christiana.

Blackstone estava prestes a chamá-la pelo nome quando uma comoção na entrada o fez virar-se para trás. Era o padre da igreja sendo agarrado por alguns dos homens que Thomas vira na batida da Meia Roda; muitas vozes erguiam-se em torno deles num protesto enraivecido. Um dos homens agarrou o padre pelo capuz e o virou, forçando-o a olhar ao redor, para a multidão. De algum modo, os homens haviam descoberto a igreja e levaram forçadamente o padre à rua para ver se podia identificar Blackstone. A multidão poderia ter avançado contra os homens – alguns dos mais próximos os desafiaram, irritados com a situação –, mas o padre a pacificou, impedindo que alguém tomasse qualquer atitude que terminasse em banho de sangue. Momentos depois, meia dúzia de homens do preboste apareceu, acrescentando autoridade aos que ameaçavam o padre, sacudindo a cabeça, como se respondendo ao que lhe perguntavam, obviamente indicando que não reconhecia ninguém, conforme o urgiam ao longo do cemitério. Vez por outra o padre fazia que não, enquanto era levado pelo claustro. Blackstone tinha agachado, como se rezasse perante uma das trincheiras, obscurecido pelos coveiros e pranteadores, mas os homens aproximaram-se do arco no qual estavam Christiana e Joanne. Ficou claro que o padre as viu, mas deu-lhes as costas, não querendo atrair atenção para elas. Botara fé no forasteiro que viera até sua igreja procurar as mulheres para avisar do perigo. Os instintos do clérigo, no fim, estavam corretos. Aqueles homens rudes pareciam propensos à violência, e a presença dos homens do preboste lhes emprestava autoridade. Mulher nenhuma, gentias ou não, deveria ser entregue a um homem desse tipo. Tudo poderia ter acabado aí, não fosse a arrogância normanda de Joanne e sua intolerância. Ela juntou as saias e abriu caminho pelos que estavam à sua frente.

– Parem com isso! – gritou ela, alto o bastante para assustar um bando de pombos aninhados na muralha.

Os homens viraram-se para ela, e Blackstone viu o olhar de angústia no rosto do padre. Apesar de seus bravos esforços, a mulher que ele buscava proteger acabava de revelar-se.

– Esse é um padre de Deus! Não podem tratá-lo como um bêbado. Sejam quem forem, saibam que serão punidos pelos oficiais do rei. Soltem-no!

Blackstone adiantou-se, circundando o grupo de espectadores atraídos pelo acesso da dama. As ordens desta não caíram sobre ouvidos surdos, pois sua posição social era evidente graças ao comportamento e a vestimenta – que refletiam uma mulher de maturidade, com os cabelos arrumados feito chifre de carneiro, presos sobre as orelhas e cobertos pelo véu. Um dos mercenários demonstrou grande desdém.

– Ele tem informações – disse o capanga.

– Seja padre ou não – acrescentou outro.

Não se podia esperar muito respeito de homens que serviam a um mestre selvagem com o poder do rei acobertando-os.

Os homens do preboste correram para mostrar deferência, antes que a raiva da dama causasse problemas para todos eles. Baixando a cabeça respeitosamente, um deles tocou o mercenário que segurava o padre, para contê-lo.

– E você, quem é, milady?

– Não faz diferença quem eu sou! Estão cometendo um ato que será punido

– insistiu Joanne, com arrogância, e Blackstone teve de admitir, nesse momento, apreciar a ousadia da mulher.

– Milady, procuramos um fugitivo, um espião e assassino inglês – respondeu o homem. – E esse padre saberá identificar a esposa dele. Se a pegarmos, ele se renderá.

Blackstone aproximou-se de Christiana, que tinha recuado para perto da muralha, com a atenção focada na discussão. Não teria como escapar caso os homens chegassem mais perto. A expressão de Joanne de Ruymont não demonstrou o choque por ela sentido, e a mulher teve a noção de não se virar e olhar para Christiana, pelo que Blackstone sentiu um assomo de gratidão.

Joanne aproximou-se dos homens de armas.

– Nenhuma mulher de inglês estaria neste lugar. Por que estaria?

– Porque ela acredita que o pai está vivo, sendo que o velho maldito jaz morto num campo normando faz dez anos – provocou um dos homens do Padre Selvagem, com um sorriso malévolos.

Blackstone estava a vinte passos de Christiana quando a viu vergar e levar a mão à boca. Mas ela não caiu. Foi forte o bastante para não sucumbir às emoções que a inundaram quando soube da verdade sobre o pai, apenas piorada por ela saber que, por sua culpa, Blackstone fora atraído. Se aqueles homens procuravam seu marido, então ele devia estar na cidade.

Blackstone procurou uma rota de fuga. Não havia. Se houvesse guardas na entrada, então eles estavam presos dentro das altas muralhas. Analisando o claustro, ele viu que havia apenas uma coisa a fazer: tombar o carrinho contra o muro e fazer Christiana subir, depois a baixar do outro lado e correr pelo mercado de Les Halles. As barracas cobertas estariam congestionadas como as alamedas, e isso lhes daria vantagem.

Joanne de Ruymont pôs a mão na do mercenário e dirigiu-se aos oficiais do preboste.

– Esse humilde padre ouve muitas confissões dos súditos do rei; os que precisam de perdão. Ao forçá-lo até este local, estão privando essa gente leal, principalmente os homens comuns como esses ao nosso redor, de ter esse fardo liberado de suas almas.

Blackstone ficou grato pela fala piedosa, tanto quanto as pessoas da multidão, que vociferaram seu apoio.

– Agora, vamos devolvê-lo ao local no qual ele pode fazer esse bem inestimável – disse Joanne de Ruymont com o tipo de autoridade que somente uma mulher de posição privilegiada podia conjurar, uma ordem que mais soou como convite para os ali reunidos.

Quem estava perto o bastante para ouvir a conversa aplaudiu a atitude de Joanne, que permaneceu estoicamente firme e bravamente libertou o padre das garras do mercenário. Os homens do preboste cederam, discutiram brevemente com os homens de Marcy e exerceram sua autoridade, acompanhando Joanne ao escoltar o padre pela multidão, em direção à entrada.

Christiana aproveitou o momento e se afastou. Não parecia haver como fugir do cemitério, mas o instinto falara mais alto. Blackstone saiu de detrás de um pilar e rapidamente agarrou a esposa. Quase não houve tempo para que ela se debatesse, já que, num instante, ela viu quem era que a abraçava e o deixou aninhá-la no peito.

– Thomas! Devo tê-los trazido... para cá... para cercá-lo – disse ela, confusa, com palavras e pensamentos lutando uns contra os outros.

Ele já a estava levando dali.

– Joanne os afastou; devemos ir atrás – disse ele com urgência, vendo a oportunidade que se apresentava.

– Thomas, eu... não entendo... você me encontrou... como?

– Agora não, Christiana. Vamos nos juntar àquelas pessoas.

Sem esperar que dissesse outra coisa, ele a puxou e juntou ao grupo tagarela que seguia Joanne. Quando passaram pela entrada, viram Guy de Ruymont conversando com os homens do Padre Selvagem, tendo sua atenção tomada pela esposa, que levava o padre para a liberdade. Por um momento, Blackstone não soube ao certo por que seu amigo estava ali, então compreendeu que ele deveria estar esperando a esposa e Christiana, enquanto não saíam do cemitério. E então os homens do preboste foram parar justamente no local onde as mulheres achavam que o pai de Christiana poderia ser encontrado. Ruymont viu Blackstone com Christiana e ficou obviamente chocado. Joanne ajoelhara-se na rua e beijara a mão do padre, um ato de humildade que silenciou o tagarelar das pessoas e manteve a atenção de todos sobre ela.

Ruymont era o único que não observava sua esposa. Em vez disso, com ares de nervosismo, ele acenou com o rosto para a direção oposta à rua agitada.

– Ele está indicando o lugar em que estamos hospedados – disse Christiana, puxando Blackstone atrás de si, enquanto Ruymont adiantou-se para ajudar a esposa a levantar-se.

Christiana levou o marido para o norte, afastando-o da ampla avenida e, em questão de minutos, eles cruzaram o portão que dava para as casas maiores. Blackstone olhou para trás e viu Guy e Joanne acompanhando-os, a distância. Christiana abriu uma porta de carvalho alta e pesada.

– É aqui – disse.

Blackstone seguiu-a até um corredor. Algumas das portas das casas davam diretamente para a sala de estar; outras tinham passagens estreitas que levavam até um pequeno jardim nos fundos, no qual os mercadores entregavam suprimentos. O corredor em que estavam dava em um desses jardins e em uma escadaria que subia para os andares superiores. Christiana não soltava a mão do marido enquanto o guiava. Quando chegaram ao final do corredor e ganharam o jardim, o inglês ouviu a porta pesada abrir-se e fechar-se lá atrás. Além do jardim, o corredor continuava cruzando mais casas e uma horta. Christiana já estava na escada quando Blackstone olhou para as janelas acima: a luz do sol refletia-se no vidro irregular. Se entrassem nesses quartos, não haveria como fugir caso os homens do Padre Selvagem adivinhassem que eles estavam ali. Se o comportamento de Joanne tivesse levantado suspeitas e o grupo tivesse sido seguido, Blackstone ficaria encurralado ali.

– Espere! – disse ele.

Ele ouviu passos de pessoas que chegavam pelo corredor. Guy de Ruymont surgiu com a esposa logo atrás.

– Thomas! Meu Deus! Aí está você! Rápido, para os quartos, estaremos a salvo lá, depois arranharemos um jeito de tirá-lo da cidade – disse ele e deu um abraço em Christiana. – Tudo aconteceu tão rápido, que não tive chance de avisá-la quando vi os homens do preboste e aqueles outros indo para o cemitério.

Joanne estava ruborizada pelo cansaço da rápida caminhada em direção à casa, e por finalmente aceitar o quanto a situação era preocupante.

– Guy, a casa será uma armadilha caso saibam que estão aqui – disse Blackstone, depois se voltou para Joanne. – Milady, estou em dívida com você pelo que fez agora há pouco.

– Sim – acrescentou Christiana, dando um abraço na amiga. – Nunca vi coragem tão tranquila quanto a que demonstrou hoje, Joanne. Você me salvou.

Joanne de Ruymont beijou Christiana na testa e olhou diretamente para Blackstone.

– Eu não podia deixar que a levassem.

Blackstone percebeu que a antiga inimizade da mulher para com ele jamais se abrandara, e que a atitude de pouco antes fora tomada em prol somente de Christiana.

– Para onde leva essa passagem? – ele perguntou, olhando para o corredor.

– Um jardim, depois os campos – respondeu Ruymont.

– E os muros da cidade?

– A trezentos, quatrocentos metros. O portão norte, em Porte Saint-Denis, está muito bem-protegido; é flanqueado por torres com besteiros. Não há como escapar, Thomas. Deve ficar até forjarmos um plano – urgiu ele. – E então...

Joanne de Ruymont surpreendeu o marido ao interrompê-lo.

– E então será tarde demais, Guy. Fui enganada por alguém que sabia de minha conexão com Christiana. Logo nos encontrarão aqui. Thomas, há um local próximo ao portão norte que está sendo reformado; eles o usam para chegar aos novos aterros fora da cidade. É possível que consiga passar pela muralha por ali. Vi o local pela janela do quarto. Naquela direção fica a abadia...

– Um terreno baldio! – insistiu Ruymont, cortando a fala da esposa. – É onde moram os excluídos. Um pântano fedorento no qual despejam o esgoto da cidade! Tem uma colônia de leprosos ali.

Blackstone viu a cara de medo de Christiana.

– Tudo bem. Não vamos por ali – disse ele. – Há como retornar a Les Halles pelos campos?

– Sim.

– Então vamos cruzar o mercado em direção ao rio. Foi assim que cheguei aqui.

– Thomas – disse Ruymont, com pressa –, nos espere. Encontraremos vocês lá. Alugarei uma barca para tirarmos vocês daqui.

Blackstone recusou a oferta.

– Tenho dinheiro. Você e Joanne devem ficar mais alguns dias em Paris. Não podem correr o risco de serem associados a mim. Ajam normalmente;

façam as coisas de sempre. Você, Jean e os outros não podem ser trazidos para os meus problemas.

Ruymont estava prestes a protestar, mas o ruído de passos e um raspar na porta no final do corredor, que dava para a rua, alertaram a todos.

Sem falar mais nada, Blackstone virou-se e levou Christiana consigo.

– Vou atrasá-los! – disse Ruymont.



CAPÍTULO DEZENOVE

Blackstone e Christiana passaram correndo pelos pés de legumes nos fundos da casa. Enquanto cruzavam a horta improdutiva, o inglês foi pegando roupas de criados penduradas para secar numa cerca de vime. Não havia som algum que indicasse perseguidores vindo logo atrás, e quando ultrapassaram toda a paliçada que preenchia os vazios entre antigas cercas vivas, as casas ficaram para trás. Blackstone verificou se vinha alguém por entre as casas e deu as roupas a Christiana.

– Troque. Não pode ser vista com as suas roupas correndo pelos campos.

Nervosa, Christiana atrapalhou-se com os nós do vestido, com os dedos amortecidos pelas luvas muito justas. Não havia tempo; Blackstone rasgou a indumentária e a jogou longe, entre arbustos. Por sua vez, Christiana vestiu as roupas simples.

– Thomas, me perdoe. Perdoe-me por ter vindo para cá sem lhe dizer nada.

O cavaleiro parou de analisar os campos e os jardins, em busca de sinais de perseguição, para dar um beijo na esposa.

– Você veio procurar alguém que ama; não posso condená-la por isso. E eu não estava em casa, como prometera.

Christiana ficou muito grata e contente. O marido entendia por que ela quebrara a promessa e arriscara tudo para salvá-la.

– Você tinha muito bom motivo para tentar ajudar William. Ele está bem?

– Os mesmos homens que a procuravam por essas ruas o torturaram e mataram – ele contou, vendo o sangue fugir das faces da esposa. – Escute, Christiana. Já passamos por coisa pior juntos. Neste momento, estão fazendo buscas nas ruas, atrás de nós, mas estaremos em casa em poucos dias, assim que cruzarmos os muros e os pântanos.

– Mas o rio... você disse ao Guy.

– Não, vamos pelos campos. As barcas estão sendo vigiadas e, se fizerem a menor conexão entre nós e Guy, não tardarão em arrancar informações dele.

Ela entendeu que o marido pensara em tudo e, se havia alguém que poderia levá-los para casa, esse alguém era ele. O casal já havia cruzado um rio revolto certa vez, perseguidos por cavaleiros determinados a matá-los, porém, agarrados um ao outro, sobreviveram.

– Estou pronta.



Um grupo de trinta trabalhadores estava acampado numa seção do muro noroeste. Mulheres cozinham em fogueiras, misturava-se argamassa, e havia pilhas de pedras que seriam selecionadas e entregues aos pedreiros. Blackstone identificava-se com esses homens, que usavam o mesmo avental e as mesmas ferramentas que ele usara quando jovem. Havia guardas sentados nas pedras em frente à abertura quando ele e Christiana se aproximaram, passando por trás de tendas de trabalho nas quais homens cortavam e moldavam as pedras que os operários depositavam em baldes.

– Devem ter alertado os portões principais da cidade – disse Blackstone –, mas esses dois guardas ainda não sabem de nada, tenho certeza. Esse grupo está longe demais das avenidas principais.

– Você! – gritou a voz de um homem ao lado de uma das tendas. – Que faz aqui?

Blackstone supôs que o homem fosse um capataz ou algo assim.

– Sou pedreiro. Fui enviado pelo escritório do preboste dos mercadores para trabalhar aqui.

– E suas ferramentas? – disse o homem, desconfiado.

Havia sempre homens que tentavam receber por trabalho para o qual não tinham a habilidade adequada.

– Roubadas ontem à noite. Fomos roubados enquanto dormíamos.

O homem analisou o casal. Não era incomum que os trabalhadores itinerantes trouxessem as esposas para a cidade para lavar roupa e cozinhar, e às vezes ajudar a carregar pedras.

– Colard! – ele gritou para um pedreiro que trabalhava sob um toldo a alguns passos dali. – Venha aqui!

O homem coberto de poeira aproximou-se deles e olhou Blackstone de cima a baixo.

– Diz que é pedreiro – disse o oficial. – Que as ferramentas foram roubadas.

O homem pareceu indiferente. Ele tomou as mãos de Blackstone nas dele, virou-as e sentiu os calos e frisos de pele áspera na própria pele castigada.

– Pode ser. Só Deus sabe quanto precisamos de mais homens.

Blackstone aguardou, subserviente, que o homem tomasse a decisão.

– Que ferramentas? – perguntou o pedreiro.

– Meia dúzia de cinzéis, marreta e malho – respondeu o inglês.

O homem grunhiu.

– Por aqui – disse ele, e virou-se para o local onde estivera trabalhando.

Havia um conjunto de ferramentas repousando sobre um banco.

– Vou chutar esse seu traseiro daqui até o Châtelet se estiver de brincadeira – disse ele, apontando para um dos cinzéis. – Este?

– Punção – respondeu Blackstone.

O pedreiro foi apontando cada instrumento da fila, e Blackstone foi respondendo.

– Garra... formão... talha...

– Faça sua marca – disse o pedreiro, indicando uma placa fina de pedra.

Um pedreiro de verdade não hesitaria em pegar o formão e o malho e gravar suas iniciais para mostrar o trabalho que fizera. Blackstone escolheu um nome aleatório e talhou a pedra com facilidade de especialista.

– T.B.? – perguntou o oficial.

– Tassart Bazin – respondeu Blackstone.

Ele olhou intensamente para Christiana, que desviou o olhar. Thomas Blackstone deixara sua marca em Paris.

– Muito bem – disse o pedreiro. – Ele serve – disse ele ao oficial. – Vamos surrupiar umas ferramentas para ele.

O pedreiro os ignorou e voltou ao trabalho.

– Qual corporação?

– Rouen – mentiu Blackstone, sendo esta a cidade mais perto da casa dele.

O oficial assentiu.

– Você ficará na minha lista de funcionários. Encontre um local para dormir.

Blackstone curvou a cabeça, unindo as mãos como sinal de gratidão, como fez Christiana.

– Nosso muito obrigado, M’sieu...?

– Rancé – respondeu o oficial e deu as costas para mais um grato pedreiro que teria os rendimentos espremidos em troca do favor de ser empregado.

Blackstone endireitou-se e foi até uma área de trabalho disponível. Havia uma planta aberta sobre uma mesa. O cavaleiro ergueu as duas pedras que prendiam e a deixou rolar em suas mãos.

– Thomas? – disse Christiana.

– Não vim aqui erguer muros, mas um dia vou derrubá-los, se tiver a chance – disse ele, e a levou para a abertura na muralha, na qual os guardas faziam vigília.

– Não pare. Talvez não nos parem – disse ele à esposa.

Quando estavam prestes a passar pelo vão na muralha, um dos guardas os chamou.

– E onde vocês dois pensam que vão?

Blackstone comportou-se como se fizesse parte dos trabalhadores do local.

– Ao aterro. Às fundações da nova muralha, ali. Sou pedreiro especialista – disse ele, mostrando o rolo de desenhos.

– Sob ordens de quem?

– M’sieu Rancé – respondeu o inglês.

Os dois soldados se entreolharam; um deu de ombros e o outro acenou para que o inglês passasse.

– E quem é essa? – perguntou o vigia.

– Ah, é minha assistente – disse Blackstone e sorriu. – Ela segura o meu malho – acrescentou sugestivamente.

Os homens riram. Christiana curvou a cabeça, fingindo embaraço. Os vigias fizeram um comentário rude entre si e ignoraram o homem cuja captura lhes teria garantido uma recompensa dada pelo rei. Blackstone pegou a esposa pelo braço e empregou força para acalmar-lhe o tremor.

– Depois de cruzarmos esse campo, até aqueles morros, estaremos a salvo – garantiu.

Havia uma névoa se juntando, distante, à esquerda, portanto, Blackstone supôs que o rio ficava nessa direção. A força que vira quando subia o rio estaria perto da curva do Sena, e estavam na base da planície que ficava de frente para a estrutura. À sua direita, ele via a abadia da qual falara Ruymont, mas o amplo espaço que se estendia adiante seria o ponto mais perigoso de atravessar. Quanto tempo levaria para que a notícia alcançasse todos os postos de vigia do perímetro da cidade? Ele precisava abrigar-se nas florestas, nos morros. Filamentos perdidos de fumaça espiralavam ao sabor da brisa, desprendidos das fogueiras atizadas por viajantes forçados a montar acampamento na inóspita planície além dos muros da cidade.

O fedor do pântano tinha outra fonte, além do atoleiro fétido. O riacho que corria por ele era um esgoto aberto. O casal seguiu com muito esforço pela planície, mas lentos demais para o gosto de Blackstone. As paredes da cidade pareciam não diminuir, não importava quanto empenho punham na caminhada. Christiana tropeçou de novo; ele sabia que ela não aguentaria por muito tempo. O vestido estava encharcado e fedia à água suja. Mechas do cabelo emplastrado grudavam-se no rosto no ponto em que o véu pendera. Ele passou um braço em torno da cintura dela, sustentou boa parte do peso e afastou o cabelo do rosto dela.

– Temos que continuar. Logo eles nos verão.

– Estou bem – ela disse, ofegante, corajosamente determinada.

Ele sabia que ela não suportaria toda a distância, então se voltou para a estrada que levava do portão norte da cidade para muito longe. Se pudessem cobrir o trecho sem serem vistos, haveria a chance de pagarem um carroceiro que retornasse da cidade para transportá-los até a floresta. Chegavam nuvens do mar, como se guiadas pelo rio serpenteante, e logo desabariam feito mortalha sobre os telhados da cidade. A chuva que traziam ajudaria a obscurecer o movimento do casal, mas também dificultaria a caminhada, e o frio endureceria os músculos. Foi uma corrida contra a tempestade. No momento em que alcançaram a estrada, as primeiras gotas de chuva começavam a ser trazidas pela brisa cada vez mais intensa. Christiana grunhia

pelo esforço, enquanto Blackstone a encorajava a prosseguir. Parar tornaria ainda mais difícil recomeçar.

– Você não pode descansar, tem que continuar – ele urgiu.

Os portões da cidade estavam a plenas vistas e, quando o tráfego diminuísse, eles seriam vistos. Precisariam andar mais trezentos ou quatrocentos metros pela estrada antes de poder parar e abrigar-se nas choupanas espalhadas às beiradas do caminho.

O caminhar ficou mais fácil, e Christiana pôs-se a tropicar o mais rápido que pôde em direção aos casebres de teto baixo. Fumaça escapava dos telhados de palha das casas, mas havia poucos sinais de vida. Sem aviso, Blackstone puxou a esposa para a lama atrás de um galinheiro quando dois cavaleiros desceram ruidosamente a estrada, na direção dos portões da cidade. Eram soldados, talvez retornando de uma patrulha, mas tinham acalmado os cavalos do galope para um trote quando passaram por ali. Blackstone mediu a distância que os separava, preparando-se para agir caso eles parassem. Se pudesse matá-los rápido o bastante, poderia tomar-lhes os cavalos. A decisão lhe foi tirada das mãos quando os homens esporearam as montarias e seguiram adiante.

– Acho que nos viram – disse ele. – Temos que correr.

O cavaleiro pôs a esposa de pé e a arrastou por entre os casebres, até voltarem à estrada. Forçando o passo, suas longas passadas fizeram a esposa punir seu corpo para manter o ritmo. Olhando para trás, ele viu que o aguaceiro obscurecera boa parte da muralha, mas os homens a cavalo gritavam para outros que ali estavam. Logo eles viraram os cavalos de volta para a estrada. Foram avisados dos fugitivos. A chuva alcançou Thomas e Christiana mais rápido que os cavaleiros, e ela caiu de cara na lama; as pernas finalmente lhe falhavam. O inglês tomou a esposa nos braços e a carregou para o espaço entre as casas, em busca de um local no qual se esconder. Uma figura acorada, uma mulher de rosto semicoberto por um véu de tecido, abriu caminho na entrada de uma das choupanas. Ela não fez gesto algum de boas-vindas nem de convidá-los para entrar na casa, mas, ao passar para o lado, ela pareceu indicar que o casal deveria fazer isso.

O interior sombrio era iluminado somente pela brasa de uma fogueira, e o piso de junco encharcado fazia pouco para impedir que a lama se esborrachasse por debaixo dos pés de Thomas. Ele deitou Christiana perto da entrada e esperou que seus olhos se ajustassem ao interior da choupana. A mulher entrou e foi até o fogo, cuja cama de brasa era confinada por pedras do rio que sustentavam uma panela. Ela se curvou e jogou ali dentro um punhado do que pareciam ser ervas. Blackstone reparou que, acorados junto à parede oposta, havia outros com vestimenta similar. Ele olhou para fora ao ouvir cavalos na estrada e viu que os cavaleiros tinham prendido as montarias perto do galinheiro no qual o casal se abrigara pouco antes. Havia outros cavaleiros vindo dos portões da cidade, mas pareciam relutantes em levar as montarias para o entremeado de casas. Blackstone tornou a fitar as pessoas amontoadas dentro do casebre. O fedor de carne podre finalmente sobrepujou o das roupas sujas que usava. Eram leprosos. Isso explicava a relutância dos perseguidores de entrarem no assentamento. Christiana abriu os olhos. Seu marido a tocou, como se querendo acalmá-la.

– Há homens lá fora – disse-lhe baixinho. – Não tenha medo, mas viemos parar na colônia de leprosos.

Christiana tremia; o medo e a exaustão misturavam-se numa infusão muito específica. Ela fez o sinal da cruz com os olhos escancarados de horror.

– Se fugirmos daqui, vão nos pegar. Se ficarmos até que desistam da busca, poderemos seguir em frente – ele disse, tomando nas suas as mãos trêmulas dela. – Essas pessoas são mortos-vivos, mas podem nos salvar.

Ela olhou para ele e concordou, mantendo a mão cobrindo a boca e as narinas para filtrar um pouco do cheiro dos confinados no casebre. Blackstone viu os soldados trotando pela estrada, indo e vindo, de olho na colônia de leprosos, sem ousar aventurar-se ali. Ele escutou alguém gritar um comando, ordenando os soldados a espalharem-se pelo pântano para ver se os fugitivos tinham buscado abrigo entre os acampamentos dos viajantes. Ninguém em sã consciência entraria numa colônia de leprosos. Meia dúzia deles formou uma fileira na estrada com vinte passos entre cada um; os outros se espalharam numa linha extensa e seguiram para as fogueiras do terreno pantanoso. A chuva ficou mais persistente, forçando os homens a se

endireitarem contra a água que jorrava contra suas nuças. Esses não eram os homens do Padre Selvagem; eram soldados da guarnição que conduziam com relutância as ordens de procurar pelas pessoas que foram vistas correndo pela planície e se escondendo atrás de um galinheiro. Não havia certeza de serem esses os fugitivos. Blackstone supôs que os soldados fariam somente o que eram obrigados a fazer e logo voltariam ao abrigo do interior dos muros da cidade.

Ninguém falava nada no casebre, e ninguém fez menção alguma de aproximar-se de Blackstone e Christiana, que ainda tremia, mesmo tendo o marido a coberto com a túnica. Tudo que podiam fazer era esperar até que os homens da fila se afastassem e que a busca fosse cancelada. Os sinos da abadia soaram ao longe; Blackstone supôs que devia ser o meio da tarde e que a luz do dia logo cederia. Com frio e com fome, seriam incapazes de viajar numa noite sem luar, mas, só de pensar na alternativa – passar a noite em um casebre de leprosos –, ele ficava ainda mais inquieto. Os leprosos amontoados usavam mantos pretos grossos, de capuz, por cima das roupas, todos de sapatos de couro. Por mais desesperadamente pobre que parecesse ser o cômodo, o inglês viu que cada um tinha cama e lençóis. Todos portavam um chocalho de madeira preso por cordão no pescoço. Leproso nenhum podia aproximar-se dos outros sem sinalizar que o faziam. A velha chegou perto deles; Blackstone sentiu que a esposa retraiu-se, mas a leprosa manteve-se distante e somente estendeu as mãos doentes e desfiguradas para eles. Estava oferecendo uma tigela do caldo da panela na qual o inglês a vira jogar as ervas. Ele sentiu um reflexo involuntário de vômito no fundo da garganta ao pensar nas mãos da leprosa tocando a comida. Lentamente, ele avançou e pegou a tigela das mãos da velha. Era óbvio que a última coisa que sua esposa queria era beber da tigela, mas o caldo quente lhes daria forças. Blackstone levou a tigela aos lábios; os vegetais no líquido aguado e outro aroma de algum tipo de erva tornaram-no fácil de beber, visto que sobrepujaram o odor forte do casebre. Ao engolir o caldo, ele sentiu seu calor penetrar-lhe os músculos. Estendeu a tigela para Christiana e indicou que ela deveria beber.

– Eles não têm nada a oferecer, mas estão partilhando isso conosco – disse.

Com o movimento mais ligeiro da cabeça, ela recusou.

– Beba aqui onde pus a boca – disse ele gentilmente. – Precisa se alimentar.

Com relutância, ela pegou a tigela das mãos do marido e fez o que ele ordenara. Após beber os primeiros goles, ela parou e olhou para a velha.

– Obrigada – disse e terminou de beber.

O tremor foi cedendo conforme ela confiou seu destino à boa vontade de uma leprosa. Blackstone tirou dela a tigela vazia e devolveu na mão da mulher. E na tigela pôs uma bolsa. A mulher deu um resmungo e retornou para os outros, onde ele ouviu o som das moedas sendo despejadas da bolsinha de couro. Dois homens separaram-se dos amontoados e vieram à frente; as roupas estavam esfarrapadas, mas escondiam os corpos desfigurados. Blackstone viu somente os olhos que o fitavam e, após breve pausa, os homens saíram na chuva. Não dava para ver aonde iam. Thomas viu os soldados retornando do pântano, e os cavaleiros já a caminho da cidade. Uma voz veio da formação dentada de homens ao longe, e os soldados em fila voltaram-se para os portões.

– Os soldados estão partindo – ele disse a Christiana. – Vamos aguardar até que tenham retornado para a cidade e tentamos de novo. Pode continuar?

Ela sorriu e levou as mãos dele aos lábios.

– Quero ver meus filhos de novo, Thomas. Leve-me a eles.

Uma sombra deitou-se sobre a entrada do casebre quando um dos leprosos retornou com um embrulho que largou aos pés do casal. O rosto estava escondido pelo capuz, mas foi dali que sua voz entrecortada sussurrou.

– Roupas. Doadas pela igreja. Não as usamos. Estão limpas. Para a mulher.

Com um toco de mão, ele acenou para Christiana.

Ela se inclinou para a frente e desfez o nó do cordão, revelando um corpete de lã puído e um manto. Sem hesitar, ela fitou o homem e começou a se despir.

– Fico muito agradecida – disse.

Enquanto envolvia-se com o calor do velho manto, Christiana dirigiu-se às sombras nos fundos do casebre, atrás da fogueira.

– Não somos criminosos; não fizemos nada de errado. Estão ajudando a devolver uma mãe a seus filhos. Rezarei por todos vocês, por gratidão. Deus

os abençoe; que Ele diminua o seu sofrimento.

Ao dizer isso, ela fez o sinal da cruz. Blackstone viu os outros fazerem o mesmo e ouviu um murmurar que entendeu como agradecimento pelas palavras de sua esposa.

Chuva e névoa cobriam toda a planície, diminuindo a imagem da grande cidade entre muros. Blackstone e Christiana seguiram o homem, já fora do casebre, até onde estava o outro leproso, com a mão no cabresto de um palafrém emaciado. O cavalo subnutrido aguentaria apenas uns dez ou vinte quilômetros caso não carregasse peso e não lhe demandassem nada além de um caminhar. Blackstone içou a esposa para o dorso do animal e pegou a corda ligada ao cabresto, que o leproso acabara de soltar. Ele hesitou, depois estendeu a mão para agradecer, mas o leproso recuou um passo e curvou-se em gratidão pelo gesto do forasteiro.

– Monsieur, um dia eu fui um homem da lei, a quem dirigiam dignidade e respeito. Já nos mostrou sua coragem e compaixão – disse o homem, cuja fraqueza ficava evidente pela voz entrecortada. – Não é preciso que corra mais riscos. A cinco quilômetros daqui há uma capela, um santuário no qual os monges cuidam dos viajantes. Poderão passar a noite lá, em segurança.

Blackstone guiou o cavalo até a estrada; quanto mais longe da cidade pudessem ir, melhor. No dia seguinte, pretendia estar já na margem mais distante do rio. Quando finalmente alcançassem a tranquilidade dos domínios dos barões normandos, não haveria mais perseguição.

O inglês beijou a deusa de prata amarrada a seu pescoço. Ela jogara sobre ele seu manto de proteção, e na cidade ele tivera sorte, algo pelo que um guerreiro sempre agradecia. Ele invadira o coração da meretriz e resgatara a esposa daqueles que o teriam capturado e matado e, ao fazê-lo, botara fim nas dúvidas acerca da morte do sogro.

A chuva fria e intensa era quase um conforto ao limpá-lo de seu segredo.



CAPÍTULO VINTE

O dia terminava sobre o Padre Selvagem, que aguardava na ponte que ligava o Palácio Real à cidade. Atrás dele, isolados das ruas fervilhantes, o rei e seus conselheiros esperavam pelas notícias da captura de Blackstone. A burocracia que afligia o rei sufocara a incursão dos mercenários na taverna Meia Roda; quando os homens do preboste foram finalmente ordenados a fazerem tudo que o líder mercenário instruíra, a oportunidade já não mais existia. Não fosse pela interferência dessas pessoas, um cordão de isolamento teria sido armado na cidade e pego Blackstone, que, Marcy acreditava, ainda devia estar perto da taverna. O inglês certamente saíra de lá poucos minutos antes.

Simon Bucy passou pelos guardas do palácio, amaldiçoando o fato de que ainda esperavam que ele lidasse com aquela criatura odiosa. Os homens do Padre Selvagem infiltraram-se em rua após rua, como fizeram os policiais de Paris, mas Thomas Blackstone desaparecera, e agora todos os esforços focavam-se em encurralá-lo em sua única rota de fuga.

– Marcy! Logo vai escurecer – disse ele à figura de manto preto que nem notara a sua presença, e cujo silêncio esbanjava insolência, colocando o presidente do parlamento na posição de um mero subalterno.

O Padre Selvagem não tirava os olhos da margem do rio. Havia tantos lugares pelos quais a mulher que um dia ele desejara poderia escapar. Assim que ela chegou a Paris, ele pôde observá-la brevemente, mantendo sua presença escondida enquanto perseguia aquilo que um dia o iludira. Estava tão linda quanto ele se lembrava, mas ele não pôde reaver o sentimento que um dia tivera por ela. Os anos haviam queimado aquele momento. Agora ele apenas a desejava para fazer o que quisesse com ela, sabendo que suas ações infligiriam dor inconsolável em Blackstone.

– O rio será o meio de evasão. O único jeito de sair da cidade – disse Bucy.
– Você fez tudo que eu instruí?

Mais homens foram enviados para a cidade; outros foram estacionados ao longo do rio, misturados aos mercadores e trabalhadores que traziam suas barcas até as margens. Quando escurecesse, tochas seriam acesas e patrulhas, enviadas; ninguém poderia escapar pelo rio. As barcas já estavam sendo examinadas; os duros barqueiros eram forçados a permitir que o pessoal do rei abordasse suas embarcações. Os portões da cidade foram fechados, guardas extras foram postos na muralha e a patrulha do preboste, redobrada. Thomas Blackstone estava encurralado.

Bucy andava de um lado ao outro na ponte. O Sena, o fluido vital de Paris, arrancaria do rei sua vitória caso Blackstone fugisse de barco.

– Eu deveria ter pensado duas vezes antes de permitir que você trouxesse sua vileza para Paris – disse, agitado. – Seus capangas quase causaram uma revolta e ainda permitiram que ele escapasse.

Gilles de Marcy ignorou a acusação. Sua própria frustração era um tormento. A sede de sangue não fora saciada.

– Estava tão perto, que quase senti o cheiro do maldito – murmurou ele para ninguém em particular.

– E a mulher? – cutucou Bucy, apertando o manto em torno de si.

A névoa do rio e seu frio competiam com a presença amedrontadora do homem ao lado dele.

– Santo Cristo, a esposa de Blackstone estava com Joanne de Ruymont!

– Então a prenda.

– Não podemos. Você sabe disso. Seus homens tinham encurralado a mulher no cemitério. Em plenas vistas! E seus capangas são tão burros, que a deixaram escapar.

– Já lidei com eles.

Essa frase curta causou em Bucy um tremor de repulsa. Ele baniu de seus pensamentos a imagem do que esse homem faria com aqueles que falhavam com ele. Por ora, sem dúvida, o que restara dos capangas estava sendo disputado pelos cachorros de rua.

– Houve relatos de um homem e uma mulher que cruzaram o portão norte – disse o Padre Selvagem.

– Uma criada e um trabalhador. Os homens do preboste fizeram uma busca. Foi alarme falso. Viajantes, provavelmente – disse Bucy, encerrando a questão.

– Os homens do preboste fizeram uma busca – repetiu Marcy, como se a frase fosse difícil de acreditar.

– Ele deixará Paris pelo rio. Não há alternativa para ele – insistiu o conselheiro do rei.

– Se não for pego até o anoitecer, já o perdemos. Escapou, de algum jeito – disse o Padre Selvagem. – Deixe eu e meus homens à solta e queime cada casebre que possa oferecer abrigo, e esfole cada homem, mulher e criança daqui até o solar dele, e coloque o medo de Cristo em todos que o protegem.

– Ninguém cavalgará pelos domínios normandos! Ninguém fará nada! Muito menos vocês! – ralhou Bucy. – Seu animal ignorante! Você não faz ideia do que o rei planeja, do que está em jogo. É muito maior do que seu desejo de tomar tudo que Blackstone tem ou a luxúria para com uma mulher de que nunca abusou.

Gilles de Marcy deitou olhos em Bucy e viu o conselheiro recuar meio passo.

– O que motiva um homem, milorde, é a luxúria. Nosso rei a tem por autoridade e poder completos; você, por status e riqueza; e eu, por matar meu inimigo com o apetite feroz que liquefaz as entranhas dos homens quando ouvem falar de mim. Desejo ter o que Blackstone tem, e arrancarei dele aqueles que ama. O que desejo me foi tirado porque você protege um traidor e os homens do preboste se intrometeram – respondeu o Padre Selvagem. – Matarei Blackstone, mas receio que não esta noite.

Marcy deu as costas para Bucy e foi andando na direção da margem, mas voltou.

– Diga ao rei que Thomas Blackstone escapou. Logo estará de volta em um de seus ninhos. E, quando Vossa Majestade estiver pronta para causar caos entre seus inimigos, diga-lhe que conduzirei a matança.

Simon Bucy, atormentado em seus pensamentos pelo panorama de fracasso, acompanhou o homem da capa preta em seu trajeto até a margem mais distante, para logo desaparecer no labirinto de alamedas. Ele rezaria até o

amanhecer para que Blackstone fosse capturado, mas preparando-se para dizer ao rei que a oportunidade de pegar o inglês e enfraquecer os lordes normandos fora perdida.

As tochas acesas nos barcos moviam-se pela neblina brilhando feito vagalumes, e o rio seguia em silêncio.



Levaram dias para alcançar um local seguro. Blackstone evitava rotas principais que comportavam o tráfego que ia e vinha da cidade. Quando cruzaram o rio – pagando dinheiro extra ao barqueiro em troca de seu silêncio –, ganharam bastante tempo na jornada para casa. Passaram noites abraçados para afugentar o frio, deitados debaixo de abrigos improvisados que o inglês fazia, comendo qualquer coisa que arranjassem. A sensação de perigo nunca os deixava em paz, unindo-os em uma paixão de desesperada intensidade. Ter chegado tão perto de perder um ao outro lhes dera uma fome que somente podia ser satisfeita fazendo amor quase freneticamente. Em um dia claro e bonito, o casal deixou a floresta, ainda atendidos fielmente pelo cavalo idoso, e avistaram, além da campina coberta de geada, os cavaleiros que os chamaram pelo nome.

Guillaume e meia dúzia de homens passaram dias cavalgando além da fronteira do território de seu suserano, esperando por qualquer notícia ou sinal do mestre. O escudeiro trazia montarias extras consigo, que transportariam Blackstone e Christiana no que restava do trajeto para casa. Os homens ovacionaram, dando boas-vindas, amaneirando o linguajar para respeitar Christiana. Assim que terminara de responder às perguntas com relação à fuga e fora informado de que cavaleiro nenhum se aproximara de seus domínios, Blackstone instruiu um dos homens a guiar o palafrém de volta para casa, sem pressa. O animal merecia uma recompensa de aveia e forragem fresca, e passaria o restante de seus dias no conforto dos estábulos de Blackstone.

Uma vez em casa, guardas extras foram posicionados, enquanto os outros lordes normandos seguiam o exemplo de Jean de Harcourt, que enviara patrulhas para cobrir o território para o caso de o rei John resolver atacá-los.

Contudo, não houve ataque algum e, quando os espiões dos barões normandos reportaram-se, retornados de Paris, ficou claro que não haveria incursão contra eles. O rei John ainda precisava do apoio deles caso entrasse em guerra contra Edward, e estava pronto para deixar Blackstone escapar do anzol.

O alívio e a alegria que Christiana sentiu ao retornar a salvo para Agnes e Henry ajudaram a aplacar a culpa por tê-los desertado para ir atrás da chance de encontrar o pai. Blackstone aproximou-se com cuidado, vendo as lágrimas vertidas em segredo darem caminho para a aceitação da morte do homem. Seria melhor, concluiu o cavaleiro, não tentar confortar a esposa elogiando a lealdade do pai dela para com seu suserano e pela morte em serviço do rei francês. O fato de que ele morrera opondo-se à invasão inglesa poderia somente agravar o sofrimento, visto que ela se casara com um dos homens que invadiram aquelas terras décadas antes. A consciência de Thomas avisava que tentar falar sobre a morte de um soldado poderia dar ensejo para um lapso de fala – sobre um velho cavaleiro liderando seus homens, deitados todos em emboscada, mas surpreendido pelo inimigo. Com poucas palavras, a verdade poderia escapar facilmente e, num piscar de olhos, a esposa estaria perguntando como ele sabia dessas coisas.

Blackstone ficou em silêncio e esperou até que a esposa se ajustasse de volta à segurança da vida em família para explicar que o homem por trás da morte de William de Fossat e da perseguição em Paris era o mesmo que um dia a perseguira. Ela recebeu mal a notícia, e ele se arrependeu de contar, mas, se não o tivesse feito, alguém mais mencionaria o complô para capturar Blackstone que fora suscitado por esses incidentes do passado dela.

Ao longo dos dias seguintes, ele confortou e tranquilizou a esposa, e viu o medo passar para a resiliência, e também a raiva por ter uma criatura como aquela ainda lançando sua sombra sobre a vida dela. Quando ela se casou com Blackstone, ele cortou uma moeda de prata ao meio para simbolizar o amor dos dois, com a promessa de que, onde quer que estivessem as duas metades, eles também estariam. Ela usava a metade dela numa gargantilha. Ele acoplara a dele no punho da Espada do Lobo. Certa manhã, quando retornava das orações, ela levou a espada e a bainha do local onde Guillaume

polia e limpava as armas e a armadura de seu senhor e as colocara nas mãos do marido.

– Você tem que matar esse Padre Selvagem, Thomas. Algum dia, quando tiver notícias dele, procure-o e nos livre dele. Não tenha misericórdia. Mande-o para o inferno – ela disse.

Ela já desafiara seus guardiões ao casar-se com Blackstone, que desafiara o próprio lar.

Estavam unidos novamente.



Não houve reclamação alguma da parte de Christiana quando Blackstone foi com seus homens patrulhar as trilhas da floresta que podiam levar assassinos até eles. O inglês enviara ordens para aumentar a vigilância para Meulon, Guinot e os outros comandantes de suas cidades. Somente depois de duas semanas passadas sem incidentes nem alarmes, ele permitiu que seus homens tirassem folga de seus deveres e ficassem um pouco com a família – algo que ele também precisava fazer. Era hora de ser grato pelo humor que instalava, de alegria e diversão; as crianças ficavam cada vez mais entusiasmadas conforme chegava perto a data de comemoração do aniversário de Henry.

Blackstone e o filho caminhavam pelos estábulos, afagando os cavalos. O menino estava ainda mais animado porque o pai permitiria que ele escolhesse qual cavalo montaria para ir a Harcourt.

– Henry, está pronto para recitar seu poema? – perguntou Blackstone.

– Sim, pai.

– E sua faca está sempre limpa? Os lordes normandos ficarão impressionados com uma arma bela dessas e vão pedir que você lhes mostre.

Henry tirou a faca de sua bainha prateada, presa no cinto, e a deitou na palma da mão.

– Que bom. Guillaume limpou-a para você ou foi você mesmo?

– Fui eu.

– Ótimo. Mantenha-a afiada e sempre por perto.

Grato pelo elogio, Henry estendeu a mão para tocar o focinho do cavalo arisco, mas a puxou de volta rapidamente, evitando levar uma dentada.

– Não seja tão confiante – disse Blackstone. – Um homem pode ficar selvagem num segundo também. Tenha cautela com as pessoas com quem lida. Algumas estouram porque é de seu temperamento, mas isso não as torna menos dignas de serem suas amigas.

– Como o lorde de Fossat? A mamãe me disse que vocês já foram inimigos.

– Lutamos um contra o outro, depois nos unimos. Havia um laço entre nós. Ele era um guerreiro muito corajoso... às vezes, imprudente, e dava uma mordida pior que a desse aí – disse ele, referindo-se ao cavalo.

– Posso ir com vocês quando forem lutar de novo? – pediu Henry. – Guillaume andou me treinando; posso servir de pajem.

– Não haverá mais combate este ano. Dei minha palavra à sua mãe. E, depois da morte de lorde de Fossat, não tenho motivo para ir à guerra. Há trabalho a fazer na casa e no campo. Mas temos que pensar no seu treinamento. Está ficando moço. Não acha que é hora de deixar os livros de lado? Você precisa aprender a lutar antes que chegue a luta de verdade. E escute o que lhe digo, cedo ou tarde, você será chamado.

O garoto ficou em silêncio por um momento e pensou no que responder.

– Gostaria de estudar mais para poder ser tão esperto quanto corajoso.

Não havia como negar a inteligência do menino, mas o cavaleiro preocupava-se em ver o único filho ainda preso às saias da mãe e à mesa de estudos.

– Tenho outro presente de aniversário para você – disse Blackstone, querendo, assim que falou, ter esperado para dar o presente depois que tivessem chegado ao Castelo Harcourt para a comemoração, mas queria que o filho se aproximasse dele.

Seu pai fora amaciado pela mãe; a ternura fora transmitida, e uma parte disso ficou gravada em Blackstone. Seria possível manter intacto esse sentimento apesar da maledicência da guerra e a dor da perda? Ele reconhecia seu conflito interior – ver o filho ser mais bem educado do que ele fora –, mas o menino ainda precisava aprender a arte da guerra.

– Você precisa unir-se a outro cavaleiro para ser treinado, essa é a tradição – disse ele, e vendo a expressão de incerteza do filho, apressou-se a acrescentar –, mas o aceitarei como meu pajem.

A alegria do garoto foi um presente para o pai.

– Pai! Obrigado!

Henry abraçou Blackstone e recuou, envergonhado com a reação. O pai teve vontade de puxar o menino de volta para seus braços, mas este estava radiante de alegria.

– Milorde, eu o servirei – disse ele, orgulhoso, e um pouco tenso, como um cortesão perante o rei.

– Sim, bem, tenho certeza de que sim, mas será mestre Guillaume o seu tutor, para começar. Faça o que ele mandar. Comporte-se bem e aprenda o que puder.

– Eu o farei, pai. Eu o farei.

– E não comente disso com a sua mãe. Ainda não. Eu contarei depois das comemorações do seu aniversário. Tudo bem? Fica isso um segredo entre nós? Por pouco tempo.

– Se o rei declarar guerra aos ingleses, vamos nos unir aos lordes normandos? – perguntou o menino, muito animado.

– Há hora para tudo, Henry. E este ano vamos ficar em resguardo. Não haverá conflito aqui; tudo está acontecendo no sul, então não vamos nos envolver. Agora, vou construir um muro para a horta de legumes da sua mãe. Vamos tirar a cerca de vime e fazer um jardim dos bons. Pode me ajudar com isso? Vai ajudá-lo a ganhar um pouco de músculo para brandir uma espada – disse Blackstone, tentando entusiasmar o menino.

Antes que Henry pudesse responder, o velho Hugh entrou no estábulo e curvou a cabeça.

– Sir Thomas, milady quer que mestre Henry retorne à casa. Suas lições o aguardam.

O menino fitou o pai.

– Tenho sua permissão, pai? Estou aprendendo sobre o grande rei Charlemagne.

A recusa estava na ponta da língua de Blackstone. Henry era filho de inglês, e já passava da hora de aprender sobre os grandes líderes da Inglaterra. Mas quem ensinaria? Seu próprio conhecimento era escasso, não passava do que vira de Edward e o príncipe de Gales no campo de batalha, então sua ignorância o manteve calado. Ele fez que sim, dando sua permissão.

Henry saiu correndo do estábulo, ansioso pela aula, e o velho Hugh fez outra reverência.

Blackstone ficou observando o corcunda cruzar o pátio mancando.

A desconfiança sentara-se ao lado dele muito antes dos apuros em Paris, quando ele descobrira que Graville, bem no centro da conspiração normanda, passara um bom tempo lá, de joelhos, rezando. E foi ele quem enviara os criados idosos, o velho Hugh e Beatrix, para trabalhar para Blackstone. A sensação de insegurança vazava para as veias dele feito um ferimento infectado.

O cheiro do estábulo e a menção da Inglaterra ativaram uma lembrança rara de sua terra natal. De um irmão e um suserano que o levaram para a guerra, para longe da vila e dos poucos acres que possuíam. Ele ansiava por ouvir de novo a sua língua e as provocações irreverentes dos ingleses simples, que se mantinham firmes contra um inimigo arrebatador.

A sensação de perda era quase insuportável.

Ele tratou de afastá-la. Não há futuro para quem olha para trás.

A morte o procurara, e ele esquivara-se das suas garras mais uma vez. Nem o rei John nem seu assassino ousariam um ataque ao coração da Normandia. Nem agora, nem depois. Porém, certamente chegaria o dia em que os lordes normandos colocariam sua conspiração em curso, e a terra seria varrida pelo horror. Thomas não queria tomar parte dos planos deles, mas aguardaria, observando, e sairia para matar o Padre Selvagem.

PARTE DOIS
MARÉ DE GUERRA



CAPÍTULO VINTE E UM

– **M**isericórdia, milorde! Nós imploramos! – exclamou o garoto, apoiando-se em um dos joelhos perante o cavaleiro da cicatriz no rosto que se impunha sobre ele.

A voz de Blackstone foi dirigida ao exército de gentilha que agora cedia.

– Sua rendição veio tarde demais. A vocês foi dada a oportunidade antes da batalha, mas agora matarei a todos. Até mesmo crianças e cachorros morrerão. Depois destruirei suas defesas, para que ninguém mais forme um exército e me desafie outra vez. Essas são as regras da guerra. – Blackstone fitou o escudeiro, logo ao lado. – O que acha, Guillaume? Devemos enforcá-los ou cortar suas cabeças?

– Acho que já aprenderam a lição ao serem derrotados sob suas mãos, Sir Thomas – respondeu Guillaume Bourdin, embainhando a espada.

Blackstone voltou o olhar para aqueles rostos expectantes.

– Você sempre me incentiva a mostrar leniência. Por que eu não deveria dar cabo desses malditos traidores?

Ele foi até o menino que implorara por clemência.

– Dê-me a sua espada.

O menino hesitou.

– A espada ou a sua vida – ameaçou o inglês.

Ele tomou a espada a ele oferecida.

– Agora está confiscada. Você terá de ganhar o direito de tê-la de volta.

– Como farei isso, pai?

– Sendo um soldado melhor. Você e os outros poderiam ter flanqueado Guillaume e eu quando passamos pelo portão oeste. Estamos em menor número: doze contra um. Tem sorte de ser sua festa de aniversário, Henry, ou teríamos jogado você e seu exército miserável para os cães. – Blackstone sorriu e tocou o rosto do filho. – Agora você e os outros corram até o riacho e vejam se conseguem construir uma ponte sobre ele.

– Vou ter minha espada de volta? – perguntou Henry Blackstone para o pai.
– Se construir a ponte, vai precisar desta bela espada de madeira para enfrentar o inimigo. Pode ir. Anda!

Henry e seus amigos, que tinham perdido a batalha, saíram correndo.

Do interior dos muros do Castelo Harcourt, vozes exaltadas de raiva ecoaram pelo pátio. Blackstone virou-se para o salão principal.

– Peça a Marcel que fique de olho neles; ele é melhor com crianças do que todos nós – disse a Guillaume. – Não quero enfrentar a fúria da mãe se ele cair no fosso.



Quando Blackstone entrou no castelo, a filha correu para o pai. Ele a pegou no colo.

– Agnes, onde está sua mãe?

Antes que a menina pudesse responder, Christiana apareceu e tirou a filha de seus braços.

– Thomas, faça alguma coisa – disse.

– Sobre o quê?

– A condessa e Sir Godfrey estão discutindo com Jean e os outros.

A menina debateu-se nos braços da mãe.

– Agnes, vá brincar com as meninas.

– Mãe, o papai prometeu...

– Não discuta. Vá.

Blackstone sentiu um frio na barriga. Teria Blanche finalmente descoberto o assassinato de seu jovem primo? Se sim, isso destruiria a família Harcourt. Thomas agachou, apoiado num dos joelhos, e a filha, como sempre fazia, passou os dedos na cicatriz que descia da entrada dos cabelos, cruzando o rosto todo, até o pescoço, onde sumia sob a túnica.

– Tenho que falar com o tio Jean. Não vai demorar – disse ternamente e beijou a menina na testa.

– Você passou o dia todo com Henry – disse ela, mesmo sabendo que era o dia de o irmão ter toda a atenção do pai.

– E você sabe por quê, não? – disse Christiana.

Agnes fez que sim.

– Então dê um beijo no papai e diga que o ama e que vai esperar como uma boa menina. E depois vou lhe contar a história que prometi. Pode ser?

A menina fez que sim de novo, abraçou Blackstone, beijou-lhe o rosto mutilado e sussurrou algo no ouvido dele.

Agnes voltou correndo para os corredores escuros, gritando pelas amiguinhas.

– Você a mima demais – disse Christiana, embora sem querer mesmo censurar. – Agora vá e acalme os ânimos dos seus amigos.

Blackstone suspirou, esperou a esposa dar-lhe um beijo na bochecha e abriu as portas do grande salão.



Faíscas voaram da tora empurrada para dentro da imensa lareira pela bota de Sir Godfrey de Harcourt.

– É tolice! Se aceitarem esse convite do Delfim, ficarão à mercê deles! – gritou o cavaleiro coxo para o sobrinho.

Blanche de Harcourt e a meia dúzia de nobres da sala viraram-se para Blackstone, que fechava as pesadas portas. Ao olhar para os amigos, por instinto, soube que a discussão nada tinha a ver com a trágica morte acontecida semanas antes. Os normandos estavam novamente cortejando o filho do rei.

– Thomas! Coloque um pouco de noção nessas cabeças de pinico! – implorou Sir Godfrey.

– Viemos comemorar o aniversário do meu filho. Não cabe a mim interferir na política. Nem sei o que está acontecendo – respondeu Blackstone.

– Pelo amor de Deus! – disse Sir Godfrey, mexendo mais uma vez no fogo.
– Você faz parte desta casa tanto quanto eu! E seu amigo aqui vai aceitar o convite para jantar com aquele retardado cara-pálida filho de rei. Em Rouen! Fecharão os portões assim que ele passar. É uma maldita armadilha, eu bem sei.

Blanche de Harcourt pousou a mão no braço do marido.

– Jean, Godfrey tem razão. Não se pode confiar no rei, você sabe.

– O rei não estará lá – disse Guy de Ruymont. – Seremos convidados do Delfim e teremos a proteção dele. Ele é o Duque da Normandia e nem mesmo o rei violaria a palavra do filho pela nossa proteção.

Blackstone circulou os homens, observando seus rostos, notando a determinação de varrer longe a insegurança e a ansiedade. Apostavam que conquistariam a Coroa da França. Perder implicaria ter tudo confiscado.

– Guy, quantas vezes você sentou-se à minha mesa e me disse que a sombra do rei deita-se sobre todo mundo? Esqueceu-se tão rapidamente como William foi morto e como eu quase fui preso quando os homens dele enganaram Joanne? Sua esposa não é uma tola, mas foi ludibriada, e Christiana foi usada como isca. O rei está dando as cartas. Não faz nem uma semana que ele destroçou um mercador de Paris por falar para os amigos o que pensava sobre a monarquia! – disse Blackstone, tentando devolver aqueles homens determinados à realidade por meio do choque. – Foi pendurado em um gancho de carne para morrer, em agonia.

– Jean, escute o Thomas – Sir Godfrey pediu ao sobrinho.

– Não. Guy tem razão – Jean respondeu. – Estarei sob o teto do Delfim e terei sua proteção. Ele precisa de nós, não se esqueçam disso. Se a Normandia jurar lealdade a ele e nossos planos derem certo, ele se tornará rei. – Jean falava diretamente para Blackstone, como se urgisse ao amigo que o apoiasse. – É a oportunidade pela qual temos procurado.

Blackstone dirigiu-se aos conspiradores.

– Acha que os espiões do rei já não lhe contaram? Jean, escute Blanche e seu tio. É uma cilada.

Jean de Harcourt andava pelo salão, com o peso da opinião ameaçando seu desejo de finalmente destronar o rei da França e criar autonomia irrestrita para a Normandia e escapar dos impostos incapacitantes forçados sobre os nobres.

– Teríamos o apoio do papa. Até mesmo a Igreja está sendo taxada – disse Guy de Ruymont.

– E o príncipe de Gales cavalga pelo sul; tem dois mil ingleses e gascões. Quando John aumentar seu exército com esses novos impostos, será tarde demais. Devemos agir agora – urgiu Jean de Harcourt.

Um homem robusto levantou-se do banco ao lado da lareira.

– Thomas? Você poderia atuar como enviado do rei Edward. Se ele lhe der confirmação firme de que vai invadir, podemos fazer o resto.

– Lorde de Graville, está superestimando minha influência – respondeu Blackstone, ponderado, ainda desconfiado de todo o tempo que o homem passara em Paris.

Graville aproximou-se do inglês.

– Você tem mais do que somente respeito, Thomas. Tem quantos? Duzentos homens seus espalhados pelo campo prontos para atender ao seu chamado?

O velho normando tinha razão. Blackstone estava em única posição, e não somente por ter a proteção de todos que estavam no grande salão. Soldados itinerantes – ingleses, alemães e gascões; homens que travaram intensas batalhas e precisavam de um líder que pudesse pagar por suas habilidades de combate – seguiam o cavaleiro inglês cuja notoriedade, em geral, fazia os oponentes cederem sem entrar na disputa.

Blackstone não respondeu. Os conspiradores precisavam do máximo de homens que pudessem convocar, mas se envolver com conspirações e políticas francesas era entrar em um labirinto de intriga, traição e morte. Era esporte para nobres, não para um guerreiro.

Um dos cachorros defecou no piso empoeirado e choramingou quando um dos nobres o chutou para longe. Blanche jogou um punhado de pó nas chamas, uma mistura de enxofre, arsênico e antimônio, usados durante a grande peste contra moscas de rato e também por seu aroma, para cobrir o fedor.

– Edward *vai* invadir. Os pregoeiros de rua de Londres trouxeram quinhentos arqueiros. Os nobres ingleses comprometeram-se com Edward. A situação está como ele sempre sonhou, um ataque do norte *e* do sul. E, desta vez, ele ajudará Navarre a tornar-se o poder por trás da Coroa – disse Mainemares, o nobre que chutara o cão. – Charles de Navarre ainda é uma ferida podre na pele do rei John.

Graville baixou a voz, como se o sussurrar diminuísse sua culpa em conspirar.

– A força dos franceses virá da invasão do rei inglês – disse. – O Delfim é um garoto. É fraco e está endividado.

– E depois? – perguntou Blackstone. – Matarão o menino, depois do pai? Isso é muito mais do que rei contra rei. É questão de família. O rei Edward quer angariar o máximo de território para os filhos, assim como o rei John quer manter a França para os dele. É o que todos nós fazemos. Lutamos e pegamos o que podemos para nós, para que nossos filhos tenham um futuro.

– Blackstone abriu as portas pesadas de castanheiro. – Vou para casa. Obrigado pela hospitalidade, Blanche. Acredito que Lorde de Mainemares tenha razão: Edward vai invadir. Mas colocar nossas vidas sob a proteção do Delfim é tolice. Estão subestimando seu inimigo. O rei John não é nenhum bobo. Vai colocá-los onde quer que estejam.

Uma conspiração precisava de astúcia e promessa de segredo, e os barões normandos tinham a primeira, mas não a segunda. Os segredos vazavam feito soro pelo pano no qual se prensava o queijo.

Jean de Harcourt foi até Blackstone, enraivecido, encarando o amigo.

– Você é um vendido, Thomas!

Por um momento, Blackstone deixou que o amigo o segurasse pelo braço.

– E sempre escolho para quem – disse ele, baixinho, e soltou-se lentamente da mão do normando.

– Jean! – chamou Sir Godfrey. – Thomas não tem dono. Nunca teve. – Ele mancou até a porta e estendeu a mão. Blackstone a aceitou. – Foi um arqueiro topetudo e insolente, Thomas... mais do que a maioria... mas sua espada serviu a esta família e ao rei. Você não tem nada a ver com isto. Vá em paz, com Christiana e as crianças. Não ouvirá mais nada de nós com relação a essa questão. Eu irei ao rei Edward. Jurei minha lealdade um dia; farei o mesmo. E, desta vez, lhe daremos a Normandia; ele nos dará a França de que precisamos.

As portas pesadas fecharam-se atrás de Blackstone, com seu baque surdo ecoando no coração dele. Foi como se o amigo fosse selado dentro de uma tumba.



Já fora muito ruim Blackstone e Jean de Harcourt despedirem-se de cabeça quente. Quando Blackstone reuniu a família para voltar para casa, Henry apareceu todo envergonhado junto com Guillaume e confessou ter perdido sua preciosa faca.

– Você não merece essa honra! – Blackstone trovejou. – Precisa aprender a identificar o privilégio quando lhe é dado! Procurou na margem do rio?

A resposta estava evidente ao ver as roupas encharcadas do menino.

– Procurei, pai, diligentemente.

– Mas não foi diligente o bastante para não perder. Agnes liga mais para sua boneca de pano do que você por um presente de grande valor. É uma vergonha para a memória do homem corajoso que a usava, que abriu mão de sua vida. – Ele se virou com um gesto de desdém. – Vai cavalgar atrás da carroça. Mestre Guillaume é seu escudeiro; vai sugerir uma punição adequada.

Na carroça que sacolejava pela trilha irregular, Christiana estava em silêncio ao lado de Agnes. Os deveres de um menino seriam sempre mais difíceis que os das meninas. Guillaume cavalgava junto a Henry em um palafrém castrado.

– Pai ainda está calado – disse o menino. – Deixei-o bravo mesmo.

– Ele está preocupado com Lorde de Harcourt. São tempos difíceis, mestre Henry – disse Guillaume.

– Ele está preocupado conosco?

– Claro que sim. Ele é seu pai.

– Devo ir junto com mãe e Agnes, você acha?

– Os homens de armas não andam de carroça. Já lhe disse isso.

– Nem numa égua – disse Henry, lembrando.

– Nem numa égua – repetiu Guillaume.

Henry ficou em silêncio, porque os homens de armas não tagarelavam feito meninas, também. E torceu para que a raiva e a preocupação do pai assentassem antes de chegarem em casa.

Era um dia de viagem de carroça, embora dessa vez o trajeto tenha parecido ainda mais lento e sacolejante que de costume, algo que tinha mais a ver com o humor de Blackstone do que com a trilha já muito usada. Ele sempre

apreciara a alegria simples que era voltar para casa, para a fumaça preguiçosa das fogueiras vagando sobre a ampla extensão do vale e dos morros que contrastavam com as muralhas altas e sombrias de Harcourt. Dessa vez, ele não conseguia livrar-se da voz incessante que o urgia a retornar e fazer mais para convencer Jean a não viajar para Rouen para o encontro planejado com o filho do rei.

Quando os viajantes passaram perto de uma vila na qual os aldeões seguiam com seus afazeres, todos pararam suas atividades e curvaram as cabeças em honra a seu senhor, em seu caminho.

Nem eles nem o mestre poderiam saber, nessa manhã fria do fim de março, quando recebiam Sir Thomas Blackstone em casa, que uma violência mais selvagem do que tudo que julgavam possível logo cairia sobre eles.



O cavaleiro apareceu quatro dias depois.

O velho Hugh levou o homem sujo de lama vindo do Castelo Harcourt para sua patroa, que, por sua vez, chamou o marido.

– Marcel?

– Milorde.

– Está encharcado. Não, não se levante. Fique aí perto do fogo.

O velho aceitou, grato, a caridade de Blackstone e manteve-se no banquinho ao lado do fogo. Ele parecia prestes a cair no choro.

– Qual o problema? – Blackstone perguntou a Christiana.

– Os nobres foram para Rouen, e Blanche foi atrás deles. Armou-se toda; está convencida de que Jean será morto – ela explicou.

– Por que o Delfim mataria Jean? Seja lá o que estão planejando, estão todos metidos nisso – disse Thomas.

Christiana virou-se para o velho.

– Conte a Sir Thomas o que aconteceu.

– Um mensageiro chegou ontem à noite, após Lorde de Harcourt ter partido para Rouen. Ouvi algo que não era privilégio meu ouvir. Duas semanas atrás, o rei estava para comparecer a um casamento fora de Paris, mas foi

descoberto que se tratava de um complô para capturá-lo e ao Delfim também. O rei mudou de planos e escapou dos atacantes.

– Então seu mestre devia saber disso – disse Thomas.

O velho fez que não.

– Os conspiradores não sabem que foram traídos, e meu mestre não estava envolvido. Foi o genro do rei quem planejara tudo.

– Navarre mataria para conseguir a Coroa – disse Blackstone. – Foi ele quem convenceu Jean e os demais. Quem avisou o rei?

– Minha patroa acredita que foi um dos amigos do conde – respondeu o idoso.

Blackstone sentiu a preocupação esmagar-lhe o peito. Se Jean fora traído, o traidor era um dos homens, todos amigos dele, que estavam no grande salão naquele dia.

– Ela levou alguém consigo? Soldados? Um escudeiro? – Blackstone perguntou ao capataz.

– Não, milorde – disse o criado. – Foi sozinha. Eu não soube o que fazer.

– E quanto a Sir Godfrey? – Blackstone perguntou.

– Foi à Inglaterra – respondeu o criado.

Thomas impediu que sua irritação para com a atitude de Blanche ficasse evidente. O idoso trabalhara como criado no Castelo Harcourt desde a infância. Blackstone sabia que era um homem de confiança; um dos que cuidaram de seu corpo quebrado nos primeiros passos vacilantes na direção da recuperação total. Ele confortou o criado.

– Fez muito bem em vir me procurar. Vá à cozinha e peça a Beatrix que lhe dê comida; diga que vai dormir perto do fogo. Amanhã, retorne a Harcourt e aguarde notícias minhas e de Guillaume.

O capataz curvou a cabeça e foi embora.

– Thomas, você tem que ir atrás dela – disse Christiana.

– E fazer o quê? Se ela está tão determinada a interferir nos assuntos do marido, que direito tenho eu de impedir? Não quero me enfiar nos planos deles. Meu dever é para com você e nossos filhos e as pessoas daqui.

– Thomas! Ela se preocupava com você!

– Você se preocupava comigo! – gritou ele.

Era uma confusão, uma confusão na forma de uma pilha nojenta de merda, e ele estava sendo arrastado para ela.

– Ajude-os, Thomas. Ela vai usar de todas as forças para impedir que Jean seja ferido ou desonrado. Eles nos deram abrigo quando fomos ambos abandonados no mundo.

– Como favor para o rei da Inglaterra!

– Que vergonha! Eles não eram obrigados a oferecer amizade! Nem Jean a aceitá-lo como homem de armas. A obrigação acabou quando você estava forte o bastante para ir embora. Blanche matará qualquer homem que tente ferir Jean, como eu faria por você.

Blackstone sentiu a pontada dessa reprimenda. Não importava quanto ele argumentasse em contraposição, o amor da esposa por ele punha fim em qualquer discussão. Era mais fácil sitiar uma cidade fortificada do que escalar os altos muros da determinação dela.

Ela falou mais brandamente.

– Blanche é minha cuidadora e amiga. Ajude-a, Thomas. Por mim. Ela tentou me impedir de ir a Paris.

Christiana inclinou-se no peito do marido. Blackstone beijou-lhe os cabelos.

– Se meus homens vissem como cedo fácil para você, eu teria uma revolução em mãos – disse o inglês.

– Não tenho que convencê-lo. Pude ler seus pensamentos pelo trajeto todo para casa. Você só precisava saber que não tem problema deixar a mim e as crianças. E seus homens jamais ousariam questionar suas decisões.

– Ao contrário da minha esposa.

– Eles não conhecem o Thomas Blackstone que eu conheço – ela respondeu, bravamente ignorando o medo que se alojava no coração dela sempre que ele partia para enfrentar perigos.



Antes mesmo do raiar do dia, Guillaume selou o cavalo do mestre e prendeu o escudo e a Espada do Lobo no pito. A lealdade e a habilidade de combate do rapaz tinham sido provadas ao longo dos anos em que servira Blackstone, e este não hesitava em deixar a segurança da família nas mãos dele.

– Fique aqui um dia e uma noite – Blackstone lhe disse. – Se eu não tiver voltado ainda ou se não tiver notícias do Castelo Harcourt, leve Christiana e as crianças para Chaulion e fique dentro das muradas. Mande Guinot defender-se de qualquer ataque. Coloque homens na estrada daqui até Harcourt, e outros na que vai para Rouen. Se o rei mandar homens armados em qualquer uma dessas vias, significará que tive problemas. Escapem quando puderem. Ele não atacará os aldeões daqui. Mande que me neguem e jurem aliança ao rei. Faça-os entender que o rei não prejudicará seus súditos, principalmente se estiveram sob a ameaça de um guerreador como eu.

– Eles não vão se virar contra você, Sir Thomas – disse Guillaume.

– Terão que fazê-lo. São ordens.



Thomas deixou seu cavalo fora das muralhas da cidade, aos cuidados de um ferreiro conhecido dele, para que o grande animal e seu manto com brasão não suscitassem curiosidade nem atraíssem atenção indesejada. Uma das baias continha a égua castanha de Blanche. Ela estava ali, então, e tinha tomado a mesma precaução que o inglês.

Blackstone passara pelas ruas estreitas de Rouen anos antes, quando Jean de Harcourt o levara ao grande castelo para ver pessoalmente o Duque da Normandia em seu trono de poder. Agora que o filho do rei tinha recebido o título e a responsabilidade pela região, na esperança de colocar, sob o controle do rei, os barões normandos e os donos de terra locais e torná-los mais receptivos ao aumento nas taxas sobre o sal e a lenha, havia mais soldados do que Blackstone vira antes. Eles passavam pelas alamedas e tendas do mercado, fazendo inspeções aleatórias e procurando pessoas nas ruas. Quando Thomas era um arqueiro inglês em viagem com Sir Gilbert e Godfrey de Harcourt, vira os assentamentos da cidade e as bandeiras do exército francês e sua nobreza reunindo-se poucos dias antes da batalha em Crécy. Sempre o maravilhou o modo como tantos milhares de homens podiam ser acomodados dentro dos confins das muralhas da cidade. Agora, ao caminhar pelo labirinto de ruas, não estava difícil imaginar homens alojados em cada casa e beco fedido. As ruas eram amplas o bastante para

dois carrinhos passarem lado a lado, mas as hordas de gente moviam-se com dificuldade, perambulando por ruas e vielas junto de burros sobrecarregados de peso, sendo açoitados e fustigados, abrindo caminho por entre os comerciantes de ruas e suas bandejas. Homens e mulheres, curvados quase à metade do corpo pela carga de lenha e carvão que levavam nas costas, gritavam obscenidades aos que andavam devagar demais. O fedor de urina e excremento desprendia-se das ruas laterais, mais estreitas, onde as pessoas agachavam para aliviar-se. A cacofonia de vozes ia e vinha, competindo com as placas das tavernas balançando com o vento que se afunilava nas ruas apertadas.

A cota de malha e a túnica de Blackstone escondiam-se por debaixo do manto, e ele mantinha o capuz cobrindo a cicatriz do rosto. Não seria fácil para os homens e as mulheres simples das ruas da grande capital normanda reconhecer o cavaleiro, mas ele não queria correr o risco de chamar a atenção dos guardas. Somente quando chegou à entrada do grande castelo e parou em frente aos guardas a postos ali ele mostrou o rosto.

– Tenho uma mensagem para a Condessa de Harcourt et Ponthieu. Ela está aqui?

Os homens não abriram caminho em respeito à posição do cavaleiro.

– Ninguém pode entrar. E mulher nenhuma passou por essas portas, nem condessa nem puta.

Os soldados sorriam com desdém, quase como se provocando Blackstone. A impertinência do rapaz sugeria que os soldados do Delfim repassavam a autoridade do herdeiro do trono naquele ducado problemático. Talvez aceitassem um desafio para que um cavaleiro local acabasse jogado nas masmorras. Qualquer coisa que ensinasse aos normandos uma lição e, em sua ignorância, acharam que Thomas fosse um. Um confronto não serviria para nada, no entanto.

– Então mande seu capitão levar minha mensagem, ele mesmo, ao Conde – disse Blackstone.

– Não posso. O Delfim está dando um banquete no salão principal. O prefeito está aqui, e os nobres; nem mesmo o capitão pode perturbá-los.

Melhor ir embora, senhor cavaleiro. Só convidados podem entrar – zombou o rapaz.

E foi o que fez o inglês. Já tinha a informação de que precisava; agora tudo que tinha a fazer era arranjar um jeito de entrar.

O pátio fervilhava de cavalos – amarrados, alimentados e escovados pelos cavaleiros –, que não deram a mínima atenção ao nobre que passou por ali. Blackstone reconheceu o cavalo de Jean. Ele passou pelo estábulo, escalou a palha empacotada e o muro baixo que separava o pátio da cozinha. O quintal do outro lado do muro terminava num portão pesado; haveria guardas posicionados do lado da rua, mas o quintal em si estava vazio, exceto por dois carrinhos cheios de barris e aves enjauladas e animais a serem abatidos. Ele pulou e subiu correndo os degraus para entrar na cozinha do castelo, muito quente com tanto vapor. Criados e cozinheiros corriam daqui para ali enquanto pratos de comida eram transportados das grelhas e das churrasqueiras nas quais carcaças eram viradas, fincadas em estacas. Um mordomo gritava ordens para crianças que levavam bandejas de comida por uma passagem. O homem pareceu assustar-se ao ver Blackstone, incomodado com a cicatriz, incapaz de tirar os olhos dela.

– Milorde?

– Está tudo sob controle? Sou o provador do Delfim – disse Thomas, olhando para um criado que usava ganchos de ferro para içar carne cozida de um caldeirão.

– P-p-provador? – gaguejou o homem, confuso.

– Não estava me esperando?

– Não, eu...

Blackstone pegou uma faca e correu fincá-la na carne. Sangue jorrou sobre a lâmina, que o inglês limpou no peito do atabalhado mordomo.

– A carne tem que soltar do osso. E o Delfim não vai tolerar cartilagem. Disseram-lhe isso?

O mordomo perdeu sua autoridade na cozinha por um instante.

– Não me deram tão específicas instruções, mas...

– Agora você as tem – interrompeu Blackstone.

O mordomo censurou o criado.

– Ponha de volta! Cozinhe mais!

Quando se voltou para o cavaleiro da cicatriz, para tentar agradá-lo, viu somente o manto de Blackstone desaparecendo pela escura passagem. O alívio de não ser interrogado mais abrandou quaisquer dúvidas suscitadas com relação ao homem que ganhara acesso do quintal.



Criados abriam caminho para Blackstone quando ele passou pelo corredor mal-iluminado. Vozes podiam ser ouvidas no grande salão, detrás da parede de madeira. Não havia como ver o que se passava lá dentro sem entrar pelas portas principais. Uma delas estava aberta para servir comida, oferecendo um recorte dos soldados curvados para comer de pilhas de pratos. Mais adiante, os degraus do corredor deram no piso de pedra para duas plataformas. Em seguida, antes de tornar a descer, outra escadaria surgia, espiralada para o alto. Os quase trinta degraus em caracol levaram o inglês por uma passagem escura, terminando numa galeria vazia. Abaixo dele, uns trinta barões, trajados de arminho, e oficiais da cidade estavam reunidos. Dois cavaletes compridos, com as toalhas brancas cobertas de pratos de comida, jaziam ao longo de dois lados da sala, conectados nas pontas por um estrado à mesa principal. O Delfim, o jovem de 18 anos, rosto pálido e nariz espevitado sobre lábios finos, era ladeado por Jean de Harcourt e outro homem que, pela qualidade das roupas e joias, Blackstone supôs ser Charles de Navarre. Não havia sinal de Blanche. Somente Sir Godfrey estava ausente entre os mesmos homens que defenderam suas opiniões no Castelo de Harcourt e agora se sentavam à mesa do Delfim. O futuro poder da Normandia e da França comia e bebia como se o reino já fosse dele.

Qual daqueles homens teria traído seu amigo Jean de Harcourt? E, se aquilo tudo era uma armadilha, onde estariam o Padre Selvagem e seus homens escondidos, à espreita?



CAPÍTULO VINTE E DOIS

Ao raiar do mesmo dia, Guillaume matara Marcel, o criado de confiança dos Harcourt.

O medo fizera o velho abandonar o conforto e a comida da cozinha que lhe ofereceram, mas Guillaume o alcançou a dois quilômetros da vila. Quando ouviu os cascos de cavalo batendo o solo atrás de si, o criado virou-se na sela. Seu perseguidor viu o pânico evidente em seu rosto. O rocim do velho trotava sem muito jeito e, quando Marcel virou-se, ele tropicou por causa da alteração de peso em suas costas. O velho tombou da sela e caiu com tudo, perdendo o fôlego. Quando se recuperou, Guillaume já estava em cima dele. Marcel ajoelhou-se com dificuldade e ergueu os braços em súplica para o homem que conhecera quando menino, sendo abrigado pela Condessa Blanche, que o escondera num corredor junto do mestre ferido. Agora o jovem escudeiro aguardava, de espada em punho, com o olhar frio sinalizando a iminente violência.

– Nenhum criado abandona calor e comida. Deram-lhe abrigo. Fale comigo, Marcel. Quanto sabe mesmo do que aconteceu em Harcourt? – perguntou Guillaume, baixinho.

O velho ficou sem palavras. Seus pulmões lutavam por ar, e os olhos não se desgrudavam do jovem guerreiro de Sir Thomas. O menino cujo mestre ele atendera com cuidado e devoção. Implorar não estava aquém de sua dignidade – ele não tinha nenhuma. Mencionar todos os anos de lealdade e servidão poderia salvá-lo. Soluçando, ele contou tudo a Guillaume.

O rapaz tocou o criado na cabeça.

– Eu o pouparei – disse, baixinho.

O velho, que poucos dias antes tinha tomado conta do filho de Blackstone, enquanto brincava no rio, curvou a cabeça, grato.

A misericórdia permitiu ao homem crer que seria poupado. Guillaume mergulhou a espada na espinha dorsal de Marcel.

Ele limpou a lâmina na túnica do criado e voltou-se para onde Christiana e as crianças ainda estariam dormindo, sem saber da traição nem da violência que estava prestes a recair sobre eles.



O rei planejava muito bem sua incursão. Caso tivesse chegado às ruas de Rouen, as avenidas abarrotadas teriam sido alertadas e Harcourt e os outros poderiam ter escapado. A determinação do rei John de extrair os descontentes seria o primeiro passo para puxar os freios da Normandia. O sigilo era algo raro nesses tempos, motivo pelo qual ele passara a noite num vilarejo perto da cidade. O rei e seus homens entraram no grande castelo de Rouen pela porta de um celeiro, deixada aberta por um dos cavaleiros normandos, que traíra a causa dos rebeldes.

Blackstone escutou um grito de alarme abafado, vindo dos corredores abaixo. Ele deu um passo para a beirada da galeria, pronto para gritar um aviso, mas era tarde demais – homens armados entraram no grande salão pela escadaria de baixo.

Thomas recuou. Os soldados estavam acompanhados de um marechal da França e do próprio rei, que usava armadura e elmo, como se pronto para o combate. Mais soldados invadiram o salão, e as portas foram fechadas, enquanto criados eram conduzidos aos socos para outros cômodos.

– Fiquem onde estão! Qualquer um que se mover perante o rei morrerá! – disse o marechal aos nobres.

O rei estendeu o braço por cima da mesa, agarrou Charles de Navarre pela túnica e o arremessou para a parede. Parecia até que o rei pretendia matar o genro. Blackstone viu o horror no olhar de Charles ao cambalear para trás. Seu escudeiro sacou uma faca e apontou para o peito do rei. Até mesmo Jean de Harcourt pareceu chocado com o ataque direto contra o rei. Este não perdeu a pose e ordenou calmamente a seus homens que desarmassem o escudeiro traidor. Em questão de segundos, os soldados o jogaram no chão; seu braço quebrando fez um barulho que até Blackstone pôde ouvir, ainda escondido, encostado na parede.

O Delfim tentou enfrentar o pai.

– Milorde, eu imploro, não inflija violência nesses homens; são meus convidados. Estão sob minha proteção. Está pisando na minha honra.

O rei John apontou para Charles de Navarre.

– Meu primo traidor, o homem que entrou na minha família por casamento e quer tomar minha Coroa, conspirou com esses homens – ele acenou para os rostos chocados dos homens do Castelo Harcourt – para me matar. Acha que o deixariam reinar? É tão burro assim, que não enxerga os esquemas deles? Você é meu filho! Comporte-se como um rei, ainda que não possa pensar como um!

Blackstone olhou para o Delfim. O rosto do menino perdera o pouco de cor que tinha. Ele tentava falar, mas as palavras ficavam engasgadas na garganta.

– Charles de Navarre, você será preso. Esses homens morrerão. Levem-nos – ordenou o rei.

Os conspiradores foram conduzidos com grosseria, mas Jean de Harcourt não foi calado.

– Temos direito a um julgamento – demandou. – Se nos matar sem julgamento, todos os normandos se virarão contra você. Os ingleses serão recebidos por seus inimigos, porque você se mostra impulsivo e injusto. Você não serve para reinar!

Um soldado o derrubou com um golpe e, quando ele foi posto em pé, seu rosto virou-se para o alto e ele viu Blackstone sacar a espada. O amigo tentaria salvá-lo. Os dois cruzaram olhares por um momento. Harcourt sacudiu a cabeça. Somente com os lábios ele formulou o nome *Blanche*. A sala foi esvaziada. Alguns homens eram arrastados, e outros, conduzidos para corredores e cômodos adjacentes para que o rei pudesse determinar o grau de envolvimento de cada um na conspiração. As vozes dos homens ecoavam pelos corredores estreitos; outros gritavam de pânico e dor. O marechal berrava as ordens do rei. Blackstone ouviu toda uma movimentação nos corredores de baixo.

– Fechem os portões da cidade! Foi declarado toque de recolher!

Blackstone não poderia escapar pela mesma rota pela qual entrara, e a entrada principal estaria sendo vigiada avidamente pelos soldados do rei. Com cuidado, ele desceu a escadaria; quando chegou ao corredor lá de baixo,

a escuridão alterou-se. Ele sentiu o movimento de ar feito pelo bufar do atacante, por conta do esforço. O inglês deu um passo ao lado e ergueu o braço para defender-se da faca que lhe cortou o manto e raspou na cota de malha. Com seu peso, o cavaleiro desviou o golpe e a adaga, desequilibrando o assassino. Sem enxergar, ele tateou no escuro. O atacante era menor, ágil e debatia-se feito uma cobra encurralada, igualmente silencioso, mas Blackstone o derrubou e estava pronto para o golpe final, com a própria faca em punho, pronto para mergulhá-la na garganta exposta abaixo de sua mão. O sussurro estrangulado pedindo clemência veio um momento antes da fragrância sutil de lavanda moída alcançar-lhe os sentidos.

Blanche! O medo o cortou como o aço. Estivera a segundos de matá-la. Ele tirou a mulher do corredor e a levou à galeria. Blanche de Harcourt usava armadura por baixo do manto. Uma touca de veludo caíra no confronto, e um filete de sangue descia pela testa, do ponto no qual Blackstone a fizera colidir com a parede. A bochecha ferida e a pele raspada estavam sujas de lama. Ele a segurou até que ela abriu os olhos. O susto logo deu espaço para a confusão.

– Thomas? – ela sussurrou.

Vozes estridentes vinham lá de baixo; os homens eram ordenados a ir de lá para cá. Thomas pôs o dedo na boca da mulher e aguardou até certeza de que ela estava apta para entender.

– Como chegou aqui? – perguntou ele.

– O conselho chamou os escudeiros antes de o Delfim entrar no salão para o banquete. Eu vim com eles e me escondi. Por que você veio?

– Marcel veio até nós.

Ela hesitou. O medo ainda varria o castelo sob a forma das vozes que ecoavam pelos corredores. Armaduras e cotas de malha tiniam nas paredes estreitas de pedra e a luz das tochas bruxuleava sobre os vultos que tomavam qualquer um suspeito de conspirar contra o rei.

– Tem uma saída no final da escadaria – disse Blackstone.

Ela o empurrou.

– Não!

A determinação em salvar o marido poderia trair a ambos. Blackstone falou com gentileza, tentando abrandar-lhe a raiva.

– Jean e os outros estão perdidos. O rei os levará a Paris. Havia mais de cem homens com ele no salão; deve haver mais ainda lá fora.

O receio de ser descoberta forçou Blanche a sussurrar.

– Vai abandoná-lo?

– Vim aqui salvar você, Blanche. Olhei para Jean quando o prenderam. Ele olhou bem para mim e disse uma palavra: o seu nome.

– Então eu mesma vou. Encontrarei homens que me ajudarão a salvá-lo.

– Eu os seguirei até Paris, mas você deve retornar a Harcourt. O rei assolará todos que estão associados a essa confusão. Pegará as crianças e tomará o castelo. Você tem de voltar agora mesmo. Guillaume a levará para o sul. Não há tempo a perder.

Ele percebeu que a realidade da situação começava a ser assimilada pela mulher. Blanche de Harcourt estava prestes a perder tudo, exceto o título por ela herdado.

– O rei não ousará condenar Jean e os outros sem julgamento. Viraria muitos contra ele. Seus próprios conselheiros serão contra. Ainda há tempo – disse ela, esperançosa.

– Eu farei o que puder – disse ele, sabendo que não haveria julgamento, somente execução sumária.

Apesar do desespero da situação, Blanche de Harcourt não demonstrava medo.

– Como fazemos para sair?

Com a mão de Blanche no ombro, Blackstone foi descendo para a escuridão, esperou até que o corredor estivesse calmo e, em quinze passos, viu luz vazando por uma porta de madeira. Ele puxou a alça de ferro, e os dois saíram para a exuberância de uma campina fresca. Estavam além dos muros da cidade; em coisa de uma hora retornavam ao ferreiro junto ao qual tinham deixado seus cavalos.

– Aprese-se e pegue tudo que tem valor. Vai precisar de dinheiro. Diga a Guillaume que não espere. Não há tempo. Ele sabe aonde levá-la – disse Blackstone.

– Mas você não me diz onde fica, Thomas.

Blackstone não disse nada. Blanche entendeu tudo. E subiu na sela.

– Caso eu seja capturada, não haverá como entregá-los. Sua família precisa que eu não saiba de nada. Eu faria o mesmo.

– Só até que chegue a Christiana. Sabe que Guillaume preza pela sua vida mais do que pela dele mesmo. Pegue a trilha da floresta. É menos frequentada.

Ela segurou firme as rédeas, contendo o cavalo.

– Reunirei mil homens eu mesma e farei esse rei desejar nunca ter posto as mãos em meu senhor e marido. Se matarem Jean, prometa-me que vai vingá-lo – disse ela, ardentemente. – Prometa! – ela insistiu. – Dê sua palavra!

– Eu prometo – disse Blackstone, e bateu com a manopla nas ancas do cavalo.

A situação era desesperadora. Thomas escurrou e viu o cavalo de Blanche levantar turfa do chão ao galopar para o horizonte. Parte dele ansiava pela companhia de seu finado irmão e dos homens com os quais servira em Crécy, numa época em que o medo compartilhado o tornava mais corajoso, quando a vida era mais simples e outras pessoas tomavam as decisões que comprometiam os homens a matarem ou serem mortos. Mas, nesse momento, observando a neblina fria entremeando-se nas copas das árvores, ele aceitou que sua vida era uma vida solitária de líder. As atitudes dos outros colocaram o rei da França diretamente contra ele. Ele seria culpado por associação.

– Preciso de outros três cavalos – disse ele ao homem que tirava cocô das baias com uma pá.

– Só tenho cavalos magrelos, milorde, nada de mais. Guardo-os para ter a carne depois.

Blackstone deixou cair moedas nas mãos sujas do homem.

– Coma carneiro no lugar dos cavalos.



Quatro homens estavam enjaulados na carroça que cruzava com dificuldade a estrada de Abbeville a caminho de Paris. Desprovidos de roupas mais quentes, vestindo somente camisas de linho, Jean de Harcourt, Graville,

Colin Doublet – o escudeiro de Navarre que ameaçara o rei – e Mainemares enfrentavam a miséria da satisfação do rei. O ar frio humilhava ainda mais os homens, que tremiam inequivocamente. Os guardas os provocavam, dizendo que tremiam de medo. A força na qual criminosos comuns eram executados ficava perto dos muros da cidade. Um camponês de punhos acorrentados, como os prisioneiros sobre o carrinho, era forçado a cambalear ao lado deste na estrada irregular, com a pele rachada e sangrando pelo atrito das manilhas. O rosto de Graville estava um cinza só. Era o cabeça do esquema, mas não o traidor de que Blackstone desconfiara.

Thomas avançava lentamente com seu cavalo pela floresta, perseguindo a comitiva do rei. A cobertura grossa de folhas abafava o som de seu progresso, enquanto a comitiva seguia pela rota que levava para Abbeville, estrada pela qual o pai do rei John recuara quando os arqueiros ingleses assolaram seu exército, entrando para a história. Talvez tenha sido a lembrança de tal desonra que fizera o rei John parar na curva da estrada, no ponto mais alto, acima de Rouen.

– Ruymont. Aqui! – Blackstone ouviu-o ordenar.

A constatação foi como uma punhalada de faca no peito de Blackstone. Ele viu o lorde normando esporear o cavalo e alcançar a frente da coluna. A incredulidade parou seu coração por um segundo, mas logo a raiva o liberou. Guy de Ruymont, a quem Jean de Harcourt e Thomas Blackstone chamavam de amigo, era o traidor.

O marechal acenou para os soldados que soltassem o camponês.

– Você foi condenado à força por assassinato, mas será perdoado pela tarefa que realizará.

O homem fez uma reverência e teve as correntes removidas. Um dos soldados entregou-lhe uma cimitarra, pequena espada curva – como um gancho mais comprido –, que era a favorita dos soldados e homens de armas para combate corpo a corpo. Faca para retalhar.

Os condenados foram arrancados da carroça. Doublet debateu-se, apesar do braço quebrado, mas os guardas o arremessaram para o chão, em meio a gritos de agonia, onde ele ficou choramingando. Ignorando o ferimento, os soldados pegaram as correntes presas aos punhos dele e a puxaram bem.

– Seus corpos ficarão pendurados por essas correntes até apodrecerem. Suas cabeças serão empaladas em lanças para que toda pessoa que passe por aqui saiba da sua traição – disse o marechal para os condenados. – Ande logo, escória! – disse ele ao camponês.

O carrasco amador meteu a faca num revolto Doublet. Após três ou quatro golpes cruéis, embora desajeitados, a cabeça caiu na grama. O ato doentio de carnificina arrancou a coragem dos condenados.

Mainemares foi o próximo. O homem mal podia andar; orações incoerentes eram cuspidas por seus lábios. O horror finalmente fez suas pernas fracassarem, mas os soldados o deitaram sobre um toco de árvore e a cimitarra caiu como se brandida por um jardineiro a decepar um broto.

Blackstone sabia que não podia fazer nada para salvar o amigo, mas preparou os cavalos ao ver Jean ajoelhar-se na lama e rezar.

Graville implorava por clemência.

– Senhor! Eu imploro! Era Navarre quem queria vê-lo morto! Nós queríamos apenas uma audiência justa com o Delfim. Não planejávamos mal algum. Nada.

Os pedidos foram ignorados pelos soldados, que o arrastaram até o gramado.

– Um padre, senhor! Pelo menos nos permita o sacramento da penitência – implorou o normando, desprovido de confessor.

O carrasco, todo sujo de sangue, pôs-se a trabalhar no pescoço do homem. Graville grunhiu quando o osso levou a mordida da lâmina, mas os músculos endurecidos por anos de guerrilha cederam menos facilmente. O camponês soltou um palavrão e esforçou-se mais, até que a cabeça caiu.

Jean de Harcourt ficou de pé. O tremor o abandonara.

– Guy de Ruymont! Você era um amigo de confiança. Deus não vai perdoá-lo pelo que fez a todos nós!

Os soldados começaram a arrastar Harcourt para o gramado coberto de sangue. Ruymont desviou o rosto.

– Olhe para ele! – ordenou o rei. – Você o traiu. Condenou também a esposa e os filhos.

As palavras do rei apunhalaram Harcourt, que avançou contra seus captores.

– Senhor! – gritou ele. – Minha família é inocente de qualquer crime.

– Não haverá misericórdia para aqueles que você ama. Tudo acabará aqui e agora – respondeu o rei, que levou seu bastão sob o queixo de Ruymont. – Veja-o morrer! Ou me esquecerei de nosso acordo e farei que seja chacinado junto aos outros!

Guy de Ruymont não teve escolha senão ver o amigo ser arrastado dali, de braços esticados pelas correntes, e colocado no chão de joelhos.

Sob as sombras da floresta, Blackstone golpeou as ancas dos cavalos com a espada. O corte em cada um foi superficial, mas os animais relincharam, em pânico, e seu horror alertou os soldados quando eles desataram em correria por entre os arbustos.

– Preparem-se! – gritou o marechal. – O rei!

Um corpo de cavaleiros e escudeiros rapidamente formou-se em torno do rei John. Os instantes de incerteza deram a Blackstone a chance de que precisava. Os cavalos saíram do esconderijo e galoparam na direção da coluna, assustando a todos.

Os homens foram tomados pela confusão quando uma pessoa surgiu a todo vapor da neblina pegajosa. O elmo aberto expunha um rosto com uma grande cicatriz, e um escudo manchado de sangue evidenciava a manopla segurando uma espada. O rei ouviu o marechal soltar um palavrão ao reconhecer o atacante. Ele protegeu o corpo de seu suserano quando Blackstone, sem dizer nada, avançou contra os defensores aturdidos.

Ele antecipara a reação instintiva dos que estavam mais perto do rei e avançou na direção do gramado, passando de raspão pelo guarda-costas. Mudando de direção, ele puxou o cavalo cem passos à frente e virou-se para o amigo, enquanto os homens deixavam suas formações para atacá-lo, com infantaria logo atrás. O carrasco e os homens que continham Jean de Harcourt congelaram, sem saber o que fazer. Este não teria chance de escapar da morte, mas morreria sabendo duas coisas.

– Ela está a salvo! – disse Blackstone com muita clareza, olhando nos olhos do condenado, e viu que este compreendia. – E sua família está sob minha proteção!

Os olhos de Jean de Harcourt verteram lágrimas. A imponentia de Blackstone em cima de seu cavalo selvagem, controlando tal ferocidade enquanto os homens de armas galopavam para ele e os soldados corriam para atacá-lo, proclamava sua coragem e seu desdém.

Quando os guerreiros estavam a sessenta passos dele, Blackstone fez um sinal de adeus ao amigo e beijou a lâmina da Espada do Lobo, em saudação.

– Deus está com você, Thomas! – gritou Harcourt.

E depois riu quando Blackstone dirigiu-se ao rei, encaixotado pelo marechal e os cavaleiros.

– Você é um maldito rei covarde! Bosta de cachorro adoça mais o ar que a sua presença neste gramado de cruel injustiça. Fique sabendo, John de Valois, que eu sou Sir Thomas Blackstone. Eu devastei seu exército em Crécy, tomei suas cidades na Normandia e na Gasconha e lutarei ao lado do rei Edward para derrotá-lo. É meu inimigo. Acabarei com você pelo mal que fez hoje.

Thomas prensou os joelhos nos flancos do garanhão, virando-o diretamente para os guerreiros que avançavam, e brandiu a Espada do Lobo em golpes que racharam elmos e crânios. Eles fincavam as lanças, mas o escudo do inglês recebeu as estocadas baixas, e os cascos férreos do cavalo esmagaram os atacantes. Ele atraía os homens para longe da coluna – uma finta para dispersá-los. O cavalo virou-se mais uma vez e, com uma dúzia de passos, já estava sobre Guy de Ruymont. Blackstone fixou seus olhos nos do homem aterrorizado.

– Clemência, Thomas. Minha família... – disse ele, indefeso.

Sem remorso e ignorando a imagem passageira dos filhos de Ruymont brincando com os dele, Thomas passou a espada pela garganta do homem, decepando-lhe a cabeça. O torso espirrou sangue, com as mãos ainda segurando as rédeas do cavalo, e ficou direito tempo suficiente para que o cavalo galopasse desembestado para o lado dos homens que protegiam o rei.

E tempo suficiente para que Blackstone erguesse a espada acima da cabeça num último adeus para Jean de Harcourt. Quando a espada caiu sobre o pescoço deste, os soldados já perseguiam o inglês, mas ele já estava além do

alcance, galopando pelo prado aberto conhecido como Campo da Misericórdia.



Blackstone cavalgou com pressa para casa, até que a escuridão cobriu a trilha na floresta. Não haveria perseguição nem muito menos emboscada até o amanhecer. E então ele, Christiana e as crianças fugiriam para o sul, para se salvarem. Teria Guillaume já os levado para Chaulion? Ao nascer do dia, os homens do rei John estariam em Harcourt, e horas depois, na vila de Blackstone. Ele soltou as rédeas e deixou que o instinto de seu cavalo encontrasse o caminho de casa na escuridão. Mas, pouco após deitada a noite, a brisa o avisou do desastre – o cheiro ocre de madeira queimada e palha em brasa. E, quando ele passou pelo corpo assassinado de Marcel na trilha, seus piores medos realizaram-se. Aguardou junto às árvores, perto da antiga casa forte, os celeiros circundantes e as casas dos aldeões – tudo queimado; fantasmas de fumaça desprendiam-se da madeira queimada. Imóvel, Blackstone pesquisou a devastação em busca de sinais de vida ou dos que a tiraram. Quando as nuvens de fumaça se dividiam, dava para ver os corpos dos aldeões balançando em pontas de corda. O cavalo jogou a cabeça para trás, abrindo as ventas ao sentir o cheiro da morte. De espada em punho, Blackstone esporeou o animal e desceu suavemente pela vila torturada. Nada sobrevivera. Cães jaziam rasgados e fincados por lanças ao lado de homens, mulheres e crianças. Os animais de fazenda foram levados, exceto pelas vacas, que jaziam ao lado do sangue das próprias entranhas espalhadas. As portas escuras do solar estavam abertas. Quando os cascos do cavalo tilintaram por sobre a entrada do pátio, ele viu os corpos de seus criados, cujo sangue já se congelara. Os atacantes deviam tê-los assaltado antes do anoitecer no dia anterior, quando ele estava em Rouen.

– Christiana! – ele chamou e esperou, torcendo para que ela tivesse se escondido antes de o ataque ter chegado até ali.

O cavalo aguardava, muito firme, em meio à carnificina. Treinado para a batalha, esperava pelo comando do mestre. Blackstone desmontou. O inimigo se fora havia muito tempo, ou teriam atacado dentro do pátio. Ele subiu a

escadaria, chamando o nome da esposa e dos filhos, e de Guillaume, seu protetor.

Mesas e bancos foram virados; os três cães de caça jaziam mortos no piso de junco do salão principal. Havia restos enegrecidos de tapeçarias queimadas grudados nas paredes de pedra, mas seu olhar foi atraído pela lareira e a grande viga de castanheiro suspensa em cima da grade larga. O corpo nu do velho Hugh, com sangue ressecado no rosto e um machucado no peito no qual antes batia um coração, pendia em grotesco gesto de boas-vindas para a chegada do mestre. Cada mão fora pregada na viga. Os atacantes o tinham crucificado e torturado. Palavras foram escritas grosseiramente num pedaço de pano pendurado no corpo já frio do criado. Blackstone puxou o retalho manchado de linho. As palavras causaram-lhe um arrepio. *Eu acredito em um Deus cruel. Sou a maldade expressa em raiva.* O retalho era parte de um dos vestidos de Christiana.

Uma horda vingativa caíra sobre eles. O rei John era devoto; aqueles eram os sentimentos de um homem possuído por intenções maléficas. Era fato que o rei francês vivia com medo de uma conspiração; ele já tinha demonstrado que atacaria direto no coração dos que ficavam contra ele, mas não retorceria sua devoção a Deus em tão cruéis termos. Era rei por vontade divina; não poderia pensar em si mesmo como instrumento da maldade. Não, entendeu Blackstone, o ataque fora cometido contra ele pelo Padre Selvagem, enviado pelo rei enraivecido para livrar-se dos que conspiravam ou dos que sabiam das intenções dos conspiradores. Um expurgo de violência varreria a Normandia, ao mesmo tempo em que a *chevauchée* do príncipe Edward varria o sul.

Um acerto de contas estaria por vir.

Blackstone sentiu uma pontada de medo. Onde estariam sua família e Guillaume?



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Blackstone passou por cima dos corpos de seus criados. Os atacantes tinham levado toda a comida da cozinha e assassinado seu povo onde se defendiam ou acovardavam. Beatrix jazia, de olhos brilhantes na morte, com um cutelo solto na mão e um mercenário morto, com um corte no pescoço, poucos passos à frente. Em meio à carnificina, o inglês encontrou um presunto comido até a metade e uma garrafa intacta de vinho; depois de alimentar o cavalo, terminou a carne e bebeu da garrafa. A busca poderia levar dias, e ele não sabia quando conseguiria comer de novo.

As nuvens pesadas que chegavam do oeste indicavam que haveria mais chuva nesse mesmo dia, mais tarde. A brisa cada vez mais intensa brincava com o topo das árvores, deixando a imobilidade das ruínas abaixo para provocar o cavaleiro. Onde antes houvera o som do riso das crianças, um grito da esposa chamando o marido, a voz do homem em resposta, havia somente silêncio. Os corpos jaziam no ponto onde foram mortos. Os javalis logo emergiriam da floresta para refestelar-se nos cadáveres. Não era hora para pesar nem tristeza pela destruição da casa e a morte do povo que ele jurara proteger. Os corpos de sua esposa e seus filhos não estavam entre os dos mortos.

Ainda havia esperança.

Havia três trilhas que chegavam e saíam do vilarejo, amplas o bastante para uma carroça, mas não havia sinal algum de marcas frescas de rodas. Isso significava que Guillaume devia ter partido em boa hora, a cavalo. Se ele tivesse seguido as ordens de Blackstone e aguardara dia e noite, conforme instruído, os cavaleiros os teriam capturado. Agora que o rei decidira matar ou prender todos aqueles que julgava estarem contra ele, a família de Sir Thomas Blackstone seria um prêmio e tanto. E aquele que detinha sua família, detinha também Blackstone.

Todos os cavalos tinham sumido, muito provavelmente levados pelos mercenários. Somente o palafrém idoso que os trouxera de Paris fora morto. Blackstone cavalgou ao redor da vila arruinada; a terra batida indicava que os cavaleiros tinham vindo da estrada que levava a Harcourt. Teria a Condessa escapado a tempo? O amassado na trilha sugeria que eram cinquenta cavaleiros ou mais. Blackstone cavalgou lentamente pelos primeiros dois quilômetros; foi quando encontrou uma trilha de sangue na estrada que dava em Chaulion. Encontrou os corpos na margem da estrada. Um homem jazia, esparramado, parcialmente coberto pelos arbustos mais altos. Outro jazia vinte metros à frente, com metade do corpo na estrada e metade da folhagem pisoteada. Ocorreria ali um combate em movimento. Moscas zumbiram dali e corvos voaram longe quando o inglês meteu-se entre as samambaias úmidas para encontrar mais corpos, com espadas ao lado e sangue espirrado nas folhas mais próximas. Quatro eram homens de Blackstone; os outros, ele não conhecia. Pareciam ter travado um combate na retaguarda. Não havia sinal de um menino de cabelos claros nem de uma menina de anel no dedo entre os galhos emaranhados. Nada de vestido bordado, da mesma cor cálida dos cabelos dela, que Christiana usava quando cavalgava. Blackstone flagrou a sensação de desespero e reconheceu quanto seu coração apertava pela família.

Se Guillaume recebera algum aviso do ataque e desobedecera às ordens de Blackstone, a família do inglês estaria a salvo por trás dos muros da cidade de Chaulion. Os homens que fizeram aquilo muito provavelmente não sitiariam uma cidade emparedada defendida por cinquenta dos homens de Blackstone.

Com muito medo do que podia ter acontecido à sua família e um ódio cada vez mais profundo por Jean le Bon – o rei John, “o Bondoso” –, que executara tão cruelmente seu amigo e enviara assassinos para sua casa, Blackstone urgiu seu cavalo adiante. Não podia ter sido outro quem fizera o trabalho sujo do rei senão o Padre Selvagem. O homem que Christiana lhe pedira que matasse.



Guillaume matara Marcel e retornara à vila. O pânico o dominava, quando a urgência do galope do cavalo fez a mente do escudeiro focar-se em férrea determinação para fazer o que seu mestre comandara. Salvar sua família. A confissão da traição de Marcel revelara a armadilha do rei John. Jean de Harcourt e os demais conspiradores seriam surpreendidos em Rouen, no banquete do Delfim. Guillaume compreendeu que o rei John fizera muito bem a sua jogada. Quando Guy de Ruymont vazou a informação para Blanche, sabia que ela partiria para salvar o marido, e que o fiel servo Marcel seria usado para atrair Blackstone para longe de casa e da família. O criado favorito vinha sendo pago por Ruymont ao longo de meses. Toda uma vida dormindo em piso frio e horas intermináveis de trabalho podiam tornar suscetíveis até os mais leais. Ofereceram mais dinheiro a Marcel do que ele já tinha visto, além de posição mais elevada a serviço de Ruymont. Lentamente, como uma doença rastejante suga a vida de um corpo, a lealdade fora drenada do homem. A idade avançada seria amenizada por conforto e status. E, caso o servo falhasse, e Blackstone escolhesse ficar com a família, os assassinos do rei John já estariam na estrada mesmo assim. De qualquer modo, o inglês seria pego.

Christiana recusou o pedido de Guillaume para partir imediatamente e buscar refúgio em Chaulion, como Blackstone ordenara. Ela argumentou, pedindo que o escudeiro fosse atrás do mestre e o alertasse.

O amor do rapaz pelo mestre e pela família deste era tão enraizado quanto a lembrança do medo aterrorizante que sentira dez anos antes, quando Blackstone, então arqueiro inglês, abrira a cortina do esconderijo do menino no castelo de Noyelles. Thomas dera vida e honra ao menino. O medo era algo a ser superado, cuspidor como o veneno que era, e o medo de Christiana poderia acabar jogando todos para os lobos. Ele a agarrou, arriscando ser censurado por desrespeitar o status dela. A Condessa Blanche de Harcourt talvez já tivesse sido pega em Rouen pelo desespero de querer avisar o marido. Sir Thomas faria o que pudesse, mas não sacrificaria a própria vida desnecessariamente. Agora cabia a Christiana tomar uma decisão. Podia cavalgar para Rouen, cega pela emoção, e cair na cilada do rei, ou submeter-se às ordens do marido e permitir que Guillaume levasse a família e ela para

um lugar seguro. Os mercenários do rei chegariam pouco após o amanhecer. Como podia ela pensar em ignorar o conhecimento de Sir Thomas enquanto cavaleiro? Por um momento, pareceu que ela iria bater em Guillaume, mas a mulher cedeu e obedeceu ao homem em quem confiava a segurança de sua família.

Guillaume escolheu três dos melhores cavalos: corcéis – caçadores grandes e poderosos que os carregariam rápido para longe. Christiana juntou lençóis para as crianças e empacotou comida e bebida. Criados amedrontados foram acalmados; não seriam feridos caso jurassem lealdade ao rei e negassem Blackstone. Guillaume distribuiu as provisões entre os três cavalos e jogou fora os lençóis. Não podiam levar peso desnecessário na fuga. Ele mandou Christiana vestir as crianças com roupas bem quentes.

Guillaume levou Henry até o estábulo. O mais simples que pôde, explicou a verdade nua e crua. O pai estava em perigo e retornaria para eles, mas havia homens vindo até a vila para capturá-los.

– O que vão fazer com você? – perguntou o menino.

– Sou vassalo do seu pai. Vão me matar.

O menino pensou por um instante.

– O que quer que eu faça se isso acontecer?

Guillaume enfiou sua adaga embainhada no cinto do menino.

– Essa aqui era minha quando eu tinha a sua idade. Certa vez, ameacei seu pai com ela porque estava tentando proteger uma pessoa. Quero que proteja sua mãe e sua irmã se acontecer alguma coisa comigo. Pode fazer isso?

O menino fez que sim, com os pensamentos confusos por um instante.

– Sim – disse, decisivamente, sabendo que enfiaria a faca em qualquer um que ameaçasse sua mãe e sua irmã.

Guillaume fez Henry tirar um dos cavalos da baia. O menino somente cavalaria em palafréns – cavaleiros confiáveis, mas menos voluntariosos do que o grande corcel que teria de manusear agora, o que o pai cavalgava quando não estava com seu corcel de guerra. Segurando as rédeas, o menino fitou aquelas narinas envergadas. Guillaume viu-o erguendo o braço para deixar o cavalo cheirar-lhe a mão. Inesperadamente, o animal mudou de pose;

esse estranho não era o cavaleiro que costumava alimentá-lo e escová-lo nem o homem alto que lhe dava ordens.

– Vem – Henry disse calmamente ao cavalo –, temos um longo caminho pela frente. Vai ficar tudo bem. Você vai correr mais rápido que todos eles comigo nas costas.

Henry esperou um instante, enquanto o cavalo escutava sua voz, depois puxou as rédeas gentilmente, mas com firmeza. O filho de Blackstone se sairia bem, concluiu Guillaume. Seria preciso cavalgar vigorosamente. Christiana não teria escolha senão carregar Agnes, apertada junto de si.

Guillaume escolheu meia dúzia de soldados para cavalgar com eles, por proteção, depois convocou os aldeões. Tranquilizando-os, disse que os homens do rei queriam Sir Thomas, e que as ordens do mestre foram as mais claras. Difamar e negar o homem que os protegera pelos últimos anos. Alguns se manifestaram, querendo saber por que subitamente havia perigo recaindo sobre eles. Não havia tempo para explicar – ele os urgiu a fazer tudo o que os homens do rei pedissem. Suas vidas dependiam apenas deles mesmos. Os homens de John logo chegariam ali, e eles deveriam obedecer às ordens de Sir Thomas.

No começo, Henry sofreu com a potência do cavalo, contendo o galope num trotar. Guillaume cavalgava bem ao lado, com a mão pronta para pegar as rédeas, mas a determinação do menino o mantinha firme na sela. Não tinham se afastado nem três quilômetros da casa quando um dos homens de Guillaume gritou um alerta. O escudeiro virou-se na sela e viu, a menos de meio quilômetro, cinco cavaleiros os perseguindo. Ocorreu-lhe que eram batedores separados do bando principal. Mais acima na trilha, já dava para ver, além das árvores, a fumaça que preenchia o céu, erguendo-se da vila em chamas. Não dariam clemência alguma para o povo de Blackstone.

– Não saia da estrada, Henry! Vou logo atrás! – gritou ele para o menino. – Segure-se na crina do cavalo! Galope, rapaz!

Não havia tempo para esperar pela resposta nem para oferecer conforto e segurança ao assustado menino. Guillaume virou seu cavalo e esporeou-o para juntarem-se aos outros cavaleiros. Agnes estava presa à mãe envolta em um embrulho de faixas largas de linho bordado. Christiana atçou sua

montaria para avançar pela encosta do morro. A diferença entre viver e morrer era uma questão de instantes. A espada, Guillaume já tinha sacado quando gritou ordens para a retaguarda. Os homens viraram-se para receber o ataque de frente, com o escudeiro na liderança. Sete contra cinco – a vantagem era deles. Os homens colidiram. Cavalos suados relincharam, homens berraram palavrões, golpeando-se desesperadamente. Guillaume defendeu-se de um golpe com o escudo e fincou a espada debaixo da axila exposta do atacante. Ele atçou o cavalo e talhou as costas do outro homem, que quase vencia um dos seus. Os cavaleiros eram reles cavaleiros novatos; não usavam brasão, não portavam as cores do rei nem de suserano nenhum. Eram homens contratados – e tão ferozes quanto os de Guillaume, que puderam defender-se apenas por mais alguns momentos. Dois deles já tinham tombado, sem seus cavalos, e um deles fora pisoteado e morto; o outro correria para a segurança da floresta, por entre os arbustos à altura da cintura. Guillaume gritou o homem, mas ele já estava sendo perseguido e a morte logo o alcançaria. O escudeiro levou uma porrada mais intensa e girou na sela. Dois homens o atacaram ao mesmo tempo; um bateu forte no escudo dele, o outro girou um talho contra seu corpo. Guillaume apertou a perna esquerda e chutou forte o cavalo com a direita, para que virasse; a inércia fez recuar o homem que lhe atacava o escudo e permitiu que o rapaz se defendesse de um golpe de espada do outro. Este estava empenhado no ataque; seu cavalo seguiu adiante, por inércia, e Guillaume aproveitou e atacou-o no pescoço exposto. A montaria do escudeiro pisoteava o solo, girando sob seu comando, enquanto ele enfrentava o segundo homem, que cometeu um erro, entrando em pânico ao ver o companheiro morto, e permitiu Guillaume fincar a espada entre as defesas dele. Sangue jorrou sob a túnica do homem, por cima das pernas, de uma ferida no estômago, e ele baixou a cabeça, incrédulo com a dor que subitamente dominou-lhe as entranhas. Guillaume tornou a atacar. O homem rolou feito um bêbado para fora da sela e caiu, imóvel. O atacante que restava, nas moitas, virou-se e galopou de volta para a vila de Blackstone.

Outros logo viriam persegui-lo, e seria uma força muito maior do que os poucos homens com que o escudeiro acabara de lutar. Quatro de seus homens

jaziam mortos; dois continuavam ilesos. Apreensivos, eles olharam para a fumaça que espiralava lá atrás. Eram soldados que lutaram por anos e finalmente assentaram-se sob a proteção de seu mestre Blackstone. Casaram-se com suas prostitutas, tiveram filhos, e suas famílias estavam no vilarejo.

– Não vamos mais à frente, mestre Guillaume, se não se importar – disse um deles, com o cavalo inquieto por sentir o cheiro de sangue.

Guillaume assentiu. A vida era algo precioso, mas sempre chegava um ponto no qual algo mais era necessário.

– Boa sorte para vocês – disse Guillaume, permitindo que retornassem.

– Para você também – respondeu um deles.

Os dois giraram os cavalos e rumaram de volta para a devastação que certamente os aguardava.

Guillaume observou-os por mais um instante: soldados curtidos pelo álcool que matariam sem consciência alguma, sacrificando-se finalmente por algo que tinha significado para suas vidas.

O escudeiro urgiu seu cavalo adiante; havia ainda aqueles que ele jurara proteger.



Blackstone circulou a intersecção do monastério de Chaulion. Nas muralhas, havia mais homens que de costume. Ele parou, mantendo-se na segurança da floresta, até que uma nuvem deslizou, parando abaixo do sol, deixando menos sombreados o rosto dos homens. Não havia um que ele não conhecia. Estava a salvo, a não ser que os invasores tivessem ultrapassado os muros que ele e seu pessoal construíram, e seus soldados tivessem se unido ao inimigo. A confiança era uma moeda de grande liquidez. Blackstone excluía boa parte da escória dentre os homens que o procuravam para servir, mas sempre havia um risco. Ele seguiu adiante.

Quando os defensores do monastério de Chaulion reconheceram o cavaleiro, os portões foram abertos e vieram muitos guerreiros.

– Perinne! – Blackstone chamou ao ver o soldado de muito tempo abrindo caminho entre os outros. – Estão todos bem?

– Aye, milorde. Houve uma escória aí passando pelo cruzamento.

– Eles chegaram perto?

– Não daqui – disse Perinne, um dos primeiros defensores e construtores de muralhas que lutara com Blackstone ao longo da década passada. – Iam e vinham pela estrada; viam que não teriam chance com a cidade bem-defendida.

– Ótimo. Mantenha todos em alerta. Há uma guerra vindo em nossa direção, e precisarei de vocês.

Um murmúrio de ansiedade passou pelos homens.

– Estaremos prontos, Sir Thomas.

– Havia algum sinal da minha família junto desses homens?

– Nada. Eles foram levados, senhor? – perguntou Perinne; os ocupantes das cidades conheciam a família de Blackstone pelo tempo que passaram com ela.

– Ainda não tenho certeza – disse ele, virando o cavalo. – Cavalgarei até a cidade. Aguarde até Guinot mandar minhas ordens.

Sem esperar resposta, Sir Thomas esporeou o cavalo para o local que fora seu primeiro lar com Christiana, depois que ele lutou por Chaulion e a tomou.

Havia cinco dessas cidades espalhadas pelo interior, postos não oficiais mantidos por Blackstone para o rei inglês, cada um defendido por cinquenta ou mais homens do cavaleiro. Cada cidade controlava a área imediata ao redor, por isso as estradas e as rotas de comércio podiam ser restritas ou assediadas. Os fortes serviam como zonas de descanso entre as vilas menos protegidas espalhadas pelos prados. Os ingleses detinham controle da Bretanha e da Gasconha, e os homens de Blackstone mantinham cidades por toda a Baixa Normandia, algumas delas perto de Périgord. Baluartes de casas nobres francesas zanzavam pelos arredores, mas não ofereciam ameaça séria aos contingentes superiores que defendiam as cidades.

Galopando pela estrada entre a cidade e o monastério, Thomas não tirava os olhos da borda da floresta, mas não havia sinal algum de invasores. Sentinelas avisaram que ele se aproximava quando reconheceram cavalo e cavaleiro.

Um homem robusto de cabelos grisalhos bem curtos e rosto como couro gasto apertou a mão de seu mestre, cumprimentando-o. Outro defensor levou

o cavalo de Blackstone para tomar água.

– Novidades, Guinot? – perguntou Blackstone, aliviado de ver seu comandante mais uma vez.

Seus olhos escanearam as muralhas, checando se cada homem estava em seu lugar, vendo que a cidade estava sendo adequadamente defendida.

– Um comerciante passou e nos contou que ouviu dizer que Évreux e a cidadela de Pont-Audemer estão sob sítio das tropas do rei John. Lisieux talvez já tenha caído. O que está havendo?

– Ele está atacando os lordes normandos. Quer vingança, entre outras coisas.

– E você, Sir Thomas. Ele está procurando você feito um louco.

– Viu homens dele por aqui?

– Aye, uns cem, ou mais. Passaram pela estrada entre o forte e o monastério, mas viram que temos vantagem. Passaram o dia todo e um pouco da noite. Não tentaram atacar. Perguntaram de você. Demandaram que vá até eles ou sua família será morta.

– Estavam com a minha família? – perguntou Blackstone.

O homem fez que não.

– Se estivessem, Sir Thomas, teriam nos mostrado. Estavam blefando, mas mais cavaleiros uniram-se a eles. Mantive mais homens nas muralhas para o caso de os bastardos voltarem.

Blackstone assentiu. Guillaume devia ter fugido com a família dele, mas não conseguiu levá-los para a segurança da cidade.

– Prepararei os homens para juntarem-se a você, milorde.

– Não, defenda a cidade, Guinot. O rei John assolará o interior. Ele ainda não tem um exército em campo, então não sitiará cidades muito distantes de Paris. É por isso que tem atacado locais mais estratégicos. Quer manter um posto entre ele e a Bretanha.

O homem abriu um sorriso raivoso.

– Guerra, milorde? Se o rei Edward retornar, é de lá que virá... do oeste.

– Ou por Calais, então John terá muito com que lidar, em vez de levar seus homens às minhas cidades. Por isso, aguardaremos. Se Edward vier, precisará de uma linha de defesa em posição.

– Que seremos nós – disse Guinot, incapaz de esconder o desânimo.

Blackstone pôs a mão no ombro do amigo. Os guerreiros lucravam com a guerra; restringi-los à paz era algo somente para um líder que lhes pudesse deitar rédeas. Blackstone ergueu a voz para que todos os demais pudessem ouvi-lo. Ele lhes contou o que acontecera em Rouen e a destruição de seu solar fortificado e a vila ao redor.

– A guerra chegará, e vocês serão cruciais. Fiquem atentos e prontos para quando eu os chamar.

O gascão segurou o cabresto do cavalo enquanto Blackstone subiu na sela. Ele sabia que não adiantava sugerir ao mestre que descansasse e comesse alguma coisa; estava claro que havia grande perigo.

– Reconsidere, Sir Thomas. Precisa levar homens consigo. Deixe-me colocar uns cavaleiros na estrada, como escolta. Se está sendo caçado, vai precisar de ajuda.

Blackstone fez que não.

– Atrairéi menos atenção e poderei ir mais rápido sozinho. Guillaume e minha família não terão ido muito longe ao leste. Se essas estradas estiverem bloqueadas pelos homens do rei John, ele saberá que não poderá passar para nenhuma das outras cidades. Estará cavalgando ainda, ou indo para o sul. Quanto mais seguir em frente, maior é a chance de encontrar a vanguarda do exército do príncipe Edward.

– Estão a quilômetros de distância – disse o homem. – Mais de uma semana de cavalgada.

– A esperança é motivada pelo desespero – Blackstone respondeu. – Mande notícias a Meulon e Gaillard; diga-lhes que o lorde a que um dia serviram, o Conde de Harcourt, foi chacinado pelo rei. Mantenha os homens nas cidades prontos para responderem às minhas ordens. A matança apenas começou.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Blackstone cavalgou por três dias e noites e, no quarto dia, cruzou uma ponte elevada, vendo cerca de cem cavaleiros na estrada no vale abaixo. Eram mercenários que, quando alcançaram uma encruzilhada, separaram-se em grupos de meia dúzia ou mais. Estavam ampliando a área de busca. Para qualquer lado que fosse, o inglês depararia com alguns dos inimigos espalhados que o caçavam. Ele olhou para o horizonte em busca de qualquer coisa que o ajudasse a decidir para qual direção ir em seguida.

Ele viu luz refletida por um rio a muitos quilômetros de onde estava e lembrou-se de jornadas realizadas por ele e Christiana nessas montanhas de calcário, tão distantes de casa. Havia umas cidadezinhas e vilas a oeste dali. Christiana talvez tivesse se lembrado delas e afastado as crianças das florestas densas. A mata de castanheiros oferecia mais segurança, mas a velocidade de fuga da família seria comprometida, e eles precisavam de comida e abrigo. Se tivessem descido às planícies, poderiam procurar a ajuda de um nobre que partilhava da mesma animosidade para com o rei francês. Havia muitas cidadezinhas e fortes mantidos por capitães independentes aliados ao rei Edward, cujos muros poderiam oferecer proteção, mas havia também contingente similar de guarnições mantidas pelos fiéis à Coroa francesa. Guillaume poderia arriscar-se a viajar por território disputado ou procurar um forte que aguentaria um ataque de mercenários gananciosos que não teriam armas de sítio, preferindo atacar vilas menos defendidas. Blackstone lembrou-se de um monastério localizado num afloramento rochoso acima de um rio. Talvez os homens que cavalgavam na direção do rio soubessem do local e ficariam ali, esperando que alguém passasse. As opções de Sir Thomas diminuía a cada novo dia e, a não ser que a sorte continuasse ao lado dele, os grupos espalhados de cavaleiros cedo ou tarde deparariam com ele ou sua família. Blackstone tocou a imagem de prata da

deusa que levava na garganta e pediu proteção. Depois pediu para Deus também.



Ocasionalmente, Sir Thomas não via mais os homens que seguia ao ser forçado a mudar de rota sobre desfiladeiros irregulares, mas o movimento do grupo os entregava, e o inglês aguardava com paciência, observando silenciosamente quando paravam para comer e beber, ouvindo somente as vozes que eram trazidas, muito fracas, pelo vento. Não ouvia menção alguma de sua família nem das intenções dos homens. Eles cavalgavam sem distrações; não pesquisavam trilhas na floresta que não passavam de rastros de animais nem se desviavam da rota que acabaria levando-os ao cruzamento que distribuía as estradas do monastério. O dia foi passando, até que o entardecer sombrio assentou-se, e os homens finalmente passaram por uma floresta de amieiros e cinzas, perto da beira do rio, e desapareceram de vista mais uma vez.

Blackstone tirou seu cavalo da trilha, ganhando os arbustos baixos. Quando chegou ao limite da mata, desmontou e amarrou as rédeas. Ficou ali aguardando, acalmando o cavalo com sua imobilidade e garantindo silêncio com a mão no focinho dele. Então, pisando lentamente, sem fazer ruído, foi passando por tocos de amieiros caídos, tendo o som das passadas abafado pelo farfalhar das folhas nas árvores e pelo dançar dos arbustos.

Os seis homens reuniram-se em torno de uma fogueira, agachados contra o vento, para evitar a fumaça, de costas para os cavalos amarrados. A trinta metros dali, com sua imagem entrecortada pelas árvores, Blackstone avançava sob o véu da fumaça, cujo movimento borrava o dele. Os cavalos não captariam seu cheiro, e os homens, uns dois já abrandados pela bebida, fitavam o fogo, cutucando-o e atijando-o. Afunilando pelo rio, a brisa fez uma curva na margem e deu um giro antes de continuar sua jornada. Os homens soltaram palavrões quando a fumaça os asfixiou. Eles trocaram de posição e não deram atenção ao relincho do cavalo que finalmente sentiu o cheiro do estranho que, agora, estava a poucos metros dali, usando a fumaça rodopiante e asfixiante para esconder seu ataque.

Blackstone avançou e brandiu a Espada do Lobo. Dois homens morreram antes mesmo de ver o atacante silencioso. Gritos súbitos de alarme deram ímpeto para os outros se levantarem desesperados. Um terceiro atrapalhou-se na pressa de sacar a espada da bainha; uma lembrança distante de alguém mandando largar a bainha quando fosse a uma batalha passou pela mente de Thomas. Mas esses homens foram pegos totalmente de surpresa. Para eles, não havia ameaça nem possibilidade de que um único homem, o que caçavam, seria o caçador. O homem caiu sob o golpe de espada de Blackstone e, por um momento, ficou em desvantagem, sacando a espada enquanto os outros, após pegarem as próprias armas, vinham atacar. Aos xingamentos, eles avançaram, mas Blackstone esquivou-se facilmente do primeiro, que passou por ele e mergulhou sobre a fogueira. O cavaleiro fincou sua espada no outro, virou para o que tinha tropeçado e meteu-lhe um chute forte na cara, sentindo quebrar o osso da maçã do rosto. Quando ele girou em agonia, Blackstone passou a espada pelos tornozelos dele, impedindo-o de correr. Não permitiria que fugissem da vingança. O último soldado hesitou, saiu correndo, tropeçou e perdeu a espada. Com o homem da cicatriz a poucos metros de si, apressou-se a se levantar. Ele conseguiu escapar até a porção mais rasa do rio, mas o poder de seu perseguidor lhe garantiria somente segundos de vida. Para implorar por sua vida, ele começou a virar-se, mas foi pego pela espada e deixou uma piscina de sangue no pântano ao ter o corpo recebido pela cama de junco.

Blackstone retornou ao homem semiconsciente, que tentava manter a mandíbula estilhaçada no lugar. O inglês agachou ao lado do inimigo e juntou uma mecha do cabelo dele na mão.

– Quem é seu líder? A quem o rei está pagando?

O homem, com a boca cheia de sangue, tentou cuspir uma resposta. A força do golpe de Blackstone o deixara incapaz de falar. Contudo, uma única palavra sussurrada formava-se por entre os dentes quebrados. Blackstone torceu os cabelos do homem, puxando-os ainda mais, baixou o rosto para ouvir melhor. Pensou ter ouvido a palavra “padre”. O homem riu e cuspiu sangue no rosto dele. Blackstone matou-o rapidamente.

O cansaço e a fome começavam a castigar o cavaleiro. Blackstone trouxe seu cavalo à frente, depois separou os dos mortos, amarrando-os aos pares ao redor do local no qual passaria a noite. Independentemente do lado pelo qual alguém se aproximasse, os cavalos o alertariam. Seu cavalo, ele o manteve perto. Reconstruiu o fogo e colocou pedras do rio mais perto da cama de brasa. Os homens tinham bastante comida nas bolsas, então Thomas comeu e bebeu, depois se deitou, espada em mãos, de costas para a brasa quentinha. No dia seguinte, prometeu, encontraria sua família.

O farfalhar das folhas o assombrou com seus sussurros fantasmagóricos, até que ele finalmente cedeu a um sono irregular.



Acordou antes de amanhecer, teso por conta do frio da noite. A neblina cobria a terra sob uma sinistra meia-luz, envolvendo os cadáveres duros em teias de aranha. O cavalo ergueu a cabeça com o aproximar-se do cavaleiro. Seria um longo dia de cavalgada, sem contar o perigo extra de dar com mais cavaleiros, sem aviso. Uma vez libertados os cavalos dos derrotados, Sir Thomas procurou orientar-se, tentando manter o rio, que não enxergava, em um certo lado, deixando que a memória o guiasse. Anos antes, ele viajara com Christiana por esses vales e essas florestas. Havia muitos pontos em que as montanhas de calcário eram cortadas por desfiladeiros. O casal nadara nu em piscinas quentes e fizera amor sob a sombra das árvores de folhas largas. Ele sabia que o rio serpenteava até o mar e que o monastério fora construído na beirada do escarpado num ponto em que o rio fazia uma curva suave. Os monges estavam lá fazia séculos, servindo-se do rio. Se Guillaume fora forçado a viajar esse tanto ao sul, Christiana talvez tivesse se lembrado do monastério e buscado abrigo dentro de seus muros firmes. Onde mais poderiam esconder-se por dias, sem comida nem água? As vilas e cidades esparsas da área eram leais ao rei John e, por sua vez, dariam abrigo aos assassinos. Se a família de Blackstone tentasse chegar a uma das cidades fortificadas defendidas por gascões aliados, seria muito grande a pressão para cruzar esses prados sem serem vistos. As florestas e as montanhas ofereciam

a maior possibilidade de sigilo, mas também mais chance de dar de cara com mercenários do rei John.

O dia foi passando num ritmo agonizante de tão lento. Blackstone ainda sentia o cheiro pungente de sal que vinha da água salobra da porção mais distante do rio. A brisa refrescante afugentou a neblina e, quando a estrada começou a escalar os morros, ele perdeu a noção de onde estava. O sol do meio-dia terminou de extinguir a neblina do solo, e o inglês pôde ver árvores cujas pontas fincavam o cobertor teimoso que ainda jazia sobre o solo mais baixo. Com certa frequência, ele parava o cavalo e ficava prestando atenção se ouvia o tinir de um cabresto ou o ranger de uma sela. Ele achava que os outros grupos, como os homens que matara na noite anterior, estariam acampados, esperando até que o vento tivesse levado toda a neblina. Não tornariam a procurá-lo e a sua família enquanto não pudessem ver o chão. A umidade pegajosa não parecia querer dar trégua – e então ele ouviu risos de homens e sentiu que estavam perto: cem passos ou menos, julgou. Contudo, não sentia cheiro de fumaça nem ouvia cavalos. Podiam ser seis ou sessenta homens a poucos passos dele. O pisar dos cascos do cavalo poderia bastar para tirar os assassinos do acampamento, então Thomas levou sua montaria dali, subindo uma encosta de mata rasteira. Os antigos ferimentos em seu braço esquerdo reclamaram e, como sempre, levaram seus pensamentos de volta à matança em Crécy e àqueles minutos finais de raiva e horror no combate corpo a corpo. Ao longo de dez anos passados, houvera poucos dias em que ele não vira e ouvira em sua mente a morte do irmão. Certas noites, Christiana afastava-se, com medo, e tentava arrancá-lo do pesadelo. Numa dessas ele bateu na esposa, machucando-a, e jamais se perdoara. Desde então, o casal não mais falou do incidente nem da dor dos gritos do irmão moribundo, que o assombravam. E agora um rei malévolo torturara e matara um inimigo que havia se tornado amigo, enviando uma criatura insana para tanto. O mesmo gosto de bile que ele sentira no passado voltava a amargar-lhe a boca.

Blackstone ignorou o ar frio da noite. Embora a neblina tivesse se rarefeito um pouco, ele permanecia em alerta. A estrada à frente desaparecia numa passagem estreita entre muros de pedra de seis metros, onde as raízes das

árvores, presas às paredes, e seus galhos estendidos pendiam sobre a trilha feito as asas dos urubus. O local emanava o mal e, se houvesse homens acampados além, em meio aos arbustos, um toco de árvore caído pela passagem estreita lhes garantiria o esconderijo perfeito para uma emboscada. Criaturas noturnas deste mundo e do próximo rastejavam e serpenteavam pela vegetação rasteira. Blackstone recuou com sua montaria, de olhos fixos na passagem maligna que certamente levava ao lar do diabo. Ele fez o sinal da cruz, depois levou Arianrhod aos lábios – superstição e medo instintivo jamais deviam ser olvidados. Foi quando um movimento chamou sua atenção. Não fosse pela estrada escura à frente, talvez ele não tivesse visto o lampejo rápido de luz no escarpado rochoso; foi uma manchinha vermelha que apareceu no véu macio que cobria a encosta do morro. Sir Thomas fixou seu olhar no ponto e aguardou, e mais uma vez viu o pontinho de luz vermelho feito sangue. Era como se alguém abrisse e fechasse uma porta, atrás da qual havia uma lareira. Podia ser a cabana de um lenhador ou o casebre de um pastor. Se fossem cavaleiros acampados para passar a noite, então devia haver outro caminho mais atrás que ele não vira. Blackstone desmontou e levou o cavalo acima, suando com o esforço da escalada, grato pelo frescor da noite. Caía chuva, borrando sua visão, mas não fazia diferença; não viu mais sinal algum de luz. Estava a quinhentos passos de onde acreditava estar o acampamento, mas não importava o quanto olhava atentamente na escuridão, não viu mais brilho algum, nem sinal algum de gente. Puxando o cavalo, Blackstone foi andando pelas pedras, olhando para trás a cada dez passos para lembrar-se da rota. Ao longo da encosta, uma grande protuberância de rocha destacava-se; seria ali que ficaria qualquer um que buscasse abrigo. Uma trilha estreita de passos de animal cortava por entre arbustos e junco, que ele seguiu em sua rota serpenteante até chegar atrás do naco de pedra para poder passar pelo corredor escuro no qual brilhava uma luz fraca. Era a entrada de uma caverna fechada por um portão improvisado de salgueiro com samambaias penduradas. A caverna era ampla o bastante para homens e cavalos, e o cavaleiro supôs que haveria túneis oferecendo outra passagem para entrar e sair. Não havia barulho. Nem sentinelas. Os homens deviam estar dormindo, protegidos pelo lar dentro da montanha. Um

ataque súbito, inesperado, mataria pelo menos meia dúzia deles. Se fosse preciso escapar, ele poderia recuar pela protuberância, descer a trilha e voltar às árvores. Ele tinha uma imagem clara em sua mente do caminho que fizera ao chegar, que lhe serviria igualmente bem no retorno. Com a mão esquerda, guiava-se ao longo da face de rocha; a direita empunhava a espada, pronta para atacar. Fumaça vazava de detrás do denso biombo. Os homens lá dentro tinham que mexer no vime vez por outra para deixar escapar a fumaça. Era por isso que ele via lampejos de luz. Pelo menos um homem estaria acordado lá dentro. Quando Sir Thomas levou a mão para arrancar a tela, um vulto passou pela fissura pela qual ele acabara de passar. Tarde demais ele sentiu a gotinha de sangue da ponta da espada encostada em seu pescoço. Os homens estavam mais bem-preparados do que ele julgara.

– Quem é você? – sussurrou uma voz, receoso de que pudesse estar acompanhado.

Blackstone levou um choque quando a reconheceu.

– Sou seu patrão e suserano – respondeu ele.



Guillaume fechou a tela, e os dois entraram para a luz da fogueira que fazia sombras dançarem na parede da caverna. Amontoadas num canto, Christiana e as crianças pareciam mais magras e sujas, e o cabelo emaranhado e as roupas enlameadas testemunhavam os dias passados na vida dura na estrada. Christiana juntou Agnes debaixo do manto, escondendo a criança do intruso. Tinha uma faca na mão, como Henry, que se colocara em pé, em frente à mãe, pronto para protegê-la, como Guillaume lhe pedira. Primeiro foram tomados por incredulidade, depois por alegria, quando Blackstone os abraçou. Henry ficou um passo atrás, permitindo que mãe e irmã recebessem o abraço afetuoso. Blackstone beijou as lágrimas no rosto da filha e limpou a sujeira de suas bochechas. Depois se virou para o filho, que aguardava, ansioso.

– Conheço essa faca – disse o cavaleiro. – Não foi a primeira vez que a apontaram para mim.

– Sinto muito, pai. Não sabia que era você – disse Henry, sem saber se o que o pai dissera fora uma reprimenda.

Blackstone sentiu uma vontade desesperada de abrir os braços e puxar o garoto para um abraço, mas, do jeito que o menino se portava, de olhos erguidos para encontrar os do pai, Thomas viu que à sua frente não estava mais uma criança. Por isso, estendeu a mão e tocou o filho no ombro.

– Você serviu muito bem a sua mãe e sua irmã. Estou muito orgulhoso de você, Henry – disse, gentilmente.

E viu que, para o menino, receber o elogio do pai era presente muito melhor do que qualquer outro que poderia ter ganhado.

Havia pouca comida, mas o bastante para aplacar a fome. A caverna estendia-se mais uns doze metros escuridão adentro, onde os cavalos foram amarrados num curral improvisado com galhos quebrados. A confiança de Blackstone em Guillaume fora mais do que recompensada. Ele trouxera a família dele até ali sem ferimento, garantindo que tivessem abrigo, comida e calor. Os próprios confortos do escudeiro, ele os negara, e a insistência em que escapassem salvara a família de Sir Thomas. As paredes da caverna de calcário absorviam o calor do fogo, por isso Blackstone instruiu o escudeiro a deixar que ele se apagasse naturalmente. Quando houvesse apenas brasa e calor das rochas ao redor das cinzas, não seria mais preciso montar guarda. Guillaume ficou relutante, mas Blackstone vira os arredores e, sem a luz aparecendo, ninguém ousaria arriscar-se pelo solo irregular sem um objetivo em vista. Guillaume assentiu, grato, a ordem de seu suserano. Ele foi até um ponto oposto à entrada e sentou-se contra a parede, com a espada ao lado, e finalmente cedeu à exaustão. Blackstone encontrou o conforto que pôde e abraçou Christiana, envolta no manto, enquanto Agnes aninhara-se debaixo do outro braço. O calor dos corpos dos cavalos e o alívio de estarem todos ilesos permitiu-os dormir.



No dia seguinte, viajaram por trilhas de cabritos, acompanhados por um vento instável que trazia uma chuva fria e irritante. Blackstone ia à frente, e Guillaume seguia na retaguarda, com Henry, Christiana e Agnes entre eles.

Não viram sinal algum de cavaleiros. Conforme desciam na floresta, a torre do sino do monastério com seu teto de ardósia ficou visível, empoleirada no escarpado. Parecia ter sido reforçada com seixos e pedras do rio, e talvez tivesse, no passado, oferecido um refúgio final a quem defendia a região.

Christiana avançou com seu cavalo para perto do marido.

– Thomas – disse, afastando o manto para mostrar Agnes aninhada junto ao peito da mãe.

Blackstone viu o rosto corado da filha. Estava dormindo, com os cachinhos úmidos colados no rosto mais por febre que por chuva. Ele estendeu a mão e tocou-a no rosto.

– Os monges têm remédios. Chegaremos lá quando escurecer.

Ele levou o grupo até a estrada que dava no monastério e os parou atrás de umas pedras.

– Devemos entrar logo – insistiu Christiana.

Blackstone acalmou a esposa.

– Preciso me certificar de que é seguro.

A angústia de Christiana estava evidente, mas ela conteve a censura que se ergueu até seus lábios. Blackstone seguiu adiante, tomando cuidado para manter-se longe da linha do horizonte. De onde estava, podia ver todo o monastério e o território da abadia de Saint-Antoine-de-la-Rivière. Monges de robe escuro realizavam suas atividades. Cada área servia a um propósito para o dia a dia deles, permitindo que vivessem de modo independente do mundo exterior. Estábulo, pátio, horta – cada recinto separado tinha três ou quatro monges trabalhando. Em um dos lados da trilha que dava no arco de entrada e depois na igreja e no claustro, havia cabras, ovelhas e vacas em cercados. Meia dúzia de construções de dois andares enfileirava-se de um lado da igreja, e o celeiro, o forno à lenha e as oficinas, do outro. Trinta monges ou mais e um abade deviam morar no monastério, sustentados pelo próprio trabalho e pela oração.

Guillaume parou ao lado de seu suserano.

– Existe um labirinto de corredores lá dentro. Entraria qualquer um que tentasse escapar. Não quero ser preso feito um rato numa cilada – disse Blackstone.

– O abade é obrigado a oferecer santuário e abrigo. Que poderiam nos fazer de mal?

Blackstone apontou para o monge que levava dois burros até o estábulo.

– Os monges não precisam daqueles ali – disse, referindo-se aos sete cavalos de aparência forte presos nas baias abertas. – Esperaremos até anoitecer para ver se há soldados lá embaixo.

– Devem pertencer a viajantes ou peregrinos – disse Guillaume, depois hesitou, duvidoso. – Agnes está piorando. Dá para ouvir os pulmões. Precisa de abrigo e comida, Sir Thomas. E de remédio.

Blackstone viu os monges deixando os jardins emparedados, o pátio e o estábulo, para reunirem-se na fonte, onde lavariam pés e mãos após os trabalhos. Guillaume apontou. Meia dúzia de homens saía dos alojamentos acima do estábulo. Eram homens comuns a quem foram dados abrigo e um colchão de palha.

– Cavaleiros menores – disse Guillaume. – E não pode haver mais do que seis. Não há mais cavalos.

– Onde está o sétimo? Não está com eles.

– Você feriu algum dos homens com quem lutou? Os outros devem tê-lo trazido para cá.

– Matei todos – disse Blackstone, vendo os homens seguirem até a capela, juntando-se aos monges. – E salteadores estariam com esses monges na ponta da espada. Não, são soldados.

– Ingleses ou franceses? – perguntou Guillaume.

Blackstone podia ouvir o respirar superficial e arenoso da filha.

– Vamos descobrir.



O padre, sentado perto do fogo, na biblioteca do monastério, fitava as chamas espiraladas. Vira pinturas de homens sendo lançados ao inferno, e não havia dúvida em sua mente de que, quando a sombra da morte sufocasse a humanidade, a maioria sentiria o abraço de Lúcifer. Exceto ele. Por não somente ter ele feito o trabalho de Deus, mas por ter servido a seu mestre temporal com devoção. Ele arrancou um piolho da cabeça. Essa espera

interminável seria uma provação até para a paciência do próprio são Benedito, sob cujos auspícios fora construído esse monastério, cujo abade agora lhe oferecia abrigo. Ele não concordava totalmente com os beneditinos, que empregavam horas do dia para trabalhar como homens comuns. Seus robes escuros conjuravam imagens de corvos atarefados ciscando o campo, em busca de comida. Era preciso manter uma hierarquia, motivo pelo qual sua ordem mantinha monges leigos para o serviço manual, enquanto o clero cuidava da liturgia e do bem-estar espiritual de todos os homens. Ou, no caso dele, dos nobres.

Ele lera o que havia de disponível na biblioteca pobre em conteúdo; seus manuscritos estavam ultrapassados, e a luz era ruim demais para ler bem, com as sombras constantes de nuvens baixas que lhe cansava os olhos. O tédio e a impaciência começavam a irritar como a aniagem da camisa de um penitente. Sua missão era de mais urgente importância, mas o clima ruim se assentara e tornara impossível viajar por tão traiçoeiras estradas. Inimigos escondidos poderiam emboscá-los, brotando da proteção da neblina e, por mais habilidosos que fossem os soldados que viajavam com ele, um ataque surpresa daria vantagem aos assaltantes. Ele não podia correr o risco de ser capturado. Morte ou resgate não eram opções.

Sandálias raspavam o piso dos corredores do sombrio monastério. O movimento indicava que era quase hora das vésperas. Tocou o sino. O padre suspirou, resignado, e juntou as dobras do hábito de cor pálida. Seria um sacrifício trocar o calor da biblioteca pelo frio penetrante da capela da abadia e submeter seus joelhos doloridos ao piso duro. Tocaram os carrilhões. Os beneditinos nunca ficavam satisfeitos. Já não tinham acrescentado uma missa extra ao longo do dia? Não seria indulgência permitir-se uma oração adicional? Seu estômago roncou; levaria ainda mais tempo para poder matar a fome. Um punhado de sofrimento poderia fazer Deus ficar com pena e recompensá-lo com uma brisa vinda do mar para dispersar a neblina e deixar que ele seguisse viagem. Havia mais em jogo do que devoção religiosa. Uma guerra estava para começar, e ele precisava de um dos milagres de Deus para transformar derrota em vitória. Deixando para trás o calor do fogo, o padre concluiu que um milagre talvez não bastasse.



Já estava escuro quando Blackstone alcançou as portas do monastério. Guillaume bateu nas portas pesadas com o punho da espada. Estavam encharcados, tremendo. Barulho nenhum veio do interior, as janelas permaneceram fechadas, e ninguém se aventurava a sair naquela noite horrível. Guillaume tornou a bater na porta, e então os dois ouviram o som de passos e viram o brilho fraco de uma vela quando o portão de pedestres foi aberto. Um monge que parecia ser tão velho quanto as próprias pedras ficou olhando, inseguro, para os dois homens, um deles ainda de espada na mão.

– Sir Thomas Blackstone e sua família buscam abrigo – disse-lhe Guillaume. – Estamos com uma criança doente.

O olhar do monge já tinha passado para Christiana e Henry, e ele viu a criança inconsciente nos braços da mãe. Ele deu um passo para trás e fez sinal para que o casal entrasse. Blackstone dirigiu-se a Henry.

– Fique com Guillaume e os cavalos. Alguém vai vir.

Eram lamentáveis as condições do menino encharcado e trêmulo, mas ele não reclamou e assentiu ao comando do pai.

Para alguém tão idoso, o monge porteiro movia-se rapidamente pelo monastério, tocando sua vela em lamparinas que iluminavam o caminho. Outra porta foi aberta, e os viajantes foram guiados para um cômodo vazio com um cubículo que servia de cama e uma pequena partição, como nicho de oração. O porteiro acendeu mais duas lamparinas na parede e gesticulou para que aguardassem. Os monges falavam somente após as orações do meio-dia, quando começava a rotina de trabalho manual. O monastério ficava em silêncio assim que o sino terminava de tocar.

O monge se afastou. Blackstone tomou Agnes de Christiana. A respiração da menina estava superficial e dificultosa. Ele a deitou no colchão de palha. Não havia nada a fazer senão esperar. Minutos depois, um homem mais velho, de báculo na mão – símbolo de ofício do abade –, entrou no cômodo com mais três monges. Eles mal olharam para Blackstone e Christiana e foram diretamente para Agnes. O abade acenou; enquanto um dos monges carregou a criança abatida para fora do cômodo, o outro foi com uma vela iluminar o trajeto pelos corredores escuros. Antes que Christiana pudesse

protestar, o velho falou com tranquilidade, com uma bondade suave na voz, como se o silêncio devesse ser rompido com a menor das intrusões:

– Sua filha será levada à enfermaria. Não temos irmãos doentes nem feridos, então você pode ficar com sua filha. Siga o irmão Gerard.

Christiana seguiu as sombras bruxuleantes lançadas pela luz da vela do monge que dali partira. O velho virou-se para Blackstone.

– Sou o abade Pierre. São bem-vindos para ficar em minha casa. Temos um lugar para peregrinos e pobres, mas estes alojamentos são reservados para pessoas de posição, como seu escudeiro e o pajem. O quarto ao lado é seu. São acomodações adequadas, milorde?

– Meu escudeiro e meu filho viajam comigo. O quarto é mais do que adequado. Fico muito grato por sua hospitalidade. Mas há soldados aqui.

– Não precisa preocupar-se com eles, Sir Thomas. Viajam como escolta para um irmão padre.

Blackstone lembrou-se da palavra dita pelo mercenário moribundo que ele matara no rio. *Padre*. Haveria ligação entre esses soldados e os mercenários contratados, afinal?

O abade passou para a porta.

– Arranjarei comida e bebida para seus companheiros, e estendo ao senhor o convite para jantar comigo e meu outro convidado em meus aposentos. Temos água quente, caso queira banhar-se. Arranjarei roupas limpas. Seus cavalos serão levados ao estábulo. O irmão Tobias aqui levará o senhor ao refeitório, e serviremos comida para sua esposa. Participará da missa conosco? – perguntou o abade, tendo visto o ídolo pagão no pescoço de Blackstone.

– Já interrompi as vésperas. Perdoe-me, mas a situação de minha filha é urgente.

O abade fez um gesto de decepção.

– Iremos à missa – disse Blackstone, determinado a não criar má impressão. A resposta foi satisfatória. Alguns guerreiros teriam recusado o convite.

– Então mandarei um dos irmãos vir buscá-lo. Por favor, informe seus companheiros de que é obrigatório que fiquem longe do conclave.

Blackstone não conhecia, como muitos, os rituais internos e a disciplina de um monastério. O abade percebeu a incompreensão.

– Os alojamentos dos irmãos, o claustro e os jardins. Já excedi nossas restrições por permitir que sua esposa e sua filha fossem tratadas na enfermaria.

– Com muito prazer, respeitaremos sua vontade, irmão Pierre.

O abade assentiu e virou-se para sair.

– Gostaria de tomar um banho, Sir Thomas?

A pergunta sutil não passou despercebida. Blackstone passara tempo demais em cima da sela.

– Seria muito bem-vindo – disse, concluindo que o anfitrião percebia seu cansaço.



Guillaume e Henry tiraram as selas dos cavalos. As orações da noite ainda estavam em progresso, e o segundo dos quatro salmos que seriam cantados ecoava pelo claustro sombrio. Com palha, escovaram os cavalos, quase sem enxergar nada com a luz fraca da vela, em seu anteparo de metal gasto. Quando terminou o canto, Henry já tinha desabado de exaustão no feno. Guillaume deixou que o menino dormisse e foi cuidar do cavalo intransigente de Blackstone. Um monge chegou e o ajudou a secar e alimentar os outros animais.

Enquanto o homem juntava feno, Guillaume, protegendo uma vela na mão, passou pelas outras baias, nas quais viu as montarias dos soldados. Eram cavalos melhores do que teriam cavaleiros comuns, de membros fortes e ferraduras boas – o tipo de montaria que um nobre concederia a seus favoritos, homens que teriam que cavalgar por longas distâncias e talvez lutar.



O convidado do abade, o padre, disse mais uma oração em agradecimento por sua autoridade e responsabilidade. Caso fosse um monge comum, estaria dormindo nos alojamentos, partilhando a latrina com outros trinta, e muito provavelmente recebendo somente passas e pão para comer. A obrigação da

hospitalidade para com pessoas de importância e posição significava refeições de carne de vaca e ave servidas com vinho espesso. Ele aguardava o abade, que certamente se atrasaria para o próprio jantar. Parecia ser um amigável embaixador de Cristo, mas distraído pelas responsabilidades diárias, que, sem dúvida, faziam o homem esquecer as coisas. Santo Deus, onde estaria o abade? O estômago do padre embrulhava-se, desejoso de nutrição. Finalmente ele escutou alguém passar pelo corredor. A porta abriu-se, e um monge acenou para que alguém que vinha logo atrás entrasse no quarto. Um guerreiro alto, de ombros largos, passou pela soleira e fez o padre esquecer a fome imediatamente. O homem de cicatriz no rosto parou na porta, esperando ver o abade Pierre, mas encontrando, no lugar, um padre que o encarava. Certamente era alguém de importância, dados os anéis que usava.

O bruxulear da luz das lamparinas era prova de que o monastério era um local frio, mas o padre não tremia por causa do ar gelado, mas pela visão do homem à sua frente, com sombras agitando-se sobre o rosto. Era o milagre de Deus que o atingia, tendo este respondido às suas orações. O caminho em frente estava mais do que claro. O padre fez o sinal da cruz e beijou o crucifixo pendurado em seu pescoço.

– Sou o padre Niccolò Torellini – disse.

– Sir Thomas Blackstone – o padre ouviu o guerreiro dizer, dando um passo à frente, e tomou na sua a mão imensa dele.

– Eu sei – disse ele. – Eu o segurei nos braços no campo de guerra de Crécy.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

A porta de um corredor que levava ao passado de Blackstone fora aberta e, como os corredores sombrios ao redor dele, a luz não mostrava tão claramente aonde ele iria parar. Godfrey de Harcourt lhe contara, no tempo em que se recuperava de seus ferimentos, que o príncipe de Gales chamara um padre para dar os últimos ritos ao jovem seriamente ferido. E agora esse padre estava à frente dele, contando a mesma história. Blackstone tinha apenas a lembrança de um crucifixo em chamas e anjos guerreiros esperando que ele cruzasse a divisória.

– Eu não sabia que você tinha sobrevivido, Sir Thomas – disse o padre Niccolò. – É uma bênção de Deus que o trouxe até aqui.

Blackstone não ofereceu explicação do que lhe acontecera nos dez anos que se passaram. Os homens de Deus enxergavam milagres onde o homem comum via apenas o desenrolar da sorte ou do azar. A vontade de Deus era incompreensível. Orações de batalha, em geral, não eram atendidas. Vai ver o Todo-poderoso não conseguia ouvir bem com o tilintar das armaduras e os gritos dos homens. Esse padre era um eco daqueles tempos. Coincidência – nada mais. Não havia por que enxergar um milagre no encontro. Blackstone procurava refúgio num monastério, e o padre fizera o mesmo.

– Preciso ver minha esposa e minha filha – disse Blackstone, querendo muito sair dali; incomodava-o o modo com que o padre parecia deter-lhe a alma.

Torellini assentiu.

– Você não pode, mas eu vou. Escute, por favor. Eu sirvo ao banqueiro florentino Rodolfo Bardi, que tem muito interesse no bem-estar do rei da Inglaterra e seu filho, o príncipe de Gales, cuja vida você salvou, e está agora em grande perigo. Fui enviado pelo rei Edward como mensageiro. Espere aqui. Quando eu retornar, explicarei melhor.

O padre acreditava que esse fragmento de informação manteria Blackstone aguardando seu retorno, mas, assim que saiu do refeitório, o inglês pegou uma lamparina e foi até o estábulo. Os monges conduziam as completas, as orações finais da noite, então os alojamentos estavam vazios, exceto pelos soldados, que roncavam. Blackstone acordou o homem mais próximo com um chute. Por instinto, o cavaleiro procurou a espada a seu lado, sobre o colchão de palha. Blackstone pisou na espada e derrubou o homem da cama. A vantagem era dele, apesar de que os homens já estavam de pé e levando as mãos às armas.

Blackstone recuou, sem querer ameaçar, e o gesto deixou clara a sua posição. Ele aguardou que o homem se recompusesse, o que este logo fez, agarrando a espada. Um dos outros deu um passo à frente.

– Sou o sargento desses homens. O que quer, milorde?

Os homens pareciam ser veteranos de combate. Abandonaram o sono rapidamente e estavam prontos para atacar qualquer intruso. Seriam ótimos guarda-costas para um padre indefeso viajando em missão tão vital.

– Sou Sir Thomas Blackstone – disse o inglês.

O sargento deixou claro que o conhecia só pelo olhar. Ele baixou a espada, e os demais o imitaram.

– Eu o conheço, milorde. Lutei ao lado de Cobham em Blanchetaque. Fui ferido no rio. Ficamos muito gratos aos arqueiros naquele dia. Meu nome é John Jacob; o que posso fazer por você?

– Estão escoltando o padre italiano. Por que vieram aqui?

– Era para velejarmos até Bordeaux para encontrar o exército do príncipe Edward. Mas o clima nos pegou antes que pudéssemos seguir adiante, rumo ao sul. Fomos lançados à margem. Perdemos quatro homens na tempestade. Faz dois dias que estamos aqui, esperando que a neblina se dissipe. O padre está angustiado.

Blackstone dirigiu-se a todos os homens.

– Ele tem motivo para tanto. O rei John tem homens em todo canto, a maioria mercenários, e domina boa parte das vilas e cidades. Terão dificuldade de encontrar o príncipe.

– Não temos escolha, milorde. Se o padre diz que temos de encontrar o príncipe, é o que faremos. São as ordens do rei.

– Sabe que notícias ele está levando?

– Somente o padre Niccolò sabe – respondeu o sargento. – Vai cavalgar conosco? – perguntou ele com esperança escancarada no tom de voz.

Um cavaleiro com a reputação e a destreza de Blackstone seria de grande valor junto a uma comitiva prestes a embarcar no que parecia ser um passeio de índio. Servir de ama de leite para um padre em um território hostil só poderia resultar em más consequências.

Blackstone fez que não.

– Tenho outros assuntos a resolver. Falarei com você antes de partir. Conheço bem estas terras.

– Ficamos agradecidos, milorde.

Blackstone cumprimentou-os e foi embora. Fazia tanto tempo assim que dormira junto de arqueiros grosseiros que lutavam como vassalos de um rei? A vida junto de Christiana e dos Harcourt abrandara os modos do inglês, mas ver esses ingleses a postos, beligerantes, prontos para o combate, atíçou-lhe uma lembrança. Sentia falta da camaradagem a ele negada agora que era líder desse tipo de gente.



Os corredores sombrios oprimiam Blackstone, na espera pelo retorno do padre. O ar parado, umedecido pela neblina lá de fora, fazia a roupa de baixo grudar na pele, fazendo-o desejar fugir desse confinamento. Agora que a família estava a salvo, ele preferiria atacar diretamente o inimigo. A doença da filha influenciava as emoções dele. A ideia de ver Christiana e as crianças caindo nas mãos dos inimigos endurecera uma já resoluta determinação, mas agora a menina jazia, imóvel e incapaz sob as garras da febre, e o inglês odiava-se por sua inabilidade de protegê-la. Ele viu o padre Niccolò caminhando em sua direção, com um manto de belo tecido inglês rodeado de pele sobre o hábito branco borrando a imagem do servo humilde de Deus. Blackstone não confiava em gente que professava humildade e fazia voto de pobreza. Frades mendicantes viviam do que tiravam de tigelas de esmolas;

outros membros do clero pareciam assegurar-se em autossuficiência e lucro. Raramente ele via o povo simples comparecer aos serviços da igreja. Parecia-lhe que cultos e batizados eram frequentados mais por nobres e ricos. Talvez o céu fosse igualmente dividido. Blackstone tentou visualizar as feições do banqueiro do rei inglês, Bardi. O nome fora mencionado quando invadiram pela primeira vez a Normandia e Blackstone entrara de fininho na cerimônia de ordenação do príncipe de Gales, naquela igreja normanda, mas o momento fora dominado pela presença do rei. Thomas nem se lembrava de ter visto o padre, nem seu mestre, mas Torellini, padre de traços delicados e mãos de mulher, fora enviado em missão pelo rei da Inglaterra – e isso somente já impunha respeito.

– Sua filha continua dormindo. Os monges cuidaram dela, e sua esposa está logo ao lado – disse-lhe o padre Niccolò.

Então, em um gesto inesperado de compaixão, ele tocou Blackstone no braço.

– Dizem que, se ela sobreviver até o amanhecer, ficará bem. Agora, deixemo-la nas mãos de Deus, para podermos conversar.

– Traga-a aqui – Blackstone disse abruptamente.

– O quê?

– Se ela está perto da morte, então ela e a mãe precisarão do conforto da família. Mande os monges trazerem-na para o meu quarto. Podem cuidar dela lá. Se ela sobreviver, escutarei o que você tem a dizer. Se não, sofreremos pela perda, e você seguirá com sua jornada, e eu com a minha. Pelo visto, está tudo nas mãos de Deus.

Padre Niccolò não viu alternativa a não ser fazer o que Blackstone pediu. Ele retornou à enfermaria. Seria preciso rezar mais. Seus joelhos estariam doloridos ao amanhecer.



Guillaume e Henry dormiam num cubículo adjacente, enquanto Blackstone e Christiana ficavam com Agnes, que fora deitada na cama arrumada para o cavaleiro. Os silenciosos monges iam e vinham a cada meia hora. Exausta, Christiana finalmente adormeceu. Thomas cobriu a esposa com um cobertor,

depois voltou a cuidar da filha. Ele molhava os lábios dela com água e mantinha os panos úmidos, trazidos pelos monges da fonte, sobre o corpo. A cada visita, o monge trazia outra poção de ervas. Blackstone aninhava a filha nos braços para que o outro lhe abrisse os lábios gentilmente e administrasse gotinhas do preparado na língua dela.

Com o passar das horas, a calmaria da noite foi perturbada pelos sinos que chamaram os monges para as orações da meia-noite. Ninguém acordou nos dois quartos; Blackstone continuou sozinho em sua vigília. A cadência sinistra dos hinos e cânticos monótonos dos monges ofereceu-lhe inesperado conforto. A noite demorava-se. Duas horas após o primeiro período de oração, outro sino tocou, tirando os monges das camas, levando-os à igreja. Blackstone não se mexera a noite toda, e quando soou o toque das matinas, junto à luz fraca que entrava pela janela, ele viu que a febre de Agnes cedera. A menina virou-se, dormindo; o pai removeu gentilmente os cachinhos da testa da filha e sentiu sua vida delicada respondendo ao toque. As orações matinais terminaram e, mais uma vez, o monge da enfermaria retornou para checar a paciente. Blackstone deixou o homem fazer o exame, e o monge sorriu para ele, depois fez o sinal da cruz. Deus guiara a mão dele para administrar as poções de cura.

Blackstone acordou Christiana e deixou que vertesse as lágrimas que uma mãe verteria ao saber que a filha sobrevivia, deu um beijo na filha e saiu do quarto. Tinha concordado de ir encontrar-se com o padre italiano.



Assim como o sopro de Deus acalmara a febre de Agnes, também o vento dissipara a neblina. Blackstone encontrou o padre seguindo os monges que saíam para os serviços da manhã. Sabendo que Torellini o vira, o inglês circundou as cercas dos animais e aguardou no topo de um morro, do qual podia ver o rio que percorria a paisagem lá embaixo. No horizonte, um raio fino de luz deitou-se feito a lâmina dourada de uma espada entre céu e terra, apenas para ser quase imediatamente escondido por nuvens mais baixas.

– Conte-me o que o rei Edward mandou fazer – disse ele.

Torellini pareceu confabular com os próprios pensamentos. O destino, guiado pela mão de Deus, achara adequado proteger a criança da morte, pondo, assim, Blackstone de volta ao serviço do rei.

– O exército do príncipe tem menos de seis mil homens; estão cansados depois de meses cavalgando por toda a França, mas esperam que o rei invada pela Normandia e pretendem encontrá-lo em Loire. O Duque de Lancaster chegou à Bretanha com dois mil homens. O exército francês seria surpreendido e esmagado entre três forças inglesas. Será a batalha para dominar a França, a com que Edward sempre sonhou.

Blackstone sentiu a proximidade da vitória sobre os franceses, como teria sentido o rei Edward.

– Godfrey de Harcourt foi a Edward garantir a lealdade da Normandia. O rei agora detém fortes em todo o norte. Não poderia haver momento melhor para invadir.

– Então não ouviu falar da morte de Godfrey? – disse o padre Niccolò.

Blackstone sentiu o estômago contrair-se. O velho cavaleiro estava morto?

– O que aconteceu?

– O rei Edward aceitou a aliança; ele retornou a seu castelo na Normandia e foi emboscado. Cortaram-no até morrer.

Uma emboscada. Seriam os responsáveis os mesmos assassinos cruéis que assolaram a casa de Blackstone? Fazia diferença saber quem o matara? Talvez sim, se fosse alguém que tinha prazer ao ver um homem morrer lentamente.

– Sabe algo mais?

– Não. Mas o rei Edward teme pelo príncipe. Pediu que orassem por ele.

Torellini fez silêncio, deixando as informações serem assimiladas. Um rei mandar capelães orarem por seus familiares era sinal raro de ansiedade.

Só podiam ser ruins as notícias que Torellini transportava.

– Então que notícias são essas, tão importantes? – perguntou Blackstone.

– Há navios inimigos no canal. O rei não pode vir. O príncipe está sozinho, apenas com Lancaster como reforço. É o rei da França quem tem vantagem. Tudo pelo que os ingleses lutaram todos esses anos pode ser perdido.

O rei francês prometera proteger seu povo da devastação dos ataques ingleses que varreram o sudoeste. Impostos tiveram de ser aumentados e, caso o rei não finalmente atacasse os mercenários ingleses, estaria indicando a desintegração de seu país. O rei John reunira o exército do norte em Loire; o Conde de Poitiers estava com o exército do sul no oeste.

Padre Niccolò abriu os braços num gesto de desesperança.

– O rei Edward tem muita influência italiana. A arte italiana adorna seus palácios, nossos médicos o atendem, ele compra nossa armadura, e o tecido inglês é usado por nossos tecelões. – O homem fitou Blackstone quase se desculpando. – Empregamos dinheiro no trono inglês. Fomos fiéis ao longo dos anos, mesmo em épocas difíceis, quando dívidas não foram pagas.

– A guerra está para estourar – disse Sir Thomas.

– A vitória beneficiará a todos nós – respondeu o padre.

Blackstone sabia que ele tinha razão. O soldado comum pilhava à ponta da espada para lucrar; os banqueiros pesavam as chances e apoiavam os que achavam que podiam ganhar. Quanto mais sangue era jorrado no campo de guerra, maior era o lucro dos banqueiros.

– Cavalgue e avise-o que ele está sozinho contra os franceses. A única saída é recuar para o sul, para Bordeaux. Mais tarde, será possível enviar uma tropa – disse o padre Niccolò.

– Quando?

O padre deu de ombros.

– O recuo pode estar já comprometido – disse Blackstone.

– Pode, sim.

– E então?

– O papa francês faria tudo o que pudesse para ajudar o rei francês. Seus cardeais tentarão pedir paz. O príncipe juntou muita riqueza; está ávido para mantê-la porque seu exército é fraco demais. Os franceses poderiam conseguir termos favoráveis.

– Acredita que o príncipe concordará em declarar paz? – disse Blackstone.

Padre Niccolò fez que sim.

– Claro. O exército dele não tem condições de lutar numa batalha maior, e o pai não quer ver o filho morto nem capturado ou sequestrado. O príncipe

Edward tem de tirar o melhor disso. Você precisa transmitir as vontades do rei.

Blackstone olhou ao redor, para o cobertor de árvores sobre os montes. Não fazia ideia do quanto o exército do príncipe estaria longe. Um mensageiro teria que viajar ligeiro por aquelas florestas, torcendo para não ser visto por batedores ou bandos franceses. O rei John estava fazendo uma tentativa final desesperada de recobrar a pose perante as vistas de seu povo. Estava falido. Os impostos poderiam ser elevados somente se o povo fosse protegido das incursões dos ingleses barbáricos, cujas depredações detonaram o interior do país. Esmagar os ingleses garantiria a lealdade do povo e silenciaria os críticos. A vingança perpetrada contra os conspiradores que apoiavam Charles de Navarre estava quase concluída. Somente Blackstone ainda vivia.

Torellini relatou o que informantes da corte francesa reportaram. Era o momento certo para o rei francês vencer. O ansioso rei, que suspeitava de traição vinda de todos os cantos, podia finalmente devolver a França ao posto, seu por direito, de maior reino da cristandade. Até mesmo os astrólogos reais previram uma mudança crucial de poder para a França. Encorajado por todos os sinais da vitória em potencial, John forçara um acordo com os milhares de nobres franceses, os quais trariam seus cavaleiros e soldados para lutar, de modo que não teriam mais o direito baronial de desertar o campo de batalha quando lhes fosse apazível. Pela primeira vez poderiam partir somente quando fosse decretada a vitória ou quando o rei permitisse. Um acordo firme acertado com uma nobreza motivada pela preocupação com o status pessoal e suas obrigações de honra, o que lhes conferia sua inegável coragem. Blackstone presenciara evidência suficiente disso quando os cavaleiros franceses não pararam de avançar contra a nuvem de flechas inglesas em Crécy.

– Então – perguntou Torellini –, vai partir para salvar seu príncipe?

Blackstone sabia que sua família ficaria a salvo sob a proteção de Torellini – ele representava não somente o poder da Igreja, mas a riqueza de Florença. Blackstone fez que sim.

– Vou. Mas o príncipe Edward não se renderá – disse ele.

Sabia que o príncipe leonino que ele um dia salvara adorava a guerra. Por sua vez, pleitear a paz com pilhagem e honra intactas era algo tentador para qualquer guerreiro. Blackstone lutara por seu rei e sofrera perdas e ferimentos, mas algo do espírito do pai sempre o sustentara: uma vontade beligerante e implacável de manter-se honrado perante aqueles que mereciam tal lealdade. O pai fora um arqueiro leal a seu suserano, como Blackstone fora a Sir Gilbert quando invadiram a Normandia, muitos anos antes. Lealdade entre os homens – era nisso que Killbere acreditava. Homens que lutavam lado a lado. O rei honrara Blackstone em Crécy, e o príncipe lhe honrara com seu brasão em Calais. Blackstone mantinha suas cidades em nome do rei. Era um inglês amparado por seus ancestrais: os fantasmas dos guerreiros que lhe negavam qualquer alternativa a ser aquilo que era. Não havia explicação simples para o que habitava o coração de Thomas; sabia que era um emaranhado de emoções que envolvia seus suseranos – o rei e seu filho –, sua família, seus amigos e a afeição duradoura que sentia por seus soldados. Fosse lá o nome que pudesse dar ao sentimento, ele tinha de ser honrado. Era preciso aplicar a vingança sobre aqueles que fizessem mal a qualquer uma dessas pessoas.

Edward não podia recuar. O padre oferecera ao cavaleiro um modo de vingar-se pessoalmente do monarca francês e seu assassino – e, para tanto, ele precisava de uma batalha.

– O príncipe não se renderá – tornou ele a dizer.



Tudo de que Agnes precisava agora era sono e nutrição. Christiana deu banho na filha e a alimentou, depois abriu as janelas e admirou a cercania do monastério. Guillaume e Henry não estavam no quarto adjacente. Satisfeita por Agnes estar dormindo e não precisar mais de vigilância constante, a mulher envolveu-se com o manto e saiu para o frio que agora soprava do norte. A movimentação dos visitantes pelo local era restrita; Christiana nem imaginava onde estariam Guillaume e Henry nem por que o marido ainda não retornara. Seus pensamentos voavam para além das muralhas do monastério. Era urgente que partissem assim que Agnes se recuperasse o bastante para

viajar. Mas aonde iria a família? Sua casa fora destruída, e ela não fazia ideia do destino que tivera Blanche de Harcourt desde que escapara de Rouen. Quantos teriam sobrevivido à vingança do rei? Tudo que sabia era que a vida que tiveram – tudo o que construíram – fora destruído.

Quando terminou de examinar as opções de bem-estar de sua família, Christiana já estava no estábulo. Guillaume selava e preparava o cavalo de guerra do marido dela, e Henry dava os ajustes finais nos cabrestos dos dois corcéis. O escudeiro virou-se para a dama, mas nada disse. Já sabia que haveria conflito entre seu mestre e a esposa.

– Onde está Sir Thomas? – perguntou ela.

– Está conversando com o padre, milady – respondeu o escudeiro, prendendo a espada limpa e polida de Blackstone no pito da sela.

Christiana seguiu o movimento com os olhos. O marido a estava deixando para lutar.

– Onde estão? – perguntou.

– Não sei – respondeu o rapaz. – Em algum lugar do monastério.

Christiana viu o filho desviar os olhos e mexer desnecessariamente no estribo de seu cavalo.

– Henry, vai cavalgar com Guillaume e seu pai?

– Sim, mãe – respondeu o menino, relutante, dividido entre a afeição pela mãe e a obediência ao pai.

Christiana saiu dali. O marido não podia abandonar a ela e a filha desse jeito.



Padre Niccolò Torellini tirou um anel do dedo e entregou a Blackstone.

– Tome isso e use como prova de que fala em meu lugar e sob as ordens do rei. No mundo de hoje, tudo depende de confiança. Homens podem ser comprados, e um mensageiro do rei pode ser morto – disse.

Os dedos do cavaleiro inglês eram grossos demais para aceitar o anel dourado de pedra vermelho-sangue. Torellini sorriu e deu uma bolsinha com cordão.

– Tome, use isto.

– Mostrar isso como símbolo não significa nada. Eu podia tê-lo matado na estrada e roubado – disse Blackstone.

– Verdade, mas, quando vir o príncipe, diga-lhe que ele estava presente quando o pai dele me deu e que a capela em que rezamos naquele dia tem uma ilustração de São Pedro. Ele saberá que fui eu que o enviei.

– Pode ser que eu cavalgue por muitos dias antes de encontrar o príncipe Edward. Talvez já seja tarde demais – disse Blackstone. – Aconteça o que acontecer, preciso de sua palavra de que minha esposa e minha filha estarão a salvo em Avignon.

– Você a tem. – O padre tomou-lhe o braço. – Quando estava deitado à minha frente em Crécy, eu vi o corpo de um garoto destruído pela guerra... nem mesmo os médicos achavam que você viveria. Agora, aqui está o homem remendado por um Deus generoso que lhe deu muita força para servir ao rei. Vá com Deus, Sir Thomas. Nos veremos em Avignon.

Blackstone captou movimento com o canto dos olhos. A mulher dos cabelos castanhos, com o vestido todo prensado contra o corpo por causa da brisa fria, saiu do estábulo e virou-se para ver o marido. Apesar dos cem passos que os separavam, ele pôde ver o brilho de raiva nos olhos dela.

– Padre, tenho mais um assunto a resolver antes de partir.

Torellini viu Christiana e compreendeu.

– Boa sorte.

– Com a minha esposa ou ao encontrar o príncipe?

– O que para você for o maior desafio, meu filho – disse ele.



Christiana viu Blackstone caminhar em sua direção acompanhado por um clérigo de hábito branco. Não era da mesma ordem dos que viviam no monastério, que agora se ocupavam de seu trabalho diário. Tinha pele macia, como a do povo espanhol. Dava dois passos para cada um de Blackstone, com as mãos agitadas pontuando o que dizia. Quando o inglês viu a esposa, ainda distante, ele parou. O padre assentiu a algo que Blackstone lhe dissera e saiu andando na direção da abadia. Blackstone continuou até chegar à esposa.

– Agnes está bem? – perguntou ele, preocupado.

– Está dormindo. Dizem que ela estará bem o suficiente para viajar em dois ou três dias. Quando você pretendia me contar que vai viajar? Vai nos abandonar agora?

Blackstone guiou a esposa para longe do edifício, sem querer que a explicação fosse dada dentro das paredes do portal nem que suas vozes fossem levadas pelo vento. A abadia lhes oferecia proteção, mas viajantes iam e vinham e, caso aparecessem estranhos por esses dias, ele não queria que seus planos fossem sussurrados por monges fofoqueiros em busca de aliviar-se da monotonia de cantarolar suas orações.

– Eu estava a caminho do quarto para falar com você – disse ele. – Houve muito que preparar desde as orações matinais.

Ele contou à esposa o que o padre Niccolò lhe relatara.

– Um único homem não pode salvar um exército – disse ela após ouvir tudo com atenção. – Você tentou salvar Jean e os outros, mas agora a questão está fora do seu alcance. Seu príncipe inglês tem que se defender com a ajuda de outros, não a sua. Você precisa encontrar um local seguro para a sua família; não há mais tarefa alguma para você. Fomos abençoados por Agnes ter sobrevivido; quer arriscar de novo a vida dela?

– Fiz um acordo com o padre italiano – disse ele. – Cavalgarei para dar o alerta ao príncipe Edward, e o padre Niccolò e sua escolta levarão vocês a um local seguro.

– Já estou em um local seguro. Quer que sejamos levadas a um convento? Acha que os homens que o estão caçando respeitarão freiras indefesas? Thomas, não há mais nada que você possa fazer para vingar Jean e os outros. Encontraremos uma nova casa juntos, começaremos de novo. Bastará seu nome para trazer homens para trabalhar com você – disse Christiana, tentando não chegar ao ponto de implorar.

Blackstone virou-se e viu os muros do monastério. Acima do tímpano arqueado da entrada do santuário, foram gravadas imagens do Julgamento Final. Anjos tocavam cornetas acima da figura de Cristo, de mão aberta em oração. Estaria ele recepcionando os corretos ou alertando para que se protegessem do mal que consume os homens? Os abençoados reuniam-se junto à mão direita dele, enquanto sob os pés a boca aberta de uma criatura

engolia os condenados. Gravuras de criaturas hominídeas amontoadas em sufocante proximidade, de boca aberta pelo terror de serem comidas vivas pelo diabo, fitaram o inglês.

O paraíso ou o inferno.

Era correr o risco de um pelo outro.

– O Duque de Lancaster está no lado norte de Loire. Jamais cruzará o campo para unir-se a Edward – disse ele.

Quantas vezes ele cavalgara com os Harcourt pelas planícies do norte e maravilhara-se com uma das maiores barreiras defensivas naturais? Os redemoinhos e as correntes de Loire podiam derrubar homens e cavalos. As forças inglesas batalharam para arranjar jeito de passar, todos aqueles anos antes de Crécy, mas agora seria impossível.

– O que não ocorre ao príncipe é que o rio será inundado pela chuva forte. Ele não tem reforços. E se ele se render ao rei John, nossa família jamais ficará em paz.

– Não se trata de salvar Edward, mas de aliviar a sua raiva. – Christiana ficou em silêncio por um momento, sabendo que era inútil tentar convencer o marido a ficar. – Que quer que nós façamos?

– Há um barqueiro que levará vocês e o padre, com o acompanhante dele, rio abaixo. Viajarão rápido e serão levados bem longe ao sul, evitando, assim, os homens que nos procuram. Depois ele os levará por estrada até Avignon.

– Avignon! O papa francês?

– Estarão seguras lá. O italiano tem influência. Eu me unirei a vocês quando os problemas forem resolvidos.

Christiana olhou bem para o rosto do marido, procurando algum significado escondido por detrás dos olhos dele.

– Quero encontrar o homem que torturou e matou o nosso povo – disse ele.
– Quero vê-lo morto. Eu lhe prometi isso.

– Não, não é só isso. Estamos muito ao sul para os homens de Marcy nos encontrarem. Estão cavalgando em outro lugar.

– Ou junto do rei para enfrentarem Edward.

O inglês usava o nome de Marcy para convencer a esposa, mas ela enxergava através dele. Christiana prendeu a respiração. Como conhecia bem

o marido!

– Não, Thomas. É o rei quem você realmente quer. E o matarão antes mesmo que chegue perto dele.

– Ele assassinou Jean, retalhou-o até morrer, não deixou que se confessasse. Meu amigo merecia uma morte melhor, e jurei vingá-lo. Esse maldito rei francês soltou o Padre Selvagem, que esfolou William e crucificou o velho Hugh e chacinou a nossa gente. A minha gente! Quero que ambos sintam a Espada do Lobo perpassar-lhes o coração.

– Não pode nos abandonar agora. Maldito seja – ela sussurrou. – Maldito seja. Temos tudo de que precisamos contanto que estejamos juntos com as crianças. Você é um tolo, Thomas. Não há mais glória pela qual lutar. Você só tem a nós. – Ela esperou que ele dissesse algo, que a censurasse por desafiá-lo. Depois o tocou na cicatriz. – Você testou bastante a paciência de Deus. Barganhou com ele mais do que deveria. Dessa vez, ele o levará. Vai me deixar viúva para ter que implorar munida da força do seu nome.

– Portanto, nunca passarão fome – disse ele, injuriado pela esposa ter se afastado quando ele precisava do seu abraço.

– Não vou deixar que leve o Henry.

– Você o teve por sete anos. Ensinou a ler e escrever, deu-lhe o que uma criança precisa...

– Ele ainda é uma criança!

– Só para você! Já fez nove anos! Ele tem que aprender sobre a guerra, Christiana. Já quebrei a tradição mantendo-o comigo. A essa altura, ele deveria estar com outra família, trabalhando como pajem. Ele tem que aprender. Melhor que o faça sob a minha proteção.

– Não. Ele vai ficar comigo e Agnes. Já provou que tem coragem. Ele vai ficar conosco, Thomas, falo sério. Não deixarei que seja arrastado para uma chacina. Ele ainda há de ver muita morte na vida, mas não permitirei que seja sacrificado em prol da sua vingança.

Blackstone abafou a raiva crescente que ameaçava inflamar a discussão. Lágrimas desafiadoras juntavam-se nos olhos de Christiana.

– Vamos nos separar brigados, Christiana. Não queria isso.

– Então deixe Henry comigo.

– Isso é chantagem.
– Faço isso apenas porque o meu amor não basta.
Com essa, ela acabou com a resistência do cavaleiro.
– Com uma luva de veludo você brande uma clava. Sempre acabo cedendo
– disse ele.
– Somente quando sabe que tenho razão.
– O que parece ser mais frequente do que o oposto. O menino pode ficar.
Ela se aproximou dele, e ele a abraçou. Blackstone sentiu a fragrância de sabão de rosmarinho por ela usado para lavar os cabelos e o calor daquela pele macia quando lhe beijou o pescoço.
Paraíso ou inferno.



Quando os sinos soaram a sexta, o sol do meio-dia estava apenas um brilho promissor por trás das nuvens. Blackstone e Guillaume desciam o escarpado, na borda da mata. O escudeiro olhou para o monastério no qual, pelo menos por curto tempo, ficaram a salvo. Blackstone conversara com os soldados ingleses que escoltavam o padre italiano e lhes ofereceu dinheiro para que protegessem Christiana e as crianças dali em diante.

– Estamos a serviço do rei, Sir Thomas – dissera o sargento. – E nossas ordens são para entregarmos o padre ao príncipe Edward. Não há nada sobre irmos para Avignon. Vê como isso torna difícil para que honremos seu pedido.

– Eu concordei em tirar do padre Niccolò a responsabilidade, por isso cavalgarei até o príncipe, e a informação que tenho para ele é vital. O padre levará minha família ao papa. Ninguém os atacará lá. Se eu deixar este monastério e seguir meu caminho, vocês serão mortos antes do anoitecer. A floresta e o vale estão lotados de franceses e dos que eles pagam para nos caçar e matar. Cambalearão feito cegos na batalha. Seguindo minhas instruções, chegarão a local seguro e terão o prazer das putas de Avignon.

Blackstone jogou um saco de moedas para o sargento, que sentiu o peso na mão. E olhou para os demais.

– Pegue o dinheiro – disse um deles. – Os assuntos do rei serão resolvidos. Não faz diferença quem levará a mensagem ao príncipe. É um acordo justo.

– Quando chegarem a Avignon, padre Niccolò os recompensará com outro pagamento. E eu ficarei em dívida com todos – disse-lhes Blackstone.

Um dos soldados resmungou e cuspiu.

– Milorde, se o que diz é verdade, há muito mais chance de o senhor acabar vivendo como rato no canil.

O sargento foi para cima do soldado.

– Quietos, Rudd. Sir Thomas está certo. Um homem que conhece o terreno pode atravessá-lo melhor do que nós, cavalgando com o italiano. E, se fosse apostar, apostaria nele. – O sargento jogou o dinheiro de volta para Blackstone. – Ficaremos com o pagamento do padre, Sir Thomas. Ter laços com o senhor vale mais do que um punhado de moedas.

Rudd rosnou:

– Estamos nessa também! Não cabe a você responder! Pegue o dinheiro!

Sem aviso, o sargento derrubou o homem na porrada.

– Você faz como eu ordenar, seu filho da puta, ou corto-lhe os tendões e o deixo na floresta para se virar sozinho!

Ele se dirigiu a Blackstone.

– Deixe o padre e sua família conosco. E, quando chegar a Avignon, saberá onde nos encontrar.

Blackstone fitou os outros. Todos concordaram. O homem caído ficou de pé.

Negócio fechado.



Guillaume voltou-se para a estrada à frente. Blackstone não olhara para trás. Muitos quilômetros adiante, os dois se separaram. Thomas desenhara um mapa na terra.

– Leve a notícia às cidades. Deixe metade dos homens, os que têm mulheres e filhos... eles terão mais pelo que lutar. E junte os demais. Encontre-me em algum lugar por aqui – disse ele, apontando para um risco que representava o rio que corria ao norte da cidade emparedada de Poitiers. – O Conde de

Poitiers está com exército no oeste e seguirá para o sul com o rei John. Tenho que alcançar Edward. Se chegarem atrás dele, ele não terá aonde ir e será esmagado pelos franceses. Sua única chance de escapar será se rendendo.

– Os ingleses serão forçados a viajar muito rápido. As carroças estão carregadas de meses de pilhagem. Quanto tempo levará até que sejam encurralados? – perguntou Guillaume.

– Provavelmente não mais do que dois ou três dias.

– E se o senhor não estiver lá, o que eu faço?

Blackstone subiu na sela.

– Atenda o príncipe, depois cavalgue para Avignon. Eu estarei morto.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

Blackstone seguiu um caminho pelo campo que tinha guardado na memória. Pontos de referência eram poucos e distantes, mas o relevo do terreno e os ventos reinantes o ajudavam a definir a direção. Ao final do primeiro dia, ele tinha cruzado trilhas na floresta e negociado seu trajeto por sobre um rio de fluir ligeiro. Ao cair da noite, todo encharcado e anestesiado de frio, o inglês cavalgou o máximo que a luz minguante permitiu, depois enrolou as rédeas no punho e dormiu de costas para um tronco de árvore e o escudo sobre o corpo. Acordou antes do amanhecer quando a brisa mudou de direção e trouxe um cheiro de fumaça para o meio das árvores. Homens tinham entrado na floresta durante a noite, mas havia pouca fumaça, o que significava que estavam distantes. Ele prestou atenção, mas não ouviu som algum: nada de vozes desapontadas reclamando do frio ou do solo duro no qual dormiam.

Sir Thomas foi levando o cavalo, tateando com a ponta da espada para saber por onde avançar no escuro, cutucando as árvores como um pedinte cego. Quando alcançou campo aberto, viu os pontinhos de luz distantes de meia dúzia de fogueiras espalhadas pela paisagem, manchinhas avermelhadas soltando fumaça fina no ar parado da madrugada.

Ele se perguntou se Guillaume alcançaria as cidades distantes nas quais seus homens aguardavam suas ordens. Se os franceses tivessem grupos de batedores espalhados pela terra, nem ele nem seu escudeiro conseguiriam passar, a não ser que os deuses sorrissem ou Arianrhod cobrisse a jornada deles com suas asas macias. Num momento em que tudo o que ele mais queria era uma brisa matinal, a terra toda fora varrida por uma brisa fresca, permitindo que se enxergasse em quilômetros.

As fogueiras a leste eram as mais distantes, e o solo irregular, com suas goelas entre o inglês e aqueles homens, atrapalharia qualquer aproximação. Contudo, os que estavam mais perto – de cujas fogueiras ele sentia o cheiro

no ar úmido, embora não as visse – eram os mais perigosos. Até que ponto ele poderia cavalgar sem que encontrassem com ele? Os membros dos homens estariam rijos e estariam todos muito lentos nas reações, ainda grogues da noite de sono. Era a hora certa para arriscar-se. Thomas juntou as rédeas e esporeou o cavalo. Cavalgar lentamente, com cuidado, poderia atrair um ataque súbito, inesperado. Se ele cavalgasse a todo vapor, a batida dos cascos do cavalo provavelmente alertaria alguns dos homens, mas pelo menos ele teria o impulso para deixar qualquer perseguidor comendo poeira.



Não havia trilhas nos amplos prados nem sinal de homens trabalhando nos campos. Blackstone sabia que havia aldeões espalhados pelos morros, porém tinham sido afugentados por brigadas de mercenários ou ficaram sabendo da boca dos viajantes na estrada ou de Poitiers que os ingleses estavam perto. A maioria na área era leal ao rei John; Blackstone sabia que não lhe concederiam abrigo.

Assim que cruzou a planície aberta, parou o cavalo na borda de outra mata. Desmontou, levou o cavalo para dentro do denso matagal, depois o amarrou por ali e retornou à beirada da floresta. Ali, teve uma visão clara do vale, até as encostas, e da floresta pela qual viajara. Não demorou muito para avistar cavaleiros ao longe – meia dúzia, mais ou menos – descendo pela trilha e depois trotando ao seguir um homem que parecia investigar a trilha mais à frente. Esse homem parou o grupo e apontou para os rastros de Blackstone. Pelo galopar que tinham escutado, sabiam que o cavaleiro não buscava o conforto de uma fogueira. E quem se arriscaria para evitá-los? Um mensageiro inglês o faria, e seria um prêmio valoroso se capturado. Os cavaleiros olharam para a floresta, perto da qual Blackstone, sem nem perceber, recuou um passo entre os arbustos. Um dos cavaleiros, o que parecia estar no comando, ergueu-se nos estribos e brandiu o braço da espada num arco amplo, evidentemente fazendo sinal. Devia haver outro grupo de homens do lado do vale no qual estava Blackstone. Os cavaleiros viraram os cavalos para a campina e avançaram nessa direção.

Blackstone enfiou-se entre as árvores. Galhos brotavam da porção inferior dos troncos – eles cortariam o rosto do homem que tentasse passar cavalcando por ali. Ele foi levando o cavalo e abrindo caminho com a espada, adentrando cada vez mais a floresta. Com sorte, os homens se demorariam pela mesma dificuldade, mas ele tinha que ganhar vantagem antes que os perseguidores entrassem na mata e escutassem os talhos da espada. Blackstone redobrou seus esforços, desesperado para não ficar encurralado em tão pequena arena de combate. Feixes de luz subitamente penetraram o toldo de folhagem. O vento afastara as nuvens matinais, mostrando o caminho até uma trilha feita por lenhadores e carvoeiros de uma das vilas próximas. Blackstone subiu na sela e parou para ouvir. Ouviu o crepitar de galhos secos pisoteados pelos cascos dos cavalos e uns palavrões abafados. Os cavaleiros ainda não tinham desmontado e tentavam abrir caminho no labirinto.

Assim que sentiu o conforto breve de estar com vantagem, o inglês escutou um grito entusiasmado. Um dos homens já estava na trilha, poucas centenas de passos atrás de Sir Thomas. Alguns deviam ter encontrado caminho mais fácil para atravessar a floresta. O homem berrou de novo, informando aos outros que encontrara a presa.

Blackstone esporeou seu cavalo e desembestou pela trilha. Após coisa de meia légua, ela ficou mais ampla, ladeada por grama e flores silvestres misturadas a um emaranhado de árvores baixas. O cavalo sobrepujou facilmente a vegetação quando seu cavaleiro o puxou da trilha, mergulhando de volta na floresta. Homens andaram trabalhando nessa porção da mata, que estava menos densa, permitindo ao inglês manobrar bem o cavalo por ali. Era preciso encontrar outra trilha de lenhadores antes de ser encurralado. Se houvesse besteiros entre os perseguidores, poderiam derrubá-lo e tê-lo à sua mercê.

Novas vozes iam e vinham, na floresta, atrás dele e em um dos lados. Os inimigos haviam se separado para continuar as buscas e chamavam uns aos outros para que a varredura fosse ampla e minuciosa. O primeiro que encontrasse Blackstone convocaria os demais. Ele ficou prestando atenção nos ruídos do progresso dos inimigos ao seu redor. Estavam mais perto. Ele

se inclinou na sela e pousou a mão no rosto do cavalo. Fique calmo, fique calmo, sussurrou em pensamentos. Um homem apareceu trinta passos à esquerda, inclinando-se sobre o pito da sela ao esquivar-se de um galho mais baixo.

O homem fixou os olhos em Blackstone por um ou dois segundos, mas não viu movimento, portanto a mirada não lhe rendeu nada, e ele seguiu adiante. Blackstone virou-se ao ouvir outro cavaleiro aproximar-se. O homem serpenteava entre as árvores, gingando para um lado e outro ao desviar de galhos e ramos caídos; vinha de cabeça baixa, tendo que guiar o cavalo pela vegetação rasteira que cobria o solo da floresta. Estava a dez passos; se erguesse o rosto, veria Blackstone. Outra voz chamou atrás desse homem, que se virou para essa direção, oposta à do inglês. As vozes silenciaram, e pôde-se ouvir somente um vago esmagar de gravetos. Blackstone incitou seu imenso cavalo adiante, embora soubesse que o som de suas passadas poderia ser ouvido pelos perseguidores – torcia para que os cavaleiros achassem que o cavaleiro que se movia tão perto deles era um dos seus. Rarearam as árvores, uma trilha apresentou-se, e ele urgiu o cavalo à frente.

Poucas centenas de metros à frente, Blackstone perdeu a vantagem. A trilha abriu-se numa clareira – um acampamento de lenhadores abandonado, contendo diversos pontos de fogueira.

Blackstone conteve o cavalo. As sombras da floresta passaram das árvores para a clareira. Era o segundo grupo de cavaleiros. Os soldados urgiram suas montarias adiante, depois pararam. Atrás de si, o mesmo movimento indicou a Sir Thomas que ele estava cercado. Ele olhou para trás. Dez homens aguardavam, transmitindo a ansiedade para suas montarias: queriam matá-lo, mas hesitavam. Dez atrás, dez à frente. Nenhum besteiro. Alguns tinham armadura, outros, cota de malha, alguns pouco mais do que uma túnica de cavaleiro. Vinte homens. Grupo de batedores de um bando maior? Que estaria onde? Ou eram salteadores – um bando de saqueadores itinerantes? Seriam esses os homens que atacaram a casa dele e assassinaram seu povo? Blackstone não se mexia. Se o atacassem com urgência, ele não sobreviveria. A postura indicava que estavam confiantes, certos de que um único homem não lhes poderia ferir.

A trilha à frente, a única saída da clareira, estava bloqueada por seis homens, três atrás de três. A formação dos demais fora determinada pelo espaço entre as árvores. Ele sentiu o corpanzil do cavalo enfrentar a ordem das rédeas, recuando para trás, acumulando energia, esperando pelo comando do cavaleiro.

À direita, além dos homens, a floresta ofereceria um refúgio tentador, mas, quando conseguisse passar pelos soldados e tropicar por entre os galhos, estaria mais vulnerável que a salvo – e isso supondo que conseguiria abrir caminho pelo contingente considerável de homens.

Havia melhor opção. Poderia fingir para a direita, atraindo os homens da primeira fila do grupo da trilha, e atacar os três de trás. As montarias destes eram fracas, palafreiros; a força de seu cavalo daria ao inglês a vantagem da impulsão. Os soldados que o rodeavam hesitariam tempo suficiente para que ele matasse pelo menos dois deles, e então a trilha adiante estaria livre. Daria para deixá-los para trás.

Ele juntou as rédeas, manteve baixa a Espada do Lobo, pronta para rasgar o pescoço desprotegido do cavalo do primeiro homem. Seguia sempre uma regra simples na batalha: infligir o máximo de violência no inimigo no menor tempo possível. Meter medo nos oponentes era uma arma tão potente quanto seus golpes de espada.

Abaixo de si, o cavalo também juntava suas forças.

– Passamos muitas noites frias procurando você. Encontramos os outros perto do rio – disse um dos homens bem à frente.

Blackstone não respondeu.

– Está em busca do homem que ordenou a chacina no seu solar? – perguntou o homem.

Blackstone aliviou a pressão dos joelhos nos flancos do cavalo, que sapateava sem sair do lugar. Foi preciso acalmá-lo.

– Vocês estavam lá? – perguntou Blackstone.

– Estávamos – respondeu o homem, olhando para os outros com um sorriso decadente que confirmava o prazer que tiveram no evento. – Os aldeões disseram que você os governava pelo medo. Não tiveram escolha senão

obedecer você, por medo de morrer. Bom, e morreram mesmo. Tanto faz. Não nos interessavam. Queríamos você e sua família.

– E agora me encontraram.

Blackstone esperou. Os homens ainda não avançavam, cautelosos por saberem com quem lidavam.

– Vocês os destruíram. Não bastou matar... Foi isso que o rei John ordenou?

– O rei John queria você morto, e o pagamento foi generoso, mas Lorde de Marcy é nosso mestre e queria causar mais dor. – O homem hesitou, depois colocou mais maldade na voz. – Sua reputação vai muito além, Sir Thomas, e achamos que ele nos pagaria mais se o levássemos vivo e ele tivesse o prazer de torturá-lo pessoalmente. Ele gosta de pagar por coisas que valem a pena.

Salteadores. Mercenários. Ingleses, alemães, gascões – homens de diversas posições, todos ex-soldados, todos aceitando pagamento de um capitão experiente que lhes prometia pilhagem e estupro. Nada diferentes de metade da escória que Blackstone contratara quando tomava cidades em nome de Edward, rei da Inglaterra, e em nome de Thomas Blackstone, embora não permitisse que matassem mulheres e crianças. Era decreto em geral relegado como punição bruta para os que desobedeciam.

– Para poder me crucificar? – disse Blackstone.

Os homens riram.

– Foi uma bela diversão a que tivemos com seu velho corcunda, milorde. Ele berrou feito um porco quando o castramos. Só as suas bolas já valeriam a pena. O que vai ser? Quer viver? Um garanhão castrado ainda tem seu uso.

– Vinte contra um. Não tenho escolha – respondeu Blackstone.

Ele manobrou o cavalo, pondo-o bem de frente para o bloco de seis homens. Abriria um rombo entre eles, e esse maldito de boca suja seria o primeiro a sentir a agonia do talho da Espada do Lobo.

E então Blackstone reparou que estava encurralado.

Tinha uma boa visão da trilha. Reta feito flecha, cruzava a floresta por uns quinhentos metros. Contudo, bem ao longe, ele viu outros homens vindo, correndo, e atrás deles um cavaleiro. A rota de fuga estava bloqueada.

Os homens avançaram em passo rápido e pararam a cerca de trezentos metros do inglês. Os cavaleiros atrás dele ergueram-se nos estribos. Um deles ergueu a espada em saudação.

– Nós o pegamos! – gritou ele.

Blackstone viu o céu ser riscado por uma dúzia de mísseis escuros em um arco amplo sob as nuvens. Ele sabia que, logo em seguida, ouviria o suspiro sussurrante e nem ousou se mexer. Não era ele o alvo. Os que vinham na trilha eram arqueiros ingleses. Oito homens tombaram; os cavalos relincharam quando as flechas os fincaram. Confusão e descrença desfizeram as formações inimigas.

Sir Thomas esporeou seu cavalo três passadas à frente e passou a espada na coxa do oponente. Com a força do golpe e o fio da lâmina, músculo e osso foram cindidos. O golpe fora aplicado deliberadamente para incapacitar o homem. Ele detinha informação de que Blackstone precisava. O homem caiu feito uma pedra; seu corpo desatou em espasmos, enquanto ele segurava o que lhe restara da perna com as duas mãos. Os berros dele afugentaram gralhas e corvos dos galhos, na cacofonia de um coral dos infernos.

Blackstone meteu seu cavalo contra outro, cujo cavaleiro caiu antes mesmo de receber o golpe; um terceiro salteador, cujo pânico atrapalhou os movimentos, acertou Blackstone no ombro com a ponta da espada. A cota de malha absorveu o impacto. O inglês puxou as rédeas para ficar de frente para o atacante. Antes que ele pudesse dar outro golpe, uma flecha de um metro de comprimento acertou-o em cheio no peito. Os homens da trilha estavam ainda mais perto. O cavaleiro desconhecido da trilha chegou galopando, com a espada erguida para matar um dos atacantes de Blackstone, cujo cavalo disparara na direção dos soldados que se aproximavam. Os salteadores sobreviventes enfiaram-se na floresta para escapar das flechas.

A vítima do inglês jazia na terra batida, tremendo pela perda de sangue, desesperadamente, tentando amarrar a perna serrada e estancar o sangue com o cinto. Ele tinha vomitado, mas o fedor e a sujeira não causavam impressão alguma em Blackstone, que desmontou e deitou a lâmina na garganta do homem.

– Onde está Marcy?

– Salve-me, lorde Blackstone. Sele o ferimento. Aqueça a lâmina e sele o ferimento. Eu imploro.

O outro cavaleiro apareceu e viu Blackstone perante o ferido. Seu visor ainda estava abaixado, e seu escudo castigado por anos de batalha obscurecia ainda mais seu brasão. Blackstone mal olhou para ele. Os arqueiros finalmente chegaram à clareira. Eles também não eram ameaça para Thomas.

– Diga-me onde ele está e acenderei uma fogueira para selar o ferimento. Terá chance de viver – disse ele ao homem ofegante.

– Dá sua palavra?

– Tem a minha palavra.

– Ele cavalga junto do exército do rei John. Ao lado do próprio rei.

Blackstone não tinha ciência de que o exército francês já estava tão avançado assim para o sul.

– Como o reconheerei?

– Ele tem o rosto de um defunto. Os olhos são negros como o fundo do braseiro, tanto quanto o escudo e a flâmula. E não tem metade de um dedo.

Uma lembrança incompleta borboleteou na mente de Blackstone. Quando era arqueiro, Caen caíra, e ele procurara pelas ruas lavadas a sangue pelo irmão quando deu com um padre que roubava dos mortos. Ele o prensou na porta de uma igreja e ficou tão perto, que um sentia o hálito do outro. Na luta, acabou cortando fora um dos dedos do padre. Seria esse? Os deuses da guerra pregavam peças das mais cruéis.

– É um clérigo?

O homem fez que sim.

– Já foi. Chamavam-no de “le Prêtre sanguinaire”.

Blackstone meteu a espada na garganta do homem.

O cavaleiro conteve sua montaria enquanto o homem se contorcia.

– É isso que significa a sua palavra? – perguntou.

Blackstone liberou a espada e juntou as rédeas do cavalo, pronto para enfrentar mais um desafio.

– Depende de para quem eu a dou. Assassinos desprezíveis têm o que merecem.

O cavaleiro ergueu o visor do elmo. Blackstone recuou um passo.

– Você é um vira-lata horroroso, Thomas, e luta como um. Santo Jesus na cruz! Pensei que nunca mais fosse vê-lo. Pensei que tivesse morrido anos atrás em Crécy – disse Sir Gilbert Killbere e desceu para abraçar Blackstone.



O grupo de Killbere estava em busca das forças francesas. O príncipe Edward estava desesperado para saber a direção pela qual o exército do rei John se aproximaria, mas Sir Gilbert encontrara apenas bandos espalhados de soldados que fugiam para as florestas quando viam os arqueiros. Reunidos os arqueiros em suas montarias, Killbere os guiou pelo campo. Levariam três horas para alcançar a força principal do príncipe Edward. Blackstone falou brevemente de sua missão de encontrar o príncipe, mas não mencionou a mensagem que tinha de entregar.

– Não confia em mim? – Killbere grunhiu, irritado. – Em mim? Santa mãe de Deus, Thomas, eu o coloquei debaixo da asa!

– Vou aguardar, milorde.

– Milorde? Thomas, agora somos iguais, homem. Pelo menos se dirija a mim pelo meu nome! Divida o peso comigo. Qual é a mensagem? Se seu cavalo tropeçar e você quebrar o pescoço, vou precisar saber.

– Esse cavalo nunca tropeça, milorde.

Blackstone sorriu, feliz por, após todos esses anos, poder cavalgar ao lado de Killbere, amigos e iguais, e provocar o velho guerreiro sem ser vítima de um safanão na orelha.

– Você é tão teimoso quanto robusto! – rosnou Killbere. – Melhor conversar com o traseiro de um porco aos peidos.

Blackstone encerrou o assunto contando a Sir Gilbert os eventos de sua vida desde Crécy. Apaziguado, o geralmente reticente Killbere contou a Blackstone tudo que ele não teria como ter sabido que ocorrera nos dez anos anteriores na Inglaterra. Lorde Marlton morrera, Chandler, o capataz, ficara com a terra de Blackstone, como prometido, mas, meses depois de Crécy, ele foi encontrado, como Killbere um dia previra, fora de uma taverna com a garganta cortada.

– Lorde Marldon nunca se esquecia dos que o traíam, como fizera Chandler ao entregar seu irmão ao xerife – disse Sir Gilbert.

Blackstone sacudiu a cabeça.

– Mal me lembro dessas coisas. Era um menino. Ríamos de tudo nessa época.

– Ainda é possível rir numa taverna, tomando cerveja, com a mão de uma puta no meio das pernas. Santo Deus, quem é que se lembra de alguma coisa hoje em dia? Lutamos por um rei e pelo dinheiro que ele oferece. A vida é simples, Thomas. Eu sempre disse que você pensa demais. Um soldado precisa de sorte quando luta. E você, você tem a mão de Deus no ombro, seu sortudo maldito. Olhe só para você!

Blackstone tocou o medalhão de prata de sua protetora em seu pescoço.

– Estou sendo caçado. Minha família também. Jean de Harcourt e seus amigos morreram sob o machado. Foram traídos.

– Sabe por quem?

Blackstone fez que sim.

– Eu o matei.

– Quer dizer então que a espada de um inglês continua sendo o anjo vingador de Deus?

– É religioso agora?

– A religião me encontrou. Debaixo daquele maldito cavalo de guerra em Crécy. Desafiei Deus a me deixar viver com a promessa de que mataria todos aqueles que fossem contra meu rei divino. Pareceu ser bom o negócio, para o Senhor e para mim. Edward tem um monte de inimigos.

Blackstone lembrou-se do borrão que fora o tumultuado conflito e de Sir Gilbert caindo debaixo do cavalo de guerra de um cavaleiro francês.

– Achava que você tinha morrido nesse dia.

– A chuva e o solo enlameado me salvaram – disse Sir Gilbert. – Os cavalos franceses chafurdaram aquele campo melhor do que gado de carga. Quebrei a perna e umas costelas, mas me tiraram inconsciente de debaixo do animal. Tinha dois cavaleiros sequestrados, e o rei os comprou de mim. – Ele cuspiu e sorveu vinho de um odre. – Por quanto tempo um homem consegue guardar dinheiro hoje em dia? Comprei um terreninho perto do de Lorde Marldon,

mas me entediei de bater nos aldeões por não cuidarem da terra. Não sou fazendeiro, sou soldado. Além disso, perdi tudo no jogo.

– E os outros? – perguntou Blackstone.

– Elfred está vivo. Ganhou dinheiro suficiente na pilhagem para comprar homens para si. Will Longdon está com ele. Elfred agora é capitão e tem cem arqueiros sob seu comando.

As lembranças de Blackstone dos antigos camaradas com quem servira como arqueiro foram reanimadas.

– Estão por perto?

– Ele está servindo o príncipe Edward. Começou quando as incursões chegaram aqui. Juro: Edward é mais feroz que o pai. Queimamos e saqueamos toda maldita cidade e vila pelo caminho por quase um ano. Aposto que ele arrastaria nossos traseiros por toda a França pelos próximos dez anos se o rei quisesse, mas não pode... não mais. O rei John acordou. Está caçando. Estamos fugindo. Graças a Deus, Lancaster está a caminho.

Blackstone ficou em silêncio. Um exército exausto precisava de esperança, e sua mensagem estava para arrancá-la deles tão duramente quanto aquele padre maldito arrancara o coração de seu servo na Normandia. O passado de Blackstone finalmente o alcançara. Não existia o que chamam de acaso; era o destino quem o trazia de volta aos ingleses. Agora uma criatura que encontrara em um breve momento no passado, que na época era pouco mais do que uma sombra rondando as ruas de uma cidade destruída, um reles padre cortando os dedos dos homens para pegar os anéis, crescera em status e poder e concedia à sua crueldade uma dieta rica em dor infligida. E cavalgava ao lado dos franceses.

Que fosse assim. Blackstone abraçaria seu destino e se vingaria de um rei que lhe assassinara o amigo e libertara um condenado de Deus sobre sua família. Mataria os dois e poria um fim ao tormento do destino.



CAPÍTULO VINTE E SETE

O exército inglês espalhará-se pelo gramado, exausto dos meses de luta e matança indiscriminada em sua possante *chevauchée* por toda a França. Descansavam, com pouca água e com o suprimento de comida cada vez mais escasso, ao redor do forte de rocha nos arredores da cidade de Montbazon. O príncipe Edward reunira-se no salão principal com seus mais hábeis comandantes – os Condes de Suffolk, Warwick, Oxford e Salisbury. Os mais capazes líderes de guerra do reino de Edward estavam tão desmazelados e castigados quanto os homens que lideravam. O príncipe Edward virava nos dedos o anel do padre Niccolò.

– Sabemos a proveniência deste anel, Sir Thomas, como sabemos a sua. Seu nome foi sempre falado na corte do meu pai. Blackstone, o cavaleiro que tomou cidades em seu nome na França, Blackstone, o homem que punha morte sobre os que a ele se opunham, Blackstone... o arqueiro que honramos pela vida que salvou. Não duvidamos de sua palavra, Thomas.

– Entretanto, milorde, devo dizer-lhe que o anel foi dado ao italiano na capela que possuiu o símbolo de St. Peter – disse Blackstone.

– Foi isso mesmo. Lembro-me. – Ele devolveu o anel a Sir Thomas. – E que seja devolvido ao dono. Foi-lhe dado em generosidade pelo serviço prestado à Coroa.

– Eu o farei, milorde.

O príncipe Edward estava agitado.

– E você diz que Lancaster não pode vir, nem pode o rei.

– Não, senhor.

– Os italianos querem ver a salvo seus investimentos; não se importam com o que faremos para sanar a dívida.

– O rei preocupa-se mais com a sua segurança – disse Blackstone.

Killbere era um dos homens do grupo de comandantes.

– Os mercenários estavam ávidos para capturá-lo, senhor. Ele podia ter ficado fora de alcance, pela própria segurança, mas então a mensagem chegaria tarde demais.

Killbere olhou para onde três representantes do papa eram levados para uma antecâmara. Os chapéus vermelhos deitaram sobre os robes púrpura quando se sentaram em cadeiras encrustadas de ouro saqueadas, oferecidas para seu conforto pelo príncipe inglês.

– Aqueles sapos venenosos nos fazem rastejar feito cães sarnentos, com a barriga e as bolas no chão, para toda a cristandade ver.

– E pode ser que ainda veja. O exército do rei John está a menos de dez quilômetros atrás de nós, em nosso flanco esquerdo – disse o príncipe. – Acha que podemos chegar a Bordeaux antes de sermos pegos por eles, Thomas?

Havia uma estrada romana a sudeste de Poitiers que percorria pastos ondulantes e florestas. Se pudessem alcançá-la a tempo, ela permitiria aos ingleses moverem-se mais rapidamente com as carroças carregadas. Era também a rota que o rei John tomaria caso Edward se recusasse a render-se. Os ingleses podiam ser capturados em campo aberto, correndo feito lebres correm de cães.

– Sabe quantos responderam ao *arrière-ban*? – perguntou Blackstone, ignorando a pergunta enquanto tentava formular uma resposta.

O Conde de Suffolk acenou com o rosto para o que jazia fora de vista além das florestas de Périgord.

– Nossos batedores contaram mais de oitenta bandeiras. Entre dezesseis e vinte mil, talvez menos.

O príncipe Edward levantou-se e andou pelo cômodo. Suas forças originais tinham sido incrementadas pelas tropas gascãs, mas isso fazia meses. Por uma janela, ele viu o estado péssimo em que se encontrava seu exército, todo espalhado lá embaixo.

– Temos quase seis mil – disse ele, com o cenho subitamente franzido de preocupação.

– Os franceses não deixarão o campo, senhor, a não ser que o rei John ordene. O padre Niccolò tem espiões na corte francesa. Seus nobres são

obrigados a derrotá-lo. – Blackstone olhou para baixo, onde os arqueiros reuniam-se para comer a pouca comida que lhes restava. – Quantos arqueiros?

– Menos de dois mil, e pouquíssimas flechas. Fale com eles por nós, Thomas. Ei, Oxford? – disse o príncipe, chamando o homem que comandaria elementos dos arqueiros ingleses e galeses.

– Aye, que ele fale com eles, milorde. Sua presença levantará os ânimos de todos.

Os homens ficaram em silêncio. Blackstone enxergava sua tensão. Killbere mal pôde deixar de comentar a falta de decisão. Thomas não teve tal restrição.

– Quer se render, milorde?

Desse modo, fazia o que mais ninguém ousava fazer: questionar o príncipe de Gales, e com um tom que destilava irrisão. O príncipe captou a mensagem.

– Cuidado, Thomas – disse Salisbury. – Cuidado.

Blackstone encarava o príncipe de Gales, o homem que elevara seu status e que acreditava que ele abria caminho entre uma horda de cavaleiros franceses para lhe salvar a vida, quase sacrificando a própria. Era uma dívida que jamais poderia ser esquecida, nem mesmo por um príncipe. E o príncipe jamais saberia a verdade.

– Vão nos cercar e matar de fome. E então teremos perdido tudo, e serei sequestrado – respondeu Edward.

– Então se prepare e lute – disse Thomas.

A voz do príncipe saiu rouca de irritação.

– Em nome de Deus! O exército pode correr longe e rápido o bastante? Você conhece este lugar! Diga-me!

– Correr, senhor? Mulheres e cães correm.

– Blackstone! – gritou Warwick, avançando para Thomas, mas o príncipe já tinha se adiantado e o segurado pelo braço.

– Há tão poucos de nós! Nossos homens estão exaustos, e não temos água! E você me acusa de covardia!

Blackstone nem se retraía. Os dois tinham a mesma altura. Sua força era comparável, só que um deles era de posição mais alta.

Thomas não cedeu. Falou com calma, em tom comedido cuja inflexão não deixaria dúvida na mente do príncipe.

– O senhor ressecou este país da cabeça aos pés. Matou homens, mulheres e crianças de modo perverso que será sempre lembrado e caluniará seu nome. Rebolou-se na vitória sobre os inocentes e os pobres e estuprou e saqueou até arrancar sangue da França. Não é o príncipe jovem que lutou em Crécy até ser derrubado e ficar de joelhos; é o príncipe que rasgou este país aos farrapos sem contraposição e com desgraça! Que tipo de honra é essa?

O silêncio estarrecedor foi quebrado por Salisbury e Warwick agarrando Blackstone pelos braços, receando que seu desprezo o fizesse ir para cima de Edward. Thomas não resistiu. Provocara o herdeiro do trono e poderia perder a vida por isso.

O príncipe de Gales hesitou, depois deu meia-volta e foi até os cardeais. Os condes o seguiram após lançarem um olhar de incompreensão para o cavaleiro petulante.

Killbere parou antes de seguir para o pavilhão.

– Santo Deus, Thomas... você continua desafiando a morte!

Blackstone viu os homens aproximando-se dos cardeais, prontos para discutir os termos da rendição. As grandes portas de carvalho fecharam-se depois que passaram. Ele fizera o que prometera ao padre Niccolò, mas omitira as ordens do rei de que o príncipe assinasse a trégua e retornasse a salvo para casa.



Blackstone cavalgou sem seu elmo por entre os soldados. Alguns homens o chamavam pelo nome; outros o ignoravam, sem saber quem era o cavaleiro de rosto sujo e cicatriz. Parecia pobre demais para poder pagar pela cota de malha debaixo do sobretudo enlameado e a túnica de couro almofadado que jaziam sobre o pito da sela. Um cavaleiro sem armadura, escudeiro nem pajem era como um mendigo no campo de batalha.

Em busca dos arqueiros ingleses e galeses, encontrou o grupo de homens vestindo verde e branco separado dos outros, acendendo fogueiras e cozinhando o pouco de sopa que lhes restara. Muitos dos rostos de dez anos

antes não estavam ali, mas o tipo de homem não mudara; lembravam muito aqueles com quem Blackstone servira. Homens e rapazes musculosos ensinados desde a infância a usar o poderoso arco de guerra. Mas esse não era o exército de dez anos antes; esses arqueiros podiam atingir o inimigo e matar umas centenas, mas o príncipe tinha razão: eram bem poucos os arqueiros e bem poucas as flechas. As bolsas de flechas não passavam da metade, como os homens sentados, esparramados; exauridos pela *chevauchée* cruel. Isso era péssima notícia para o príncipe Edward. Os ingleses precisavam de seus arqueiros para vencer as guerras.

Pela primeira vez, Blackstone notou a barba por fazer grudada em feições drenadas. Os homens pareciam exaustos. O rosto queimado pelo vento não escondia o cansaço profundo por trás dos olhos. Blackstone olhou ao redor. Todos os homens tinham a mesma expressão assombrada. Não estavam aptos para lutar em um combate maior. E o príncipe Edward não era tolo.

– Esse rocim velho serviria melhor ao exército se o colocássemos num espeto, seu cavaleiro – disse uma voz dentre os arqueiros.

Blackstone parou seu cavalo. Ficou procurando pelo homem que falara. Mais uma vez, veio a voz:

– E é melhor ter um arco na mão... melhor do que essa espada alemã que roubou quando o homem não estava olhando.

Blackstone desmontou e abriu caminho entre os homens até chegar ao que estava de costas e recusava-se a virar-se de sua panela. Blackstone o chutou gentilmente, empurrando-o para o chão.

– Você nunca respeitou autoridade alguma, Will Longdon – disse Blackstone, estendendo o braço para ajudar o arqueiro a ficar de pé.

Os dois se abraçaram e riram com a alegria do reencontro.

– E você não perdeu o toque de sempre, Thomas, nem a força no pé. Então... sentiu tanta falta dos antigos colegas após todos esses anos, que veio até aqui nos ver. Que foi? Sentiu falta das seis moedas de prata por dia e toda miséria que enfrentamos?

Will Longdon guiou o antigo amigo por entre os arqueiros até uma encosta e a borda de uma mata. Um homem emergiu dentre as árvores.

– Encontrei esse cavaleiro perdido por aí – disse Longdon.

Elfred sorriu e trouxe Blackstone para perto.

– Ainda não sabe de onde vem o inimigo, Thomas? Santa mãe de Deus, foi um bom cirurgião que não deixou metade do seu rosto cair em cima do ombro – disse ele, olhando para o rosto castigado e a cicatriz que por ele viajava.

– Implorei ao cirurgião que não me deixasse ficar parecido com o Will aqui. O rosto dele faz o traseiro de um cachorro sob o luar ser mais bonito.

Elfred levou-o até um grupo de arqueiros que partilhavam uma panela.

– Abram espaço, rapazes, por favor – disse.

Os arqueiros de Elfred afastaram-se, deixando os três homens se sentarem e pegarem um pouco da comida. Blackstone recusou.

– Tem bastante – insistiu Elfred.

– Não, não tem. Até um cego veria. Guarde para os seus homens. Comerei mais tarde com Sir Gilbert.

Elfred passou a panela para Longdon, que deu uma colherada e devolveu.

– Aqui! – Elfred disse a um dos homens, agachado junto aos outros, dividindo com eles um potinho.

– Mestre Elfred? – respondeu um garoto.

Elfred deu-lhe a panela.

– Partilhe, como eu lhe disse.

O menino retornou para os demais.

Elfred suspirou.

– Ele tem 14 anos. Mentiou a idade. Mas é um arqueiro nato, Thomas. Como você foi.

– Eu tinha olho de arqueiro; nada mais, nada menos, Elfred. E bons homens me ensinaram a lutar. Como você.

Como com todos os soldados, os certos e os errados da campanha logo foram lamentados. Os exageros foram aparados, e a realidade da situação ficou óbvia para todo mundo. Entre as histórias e as lembranças de dias passados, de quem morrera e quem sobrevivera naquele histórico dia em Crécy, Blackstone contou a própria história.

– O Padre Selvagem? – disse Elfred, respondendo à pergunta de Blackstone.

– Nunca ouvi falar. Will?

- Fico longe do clero, seja selvagem ou não – respondeu o arqueiro.
- Sabe onde encontrar essa criatura de coração negro? – perguntou Elfred.
- Preciso de uma batalha para chegar até ele – disse Thomas.

Os companheiros fizeram silêncio.

– Thomas – disse Elfred –, já acabamos por aqui. Estamos cansados, queremos ir para casa. Quando o rei chegar e Lancaster nos alcançar, então talvez seja diferente. Precisamos mesmo é de gente nova, para quem sabe dar uma coça nesse rei francês. Tentamos matar o pai dele em Crécy. Ele levou uma flechada na cara... gosto de pensar que a flecha foi minha... mas se o exército francês vier até nós agora, vou lhe dizer, ele nos terá como ratos num saco.

Blackstone aceitou o odre oferecido a ele por um dos homens. O vinho tinto seco queimou-lhe a garganta, e ele tossiu.

– Os anos de vida mansa e vinho bom estragaram um bom arqueiro – disse Longdon.

Os homens riram, mas o arqueiro ergueu a mão para silenciá-los.

– Vocês, rapazes novos, só pegaram tranquilidade. Já ouviram falar de Thomas Blackstone e seu irmão. Chegamos à costa da Normandia e encontramos luta de verdade, nada de invadir essas cidades interioranas e pegar o que queremos; não, lutamos como animais para impedir que os franceses nos castrassem, e sangramos e morremos juntos. Somente depois fizemos o saque.

– Sir Gilbert vai contar-lhes como Will Longdon aqui é mentiroso – disse Blackstone.

Os homens riram e brincaram.

– Não sou mais arqueiro – disse ele, mostrando o braço torto. – Já devem ter imaginado. Mas ainda luto como um. Você pode até quebrar o arco de guerra de um arqueiro, pode arrancar os dedos e até o braço, mas, a não ser que possa arrancar o coração dele e fincar num espeto, não há como destruir o modo com que um arqueiro luta.

Os homens rugiram sua aprovação. A presença de Blackstone percorreria a companhia de arqueiros feito as chamas de um incêndio florestal no verão, e suas palavras seriam repetidas por muitas vezes, embelezadas a cada novo

recontar, confirmando a crença de um arqueiro em sua proeza e enchendo os corações de cada homem com orgulho de ser quem é e da glória dos feitos do passado. Dava para aguentar a barriga vazia, mas um soldado precisava de um coração transbordando sangue para continuar lutando.

Blackstone levantou-se.

– Melhor eu voltar. Depois conto mais novidades.

Os homens abraçaram-se mais uma vez.

– Deus cavalga junto com você, Thomas. Se você pôde sobreviver a tudo que caiu sobre você, então há esperança para todos nós.

– Não perca a esperança, Elfred. E amolem suas facas. O rei e Lancaster não virão.



CAPÍTULO VINTE E OITO

O príncipe Edward e seus comandantes viram o cardeal e sua escolta virarem seus burros e colocarem-se a caminho do rei francês e seu exército, uma dúzia de quilômetros distantes, onde aguardavam pela notícia sobre a proposta de paz do cardeal. O rei John era intemperado, mas tinha bom senso suficiente para saber quando um pedido papal poderia servir a seus propósitos. Se ele mantivesse o príncipe inglês conversando por mais tempo, exauriria ainda mais os suprimentos dele. O tempo ganhado permitiria que mais reforços ainda se juntassem ao exército francês.

O príncipe falou algo muito rápido, agitando um documento:

– Abrir mão de tudo que tomamos. Entregar todas as conquistas na França dos últimos três anos, pagar duzentos mil nobres em recompensa, reparar tudo que danificamos para que tirem Navarre da prisão.

– Milorde – perguntou Suffolk –, está pensando em aceitar?

– Você nos negaria o casamento com uma filha do rei? É o que foi prometido, caso aceitemos. Ela nos traria o reino de Angoulême como dote. Boas terras, Suffolk. Mais um território para o rei. Você nos negaria isso? Uma boa pedida, Sir Gilbert, não acha?

– Um belo dote, milorde, mas aposto que essa filha tem umas tetas de maçã podre, rosto de rato e bafo de cachorro.

Ninguém pôde conter o riso, exceto o próprio príncipe, cujo silêncio logo os constrangeu. O príncipe o encarou.

– Está ofendendo a casa real, Sir Gilbert.

– Somente se for a francesa, milorde – Sir Gilbert respondeu, com simplicidade.

O príncipe sorriu, amassando a proposta de paz.

– Preparem-se para partir – disse ele aos comandantes. – Usaremos o tempo que o cardeal levará para explicar suas propostas ao rei John para nos aproximar de Bordeaux. Que achem que estamos pensando na oferta.

– Firmaremos posição para lutar, senhor? – perguntou Killbere.

– Viajaremos o mais rápido que pudermos, Sir Gilbert, rezando para que o cardeal convença o rei John de que não temos intenção de confrontá-lo. Agora, onde está aquele insolente do Blackstone?

Killbere apontou para os prados nos quais o cavaleiro separava-se das companhias de arqueiros. As ovações deles podiam ser ouvidas dentro das paredes do forte de pedras.

– Ele é um líder de guerra, milorde – disse Killbere, comedido.

Edward deu as costas aos demais e retrucou:

– Que pena, então. Porque não há guerra alguma para ele guerrear!



Em coisa de uma hora, o príncipe Edward pusera-se a guiar um exército que se arrastava feito um soldado aleijado. Sir Gilbert e Blackstone foram convocados e cavalgavam ao lado dele.

– Não seremos pressionados ao combate. Você nunca mais falará a seu príncipe com tamanha insolência. Não lhe cabe adivinhar o que se passa em nossa cabeça, Blackstone – dizia o regente.

– Peço desculpas, senhor, mas não é somente a França que será perdida se o senhor se render, mas a glória da Inglaterra. Não há país no mundo que não saiba da grandeza de nosso rei. O coração deve ser a espora da mente de um homem – respondeu Blackstone.

– Você é um homem comum, Thomas. Comporta-se como um arqueiro que cortaria a garganta de um homem para ver quanto tempo ele demoraria para morrer. Está ofendendo sua posição se acredita que foi feito cavaleiro para poder lançar insulto e injúria sobre o príncipe de seu rei. Estivesse ele aqui, você já estaria com a corda no pescoço por sua insolência.

– O fato de não o ter feito, senhor, mostra compreensão maior até que a de sua majestade, e não tive intenção alguma de desrespeitar meu suserano.

– Sei, Thomas. Por acaso você respeita alguém ou alguma coisa?

– Respeito um homem que toma uma decisão difícil e necessária quando uma opção mais fácil é oferecida – disse Blackstone, com todo o cuidado.

Ainda não estava livre de uma acusação de impertinência.

Edward ficou mais um minuto em silêncio sobre seu cavalo.

– Você quer vingança, Thomas, e quer me usar para conseguir – disse o príncipe, finalmente. – Sei o que aconteceu a Harcourt. Nosso pai também tem seus espiões na corte francesa. Não o negue.

– Não negarei, milorde.

– E a mensagem do padre Torellini, do rei? Era para eu me render?

– O rei deseja que você retorne a salvo, ileso e sem resgate. A decisão de se render caberia a você – admitiu Blackstone.

O príncipe Edward virou-se para olhar para Blackstone.

– Nunca mais minta para o seu príncipe. Nem mesmo omita nada.

Blackstone não desviou o olhar.

– Tudo que eu disse era verdade, milorde. Não devíamos deixar este país com desonra.

O príncipe Edward sabia que Blackstone não retiraria o que dissera sobre a campanha brutal que o regente conduzira pela França por vários meses. Fora, de fato, sangüinária e impiedosa. Fora necessária. Esfregar a pele de um homem até os ossos enquanto ninguém tentava defendê-lo não era nada diferente de John, o Bondoso, lavando as mãos enquanto seu país era posto sob a tocha. A desonra cabia ao rei francês.

– O exército do rei francês se fortalece a cada hora que passa; precisamos saber quanto tempo temos para encontrar um local adequado a fim de posicionarmos nossa defesa – disse o príncipe. – Você e Sir Gilbert cavalgarão à frente com trinta homens e encontrarão esse local. Temos um dia... dois, no máximo.

– Vai lutar, então, milorde? – perguntou Killbere.

O príncipe olhou adiante, para uma estrada que levava a um futuro incerto.

– Sempre foi nossa intenção fazê-lo – disse.

Um brilho piscou em seus olhos. Um sorriso quase lhe curvou a boca. Uma grande batalha e a chance de vencer o rei francês não eram de se negar.

Blackstone e Killbere urgiram seus cavalos. Salisbury esporeou o dele para tomar o lugar dos cavaleiros.

– Eu o teria empalado, açoitado e enviado de volta à meretriz francesa dele amarrado de costas em um burro – disse o velho guerreiro.

Edward sorriu.

– Não, William, não teria. Você o valoriza tanto quanto nós. Ele morreria para ver feita a justiça. Não se pode pedir mais de um homem do que isso.

O príncipe levou um frasco aos lábios e tirou a securo da garganta.

– E a esposa dele não é nenhuma meretriz francesa. É uma normanda cujo pai morreu defendendo suas terras contra nós. Deveríamos agradecer a Deus por Blackstone ainda lutar do lado dos ingleses.



Blackstone e Killbere observavam o horizonte, tentando ver se havia forças francesas ou bandos de salteadores. O exército inglês precisava ganhar terreno se quisessem manter-se em vantagem sobre o inimigo. Se os mercenários de Marcy estivessem cavalgando junto dos clérigos, deviam estar atuando como sua escolta. Os batedores de Killbere relataram que flâmulas francesas podiam ser vistas além dos montes.

– Eles nos passaram a perna – disse Killbere. – Aquele francês filho da puta não estava nem aí para trégua nenhuma; está protegendo o rabo com calças de aço.

– Ele pode se mover mais rápido que nós. Deve estar perto da estrada romana em Poitiers. Podemos preocupá-lo o bastante para deixar Edward trazer o corpo principal à frente. Temos que trazer homens para cá, conosco.

Killbere enviou cavaleiros de volta ao príncipe com a mensagem de que os franceses estavam prestes a cortar sua rota para Bordeaux.

– Se Edward quis ou não ganhar tempo – Killbere disse a Blackstone –, agora ele não tem escolha senão lutar!



Mas Edward não enviou tropa alguma. Forçou seu exército a marchar para o sul, enquanto Blackstone cavalgava incansavelmente de lá para cá, fugindo de batedores, relatando tudo que via. Se os ingleses não tivessem sido atrasados pelas pesadas carroças de bagagem, podiam muito bem ter dado de cara com escalões de retaguarda franceses antes de cruzar o rio, ao sul da marcha de Edward.

O rio Vienne separava a floresta da rota sul do exército francês.

– Aqui, milorde – disse Blackstone, desenhando uma linha na terra. – Aqui tem uma ponte, em Chauvigny; o rei John pode virar seu exército, passar pela ponte e chegar à estrada romana, ao sul de Poitiers, e cortá-lo. Se ele chegar lá antes de você, não há escapatória. Se pudermos atrasá-lo... afastá-lo dessa rota... então você poderá continuar circundando Poitiers, na direção de Bordeaux, até quando quiser lutar. Dê a Sir Gilbert e eu duzentos ou trezentos soldados e arqueiros em montarias e os atacaremos pela retaguarda. O senhor continua guiando o exército pela floresta e chega até a estrada. O rei John não saberá quão perto você estará. Apresse-se, senhor. Podemos feri-lo.

– Não há como fazer isso, milorde – disse Warwick. – Já cobrimos vinte quilômetros hoje. Não chegaremos a tempo.

– E, mesmo que conseguíssemos, não estaríamos em condições de combater – acrescentou Salisbury. – Estamos desesperados por água.

– Dê-lhe os homens – Oxford argumentou.

Seus cavaleiros velhos de guerra Richard Cobham e James Audley queriam começar o combate bem na garganta do inimigo.

– Cobham e Audley podem mutilar os malditos pela retaguarda, e Blackstone e Killbere vão pelos flancos. Podemos feri-lo. Blackstone tem razão; vai interromper a marcha deles ou, pelo menos, meter um medo daqueles.

Blackstone ficou em silêncio enquanto os comandantes discutiam e ponderavam sobre as opções.

– Não – disse Edward, finalmente. – Não separaremos nossas forças. Encontre um local que nos dê vantagem, Blackstone. Encontre-o para que possamos escolher quando lutar.



Blackstone e Killbere, querendo descansar um pouco da sessão de xingamentos resultante da decisão de Edward, foram bisbilhotar o exército francês. Estavam fora de vista, atrás de morros baixos, mas o ar lhes trazia o murmúrio de homens de armadura, cavalos e equipamento sendo conduzido sem descanso.

Os dois homens, com os poucos soldados que permaneciam junto a eles, cavalgavam adiante em silêncio, indo mais ao sul, por entre a floresta, quando Blackstone subitamente acenou para que parassem. Tinham se deparado com um número considerável de homens de armas, da retaguarda francesa, com sua presença escondida parcamente à distância de duzentos metros de árvores. Blackstone conteve os homens, todos nervosos de serem entregues pelo relincho de um cavalo ou um movimento que um francês mais observador pudesse captar. Thomas estimou o contingente de cavaleiros. Cada bloco de soldados franceses que passava pela clareira nas árvores devia ter pelo menos setenta. Ele demorou um pouco para concluir que eram muitas centenas de homens.

– Meu Jesus, Thomas – Killbere sussurrou com um movimento ligeiro da cabeça. – Demos de cara com um ninho de vespas.

Blackstone virou-se e seguiu o olhar do amigo. Havia cavaleiros também ao lado, abrindo caminho pela floresta, virando e serpenteando, procurando para onde guiar os cavalos. Estavam longe demais, entre as árvores, para identificar, mas não havia dúvida de que eram salteadores e, se continuassem no curso, acabariam alcançando os ingleses.

Sir Thomas sacou lentamente a espada, como fizeram Killbere e os demais. Teriam que lutar para sair dali. A ansiedade enforcava a respiração de Blackstone, cuja mão apertou o punho da espada até que os nós dos dedos reclamaram. Era sempre a mesma coisa, antes de qualquer combate: a visão borrada que passava brevemente e logo dava lugar à clareza dos olhos de raptor que viam cada movimento e nuance da batalha. O momento em que o medo cedia à exultação.

Antes que Killbere pudesse impedi-lo, Blackstone tirou o cavalo de lado e cavalgou até os homens que vinham pela lateral. Cavalgar sozinho na direção do inimigo era suicídio. Killbere ficou atento, imóvel na proteção das árvores, esperando para atacar, mas Blackstone parou sua montaria em uma trilha ampla, de uns vinte metros de largura, expondo-se completamente para os homens que se aproximavam. Cinco, depois dez, vinte e trinta homens saíram da floresta, seguidos por muitos mais, e nenhum deles ergueu a voz em desafio ou a espada por raiva.

Blackstone virou-se na sela e disse, baixinho:

– São os meus homens.



A retaguarda francesa não teve tempo de organizar a defesa. Quando deixaram a floresta, ganhando o campo aberto, Blackstone e Sir Gilbert brotaram do meio das árvores com Guillaume e mais de cem cavaleiros. Cavalos tomados de pânico colidiam uns nos outros enquanto os cavaleiros gritavam e soltavam palavrões, confusos, tentando contra-atacar seus oponentes. Guillaume guiou homens para a lateral. Killbere varreu o outro lado, talhando e rasgando cavaleiros que não tinham para onde fugir – tumulto nas costas, ingleses e gascões na frente. Blackstone e os homens atrás de si avançaram para o centro da briga, e a força do ataque os afundou nos franceses, que trombavam, indefesos, uns nos outros, na tentativa de virar seus cavalos. Foi uma chacina.



Em questão de uma hora, duzentos franceses foram mortos; outros, capturados pelos gascões, seriam mantidos para o resgate. Os sobreviventes fugiram a galope, perseguidos pelos homens de Blackstone.

Um Guinot sujo de sangue, o comandante da guarnição de Chaulion, chegou com Perinne e Meulon, com Gaillard logo atrás.

– Não pude contê-los, milorde. Estavam de saco cheio de ficar atrás dos muros da cidade.

– Não tem problema! – disse Blackstone. – Meulon, Gaillard, reagrupem seus homens e cubram os flancos para o caso de haver outros na floresta. Perinne, você fica com Guinot. Tirem os feridos do campo.

Os homens urgiram seus cavalos para executar as tarefas ordenadas. Além dos franceses fugidos, outro grupo de cavaleiros aparecera no topo de um morro. Cavaleiros de armadura, com suas flâmulas recebendo a luz do fim de tarde, assistiam, imóveis, ao desastre. Blackstone não enxergava os braços deles. Ele esporeou seu cavalo.

Killbere viu Guillaume ir atrás e foi também. Os dois cavaleiros alcançaram Blackstone quando este subia a encosta, mas os cavaleiros franceses já

havam debandado. Killbere tirou o elmo e afastou os cabelos encharcados de suor do rosto.

– Ferimos os malditos, mas não passou de uma ferroadada. Onde está o rei John, por Deus?

Os três homens não viam sinal algum do exército francês.

– Não sei, mas vi os batedores deles neste morro. Estão perto... uns poucos quilômetros, talvez... escondidos atrás desses morros. Se Edward sair daquela floresta, não terá formação de batalha e, se os franceses estiverem reunidos, ele não terá escolha além de lutar nos termos deles. Gilbert, volte, leve Guillaume e os outros, mande ficarem entre as árvores, traga-o até aqui, onde estamos.

– Ficarei com o senhor, milorde – disse Guillaume.

– Não, você deve escoltar Sir Gilbert. Leve Guinot e todos os outros com que ainda contamos. Pode haver batedores franceses entre vocês e o príncipe. Desviem deles.

Blackstone nem esperou pela resposta e urgiu seu cavalo encosta abaixo.



A floresta sorvia o que restava da luminosidade do dia. O sol poente esvaziava o panorama de esperança dos homens. Blackstone guiava seu cavalo adiante, deixando que ele mesmo escolhesse o caminho pelo solo irregular. Virando-se na sela, ele olhou para a floresta que milhares de homens cruzavam, exaustos. Não havia água para beber em tão denso matagal e, se o exército francês bloqueasse as estradas ao sul, os ingleses teriam muita dificuldade para arranjar um jeito de descansar antes que começasse o confronto. Blackstone sabia que havia um riozinho ao sul da estrada de Poitiers, mas, se os franceses já estivessem lá, os ingleses poderiam ser facilmente cercados e submetidos, por não terem mais o que comer. Parecia não haver local algum adequado para que se posicionassem em defesa. E então Blackstone viu a alta torre de pedra de uma abadia beneditina. O rio estreito deitava-se logo abaixo dela, e ele via também os telhados da vila e a encosta um pouco adiante. Esse seria o melhor local para

se posicionarem. A torre sagrada era um sinal. Talvez Deus estivesse *mesmo* do lado de Edward, afinal.

A abadia fora lembrança contundente para Blackstone de que sua família fora deixada em monastério similar dias antes. Quando os sinos soaram às vésperas, o cavaleiro inglês permitiu-se orar pela segurança de seus entes queridos. Deviam estar muito longe agora, mais perto de Avignon, onde o padre italiano garantiria a segurança deles. Assim que estivesse terminada essa batalha e sua vingança, satisfeita, ele poderia reencontrá-los.

Thomas virou seu cavalo para a floresta. O príncipe Edward teria, então, seu local para o combate e Blackstone, a oportunidade pela qual esperava – a de matar o rei francês e o Padre Selvagem.



Christiana e as crianças jaziam, amontoadas, no deque úmido da barca. Elas e o padre Niccolò, com o sargento, dois outros homens e três cavalos, amarrados pelo bridão, deslizavam pelo rio fazia quatro dias. Uma segunda barca com os outros cavaleiros e cavalos seguiam o barco mais largo, com um barqueiro abraçado ao leme. No dia seguinte, desembarcariam e estariam a poucos dias a cavalo de Avignon. O padre demonstrara gentileza, contando a Christiana e às crianças histórias de sua casa, onde a luz solar de Deus abençoava a comida e cidades-Estado poderosas reinavam. Não havia rei algum para obedecer, e o comércio movimentava todo tipo de produto. A medicina e a arte floresciam, as crianças eram educadas e moedas de ouro eram forjadas. Enquanto eram guiados por sobre turbilhões e correntes, ele contava a Christiana que fora testemunha dos ferimentos sofridos por Blackstone dez anos antes, em Crécy. Os ferimentos eram o que os conectava, pois, pouco depois do combate, aquele rapaz de corpo quase destruído recebera abrigo na residência dos Harcourt, onde Christiana cuidara dele. E por ele se apaixonara.

A comida a bordo estava acabando após os primeiros dois dias, e as cortinas de chuva e bruma do rio, entre esparsos raios de luz do sol, os encharcavam e resfriavam, expostos que estavam no deque aberto. Agnes recobrou-se bem o bastante para viajar, visto que os remédios de ervas dos monges contiveram a

febre, mas ela dormia quase o tempo todo, abraçadinha a Christiana, cujo manto mantinha longe o pior da chuva. Podiam estar molhados e com frio, mas estavam a salvo. Dois dias antes tiveram o lampejo breve de homens armados na margem, que seguiram a costa serpenteante por algumas horas. O rio era, contudo, largo demais para ser cruzado por cavaleiros, e o barqueiro os manteve bem no centro do curso de água até que os homens foram forçados para longe da beirada quando ficaram sem trilha por onde cavalgar.

Foram abençoados com um dia mais quente; os raios de sol acalmaram membros doloridos e secaram as roupas molhadas. Poucas horas faltavam para o amanhecer, quando o barqueiro levaria as barcas à margem para entregar sua carga de gente. Filamentos de luar iluminavam o gramado dos morros espalhados pela margem. O crepitar gentil da madeira velha e o bater suave da água conduziu os tripulantes para um sono gostoso, todos exceto o barqueiro e o soldado Rudd, que estava de vigia.

O barqueiro manejava o leme e mirava além da carga empacotada, analisando a maré noturna, atento para quaisquer bancos de areia e movimentos de água que lhe indicassem onde porções mais rasas espreitavam debaixo da superfície. O centro das águas era mais profundo e fluía rápido, requisitando a experiência de toda uma vida navegando no rio, mas também demandando vigilância quando entravam em camadas de névoa que se grudavam na superfície. O barqueiro, com a atenção fixa no que fazia, não notou o soldado que avançava de faca na mão.

A respiração de Christiana estava lenta e constante, em um sono profundo o bastante para sonhar, mas raso o suficiente para retornar à superfície a cada gemido da embarcação perante o ameaçar do deus do rio. O soldado ajoelhou-se ao lado dela, engolindo a saliva que lhe enchia a boca pela excitação e pelo desejo. Ela estava deitada, com o manto aberto, expondo o vestido que se juntara na metade das pernas. A menina estava junto, perto do rosto, acalmada, talvez, pela respiração da mãe. Rudd virou-se e olhou para trás; o barqueiro estava escondido atrás dos fardos de carga; os outros homens ainda dormiam e, quando a neblina ficou mais densa, suas silhuetas ficariam ainda menos visíveis. Ele esperou mais um pouquinho. Ninguém se

mexeu. O moleque de Blackstone estava encaracolado contra um anteparo, envolto num cobertor, de costas para a mãe.

Rudd chegou mais perto para poder abrir as pernas dela em um único movimento, com as calças já arriadas. Tapou a boca dela e, enquanto ela se debatia e contorcia, acordada em um susto, depositou todo seu peso sobre ela, segurando a faca com a ponta bem perto dos olhos dela, e a moveu e apontou para Agnes, logo ao lado. Rudd manteve a lâmina bem abaixo do queixo da criança, deixando clara sua intenção.

Ela fez que entendera e obedeceu ao sinal dado por ele para levantar mais o vestido. O soldado levou a mão da boca para o seio de Christiana. Com os joelhos, abriu-lhe mais as pernas, sem tirar os olhos dos dela, até que ela desviou o rosto e fitou Agnes, morrendo de medo de que a menina acordasse e gritasse. Mesmo enquanto ele forçava a penetração, a mulher não fechou os olhos, vendo a lâmina da faca zanzando perto da garganta da filha. A dor de Christiana intensificou-se tanto quanto aumentaram os grunhidos do homem. O grito, quando veio, não foi da menina vulnerável, mas do próprio Rudd.

Henry acordara por causa dos gemidos do barco em seus esforços para manter o curso e vira Rudd estuprando a mãe. Ele mergulhou a adaga de Guillaume nas nádegas expostas do soldado, depois caiu de costas quando o homem virou o braço em um golpe. Rudd soltou um palavrão e Christiana girou, derrubando-o. Contudo, a reação dele foi imediata; a dor e o sangue que lhe cobria a mão o incentivavam a atacar a mulher com a faca. Meio curvado, com as calças na altura dos joelhos, diminuindo a impulsão, ele mergulhou a faca em uma fúria cega.

Uma mão agarrou um punhado do cabelo dele, puxou a cabeça para trás e expôs o pescoço para uma lâmina que lhe cortou a garganta até a espinha. Rudd gorgolejou sangue, tossindo, agitando as mãos em seus momentos finais, e tentou alcançar a pessoa que o segurava. O soldado entortou os olhos e o sargento o largou de lado.

– Milady – disse ele gentilmente e curvou-se apressadamente para abaixar o vestido dela.

Ver Rudd morrer a despojara de qualquer noção de recato. Tremendo, ela juntou as saias e puxou Agnes, que começava a acordar, para perto. Nesse

momento, o segundo soldado unira-se ao sargento e já tirava o corpo de Rudd de perto dela.

– Padre – chamou o sargento Jacob, acenando para o padre, que vinha meio grogue dos fundos da barca. – Lady Christiana precisa de você.

O sargento dirigiu-se ao soldado:

– Finn, pegue um balde e limpe o sangue e essa sujeira toda. – Depois se ajoelhou para ajudar Christiana. – Vamos sair daqui, milady. Vamos arranjar um lugar melhor para você e a menina.

– Obrigada – disse ela, aceitando a ajuda da força do homem; depois, olhando para o rosto dele sob um luar que felizmente sumia por detrás das nuvens, disse que nada acontecera.

– Eu sei – ele respondeu, assinando embaixo da mentira.

Ela viu Henry encostado na lateral da barca. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Jacob a tirou dali.

– Ele está bem. Eu cuido dele – disse, deixando um estoico padre Niccolò guiá-la até a popa da barca.

Jacob agachou e recobrou a adaga, com a lâmina suja de sangue e gordura. Ele a mergulhou no balde e limpou na manga da túnica. Henry não se mexera, congelado pela imagem da cabeça de Rudd sendo quase decepada.

– Mestre Henry – disse o sargento.

O menino não respondeu, então Jacob o tocou no rosto e o guiou para fitá-lo.

– Você salvou a sua mãe. Entende isso? – disse ele, baixinho, a voz pouco mais que um sussurro.

Henry começou a tremer.

O sargento Jacob pousou a mão no ombro de Henry e deslizou a adaga de volta para a bainha no cinto do menino.

– Seja corajoso, rapaz – pediu.

Porém, Henry virou o rosto para o céu escuro, com a boca escancarada e os pulmões desesperados para gritar, mas não saiu som; ele estava rígido.

O sargento bateu em seu rosto, onde sua mão calejada ergueu um vergão. Henry voltou o rosto, com um olhar penetrante, mas sua mão, que ia em busca da adaga, foi rapidamente contida por Jacob.

– Tudo bem, rapaz, tudo bem. Você está bem agora, não, garoto?

Henry relaxou o corpo. E fez que sim.

– Sim, senhor.

– Agora, o trabalho ainda não acabou, certo?

Ele virou o rosto para o corpo de Rudd, seminu, ainda amontoado contra o anteparo.

– Pode nos ajudar a terminar, mestre Henry? – ele pediu, sabendo que o menino precisava concluir a tarefa repugnante para, algum dia, poder enfrentar a morte de novo.

Henry fez que sim mais uma vez e seguiu Jacob e o outro soldado, Finn, e agarrou o corpo para içá-lo para fora da barca. A ferida na garganta de Rudd abriu-se, os olhos vidrados e mortais, mas Henry encarou de volta aqueles olhos sem vida e soube que estava feliz, no fundo do coração, pelo homem estar morto. O menino soube também que o amor que sentia pela mãe fora roubado pela escuridão.

O corpo de Rudd quase não tumultuou as águas, tendo sido tragado pela corrente para debaixo da barca veloz. Todo o deque foi coberto de água pelo soldado que o limpava. O sargento Jacob ofereceu a Henry uma garrafa de cidra de rasgar as entranhas. O menino virou a garrafa, fez careta e tossiu, mas deu outra golada, e a mordida rica do aroma da bebida limpou de suas narinas o fedor dos dejetos soltos pelas entranhas de Rudd.

– Agora, melhor voltar para perto de sua mãe e sua irmã – disse Jacob.

Henry sacudiu a cabeça.

– Não. Vou ficar com você.



O príncipe Edward mantinha seu exército escondido entre as árvores. Não tinham mais água, e havia pouquíssima comida. Não podiam acender fogueiras para obter algum conforto na úmida floresta, e os homens permaneciam vestidos para a batalha. O exército tivera poucas horas de descanso até Blackstone e Guillaume os tirarem dali, antes do amanhecer. Ele os guiou até o vale atrás dos muros da abadia e para a encosta na ponta norte de um bosque conhecido como Bois de Nouaillé.

– Os homens estão cansados e com fome, milorde – disse Guillaume para Blackstone, que via os soldados se preparando para defender a encosta.

– Então estarão de pavio mais curto que de costume – disse Blackstone. – Pior para os franceses bem-alimentados, Guillaume. O café da manhã deles logo será vomitado neste campo.

Guillaume passou a seu mestre o pouco de água que restava.

– Você quase não bebeu nada, milorde.

Blackstone não pôde contrariar a preocupação do escudeiro. Ele engoliu a água, observando o exército exausto.

– O destino me persegue. Resolverei tudo nessa batalha.

– Milorde? – perguntou Guillaume, sem entender o que o inglês quisera dizer.

Blackstone limpou o suor e a sujeira do rosto.

– Dez anos atrás, cruzei a Normandia guerreando com o rei. Houve um confronto pesado quando tomamos Caen e, certa noite, fui procurar meu irmão pelas ruas. Havia homens caídos por todo canto e me deparei com um padre, nas sombras, desrespeitando os mortos. Quase o matei, mas ele escapou. Minha faca arrancou-lhe o dedo. E quando Sir Gilbert me encontrou na floresta, interroguei um salteador que me disse que esse Padre Selvagem tem um dedo faltando.

Ele desmontou e entregou as rédeas ao escudeiro.

– Esse homem esfolou William de Fossat vivo, destruiu a minha casa e torturou e matou o meu povo. Está ameaçando minha esposa e meus filhos. Quando for à missa, reze para que o destino não tenha me enganado. Eu o matarei assim que o vir.

Blackstone foi até Killbere, que retornara com um grupo de batedores. O sorriso maroto do homem indicava que ele vira o exército francês em toda a sua glória.

Killbere reportou-se diretamente ao príncipe e seus comandantes.

– Os franceses estão a cerca de um quilômetro, milorde.

O príncipe olhou para todo aquele terreno ondulante e seus homens cansados, ainda galgando a encosta.

– Se os franceses estão assim tão perto, seremos forçados a correr com os preparativos para a batalha. Vamos rezar para os cardeais retornarem. Precisamos de mais tempo. Onde?

– Escondidos atrás daquele cume. Estão prontos.

– Tantos quanto supusemos? – perguntou o príncipe.

– Como moscas nas costas de um cão, milorde. Bandeiras largas como as velas de frotas invasoras – disse Killbere. – Dez ou doze mil guerreiros, sem dúvida, milorde. Ainda não fugiram para casa.

Os homens riram. A coragem dos franceses nunca fora posta em dúvida, mas os nobres franceses eram conhecidos por resolver, por conta própria, a melhor hora de deixar o campo de batalha.

– Não, dessa vez, não – disse o príncipe, bem-humorado. – Se as informações de Blackstone estiverem corretas, o rei John tem a palavra deles de que vão lutar.

– Então faremos desejarem não tê-la dado – disse Killbere, incitando um murmurar de aprovação dos demais. – O senhor não fará mais progresso, milorde – continuou ele. – Blackstone escolheu o melhor lugar para uma defesa. Está de frente para o noroeste e terá visão de comando do platô à sua frente quando subir aquele morro. A cavalaria deles está na primeira divisão. Quinhentos ou mais.

Ele esperou um pouco para que suas palavras fossem assimiladas pelos comandantes.

– Não será a primeira vez que tentam nos esmagar sob seus cascos – disse o Conde de Salisbury.

– Vão querer derrubar nossos arqueiros primeiro – disse o príncipe. – Não são tolos; os batedores devem ter visto como temos poucos.

Killbere riscou mais linhas na terra.

– Bem, meu príncipe, as três divisões que seguirão abandonaram seus cavalos. Estão lutando em solo. Como nós.

Os comandantes se entreolharam. Seria isso pura loucura da parte do rei francês ou ele reparara que era melhor cruzar o terreno a pé?

– Quer nos esmagar com a cavalaria e avançar feito um enxame – disse o Conde de Warwick. – Aprendeu isso conosco.

O príncipe de Gales sacudiu a cabeça.

– Mas comete erro muito grave. Estamos na defesa e, quando ele vier a pé, terá de subir o morro e passar por seus mortos. Meus senhores, com a ajuda de Deus, hoje nós venceremos. Conte-nos mais, Gilbert. Temos muito menos contingente, mas ainda estamos animados.

Killbere apontou os contornos do terreno. A encosta sustentava um vinhedo que dava para um pântano, abaixo; arbustos alinhavam-se nos declives ao sul, onde a linha defensiva inglesa ficaria, e uma cerca espessa de espinheiro percorria a face do pequeno morro.

– Eles não podem nos flanquear, não com a floresta nas nossas costas e o vale e o pântano abaixo, no lado esquerdo. Há duas aberturas nessa cerca viva; não passa mais que uma dúzia de cavalos. Se entrarem por ali, é a raposa dentro do galinheiro. Pegariam nossas fileiras por trás. Vou defender esses pontos, senhor. Dê-me guerreiros e uma companhia de arqueiros e vamos segurar os malditos.

– William – disse o príncipe.

– Milorde.

O Conde de Salisbury deu um passo à frente.

– Você e Sir Gilbert defendem a cerca viva. Blackstone?

Blackstone aproximou-se do círculo sagrado de comandantes.

– Você nos serviu muito bem. Vá até seus arqueiros e diga-lhes que precisam defender seus postos. Eles não podem fracassar, ou os franceses nos atacam por trás.

– Não são meus arqueiros. Estão sob comando dos lordes Oxford e Warwick – respondeu Blackstone, respeitosamente ciente dos grandes condes da Inglaterra.

– Não importa. Diga o que deve ser dito – disse o príncipe. – E diga na linguagem que eles compreendem.

Blackstone curvou um pouco a cabeça.

– E depois? Onde quer que eu lute?

– Escolha o local que quiser. Fique com seus homens. Fortaleça nossas fraquezas. Onde houver uma brecha, defenda-a.

– Eu o farei, milorde.

O príncipe Edward aproximou-se do homem que deveria ter morrido por seus ferimentos dez anos antes.

– A história fez de nós irmãos, Thomas. Seu coração simples é mais nobre que muitos. Cavalgue como nosso campeão e desafie os franceses frente a frente. Que eles saibam que um homem de berço simples pode elevar-se pela graça de nosso rei e ser honrado por sua coragem única.



Elfred e Will Longdon se apressaram para entrar em posição com seus homens ao longo dos bancos escorregadios que se erguiam dos pântanos do rio estreito. Outros capitães e sargentos fizeram o mesmo, até que os arqueiros cobertos de lama ajeitaram-se, acorados, ofegantes, esperando pelas ordens finais de seus comandantes. Suas bocas já estavam ressecadas pela falta de água, pois o pântano não oferecia conforto algum que pudesse saciar-lhes a sede. Blackstone e Guillaume cavalgaram morro abaixo até onde seus homens aguardavam.

– Thomas, o que nos diz? Os franceses estão perto? Atacamos ou aguardamos? – perguntou Elfred.

Guillaume segurou as rédeas dos cavalos para Blackstone misturar-se aos homens.

– Aguardem – ele respondeu.

– Santo Deus, deveríamos estar fugindo para Bordeaux – disse um dos arqueiros. – Vou largar meu saque, que vá com Deus. Prata e joias não me valem nada se eu estiver morto.

– Chega disso! – gritou Will Longdon. – Vocês são muito corajosos para rasgar gargantas nas casas dos nobres; bem, hora de fazer jus ao que lhes pago.

Elfred fez uma curva com o arco perante a fileira de homens reunidos.

– E saberão quando os cavalos vierem a galope. Vão mijar nas calças e sentir o fedor do homem ao lado, mas manterão o posto como os arqueiros sempre fazem.

– Vocês viram o relevo – disse Blackstone. – Estamos no alto. Eles virão do outro lado do planalto, a quinhentos metros daqui. Descerão o morro e

subirão até nós. A cerca viva de espinheiros do outro lado é por onde tentarão passar.

– Aye. Rezemos para que detenha o avanço dos malditos – disse Elfred.

– Salisbury está colocando seus arqueiros logo atrás, o que significa que vocês têm que ficar aqui. Quando os franceses atacarem, nosso lado será o mais fraco. Eles passarão por aqui, e vocês terão que contê-los, ou vão nos atacar por trás. Vou reforçar a brecha.

– Temos flechas para poucos ataques, Thomas – disse Elfred. – Isso tem que acabar logo, ou não teremos mais nada.

– E não tenho tanta saliva assim para insultá-los antes que me matem – disse Longdon.

– Garantirei que sejam insultados antes que qualquer um de nós morra. Não saiam da formação para pegar prisioneiros. Will, Elfred, vocês precisam manter os homens aqui. Os franceses têm um morro de dez metros para escalar; vamos derrubá-los ali. No momento em que avançarem, defendam o máximo que puderem, depois corram por aqui – disse Blackstone, apontando para a rota que queria que pegassem, cruzando o pântano até o lado oposto. – Vão atacar os cavalos mais facilmente no ponto da armadura em que estão menos protegidos; derrubem os homens, acabem com eles com o que tiverem: facas, espadas... matem os malditos batendo neles com as pedras do rio, se for preciso. Mas matem.

Blackstone subiu de volta na sela para que sua voz se espalhasse bem.

– O príncipe me mandou desafiar o exército! Eu os enfrentarei como um homem comum, igual a qualquer arqueiro, e eles saberão que o príncipe os está insultando!

Os arqueiros ergueram ovações para o homem que um dia fora mais um em suas fileiras.

– Provocarei aquele maldito! Xingarei feito puta de taverna para que saiba que arqueiros ingleses e galeses estão esperando para matá-lo e a todos os nobres arrogantes de merda!

Os arqueiros rugiram sua aprovação.

Blackstone teve de conter a impaciência de sua montaria.

– Eles têm memória curta, esses franceses. Esqueceram-se de que os arqueiros ingleses já os assolaram uma vez e os assolarão novamente. E então o mundo saberá que não há exército maior, homem melhor, ninguém que não possa ser derrotado. Devo dizer-lhe tudo isso? – ele perguntou.

Os homens gritaram de volta, de braços erguidos e dentes à mostra, e o disparo de sangue ergueu suas vozes em um coro rouco:

– Aye! Aye!

– Que venham!

– Mije nele!

– Faremos dez mil viúvas hoje, Sir Thomas!

Blackstone olhou para aqueles homens exaustos e malnutridos. Compunham o exército mais esfarrapado que já vira. Precisariam de coragem e desespero para sobreviver e vencer. Ele girou seu cavalo e lançou um último olhar para Elfred e Will Longdon:

– Lembrem-se de Crécy. Deixamos amigos demais apodrecendo naquele campo de guerra. Vamos punir esses malditos de uma vez por todas.



Blackstone foi cavalgando pelo amplo prado, observando cada exército enviar um campeão para desafiar qualquer um que aceitasse. Era uma formalidade tradicional antes da batalha, momento em que homens de ambos os lados podiam juntar coragem para a carnificina que os aguardava.

Guillaume viu seu suserano cavalgar na direção do exército francês. O escudeiro viu os homens reunidos das cidades defendidas por Blackstone afiando suas armas, esperando a chance de matar. Meulon e Gaillard, tão ferozes na aparência quanto na luta, aguardavam estoicamente. Os dois viraram-se para Guillaume e ergueram suas lanças. Eles e seus homens estavam prontos. Conseguiriam saque com a matança que os sustentaria para o resto da vida. Cerca de um terço dos homens que atacaram a retaguarda francesa não estava ali. Como era comum aos mercenários, muitos buscavam a riqueza que os nobres em fuga representavam.

– Sir Thomas me disse que os arqueiros têm flechas insuficientes. Não poderão conter os franceses dessa vez. Quantos são ainda nossos homens? –

perguntou Guillaume.

– Menos de cem, mestre Bourdin – respondeu Guinot. – Basta. Podemos reforçar onde for preciso.

– Não haverá saque enquanto não acabar tudo, Guinot. Os marechais já proclamaram suas ordens; homem nenhum deve quebrar a formação. Certifique-se de que entendam isso.

– Aye, eles entenderam. Estão ansiosos para que comece a matança. Quanto mais rápido matam, mais perto ficam dos que valem alguma coisa.



O campeão francês cavalgava imponente seu magnífico cavalo de guerra blindado, coberto por capa decorada em dourado e vermelho que vibrava gentilmente sob a brisa da manhã. A gloriosa figura que era o sumo da cavalaria francesa usava armadura justa e o emblema de um falcão num sobretudo carmesim. Ele tirou o elmo de combate da cabeça para poder ser ouvido mais claramente. Seu cavalo fungava, mordendo o freio, e seus cascos sapateavam no chão. Os franceses, até mesmo seus cavalos, pareciam ansiosos por lutar.

Era um cavaleiro de alta posição, disso ingleses, galeses e gascões não tinham dúvida. Ele ergueu a voz e exaltou a virtude da causa de seu rei, a glória que era a França – que o dia já estava ganho – e que ele, enquanto campeão, daria o primeiro golpe. O primeiro de muitos. E então sua eloquência foi abafada pela zombaria rouca das fileiras inglesas. Ele continuou por mais um momento e, então, como se compreendendo que enfrentava uma raça de bárbaros, recolocou o elmo e retornou a grande fera para a primeira fila.



Blackstone cavalgou com seu cavalo bastardo por toda a primeira fileira francesa. O animal não ostentava vestimenta requintada, apenas a pelagem cinza com as sardas queimadas pelo fogo do inferno; a cabeça disforme estava baixa, como se pronta para avançar sobre as fileiras de cores brilhantes. Para olhos franceses, o cavalo sustentava um cavaleiro simples de roupas básicas, desprezado e temido, cuja aparição como campeão

acrescentou insulto e desrespeito. Ser incitado por tão baixo cavaleiro era um açoite ao orgulho francês.

Como sempre, Blackstone usava bacinete aberto no rosto, para que o inimigo visse a cicatriz de batalha e o identificasse rapidamente. No escudo, o emblema da espada do homem que desafiava a morte.

Ao mesmo tempo, ele media a força do inimigo, observando as três divisões formadas uma atrás da outra, cujas numerosas bandeiras informavam quem eram os comandantes. Ao cavalgar para um dos cantos, seus olhos procuraram o estandarte do rei na terceira divisão; a flor de lis ondulava ao lado da Oriflama, a bandeira de três pontas. Os franceses seriam impiedosos e não tomariam prisioneiros, nem buscariam resgate, e a única vida poupada seria a do príncipe Edward, para que sua humilhação, e também do rei da Inglaterra, fosse completa.

O terreno ondulante subia e descia feito ondas no oceano, dando aos franceses um pouco de vantagem, mas seu avanço primeiro os levaria morro abaixo e depois os forçaria a subir os declives para encontrar o inimigo. Edward não atacaria. Os ingleses eram mestres em defender terreno vantajoso. Aprenderam, com anos de combate, que, se esperassem o suficiente, recusando-se a ser atraídos, a arrogância e a honra dos franceses acabariam com a paciência destes. Blackstone não precisou procurar as flâmulas dos marechais franceses. Debaixo delas estavam corcéis de batalha armados – e, com um passar dos olhos, ele contou quase quinhentos cavaleiros que seriam usados para esmagar os arqueiros. Ele se virou e viu o pequeno exército, de dar pena, alocado no morro a menos de um quilômetro dali, com tão poucas flâmulas em comparação aos franceses. Homens de armas e soldados comuns aguardavam lado a lado, arqueiros espalhavam-se pelas fileiras em formação de serra, cavalos defendiam a retaguarda, e a luta seria feita a pé. Deu para ver também a cerca viva de espinheiro na qual Killbere e Warwick enfrentariam a tarefa quase impossível de conter o peso de um ataque.

Ele se voltou para os franceses. O estandarte real flamulava ao lado da Oriflama, ponto que Blackstone tinha que alcançar para matar o rei e o instrumento de sua tortura, o Padre Selvagem.

Cavalos relinchavam; a cota de malha dos homens estalava sob as presilhas de couro; a brisa firme ondulava bandeiras bordadas, fazendo-as crepitarem. Blackstone estava perto o bastante para ver os olhos dos soldados de infantaria e a barba no rosto dos cavaleiros do marechal, com seus visores erguidos e suas lanças prontas para fincarem. Ele ergueu a voz para que ela se espalhasse pelas fileiras mais próximas.

– Rei John! Você se esconde atrás de homens que morrerão por um rei injusto. Lembra-se de minhas palavras no campo de Mercy, onde assassinou Jean de Harcourt, e eu matei o traidor Guy de Ruymont? Você é um rei ignóbil, a sujeira nos pés de um inglês, e vamos limpar a bunda com seu estandarte real! Agora confirmo minha promessa: eu o matarei e à criatura monstruosa, Gilles de Marcy, que você pôs contra mim e a minha família. Homens simples matarão seus nobres, e você será condenado à desgraça. Hoje será o dia em que a França morrerá junto a você. Mande-o para mim! Mande o filho da puta para mim e me veja matá-lo. E, quando ele for destruído, eu irei atrás de você!

Blackstone girou seu cavalo e retornou para as fileiras inglesas.

Atrás dele, trombetas berravam, as vozes dos franceses rugiam desafios, e o trovão das ferraduras ribombou morro abaixo.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

Dois pajens, quase da idade de Henry, de cenhos franzidos de ansiedade, correram para levar o cavalo dele para a retaguarda, mas foi preciso um adulto para obter algum controle do cavalo bastardo. O avanço dos marechais franceses estava a poucas centenas de passos da fileira.

Blackstone correu para Killbere. Ambos prendiam o nó de sangue da espada no punho.

– Cavalos armados! Não tem como pará-los. Faça o que puder. Escute quando eu chamar. Abra caminho quando eu mandar!

Killbere assentiu, passando o comando adiante, enquanto Blackstone assumia seu posto, com Guillaume logo ao lado. Atrás deles, Guinot aguardava junto aos dele. A cinquenta passos para os dois lados, Meulon e Gaillard preparavam seus homens sobre um solo tremulante. Os poderosos cavalos de guerra avançavam feito uma onda. Um ataque tão terrível poderia estilhaçar a coragem do mais bravo dos homens. A tática dos franceses era outra. Blocos de cavaleiros, quinhentos ao todo, atacariam as fileiras para estilhaçar os vulneráveis arqueiros e, atrás deles, fileiras e mais fileiras de soldados de infantaria marchariam adiante, e seu imenso contingente esmagaria os ingleses.

O terreno estremecia sob o peso do avanço, ressoando nos corpos dos homens, alcançando seus corações. Independentemente da posição ou da classe social, os homens rosnavam e xingavam, rezavam e engoliam o medo da espera pela onda que os atingiria.

Perinne abriu bem os braços e berrou para o cavalo que avançava:

– Francês filho da puta maldito! Venha! Venha!

Os guerreiros ergueram suas vozes e zombaram da visão aterrorizante que chegava cada vez mais perto. Ele ergueu a espada e juntou o escudo, protegendo o corpo, sabendo que Blackstone fintaria para um lado para depois atacar o cavaleiro no ponto cego. O trovão ondulante dos cascos

pisoteando o solo abafou as trombetas e os gritos de comando. Uma raiva crescente atravessou as gargantas dos ingleses. Eles berravam cada vez mais alto, obrigando a coragem e o ódio a bombearem força para seus braços.

O fedor do suor dos cavalos misturou-se ao do medo dos homens. Blackstone estava pronto, vendo em sua mente os comandos que Elfred dava a seus arqueiros. Flechas prontas, costas arqueadas como o bordão dos arcos, e uma saraivada mortal de flechas voou pelo ar. Nesse momento, ele estava junto deles, sentindo o esforço e o desconforto dos músculos que puxavam a corda que poucos homens sabiam dominar. O irmão estaria ao seu lado, partilhando com os colegas a avidez por derrubar faixas inteiras de inimigos antes que pudessem alcançar os arqueiros de armadura frágil. Tudo lhe retornou num borrão de lembranças – o desespero e a confusão de abrir caminho lutando para salvar o irmão, golpeando insanamente, ignorando os ferimentos e a dor.

– Preparem-se! – gritou Killbere, trazendo Blackstone para o ruidoso presente.

O primeiro voleio de flechas voou para o céu e dele desceu. Os cavalos continuavam vindo; suas armaduras defletiram a força daqueles mísseis finos e compridos. Pelos estreitos visores dos elmos, os cavaleiros franceses viam rostos retorcidos, dentes à mostra, gritando palavrões, com espada, lança e machado prontos para o ataque.

E então eles chegaram.

A primeira onda de cavalos enfurecidos vacilou, tendo seus cavaleiros juntado as rédeas perante os guerreiros do solo, que desviavam e fintavam, talhando e esfaqueando. Soldados erguiam suas lanças, três em cada uma, apontando como troncos brotados do solo, pondo seu peso atrás dos mastros de ponta de aço. Cavalos gritaram, tendo o próprio peso os forçado para cima das lâminas afiadas. Guillaume deu um passo para o lado, virou e trouxe a espada em um arco baixo e selvagem, pegando a porção traseira da perna dianteira de um cavalo. O bicho berrou e perdeu o equilíbrio; seu cavaleiro xingou e meteu as esporas na barriga do animal, porém, com o peso da armadura e o tendão rompido, ele mal pôde cambalear mais uns passos.

Homem e cavalo tombaram. Guillaume voltou rapidamente a seu posto junto a Blackstone, enquanto Gaillard meteu a lança no visor do francês.

– O cavalo! – gritou ele, querendo que seus homens matassem a fera para desacelerar o avanço dos outros cavaleiros.

Homens caíram sobre a criatura indefesa, dançando para esquivar-se dos cascos que brandia, e fincaram lâminas na armadura do pescoço. Sangue jorrou de artérias seccionadas quando Meulon brandiu um machado, cortando as correias que prendiam a sela e eviscerando o animal moribundo. O fedor de sangue e os gritos finais do animal serviriam para pôr medo nos cavalos de guerra que subiam o morro.

– Gilbert! – gritou Blackstone.

Killbere atacava um cavaleiro francês caído que havia milagrosamente ficado de joelhos, mesmo com o peso da armadura – porém não passou disso: Killbere usou ambas as mãos para gingar sua espada daqui para lá, decepando o braço erguido do homem e o matando em seguida. Killbere ouviu o grito por cima da confusão e viu Blackstone correndo na diagonal do avanço, para a formação em serrote dos arqueiros.

O ataque francês tinha um único e desesperado objetivo: matar os homens de armadura frágil cujas flechas podiam derrubar tantos cavaleiros. Alguns dos gascões que protegiam os flancos dos arqueiros tinham tombado e jaziam, partidos, debatendo-se. Os cavalos os esmagavam com os cascos, e lanças francesas os fincavam enquanto o peso imenso do ataque rompia a formação.

Killbere correu adiante para assumir o posto abandonado por Blackstone, que desatera para onde Elfred tentava reposicionar seus homens numa tentativa desesperada de recuar para trás do grupo seguinte de homens de armas ingleses sitiados. A formação em zigue-zague dos arqueiros também os deixava vulneráveis caso a proteção dos lados fosse derrubada. Tornavam-se presa fácil para os cavaleiros franceses.

– Comigo! – gritou Blackstone, por cima de exclamações e berros.

Guinot vinha correndo logo atrás, sugando o ar com desespero, o suor comprometendo-lhe a visão, mas poucos metros atrás. Um cavaleiro juntou suas rédeas e puxou a força de seu cavalo numa mudança súbita de direção.

Blackstone foi derrubado e estava prestes a ser esmagado pelas ferraduras do animal. Guillaume jogou-se para o cavaleiro, que brandiu um mangual e atingiu as costas do escudeiro com impacto cruel. O rapaz caiu, girou e saiu rolando, enquanto Guinot agarrava o cavaleiro desequilibrado. Segurando-o pelo braço e pelo cinto, ele puxou o francês para o chão, quase sendo esmagado quando o cavaleiro caiu em cima dele. Guinot xingou e se debateu, mas o homem estava pesado demais. Um punho de ferro erguera-se e estava prestes a socar o rosto desprotegido dele quando Guillaume veio por trás do inimigo, ergueu-lhe o visor e meteu muitas vezes sua faca no espaço aberto. O grito gorgolejante do homem foi cortado subitamente pelo ataque violento do escudeiro.

Guinot ficou de joelhos e Guillaume girou e saiu correndo, procurando Blackstone no enxame de cores e ruídos. Silhuetas borradas engajavam em confrontos desesperados de vida ou morte, os punhos das espadas eram usados como martelos, malhos colidiam com elmos e crânios, homens chutavam em seus espasmos de morte, sendo derrubados por outros soldados e cavalos. E o tempo todo berros de medo e ameaça misturavam-se às trombetas e seus comandos. Trinta dos homens de Blackstone o seguiram até a brecha e, como uma larga ponta de flecha, entraram em formação em torno dele. Lanças caídas foram erguidas e os escudos de meia dúzia de homens compuseram uma barreira, soldados lado a lado, agachados, de cabeça baixa, lanças apontadas, enquanto homens de armas brandiam espada e machado na frente da falange. Blackstone e Guillaume sentiram a presença de Guinot e Meulon logo atrás, guerreiros fortes como touros posicionados ali para conter o ataque desesperado.

Assim a fileira se manteve.

Uma maré insurgente de homens apareceu do nada em frente a Blackstone. Os arqueiros do Conde de Suffolk estavam escondidos em trincheiras e agora surgiam para atirar nos franceses encurralados em desespero. Blackstone agachou em um dos joelhos, erguendo o escudo; outros o seguiram, e um voleio de flechas sobrevoou-os cem metros acima de suas cabeças e choveu sobre armadura e carne.

Os gascões se reuniram, passaram por Blackstone e foram atacar.

Blackstone cuspiu, limpou sangue dos olhos, virou-se para seus homens e viu a confusão de um campo dominado pela luta corpo a corpo. Com os pulmões sofridos, ele tornou a cuspir, vendo que seus homens ainda estavam junto dele com o fogo brilhando no olhar. Elfred ergueu o braço e acenou para o sessentão Suffolk, que cruzou a fileira, urgindo seus homens para se reorganizarem. As ações de Blackstone salvaram a si mesmo e a seus arqueiros. O cavaleiro veterano chamou Blackstone e brandiu violentamente a espada. Blackstone redirecionou seu pessoal. O filho do rei francês desatara um ataque contra a cerca viva defendida por Killbere. Homens reuniam forças, sabendo que, até o momento, tinham enfrentado apenas um pequeno destacamento do exército inimigo.



Apesar da matança, os cavaleiros franceses não perdiam a pose, e sua coragem inigualável inspirava as fileiras seguintes, que avançavam em linha ampla, a pé, sob o bater de tambores e o berrar de trombetas. O medo sustentava a determinação do Delfim – não era covardia, apesar de essa ser sua primeira batalha –, o medo de fracassar em provar seu valor para o pai. Incitado pelo homem a seu lado, que vira onde um ensanguentado Thomas Blackstone corria daqui para ali para selar qualquer brecha, ele manteve o passo. A exaustão logo sobrepujaria os ingleses. Horas de combate mano a mano drenariam até os mais fortes defensores, mas os ingleses lutavam com selvageria. Alguns arqueiros quase não tinham mais flechas para atirar, por isso correram para o conflito com espada e faca.

A morte cavalgava junto a Delfim – um discípulo sinistro ordenado pelo rei francês a proteger seu filho com a própria vida, se necessário –, penitência por permitir que Blackstone escapasse de suas mãos em Paris. Proteja o Delfim. Garanta que não seja ferido. Que deixe o campo com honra. E aproveite qualquer oportunidade para matar o inglês. Matar Blackstone poderia render riquezas e terras, mas Marcy não tinha intenção alguma de sacrificar-se por um moleque.

O Padre Selvagem urgiu o jovem herdeiro do trono.

– Blackstone está logo ali, senhor! Defendendo a cerca viva!

O Delfim reconheceu as flâmulas de Salisbury e Suffolk – os ingleses veteranos eram tão famosos quanto os maiores marechais franceses –, mas não via bandeira ostentando o brasão de Blackstone. Ele não se importava com o que a criatura vil enviada por seu pai queria ganhar com o confronto. O homem tinha um ódio demoníaco dentro de si. O rapaz suava, sentindo tremer o lábio inferior, olhando nervosamente para cá e para lá, imerso na cacofonia da guerra e no caos da matança, tendo revelados o horror e a chacina no morro à frente pela fenda estreita de seu visor. O suor lhe pinicava os olhos; o tamborilar de seu coração competia com sua respiração rouca. Homens de posição mantinham-se ao redor dele, rezando a Deus que o rapaz não vacilasse e envergonhasse a todos eles.

– Ele está lá! No meio deles! Nós o pegamos! – Marcy rugiu para os homens a seu redor.

Ele e o Delfim não estariam na primeira onda de homens a cruzar a cerca viva, mas a recompensa e os privilégios que viriam para quem matasse Thomas Blackstone acenderiam o sangue dos mercenários de Marcy. Mate a escória da França e receberás glória e recompensa.

– Nada de clemência, senhor! Lembre-se disso! *Pas de quartier!* – gritou o Padre Selvagem, com a língua grossa de desejo.

O Delfim fez que sim vigorosamente, juntou coragem e foi varrido pelos outros quando avançaram, pego na onda de matança, pronto para crer que Deus favorecia somente a eles. Homens de armas afunilaram-se na passagem; o tilintar do aço e os gritos de *Saint George!* foram confrontados pela determinação sangüinária dos franceses, que se contrapuseram aos ingleses e gascões rugindo, triunfantes, *Saint Denis!* O buraco na cerca viva afunilava os homens que forçavam a passagem por ali, mas o peso do ataque francês vinha incrementado por uma determinação de recuperar a honra perdida e livrar-se de uma vez por todas dos ingleses. Bastava derrotá-los nesse campo de batalha para tomar a Gasconha; se capturassem o príncipe de Gales e ele se rendesse, a humilhação seria completa. Nem mesmo aqueles ingleses bárbaros podiam superar a vantagem que tinham os franceses.

E, para os que serviam ao Padre Selvagem, a cabeça de Blackstone em uma estaca lhes garantiria riqueza e todas as cidades que o cavaleiro controlava. E

Marcy vestiria o manto de uma lenda.



O assalto assomou-se morro acima e começou a infiltrar-se nas fileiras de Killbere. O cavaleiro se firmou, preparando-se para o ataque, acompanhado de homens de armas que o apoiavam, de lanças erguidas e prontas para empalar os que vazassem pela passagem. Franceses tombaram, mas suas armaduras desviaram a maioria das lanças, e o puro peso de seu contingente começou a sufocar os defensores.

Killbere avançou contra um cavaleiro francês, cortes ferozes que feriam e mutilavam, depois se esquivou de escudos e lanças, enquanto os soldados se abaixavam para cortar as juntas dos cavalos que ainda sobreviviam. Os animais tombados relinchavam, cavaleiros franceses eram esmagados ou espancados por alabardas e clavas, mas era uma maré que não podia ser contida.

Blackstone e seus homens mantinham-se em pé cinquenta passos atrás, prontos para assumir a defesa assim que Killbere fosse empurrado para trás.

– Abra caminho, Killbere! – gritou ele. – Ceda terreno! Deixe que venham até nós!

Mas o clamor da batalha abafou a voz dele. Antes que pudesse gritar de novo, Guillaume correu à frente para levar a ordem de seu mestre, retalhando inimigos até alcançar Killbere. Blackstone sentiu-se subitamente tomado de pânico: ver o escudeiro abrindo caminho às espadadas deu-lhe uma pontada na consciência, lembrando-o de um irmão perdido no caos de outra batalha.

Ele viu o escudeiro pender a cabeça e gritar palavras para Sir Gilbert, que brandiu um último arco cortante com a espada, decepando o braço de um francês. O choque do homem o fez avançar até que outro o fincou com um machado com tanta força, que perfurou a armadura. Tão profundo fora o golpe, que o inglês não pôde retrain o machado, e a tentativa de fazê-lo custou-lhe a vida, tendo uma espada francesa lhe perfurado a garganta.

Pelo buraco da cerca viva, os cavaleiros blindados se amontoavam em uma pulsante massa, sendo atacados por espadas e machados ingleses. Estes não podiam com o peso do ataque. Blackstone deu um giro, acertando o primeiro

dos cavaleiros, que perdeu controle de seu cavalo, tomado pelo pânico. Guinot atirou-se sobre os olhos do animal com sua espada, cegando-o. Insensíveis aos gritos do animal, Guinot e Blackstone saltaram para escapar das pernas que ele agitava. Um cavalo ferido ajudou os defensores, visto que desatou a correr em agonia, atropelando os franceses. Guinot mergulhou a espada no ombro do cavaleiro, no vazio entre placas de armadura, forçando-a a atravessar ossos e carne, e deitou seu peso sobre o corpo dele para que parasse de se debater, enquanto Blackstone metia um chute no visor do homem para ali fincar a espada, bem no rosto.

Eram muitos! Os ingleses iam sendo sobrepujados por soldados de infantaria e cavaleiros. A massa pulsante surgia de todo canto. Homens cuspiam dentes quebrados e seguravam membros decepados. O tempo parecia correr mais lento – os momentos de intensidade engoliam horas e as vidas dos homens. Em um ponto no meio do agitar de elmos, Blackstone viu o escudo de Delfim erguido em defesa e, por um instante em que chegou a sentir o coração parar, pensou ter visto o rosto do Padre Selvagem, em um breve jorro de luz que mostrou homens arquejando atrás do combate corpo a corpo. Um visor foi erguido, o ar sugado por pulmões ardentes – e logo os visores fecharam-se, ombros curvados na tarefa de abrir passagem. Havia um escudo de homens em torno do Delfim, mas alguns avançavam, lutando ferozmente.

Blackstone e seus homens firmaram-se. Precisavam de uma linha defensiva forte. Os ingleses vendiam suas vidas facilmente, deixando para trás os mortos e morrendo para conter os cambaleantes cavaleiros franceses. De peito arquejando, Blackstone e os outros se prepararam para firmar-se contra os homens armados que rosnavam e rugiam avançando contra eles. Os tambores franceses batiam em ritmo pulsante, motivando seus soldados, e as trombetas berravam uma cacofonia discordante.

Os homens de Blackstone prepararam-se para o impacto, agachados, escudos em frente, espadas e machados semierguidos, de olhos fixos no homem que cada um mataria primeiro. Os franceses vacilavam ao passar por cima dos mortos e moribundos, mas foram ganhando impulso quanto mais deles vazavam pela abertura na cerca viva. A massa fez uma curva ligeira,

como se por comando, e foi diretamente para Blackstone e seus homens cercados. Nesse momento, o cavaleiro soube que a defesa não poderia sustentar-se. Ele fitou os homens sujos de sangue a seu lado – Guillaume, Killbere, Meulon, Gaillard, Guinot, Perinne, de espadas abaixadas, prontas para atacar e castrar o primeiro cavaleiro que entrasse em contato com a lâmina –, cada um deles com os olhos fixos no inimigo, dentes à mostra, decididos a matar.

Blackstone encarou a massa pulsante de cores, pronto para morrer, o que certamente aconteceria contra essas tropas novas. E então, no meio dos atacantes, Blackstone viu o estandarte do Delfim e logo ao lado a flâmula do Padre Selvagem, que mais era uma língua negra. O choque da visão logo passou, sobrepujado pela urgência de matar. Marcy viera até ele!

Erguendo a Espada do Lobo, ele se lançou adiante.

Um segundo depois, a linha de homens o seguiu. Entre os berros do ataque, um grito de guerra ressoou por cima do tumulto e logo virou um coro.

Défiant à la mort! Défiant à la mort!

Desafiando a morte!

Desafiando!



O Padre Selvagem abriu caminho aos empurrões na direção da passagem. Seus homens, indo e vindo à sua frente, mostravam o ponto em que Blackstone devia estar. Brasões sujos de sangue – grifo, águia, pombo e flor – pululavam em sua visão estreita. Ele ajudou a matar os que foram caindo dentro do círculo de proteção que envelopava o Delfim. Seria suicídio atacar sozinho, separado dos guarda-costas reais. Estava sendo tão protegido quanto o Delfim. Ele prometera ao rei que usaria seus mercenários para abrir caminho – mas quanto mais perto ficava do Delfim, menos ele punha em risco a própria segurança. Seus homens progrediam, pisoteando ingleses caídos que se contorciam – ganhando terreno na direção de Blackstone, que estava lado a lado com outros, avançando para encontrar o inimigo. A força de Marcy percorreu todo o seu corpo. Blackstone! Seus escudos vermelhos feito sangue protegiam a linha inglesa.

– Continuem! Em frente! Nós o pegamos! Continuem! – gritou Marcy, cuja determinação levava consigo o Delfim.

Homens de armas franceses sugavam a força dos defensores ingleses, permitindo que os cavaleiros franceses ganhassem mais terreno, mas então Deus mesmo estilhaçou a esperança de Marcy quando os próprios cavaleiros franceses atropelaram seus conterrâneos. Homens tropicaram e foram tirados do caminho.

Blackstone e seus homens lutavam muito juntos. Killbere e Gaillard, Meulon e Perinne, lado a lado. Guinot encontrara um tronco velho de árvore e se encostara nele para apoiar-se. Machado e escudo enfrentavam clava e espada. Como um touro furioso, Guinot defendia-se. Essa era a sua maior força, e ele não cederia mais. Blackstone ouviu alguém murmurando uma ladainha constante: *Deus é clemência! Deus é clemência!*

Guillaume protegeu seu mestre com o escudo quando este se virou. Os ingleses haviam recuperado o terreno perdido e defendiam a brecha, mas a situação era desesperadora; o ataque do Delfim ganhava terreno, e ainda havia milhares de novas tropas esperando pelo comando do rei francês.

Blackstone olhou para a margem estreita do rio. Elfred e seus arqueiros tinham cruzado o pântano, conforme instruído. Ainda lhes restavam flechas suficientes para mirar nas traseiras desprotegidas dos cavalos. Agora os animais atacavam com menos frequência, com as pernas já lhes falhando, cedendo à dor e aos ferimentos, lançando seus cavaleiros sobre as espadas de ingleses e gascões. Os homens de Blackstone foram para cima do inimigo, com a selvageria abastecida pelo medo e carregada de desejo.

O Padre Selvagem era uma criatura visceral e sentiu a mudança de maré nos eventos. Estavam sendo impedidos pelos esforços renovados dos ingleses, e o Delfim começava a se cansar. Blackstone ainda estava longe demais para ser alcançado. Trinta ou mais dos homens de Marcy tinham tombado sob as lâminas inglesas, e os cavaleiros continuavam entrando o ataque. Soldados furiosos, aos palavrões, amontoavam-se sobre os cavaleiros franceses que tinham finalmente passado. Cavalos feridos criavam confusão, espalhavam os homens, pisoteavam os cavaleiros caídos.

Marcy agarrou o Delfim pelo braço e lutou contra a confusão do rapaz, que tentou libertar o punho, mas a força do assassino foi maior.

– Para trás, senhor! Vão derrubá-lo! Para trás! – insistiu Marcy.

Não seria nada bom para ele falhar em tirar o filho do rei do perigo. Se Blackstone sobrevivesse ao combate e os ingleses vencessem, Marcy não ganharia absolutamente nada. Ele tornou a gritar com o Delfim. Cavaleiros mais importantes e nobres ouviram o grito e empurraram Marcy ao retirar o rapaz da confusão.

Blackstone viu que recuavam. Marcy estava escapando! Os homens de Killbere e Salisbury lutavam na brecha. Thomas e seus homens a tapavam com incansável selvageria. Os que tinham passado ficaram encurralados entre as linhas inglesas, presos no atoleiro, esmagados pelas flechas dos ingleses. Blackstone logo perdeu a flâmula do Delfim de vista. E soube que perdera a oportunidade.

A defesa sustentou-se, e os arqueiros entrincheirados logo atrás da barreira soltaram seu voleio final contra as linhas inimigas. A cerca viva servia melhor aos ingleses do que outros mil homens. Os franceses foram forçados a abrir caminho para atracar-se com os ingleses, e os que não tinham sido mortos pelas flechas lutavam com os ingleses das fileiras trocando golpes, frente a frente, com um inimigo sobrepujante que não podia ganhar mais terreno. Machados e clavas esmagavam ossos e arrancavam membros. Homens eram eviscerados e jaziam na lama, enquanto outros tropeçavam sobre suas entranhas. Blackstone alcançou Killbere e os dois lutaram lado a lado, um cobrindo o outro, enquanto Guillaume e Guinot formaram os flancos de uma frente de batalha que se fincou feito lança no grupo de atacantes franceses. O combate era conduzido por grupos de homens que lutavam mano a mano. Cada vitória relegava os atacantes derrotados na lama e, assim, os ingleses sobreviviam.

Quando Blackstone tombou mais uma vez sob um aguaceiro de poderosos golpes, cobrindo-se com seu escudo desgastado, Guillaume e Guinot e mais uma dúzia abriram caminho para circular o mestre e defendê-lo. Killbere abaixou-se, ajudou Blackstone a levantar-se, assim, a luta continuou, sem descanso. Os homens de Killbere e Blackstone finalmente taparam a brecha.

Ao longo das fileiras inglesas, os mortos jaziam aos montes e os feridos se contorciam, mas ninguém vinha pôr um fim em seu sofrimento.

Então, misericordiosamente, após horas de matança, o avanço francês fraquejou.



Killbere ergueu o visor, desesperado para respirar. Blackstone sugava punhados de ar, arquejando. Ambos, como todos ao redor, estavam encharcados de suor e sangue. Foi estranho e incômodo o silêncio quase total que se assentou sobre eles. Gritos distantes e berros abafados ficaram claros como o canto dos passarinhos.

– Precisamos de água – disse Guillaume, retirando seu elmo, e passou a mão trêmula, cheia de sangue, no rosto, com o corpo tremendo de exaustão.

– Não tem. Não aqui – disse Blackstone. Com a espada, ele apontou para o inimigo. – Eles têm água. Se quisermos, é para lá que temos de ir.

– Santo Deus – disse Killbere. – Nós os contivemos. Contivemos os bastardos.

Ele riu e olhou para os sobreviventes ao seu redor; a maioria estava de joelhos, exausta pelo combate. Killbere endireitou-se, apoiando-se na espada. Trombetas francesas ressoaram pelo estreito vale. Ao longe, viram flâmulas abandonando o campo de batalha.

– O Delfim – disse Blackstone.

– O maldito está levando seus homens... – disse Killbere, assistindo ao filho mais velho do rei desaparecer atrás da massa de tropas de outras divisões francesas.

– Não... o rei não quer que ele corra perigo... – disse Blackstone, tendo dificuldade para falar de tão seca que estava a boca. Seus olhos não paravam de procurar pelo homem que ele pensara ter visto.

– Não! Olhe! Malditos sejam, Thomas, estão fugindo para casa!

Outras bandeiras e flâmulas acompanhavam a do Delfim.

– O Duque de Orléans está levando Poitiers e Anjou consigo! Toda a segunda fileira se foi!

Killbere sorriu e rugiu com outros que também sentiam a vitória. A sensação varreu as fileiras inglesas. Centenas de homens deixaram suas formações e correram adiante, esfaqueando os mortalmente feridos, tirando cintos incrustados de joias dos corpos deles, pesquisando o que saquear dos caídos. Ordens eram dadas aqui e ali na fileira.

– Aos seus postos! Aos seus postos. Comandantes!

Blackstone acrescentou sua voz:

– Homens! Voltem às linhas. Ainda não acabou.

Meulon e Perinne agarraram soldados pelas túnicas e os lançaram de volta à formação. Já Gaillard cutucou outros com a ponta cega de sua lança. O alívio que sentiam foi logo sufocado.

A cacofonia de trombetas tornou a ressoar, dessa vez com sonoridade diferente. Os ingleses tinham enfrentado apenas um pequeno segmento do exército francês. Era o próprio rei quem agora avançava, trazendo milhares de tropas novas consigo.

Os olhos de Blackstone fixaram-se na parede de escudos imensos e altos que protegiam os besteiros genoveses que vinham logo atrás.

– Santo Deus, Thomas. Receio que seja o fim – disse Killbere.

A oriflama avançava, ondulando por cima da massa de corpos, trazendo a promessa de morte sem clemência para cada vez mais perto das fileiras inglesas, cuja coragem começava a fracassar conforme as novas tropas não paravam de se aproximar, anunciando vitória por meio dos tambores e trombetas.

– Killbere, diga alguma coisa. Fale com os homens – disse Blackstone, cansado.

– Estou fraco demais – admitiu Killbere.

O momento foi salvo pelo príncipe Edward, tendo tirado a cota de malha de cima dos cabelos claros, cavalgando de rosto aparente ao longo das fileiras, com seu estandarte real voando tão alto, que todos sabiam que era ele, e nele a cruz ondulante de São Jorge. Os leões da Inglaterra e os lírios da França retratados no escudo e no sobretudo passaram num borrão pelo céu acinzentado conforme o cavalo do príncipe o carregava ao longo das fileiras de homens encurralados. Edward ergueu a espada e, por milagre, as

trombetas francesas ficaram em silêncio por alguns instantes. Nessa paz sinistra, a voz do príncipe ecoou com clareza pela encosta.

– Mesmo assim, eles se oferecem para a matança. Marcham para as nossas espadas. Devemos conceder-lhes o que desejam. Que o rio leve seu sangue para o mar, para que, se Deus algum dia der aos peixes o dom da fala, eles falarão francês!

O riso quebrou, nos homens, o feitiço da exaustão.

– Eles não conhecerão vitória enquanto eu estiver vivo! Não comando covardes! Somos uma nação de homens que não podem ser conquistados por esses franceses. Já estão fracos, já estão fugindo... esse será seu ato final de desespero. Fiquem a postos e preparem-se para a vitória!

Blackstone e Killbere eram mais dois entre os milhares de homens que ergueram suas armas e soltaram a voz para responder ao comando do príncipe. E, quanto mais perto chegava a flor de lis, mais perto Blackstone ficava de perpetrar sua vingança. As trombetas francesas convidaram o grande enxame de homens a avançar.

E o rei francês que Blackstone prometera matar marchava junto a eles.



Arqueiros ingleses e galeses atiraram seu último voleio nos franceses, mas a falta de flechas não impediu que os inimigos se aproximassem mais, até que finalmente alcançaram as linhas inglesas. Pela primeira vez, os arqueiros não puderam matar o suficiente de inimigos para conter um ataque inteiro.

Gritos de “*Pas de quartier!* Sem clemência! Sem clemência!” ecoavam pelas fileiras francesas conforme os ingleses tombavam sob o peso do ataque, sendo assassinados onde caíam. A oriflama queimaria as almas de todos no inferno. Não tomavam prisioneiros. Todo homem que se opunha ao rei da França morreria.

– Elfred! Will! Aqui! Comigo! – gritou Blackstone.

Os franceses chegaram. Com suas aljavas vazias, os arqueiros largaram os arcos e armaram-se com espadas e adagas, e avançaram. Alguns arremessavam pedras e lutavam com os franceses no solo, onde estes, como

uma alcateia de lobos, atacavam ferozmente suas vítimas até matar. Todo esse horror não dava sinais de que acabaria.

A resistência dos ingleses se impôs e dividiu os franceses em grupos, de modo que eram atacados e mortos por todos os lados. Também a eles não foi concedida clemência alguma. Meulon e Gaillard formaram paredões de escudos – uns poucos homens lado a lado – para defletir o ataque dos arqueiros. Guillaume foi engolfado pelos golpes de espada dos inimigos que o cercaram, e Blackstone não conseguia alcançá-lo, detido pela pressão dos soldados ávidos por matar o cavaleiro da cicatriz. Killbere e Guinot abriram caminho esmagando o inimigo, e logo o escudeiro estava de pé novamente. Calmarias breves e surreais concediam momentos vitais de descanso conforme alguns inimigos morriam, recuavam ou ficavam exaustos. Blackstone podia ver o estandarte do rei ainda voando, mas havia centenas de homens entre ele e o que ele prometera matar.

– Sir Thomas! – gritou Perinne, apontando ao longe, por sobre o confuso embate.

A bandeira de São Jorge estava sendo carregada ao redor do flanco esquerdo do exército francês. Eram cavaleiros ingleses. Edward enviara Jean de Grailly e uma unidade de cavaleiros para circundar os franceses e atacar pela retaguarda. Agora um novo receio tomava Blackstone. Ainda que fossem poucos os cavaleiros, eles poderiam passar por entre os inimigos e alcançar o rei. O prêmio de Blackstone poderia ser tomado dele. Ele voltou. Bem ao longe, atrás de suas fileiras, viu bandeiras inglesas onde outros homens de armas corriam para seus cavalos. O príncipe Edward brincava com a sorte, confiando no resultado do confronto, tirando homens das fileiras para formar um ataque em montaria.

Blackstone correu para o seu cavalo. Guinot estava com ele; os dois respiravam com dificuldade, tamanho era o esforço.

– Fique no paredão de escudos! – gritou Blackstone para ele.

– Nunca, Sir Thomas! Hoje não! Agora não!

O velho soldado olhou feio para o suserano, desafiando-o a negar-lhe a chance de atacar o coração do inimigo. Blackstone lhe prometera uma luta e o homem estava determinado a ganhar o dia.

Blackstone compreendeu. E aceitou. Trombetas inglesas soaram, enviando o desafio do príncipe como uma trovada ribombando por toda a floresta.



Alguns homens ficavam presos em lutas mortais no conflito; outros galopavam pelo contorno do morro. Blackstone e Guinot lideravam um grupo de homens que os alcançara e, por sua vez, juntaram-se a outros. Uma onda insurgente de violência varreu a encosta quando homens de armas avançaram desordenadamente contra os franceses. O ataque atingiu a retaguarda e os flancos; soldados de infantaria ingleses e gascões avançaram contra o inimigo, que começou a se repartir. O exército francês lutava por cada centímetro de solo encharcado de sangue. Cavaleiros ingleses eram puxados das selas. Lanças francesas cortadas em tamanho menor para a luta de solo fincavam homens e suas montarias.

O cavalo bastardo de Blackstone pisoteava oponentes com os cascos – a adrenalina concedia-lhe poder irresistível. O inglês abandonara qualquer esperança de restringir o animal; coberto de suor, dentes à mostra e narinas escancaradas, o bicho esmagava qualquer um que visse pelo caminho – caminho esse que os levaria ao estandarte do rei francês. Blackstone brandiu a Espada do Lobo. A flâmula estava a sessenta metros dele, cercada por cavaleiros que se empenhavam em mantê-la firme. Onde estaria o rei? Uma guarda de homens de armadura negra e sobretudo branco marcados com flores de lis cercava as bandeiras. O rei estava escondido entre esses homens, vestindo o mesmo sobretudo. Eles não cediam a ninguém, e nenhum cavaleiro inglês conseguia romper tão justa formação. Um cavaleiro francês lutava ferozmente com um machado.

Blackstone ouviu a voz de Guinot elevar-se sobre o ruído do combate.

– O estandarte! Pegue-o! Derrube-o!

Ele estava muito longe para ser protegido por Blackstone, e sem montaria. Jogou longe soldados inferiores e desatou adiante, a pé, na direção da flâmula do rei e da oriflama. Com a clava, ele arrancou o elmo do soldado que brandia o machado. Era o rei. O golpe o desestabilizou, mas ele se recuperou enquanto a guarda de armadura negra juntou-se para derrotar o agressor.

Blackstone viu, sem poder fazer nada, quando Guinot tombou sob uma chuva de bordoadas, espancado e esfaqueado à morte, sem saber que quase assassinara o rei francês. O monarca, agora sem o elmo, sangrava de um ferimento na cabeça, mas continuava brandindo o machado, traçando arcos mortais.

Dois franceses correram para Blackstone e meteram lanças em seu escudo. A própria força da correria de seu cavalo o derrubou da sela. Num instante já batia com as costas no chão, mas a sorte estava com ele. Thomas caiu em cima de corpos, que lhe contiveram a queda, e os homens, que tentavam dar continuidade ao ataque, tropicaram em outros corpos. O escudo de Blackstone recebeu o primeiro golpe, de impacto diminuto por conta do desequilíbrio dos atacantes. Com a borda do escudo ele acertou o primeiro homem, pegando-o no queixo, vendo a mandíbula estilhaçar e os dentes serem vomitados junto com sangue. O segundo homem estava perto demais para ele poder fincar a espada, então Thomas apenas suportou a dor da clava que lhe passou pelo elmo e o ombro, e golpeou o inimigo com o punho da Espada do Lobo. Ela colidiu contra a têmpora do francês, que afundou feito casca de ovo rachando. O inimigo entortou os olhos, seus joelhos cederam, e Blackstone teve certeza de que o matara.

Uma abertura apresentou-se à frente dele numa fileira de guerreiros rompida. Trinta passos adiante, o homem do machado virou-se e olhou diretamente para o inglês. O rei da França reconheceu o homem que jurara matá-lo. Chegaram mais soldados, mas os ingleses estavam ali em peso. O cavaleiro que portava a oriflama tombou sob um ataque ferrenho que não havia como contrapor. A flâmula sagrada de batalha foi ao chão. Blackstone foi se arrastando para a frente, com o coração martelando, os ouvidos tampados pelos berros e gritos, os olhos travados na presa.

Em meio aos sons entrecortados, a voz de um inglês sobressaiu:

– Ceda! Ceda, senhor! Ceda! Nós vencemos!

Os cavaleiros franceses baixaram as armas.

Vinte passos.

O rei tinha uma das mãos no ombro de um rapaz: seu filho mais novo. Não havia por que ele morrer. A coragem do rei John não podia ser questionada.

Ele lutara até o fim.

Dez passos.

O rei virou-se, viu Blackstone avançando e entregou sua manopla para um cavaleiro.

O rei se rendera.

Cinco.

Inglese viravam-se e viam o cavaleiro da cicatriz grunhindo, de espada erguida, pronto para atacar. O velho guerreiro Cobham estava ao lado do rei, com Warwick. Ele gritou com Blackstone, gesticulando com a espada, com uma cara de pânico – mas as palavras não penetravam a raiva de Blackstone. O rei da França recuou um passo e ergueu o braço para proteger o filho. Diversos cavaleiros ingleses agarraram Thomas Blackstone, jogaram-no ao chão e o esmagaram no solo encharcado de sangue. Não havia mais o que fazer. Blackstone não resistiu. Sua espada, manchada de sangue, jazia ao seu lado, ainda presa pelo nó de sangue ao punho, com a marca do ferreiro, o lobo correndo, gravada na alma do cavaleiro tanto quanto no aço.

Ao longe, os sinos da abadia soavam o chamado de orações do meio-dia. A batalha durara mais de sete horas.



CAPÍTULO TRINTA

Os combatentes deixaram o campo de batalha para arranjar comida e água e depois dormir a fim de sanar a fadiga que a batalha lhes causara. Salteadores das vilas circundantes zanzavam por entre os caídos e arrancavam qualquer coisa de valor que encontravam. Os milhares de soldados e homens de armas que jaziam mortos foram deixados para apodrecer. Somente os corpos dos nobres foram recuperados e enterrados para descansar nos cemitérios próximos. O príncipe inglês e o rei da França jantaram no pavilhão real enquanto outros barganhavam os resgates a serem pagos pelos nobres capturados. Os prisioneiros teriam de ser mantidos às custas de seus captores até que o dinheiro fosse pago, e isso poderia levar anos. Melhor que um preço fosse acertado e os franceses libertados com a promessa de não pegar em armas enquanto a dívida não fosse paga. Os poucos sortudos que tinham capturado homens de posição venderam os prisioneiros ao príncipe, que ganharia um belo lucro quando os resgates fossem finalmente acertados.

Killbere foi até onde Blackstone aguardava. Seu cavalo estava ferido, mas ele costurara o ferimento e o cobrira de sálvia. Contanto que o animal não fosse requisitado a cavalgar pelos próximos dias, ficaria curado. Um cavalo de guerra era bastante caro, e seu bem-estar era vital para um cavaleiro que acabava com nada além de experiência de combate. A única e parca satisfação que Blackstone tirava dos eventos era o fato de ele e o cavalo terem sobrevivido.

Killbere passou pelas fileiras e foi até o pântano, onde Blackstone estava sentado, usando a água rasa para banhar os ferimentos profundos e vergões dos golpes que levava. Guillaume passava a mesma sálvia usada no cavalo nas costas do mestre, onde ferimentos abriam a pele.

Agachado, Killbere jogou água no rosto. Levaria um tempo até que o sangue seco fosse completamente removido.

– Edward não vai recebê-lo – disse ele, finalmente. – Não lhe será permitido interrogar John.

– Preciso de respostas, Gilbert, só isso – disse Blackstone.

– Você causou embaraço e desprazer a um príncipe do reino. Ele o perdoará com o tempo, mas, pelo amor de Deus, Thomas, você tentou matar o rei da França depois de ele já ter se rendido. Cobham e Warwick acham que você deveria ser açoitado, enforcado e deixado lá fora para apodrecer com os demais.

– Eu quase o peguei – disse Thomas. – Mas preciso saber onde está Marcy. Pelo menos isso.

Elfred e Will Longdon cruzaram o solo enlameado até onde estavam Killbere e Blackstone. Meulon e Gaillard trouxeram cestas de comida e vinho.

– Sir Thomas – disse Longdon, estendendo um odre a Blackstone e uma boa porção de comida tomada do acampamento francês. – Tinham mais comida do que aguentariam comer. E aposto que vinho não lhe fará mal ao estômago.

Blackstone bebeu bastante e passou o odre a Killbere.

– Vocês deveriam estar coletando roupas e itens de valor – disse Thomas.

– Boa parte já se foi – disse Longdon, de boca cheia, aceitando com gratidão o odre da mão de Guillaume, empurrando com o líquido a comida que lhe enchia muito a boca. – Aldeões franceses malditos roubaram os próprios conterrâneos. Deveríamos queimar as vilas dos filhos da puta. Mas preciso disso antes... – disse, apontando para a bocada seguinte de alimento que rasgou com os dentes.

– Onde está Perinne? – perguntou Blackstone.

– Cuidando de Guinot. Dissemos que guardaríamos os itens e a comida que encontrássemos para dividir com ele – disse Meulon e largou-se no chão, tirando a cota de malha molhada de suor da cabeça.

Elfred cortou uma fatia grossa de pão para cada um deles.

– Eles quase acabaram conosco, Thomas.

– E se o Delfim e Orléans não tivessem deixado o campo de guerra, teriam acabado mesmo – disse Killbere. – Os malditos não viram isso. Só Deus sabe por que fugiram.

– Talvez estivessem com saudade do conforto da cama e a maciez das putas – zombou Will Longdon. – Não me importa. Acabamos com eles.

Os homens ficaram em silêncio, comendo e bebendo, tendo a exaustão sobrepujado qualquer pensamento. Recobrando em suas mentes o que tinham visto, momentos em que um passo em falso ou um golpe de azar poderia tê-los levado ao fim.

– Se os franceses não tivessem desmontado, teriam nos assolado – disse Meulon. – Acharam melhor lutar como nós.

– Ninguém pode lutar como nós – disse Will Longdon. – Dessa vez nós lhes demos uma lição, meu Deus. Dessa, eles não se esquecerão, Thomas. Vamos beber e nos refestelar em histórias deste dia por muitos anos.

Elfred não demonstrava sinais de partilhar do entusiasmo do arqueiro.

– A maioria dos meus homens foi morta. Deus sabe quanto ingleses e gascões tombaram hoje. Foi por pouco. Nosso príncipe precisará nos suprir com mais flechas da próxima vez.

Blackstone levantou-se e tirou a túnica de couro.

– Não haverá próxima vez, Elfred. O rei foi tomado. É o fim da França. Não haverá mais guerra. Melhor acostumar-se à ideia de ser um aldeão criador de porcos. – Bebendo uma última golada de vinho, ele se afastou. – Fique com meu cavalo – instruiu a Guillaume.

– Thomas? – Killbere chamou. – Aonde vai?

– Já disse. Preciso de respostas – disse Blackstone.

Meulon e Gaillard levantaram-se para acompanhá-lo, mas, com um gesto, ele pediu que ficassem, e pôs-se a caminho do pavilhão real.

Killbere resmungou.

– Santo Deus, ele vai acabar com a corda no pescoço se não mostrar respeito.

Longdon meteu um punhado de comida na boca.

– Melhor preparar a corda então, Sir Gilbert – disse.

Killbere, cansado, levantou-se para ir atrás de Blackstone.



Os nobres capturados estavam sob a custódia do príncipe Edward. Não havia motivo para que fossem vigiados – sua palavra era de confiança –, mas havia um piquete inglês alocado para impedir que mais posses lhes fossem roubadas por ingleses de dedos leves.

Killbere alcançou Blackstone, que estreitava os olhos para analisar bem as sentinelas.

– Receio que acabe o dia na forca – disse. – Então vim ajudar.

– Acabará sendo acusado por associação – retrucou Blackstone.

– Mas eu não faria nada contra meu rei nem meu príncipe – disse Killbere, desafiando o amigo com o olhar.

Blackstone apontou para o pavilhão de seda escarlate, onde o filho do rei era mantido.

– Aquelas sentinelas o conhecem?

– Todo o exército me conhece – disse Killbere, mas pensou bem ao ver os homens. – Talvez não. São homens de Oxford.

– Então você não será ligado a mim se for até lá dizer-lhes que os servos do rei devem apresentar-se para ele no pavilhão do príncipe.

O incômodo de Killbere ficou evidente.

– O filho de John? O menino tem só 14 anos. Não pode responsabilizá-lo pelos atos do pai. Thomas, não participarei de um assassinato.

– E eu nunca lhe pediria isso. Confie em mim.

Killbere suspirou, hesitando brevemente, depois, sem mais questionar, foi até a sentinela.



Havia quatro criados atendendo o jovem, e todos deixaram o pavilhão com obediência quando o guarda lhes trouxe a mensagem entregue por Killbere. A essa altura, Blackstone já tinha passado pelas cortinas de seda e aguardava. Não havia mais ninguém além do príncipe e um clérigo que pudesse gerar um alerta. O filho do rei fora banhado e vestido; havia uma mesa lotada de comida, em parte já saboreada num prato de ouro. O menino estava ajoelhado num tapete ricamente trançado, rezando junto ao padre. Murmúrios baixinhos

de petição escapavam dos lábios do velho. Seria improvável que suas juntas estalantes lhe permitiriam erguer-se rapidamente e soar um alarme.

Blackstone falou baixinho com a Espada do Lobo pairando junto ao queixo do menino.

– Adoramos o mesmo Deus, eu e você?

Os dois abriram os olhos, e o menino se retraiu. Blackstone manteve firme a ponta da espada.

– Fique de joelhos, padre, e volte a rezar. Agora.

As mãos ossudas do padre tremiam. Ele as juntou e fechou os olhos bem apertados. O menino não demonstrava aflição, apesar de amedrontado.

– Eu o vi, senhor cavaleiro. No campo de guerra.

– E eu vi você, milorde. Você avisava seu pai de cada golpe tentado por nossos homens de armas.

– Vai me matar agora? – perguntou o menino.

– Pode-se confiar num príncipe francês, que vai honrar sua palavra e ficar em silêncio?

– Eu sou Philip, e dou-lhe a minha palavra.

Blackstone leu os olhos do menino, depois baixou a espada.

– Quero saber onde está Gilles de Marcy e por que ele não estava junto ao seu pai quando nos encontramos na batalha.

– Por que ele é importante?

– Isso não interessa, jovem príncipe – respondeu Blackstone, porém depois cedeu –, mas ele professa que Deus é cruel e que ele atua como a mão de Deus.

O padre abriu os olhos.

– Ele é uma abominação. A alma de Marcy paira entre a terra e o inferno.

O menino fitou Blackstone.

– De todo modo, meu pai confiava nele. Se eu não responder, vai me matar?

– Não – disse Blackstone. – Não vim aqui lhe fazer mal.

– E tenho eu a *sua* palavra, senhor cavaleiro?

– Eu sou Thomas Blackstone, milorde, e dou-lhe minha palavra. Então não há motivo agora para não chamar os guardas.

– Exceto que estamos ligados pela nossa honra – disse o menino.

Blackstone aguardou. O jovem príncipe ficou de pé.

– Muito bem. Gilles de Marcy foi instruído a tirar meu irmão mais velho do campo de guerra. Para a segurança dele.

– Aonde o Delfim foi levado?

– Não sei, mas Marcy foi liberado de servir ao rei. Uma barganha foi feita. Que escoltasse o Delfim para um local seguro em vez de permanecer no combate. Covardes brutais são facilmente comprados, Sir Thomas. Ele tem quase quinhentos homens consigo. Mercenários. Está por conta própria agora.

Blackstone assentiu, sabendo que essas informações eram tudo o que podia esperar. Ele se afastou para olhar por entre a cortina de seda, checando se alguém havia soado o alarme. Quando estava para pôr-se em fuga, o menino tornou a ajoelhar-se para rezar e disse:

– Que o misericordioso Deus garanta perdão ao nosso pai por quaisquer equívocos, Sir Thomas.

Blackstone hesitou.

– Então é bom que Deus nunca durma, porque a lista é longa.

– Marcy cavalga pelo sul da Provença – disse o menino, fechando os olhos e pendendo a cabeça. – Não há nada mais aqui para saquear.

Blackstone saiu da tenda, mas seu caminho foi bloqueado por um sargento e sua escolta de dez homens.

– Sir Thomas – disse ele –, deve render suas armas. Sob ordens do meu príncipe, o senhor está preso.



Blackstone foi posto perante os marechais do exército no pavilhão de Edward. O príncipe tinha tomado banho e trocado de roupa; sua armadura jazia ali ao lado. Uma mesa de comida fora posta para ele. Ninguém dizia nada enquanto o príncipe passava cuidadosamente a mão pela superfície chata da espada de Blackstone. Sua expressão carrancuda desmentia a grande vitória que tinha acabado de conquistar.

– Sua violência é muito bem-considerada, Thomas. Valorizamos sua destreza na batalha, e nossa gratidão tem sido generosa, não?

– Sim, milorde – respondeu Blackstone.

– Nós toleramos tanto, aceitando sua imprudência com bom humor e graça, como cabe ao filho de nosso rei. Entretanto, você persiste no desrespeito. Desafia a rendição de um rei; ameaça o filho dele, que está sob *nossa* proteção e hospitalidade! Desafia a nós! – Foi-se a temperança do príncipe Edward, e ele arremessou a espada no chão, aos pés de Blackstone. – Você continua sendo um homem comum, Thomas, e sempre será. Não o enforcaremos por seu desrespeito, contudo, não o toleraremos mais. Nossa batalha foi ganha. As cidades que você defende em nome de nosso pai não serão mais suas, o saque por você tomado nessa grande vitória lhe será confiscado, e você será banido do reino de nosso rei e de nossos territórios na França. Nossa dívida para com você de muitos anos atrás foi totalmente paga. Leve sua espada e sua arrogância para outro lugar.



Guillaume deitou a cota de malha do mestre sobre o pito da sela do cavalo. O metal tinha sido limpo, tanto quanto a túnica, das manchas de sangue. Um dia usando somente a camisa de linho por baixo da túnica de couro impediria que as ligações de ferro raspassem os ferimentos nas costas de Blackstone.

O cavaleiro estava consertando as esporas quando viu Killbere assoar meleca do nariz e depois beber mais do vinho roubado por Will Longdon.

– Um criado o viu indo ao pavilhão do menino. Estamos ficando descuidados, Thomas.

– Foi um dia longo demais, Gilbert, mas você tem razão. Eu devia tê-lo visto.

– Deus poupou um rei e tomou a vingança de você. Não se pode contestar que Jean le Bom tem predileção... não para vencer uma luta, mas para sobreviver.

– Talvez tenha sido salvo para outro dia. Nunca se descarta a vingança, Gilbert – disse Blackstone, olhando para seu antigo mentor; as palavras quase não foram necessárias. – Vou esperar quanto for preciso – concluiu, com uma entonação gelada na voz.

Killbere franziu o cenho. E se Blackstone resolvesse desafiar novamente o príncipe por conta própria e esperasse na espreita para tentar atacar o rei francês?

– Ora, Thomas, deixe o bastardo em paz. Somos guerreiros, não assassinos sorrateiros. – Sorrindo, ele pegou o amigo pelo braço. Havia contenção em seu agir e leveza nas palavras. – Ah, que diferença isso faz agora? Você não pegou Marcy, Thomas. E não matou o rei. E agora estão ambos fora do seu alcance.

– Marcy vai cruzar meu caminho de novo.

Killbere viu que não convenceria Blackstone do contrário.

– É uma situação de dar pena, Thomas. Você perdeu boa parte dos homens na luta; outros saquearam o bastante para retornar para suas putas e filhos. Tem menos do que quando começou. Servir à Inglaterra tem seus custos.

A verdade era amarga. A receita ganhada a duras penas por Blackstone em dez anos fora arrancada dele por uma onda de desafios e beligerância. Ele pouco se importava por ter perdido a residência – mas o exílio e a morte daqueles que a ele foram leais eram um golpe dos piores. O conforto estava agora no amor de sua família e em saber que ainda tinha força suficiente para brandir a Espada do Lobo.

– Ainda tenho uns homens. Podem seguir o caminho deles se quiserem. Oferecerei essa opção. Já você tem homens de armas pelos quais pedir resgate – disse Blackstone.

– Não valem quase nada. Metade desses franceses alega penúria. Levarei anos para conseguir alguma coisa com eles. Ou isso, ou morrerão por causa dos ferimentos.

– Tivemos sorte na luta, no entanto, Gilbert.

– Tivemos, sim. Sortudos e mais ligeiros nos pés. Isso eu concedo a Edward. Ele correu um sério risco indo para o ataque. Deus, mas foi uma luta daquelas, não? Uma luta para pôr fim a toda luta. Um bom jeito de terminar. Um bom jeito. – Killbere admirou todo o campo da matança. – Precisamos ir antes que o vento mude de direção.

Blackstone pulou para a sela.

– Edward segue agora para Bordeaux. Velejará para Plymouth, levando consigo o prêmio dos prêmios – disse ele, pegando as rédeas, tendo de enfrentar um pouco de recusa do cavalo bastardo.

– E você vai à Provença? – disse Killbere.

– Sim. Avignon. Minha família – Blackstone disse, soltando as rédeas com os dedos. – Preciso pensar no bem-estar deles agora.

– Aye. Sul. Melhor assim. Marcy está ao sul – disse Killbere.

Blackstone permaneceu em silêncio. Levou os olhos ao horizonte. O Padre Selvagem estava lá fora, em algum lugar, e só haveria justiça quando ele fosse encontrado e morto. Mas primeiro era preciso dar atenção a Christiana e aos filhos.

– E você?

– Estava pensando na Lombardia – disse Killbere. – Há gente que oferece bons contratos para tipos como eu. Precisam de soldados. Muita guerrilha pequena. Uma cidade que odeia outra cidade; outra que quer outra. Nada muito perigoso. Dinheiro bom. Pelo menos foi o que me disse um francês que passou pelos Alpes e trabalhou um pouco por lá. Até comprou uma propriedade com isso. Mais quente, também. E bom vinho. Acho que as mulheres fedem, mas dizem que o cheiro é bom e faz um homem salivar de desejo.

– Viajará além de Avignon, então.

– Estava pensando nisso.

Blackstone sorriu e assentiu, depois virou e fitou os dois homens que ainda o seguiam: Guillaume, Meulon, Gaillard e Perinne, de ferimentos tratados e armas limpas. Não havia dúvida quanto a estarem em outro lugar que não fosse aonde seu suserano os guiasse. Blackstone urgiu o cavalo adiante.

– Foi bom vê-lo de novo, Thomas – disse Killbere.

– Você também.



Enquanto Blackstone e seus homens cruzavam o campo de guerra, havia monges carregando os corpos dos cavaleiros caídos para serem enterrados no cemitério da abadia. Elfred e Will Longdon, junto com uma dúzia de

arqueiros, retiravam flechas dos mortos que ainda jaziam aos milhares. Feixes de flechas quebradas e sujas de sangue eram reunidos como um molho de trigo num carrinho.

– Chamou todos os seus homens, Elfred?

Elfred limpou as mãos sujas de sangue na túnica.

– Aye, perdi quase oitenta deles. Metade dos que sobraram, no entanto, não verão terminar o inverno. Estou pagando-os para que possam alimentar a si e as famílias. Tenho uma dúzia de homens bons que sobraram. Tirando esse aí, claro – disse ele, apontando Will Longdon.

Este sorriu.

– Eram bons rapazes os que mestre Elfred perdeu, mas o saque agora está maior para quem sobrou.

Blackstone viu as flechas.

– Conseguirá juntar metade delas, Elfred. A maioria cumpriu seu papel bem demais para ser reutilizada.

– Vamos consertá-las – disse Longdon. – Precisaremos delas se o plano de Sir Gilbert for dos bons.

– Vão com ele? – perguntou Blackstone.

– Não temos escolha, Thomas, se quisermos ganhar algum dinheiro – disse Elfred. – Você tinha razão no que dissera. A França está acabada, agora, e não tenho vontade alguma de voltar para casa e ser pobre. Aye, seguiremos o louco maldito por um tempo; ver o que será de nós.

– Você perdeu seu tenente, o... como se chamava, o gascão? – disse Longdon.

– Guinot. Sim. Ele tombou quase no fim – respondeu Blackstone.

– Aye, esse mesmo. Seus homens contaram – disse Longdon, pendendo a cabeça para um grupo de cavaleiros que esperavam, algumas centenas de metros dali, entre as árvores.

– Tem uns quarenta homens que não têm aonde ir, Thomas, tirando aonde quer que você vá. Estão querendo juntar-se a você – disse Elfred.

– Está sabendo mais das minhas coisas do que eu mesmo – devolveu Blackstone.

– Os guerreiros conversam entre si. Alguns deles são piores que lavadeiras putas fofoqueiras – disse Elfred.

Blackstone virou-se na sela e olhou para a distante figura de Killbere trazendo para perto o seu cavalo.

– Estão a caminho, então – disse Blackstone.

– Receio dizer que sim – respondeu Elfred.

– Sabem para onde?

– Nossa rota nos levará além de Avignon – disse Will Longdon, abrindo um sorriso.

PARTE TRÊS
JUSTIÇA CRUEL



CAPÍTULO TRINTA E UM

O Padre Selvagem escapara bem a tempo. Cavalgou para o sudeste do campo de guerra, deixando o Delfim e seu tio, o Duque de Orléans, para voltarem sozinhos a Paris. Não foi falta de coragem o que fizera os franceses perderem a batalha, mas o fato de o rei John ter sido um tolo e confiado suas tropas a seu aturdido e inseguro filho e a seu irmão, Orléans. Os ingleses poderiam ter sido derrotados. Quando caíra o estandarte do Delfim e parecera que seu batalhão seria chacinado, Marcy reparou que o filho e o irmão do rei, que comandavam os batalhões posteriores, ignoraram o conselho dos marechais experientes. Os ingleses moviam-se rapidamente, usando trombetas e flâmulas para dar sinais às tropas para que reforçassem umas às outras. E Edward tinha comandantes mais competentes. As incursões do príncipe obviamente não tinham inflamado a ira de Deus; do contrário, ele teria perdido.

Marcy tentara matar o inglês, mas o destino parecia estar sempre a favor do cavaleiro da cicatriz. Deveriam tê-lo matado quando ele cavalgou sozinho para desafiar o rei. Marcy urgira John para derrubá-lo ali mesmo. O rei recusara, atendo-se à honra necessária em batalha de que o campeão estava ali para desafiar o exército do inimigo, não para ser morto. Para a fúria de John, Marcy teve a imprudência de maldizer a inocência do rei. O Padre Selvagem pusera-se a aguardar, ao lado do estandarte e da Oriflama, observando Thomas Blackstone retornar às linhas inglesas deixando para trás a cavalaria francesa armada. Quando o ataque do Delfim fracassou, Marcy soube que os ingleses venceriam. O rei previra a possibilidade de seu filho inexperiente tombar perante o exército dos ingleses e gascões e ordenou que abandonasse o campo. Talvez ainda houvesse utilidade para o Padre Selvagem. O assassino protegera o filho do rei quando alcançaram as linhas inglesas e atacaram para tentar matar Thomas Blackstone.

– Leve meu filho para um local seguro e será pago em ouro – John gritou em meio ao tumulto.

Marcy aproveitou a oportunidade. A oferta lhe permitira escapar. Um rei inútil oferecia-lhe dinheiro que não tinha.

– Nada de pagamento, senhor – disse ele, girando o cavalo.

Que o rei da França fizesse sua tentativa desesperada de submeter os ingleses; Marcy se beneficiaria ao perdoar a dívida e ganhar a gratidão do Delfim. Cedo ou tarde o débil rapaz se tornaria rei e se lembraria do serviço prestado por Marcy à Coroa. O benefício tinha dois desdobramentos: enquanto a França sangrava até a morte em seu próprio território, não haveria força alguma capaz de conter os mercenários de Marcy. Na direção da costa sulista, os rios e os portos abundavam comerciantes do Mediterrâneo. As cidades e os monastérios teriam muito que saquear. Era hora de levar a matança para o sul.



Mais de vinte anos antes de Blackstone e Marcy terem nascido, um conflito de autoridade erguera-se entre o rei Philip da França e o papa italiano, a quem ele acusava de heresia, sodomia e de consorciar-se com um demônio. O papa ameaçou excomungar o rei, enquanto este tentou sequestrar o primeiro. A sensação de ultraje dos italianos aumentou quando, após o ataque, o papa sofreu um ataque cardíaco fatal e um francês foi, por meio da influência do rei, eleito como seu sucessor. O medo das represálias dos italianos convenceu o papa a mudar-se para Avignon, embora fosse feudo do reino de Nápoles, estava dentro da esfera de influência dos franceses.

Os seis papas franceses seguintes construíram não apenas muralhas como as de um forte em Avignon, mas um negócio lucrativo de venda de ofícios da Igreja. O local tornou-se um império financeiro. Perdões, indulgências e absolvições eram recebidos por um preço – tudo estava à venda. O papado levava uma porcentagem de cada oferta feita em cada altar, mas uma das fontes mais lucrativas de receita papal era a venda de benefícios. As sés de centenas de bispos e centenas de milhares de ofícios menores foram vendidas. E o perdão por crimes hediondos era concedido – sob um preço.

A mais extrema medida que a Igreja ordenaria – a ameaça de excomunhão – era usada para espremer ainda mais receita para dentro dos cofres. Uma escala deslizante de taxas foi aplicada, e vasta riqueza era entregue pelos banqueiros italianos. Viajantes contavam como a contagem de moedas, remexidas feito espigas de trigo, era uma visão comum no palácio papal em Avignon. O que antes era espiritual tornara-se temporal – e venal. Era esse local de poder e autoridade que ofereceria santuário à família de Blackstone.

O barqueiro trouxera o grupo de Christiana à margem após quatro dias. Eles viajaram pelo campo até alcançarem o topo de um planalto que revelou o poderoso rio Ródano curvando-se debaixo da cidade fortificada de Avignon, cujas muralhas foram construídas nos morros que se erguiam nas margens do rio. O sargento jamais viajara assim tão ao sul, e dependia do padre para guiá-los pela cidade até a confusão de paredes de ameias, formidáveis, mas ainda míseras se comparadas às torres imponentes e aos assentamentos do palácio papal que apareciam logo atrás. Conforme chegavam mais perto, ele viu que, embora as paredes de quase cinco metros de espessura seriam fortificação adequada contra um ataque, outras partes da muralha estavam comprometidas e precisavam ser reconstruídas. A força de qualquer defesa era aquela de seus pontos fracos. A face rochosa daria bastante possibilidade para que homens a escalassem, e as escadas levariam atacantes por cima dos primeiros adarves mais baixos. Seus instintos de soldado lhe diziam que, se houvesse um ataque àquela cidade, era ali que ele colocaria as forças principais. Uma vez dentro das paredes, os habitantes morreriam em suas casas, e o papa, mesmo com todo seu poder, sucumbiria ao fogo e à morte.

Ruas estreitas serpenteantes, lotadas de casas, prendiam o ar fétido que se desprendia da humanidade abundante confinada no labirinto. Era um espetáculo que nenhum dos viajantes, exceto o padre Niccolò, testemunhara antes. Ele mal olhava para a multidão agitada que infestava as alamedas e passagens. Mercadores empurravam uns aos outros; artesãos anunciavam seus produtos; quadros pintados com luas e estrelas pelos astrólogos balançavam em mastros, enquanto as prostitutas apresentavam-se em frente às casas bancárias italianas. Pequenos espetáculos circenses reuniam multidões; uma mulher sem braços mostrava como podia costurar e fazer lã,

além de jogar bola e dados com os pés. O burburinho de vozes humanas – gritando, conversando, provocando – ecoava pelas casas de pedra. Pedintes estendiam suas mãos sujas aos viajantes, mas Torellini usava uma chibata para afastá-los dos mantos deles. Os soldados apenas os ignoravam ou usavam os tornozelos para atirar os que se moviam muito lentamente com uma esporeada.

O sargento Jacob ergueu a voz para abrir caminho. Quando os cascos ferrados começaram a tilintar o piso de pedra, os corpos nas ruas estreitas foram forçados a se dividir – os que não podiam escapar para o lado eram empurrados ou esmagados pelo peso dos cavalos, enquanto barcos eram conduzidos ao longo do curso do rio.

Uma grande praça pública era bloqueada, no lado oposto, pelos portões imensos que davam para o palácio papal. Era um local no qual os fiéis podiam se juntar para ver a Vossa Santidade o papa Inocêncio VI entrando com hipócrita humildade montado num burro branco, enquanto seus mantos bordados a ouro eram erguidos do chão por seus partidários. Ele viajava sob uma tenda, seguido por eguariços que carregavam nos ombros a faixa de lã branca usada pelo pontífice como símbolo de autoridade e poder. Padre Niccolò diminuiu a progressão do grupo quando uma procissão de cardeais, com seus chapéus vermelhos, passou sem pressa, acompanhada por criados, pela vasta praça, desfilando como se fossem da realeza.

Ele abordou os guardas dos portões do palácio, depois retornou a John Jacob.

– Você e seus homens não poderão entrar mais na cidade. Eu cuidarei para que Lady Christiana e as crianças sejam mantidas em segurança até que Sir Thomas chegue. – Ele entregou uma bolsinha de moedas de ouro a Jacob. – Como combinado.

– Eles não podem vir conosco? – Christiana perguntou.

A mulher mal falara desde o ataque sofrido na barca. Henry ficara junto dos homens, ouvindo o sargento Jacob contar histórias sobre a Inglaterra, sua vila, as guerras em que lutara – e sobre o pai de Henry e aqueles que o seguiriam se sua causa fosse o que lhes persuadia ou se o dinheiro fizesse valer a pena. Christiana ficara em silêncio, abraçando Agnes bem junto de si,

durante os últimos dias da jornada. Ela mantinha uma dignidade quieta, embora o rosto estivesse mais teso e pálido, mas sua máscara de coragem escondia a vergonha maior do estupro e o desespero de saber que o filho o presenciara. Quanto tempo levaria até que Blackstone os encontrasse e pai e filho pudessem falar sobre a jornada para Avignon?

Padre Niccolò procurou tranquilizá-la.

– Milady, tenho propriedade por detrás desses muros. Há jardins com fontes frescas e ervas perfumadas que agradam o ar. Meu benfeitor, Rodolfo Bardi, os possui, e estarão à sua disposição. Mas soldados comuns armados para a guerra não podem entrar. O sargento Jacob e seus homens cumpriram com o prometido para com o rei e seu marido.

– Vá com ele, milady – disse-lhe Jacob. – Aguardarei com meus homens em uma das tavernas até sabermos o que se deu com o príncipe Edward. É o máximo que posso fazer para dar-lhe tranquilidade.

Torellini achou sensato o sargento e os homens dele ficarem mais alguns dias. As intrigas políticas da cidade papal poderiam forçar a expulsão da família de Blackstone caso o príncipe Edward triunfasse sobre o rei John. Um banqueiro considera o risco, e um padre chama a Deus, mas o padre Niccolò era um pouco de cada. Se Blackstone não alcançara o príncipe a tempo e lhe dissessem que ele poderia tentar firmar um acordo de paz, significando isso seu retorno a salvo para a Inglaterra, então os ingleses poderiam ter sido derrotados, e Edward, preso para resgate. Isso reforçaria a força do papa por toda a Europa e garantiria a autoridade com que o rei John lhe investira. Os portões foram abertos.

– Procure o símbolo das três ferraduras. Aceitarão seus cavalos no pátio e oferecerão cama e comida. Vocês têm dinheiro suficiente – disse o padre a Jacob.

– Aye, fomos bem pagos, e venderemos o cavalo de Rudd – respondeu Jacob, depois se virou para Christiana, cuja expressão era a de alguém que velejava num barco em um rio de fluxo muito veloz. – Estaremos por perto, milady, e Sir Thomas virá para você.

O padre levou Christiana e as crianças pelos portões, para as ruas sombreadas da cidade papal. O cheiro forte de incenso vagava pelo ar, como

que abençoando as moedas de ouro tilintantes sendo guardadas nas bolsas.



Blackstone e Guillaume cavalgavam lentamente, trazendo um cavalo de carga que portava todo o saque que pode ser tomado no campo de batalha. O inglês despira um cavaleiro francês de boa armadura para substituir a sua, que fora perdida quando Marcy queimara seu solar. Algumas das adagas e espadas dos caídos tinham cabos e punhos cravados de joias. Havia juntado vinte dessas armas num feixe, para usar em permuta ou tirar as pedras e vendê-las. Comida e roupas foram também amarradas sobre o animal de carga; haveria pouco para coletar enquanto seguiam por um panorama já salteado por bandos itinerantes de homens que voltavam para casa.

Horas depois, enquanto descansavam, eles viram grupos de cavaleiros, alguns feridos, outros sendo transportados em macas, todos se afastando do conflito. Muitos morreriam a caminho de casa, até mesmo os nobres e ricos, que deram sua palavra de que pagariam resgate. Três mil franceses jaziam mortos no campo de Poitiers, e outros três mil tinham se rendido. A notícia da vitória dos ingleses viajava rapidamente.

Blackstone tirou os cavalos da trilha na qual três cavaleiros franceses e seus escudeiros descansavam. Um deles estava mortalmente ferido, por isso desaceleraram a jornada para acomodar-se aos ferimentos. Blackstone fez seus homens lhes darem água e comida e ouviu sobre como aldeões, enraivecidos por saber quantos tinham se rendido, os atacaram e ao camarada ferido – que consideravam covardes – com pedras, forcados e machados. Cavaleiros franceses vencidos não obteriam comida nem conforto das cidades e vilas pelas quais passavam a caminho de casa.

Dois quilômetros atrás dos quarenta cavaleiros de Blackstone, Killbere viajava com Will Longdon e os arqueiros de Elfred junto a um carroção carregado de tesouros. Para qualquer ponto em que Blackstone olhava, os franceses se espalhavam, alguns sozinhos, outros em grupinhos de cinco ou seis – homens que lutaram lado a lado como colegas ou amigos, cuja habilidade e coragem já não eram mais necessárias. O cavaleiro mortalmente ferido morreu antes que os homens de Killbere o alcançassem.

– Há um monastério no qual podem levar seu amigo para enterrá-lo – disse Blackstone.

– Sir Thomas – respondeu o cavaleiro, um homem do primeiro batalhão francês que vira o grosso da luta contra os ingleses –, o cemitério estará lotado; você e seus homens cavalgariam conosco até a vila mais próxima para que ele seja enterrado no cemitério de lá?

Blackstone concordou, e o bando de homens cavalgou junto do corpo do cavaleiro. Quando se aproximavam da vila mais próxima, um sino de igreja soou, alertando sobre a chegada dos forasteiros. Os habitantes tinham bloqueado a entrada com carrinhos, e fossos foram construídos semanas antes para impedir salteadores de atacar à noite. Blackstone e seus homens pararam, e um dos franceses foi adiante pedir permissão para enterrar seu camarada no cemitério. Contudo, recusaram-se. Blackstone adiantou-se e desmontou. Era uma atitude incomum para um cavaleiro desmontar para dirigir-se a aldeões; os homens recuaram alguns passos quando o inglês aproximou-se para falar com eles.

– Esse cavaleiro está longe de casa, mas veio enfrentar o príncipe inglês que rasgara sua terra ao meio. Vão negar-lhe um enterro cristão?

O bando de homens armados com machados e foices gritou, irritado, mas Blackstone manteve a pose.

– Estão vendo homens atrás de mim, mais do que suficientes para cavalgar por entre suas casas e atear-lhes fogo, entretanto, mesmo assim, desafiam-nos.

– Não temos nada! – gritou um dos líderes. – E esses cavaleiros fracos fugiram do conflito, deixando-nos para nos defender sozinhos! Onde estavam eles quando os ingleses e os gascões nos saquearam e queimaram? Onde? Sentados, comendo carne macia e bebendo vinho do bom. E agora pedem compaixão daqueles que eles mesmos esmagaram! Malditos sejam! Abandonaram a França e a nós! Não serão enterrados aqui. E, se nos obrigarem, desenterraremos o maldito e daremos de comida aos cães.

A fala recebeu um rugido de aprovação.

– Então preferem morrer? – perguntou Blackstone, olhando para seus homens armados.

– Se for preciso! Não temos mais nada além de nossas vidas, e de que vale a vida sem plantações, sem comida estocada? Levaram tudo. Nossas crianças já estão morrendo!

Killbere e os outros chegaram.

– Thomas, mate os malditos e lhes ensine uma lição. Deus sabe que não tenho amor algum pelos franceses – disse ele, fitando os cavaleiros franceses –, mas um enterro decente para um dos seus não é pedir demais. Essa escória de aldeões é a mesma em todo lugar.

– Eu já fui um aldeão sob as ordens de Lorde Marldon, se ainda se lembra.

– O que você foi e o que se tornou são coisas muito diferentes, Thomas. Santo Deus! Ateie fogo neles, enterre o francês e vamos embora daqui.

Blackstone chamou Elfred.

– Traga-me dois sacos de farinha e uma bolsa de moedas.

Killbere suspirou.

– Thomas, você é mole feito teta de ama de leite. E tanto quanto sem miolos.

– Isso você já disse, Gilbert. – Blackstone sorriu.

O inglês mandou que entregassem a farinha e o dinheiro para os aldeões.

– Já houve matança demais. Alimente suas crianças e comprem o que puderem das cidades.

Os homens ficaram perplexos por um instante, mas o ato de generosidade os fez baixarem as armas.

– Tem um padre tocando esse sino? – perguntou Blackstone.

– Temos. Devíamos usar a corda para enforcá-lo, por todo o estrago que nos causou. Mas o purgatório aguarda aquele que assassina um padre.

– Então vá buscá-lo e vamos enterrar esse homem e pedir a Deus que lance sua benevolência sobre todos nós.

Os homens de armas franceses expressaram sua gratidão para Blackstone, cujo gesto fora mais apreciado por eles que pelos ingleses. Terminado o enterro, os cavaleiros perguntaram se podiam juntar-se a ele.

– Viajo para o sul para buscar minha família – ele lhes disse –, e nada mais.

– Ele apontou para Killbere. – Ele está levando os homens à Lombardia. Serão bem-vindos.

– Sir Gilbert? – perguntou um dos franceses, em busca de aprovação.

– Nada como convidar estranhos para um banquete particular, Thomas – murmurou Killbere.

– Devemos, agora, escolher nossos amigos, Gilbert. Fomos postos à deriva pelas circunstâncias. Se encontrarmos guerreiros que ficarão do nosso lado, haverá mais chance de vivermos por mais tempo. Há putas nas tavernas da Itália que ainda têm de provar dos seus charmes.

– Meu Deus, isso é verdade. Aye, juntem-se a nós – disse ele ao francês. – Encontraremos outra batalha e seremos bem pagos por ela.

Quando os vitoriosos em Poitiers estavam a três dias de viagem de Avignon, Killbere já tinha aceitado mais 57 homens cujas vidas estavam à deriva. Depois de dois dias, mais 70 e, sempre que a eles se juntavam, os retardatários conheciam o cavaleiro da cicatriz que viajava na ponteira. A ressurreição do arqueiro que salvara a vida do príncipe em Crécy, fora honrado com o título de cavaleiro e lutara para matar o rei em Poitiers já era folclore. Sir Thomas Blackstone era um talismã.



Blackstone deixou os homens num topo de morro arborizado que dava uma visão clara da cidade fortificada de Avignon erguendo-se dos montes em um planalto vasto do Ródano.

– Descansaremos e planejaremos por um ou dois dias – disse Killbere.

– E esperarão por mim?

– E o que mais? Eu lhe conheço, Thomas, melhor do que você. Você não trouxe esses homens a tiracolo para largá-los aqui. Pode pensar o contrário, mas não lhes resta mais nada, a você e sua família. E não é fazendeiro. Esperaremos um pouco. Não muito, veja, então veja se não vai virar um monge lá embaixo.

– Eles vão querer procuras putas, Gilbert – disse Blackstone, olhando para aqueles homens desarrumados.

Killbere olhou-os também – todos sob seu comando.

– Se eu puder contê-los por tempo suficiente, eu o farei. Não posso soltá-los lá embaixo. Serão como ratos no esgoto; nunca os teria de volta. E há outras

cidades.

Blackstone ordenou que seus cavaleiros gascões e os novos homens obedecessem Sir Gilbert. Depois de um aceno rápido de adeus para Meulon e Gaillard, seguiu seu caminho em direção à cidade.

– Sir Gilbert? – disse Elfred, vendo Blackstone e Guillaume irem embora. – Acha que retornarão?

– Ele cumpriu sua função para com Edward e agora vai ver a família. Não se pode negar isso a um homem. Mas aonde poderá ir depois? Ele volta.



Dentro das muralhas da cidade papal, Blackstone sentia-se como um escudeiro caipira que passara tempo demais olhando para a porção traseira do cavalo. Era bem mais alto que as pessoas que preenchiam os corredores, os quais eram mais ornados que os da casa de qualquer nobre que ele já vira. Cortesãos, mensageiros, banqueiros e visitantes reuniam-se em grupos, falando uma variedade de línguas e entonações, usando tecidos finos de cores ricas, chapéus de pele de castor e mantos de arminho. Vendedores de seda discutiam com banqueiros, que faziam negócios com mercadores de temperos, os quais vendiam seus preciosos produtos com os homens comuns. A sé papal estava aberta para os negócios.

Blackstone duvidava que até mesmo o palácio do rei Edward fosse tão ricamente adornado. Paredes alinhadas por afrescos de tema religioso espalhavam cor por corredores e cômodos. Enquanto uma parede exaltava a glória de caçadores e religiosos vestidos com roupas esplêndidas, outra elogiava a Virgem Maria, enquanto outras ainda mostravam o Salvador morrendo pelos pecados do mundo. Outra se gabava de lindos castelos e campos tranquilos, expressando os desejos dos que comissionavam as pinturas. Pisos de azulejo com estampa de flores e feras heráldicas davam para os escritórios da cúria; pátios com arcos que davam nas janelas dos corredores internos estavam lotados de peregrinos que esperavam receber a bênção do pontífice. Mulheres de bordado e peles, com capatazes apressados atrás de cavaleiros, desfilavam pelos corredores.

Niccolò Torellini urgiu Blackstone por uma porta dourada para dentro de uma antecâmara, que, por sua vez, dava para um jardim perfumado. Uma pequena fonte jorrava água por sobre cubas de pedra que desaguavam em um lago. O zumbido de vozes sumiu assim que as portas foram fechadas atrás dele, e a quietude do santuário emparedado deixou lá fora a urgência dos corredores agitados. Agnes estava encostada numa murada baixa, mergulhando os dedos na água enquanto conversava com os peixes que emergiam à superfície achando que ela lhes oferecia comida. Padre Niccolò tocou Blackstone no braço.

– Vou encontrar sua esposa e seu filho – disse ele, baixinho.

O homem passou por outra porta, que dava para os cômodos da casa bancária.

Blackstone foi até a filha, ouvindo sua voz ao brincar em seu mundo imaginário. Ele parou a alguns passos longe dela. O calor do sol preso no jardim e a fragrância das rosas e lavanda o abraçaram como uma guirlanda de vitória. Um momento de paz e tranquilidade, uma imagem de simples beleza que ele quis poder, de algum modo, preservar.

– Agnes – disse, gentilmente.

A menina virou-se, olhinhos brilhando de esperança.

– Papai! – disse ela e correu para os braços dele.

Thomas a abraçou apertado. O cheiro da pele dela e o toque de seu corpinho o inundaram de ternura e gratidão. Ela afastou os cabelos da testa dele e traçou o rastro da cicatriz.

– Estava lutando em uma grande batalha?

Ele fez que sim.

– Como sabia?

– Henry me contou. Não acreditei nele, mas o padre Niccolò disse que era verdade. Quer ver os peixes? Dei nomes para cada um.

O cavaleiro pousou a filha na beira do lago e sentou-se ao lado. Ela começou a apontar os rastros de luz de um dourado-escuro e marrom que passavam debaixo da superfície.

– Aquele ali se chama Chapéu do Papa, tem a Aloise e o Bernard, mas o grandão se chama Mestre Jacob, porque ele nada ao redor dos outros e

mantém todos sob controle.

– Então o mestre Jacob cuidou de vocês igual o seu peixe dos demais? – perguntou Blackstone.

– Ah, sim, ele cuidou da mamãe, do Henry e de mim. E contou a Henry histórias sobre você.

– Foram histórias boas?

Ela deu de ombros.

– Não sei. Henry disse que sim, mas ele mesmo pode ter inventado.

Blackstone beijou a filha na testa e ouviu uma das portas do jardim se abrir. Christiana apareceu e Agnes correu para ela.

– Mamãe, mamãe, papai está aqui. Ele voltou.

Agnes agarrou-se às saias da mãe. Quando fitou a esposa no rosto, Blackstone sentiu uma pontada de medo. O sorriso que não lhe dava chance alguma de vitória em uma discussão parecia obscurecido. Acontecera alguma coisa. Os dois se abraçaram. Ele sentiu que ela o abraçava com certo desespero.

– Tive medo por você – ele sussurrou entre os cabelos dela.

Ela fez que sim, mantendo o rosto enterrado no peito dele.

– E eu por você.

Thomas limpou as lágrimas do rosto dela.

– E Guillaume? Está vivo?

– Sim. Lutou bem. Está em uma pousada, na cidade. Guardei lá os cavalos e um pouco do que juntei. Temos um pouco de dinheiro, agora.

Christiana fez que sim, como se distraída. Thomas esperava algum sinal de alívio quando ela soubesse que o escudeiro que os guiara em meio a tantos perigos estava vivo e por perto. Faltava alegria nos olhos dela.

– Aconteceu alguma coisa com Henry? – disse ele, cujos instintos superavam o desejo que já sentia por ela.

Ela pareceu surpresa com a pergunta.

– Henry está bem.

– Então onde está? – perguntou Blackstone, tentando arrancar dela o que a incomodava.

Qual seria o problema? Ele a deixava vezes demais, que ela começava a recear que ele não retornaria?

– Henry tem ido aonde não deveria. Sai de fininho desses quartos e se mistura aos mercadores e seus funcionários nos corredores. Ouve fofoca e acordos sendo feitos. Fica intrigado. Dou bronca, mas ele não obedece.

– É menino. Talvez essas paredes confinem sua curiosidade natural.

– Isso é motivo suficiente para desobedecer à mãe, Thomas?

Ele viu, novamente, uma fuga do olhar que escondia algo a mais.

– Não, não é. Falarei com ele.

Ela ficou na ponta dos pés e o beijou na bochecha; depois pegou sua mão.

– Estou tão feliz que retornou ileso. Não nos deixe de novo, Thomas. – Ela o encarou. – Prometa – disse, e saiu com Agnes, rindo, passando as mãos nos arbustos de lavanda e levando a fragrância ao rosto... como se não pudessem esperar tal promessa.

Blackstone banhou-se, depois comeu a comida servida pelos criados de Torellini. Christiana contou-lhe sobre a jornada pelo rio e como um dos soldados sacara uma faca e a ameaçara, e como o sargento Jacob matara o homem. Não mencionou sua violação. Blackstone sabia que ela tinha força e vontade suficientes para enfrentar sofrimento e medo, mas talvez o incidente com Rudd nos confins da barca a tenha colocado perto demais da morte. Blackstone conteve-se e não lhe contou sobre a própria jornada e a batalha em Poitiers.

– Vou procurar Henry – disse ele.

Ela o pegou pela mão.

– Rei John ainda vive?

Ele fez que sim.

– Então não adiantou nada. Você deveria ter ficado conosco – foi a resposta dela em relação ao fracasso de Thomas.



Padre Niccolò guiou o inglês pelos corredores da cidade papal. Somente quando saíam de seu caminho alguns grupos olhavam para o alto cavaleiro e reagiam à cicatriz.

– Andou falando com meu filho enquanto esteve sob sua proteção, padre? – perguntou Blackstone, sendo levado pelo clérigo para uma alcova, onde a luz fraca diminuía sua presença.

– Ele guarda muito para si – contou-lhe o padre –, mas é corajoso e forte, e estuda com afinco os livros que lhe dou. O latim é bom, e estou ensinando-lhe toscano, o mais agradável dos nossos dialetos. Deveria ter orgulho dele. Sir Thomas, há rumores pelos corredores sobre o que está acontecendo à França agora que os ingleses foram vitoriosos. Precisamos conversar. Tenho uma proposta para o senhor. Beneficiaria ao senhor e sua família.

Blackstone mantinha os olhos no corredor apinhado, procurando o filho. Quando voltou sua atenção para o padre, foi para descobrir a verdade:

– O que aconteceu à minha esposa?

O padre deu de ombros.

– O coração pode ficar cansado de tanto medo – respondeu ele.

Blackstone estudou o rosto do homem. Seria impossível detectar uma mentira contada pelo conselheiro espiritual pessoal de Rodolfo Bardi, homem cuja influência ia além do cuidado pastoral para com outrem. Niccolò Torellini barganhava com os grandes e poderosos. Inescrutabilidade era a sua moeda.

– E quanto ao soldado que foi morto?

– Eu estava dormindo. Não sei o que aconteceu. Sargento Jacob o matou. Só sei disso. – Ele avistou Henry, aliviado de não ter que responder mais perguntas. – Lá está ele; vou buscá-lo. E precisamos conversar. Sobre outras coisas.

Blackstone viu o padre Niccolò zanzar por entre a multidão conturbada, um aceno aqui, um sorriso ali, recebendo cumprimentos dos que eram obviamente ricos e influentes. O inglês vira a mesma arrogância de nobreza e riqueza entre barões normandos e lordes franceses, homens que brandiam poder sem sujar as mãos de sangue. Para tanto, contratavam soldados, como ele.

A multidão se apertou, permitindo ao padre conduzir Henry. O menino fitou o pai, que sorriu, mas notando uma sombra passar brevemente pelos olhos do filho.

– Sabia que iria voltar, pai. Sabia que iria vencer – disse ele e aguardou, torcendo para que o pai o abraçasse.

Homem e menino ficaram em silêncio, nenhum indo ao outro.

– Receba o seu pai – disse o padre, empurrando o menino.

Henry deu um passo à frente e estendeu a mão.

– Bem-vindo de volta, pai. Estou feliz por estar ileso.

Blackstone sorriu, pegou a mão do filho e sentiu a pele úmida. Medo.



CAPÍTULO TRINTA E DOIS

A reputação de Blackstone fora o que atraía os homens que agora aguardavam novas ordens, mas era de Sir Gilbert Killbere a intrépida liderança que lhes oferecera uma chance de riqueza muito além dos ganhos usuais da bandidagem. Ele mantinha os homens acampados a alguns quilômetros de Avignon, no topo do morro arborizado. Fazia três dias que esperavam, desde que Blackstone partira para a cidade papal, descansando e organizando sua rota para a Itália, onde poderiam vender suas habilidades para uma das cidades-Estado em guerra. Viajantes lhes contaram de grandes bandos de salteadores que iam queimando tudo pelo caminho ao longo da margem ocidental do Ródano, até Marselha e além. Soldados franceses e ingleses liberados após a batalha de Poitiers uniram-se a grupos de salteadores alemães e húngaros em busca de saque. De onde os homens de Killbere acampavam, via-se as colunas de fumaça a mais de vinte quilômetros.

Os viajantes contaram a Killbere que mais de dois mil mercenários atacaram Marselha, mas a cidade fora bem-defendida e estava preparada para o ataque, que fracassou. Conforme foram ficando mais fortes, os mercenários expandiram seus ataques para as cidades e vilas arredores, que caíram sob suas espadas.

– Nossos homens estão ficando inquietos – disse Elfred a Sir Gilbert. – Acham que estão perdendo pilhagem para esses outros.

Killbere não era soldado de acampar, e ficar esperando sem ter plano de ação era tão irritante quanto sela molhada.

– Os soldados sempre reclamam feito fedelhos com cólica – disse ele, passando uma pedra de amolar pela lâmina da espada. – Eles têm comida e bebida; precisamos descansar. Temos uma longa estrada pela frente.

Na verdade, ele o admitia apenas para si mesmo, não sabia muito bem como proceder. Um plano de guerra era coisa simples. Homens alinhados uns

perante os outros que lutavam até a morte. Invadir vilas e cidades era ainda mais fácil: matar os homens, escravizar as mulheres como putas e pegar toda a comida disponível, lembrando-se de doar ouro suficiente à Igreja para que os perdões fossem perdoados. Contudo, encontrar um chefe que garantisse emprego estava além de sua experiência. Servir a um suserano e à Coroa fora tudo que fizera na vida. A lealdade fora a moeda com que sempre negociara. Boa parte da riqueza da pilhagem e do resgate das batalhas sempre fora para a nobreza, e para cavaleiros de posição mais baixa, que sabiam como tocar propriedades com sua recém-obtida fortuna, ficando cada vez mais fracos pela falta de combate. Killbere via-se preso entre duas necessidades conflitantes: ganhar dinheiro e ter um suserano ao qual servir. Talvez suas chances no mundo fossem melhores se ele oferecesse seus serviços como campeão, sem o peso de comandar homens cuja lealdade podia mudar no jogar de uma moeda. Porém, estava com 35 anos de idade e sentia o peso de tantos anos lutando duro. Homens mais jovens e fortes tinham mais energia para impor-se e trocar golpes. Já ele precisava de batalhas menores, nas quais era mais fácil matar.

– O caso é sério? – perguntou ele.

– Ainda não – disse Elfred, admirando todo o acampamento. – Mas sempre tem uns arruaceiros.

– E os homens de Blackstone?

– Os normandos são como nó na corda. Meulon e o outro, o urso feioso, esperariam por Sir Thomas até o dia em que o sol não raiasse. Mandarei os sargentos ficarem de olho nos outros.

– Aye, faça isso. Mas os que quiserem ir, deixe... não nos valerão de nada a longo prazo... mas garanta que não levem consigo nada que não seja deles.

– Vão querer sua parte do saque que já temos – respondeu Elfred.

Killbere limpou a lâmina da espada.

– Não, partirão com nada além do que já tinham quando se uniram a nós.

Elfred assentiu. Se os descontentes deviam ser confrontados, acabariam matando uns aos outros, e a empreitada poderia fracassar antes mesmo de chegar a algum lugar. Os dois observavam o panorama além das montanhas e as plumas negras de fumaça. A morte estava em marcha e a caminho deles.



As lamparinas a óleo e as velas ardiam até tarde da noite no coração da cidade papal. Papa Inocêncio VI, como muitos dos papas, demonstrava bondade e simpatia para com os pobres, pois a caridade cristã garantia um lugar no céu. Não fosse por sua ordenança, não existiriam hospitais e asilos. Sob instruções do papa, uma porcentagem do lucro dos mercadores era dada aos necessitados. Os que tinham riqueza eram obrigados a oferecer algo a quem não tinha nada. Nessa noite, contudo, os desprivilegiados não eram sua preocupação. O ouro enterrado nos cofres papais e a vasta riqueza guardada pelos mercadores da cidade estavam em risco. Homem coxo e enfermo, ele sofria além de incômodos físicos; sua indecisão não oferecia direção aos políticos e à corte da mais importante cidade da região. A Santa Sé estava sob ameaça. Chegaram notícias ao padre da destruição e queima de cidades ao longo do Ródano. Bandos de homens, mais bárbaros que os sarracenos, ameaçavam toda a região. A sala estava quente, e as têmporas dos homens queimavam, visto que ninguém, muito menos o papa, conseguia resolver um plano de ação. A única diretiva proferida nessa noite foi empregar mais trabalho para terminar os muros incompletos. Era inconcebível que brigadas atacariam aquela cidade imensa, porém, após a derrota do rei John, ninguém mais estava a salvo. Era uma terra sem lei.

Blackstone estava deitado em um quarto frio, olhando para as sombras dos pilares do teto arqueado, decorados com querubins com guirlandas de folhas de louro douradas, derramando moedas com uma mão, segurando montes na outra. Era a casa de um banqueiro, ornada de mobília macia, cobertas bordadas e finas tapeçarias de seda. Christiana adormecera nos braços dele. Antes de ter-lhe dado as costas para que ele pressionasse o corpo dela no dele, a esposa retraíra-se quando ele a tocara. Eles se beijaram, e ele, mais uma vez, tentou acariciá-la, mas ela pôs os dedos no rosto e nos lábios dele e pediu que esperasse – sem explicação, a não ser que o medo e o cansaço da jornada ainda não a tivessem deixado. Fora assim pelos últimos três dias. Paixão nenhuma passara por eles, sendo que antes nenhum conseguia resistir ao desejo que sentiam um pelo outro. Ele sabia que tinha sido uma jornada

árdua para ela e as crianças, e que o ataque sofrido na barca deixara sua marca.

Blackstone confinava-se na casa e no jardim do banqueiro, aproveitando o tempo que tinha com Agnes, garantindo a Christiana os dias de conforto oferecidos pelo refúgio. Henry ausentava-se em toda oportunidade para explorar os corredores do poder. O menino mudara, disso não havia dúvida – estava mais confiante, mas também mais retraído.

E não era de se esperar? Torellini fizera essa pergunta quando o inglês mencionara-lhe o caso. Um menino defendendo a mãe, uma família com medo no coração e perigo por todo lado. O passado simplesmente ficava para trás.

Torellini lhe entregara documentos que lhe garantiriam o futuro. Blackstone tateou o pergaminho dobrado, com o selo de cera do papa, frio e seco como o passado que o perseguiria para o resto da vida. Uma assombração que sempre o motivaria adiante.

– Sua jornada está apenas começando. Grandes guerras estão no seu passado, mas o conflito nunca ficará muito distante. Eu cuidarei de sua família. – Com o olhar, Torellini questionava o inglês. E sabia a resposta antes de fazer a pergunta. – Ainda não contou a Christiana quais são os seus planos.

Blackstone fez que não. Havia hora e local para guerrear.

E agora não era a hora.



Quando ouviu vozes abafadas e passos rápidos pelos corredores, Sir Thomas saiu da cama. Não viu sinal algum do padre Niccolò. Blackstone foi para o pátio e viu lamparinas acesas em outros quartos. Ele se vestiu e colocou a faca de arqueiro no cinto. Havia guardas na outra ponta do corredor. Nobres e padres eram levados para uma grande câmara atrás de portas fechadas. Blackstone virou em um corredor, abriu a porta que dava para uma escada exterior e subiu para uma das ameias inferiores. Ali ele pôde enxergar além do muro, as luzes bruxuleantes da cidade, onde tavernas ainda faziam comércio com as prostitutas e os soldados e aqueles que viajavam na

esperança de encontrar fortuna ou a oportunidade de ter cargo na política – a rota mais certa para a riqueza e a influência. Com os olhos, ele analisou as silhuetas sombreadas dos morros. Pontinhas de luz bruxuleavam. Killbere e seus homens ainda estavam lá. Vozes erguidas em discussão vazavam da câmara abaixo, iluminada pelas lamparinas. As palavras eram indistinguíveis, mas ele captou uma sensação de pânico. Fosse lá a causa, logo seria descoberta. Ele se recostou no muro, preferindo dormir no ar fresco e ver o nascer do sol a voltar a um quarto ornado e uma esposa fria.



- Cavaleiros – disse Will Longdon enquanto se aliviava perante uma árvore.
- Olhe para onde aponta – avisou Elfred quando Longdon mudou a direção dos olhos e tudo mais foi junto. – Sir Gilbert!
- Aye, estou vendo – disse Killbere.
- Seus homens juntaram-se na borda da mata e viram, ao longe, os cavaleiros que galopavam na direção dos portões da cidade.
- Duzentos, talvez – sugeriu Meulon.
- E não é tudo – disse Killbere, apontando para além dos campos, do outro lado do rio, onde uma cobra negra de cavaleiros serpenteava pelas dobras dos morros. – Elfred?
- Mais de mil, acredito – disse este, contando o indistinto contingente com seus olhos de arqueiro.
- Nosso Thomas lhes diria quantos cabelos tem cada um na cabeça se estivesse aqui – disse Longdon, secando as mãos nas calças.
- É Sir Thomas para você, cabeça de pinico – grunhiu Killbere. – Os da frente, os cavaleiros... são os enviados. Falarão pelos outros.
- Em silêncio, os homens viram os portões se abrirem. Dignitários da cidade e dois cardeais saíram nas melhores roupas para encontrar os cavaleiros. Uma dúzia destes seguiu os oficiais da cidade lá para dentro.
- De que se trata tudo isso afinal? – murmurou Will Longdon. – Acha que Sir Thomas está sabendo disso?
- Logo saberá – disse Killbere, olhando ao redor dos morros íngremes. – Elfred, mande o sargento enviar cavaleiros para ficar de olho nas nossas

costas.



Blackstone já tinha deixado as muralhas quando o som dos sinos das capelas ribombou pelos telhados. Os que oravam seguiam seu caminho para as matinas; outros, largados na soleira das portas, incapazes de pagar por um quarto, mexeram-se e continuaram dormindo. Thomas encontrou a placa pintada mostrando as três ferraduras e entrou pelos arcos que davam para um pátio. O cheiro pungente dos cavalos misturava-se ao menos aceitável fedor dos dejetos humanos. Cavalariços transportados palha suja das baias enquanto Blackstone observava os cavalos uniformizados. Ele reconheceu três dos cavalos como pertencentes aos soldados que acompanhavam o padre italiano.

O inglês entrou para o escuro da taverna. Homens e mulheres dormiam em qualquer ponto onde havia espaço. Ele passou por cima dos corpos largados ali e subiu as escadas. John Jacob fora muito bem-pago por sua missão; se Blackstone tinha avaliado corretamente o homem, ele pagaria por um quarto. Não havia portas nos nichos que serviam como dormitórios. O sargento Jacob já estava acordado, sentado, amolando a faca. Havia uma caneca de cerveja aos pés deles, a janelinha estava aberta e os sons da rua vinham entrando. Jacob ficou de pé assim que Blackstone apareceu na entrada.

– Ouvi dizer que estava de volta, Sir Thomas. Tem alguém com você?

– Guillaume. E amigos fora da cidade. Pensei que já teria partido para Bordeaux e para casa. Você e seus homens.

Jacob tratou a pergunta com tranquilidade.

– Três deles se foram. O clima daqui me agrada, milorde. Além disso, eu não estava na batalha, então não juntei nada. O padre nos pagou bem. Não tenho reclamações.

– Você ficou para oferecer segurança à minha esposa – disse Blackstone.

O sargento Jacob fez que sim e guardou a faca.

– Achei que não faria mal algum a ela saber que havia alguém por perto caso precisasse.

– Eu vim agradecê-lo.

– Não é preciso, milorde. Fiz conforme prometi, só isso.

Blackstone sentou-se na cadeira ao lado da janela.

– Meu filho comportou-se bem?

– Como se esperava, Sir Thomas – respondeu Jacob.

Conseguiu disfarçar bem.

– Na barca, quando você matou Rudd, ele agiu bem? – insistiu, baixinho, Blackstone. – O menino usou a faca?

– Conversou com ele, Sir Thomas? – perguntou Jacob, ainda incomodado de ser requisitado a explicar as circunstâncias exatas.

Sir Thomas Blackstone poderia considerá-lo responsável pelo ataque.

– Ainda não. Mas eu o farei.

Blackstone deu um gole na cerveja enquanto esperava a resposta de Jacob.

– Agiu bem, sim, milorde. Com bastante coragem. Esfaqueou Rudd antes que eu pudesse pegá-lo. Depois nos ajudou a empurrar o corpo para o rio. O menino honrou seu nome.

A explicação ainda omitia os detalhes do ataque. Blackstone não precisou investigar ainda mais. Ficou muito claro o que acontecera.

Ele estendeu a mão, que o outro aceitou. O sargento Jacob olhou Blackstone nos olhos.

– Rudd estava bêbado, com uma faca na mão. Seu filho defendeu a mãe e a irmã e ainda terminou o serviço. Posso garantir, Sir Thomas, que foi tudo que aconteceu.

Blackstone não insistiu mais. John Jacob protegera Christiana, que agora protegia o próprio nome.

– A Inglaterra não precisa de nós, sargento. As guerras francesas acabaram – disse Blackstone.

– Então lutarei contra os escoceses. Eles estão sempre causando problemas.

– Não. Isso já passou. Edward prendeu o rei escocês. Homens como nós estão largados aos próprios recursos.

– Então vai fazer o que exatamente, Sir Thomas?

– Isso ainda está para ser decidido, mas, quando estiver, eu poderia contar com um bom capitão ao meu lado, John Jacob.

– Sou um sargento, milorde.

– Capitão – respondeu Blackstone.

Jacob aceitou a recomendação, mas, antes que os homens dissessem mais alguma coisa, o tilintar de cascos de cavalo ecoou na rua abaixo. Blackstone inclinou-se sobre a janela, mas os cavaleiros estavam um par de ruas à frente; tudo que ele pôde ver foram as flâmulas deles ondulando debaixo das telhas.



Blackstone abriu caminho pelos corredores, até Christiana e os filhos.

– Fique aqui – disse a ela.

– Qual é o problema? – ela perguntou.

– Marcy está aqui. Está dentro da cidade.

– Aqui? Por quê? Atrás de nós? Tem homens com ele?

Blackstone passara do quarto para o jardim e retornara.

– Um guarda-costas, só isso. Onde está Henry?

– Foi até os mercadores, como sempre. Thomas, estamos em perigo?

– Ele sabe sobre Marcy?

– O quê? – ela perguntou, incapaz de esconder o medo.

Blackstone agarrou-a pelo braço.

– Henry sabe sobre o Padre Selvagem e o que ele fez? Sabe que fui matá-lo?

Ela hesitou, mas fez que sim.

– Sim, ele sabe. Eu contei, na barca. Ele tinha perguntado por que você nos deixara.

– Fique com a porta trancada e abra somente quando eu retornar.

Blackstone fechou a porta ao passar. Pôs-se a caminhar o mais rápido que lhe permitiam os corredores lotados e, apesar de seu tamanho e força, que tiravam os homens do caminho, o enorme contingente de pessoas o atrapalhava. Ele temia que Henry quisesse provar seu valor atacando Marcy. Se isso acontecesse, ninguém impediria o Padre Selvagem de matar o menino.

Quando Blackstone alcançara a parte do palácio na qual portas imensas davam para um pátio, havia criados cuidando dos cavalos dos intrusos e escudeiros segurando as flâmulas de Marcy e de um lorde da Provença. Os

ministros recepcionistas do papa guiavam o assassino do rosto pálido e sua comitiva para dentro dos corredores do poder. Guardas papais seguiam em fila a Marcy, que caminhava para os cômodos interiores nos quais o Santo Padre aguardava para cumprimentá-lo. O medo do que o assassino e seus mercenários podiam fazer forcara o papa a recebê-lo para ouvir suas demandas.

Blackstone abriu caminho por entre os mercadores e vendedores que foram pressionados contra a parede. Não havia sinal algum de seu filho. O medo o apertava tanto quanto a multidão. Um dos soldados virou-se um pouco para conter o mundaréu de gente, e Blackstone viu Henry. O menino estava agachado embaixo das pernas dos homens, de faca na mão, como um animal preparado para o bote.

O cavaleiro puxou e empurrou pessoas e, quando Marcy chegou a cinco passadas de Henry, estendeu a mão e agarrou o menino pelo ombro. O guarda virou, homens ergueram suas vozes por um momento, alarmados, depois ficaram apenas reclamando. Blackstone puxou o filho para o meio do povo, mas a comoção não passou despercebida por Marcy. Ele conteve o passo, escaneou os homens acotovelando-se, andando lado a lado. Era impossível não ver Blackstone. As portas do tempo se fecharam, e suas lembranças colidiram. Um reconheceu o outro. Seus olhares se cruzaram, e Blackstone viu a expressão de triunfo no rosto do Padre Selvagem. Nenhum dos dois podia fazer nada, cercados que estavam pelos numerosos guardas papais.

Blackstone puxou Henry ainda mais para dentro da multidão, enquanto os dignitários e Marcy entravam no gabinete do papa.



Christiana censurava Henry enquanto guardava as poucas posses da família.

– Você expôs todos nós ao perigo. Agora ele sabe que estamos aqui. Se tivesse me obedecido, ainda estaríamos a salvo.

– Sinto muito, mãe – disse Henry.

– Não há vergonha alguma em tentar matar alguém ruim como Marcy, Henry – disse Blackstone.

– Vai encorajá-lo? – reclamou Christiana.

– Ele estava tentando ter sucesso onde eu fracassei. Porém – disse ele, virando-se para o filho –, eles o teriam matado. Foi só por isso que o impedi. Você tem que pensar antes de matar.

– Santa mãe de Deus – sussurrou Christiana, fazendo o sinal da cruz –, você traz a morte para o único lugar de refúgio que temos.

Alguém bateu rapidamente na porta, e padre Niccolò, sem fôlego e suando, tendo corrido do gabinete do papa, entrou e encostou na porta, como se o próprio diabo tentasse abri-la do outro lado.

– Marcy ameaça as cidades que controlam as rotas para Avignon. Tomaria todo o comércio e o ouro. Demanda pagamento de mais de cinquenta mil florins de ouro. E quer você. Vocês têm que partir. Agora. O papa vai entregá-los. Não tem escolha.

Com simpatia, ele fitou Christiana.

– Vou voltar à Florença. Há um barco à espera. Milady, espero que acredite que a oferta que fiz a Sir Thomas seja boa e, agora, a melhor chance que a senhora e sua família têm de escapar.

Christiana olhou para o marido.

– Que oferta?

Padre Niccolò fez careta. Acabara de intrometer-se entre marido e mulher. Rapidamente, ele desfez o embaraço do momento. Não havia tempo para negociações familiares prolongadas.

– Thomas. Por favor. Temos que partir – urgiu ele.

– Que oferta? – Christiana tornou a perguntar.

Blackstone hesitou antes de responder, mas tinha de responder. Não havia mais tempo.

– Tenho um contrato para liderar forças em Florença.

– Deixar a França? – perguntou ela. – Aqui é a minha casa! Não vou fugir de novo!

– Não existe mais França, Christiana! O rei foi tomado, o Delfim lutará para ganhar o poder. Charles de Navarre será solto e a matança recomeçará. Cristo, não há mais o que fazer aqui!

Blackstone, arrependido da blasfêmia, olhou rapidamente para Torellini, que perdoou e fez o sinal da cruz.

– Guarde bem os documentos que lhe dei. Eu levarei sua família; os príncipes transalpinos receberão o senhor e seus homens. Já mandei um recado.

– Eu já disse, padre. Não são meus homens. São de Sir Gilbert.

– Então por que ainda estão esperando, nos morros, antes de seguir para a Itália? Estão esperando o senhor, Sir Thomas.

Christiana mal pôde controlar a raiva.

– Acredita que os homens de Marcy cruzarão as montanhas?

– Sim – disse Torellini. – Assim que as demandas dele forem atendidas aqui, e serão, ele juntará forças com os alemães e húngaros que já estão no norte da Itália. Eles se alinharam ao Visconde de Milão contra o papa e os Estados Papais. Milady, não há nenhum lugar seguro exceto comigo na Florença.

– Não deixarei meu marido de novo – disse ela, olhando brevemente para o marido.

Blackstone hesitou. A esposa teria mais segurança junto de Torellini. O padre mantivera sua palavra e entregara a família toda a um local seguro. Se Henry não tivesse tentado atacar Marcy, a presença deles em Avignon teria passado despercebida. Isso, ele sabia, não era o motivo pelo qual ela estava com medo de deixá-lo. O que importava era que, na última vez que ele a deixara, fora violentada.

– Vamos ficar juntos – disse Blackstone.



A ameaça de excomunhão contra Gilles de Marcy não teve efeito algum sobre o Padre Selvagem. Sob pressão dos políticos papais, o papa fizera, alguns diriam, um pacto com o diabo. Salvaria as rotas de comércio vitais que traziam à Santa Sé a sua riqueza.

E isso, como explicava o padre Niccolò enquanto guiava a família de Blackstone pelo labirinto de corredores que os levaria à segurança, era o motivo pelo qual o Padre Selvagem jantara com o papa Inocêncio e fora tratado como príncipe. O pagamento seria feito, as demandas seriam atendidas, e a vida de Blackstone não valia nada nos confins da cidade.

Guardas do palácio já estavam investigando os quartos. Contudo, o papa Inocêncio jogara uma cartada de que Marcy ainda não tinha ciência. Torellini enfatizara a importância dos documentos que dera a Blackstone. O papa, ao afixar seu grande selo aos pergaminhos dobrados, endossara-os. Eles garantiam armamento e pagamento assim que Blackstone alcançasse os príncipes transalpinos, cujas províncias assentavam-se sobre a fronteira entre França e Itália. Se ele liderasse, outros o seguiriam. Padre Niccolò garantira a Vossa Santidade que a Florença financiaria o contrato para lutar contra o Visconde e seus mercenários, como Marcy, atraídos por sua riqueza e poder. Com esse selo de aprovação, a sorte de Blackstone mudava mais uma vez.

O selo lhe dava autoridade e meios para declarar guerra contra os inimigos da Igreja.



Blackstone carregava Agnes pelos corredores úmidos, iluminados por lamparinas, que deram para um portão abaixo das muralhas exteriores da cidade. Alertados pelos mensageiros de Torellini, Guillaume e John Jacob, com os dois homens de armas remanescentes, aguardavam com os cavalos. Agnes sorriu e acenou para ambos quando os protetores cumprimentaram Christiana, que pareceu mais tranquila com a presença deles.

Padre Niccolò fez o sinal da cruz e abençoou a todos. Sir Thomas ajoelhou-se e beijou a mão do padre que o tivera nos braços todos aqueles anos antes.

– Eu lhe garanto absolvição por qualquer equívoco prévio, Thomas, e rezo para que encontre passagem segura pelas montanhas. Eu o verei novamente.

Blackstone ergueu Agnes no braço e subiu para a sela.

– Guillaume, guie-nos – disse.

Cascos tilintaram pelo chão de pedra, enquanto Torellini aguardava no portão, um braço erguido em bênção e adeus, mas Blackstone não olhou para trás.



Killbere cuspiu, descrente.

– Trabalho de Deus?

Blackstone mostrou-lhe os documentos selados.

– O Vigário de Cristo – disse.

– Grande coisa! Você não vai à missa nem fica de joelhos o suficiente para esse privilégio, Thomas. Santo Deus! Perdoe-me, mas você tem quase os dois pés no paganismo.

– Ficarei muito feliz em ter Deus do nosso lado, Gilbert, e garantirei que você reze por todos nós, sabendo que já jurou sua espada para o Altíssimo.

– Aye, mas esse pacto eu fiz para salvar minha própria pele de merda! A você, deram as chaves do paraíso.

Killbere olhou para onde Guillaume improvisara uma tenda para Christiana e as crianças.

– É um risco levá-los conosco – disse.

– O que preferia que eu fizesse? Abandonasse-os? – Blackstone respondeu, seco.

Killbere tocou o braço do amigo, querendo acalmá-lo.

– Thomas, risco não para nós. Para eles. Você já os arrastou por toda a França com lobos raivosos nas costas. Mas, enfim, não importa; estarão mais seguros do que nunca conosco. Temos quase duzentos homens, mas precisamos de mais.

– Eles virão – disse Blackstone. – Gilbert, entreguei-lhe meus homens. Agora precisarei tomar de volta. Não queria pesares entre nós.

– Não há. Fico feliz assim. Andei coçando o rabo estes últimos dias, tentando pensar no melhor a fazer. Agora que você voltou, não é mais problema meu. Queria poder dizer que você é a resposta para as minhas orações, mas não posso porque não supliquei por nada.

Blackstone olhou para o rio e depois para os montes.

– Teremos que passar pelas tropas de Marcy e ficar num local seguro até encontrarmos mais homens.

– Eles não são os únicos com quem temos que nos preocupar. Paramos mercadores ontem e ajudamos a aliviar a jornada – disse ele, mas logo fez careta, vendo que Blackstone estava prestes a questioná-lo. – Thomas, foram comida e bebida e uns feixes de tecido; não cortamos uma garganta, eu juro. Mas há mais cavaleiros, muitas centenas, todos dizem, cruzando a Provença.

Pelo que disseram os mercadores, vão queimando tudo ao longo das planícies, para o norte e as montanhas. Não teremos chance se formos presos entre os dois.

– Somos poucos e viajamos rápido. E sempre tivemos sorte na matança – respondeu Blackstone.

O inglês apresentou John Jacob aos homens de Chaulion como seu capitão; desde que perdera Guinot em Poitiers, essas tropas inglesas e gascãs não tinham ninguém para comandá-las, e Perinne, que comandava o monastério de Chaulion, estava mais para tenente – homem que sabia seguir ordens e vê-las executadas. Thomas deu a Perinne e todos os homens permissão para seguirem sozinhos, mas ninguém estava preparado para deixar Blackstone, e Perinne, como Sir Gilbert Killbere, sabia quando era o melhor momento de não se manifestar.

– Cresceremos em contingente, e há vitórias a conseguir. Tomaremos o que precisarmos quando precisarmos... e pagaremos. Não haverá estupro, nem morte de crianças... meus homens sabem que ordeno isso... e punirei qualquer homem que desobedecer. Esqueceremos a beligerância do passado uns para com os outros; somos uma mistura dos melhores homens que se pode encontrar e levaremos nosso combate à Itália e seremos pagos por ele. Deem suas costas à França; ela não precisa de nós agora. Servimos a uma nova causa e servimos uns aos outros – ele lhes disse.

Blackstone instruiu um corpo de homens, comandados por Guillaume, a proteger sua família, depois mandou que todos levantassem acampamento. O Padre Selvagem sabia muito em breve que seu inimigo escapara. Ao cair da noite, tinham percorrido dez quilômetros, tendo avistado cavaleiros em picos distantes de montanhas, mas Sir Thomas não permitiria que parassem para descansar ou comer. A noite de luar, sem nuvens, ajudava os homens enviados à frente para investigar as trilhas que serpenteavam pelos vales e escalavam os morrinhos arborizados.

Após uma semana de viagem cansativa, Blackstone levou seu pessoal a um amplo vale no qual havia um solar fortificado. Suas paredes antigas, construídas séculos antes por uma legião romana, dividiam campo e vinhedo de pasto e cercados, e parecia ser fácil de atacar. Mas o solar e o pátio tinham

mais proteção que as muralhas; pertencia a um parente do príncipe transalpino, o Marquês de Montferrat, que concordara em convidar os homens de Blackstone a Piedmont, onde seriam contratados pelo vigário-geral da Itália para enfrentar as forças antipapais. O solar fortificado servia como farol para uma das rotas que cruzavam as montanhas. Se perigo caísse sobre o senhor desse território, os responsáveis encontrariam seu caminho bloqueado, suas tropas, constantemente emboscadas, e uma vingança executada derramando-se sangue. Dinheiro nenhum comprava a redenção.

Marazin, senhor do solar, cumprimentou Blackstone, que tinha ido antes com Killbere certificar-se de que não era uma armadilha prestes a estalar. O velho barbudo que os cumprimentara parecia tão nobre quanto um cavaleiro inferior sujo de terra. Um cinto largo amparava uma barriga que lutava contra uma túnica de couro suja de gordura, testemunha de anos de muito ali limpar as mãos após as refeições.

– Tem um documento? – ele quis saber, parado no pátio, sem arma e sem medo, enquanto uma dúzia de besteiros nos adarves baixaram suas armas, antes apontadas para os dois cavaleiros.

Blackstone ofereceu um dos documentos selados que o endossavam e lhe garantiam dinheiro e indulgências.

– Tem muito pouco aqui para defesa, milorde – disse Killbere. – Uma puta com uma jarra e uma faca poderia transpor essas paredes.

O homem estreitou os olhos para assimilar o cavaleiro de pele ruim.

– Deve conhecer esse tipo de mulher, imagino. Não temos putas aqui; somos uma casa temente a Deus, e é melhor que não tenha nenhuma dessas no seu grupo lá naquelas árvores.

Blackstone deixou que Killbere respondesse por conta própria, apreciando a diversão do momento, vendo o lutador amante de tavernas oferecer uma desculpa, gaguejando.

– Não quis ofender, milorde. Foi uma frase grosseira, inapropriada. Somos muito gratos pelo senhor nos prometer segurança.

O homem parecia ter espírito mesquinho.

– Aceito a moeda do papa, não abrigo a escória daquela Babilônia chamada Avignon. Honramos a santa missa e todas as horas de oração. Dormirão

menos aqui do que na sela. Traga sua família e seus vassalos para dentro, Sir Thomas Blackstone, e deixe seus cavaleiros fora dos muros. Temos comida e bebida para três ou quatro dias. Nada mais. Depois seguirão para meus parentes na fronteira.

O homem deu meia-volta. Killbere ficou cabisbaixo.

– Uma casa santa – disse Blackstone, puxando dali o cavalo. – O poder da oração é algo a se admirar. Sinto que fomos trazidos aqui para a sua salvação.

Killbere não achou graça nenhuma nas palavras de Blackstone.

– Vou lutar para chegar ao céu, Thomas, não ficar de joelhos, sóbrio e casto. – Enquanto cavalgavam para as árvores, o sino da capela do solar anunciou as orações da manhã. – Vou ficar fora dos muros, com os homens.



Um acordo foi arranjado com o proprietário. Christiana e as crianças, junto com Guillaume e todos os homens, exceto os sessenta que Blackstone levaria adiante, ficariam no solar. Ele e Killbere levariam Meulon e Gaillard junto com John Jacob e assegurariam o local seguinte de descanso, quase às vistas do cruzamento. Partir um dia antes dos demais lhes permitiria viajar com a carroça pesada pelas trilhas irregulares. Guillaume e os cavaleiros franceses trariam o restante dos homens e a família de Blackstone do solar e encontrariam os outros no local escolhido. Até que partissem, Christiana e as crianças estariam a salvo sob a proteção do velho e, com a maior parte da força junto dela, ela poderia viajar tranquila com a escola até onde Blackstone os aguardava.

O proprietário chamou Blackstone.

– Seu bem-estar não me preocupará mais assim que deixarem a minha proteção. Fiz a minha parte, mas meus homens relatam que Marcy e seus mercenários deixaram Avignon. Estão vindo do sul. E há mais cavaleiros nos morros ao norte. Centenas deles. Destruíram três cidades e meia dúzia de vilas, locais leais ao rei John. Seu príncipe continua em incursão?

– Não, ele veleja para a Inglaterra. São homens de Marcy?

O velho fez que não.

– Não, mais um bando de salteadores. Faz diferença? São piores que a praga; são insensíveis à mão de Deus.

Mesmo que o papa não tivesse lhe pago para que oferecesse passagem segura para o aterrorizante Blackstone, ele o teria feito: seus instintos lhe diziam que o homem merecia ajuda e confiança. Chegaria o dia em que seus próprios aliados não o salvariam, e qualquer ato de bondade poderia contribuir para uma morte mais fácil.

– O Padre Selvagem é um filho da iniquidade; sua crueldade não tem freios. Igreja nenhuma está a salvo; nenhuma vila é poupada. Ele atraiu ainda mais escória do que antes de ficar ao lado de John. Os banqueiros ficam com o saque; advogados documentam os tributos forçados de uma cidade. O homem está equipado feito um rei, com seus próprios cirurgiões e padres, ferreiros e putas, então viaja muito rápido. Você tem só uma chance de deixá-lo para trás e chegar a Montferrat.

– E os outros mercenários?

– Não há barganha que se possa fazer com esses peleiros, nem resgate a pedir. Estão saqueando e matando. Deus ajude quem algum dia ergueu a voz para apoiar o rei John. Talvez ele lhes tenha prometido dinheiro e não pagou. Vai saber. Donos de terras e aldeões, estão todos morrendo por causa disso. E, se esses dois exércitos se juntarem, nada poderá impedi-los.



Blackstone caminhava com Christiana pelo vinhedo, sabendo que estava para deixá-la de novo em poucas horas. O calor gentil do dia e o céu claro e limpo pareciam acalmar o espírito dela. Falava de morar com os Harcourt e como as duas famílias envolveram-se após o banho de sangue em Crécy, e a alegria da vida que partilhara com o arqueiro inglês que fora elevado em posição e honra. Ele era o ar que ela respirava.

– Vivía com Jean e Blanche como meus protetores, Thomas – disse. – Foi a minha casa depois que minha mãe morreu e meu gentil pai me colocou sob o cuidado deles. Jurei que nunca seria forçada novamente a deixar meu lar.

– Eu lhe causei isso, Christiana, mas essa guerra não foi culpa minha – ele disse gentilmente.

Ela trouxe a mão do marido aos lábios, depois colocou a palma contra a bochecha, como faria uma criança com os pais.

– Você sempre lutou com honra, Thomas. Pelo seu rei e seu príncipe; por Jean e por nós... mas agora estamos indo para outro país, sem causa.

Abraçada por ele, Christiana tremia. As semanas anteriores tinham rasgado a França e seu povo ao meio, e a selvageria que perseguia a família subitamente reaparecera, e o medo que trazia consigo a pressionava.

Aos olhos de Blackstone, a menina que ele vira pela primeira vez, cujo cabelo era da cor das folhas do outono, jamais mudara, como não mudara a alegria dele de estar junto dela. Mas, agora, ao ouvir de sua tristeza e seu arrependimento, ela parecia tão abatida quanto o próprio país. Muitos homens já a teriam largado em um convento, somente por saber do estupro, mas ele fingia ignorar; a vergonha parecia pertencer mais a ele que a ela. Fracassara com a esposa.

– Perdoe-me – disse ele, baixinho.

– Não há nada que perdoar – disse ela, pondo as mãos em torno das dele. Seus dedinhos mal cobriam os dele. – A não ser que tenha dado seu afeto a outra – ela acrescentou e sorriu.

– E quem seria essa? Está vendo alguma dama em nossa companhia? E Sir Gilbert não tem traço feminino algum que valha considerar.

– Contar-lhe-ei que você disse isso.

– Santo Deus, não faça isso. Ele vai me entalhar. O homem me xinga desde quando eu era menino, na minha vila. Senti o peso daquela mão mais de uma vez.

– Mas não recentemente – ela disse e tornou a sorrir.

– Não. Está ficando velho, acho. Faz muito tempo que nos conhecemos. Ele me repreendeu por voltar pelo rio para salvá-la, em Blanchetaque.

– Pensei que tinha sido Elfred.

– Esqueci. Faz muito tempo. Lembra-se de quando a encontrei na vila, quando a cavalaria boêmia estava quase nas nossas costas?

– Eu estava aterrorizada, mas você me fez sentir forte. Lembro-me disso. E quando me agarrei a você nas costas daquele cavalo, lembro que você fedia. Fedia muito. Arqueiros fedem. É por isso que os franceses tinham medo.

- Sabia que deveria ter deixado você afogar.
- Pensei que fôssemos nos afogar. Ou que nos capturariam. Quase conseguiram.
- Quase. Éramos jovens e íamos viver para sempre. Nada me impediria de ter você. É disso que me lembro.

Christiana pegou o braço do marido e aninhou-se nele. O vinhedo descia até um riozinho, desaparecendo floresta adentro, para tornar a aparecer além dos montes. Como a linha da vida na palma dela que se perdia nas rugas e vales da mão.

- Lembra-se de Malisse? – ela perguntou.
 - A velha, governanta de Blanche?
- Ela fez que sim e riu.
- Godfrey de Harcourt sempre dizia que ela era uma bruxa e deveria ser queimada. Lentamente. Um dia ela leu a minha mão e disse que eu me casaria com você. – Ela hesitou: – Disse que teríamos três filhos.
 - Então talvez devêssemos provar que ela estava certa – disse Blackstone, puxando o rosto da esposa para os lábios.

Nesse momento, pareceu-lhe que a Christiana que ele sempre amara estava de volta. Ternamente, ela o repeliu, sem querer encarar seus olhos.

- Tarde demais para isso – disse. – Estou esperando uma criança.
- Blackstone não teve controle sobre sua reação. A primeira ideia que lhe ocorreu foi que a criança não podia ser dele. Ela leu a dor nos olhos do marido e, nesse momento, compreendeu que ele já sabia o que acontecera na barca.

- Quem lhe contou? Jacob? Henry?
- Blackstone tentou clarear a mente das imagens que se recusavam a sumir. Ele sacudiu a cabeça.
- Nenhum deles. Jacob a defendeu; não disse nada. Nada mesmo, apenas que você foi atacada.
 - Eu não lutei – disse ela, entregando-se à inevitável admissão.
 - Como?
 - Ele estava com a faca na garganta de Agnes. Não lutei. Não podia.

Blackstone sabia que tinha mentido para si mesmo sobre o fato de que o estupro não importava. Ela teria lutado – disse ele tinha certeza. Era Christiana; teria lutado para não ser envergonhada. Mas não lutara.

– Preferia que Agnes tivesse a garganta cortada? – perguntou ela, calmamente.

– Não. Claro que não. Não.

Thomas convencera-se de que o ataque não importava porque jamais perdera o amor que sentia pela esposa. A criança não era dele. Era o filho bastardo de um estuprador. O estômago do cavaleiro retorceu-se, com a mesma sensação que ele tinha antes de entrar na batalha. Odiando sua reação, ele a enfrentou.

– Não vou purgá-la, Thomas. A criança não pode ser condenada pelo que aconteceu. Consegue entender isso?

– Sim, eu entendo.

– Então devo ficar com você e meus filhos ou procurar refúgio num convento e me render à clemência da Igreja?

Sob a luz do sol, que perpassava as copas das árvores e banhava as folhas acobreadas das vinhas, Thomas estendeu a mão e tocou os cabelos da esposa. Quem perdoaria Thomas Blackstone pelos pecados que cometera?

– Você não precisa de clemência nem do perdão de homem nenhum. Muito menos de mim. Fomos abençoados um com o outro e com nossos filhos. Os modos do filho não são os mesmos do pai. Ficaremos juntos e veremos o que será de nós.

Era o melhor que ele podia fazer. Um fio de esperança para ambos, uma fina linha da vida.

Não era suficiente, e ambos sabiam disso.



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Blackstone guiava sessenta homens e a carroça lotada por entre pinhos perfumados, subindo pela indicada pelo parente de Montferrat, no solar. Quando as árvores permitiam que enxergassem o céu, viam picos de montanhas guardando os vales que os levariam à Itália. Killbere falara pouco nos vinte quilômetros viajados; apenas comentara a carranca de Blackstone. Ele dera uma resposta sobre estar cansado da França, querendo ver novos horizontes, mas depois cortou a fala para mandar mais cavaleiros adiante, para explorar. A floresta foi ficando mais densa, e regos e ravinas corriam feito veias pela beirada da trilha, escondidos por arbustos entrelaçados e troncos caídos, oferecendo oportunidade para emboscadas. O parente de Montferrat avisara Blackstone da bandidagem dos aldeões que viviam do que podiam arrancar dos viajantes. Não ameaçavam o parente, e suas incursões eram pouco frequentes e, por esse motivo, ele nunca se aventurava nas montanhas para retribuir. Blackstone pensara, ao ser alertado, se o homem recebia tributos deles. Não fazia diferença; ele fora avisado.

– Se vierem, virão de cima – disse Killbere, olhando para as encostas que sumiam na borda da mata, além da trilha. – Preferíamos que estivéssemos no alto, em vez de aqui embaixo. Pelo menos veríamos os malditos.

– O velho disse que os mercenários estão ao norte. Nenhum cavaleiro vai atacar em um lugar como este – respondeu Blackstone, grato por sua mente ter sido desviada dos pensamentos negativos acerca de Christiana.

Acamparam num planalto curvo, onde a estrada corria reto por trezentos passos em cada direção até sumir numa curva. Isso dava uma visão clara de qualquer um que usasse a estrada. Do outro lado da trilha, uma parede de rochas estendia-se, muito alta, antes de ser agarrada em sua superfície arruinada pelas raízes ossudas da floresta. Além da parede de pedra, as árvores ficavam mais densas quanto mais alto se encontravam. O planalto onde se assentaram era coberto por árvores espaçadas, e a encosta descia

quarenta metros, até um emaranhado de troncos caídos, arbustos espinhosos e frutos selvagens.

Enquanto os homens de Elfred e Will Longdon desamarravam a carroça e conduziam as mulas, Meulon e Gaillard instruíam seus sargentos a colocarem sentinelas em cada curva na estrada e outros a encontrarem uma trilha de animais e entrarem na floresta. As sentinelas deveriam estender uma corda para guiar seu substituto para onde mantinham guarda. Blackstone não queria ninguém tropeçando durante a noite.

– Mais seguro, impossível, suponho – Killbere disse a Blackstone.

– O problema é que nenhum local é seguro. Por onde você atacaria um acampamento como este?

– Um bote súbito de cada ponta da estrada.

– Foi isso que pensei. Não teríamos para onde correr; estaríamos de costas para essa descida. E, se tivessem uns besteiros e os pusessem nas árvores, seríamos como truta na armadilha.

– Juntarei os homens em pequenos grupos, e cada um poderá defender seu posto – respondeu Killbere.

Blackstone assentiu.

– E diga-lhes que, se for para atacar e fugir, que deixem os atacantes escaparem pelo fim da trilha. Não temos homens suficientes para fazer emboscada ou perseguir à noite. E nada de fogueiras.

Killbere saiu andando, chamando Jacob e Elfred.

Blackstone olhou para os cerca de sessenta homens que cuidavam dos cavalos, posicionando-se para o caso de terem de lutar. Ficar ali parado, em território inimigo, num acampamento pouco protegido, tiraria o sono de muitos homens nessa noite. Mas a exaustão e o frio os tomariam, e era então que Blackstone, caso fosse atacar um acampamento como esse, atacaria – duas horas antes do amanhecer, quando os homens encontrassem aquele sono meio atribulado e seus corpos doessem pela posição ruim, desesperados por conforto.

Contudo, ele estava errado.

Os inimigos vieram nas profundezas da escuridão. Tochas bruxuleantes ardiam feito vaga-lumes varrendo abaixo o morro íngreme da floresta. Os

assassinos conheciam o relevo, farejavam o javali e o lobo, encontravam trilhas noturnas do texugo e da raposa. E as gargantas das sentinelas foram cortadas muito antes de esses homens selvagens começarem a descer a encosta. Eram silenciosos exceto pelo estalar baixinho das folhagens.

Gaillard foi o primeiro a levantar-se, acordado pelo que soava como uma tempestade jogando seu peso por sobre a floresta farfalhante. O movimento acionou Blackstone e Killbere. O torpor do sono clareou rapidamente, mas houve ainda um momento no qual o brilhar das tochas causou hesitação. Vaga-lumes eram as almas de crianças não batizadas tomadas por demônios. Os mesmos pensamentos passaram pelas mentes de cada homem: fantasmas e duendes, bruxas e espíritos desciam, saídos da escuridão, vindo consumir-lhes as almas.

Blackstone viu seus homens congelarem.

– São homens! Cavaleiros! – gritou ele, quebrando o feitiço.

O momento em que sua voz ressoou, os atacantes soltaram um poderoso rugido que pôs medo em todos eles. Homens barbudos de feições selvagens, alguns envolvidos em pele de animal, outros em tecido maltrançado, de armaduras e elmos improvisados, brandindo as tochas no meio dos acampados, transformando o solo em centenas de fogueiras quando saltaram para a clareira brandindo machados, lanças e espadas com uma selvageria que quase aturdiu os defensores. Grupos dos homens de Blackstone entraram rapidamente em formação ao mesmo tempo em que os bárbaros se lançaram contra as espadas dos soldados. Conforme cada grupo dos homens de Blackstone defendia seu posto, ia forçando os atacantes a manobramos ao redor deles. Sombras dançantes tremeluziam e apagavam conforme os corpos caíam por cima das tochas. Era como se a grande floresta tivesse soltado ursos e lobos para consumirem suas presas.

– Escudos! Avançar! – Blackstone ouviu Killbere comandar e, do canto dos olhos, viu um dos grupos juntar-se e avançar contra os bárbaros.

Cavaleiros galoparam de uma das pontas da estrada e atingiram os homens de Elfred que defendiam a carroça. Logo, foram dominados, e seus atacantes jogavam fardos de comida e armamento para os braços dos cavaleiros. A carroça sacudia precariamente quando homens a escalavam para lutar, então

uma roda de cada eixo escorregou do lugar. A carroça virou e caiu de lado, mas os homens saltaram dela. Blackstone levou um grupo de homens para perto dos defensores da carroça, encurralados. A luz bruxuleante das tochas tornava a luta ainda mais feroz.

Um dos selvagens gingou um machado contra Blackstone, que tomou o peso do golpe com o escudo, mas o tamanho e a força do atacante o desequilibraram. O escudo foi arrancado do braço dele quando o homem atacou de novo. Blackstone caiu. Uma pata no lugar da mão agarrou-lhe a garganta. O homem o forçou ao chão e prensou seu braço da espada com um dos joelhos. Blackstone agarrou uma tocha e fincou no homem, que facilmente puxou a cabeça para evitar as chamas estalantes. Blackstone meteu forte o joelho entre as pernas do selvagem, que fraquejou na pose, permitindo que o inglês rolasse, libertando-se. Os dois atracaram-se, primeiro um depois o outro ganhando a vantagem. O fedor do homem de suor rançoso e pele pungente de animal encheu as narinas de Blackstone. O machado gingou contra o inglês novamente, e a porção cega da lâmina acertou-lhe bem na cabeça. Atordoadado, ele sentiu que o homem ganhava força extra e o prensava. Quando ele recuou para aplicar o golpe final, hesitou, admirado ao ver Arianrhod brilhando no pescoço de Blackstone sob a luz das tochas. A hesitação foi fatal. Blackstone meteu a Espada do Lobo para cima, atravessando os pelos de animal, depois osso e músculo, com a lâmina forçada tão intensamente para dentro dos pulmões e do coração, que a ponta saiu pela base do pescoço do homem.

Os cavaleiros saíram galopando, e os selvagens fugiram. Era o fim do assalto. Tinham levado o que podiam. Dezesseis deles jaziam mortos; outros rastejavam, em agonia, e foram despachados. A companhia de Blackstone perdeu oito, ficando oito feridos. Pequeno preço a se pagar perante força maior. Os que não puderam ser salvos foram rapidamente mortos; os feridos menos seriamente seriam tratados. Blackstone ordenou que os mortos fossem enterrados. Uma oração cristã seria falada para impedir que as almas deles fossem roubadas de suas sepulturas, à noite, por demônios.

A súbita incursão dos selvagens os pegara desprevenidos. Elfred, com o rosto emplastado de sangue seco que vazava de um ferimento no couro

cabeludo, retornou com Will Longdon e os arqueiros. John Jacob trouxe de volta os cavalos que tinham sido afugentados pelos atacantes. Killbere e alguns outros trouxeram os corpos dos inimigos até a beira do morro e os rolaram sem cerimônia para o emaranhado de espinhos e arbustos.

– Vão alimentar os pássaros e as plantas. Melhor do que excremento, embora mais fedido – disse ele.

– Quanto pegaram? – Blackstone perguntou quando Elfred os alcançou.

– Quase metade. Santo Deus, derramamos tanto sangue por esses ganhos e sofreremos tormentos dos diabos quando morrermos. Mas eu juro, Thomas, vou empilhar mais pecados na cabeça se pegar esses ladrões malditos.

Os homens não protestaram quando Killbere ordenou-lhes aos detalhes que enterrassem os mortos e juntassem o que restara de comida e armas. Depois, cavalos e homens sofrendo com o esforço puxaram a carroça virada e a endireitaram. Quando terminaram de recarregar a carga, já haviam se passado duas horas do amanhecer.

– Precisamos daquelas armas e suprimentos, Elfred – disse Blackstone. – Capitão Jacob, pegue seus melhores homens e encontre os rastros deles; estaremos logo atrás.

Jacob e meia dúzia de homens partiram, enquanto Blackstone dirigia-se a Will Longdon:

– Pegue seis arqueiros e dez homens e retorne aos outros. Traga-os mais cedo; viaje somente à luz do dia. Encontre-me no crepúsculo, amanhã, nas terras do Marquês de Montferrat e depois passaremos pelas montanhas. Não chegaremos como mendigos no reino de um príncipe. Não podemos depender de ninguém enquanto não garantirmos nossos termos.

Blackstone e Killbere guiaram seus cavalos pelo íngreme declive, desviando de espinheiros e troncos caídos, e cavalgaram para a floresta distante, seguidos pelos que já tinham montado.

– Deus os ajude quando Sir Thomas e Sir Gilbert puserem as mãos neles – disse um dos cavaleiros menores.

– Deus vai desviar o olhar quando o horror cair sobre essa escória – disse Will Longdon.

– Não se percam! – gritou Elfred quando a carroça e sua escolta partiram pela trilha.

– Vou reto feito flecha de um metro! – devolveu Longdon.

– Aye, já vi umas dessas suas flechas. Parecem uma lua crescente, metade delas.

Os dois acenaram, despedindo-se.

Longdon esperou que sua coluna de homens passasse por ele. Quando puxou seu cavalo para entrar no fim da fila, a brisa prendeu uma tirinha de tecido nos espinhos abaixo dele. Um farfalhar azulado, como um pássaro engaiolado, amassava o material verde-claro. O arqueiro levou o cavalo encosta abaixo e estendeu o arco até alcançar a massa emaranhada e erguer o material bordado, que representava uma andorinha azul voando em curva. Por um momento, Longdon ficou confuso, depois sua mente captou a lembrança fugidia. Claro – era de Sir Thomas. O arqueiro dobrou com cuidado o paninho e o guardou debaixo da túnica.



Marcy não podia acusar o papa pela fuga de Blackstone. Ele dera tudo que lhe fora pedido, assim como a absolvição pela matança pelo assassino infligida ao longo da vida. O fato de o prêmio, Blackstone, escapar significava apenas que havia alguém dentro da corte que avisara o inglês. Mesmo assim, Marcy sairia atacando e iria se juntar ao Visconde de Milão, o inimigo do papa, que tinha mais riquezas do que o rei da Inglaterra. Homens de riqueza e poder precisavam de homens como o Padre Selvagem para impor suas vontades, mas agora a mente do assassino estava preocupada com para onde fugiriam Blackstone e sua família, e se ele deveria procurá-los ou continuar com sua aliança planejada com a companhia de mercenários alemães e húngaros, além da fronteira. A tentação de ficar mais tempo não cessava. Um ato final para incrementar sua reputação fora colocado à sua frente, se ao menos ele pudesse derrubar o inglês. Havia cavaleiros cuja habilidade de combate era lendária, e Blackstone era um deles: uma fera no campo de batalha, consumida por uma raiva que varria homens e cavalos do caminho com um foco na destruição que Marcy compreendia. Poderia levar

semanas, a busca por um homem e sua família, entretanto, ele meditava, Blackstone estivera bem ali, em Avignon, totalmente às vistas para que o Padre Selvagem o pegasse – um presente de Deus. O quanto já poderiam ter viajado? Com suborno e ameaça, ele descobriria a rota. Talvez ainda não fosse tarde demais, afinal.



Blackstone, Killbere e seus homens penetravam a floresta cada vez mais escura. O anoitecer vinha logo atrás e, se quisessem encontrar-se com os outros na noite seguinte, precisavam vingar-se dos salteadores e recuperar todas as armas e saque que pudessem. Tinham perdido os rastros dos homens alguns quilômetros antes, mas os batedores saíram explorando e encontraram o solo pisado pelo qual os inimigos viajaram. Somente após mais cinco quilômetros avistaram os homens que desapareceram na noite.

A área ao redor da vila para a qual Blackstone olhava agora fora fortificada com muros baixos de pedra seca, que faziam curvas e dobravam-se feito uma cobra atizada, impossibilitando aos cavaleiros que atacassem diretamente a vila. Lanças afiadas brotavam entre cada muro para mutilar os cavalos de qualquer um que fosse tolo o bastante para atacar, deixando os cavaleiros vulneráveis até mesmo se sobrevivessem à queda. Um portão alto de paliçada era a única passagem de entrada e saída da vila.

– Uma ratoeira de aldeões. Briguentos, pelo visto – disse Killbere.

– Duzentos guerreiros, provavelmente os mesmos, que não podemos ver – respondeu Blackstone, mantendo os olhos nos casebres, cada um unido ao vizinho por cercadinhos.

Lutar ao longo da vila, mesmo que conseguissem entrar, seria complicado.

– Não temos homens suficientes para atacar – disse Killbere.

– E não podemos dar cobertura porque não temos flechas suficientes – Elfred lhes disse.

Os aldeões haviam cortado a borda da mata ao redor da vila, deixando tocos e espinheiros entrelaçados. Eles teriam uma visão clara de qualquer um que tentasse aproximar-se, e tornaram impossível para um ataque romper as defesas sem causar grandes casualidades.

– Bem, é isso. Vamos embora. Não podemos acabar presos lá dentro, principalmente à noite – disse Killbere.

O pequeno grupo de Blackstone não teria chance contra os aldeões entrincheirados. Ele olhou para o horizonte rebaixado por nuvens que abraçavam os montes.

– Ventos do sul. Logo vai escurecer. Elfred, prepare os homens.

– Lutar à noite? – perguntou Elfred. – Com todo respeito, Sir Thomas, estamos em desvantagem, e lutar à noite não vai nos favorecer.

– Favoreceu a eles – retrucou Blackstone.



Blackstone ordenou que os homens juntassem feixes de galhos caídos e gravetos secos. Os aldeões haviam cortado a vegetação rasteira, mas não juntaram os pedaços caídos. Conforme a escuridão ia cobrindo o vale, homens corriam para deitar os feixes amarrados contra as paredes e a paliçada. Em questão de minutos, as chamas dos galhos resinosos de pinheiro começaram a consumir o portão da vila. Com meia dúzia de focos de incêndio ardendo, os homens de Blackstone jogaram galhos verdes nas chamas, fazendo uma fumaça densa e sufocante cobrir a vila. Gritos e berros ecoaram pelas paredes de pedra; eram os aldeões, agora aprisionados pelo que antes fora sua posição defensiva. Incapazes de correr entre os muros e as lanças fincadas no chão, eles se afunilaram na única entrada que lhes restava: o portão em chamas. Enquanto corriam, na tentativa de empurrar as piras para longe, as silhuetas dos guerreiros apareciam em contraste com as chamas.

Cem passos além de cada flanco, os arqueiros de Elfred fizeram chover flechas em um fogo cruzado letal. Enquanto homens caíam, mulheres e crianças eram tomadas pelo pânico e corriam de volta para a fumaça de fazer lacrimejarem os olhos para tentar escalar as defesas da vila e alcançar um local seguro. Os homens de Blackstone aguardavam, de olhos frescos, com a brisa nas costas. O vento carregava brasa e, logo, os telhados de madeira seca começaram a pegar fogo. Conforme os guerreiros recuavam desorganizados do portão flamejante, Blackstone guiou seus homens da escuridão para o caos. As chamas pulavam de casebre em casebre, o vento espiralava fumaça

pelas passagens estreitas entre eles, e as línguas de fogo projetavam as sombras gigantes dos cavaleiros.

Os aldeões estavam desorganizados, mas lutavam do melhor jeito que podiam, alguns correndo para proteger mulheres e crianças, outros formando linhas entrecortadas de defesa; mas, apesar de sua coragem, foram destroçados pelos cavaleiros. Em questão de uma hora, os guerreiros que os confrontaram jaziam mortos. A fumaça ainda erguia-se quando o amanhecer expôs os restos chamuscados da vila. O ataque de Blackstone matara mais de noventa guerreiros, assim como uma dúzia de mulheres cujos corpos jaziam, de espada na mão, ao lado dos homens. As crianças morreram nas chamas e debaixo dos cascos dos cavalos, mas eram poucas – único consolo para Blackstone. Os aldeões que fugiram tinham escalado as muralhas, os que não foram pegos pelas lanças afiadas ao correr no escuro, ainda guardadas pelos cerca de cem guerreiros que sobreviveram ao ataque.

Alguns cavaleiros encontraram um homem machucado que rapidamente confessou onde a vila escondia a pilhagem. Homens cavaram o solo debaixo dos restos chamuscados da casa do líder da vila e, do fosso, retiraram baús de dinheiro, armas e comida. Assim que os ganhos foram recuperados, um desses cavaleiros cortou a garganta do homem.

– Belo trabalho noturno – disse Killbere, de sorriso maroto, passando um odre de vinho a Blackstone. – Tem comida e vinho que estocaram para o inverno. Os cavalos deles entraram em pânico, mas, se esperarmos algumas horas, vão retornar.

Blackstone guiou seu cavalo pelos despojos do incêndio enquanto os homens traziam a carroça da floresta. Haveria, agora, comida suficiente para a jornada do grupo a cruzar a fronteira e, quando Guillaume chegasse com Christiana e as crianças, seus reforços teriam mais armas do que quando começaram.

– Quantos perdemos?

– Só três. Alguns foram feridos. Nada que não possa curar.

– Havia dinheiro? – perguntou Blackstone.

– Não muito. Eles roubaram mais armas e suprimentos, pelo visto – disse Killbere.

- Compartilhe com todos os homens quando chegarem aqui.
- Até mesmo os que não lutaram? Os que ficaram no forte?
- Todo mundo fica com uma parte. Mande os sargentos manterem os homens em alerta, Gilbert. Ainda há uns cem homens armados ou mais que fugiram, e terão seu povo junto. Podem nos dominar, agora que há luz.

Ele estava prestes a virar o cavalo quando um movimento no outro lado do vale lhe chamou a atenção. A planície comprida, larga o bastante para quinhentos homens avançarem lado a lado, escureceu quando tropas apareceram a galope. Era difícil enxergar com a luz fraca qual brasão ondulava na vanguarda do exército que se aproximava.

- Droga, Thomas, espero que não seja Marcy. Não podemos sobrepujá-lo aqui – disse Killbere, depois mandou que os homens entrassem em formação.

Blackstone fitava, sob a luz diminuta do amanhecer, para onde homens avançavam por entre a fumaça que ainda se prendia às árvores e ao solo.

- Mantenha os homens em prontidão, Gilbert. Seja lá quem forem, podem perder o interesse assim que virem que a vila foi destruída.

O lento e constante bater de cascos foi chegando, junto ao som de armadura e couro rangendo naquele quieto amanhecer. As fileiras pararam a seiscentos passos deles, onde quarenta homens desmontaram e correram à frente, chegando a não mais de trezentos metros dos telhados da vila. Eram besteiros.

- Quem são eles, em nome de Deus? – perguntou Elfred.

As poucas centenas de homens que aguardavam não usavam uniforme; vestiam-se atropeladamente com cotas de malha, alguns com armadura nas pernas e braços.

- São salteadores – disse Blackstone, observando os besteiros erguerem as armas.

- O Padre? – perguntou Elfred.

- Não. Não é ele – respondeu Blackstone. – Vi as bandeiras dele em Avignon.

- Thomas, é a outra horda de peleiros. Vamos sair daqui ou vão cair sobre nós feito gelo em cama de puta de taverna – disse Killbere.

– E deixar o que viemos buscar? Não, fingiremos que vamos nos unir a eles, se for preciso. Precisamos cruzar a fronteira se quisermos ter algum futuro. – Ele se virou para os homens atrás de si. Sangue seco cobria rostos e mãos sujos de fuligem; pareciam ferozes o bastante para enfrentar a Milícia Celeste. – Até o próprio diabo nos contrataria agora.

Os besteiros aguardaram que uma dúzia de cavaleiros avançasse das fileiras, portando flâmulas e um estandarte. O cavaleiro líder, figura muito esguia, usava armadura e bacinete requintados, como visor erguido. A bandeira de barras horizontais vermelhas e douradas ondulava ao vento.

– Preparar! – gritou um dos homens de armas aos besteiros, que elevaram suas armas e apontaram para Blackstone e seus homens. As flechas curtas e velozes perfurariam armadura, músculo e osso.

– Que jeito mais tosco de morrer – disse Killbere, sacando a espada.



Quando Blackstone encontrara a vila dos salteadores, Will Longdon acabava de retornar ao solar no qual Guillaume e os homens esperavam. Ele explicou aos capitães o que acontecera durante e após a emboscada e que, ao primeiro raio de luz, o grupo deveria partir e encontrar-se com Blackstone, pronto para cruzar a fronteira. Os homens pegaram comida e bebida; depois encontraram um lugar para dormir, antes de levar os demais de volta, na manhã seguinte.

Após cobrir Henry e Agnes com cobertores, Guillaume e os guardas formaram um piquete em torno da família. Will Longdon vigiava tudo de longe. Queria ser bem-visto pela dama. Conhecera Thomas Blackstone quando este era ainda um arqueiro jovem, mas, enquanto ele subia de posição, Longdon continuava sendo um veterano no comando de uma pequena companhia de arqueiros ingleses. Embora tivesse juntado dinheiro ao longo dos anos com os saques, não houvera melhora alguma em seu status, e ele permanecia em serviço ao rei da Inglaterra e ao príncipe de Gales. Nenhum arqueiro comum jamais se sentaria à mesa de um nobre ou poderia ter com ele intimidade ou amizade. Mas Thomas Blackstone, homem comum que lutara ao lado de Longdon e os outros, nada diferente deles, fora

abençoado com o status de uma boa posição. Contar a Lady Christiana que ele lutara ao lado do marido dela, antes mesmo de ela conhecê-lo, daria a Will Longdon um momento de reconhecimento.

Guillaume descansava a trinta passos dali e, quando o soldado mais próximo virou de costas, Longdon escolheu o momento. Rapidamente, ele se levantou e abordou a dama pelas sombras.

– Milady – disse, baixinho.

Ela olhou para ele, alarmada por um instante, mas Longdon baixara os ombros, demonstrando subserviência, e mostrara as mãos, livres de armas.

– Tenho algo que pertence a Thomas. Peço perdão, madame... digo, Sir Thomas, seu marido.

Christiana jamais perdera o medo que tinha da reputação dos arqueiros ingleses, e um deles aproximando-se tão rápida e silenciosamente era de assustar. Ela escondeu a dúvida; o homem parara a doze passos dela, apoiara-se em um dos joelhos e tirara algo de debaixo da túnica: um retalho de tecido.

– Chegue mais perto – disse ela. – Deixe-me ver o seu rosto.

Longdon passou debaixo da luz de uma tocha que ardia numa estaca ao lado da tenda dela.

– Sou eu, milady – disse ele. – Will Longdon.

Ele era familiar, e a dama ficou mais tranquila.

– O que é? O que tem com você que pertence ao meu marido?

O arqueiro estendeu a mão e entregou o pedacinho de pano, com a andorinha bordada.

– Sir Thomas largou quando fomos emboscados. Sei que é importante para ele; tem-no desde quando o conheci.

Ela tateou o lenço que dera a Blackstone todos aqueles anos antes.

– Sim, é importante. Obrigada.

Longdon queria impressionar a dama, indicando que havia grande amizade entre ele e Blackstone; maior do que a que de fato existia.

– Eu estava com ele no dia em que tomou esse troféu. Estava bem ali. Não sabia que ele cortaria esse retalho da túnica do velho e guardaria como troféu. Deve ser importante mesmo para ele.

Confusa, Christiana franziu o cenho.

– Não entendo.

– Foi a primeira morte dele. Em uma encruzilhada na Normandia. Íamos sofrer uma emboscada. Mas Sir Gilbert colocou a nós, arqueiros, de lado e flanqueamos o homem que nos esperava atrás de um espinheiro. Thomas derrubou o velho cavaleiro. Um único e certo disparo. Ele vomitou, porque foi sua primeira morte, mas aposto que ninguém acredita nisso agora. Não, sendo como ele é. As coisas que fez. Achei que deveria entregar-lhe isso, milady, porque, me conhecendo, eu perderia antes que tivesse chance de eu mesmo devolver para ele.

Christiana tinha desviado o olhar e não respondeu. Longdon esperava alguma forma de agradecimento – não precisava ser recompensado; apenas umas palavras de satisfação, algo como Blackstone ser sortudo de ter pessoas como Will Longdon ao seu lado. Ela ficou em silêncio. Envergonhado, o arqueiro virou-se para ir embora.

– Você estava lá? – ela perguntou.

– Oh, aye, milady. Estava, sim. Foi um belo tiro. Muito bem-apontado e certo, como eu disse. Passou pelo pescoço do homem e saiu um metro depois, na virilha. Ficou morto feito pedra. Não havia nada que pegar dele; uma espada velha e enferrujada era tudo que ele tinha, se me lembro bem. Mas ninguém nunca esquece o primeiro homem que mata.

Ela apertou o lenço e assentiu.

– Obrigada por trazer isto a mim. E por me contar de onde viera.

Christiana pôs-se a procurar, na bolsa do cinto, uma moeda.

– Não, não, milady. Não será preciso. Sir Thomas é meu amigo. Boa noite, milady. Estará em segurança, junto dele, ao anoitecer de amanhã.

Longdon desapareceu na escuridão, satisfeito com a gratidão da dama.

Christiana estendeu a mão para a parede de madeira talhada para conter o tremor que a sacudia, determinada a não deixar que o arqueiro visse sua aflição. Will Longdon não teria como saber que fora ela quem dera a Blackstone o lenço como símbolo de seu afeto no castelo de Noyelles, antes da grande batalha de Crécy. O que era certeza era que Longdon estivera com Blackstone desde que os ingleses invadiram a Normandia. E o que não se

podia negar era que o velho cavaleiro que morrera na encruzilhada pela flecha de Thomas Blackstone era o pai dela.

Quanto tempo fazia que Blackstone sabia disso?



CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Por entre a fumaça e a fuligem rodopiantes do sapé que ainda queimava, Killbere viu Blackstone erguer o braço para que todos ficassem no lugar. Estavam muito nervosos.

Quando o inglês cavalgou lentamente à frente, mostrando que não tinha arma alguma, o líder dos mercenários sinalizou aos homens de armas que se contivessem.

– Thomas Blackstone, você está vivo – disse a voz familiar do líder quando Blanche, Condessa de Harcourt, esporeou seu cavalo adiante para encontrá-lo.

Com o passar da noite, e as muitas centenas de homens acampando, os recém-chegados partilharam não somente comida e vinho com os homens de Blackstone, mas certa desconfiança da maioria de mercenários franceses e alemães. Alguns se assentavam entre os demais com crescente compreensão mútua, visto que estavam todos em busca de pilhagem, independentemente de quais desejos motivassem seus comandantes. Uma briga estourou entre o cavaleiro francês Robert Corval, que lutara em Poitiers pelo rei John, e um dos que desertaram e seguiram para o sul para atacar os súditos do rei. Blackstone pôs um fim na contenda com a promessa de que, se um dos brigões matasse o outro, ele mesmo mataria o vencedor. Uma trégua incômoda prevaleceu.

Blanche de Harcourt contou a Blackstone como, quando retornara de Rouen para Harcourt, naquele dia fatídico, a estrada para a casa de Blackstone estava vibrando com os assassinos de Marcy. Ela dera meia-volta, retornara às terras da família dela em Aumale e erguera um exército para destruir o máximo que pudesse dos homens que apoiavam o rei John. Ela varrera a França central, coletando desertores de ambos os exércitos, soldados itinerantes de Hainault, da Boêmia e da Hungria, dispostos a matar em troca de pagamento. Seu

chevauchée fora tão feroz quanto o perpetrado anteriormente pelo príncipe Edward.

– Queimei cada vila e cidade que cruzei que jurava lealdade ao rei John – a Condessa contou a Blackstone. – Não demonstrei clemência. Matamos gado e destruimos plantações, negando ao rei qualquer receita provinda de impostos, quaisquer meios de alimentar seu exército ou convocar *arrière-ban*. Os que nada têm não podem dar nada, nem eles mesmos.

Blackstone sempre soubera que essa mulher exercia poderosa influência sobre seu amigo, Jean de Harcourt, e jamais subestimara a paixão dela, mas ouvir sobre esse segundo bando de mercenários matando tudo Alpes abaixo serviu para lembrá-lo de que mulheres impiedosas e apaixonadas eram a espinha dorsal de muitas casas nobres normandas.

– Esta vila fica no ponto máximo em que eu planejava avançar – disse ela. – Além daqui, os italianos disputam e brigam entre si. Não tenho interesse neles, Thomas. Agora, tudo que quero é voltar. O Delfim tentará governar, mas Charles de Navarre logo criará problemas. Quero tomar conta da minha família.

– Pagará esses homens? – Blackstone perguntou.

– Sim. Esse é o nosso acordo. Tenho duzentos comigo, leais à memória de Jean, mas o resto? Bem, eles têm valor. Meu Deus, são uma escória nojenta, muitos deles, mas com o líder certo seriam uma força a se reconhecer – ela respondeu, sabendo da jornada de Blackstone além da fronteira.

Blackstone viu as centenas de pequenas fogueiras, lembrando-se da primeira vez que vira um exército nos morros, esperando para cruzar a Normandia com o rei Edward. Ver esses homens rudes o fez lembrar-se da apreensão que sentira enquanto arqueiro destreinado andando junto deles. Sir Gilbert Killbere falara por ele e o irmão, e a destreza de combate e a reputação do homem garantira-lhes um mentor que homem nenhum podia desafiar. Agora esses assassinos precisavam de um líder que pudesse impor-se sobre eles e uni-los em uma força de combate. Seus guerreiros eram disciplinados o bastante para segui-lo e a seus capitães, mas, se ele pudesse lapidar a ganância e temperar a ferocidade dos mercenários de Blanche, teria

o pequeno exército que o padre Niccolò e os mercadores e banqueiros de Florença queriam contratar.

– Conversarei com meus capitães – ele disse à Condessa. – Pode mantê-los aqui por um tempo? Preciso encontrar-me com Montferrat e trazer Guillaume e Christiana com o restante dos meus homens.

– Cavalgaremos com você. Montferrat pode mostrar-se um aliado válido para o futuro. Há saque a ser dividido e ouro a ser contado, e podemos fazer tudo isso além da fronteira. E, depois que atravessarmos, eles podem resolver a quem seguir. E eu adoraria ver Christiana e as crianças antes de voltar. Talvez eu nunca mais os veja depois que vocês forem para a Itália.



Durante as poucas horas que se passaram, Christiana ficou caminhando e observando o escuro panorama. Não havia criaturas noturnas na floresta, mas seus guinchos e gritos eram naturais para os ouvidos dela, e preferíveis aos roncos e exclamações dos homens deitados no piso de pedra. Ela tinha de tomar uma decisão antes do amanhecer. Sentou-se ao lado das crianças e as cobriu com sua capa. Henry tinha o braço estendido por cima da irmã, protegendo-a até enquanto dormia. Agnes dormia como a criança inocente que era, ainda aninhando sua bonequinha esfarrapada.

Thomas Blackstone os deixara em muitas ocasiões, quando tomava cidades ou desafiava homens de armas por sua lealdade; ela sempre soube que a força e a reputação do marido o trariam a salvo para casa e, que com a presença dele, nada de ruim lhes aconteceria. Mas a lealdade de Blackstone estendia-se para além de sua família, e ela começou a sentir uma amargura que era, sabia, injusta. A preocupação com a segurança dos filhos fora maior, e o que ela enfrentara para garanti-la fora cruel, mas necessário. Agora a reputação barbárica dos ingleses na guerra, algo que era como uma praga nas casas nobres francesas, novamente atacava. A imagem de seu pai morrendo nas mãos do homem que se tornara o marido dela, e que disso tudo sabia, e devia saber desde quando ouvira sobre a família dela, feria o amor dela por ele tanto quanto se uma lâmina aquecida tivesse lhe perfurado o coração. Fazia sentido agora ele ter tentado impedi-la de ir a Paris. Sabia a verdade o tempo

todo. Parte da mente dela enfrentava os fatos, dizendo-lhe que a coincidência era a vontade de Deus, que fora a guerra quem matara o pai dela, e quase matara também Thomas Blackstone, mas essas ideias fracassaram em conter o fluir de sua angústia.

Ela não tinha chegado nem dez passos perto de Guillaume, que dormia, quando o rapaz rolou de debaixo do cobertor, alertado pelas passadas quase silenciosas dela.

– Milady.

Ela ajoelhou ao lado dele, mantendo a voz baixa.

– Guillaume, quero partir. Quero levar as crianças.

– Mas vamos partir ao amanhecer. Chegaremos às montanhas ao cair da noite. Sir Thomas estará esperando por nós, e temos a proteção do Marquês de Montferrat. E logo estaremos na Itália.

– Não, Guillaume, nunca haverá proteção suficiente agora. Meu senhor e marido atrairá homens maldosos para si aonde quer que vá. Desejarão a glória de matá-lo. Quero ir para casa.

A incerteza de Guillaume o silenciou por um momento; tudo que ficara para trás fora destruído. Não havia vida: não havia mais casa, criados; tudo fora obliterado.

– Não há casa para a qual retornar – disse ele. – Sir Thomas é o seu lar, milady.

– Leve-me de volta ao rio perto de Avignon. Encontrarei um barqueiro para me levar para o norte e, de lá, poderemos cavalgar de volta à Normandia. Aquele é o meu lugar. É o lugar dos meus filhos. A casa de Harcourt me dará a proteção de que meus filhos precisam.

– Não entendo. Os Harcourt morreram; a casa foi tomada pelos homens do rei John. Sir Godfrey foi morto, e o Delfim se lembrará de tal traição. Você não pode voltar.

– Jean e Godfrey traíram o rei e pagaram pela traição. Mas o irmão deles, Louis, manteve-se leal ao nome da família. Ele me oferecerá proteção. E o Delfim estenderá seu perdão a mim porque meu pai morreu enfrentando os ingleses. Se não me ajudar, vou sozinha com as crianças.

A honra era tudo para o escudeiro. Era o que media um homem. Não devia dizer-lhe respeito se a esposa de um cavaleiro resolvia desobedecer ao marido. A obediência era uma demanda feita e raramente questionada. Mas agora a mulher que ele conhecera desde pequeno, que tinha, como ele, sido abrigada pela família Harcourt, precisava de sua proteção.

– Sir Thomas me encarregou da sua proteção o tempo todo. Não posso deixar que vá sozinha.

Christiana viu o conflito escrito no rosto do rapaz, mas obrigou-se a não sentir compaixão pelos sentimentos dele. Pretendia usar quaisquer meios e pessoas necessários para escapar do tormento em que sua vida se tornara. Carregava um filho bastardo e o homem que amava mal podia esconder seu ressentimento. O filho assistira à violação por ela sofrida e afastara-se dela; e, por mais que tentasse, não podia tapar o ferimento dolorido ao saber da verdade sobre a morte do pai.

– Deveríamos partir junto aos outros e seguir nosso caminho, milady. Levarei uma dúzia de homens como escolta. Não podemos viajar no escuro e precisaremos de um cavalo de carga com provisões – disse Guillaume.

– Obrigada. Ficaremos para sempre em dívida com você.

Christiana o deixou e retornou aos filhos. O conflito de Guillaume fora abrandado pela promessa de proteger a família do mestre com a própria vida, mas sua lealdade ainda pertencia a seu suserano, Sir Thomas Blackstone.

Will Longdon, meio bêbado, estava esparramado numa cama improvisada de palha, debaixo do cobertor. Dormia como criança, com um braço esticado por cima do arco, como se buscasse conforto. Ele sufocou quando a mão de Guillaume cobriu-lhe a boca e abafou-lhe o ronco. Com sua força, Longdon debateu-se, o que o fez retornar do recesso escuro do sono. Por mais forte que fosse o arqueiro, o jovem escudeiro o segurava com facilidade, até que os olhos do homem o focalizaram e ele finalmente entendeu que era para fazer silêncio.

– Mestre Guillaume, quase mijei nas calças – disse ele, baixinho.

O receio imediato foi de que Christiana reclamara dele por tê-la abordado.

Guillaume estava ajoelhado logo ao lado; ele deu uma olhada furtiva para trás, para os arredores.

– Só o encontrei porque você ronca como um porco e fede tanto quanto.
– Não dá tempo de tomar banho, mestre Guillaume; alguns de nós andaram lutando.

Guillaume estava sendo provocado, mas a guerreiros veteranos como Will Longdon era permitida certa declinação, contanto que os superiores não se incomodassem. Ele meteu um frasco de água no peito do arqueiro.

– Molhe a boca e refresque a mente. Preciso de você acordado para levar uma mensagem.

Longdon fez o que lhe mandavam, enxaguou a boca rançosa e cuspiu para o lado. Depois jogou água no rosto. Guillaume aguardava, e prestou atenção depois para ver se o homem estava alerta.

– Consegue achar o caminho de volta para Sir Thomas?

– Aye, claro que sim. Foi por isso que ele me enviou, para levar você e os outros.

– De noite – disse Guillaume.

A tocha que Guillaume segurava enrugava o rosto de Longdon com a luz bruxuleante, deixando claro a descrença do homem.

– Uma raposa não o encontraria. As trilhas se entrelaçam feito as entranhas de um cachorro eviscerado. Não, de noite não.

Guillaume precisava de tempo, e a escuridão lhe negava isso.

– Tudo bem. Parta ao amanhecer. Lady Christiana irá à missa; você precisa encontrar Sir Thomas muito antes de os homens o encontrarem. Cavalgue na frente... algum dos seus homens pode liderar os demais?

– Aye, posso escolher um. Mestre Guillaume, o que está havendo? Algum problema?

O jovem escudeiro hesitou. Quanto dos assuntos de seu suserano podia ser dito ao arqueiro?

– Diga a Sir Thomas que vou cavalgar para o noroeste com Lady Christiana, as crianças e uma pequena escolta. Pretendemos cruzar o Ródano e retornar à Normandia.

A história não fez sentido algum para Longdon.

– Normandia? Tem motivo para isso? Milorde Blackstone vai me pressionar por uma explicação.

– Passe a informação e diga-lhe que cavalgarei o mais lentamente que puder.

– Quer que ele o encontre?

– Apenas lhe passe a informação. O que fará será decisão dele. – Não havia mais nada que Guillaume pudesse dizer. – Quando partir, faça-o em silêncio. Não levante suspeitas. Comporte-se como se fosse explorar o terreno. Dê a autoridade de liderar os outros para um de seus homens. Entendido?

O arqueiro fez que sim.

– Escolherei um cavalo melhor para você. Cavalgue rápido, e ganhará minha gratidão.

Guillaume afastou-se. Longdon faria o que lhe pedira o escudeiro, ao menos para tê-lo em dívida consigo.



As brumas da montanha demoraram a se desfazer, prendendo-se tenazes aos vales. Guillaume checava estribo e rédeas, querendo poder demorar-se também. Quando Christiana retornara da missa, Will Longdon já tinha deixado o santuário onde aguardavam, levando os homens até Blackstone. O velho implorara a Guillaume que mudasse de ideia.

– Todas as rotas são perigosas; vão se deparar com mais mercenários. Estão vazando da França feito pus de uma ferida apertada.

– Minha senhora demanda a minha proteção; não posso negar.

– Espere aqui mais alguns dias... deixe Sir Thomas retornar e convencê-la do contrário.

Guillaume fez que não.

– Se eu não acompanhá-los, ela partirá sozinha.

– Não importa a casta, as mulheres sempre arruinam os homens – disse o velho. – Juro que são o portão de Satanás. – Ele não deu bola para a cara de desaprovação do rapaz. – É esposa do seu mestre, mas, se eu fosse você, eu a amarraria em uma estaca e manteria aqui até ele voltar para ela.

A escolta de doze cavaleiros esperou que Christiana subisse na sela, e um criado da residência içou Agnes para o colo dela. Marazin fez careta e, ignorando o jovem escudeiro, foi até Christiana.

– Madame, vai colocar a senhora e seus filhos em perigo. Imploro que reconsidere. Eu dei minha palavra ao padre Niccolò e sou obrigado pelo Santo Pai a garantir sua segurança ao passar por essas montanhas – disse ele, segurando as rédeas do cavalo.

– Obrigada, Lorde Marazin, mas tenho uma jornada a fazer – ela disse.

– Está cometendo um erro ao não obedecer a seu senhor e marido. Tenho o direito de detê-la até que ele fique sabendo – respondeu o velho.

Christiana falou-lhe com gentileza:

– O escudeiro de meu marido seria, então, obrigado a impedi-lo, em minha defesa. Você tem mais homens, então ele e esses homens morreriam. A inimizade para com meu marido jamais seria apagada. Você nos mostrou bondade e ofereceu sua proteção, e rezei na capela para nossa Santa Mãe, a Virgem Maria. Deito-me sob as graças dela, como faria qualquer mãe. Além disso, minha vida está nas mãos de mestre Guillaume.

– Muito bem, madame, mas vai dar ouvidos ao conselho que dei a ele? Ele precisa de uma rota melhor daqui do que a que você planejou – disse ele.

Ela fez que sim.

Marazin retornou a Guillaume.

– Vocês quase não terão chance de alcançar o rio. Vão ao norte, depois oeste. Há mais de uma trilha na montanha. Enviarei um guia com vocês – ele ofereceu.

– Fico grato, milorde; era essa rota a que eu pretendia seguir. Já mandei recado para Sir Thomas, na esperança de que ele nos intercepte – Guillaume disse baixinho.

– Então é mais razoável do que eu julgara. Ofereceremos nossas orações por sua entrega a salvo para as mãos de Sir Thomas.

O guia de Lorde Marazin saiu guiando o grupo do solar. O velho viu a neblina teimosa fechar-se em torno deles.

Como os fantasmas dos condenados, foram-se.



A lenta comitiva de cavaleiros e carroças, clérigos, monges e prostitutas de Marcy, que caminhavam com dificuldade atrás das forças principais,

precisavam, sem contestação, de uma rota alternativa pelas montanhas para chegar a um local mantido por um dos comandantes do Visconde, Alfonso Girolami, que tinha um forte com uma passagem para o território daquele. Era preciso poucos homens para defender um castelo como o dele, porque o vale estreito permitia que os inimigos fossem facilmente impedidos.

A menos de meio dia de cavalgada da coluna do Padre Selvagem, o guia de Lorde Marazin descobriu que a rota pretendida estava bloqueada por um desmoronamento; não havia alternativa além de retornar e achar outro caminho. Ele levou Guillaume e seu grupo pelo topo de um morro alto, rota mais íngreme, mas mais curta que a outra e, no momento em que suas silhuetas contrapunham-se ao horizonte, foram vistos por um grupo de batedores de Marcy. Meia dúzia de homens, uma mulher e duas crianças eram de pouco interesse, porém o Padre Selvagem alertara a seus batedores que ficassem de olho em Blackstone. Se esses viajantes fossem mesmo a família de Sir Thomas, que tinham partido para encontrar-se com as forças principais, Marcy concluiria que o grande cavaleiro inglês cometera um erro gravíssimo.

Horas depois, os cavalos de Guillaume desceram pela encosta até encontrar terreno mais tranquilo na trilha. O escudeiro virou-se para ver Christiana, que precisava equilibrar-se e à filha conforme o cavalo gingava para descer. Foi nesse momento que um grupo dos homens de Marcy os atacou simultaneamente pelas duas pontas da trilha. Os homens de Guillaume foram tomados de pânico, restringidos que estavam a lutar naquela passagem estreita, incapazes de recuar pela encosta nem descer para o outro lado da trilha.

Guillaume alcançou o estribo do cavalo de Christiana e puxou-o para mantê-lo junto de si. A escolta tinha contingente bem menor, mas a estreiteza lhes dava vantagem inesperada, permitindo-lhes defender-se contra a dúzia de homens em cada ponta, cujos cavalos trombavam uns nos outros. Dois perderam o equilíbrio e caíram para a encosta, derrubando seus cavaleiros.

– Por aqui! – gritou Guillaume, virando os cavalos para o ponto enfraquecido da trilha, tomando a frente junto a outro cavaleiro para avançar feito uma flecha sobre o bando de inimigos confusos.

A ferocidade do ataque, e o fato de deliberadamente cegarem os cavalos nesse bote, fez os inimigos congestionados vacilarem. Cavalos recuaram e caíram, aos relinchos; homens caíam sobre o piso de pedra sob os golpes de espada de Guillaume, que mutilavam e matavam. Conseguiram abrir caminho, mas perdendo metade do bando. Esporeando os cavalos, perseguidos pelos inimigos sobreviventes, puseram-se a galopar a toda velocidade. A estrada adiante era uma descida. O guia gritou para Guillaume que virasse para os arbustos espigados de uma floresta. Christiana gritou ao quase perder Agnes dos braços. Guillaume estendeu os braços, pegou a criança e puxou-a para si. Christiana brigava com o cavalo, segurando-se no pito para equilibrar-se, depois lhe açoitou os flancos com as rédeas.

Cavalgando rápido, o grupo via que seus perseguidores ficavam para trás, pois, ao perderem a presa de vista, poderiam, por sua vez, sofrer uma emboscada; porém, Guillaume levou seu bando para a porção mais baixa do vale. Se conseguissem alcançar o campo aberto e cruzar o riacho lá de baixo, teriam a vantagem de virar-se e ficar de frente para cavaleiros vulneráveis. Parecia que iriam conseguir, entretanto, quando os cavalos fizeram a última curva na trilha da floresta, o cavalo de Christiana tropicou de novo, e ela caiu nos arbustos. Guillaume juntou as rédeas e virou. Christiana levantou-se sentindo muita dor, e seu cavalo assustado já disparava floresta adentro.

– Vá! Salve Agnes! – ela gritou.

A hesitação de Guillaume e dos homens ao seu redor, todos virando seus cavalos, fizeram-nos perder a boa vantagem que tinham. Três dos perseguidores já alcançavam Christiana; os outros iam parando. Os homens de Guillaume estavam de costas para um muro de pedra; sua única rota de fuga era pelo vale, mas os homens de Marcy agora tampavam todas as saídas.

– Rendam-se e vivam! – gritou um destes.

– Ataque, mestre Guillaume – urgiu um de seus homens. – Largue a criança e vá para cima deles.

Antes que Guillaume pudesse responder, um dos homens pôs uma faca na garganta de Christiana. Agnes gritou. Henry fez seu cavalo avançar, mas um dos homens segurou-o pelas rédeas.

– Tarde demais para isso, garoto. Fomos pegos.

Enquanto Guillaume e os homens baixavam suas armas, o guia virou seu cavalo e saiu galopando para o vale. Os homens de Marcy o deixaram ir; não lhes importava nem um pouco. Já tinham o prêmio maior.



CAPÍTULO TRINTA E CINCO

O cavalo de Will Longdon tremia de exaustão, com os flancos cobertos de suor e as narinas arreganhadas em busca de ar. A pobre fera tinha levado uma açoitada de flecha ao ser incentivada a cobrir o terreno dificultoso por horas, na tentativa desesperada do arqueiro de encontrar seu amigo e suserano. Poucos minutos antes de ele finalmente encontrar Blackstone e Killbere no acampamento na vila destruída, o animal caiu de joelhos e debateu-se em espasmos de morte.

O rosto chupado de Longdon demonstrava o esforço do que devia ter sido uma jornada terrível. Blackstone ouviu a mensagem enviada por Guillaume. Ele pôs a mão no ombro do arqueiro, com pensamentos desesperados tentando entender o que teria causado a decisão de Christiana de retornar à Normandia.

– Conte-me tudo que aconteceu quando você retornou aos homens – ele instruiu a Longdon.

O arqueiro contou as instruções que lhe ordenaram relatar ao jovem escudeiro, mas sua hesitação ao contar o fez reparar que talvez tivesse participado, de algum modo, dos eventos que se seguiram. Blackstone viu a sombra de dúvida no rosto do homem.

– Posso ter dito algo errado, Sir Thomas. Comentei que eu e você lutamos juntos, como homens comuns, como arqueiros. Esqueci o ódio que os franceses tinham por nós.

Blackstone ponderou por um momento, depois fez que não.

– Ela não tem mais nada contra nós, Will. Não é mais uma garota medrosa. Ela disse algo quando você disse essas coisas?

Longdon deu de ombros, mas então se lembrou.

– Ela perguntou se eu estava mesmo junto com você naquele dia, na encruzilhada.

– Como? – disse Blackstone. – Encruzilhada? Quando?

– Na Normandia. A emboscada – Longdon respondeu, hesitante.

– Você falou disso?

– Sim – disse Longdon, notando a expressão de preocupação do suserano.

– Por quê? – Blackstone perguntou, confuso.

Longdon não conseguiu explicar sua necessidade de ser reconhecido como mais do que somente um colega de combate de Blackstone.

– Eu... dei-lhe o lenço, Sir Thomas. O que o senhor sempre carrega. Deixou cair quando lutamos na floresta.

Blackstone levou a mão involuntariamente para a túnica, já sabendo que o presente da esposa não estaria ali.

– Você devolveu?

– Aye. E contei sobre como o tirara da túnica do cavaleiro morto. Como talismã.

Blackstone gemeu, como se céu e terra fossem pedras de moer e ele, o grão de trigo entre elas.

– Meu Deus, Thomas. Que foi? – perguntou Longdon, esquecendo-se de sua posição, lembrando-se do garoto que cavalgara ao seu lado tantas vezes.

– Oh, Deus, Will. Você não tinha como saber. Descobri, enquanto ela cuidava de mim, que o pai a enviara à família Harcourt para ser protegida. Esse lenço foi presente dela. Eu não tirei do homem... O homem que matei naquele dia era o pai dela.

Killbere gritou, entre os homens já montados, que estavam prontos para partir. A expressão desolada de Will Longdon suscitou a compaixão de Blackstone.

– Não o culpo, Will – disse ele, colocando a mão no ombro do arqueiro. – Coma e beba alguma coisa, depois venha até nós.

Blackstone foi até os homens que o aguardavam e subiu na sela. Blanche de Harcourt e Killbere repararam que Will Longdon trouxera notícias dos homens de Marazin.

– Will Longdon cavalgou à frente dos outros. Estão horas atrás dele. Guillaume informou-me que ele e uma dúzia de homens estão escoltando Christiana e as crianças.

– Sozinhos? – perguntou Killbere. – Ele ficou louco?

– Não, Gilbert, ele está cumprindo a promessa de proteger a minha família.

– Onde ela está? – perguntou Blanche de Harcourt.

Blackstone sacudiu a cabeça.

– Em uma das passagens. Ele está ganhando tempo para que os alcancemos.

Por um momento, ninguém disse nada, aturdidos que estavam com a tarefa de encontrar um pequeno grupo naquelas montanhas desconhecidas.

– Levarei vinte homens – disse Blackstone – e refarei a trilha. Vamos nos encontrar no castelo de Montferrat.

Killbere cuspiu na grama.

– Santa Mãe de Deus, Thomas, não podemos ficar aqui sentados enquanto você procura sua esposa fugida! Podemos ficar aqui por dias. Quantas malditas agulhas no palheiro dá para se encontrar em uma vida só? Não, vamos todos juntos, porque, se Marcy estiver à distância de um peido, vamos sentir o fedor, ou você será pregado em uma árvore com as bolas na boca e eu não terei mais meu contrato com os italianos.

Killbere nem esperou uma resposta e meteu as esporas nos flancos de seu cavalo. Blackstone viu Longdon encontrar outra montaria, pronto para levá-los de volta.

– Peço desculpas por ele, Blanche. Ele esconde as emoções com blasfêmia e palavrões, mas tem meus interesses no coração.

– Ele é um inglês, Thomas, não há desculpas suficientes no mundo para tanto – disse ela, virando o cavalo. – Só há uma exceção na sua raça barbárica... você.



O vale era um local de beleza estonteante. Já caíra neve na porção mais elevada, mas milhares de metros abaixo dos picos o sol brilhava caloroso em um céu azul limpo. Uma campina tão alta nos morros seria desprovida de quaisquer flores alpinas, mas o local era conhecido por sua beleza, onde o sol sempre iluminava. O platô de flores silvestres, protegido pelos gigantes distantes e o calor da floresta que o circulava, deitava um tapete acolhedor para qualquer viajante ou peregrino.

Um estribo balançando e um homem sufocando, chutando o ar, de rosto inchado, conforme a corda espremia-lhe a vida, romperam o silêncio catedrático.

Christiana limpava as lágrimas dos olhos.

– Esses homens me protegiam sob ordens de outrem; enforcá-los não serve para nada – disse ela.

Marcy aproximou-se dela.

– Serve somente, Lady Christiana, para o meu divertimento – ele respondeu.

Quando seus homens trouxeram a mulher até ele, Marcy a tocara no rosto. Uma pele macia feito pêssego sob dedos calosos. Ela se retraiu e o repeliu, mas ele a agarrou pelo pescoço, pronto para esmagá-lo. Mas cedeu. Mais tarde ele pensaria no que fazer com ela, porém, o que por ela um dia sentira era já como cinzas sobre sua língua. Ela não tinha utilidade alguma para ele além de servir como isca para atrair Thomas Blackstone.

Guillaume e o homem restante, amarrados e presos à corda ao pito do cavalo de um mercenário, eram forçados a acompanhar a pé os cavaleiros. Cinco homens da escolta já tinham sido enforcados a cada cem passos no trajeto pela floresta até o forte que protegia a passagem. Agora, Marcy preparava-se para enforcar a sexta vítima. Guillaume caiu de joelhos, de tão exausto. A maioria dos condenados fora arrastada, incapazes que estavam de prosseguir. Ninguém mais lutava. Quando puseram o homem de pé, ele pôs-se a falar numa tentativa final de salvar a vida.

– Poupe-me! Lutarei por você como lutei por ele.

– Não lutou muito bem; do contrário, já estaria morto. Que utilidade tem um soldado desse para mim? – respondeu o Padre Selvagem, enquanto seus homens colocavam a corda no pescoço do homem e pegavam a outra ponta, prontos para içá-lo.

– Tenho informações, milorde. Sobre a esposa de Sir Thomas! – gritou o homem, desesperadamente.

O gesto de Marcy interrompeu a execução. Ele assentiu.

– Eu os acompanhei na barca que nos levou a Avignon...

O desespero de Christiana a fez agir sem pensar.

– Não diga mais nada! Eu imploro. Ele vai matá-lo de qualquer jeito.

O cavalo dela assustou-se, mas Marcy segurou o estribo e facilmente dominou o animal. E sorriu para Christiana.

– Está escondendo coisas de mim, milady?

O soldado tentou se aproximar, mas os homens de Marcy o derrubaram aos chutes.

Guillaume interviu.

– Finn! Escute o que ela diz! Não importa o que disser, ele o enforcará! Vá para Deus com a consciência tranquila, homem.

Marcy olhou para o soldado.

– Compre sua vida.

– Ela está grávida. Um dos homens da barca a estuprou. John Jacob, meu sargento, matou-o e nos fez prometer guardar segredo.

O choque de Guillaume, ele não pôde esconder. Christiana virou o rosto, envergonhada, mas Marcy a pegou pelo queixo e forçou-lhe a cabeça para trás.

– Então, a esposa de Blackstone é uma puta com um filho bastardo. Você não vale nada para mim agora. Ele nunca vai voltar por você.

– Marcy, milorde, ele voltará! Voltará pelas crianças! – gritou Guillaume, sabendo que talvez, assim, não conseguiria salvar a vida de Christiana, mas que ainda havia esperança para Henry e Agnes. – Ele jurou à família Harcourt que a serviria e protegeria enquanto vivesse! Sabe que ele virá!

No desespero, Guillaume inventara uma mentira. Blackstone jamais teria feito tal promessa. Contudo, o escudeiro conhecia muito bem seu suserano.

Marcy não disse nada. Ele deu as costas ao condenado, e os homens na ponta da corda içaram seu corpo para os galhos.

A corda apertou mais forte os punhos de Guillaume quando ele foi puxado para acompanhar a comitiva. Foram seguindo pelo vale na direção do forte, que presidia como uma austera sentinela vigiando rara beleza. Os milhares de cavaleiros do Padre Selvagem esmagaram todas as flores ao passar.



Alfonso Girolami defendia o forte com cem soldados. A passagem estreita debaixo dos muros do castelo não precisava de defesa melhor, e a guarnição era o máximo que os aldeões da região podiam sustentar. Além do forte, havia uma rota perigosa para a Lombardia conhecida como “La Porta dei Morti”. Para os que sobreviviam aos rigores dela e alcançavam as terras calorosas dos italianos, dizia-se que não queriam nunca mais voltar para o mundo que tinham visto ao cruzar esse Portão dos Mortos.

Mulheres da vila cozinhavam, e as prostitutas eram mantidas ali para servirem aos homens de Girolami. A trilha que cruzava as montanhas era traiçoeira, e os monges que viviam ali perto serviam como guias: serviço que lhes garantia proteção de Girolami, que defendia o forte em nome do Visconde.

Christiana fora despida do vestido e deixada usando somente as roupas de baixo. Ela tremia, com tanto frio, que chegava a doer, mantida numa jaula na praça principal do castelo. Henry e Agnes dormiam abraçados para se aquecer. A trinta passos deles, Guillaume fora largado de joelhos, com as mãos amarradas nas costas, presas a um toco na praça. As calças e a camisa estavam ensanguentadas, por conta de todo o tempo em que fora arrastado pelo chão. O frio da noite o apertava como corda molhada nos músculos.

– Guillaume – sussurrou Christiana, com o rosto prensado nas barras, temendo que até mesmo essa palavra soprada pudesse atrair um guarda do adarve. – Guillaume...

Ela esperou até que sua voz deslizasse para dentro da mente do escudeiro, que logo ergueu a cabeça. Aquele rosto jovem e corajoso que ela conhecia fazia tantos anos, o menino que servira a Harcourt, depois a Blackstone, ergueu-se e sorriu para ela. Os lábios rachados não ofereceram palavras, mas ele fez um gesto silencioso.

Seus olhares cruzavam-se sob o luar que banhava a praça, ambos sabendo que estavam para morrer.

– Perdoe-me, Guillaume. Fui eu quem o trouxe a isso – ela sussurrou, torcendo para que ele pudesse escutar seu pedido de desculpas. – Nunca houve alguém com lealdade como a sua, e você merece uma morte honrada.

Meus filhos e seu suserano falarão seu nome sempre que palavras de lealdade e coragem forem necessárias.

A cabeça dele desabou sobre o peito. Christiana aninhou-se junto aos filhos. O silêncio da noite provocava seu coração, que martelava.

Quando a luz do sol inundou a praça, Marcy apareceu, ladeado por seus homens e pelo italiano, Girolami, homem robusto de traços grosseiros com rosto queimado de sol e cabelos baixos, de túnica apertada sobre peito de espadachim. Apesar de o castelo ser seu território, ele andava um passo atrás do Padre Selvagem.

– Cortem as cordas – ordenou Marcy e foi até a jaula, enquanto os homens cortavam as cordas de Guillaume e o levantavam.

– Como devo matá-lo? – ele perguntou a Christiana, ajoelhada como um animal, incapaz de ficar em pé na pequena jaula, enquanto Henry protegia Agnes.

– Não o mate. Ele vale resgate pago pelo meu marido. Ele tem ouro e pagará pela vida de seu escudeiro.

– Responda à pergunta ou cortarei a garganta dele agora mesmo – disse Marcy, sem emoção.

Os olhos de Guillaume encontraram os dela. Ele acenou para ela.

– Deixe que morra com uma espada na mão – disse Christiana.

– Mas ele está fraco, olhe para ele. Mal pode ficar em pé. E, para lutar, o homem precisa de força. Então vou ajudá-lo. Serei misericordioso e lhe darei o vigor de que precisa.

Marcy recuou, deixando que dois soldados abrissem a jaula e arrastassem Christiana para a praça. Agnes gritou pela mãe, mas Henry a manteve junto de si, sussurrando palavras para tranquilizá-la. Os aldeões, prostitutas e soldados juntaram-se em torno da beirada da praça quando um soldado colocou uma corda na mão estendida do Padre Selvagem.

– Veremos se punir a meretriz que ele jurara proteger acenderá o fogo dentro dele – disse ele, enquanto seus homens jogavam Christiana no chão. – Você rastejará por perdão em torno desta praça doze vezes sob minha punição, que é o ritual empregado pela Igreja. Mas, se implorar por clemência, vou matá-lo onde está.

Marcy chicoteou as costas de Christiana com a corda. A dor foi como um soco nas costelas. Ela exclamou, tentando conter o grito que aterrorizaria sua filha e, conforme levava cada novo golpe, forçava-se a permanecer em silêncio, permitindo que pouco mais que um arquejo lhe escapasse pelos lábios.

O Padre Selvagem trabalhou o braço açoitando constantemente, até que Christiana não conseguia mais rastejar. Sua pele descolorida e vergões pintados de sangue apareciam pela camisola de linho, e sangue de um golpe imprecisamente calculado vazava pelos cabelos castanhos. Um exausto Guillaume implorava a Marcy que parasse o espancamento, o que ele finalmente fez, talvez por entediarse com a monotonia da punição. Guillaume sabia que isso apressaria sua própria morte. Marcy mandou que Christiana fosse levada ao adarve e que Guillaume fosse solto na campina, onde muitas centenas de homens acampados nos arredores do castelo ovacionaram ao ver o estado esfarrapado do escudeiro.

Marcy acompanhou-o e jogou a espada de Guillaume em seus pés.

– Meus homens precisam de diversão, mestre Guillaume. Precisam ver como eu mato. É necessário que conheçam a minha crueldade. O medo que sentem por mim os condena a uma vida toda de serviço. Faça o que puder antes de morrer – disse.

Guillaume pegou a espada que lhe jogaram aos pés. A exaustão foi banida de sua mente. Quantas vezes ele e Blackstone enfrentaram-se até que nenhum aguentava mais ficar de pé, e quantas vezes lutaram mesmo assim, negando a fadiga até que o inimigo estivesse derrotado?

Ele atacou.

Marcy foi pego de surpresa. Suas habilidades com espada eram melhores que as da maioria, mas Guillaume atacou com o coração de um guerreiro veterano. O Padre Selvagem foi forçado a recuar um pé para apoiar-se, lutando com afinco para defender-se daquela chuva de golpes. Foi o corpo enfraquecido de Guillaume o que finalmente o traíra. Ele desviou de um golpe, mas, no ponto em que normalmente teria metido o ombro no inimigo, desequilibrando-o, a força agora lhe desertava. Marcy girou e meteu o punho

da espada no ombro desprotegido. Guillaume derrubou a espada e caiu de joelhos. Marcy recuou, não querendo matá-lo ainda.

– Anda, garoto. Ainda está vivo. Sua dor mostra isso.

– Guillaume! – Christiana gritou do adarve.

Marcy fitou-a.

– A meretriz chorando por seu amante. Você obteve seus prazeres com ela depois que ela cumpriu suas funções com aquele soldado na barca? – provocou o Padre Selvagem.

Guillaume pegou a espada com a mão esquerda e atirou-se à frente, mas Marcy estava esperando. Ele desviou do golpe e forçou a espada na coxa do escudeiro, que caiu de cara no próprio sangue.

A voz de Marcy veio por trás dele:

– Seu sofrimento ainda não acabou.

As lembranças da curta vida de Guillaume passaram tão brevemente quanto a neblina de um vale sendo dissolvida pelo sol escaldante. Ele tentou agarrar-se a elas, mas elas derretiam, deixando-o somente com a dor.

Uma flor esmagada aninhava-se no gramado, perto do rosto dele. Uma gotinha de orvalho ainda restava em uma das pétalas.



CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Os homens de Blackstone e os mercenários de Harcourt emergiram da floresta poucas horas antes do anoitecer. Quando alcançaram o gramado amplo de uma campina, cem homens de armas emergiram das árvores mais ao longe.

Eles avançaram em fila pelo campo aberto. Duas flâmulas foram desenroladas sob a luz fraca do entardecer: três castelos contra um fundo azul ondulavam junto de uma bandeira branca cindida por uma *ordinaire* vermelha horizontal.

– Aquela é a bandeira de Marazin – disse Killbere sobre os três castelos.

– E a outra é de Montferrat. Aconteceu alguma coisa – disse Blackstone e fez seu cavalo avançar.

O guia seguiu a coluna de Marcy por muitos quilômetros, até que a rota pretendida ficara óbvia. Ele retornou ao mestre e trouxe a notícia, e Marazin ordenou a um cavaleiro que convocasse seu parente, Montferrat, e, com um bando de cinquenta homens tirados de sua guarnição, pôs-se a caminho para avisar e ajudar o cavaleiro inglês.

Os piores medos de Blackstone viraram realidade.

Ajudar Blackstone contribuiria para forrar os bolsos deles, porém, ao ver a tropas extras da Condessa, Montferrat reparou que teria uma oportunidade de tomar o forte de Alfonso Girolami; o controle de outro cruzamento por montanha aumentava o poder de um príncipe.

Blackstone questionou-os incansavelmente sobre a rota e as forças e fraquezas do forte. Dos últimos, não havia nada, segundo Montferrat, mas Blackstone via onde jazia o maior risco e sabia que, se pudessem aproveitar-se dele, o forte poderia ser invadido. Ele chamou seus capitães e lhes disse que cavalgariam sob o luar, contando o modo como planejava atacar. A parte mais perigosa do plano, com o maior risco de fracasso, ele deu a John Jacob, que precisaria de arqueiros.

Will Longdon – pela primeira vez na vida – voluntariou-se.



Os homens da Condessa de Harcourt, com os soldados de Marazin e Montferrat, seguiram os duzentos de Blackstone. Penetraram a floresta em um fronte largo, como batedores em caçada. Quando já avistavam a beira da floresta, pararam e sentaram-se em ravinas. Somente os homens de Blackstone avançariam além das árvores. A longa e dolorosa jornada não tinha abrandado a impaciência do inglês de encontrar a esposa, mas ele aguardou que seus batedores reportassem de volta sobre a força do inimigo.

O forte tinha quatro paredes, tão fundas, que era muito improvável que qualquer ataque pudesse quebrá-las, construídas que foram com folhas de granito, com os contornos seguindo a linha natural da face da rocha e os flancos protegidos pelos mercenários de Marcy. Os fundos do forte, erguidos diretamente da pedra, com um amplo lago lambendo sua base, eram pouco vigiados. Acima do adarve ondulava uma imensa flâmula, cujo tamanho declarava poder e força com sua imagem de uma víbora enrolada engolindo uma criança proclamando ser esse um forte do Visconde de Milão. Para chegar ao castelo, era preciso passar por uma aleia de árvores que davam para a campina, e foi lá que Blackstone encontrou os corpos dos homens que tinham escoltado Guillaume e Christiana.

Passada a visão macabra, os cavaleiros chegaram finalmente a uma força construída às vistas do adarve. De braços e pernas abertos sobre vigas de madeira grosseira estavam os restos de Guillaume Bourdin. Estava nu. Dois ferimentos profundos, um no ombro, o outro na coxa, tinham escurecido. O rapaz fora cegado e torturado, e a evisceração foi de amargar a garganta dos homens. Killbere e os outros se detiveram. Foi Blackstone quem avançou até perto do corpo do escudeiro.

Nenhum homem disse nada. Alguns somente cuspiam o gosto ruim que se juntara em suas gargantas enquanto Blackstone circulava o corpo com seu cavalo. Lágrimas pinicavam seus olhos. Em meio à raiva e ao desespero, ele xingou Deus baixinho pela crueldade de dar a uma criatura como Marcy a vontade de cometer tamanha atrocidade.

Ele olhou para trás e viu que os homens mantinham distância, por respeito. Ele e Guillaume lutaram e viajaram juntos por anos, e agora o fluido vital do rapaz era sugado por solo italiano, tão distante de casa. Muitos tinham tombado ao lado de Blackstone, mas a morte brutal de Guillaume pareceu, naquele momento, ter sido a pior. Não fazia mais diferença por que causa um homem lutava; o que importava era quem estava do seu lado. E a coragem de Guillaume Bourdin brilharia mais do que aço polido.

Blackstone largou os ombros. As lágrimas brotaram do fundo do peito dele, engasgando sua respiração. Nas longas noites de sua recuperação após Crécý, ele chorara amargamente pela perda do irmão, e fora então que Christiana veio, à luz da vela, acalmá-lo e abraçá-lo. Seu espírito fora quebrado, mas se erguera novamente para tornar-se uma força feroz. Agora, ao tocar a pele fria do homem torturado, era mais do que pesar o que remexia seu coração; seus ombros caídos enjaulavam a raiva dentro do peito.

Marcy estava com Girolami no adarve, debaixo da imperiosa flâmula que ondulava com a brisa. Observava Blackstone, imóvel na sela. O fedor da morte de seu escudeiro e a maneira com que morrera cegaria Blackstone com desespero e raiva. E essa fraqueza entregaria o inglês facilmente às mãos do assassino. Finalmente chegara o dia em que Blackstone morreria pelas mãos de Marcy.

Blackstone subitamente esporeou seu cavalo para as muralhas do castelo, procurando com os olhos o homem parado sob a flâmula. O Padre Selvagem era inequívoco. Marcy fitou seu oponente e tirou a manopla, depois estendeu a mão, mostrando a palma. O toco de dedo ficou fácil de ver.

– Você é uma lenda, Blackstone. Seu escudeiro fez uma tentativa débil de me provocar antes de escorregar para o inferno. Ele disse que já nos tínhamos encontrado – disse o Padre Selvagem. – Você é um homem comum que ganhou respeito e honra por meio da espada. Mas eu sou o melhor, porque já o derrotei. Tomei de você tudo o que lhe é caro e, a partir de hoje, você será menos do que uma sombra. Torturei seu escudeiro até a morte. Ele lutou bem, mas não tinha a sua raiva nem a minha crueldade. Ele gritou quando lhe meti a faca. E, quando arranquei os olhos e a língua e abri o corpo dele, deixei claro que sou a mais cruel das criaturas de Deus. Vendo minha

destruição para quem pagar mais. Vai dar meia-volta e fugir para a França e unir-se aos derrotados ou vamos resolver isto aqui?

– Eu o desafio para um combate – disse Blackstone, cujas palavras ecoaram pelas muralhas para que ambos os exércitos ouvissem.

– Você lutará sob os meus termos, Blackstone. Para chegar até mim, primeiro você precisa provar seu valor contra quatro dos meus melhores cavaleiros. A honra não terá parte disso. Quero vê-lo morto, mas quero que seu sofrimento seja testemunhado. Seu rebaixamento já será lendário quando eu tiver terminado com você.

– Mande cem homens com eles, Marcy. Nada me impedirá de matá-lo. E quanto à minha família?

Marcy sinalizou. Os homens no adarve abriram caminho para que Christiana e as crianças fossem trazidas à frente. O rosto de Christiana estava machucado, e dava para ver o sangue seco no couro cabeludo. Ele quis falar alguma coisa para tranquilizá-la, mas não tinha vontade alguma de expor o receio que tinha por eles para Marcy. Henry parecia firme, de cara fechada, os olhos fixos nos do pai. Agnes andara chorando, e tremia.

– Permita que meu escudeiro tenha um enterro cristão – Blackstone demandou de Marcy.

– Não – devolveu o outro. – Que apodreça. Se faz tanta questão, lhe pregarei ao lado dele.

– É tolice sua! – respondeu Blackstone. – Peço pela santidade da alma dele, mas, se ele ficar exposto daquele jeito, você inflamará meus homens para além do ódio e, mesmo nós sendo poucos, seus homens serão atacados com uma ferocidade de pôr vergonha em qualquer outra batalha. Se isso acontecer, não nos encontraremos para o combate.

Os homens de Marcy mantinham-se enfileirados dos dois lados do castelo, mas ele via que os de Blackstone fervilhavam para atacar. Apesar de seus duzentos serem tão poucos contra os mil e quinhentos dentro do forte, os capitães tinham que contê-los. Sua força era insignificante – Marcy sabia disso –, mas os ingleses eram imprevisíveis. Se atacassem, Blackstone tinha razão: ele morreria na matança. O Padre Selvagem não teria o que queria.

Marcy pensou nisso por um momento.

– Seja rápido. A brisa já trouxe o fedor dele para nós. E esteja pronto quando soar o sino – disse. – E me enfrentará somente depois de ter enfrentado meus campeões. – O rosto cruel de Marcy retorceu-se no que ele chamava de sorriso. – Só luto com aqueles que julgo serem oponentes de valor.

Ele ficou acompanhando o cavaleiro da cicatriz, que deu meia-volta sem dizer mais nada nem olhar para a família.



Enterraram o corpo de Guillaume embrulhado num cobertor e cobriram o túmulo com pedras para deter ladrões. Blackstone ajoelhou ao lado da sepultura, em plenas vistas das muralhas do castelo e dos homens que o aguardavam. Blanche de Harcourt ajoelhou-se ao lado dele. Killbere ficou dez passos atrás, recusando-se teimosamente a ajoelhar-se sob as vistas de Marcy. Haveria tempo para rezar depois de concluída a matança.

– Pensei que tivesse concluído minha vingança – disse Blanche. – Mas ficarei aqui até que esse Padre Selvagem esteja morto. Deitemos esse lugar ao chão, Thomas, e esmaguemos os ossos dele nas cinzas.

– Blanche, precisa manter seus homens junto aos de Montferrat – Blackstone disse. – Fiquem escondidos até o momento certo. Temos que ganhar tempo.

– Ficaremos escondidos até que você ou Sir Gilbert ordenem o contrário – disse ela. – Ainda temos que vingar os nossos, Thomas. Viva o bastante para testemunhar.

Um sino soou na torre do castelo. Os pesados portões abriram-se, e quatro cavaleiros saíram, armados com clava, espada e machado.

– Marcy quer você espancado e ferido, para matá-lo pessoalmente. Pelo amor de Deus, vamos arriscar o que pudermos e atacar agora – disse Killbere.

– E perder a minha família?

– Santo Cristo, acha que ele vai deixá-los viver, independentemente do que aconteça? Eles já estão mortos. Vamos pôr um fim nisso. Deixe-me atacar – Killbere pediu ao amigo.

– Ainda não, Gilbert. Ele tem que me ver lutar e tem que saber que pode me derrotar. É o único jeito de baixar a guarda.

Thomas chamou Elfred.

– Seus homens sabem suas posições?

Elfred fez que sim.

– Terei cinquenta ingleses com cem flechas cada um divididos em cada lado do campo. Se vierem, mandaremos o primeiro grupo dos malditos para o diabo. Depois dependemos da Condessa Blanche e os outros, ou seremos comida de cão.

– Confiem uns nos outros, Elfred. Foi assim que sempre vencemos.

– Aye, isso e por termos colhões de touro.

Blackstone ajeitou-se na sela e não disse mais nada. Tendo já o escudo, Killbere ofereceu-lhe o malho, a bolha de três espinhos presa por uma corrente ao punho.

– Leve meu borrifador de água benta, é sempre bom para um primeiro ataque. Depois são machado e espada. Mate esses bastardos, Thomas. Mutila e os mate. Vamos mijar nos túmulos deles.

Blackstone fez que sim e esporeou o cavalo.

– Há pouco tempo para John Jacob e os homens – disse Blanche de Harcourt a Killbere ao ver Blackstone galopando pelo campo.

– Jacob vai fazer o que lhe foi pedido, depois vamos matar cada um desses sacos de merda. Contanto que Thomas sobreviva até lá.

– Sobrevivendo ou não, devemos salvar Christiana e as crianças – ela acrescentou.

– Aye. Se você diz – respondeu Killbere, embora não visse sentido em fazer isso caso Blackstone acabasse morto no campo de guerra.

A campina tornou-se uma arena. O resplendor das flores silvestres era como o último esforço de cor antes que a estação se firmasse. Picos cobertos de neve, como pavilhões em campo de batalha, projetavam longas sombras nas florestas, enquanto os mercenários inimigos posicionavam-se nos arredores, observando o cavaleiro solitário aguardar por quem o viria atacar.

Killbere e Blanche de Harcourt cavalgaram de volta para a borda da mata e os homens de Blackstone. Atrás deles, nas ravinas, muitas centenas

aguardavam, escondidos. Elfred viu que, no adarve, os soldados amontoavam-se para assistir à contenda.

– Isso mesmo, seus filhos da puta, fiquem olhando para esse lado – ele murmurou consigo. – Santo Deus, fique de olho naquele idiota do Will Longdon. Ele precisa da sua bênção e força hoje, se quisermos que a família de Thomas sobreviva.



Na traseira do castelo, John Jacob liderava quarenta homens que usavam somente calças e camisa. Eles tinham caminhado pelo lamaçal e os tufo de junco que ornavam as águas frias do lago por uma hora – tempo que o enterro lhes ganhara. Will Longdon tinha dez arqueiros consigo; eles mantinham as cordas dos arcos secas por baixo das capas. Os arcos vinham guardados em luvas amarradas com corda e cobertas de gordura de porco; o mesmo tinham feito às alforjas. Os arqueiros ingleses eram vitais para o sucesso da tarefa de John Jacob. Cada um dos outros homens estava armado com espada e machado, cujo lado cego da lâmina ajudaria a escalar o morro. Enrolaram os pés em aniagem, o que ajudaria a conseguir apoio na face rochosa. No instante em que Blackstone cavalgava para enfrentar o inimigo, os homens já estavam agarrados ao granito úmido, enquanto Jacob enfiava a espada em uma fissura. O gesto acabou com o fio da lâmina, mas o punho rendeu-lhe apoio. Os homens, todos trêmulos, enfrentavam as águas, enquanto o capitão erguia-se para encontrar uma borda medíocre na qual pôr os pés. Se pudesse alcançar o ponto no qual a muralha do castelo encontrava a face rochosa, ele poderia baixar a corda áspera que trazia enrolada no corpo. Os homens encharcados aguardavam enquanto ele escalava com sofrimento, com dedos desesperados na procura de apoio. Um rugido soou ao longe no instante em que Jacob içou-se para a mais estreita saliência. Os mestres pedreiros que construíram o forte um século antes precisaram de uma fundação para a pedra cortada; o friso de granito remanescente fora suficiente para ele posicionar os calcanhares e encostar as costas no muro do castelo. Ele baixou a corda e juntou forças, torcendo para que fossem suficientes. Um de seus homens não aguentou segurar-se. Ele escorregou pela face rochosa, rachando todo o

corpo, tendo os gritos cortados pelo impacto violento do rosto, mas o rugido que veio do campo de batalha abafou seu grito final. Cobertos de suor, apesar do frio, os homens apertavam-se contra a pedra, desesperados para não perder o apoio dos pés. As mãos de Jacob já estavam cortadas pelo esforço, e o peso que sustentava, dos homens na corda, fazia-lhe um vergão pingado de sangue nas costas.

– Quase lá, rapazes. Não parem. Mais três metros e entramos – disse ele entredentes.



CAPÍTULO TRINTA E SETE

A grande flâmula preenchia o céu, ondulando na brisa fresca que descia dos majestosos picos cobertos de neve. Conforme a bandeira se encaracolava e debatia acima do forte, sua imagem parecia ainda mais viva. O corpo enrolado devorava sua presa, simbolizando poder e autoridade, avisando a qualquer desafiante que a morte aguardava aqueles que se opunham à vontade da família do Visconde, Lordes de Verona. Atrás das muralhas do forte estava o cruel e impiedoso assassino que um dia servira a John, rei da França, e que agora liderava seu próprio exército de mercenários, homens dedicados a continuarem a guerra em sua busca por matança e pilhagem sob a flâmula do Visconde. Mais de quinhentos desses soldados maldosos estavam prontos, nas laterais do castelo, esperando o comando para avançar e aniquilar os duzentos homens que aguardavam a poucas centenas de passos, atrás da figura solitária de um inglês, Thomas Blackstone.

Seu escudo maltratado, como seu corpo, mostrava as cicatrizes de guerra, contudo, o cansaço por todo o tempo perseguindo o assassino por toda a França e pelos morros da Itália era sobrepujado por seu desejo de vingança. O francês chacinara pessoas que o inglês amava, e agora mantinha cativa sua família. Os duzentos guerreiros estavam prontos para morrer, mas, se Blackstone tinha alguma esperança de ver seus entes queridos vivos, era preciso que todos perseverassem. Sir Thomas teria, primeiro, que enfrentar o desafio do combate a dois. Cem passos à frente de seus homens, ele viu os quatro cavaleiros que tinha de derrotar antes de finalmente enfrentar o assassino. Se os ferimentos e a morte não o tomassem primeiro.

Seu cavalo de guerra, mordiscando o freio, relaxou a pose. O perfume de junípero foi trazido por uma brisa gentil. Não fosse a inevitabilidade da morte, o dia seria quase perfeito. Blackstone virou-se na sela e olhou para seus homens; alguns deles ele conhecia fazia uma década.

Passaram-se apenas dez anos desde quando ele era um garoto de 17 anos velejando para guerrear na França? A vila inglesa em que nascera, com seus casebres de sapé e esplêndidas campinas, escondia-se por trás de uma lembrança velada. O cavaleiro presenciara matança suficiente para dez vidas inteiras.

Mil vozes ou mais rugiram quando os quatro cavaleiros avançaram. Blackstone urgiu seu cavalo à frente.

Todos esses anos derramando sangue o trouxeram até ali.



Blackstone não tentou desviar do primeiro golpe do cavaleiro, que gingou um machado contra seu rosto desprotegido. Ele ergueu o escudo, virou um pouco o rosto e, usando a força do ombro, forçou o escudo à frente para colidir com o golpe. Isso amorteceu o impacto; o escudo levou a físgada da lâmina. Com o movimento do cavalo, Blackstone desequilibrou o homem na sela. A sorte o abençoava – em vez de machado, o segundo oponente portava uma clava com rebordas, que colidiu na lateral de seu tronco. Ele se virou um pouco quando as rebordas de metal encontraram sua armadura do ombro, martelando músculo e osso, fazendo-o jogar para trás a cabeça, na agonia. A altura das costas da sela o impediu de cair do cavalo. A inércia o carregou à frente, e ele girou a arma de Killbere, mesmo com dor, num arco amplo que pegou o terceiro guerreiro bem na garganta. A corrente o chicoteou, e os espinhos fincaram-se no visor do elmo. A arma travou-se no pescoço do homem quando Blackstone avançou com o cavalo, cujo bote apertou ainda mais a corrente e os espinhos, em um abraço inquebrável. O pescoço do homem quebrou. O braço de Blackstone estava virado para trás, expondo o peito, para segurar o punho da clava. O quarto homem veio galopando, erguendo uma lança curta, de menos de dois metros, como as que os soldados de infantaria ingleses usaram contra a cavalaria francesa. Um átimo de segundo antes de a lança poder fincar sua armadura e perfurar-lhe o coração, Blackstone ergueu o escudo. A lança colidiu nele, e o impacto o pegou sem firmeza e ele caiu da sela. Um rugido de vitória ergueu-se entre os homens de Marcy.

Blackstone ficou deitado, imóvel.

Marcy pôs as mãos no parapeito. Suas ordens tinham sido muito claras: os homens que enviara deviam apenas enfraquecer Blackstone o suficiente para que o Padre Selvagem fosse matá-lo. Ele ficou angustiado ao pensar que os guerreiros sobreviventes fossem esquecê-las. O primeiro homem que Blackstone derrubara estava de pé e começara a correr, de espada erguida, pronta para atacar o inglês caído. Seria um golpe fatal. Marcy ordenou aos besteiros ao seu lado que o matassem. Eles soltaram as flechas sem questionamento, e o cavaleiro caiu a dez passos do inglês.

Os dois cavaleiros remanescentes hesitaram; o aviso foi muito claro.

Blackstone rolou de lado. A queda o deixara tonto, e a dor esfaqueou-lhe as costas. Ele respirava superficialmente, deixando que os goles breves de ar levassem vida para seu corpo. Os cavaleiros desmontaram e caminharam até ele com escudos erguidos e espadas prontas para atacar.

– Você nunca o matará – disse Christiana, dirigindo-se ao homem que a espancara e humilhara.

– Ele é feito de carne e osso. Sangrará e morrerá, e serei eu quem fará isso.

– Mesmo que ele esteja ferido, nunca o derrotará. Você é um selvagem brutal, mas ele luta com outro tipo de força. Ele vai matá-lo lentamente, e você vai implorar por clemência, e ele não vai escutar. Vai matá-lo hoje. Eu prometo.

Marcy meteu um tapa em Christiana que lhe rachou o lábio. Ela caiu sobre o parapeito, com sangue jorrando do nariz. Agnes gritou, mas o irmão a puxou para perto. Christiana se segurou, desesperada para não cair no chão, mas para permanecer corajosa – como Blackstone sempre recomendara.

– Você e seus pirralhos morrerão antes de eu matá-lo. Vou jogá-los lá embaixo, e as rochas que os destruirão, destruirão também o inglês.

Os homens na arena percorreram os últimos metros que os separavam de Blackstone, que tentava, muito grogue, ficar de pé. Os visores erguidos demonstravam a necessidade dos oponentes de sorver ar fresco, muito maior do que uma possível ameaça da parte do inglês. A Espada do Lobo jazia no chão, fora de alcance. Blackstone apoiou-se num dos joelhos, equilibrando-se, usando o escudo batido como muleta, o corpo curvado de dor. Os

guerreiros cortariam seu tendão, quebrariam seu braço, deixando-o quase incapaz de defender-se de Marcy.

Os mercenários deste cantarolavam um grito de morte, com sede de sangue que queria ver Blackstone aniquilado. Killbere mal podia conter o desejo de atacar. Ele está desarmado, pelo amor de Deus, dizia o cavaleiro consigo.

– Pegue a espada, homem! PEGUE A ESPADA! – ele gritou, mas o primeiro cavaleiro já tinha atacado, e Blackstone ainda não tinha tentado alcançar a espada de aço com a marca do lobo gravada na lâmina.

Um machado apareceu em sua mão quase como por feitiçaria, mas tinha sido mantido escondido pelo braço torto debaixo do escudo enquanto ele fingia estar ferido. Quando o oponente o atacou, Blackstone virou para o lado em um movimento tão rápido que o atacante vacilou. O inglês girou o machado para baixo, atingindo o vazio entre as placas de armadura na perna. O conjunto que protegia o joelho e a perna do homem se separou, e a perna decepada caiu, jorrando sangue no gramado. Quando o cavaleiro caiu, aos berros, o machado atingiu-o mais uma vez, agora no visor aberto.

O segundo homem encarou Blackstone, que ainda não tinha recuperado a espada. Não foi preciso; o machado descansava em sua mão, e o escudo batido estava pronto para receber qualquer golpe. O cavaleiro sabia que era o melhor oponente que o encarava, e que avançar mais um passo poderia resultar em sua morte. Mil vozes roucas assentaram em um silêncio etéreo.

Blackstone olhou para trás, para o alto.

– Acha que eles se importam se você vai morrer ou viver? – disse ele, referindo-se à massa de mercenários. – Acha que sabem algo de honra? – O homem permanecia imóvel, pesando suas chances. – Você pode viver. Lutou bem. Pode unir-se a nós. Marcy vai morrer.

O cavaleiro sacudiu a cabeça.

– Eu o vi lutando. Ele é melhor do que você pensa. E você está ferido.

A lança tinha acertado a carne da lateral do corpo de Blackstone; o talho estava protegido pela cota de malha, mas o sangue vazava por ela e a ferida o atrapalharia. Ele sabia disso. O homem à sua frente também.

– Se eu for embora, os besteiros dele me derrubarão antes que eu possa dar cinco passos – disse o cavaleiro.

Essa afirmação não podia ser contestada. O homem largou o escudo, baixou o visor e agarrou a espada com as duas mãos.

– Defenda-se – disse, atacando-o.

Os homens que assistiam puderam contar os segundos antes da morte do cavaleiro. No primeiro, Blackstone firmou sua posição. No segundo, ele jogou o escudo no homem, surpreendendo-o; sua reação foi esquivar-se. No terceiro, o machado o atingiu entre o pescoço e a clavícula. No quarto, o homem caiu com o impacto. Finalmente, no quinto, Blackstone cindiu a armadura e a cota de malha do oponente com mais três golpes poderosos. A cabeça do morto caiu.

Blackstone jogou longe o machado e virou-se para desafiar Marcy.

Killbere, o cavaleiro beligerante que lutara as grandes batalhas para seu grande rei, ergueu o braço da espada e marchou adiante.

– Agora! – ele gritou, e centenas de homens surgiram do meio das árvores e correram para onde ele estava, a vinte passos deles.

Blackstone estava cem passos à frente, e os homens do Padre Selvagem, a duzentos.

– Vou matá-lo por sua selvageria e suas abominações – Blackstone gritou para Marcy.



O Padre Selvagem viu Killbere avançar e homens brotarem do meio das árvores. Ele não mais detinha o poder que detivera poucos minutos antes. Os homens de Blackstone podiam ainda ser poucos, mas sua sede de sangue infligia danos pungentes antes de serem derrotados. Se ele não enfrentasse Blackstone, aqueles que o seguiam lhe dariam as costas, negando-lhe a riqueza e o poder do Visconde. Gilles de Marcy não ficaria com nada, após todos esses anos, exceto o que podia roubar dos mortos.

– Segurem-na! – ele ordenou a seus homens.

Dois soldados agarraram Christiana. Ela gritou, sabendo o que ele estava prestes a fazer. Ele pegou Agnes numa mão, agarrou Henry pelo colarinho e puxou ambos para a beirada do precipício, a um passo da queda de quase vinte metros.

– Blackstone! – berrou Marcy. – Escolha! Qual deve viver, qual deve morrer?

Blackstone viu seus filhos sendo ameaçados na beirada do adarve.

– Escolha! Ou morrerão ambos.

O cavaleiro viu que tudo aquilo não valera de nada. Marcy mataria seus filhos. A voz implorante de Agnes ecoou pelo campo de batalha.

– Papai... socorro... papai...?

O desespero de Thomas o dominou. Ele sacou sua faca de arqueiro e cortou as tiras de couro que prendiam o pouco de proteção que usava nas pernas e no braço da espada.

– Marcy! Lutarei com você sem armadura. Você tem a vantagem! Solte-os!

A armadura caiu no chão, expondo o ferimento e a vulnerabilidade do inglês.

– O sofrimento limpa a alma, Blackstone; você ainda não sofreu o bastante para que eu possa mandá-lo de encontro ao criador. Escolha! Agora!

Blackstone sabia que só podia ter uma escolha. Precisava que o filho propagasse o seu nome. Agnes tinha de morrer.

– Tudo bem, pai! – disse Henry, com a voz trêmula de medo, mas encontrando coragem suficiente para ser ouvido claramente. – Salve Agnes. Salve-a, pai!

– Tudo bem, filho! Seja forte. Tenha coragem! – o pai gritou de volta.

Marcy levou os braços à frente; as crianças estavam quase perdendo o apoio dos pés. Os homens lá embaixo exclamaram, sem saber o que aconteceria.

– Então? Quem... vai... viver? Quem você salva?

Além do amor, era necessário que Blackstone escolhesse Henry, mas o momento em que tomou a decisão, soube que Marcy o mataria também. O jogo era puro blefe.

– A quem vai dar a vida? – berrou Marcy, impaciente.

– Agnes – Blackstone respondeu, sabendo que seu oponente queria infligir-lhe a maior dor possível.

Agnes estava a um instante da morte. Então Christiana soltou um grito. As crianças caíram para trás; alguma coisa acontecia nos adarves. Homens gritavam. As crianças desapareceram da vista de Blackstone.

John Jacob.



– Arqueiros! – gritou uma voz.

Ressoava o alarme dentro dos muros do castelo. Os primeiros seis homens aos dois lados do Padre Selvagem morreram sob as mãos dos arqueiros de Will Longdon. Os outros viraram e se depararam com homens esfarrapados e encharcados que já tinham soltado outro voleio. Marcy perdeu doze homens antes mesmo que o choque do ataque fizesse soldados e besteiros se virarem para os invasores. John Jacob e seus homens corriam ao longo dos adarves; cem passos atrás deles, Longdon e seus arqueiros matavam mais homens na muralha. Outra dúzia dos cavaleiros de Jacob lutava no pátio, matando guardas com espadas e machados de lâmina cega, martelando crânios, quebrando ossos.

Christiana soltou todo o peso sobre o homem que a segurava. A mudança de peso súbita o desequilibrou. A flecha de Longdon o acertou em cheio na garganta, e ele tropicou para as rochas lá embaixo. Os homens de Killbere rugiram.

Outros soldados continuaram morrendo pela ação dos arqueiros e cavaleiros ingleses. Mas não seria possível obter a vitória no interior das muralhas. Os homens de Jacob alcançaram os portões. Marcy não fez menção de fugir. Se os homens de Blackstone quisessem matá-lo, já o teriam feito. Um homem de ombros largos e cabelos curtos, mais velho que o inglês, de camisa emplastada de suor e sangue, vinha na direção dele com uma cimitarra suja de sangue na mão.

– John! – gritou Christiana, puxando as crianças para si.

Estavam ainda perto o bastante de Marcy para ele poder feri-los. Não havia como chegar até Jacob sem passar por ele no estreito adarve. O assassino avançou para eles, mas Jacob previra a ameaça e impedira o movimento, com a cimitarra posicionada, pronta para um golpe mutilador. Marcy desistiu da tentativa de agarrar Christiana.

– É um dos mercenários de Blackstone?

– Sou capitão e vassalo dele.

Marcy soltou um suspiro e assentiu. Não havia como comprar o homem.
Jacob olhou por cima do parapeito, deixando Blackstone vê-lo.
Mil homens berraram.
Os portões do castelo foram abertos.
Blackstone levou Arianrhod aos lábios e ergueu a Espada do Lobo do
gramado imerso em sangue.



CAPÍTULO TRINTA E OITO

John Jacob e seus soldados sobreviventes, junto a Longdon e os arqueiros, escoltaram Christiana e as crianças, montados em palafréns, pelos portões do castelo.

Blackstone nem se movera. Esperava pelo Padre Selvagem.

John Jacob parou a dez passos dele.

– Está tudo bem, milorde.

– Obrigado, John. Will? – disse ele, vendo um ensanguentado Longdon recebendo a ajuda de dois outros arqueiros para andar.

– Aye, Sir Thomas?

– Fico feliz em vê-lo.

Will Longdon sorriu; o cumprimento aliviou a dor.

– E eu ao senhor.

– Vai ficar bem?

– Contanto que me arranje bastante conhaque.

Blackstone fez que sim.

– Sem problema. E dê ração extra para esses homens. Mande um dos capitães enviar cem homens para o castelo para tomá-lo.

Longdon sorriu e saiu mancando.

Blackstone olhou para o filho.

– Você encheu meu coração de orgulho, Henry.

Dava para ver as lágrimas brotando nos olhos do menino, mas o olhar austero do pai não lhe permitiu ceder à emoção. Blackstone tirou Agnes dos braços de Christiana, fazendo careta por causa do ferimento.

– Você teve medo? – perguntou ele à menina, que se agarrara a ele.

Ela fez que sim, enterrando o narizinho no pescoço dele.

– Eu também – disse ele.

– Você nunca tem medo.

– Sempre tenho quando acho que tem alguma coisa acontecendo com você.

– Mas agora estou bem, papai.

Thomas beijou a filha na testa e a devolveu aos braços da mãe. Deu para ver os hematomas e vergões debaixo da camisola desmazelada de Christiana.

– Temos roupas para você, e um médico – disse ele, deitando gentilmente a mão na perna dela.

– Você teria escolhido a sua filha para morrer.

Blackstone não conseguiu encontrar resposta para a acusação.

– Teria sido melhor se ele tivesse me matado. Ele bateu nesta meretriz com corda e me fez rastejar ao redor do pátio uma dúzia de vezes em penitência – ela disse. – Uma mulher estuprada que concebe a criança é cúmplice do ato. Marcy tomou de mim o que me restava de dignidade, Thomas. E o que ficou para mim foi a culpa pela morte de um honrado escudeiro. Eu sofro mais por Guillaume do que por minha própria vergonha. Ele era o melhor entre nós.

Os homens afastaram-se; somente Jacob ficou por perto, segurando a guia do cavalo, mantendo o rosto virado, por respeito.

Blackstone ignorou a presença do capitão.

– Você é a minha esposa, a mãe dos meus filhos, a senhora da minha casa.

Ela puxou o símbolo de amor da manga da camisola e jogou o tecido bordado, com o pássaro ainda preso ali – como eles dois, unidos pelo destino.

– O brasão do meu pai. Sabia disso?

Blackstone sabia que negar seria inútil.

– Soube alguns anos depois. Era o meu fardo.

Ninguém disse mais nada. O que houvera entre eles foi perdido em um longo e pesaroso olhar. Por fim, Christiana assentiu e quicou o cavalo adiante, tirando a guia da mão de Jacob, forçando-o a abrir caminho. O cavalo de Henry seguiu o outro, obediente.

Na borda da floresta, Blanche de Harcourt sacudiu os cabelos para libertá-los do bacinete e cavalgou à frente para encontrar Christiana. Blackstone e Jacob viram a mulher sofrida apertar a mão de sua mentora nos lábios.

– Cuidarão dela, Sir Thomas. As feridas vão curar – disse Jacob.

– Sim. Você terá mais do que a minha gratidão, John.

– Aceitarei sua amizade como pagamento, se for ofertada, Sir Thomas.

– Feito.

Killbere levou seu cavalo à frente.

– E o castelo? – disse, olhando para Jacob.

– Oitenta ou mais dos homens dele morrerão. Os arqueiros de Will Longdon foram os grandes responsáveis. Deixei vinte homens nos portões; estão de olho em Marcy e Girolami. Dez dos nossos morreram. Alguns estão feridos. A pilhagem está lá dentro. Em carroças.

– Santo Sangue da Cruz, que bom negócio! Viveremos como reis. Certo, Thomas, vamos lutar com esses cocôs de cachorro? Haverá matança suficiente hoje para durar o dia todo.

– Vá até seus homens, John. Prepare-se para enfrentar os mercenários de Marcy. Vão querer manter seus ganhos, de um jeito ou de outro.

– Aye, milorde – respondeu Jacob e correu de volta para a fileira de homens, preparados para a batalha.

– Gilbert, eles atacam, não importa o que aconteça comigo. Virão direto para você, a galope. Já disse aos homens o que fazer?

– Umas dez vezes, ou mais. Você precisa estar liderando, à frente deles, homem.

– Primeiro Marcy. Depois veremos.

O cansaço de Blackstone era evidente. Ele dobrou o lenço de Christiana sobre o ferimento na lateral do corpo e o prendeu, apertando o cinto da espada.

– Corte a garganta do maldito e acabe logo com isto. Deixe para lá, homem. Para quê? – Killbere interpelou.

– Quero que morra pela minha espada.

– Thomas – resmungou Killbere. – Thomas... santo, misericordioso Deus, ele é uma desonra parida das entranhas do diabo. Amarre-o a uma estaca e o queime, se tiver mesmo que se vingar, mas você está ferido, e aqueles homens que matou, não foi sem custo. Sendo sincero, você não tem condição alguma de dar cabo dele. E ele carrega ódio tão grande quanto o seu.

– Gilbert, conheço-o desde que era menino, e você sempre foi um bastardo pretencioso e beligerante de coração impiedoso.

– Agora não é hora para elogios, Thomas.

Blackstone ergueu a espada.

– Então, se ele me matar, não lhe conceda clemência e mate-o do jeito que preferir.

Killbere não gostou nada do que ouviu, mas assentiu e afastou-se. Thomas Blackstone queria enfrentar seu destino.



Lembranças de homens posicionados contra o inimigo, gritando para um campeão, apareceram como uma visão na mente dele. Tambores e trombetas, dez mil flâmulas, lanças ao alto, armadura adornada por sobretudos de todos os matizes. Pompa e cerimônia declarando a guerra, enquanto, lado a lado, os homens disputavam a melhor posição para serem os primeiros a atacar, em busca da glória que perduraria por toda a história de sua família e seria recontada por trovadores.

Não nesse dia.

Duas forças beligerantes posicionavam-se uma contra a outra nos lados opostos de trezentos metros de campo aberto. Homens perdidos da paz, devotados à guerra sem glória, desejosos apenas do lucro. Nada de flâmulas nem realeza, nada do assomo de orgulho por um rei, um príncipe ou uma causa. Estavam ali apenas para matar, pois quem matasse mais venderia sua destreza para o melhor comprador.

O Padre Selvagem saiu pelos portões usando cota de malha sem armadura, pronto para atacar firme e rápido, com agilidade. Parecia maior do que se lembrava Blackstone – o rosto pálido, mais lúgubre, os olhos ainda mais afundados na cabeça, envoltos por olheiras. O escudo não tinha marca alguma; o sobretudo preto cobria a cota de malha. Ele apareceu de sob as sombras dos grandes portões, como faria a própria morte.

Gilles de Marcy parou a dez passos de seu oponente.

– Eu punirei seu corpo mortal, Thomas Blackstone, e infligirei mais dor do que você já sentiu e, quando implorar por clemência, cortarei seus olhos e sua língua, o deixarei cego e mudo. Então, na frente da sua esposa e dos seus filhos, cortarei seu coração e deixarei sua carne corrupta neste campo, para os corvos. Sem um enterro cristão, sua alma estará condenada.

Blackstone não teve dúvida de que uma força demoníaca abrigava-se dentro do Padre Selvagem, mas ele o cortara certa vez, em uma alameda escura, e o homem sangrara como qualquer outro. As palavras de Marcy não surtiram efeito algum. Blackstone ergueu seu escudo e, por mais cortado e marcado que estivesse, sua proclamação, *Desafiando a morte*, ainda podia ser vista. Blackstone sacou a Espada do Lobo e avançou, sem desafio nem grito de guerra, sentindo o frio de seu próprio ódio.

O Padre Selvagem correu para ele, e os dois colidiram, batendo os escudos, trocando golpes firmes e ferozes em seguida. O peso e a altura de Blackstone conferiam-lhe certa vantagem, mas os cavaleiros de Marcy o tinham enfraquecido; tinha muito menos força e destreza que um guerreiro descansado. Ele fintou, virando um pouco de lado, tentando atrair Marcy para si, mas o padre assassino recuou um passo, equilibrou-se e atacou com tudo. O golpe atordoou Blackstone; ele caiu em um joelho e ouviu o rugido dos mercenários cobrir todo o campo. Marcy, contudo, não se aproveitava da vantagem que possuía. Mais uma vez, ele recuou um passo e ficou esperando até que Blackstone se levantasse, meio tonto. Então tornou a atacar, dois golpes maciços que atravessaram escudo e quebraram cota de malha. O escudo de Blackstone caiu. Os homens de Marcy ficaram empolgados, como cães na coleira, desejando a morte. Os capitães gritaram para contê-los; a reputação e a posição de Marcy bastavam para mantê-los sob controle. O Padre Selvagem mataria Blackstone e, depois, quando ostentasse a cabeça dele em uma lança, os homens dele, desencorajados, ficariam vulneráveis.

Blackstone defendeu um golpe com o guarda-mão da Espada do Lobo, girou e se jogou contra Marcy, de modo que ficaram cara a cara. Os olhos negros sinistros do padre brilhavam na escuridão do visor. Os homens arfavam o peito, desesperados por ar, grunhindo de exaustão, banhados de suor, agarrados, sem ceder. Blackstone meteu o ombro no escudo de Marcy, forçando-o com as pernas, fazendo o assassino recuar dois passos, mas ele rapidamente se recobrou e avançou contra Blackstone, atacando forte e veloz, grunhindo com o esforço, determinado a conquistar a fama do oponente como um troféu. Cinco, seis, sete vezes ele meteu sua lâmina na Espada do Lobo, mas Blackstone girava, gingava e usou o punho da espada para bater

no elmo de Marcy. Atordado, o Padre Selvagem vacilou, mas logo recobrou o equilíbrio, ergueu o escudo e atacou de novo e de novo. Blackstone recebeu a punição, sentindo os braços enfraquecerem contra o poder dos ataques, sabendo que corria o risco de morrer, mas querendo cansar o oponente.

Foi então que Blackstone sentiu um fluxo de renovada força espalhar-se dentro de si, como se aqueles que ele jurara vingar-se agora estivessem ali presentes. Ele agiu rapidamente antes que Marcy completasse o golpe seguinte. Com a mão livre, pegou Marcy pelo cinto da bainha e puxou, derrubando-o. Com a Espada do Lobo, jogou longe o escudo; depois chutou o visor do padre. O rosto distorcido de Marcy revelou sua surpresa com o golpe, mas o desejo incansável de matar Blackstone alimentou o ódio para a retaliação. Ele rolou dali com um golpe feroz que abriu a cota de malha na perna de Blackstone. Não foi um ferimento incapacitante, e a dor não o afetou. Marcy aproveitou a vantagem e desceu uma chuva de golpes, grunhindo e xingando pelo esforço. Blackstone defletia cada ataque. Ele desviou para o lado quando Marcy meteu o que era para ter sido um golpe incapacitante no braço da espada de Blackstone. Ele acertou Marcy com o punho da Espada do Lobo e sentiu ossos rachando no rosto dele.

Mesmo com os pés firmes no chão, Marcy foi empurrado pelo impacto. Com o braço pouco erguido, Blackstone golpeou a manopla do oponente, estilhaçando seu punho. Marcy contorceu-se todo com a dor terrível. Blackstone fincou a ponta estreita da Espada do Lobo na cota de malha, no ombro vulnerável e, quando o padre foi ao chão, jogou todo seu peso em cima dele. Uma nuvem de sangue jorrou do rosto do padre atordado. Ele piscou os olhos, descrente.

– Seu cavaleiro bastardo... arqueiro nojento – soltou ele. – Você... morrerá... neste campo, comigo.

A imagem borrada pelo suor que lhe cobria os olhos mostrou a Blackstone a massa de homens que avançavam aos berros. Os rostos contorcidos e os rugidos foram abafados na mente do inglês, juntando-se em um ruído como o de uma onda prestes a quebrar. Ele fincou o joelho no oponente e apertou-lhe a garganta com o braço esquerdo, o torto, forçando a cabeça dele contra o gramado.

Blackstone sacou sua faca de arqueiro, de olhos fixos nos do Padre.

– Então morra sob a faca de um arqueiro – disse, fincando a faca pelo visor e puxando-a pela fenda.

Em sua tumba de aço, o Padre Selvagem fritou, batendo os pés no chão coberto de sangue. Seu corpo se debatia, mas Blackstone manteve o peso em cima dele e apertou ainda mais forte a faca. A visão de Marcy foi escurecendo. A última coisa que viu na vida foi o rosto do homem que o matou. Blackstone desviou o rosto, antes que o olhar do assassino moribundo sugasse sua alma para o inferno.

A onda de homens estava a vinte passos dele. Blackstone foi pegar a espada, mas deixou-se aturdir pela chuva sibilante que caiu e colidiu com os corpos dos atacantes. Ele viu que centenas deles caíram em um segundo, enquanto outra tempestade de flechas caiu mais além, sobre os mercenários. Killbere e John Jacob passaram, junto de Meulon e Gaillard. Ele continuou como estava, junto ao corpo do Padre Selvagem, e esperou que os homens os circundassem.

O dia já estava ganho.



A batalha durou duas horas; um confronto tão feroz, que muitos foram executados mesmo enquanto imploravam por clemência. Poucos foram aprisionados. Depois que os homens de Killbere e John Jacob lançaram-se na vanguarda, veio a turma de Blanche de Harcourt como uma onda implacável de destruição. Muitos dos homens de Marcy fugiram para as florestas mais altas. Poucos mantiveram a posição quando viram que não tinham mais a vantagem.

Mais tarde, Blackstone permitiu que quase duzentos dos homens do Padre Selvagem – ingleses, a maioria veteranos de Poitiers, e mais sessenta gascões sobreviventes – jurassem lealdade a ele. Os mais maldosos, de cujos crimes ele ficou sabendo da boca dos clérigos de Marcy, foram enforcados num dia frio, sem vento. Quase trinta ingleses e onze alemães e húngaros perderam a vida com a corda no pescoço, com a chuva que cobria o vale apertando ainda mais o nó, os rostos contorcidos como os de grotescas gárgulas. Os monges e

as prostitutas uniram-se à comitiva, assim como dois médicos franceses que tinham sido capturados por Marcy.

A maioria dos homens que lutavam aceitava a morte, mas o maior medo, até para os mais virulentos, era morrer sem ter os pecados absolvidos. Monges cistercienses de uma abadia próxima foram passando pelos mortos e garantindo absolvição. Escribas monásticos registraram que uma imensa vala fora cavada antes que a neve do inverno caísse na passagem. Muitas centenas de corpos foram enterradas. O confronto ficou conhecido como “La Battaglia nella Valle dei Fiori”. Meses depois, os eventos da Batalha do Vale das Flores foram parar na corte inglesa, onde a história de Thomas Blackstone, cavaleiro sem lei, logo se tornou uma grande lenda.

Os seguidores dos soldados, cuja vida não fazia sentido sem estes, saíram da floresta para ajudar os feridos. Christiana permitiu que uma das meretrizes a ajudasse a tomar banho e que um médico cuidasse de seus ferimentos. Blackstone ainda estava no campo de batalha com Killbere e o que restara do confronto. Ela não quis que a mulher desse banho em Agnes, o que ela mesma fez. A filha foi alimentada e vestida, depois dormiu o sono tranquilo das crianças. Henry tinha saído da floresta para encontrar o pai.

– Não há como dizer aonde nossos corações nos levarão, Christiana – disse-lhe Blanche de Harcourt. – Você o escolheu quando ele era a praga em nossa nação. Agora, é amigo da minha família e seu marido. Deveria ficar com ele; ele não a condenou pela violação e suportará a sua vergonha. Por que abandoná-lo agora?

– Não posso explicar o que aflige meu coração, Blanche. É uma pequena morte que fica mais gelada a cada dia. Meu pai foi um cavaleiro gentil que cuidou de mim quando criança, depois que a minha mãe morreu, e me colocou a salvo sob seus cuidados. – Christiana olhou para suas unhas sujas de terra, quebradas, ainda cobertas de sangue. – A sujeira gruda-se a mim tanto quanto a imagem de meu pai morrendo sob as mãos de Thomas. Isso e tudo o que aconteceu. Mudou tudo para mim.

– Ele não sabia, na época. Godfrey de Harcourt enfrentou a própria família às vistas de todo o mundo, mas nos reconciliamos. Era a guerra – disse Blanche de Harcourt, vendo a falta de vida nos olhos da amiga.

Christiana começava a escorregar para o quarto escuro da perda e do pesar, onde o amor não podia chegar.

– Quando ele soube da verdade, acha que ele contaria? Ele simplesmente matara o homem que fora o motivo pelo qual seu pai a enviara a nós para proteger. Thomas fechara o círculo que era o seu destino. Mantenha vivo o nome dele, Christiana. Tenha mais filhos dele – ela sugeriu, gentilmente.

Christiana fez que não.

– Escute-me – disse Blanche bruscamente, querendo desesperadamente fazer Christiana entender o que estava prestes a perder. – Ele pode mandar em você! Tem a tutela dos filhos. Se o desafiar, ele pode tomá-los. Ele podia tê-la espancado e expulsado quando ficou sabendo do que aconteceu na barca.

– Ele não faria isso, por sua afeição por mim. Eu o conheço.

– Então você não o merece.

– Eu sei – respondeu Christiana, com lágrimas brotando nos olhos. – Posso contar com seu abrigo e proteção, para mim e meus filhos?



Blackstone foi passando por entre os homens, mandando os médicos para onde eram mais necessários, e só depois permitiu que um dos monges cistercienses cuidasse de seu ferimento, removendo dali o lenço de Christiana. O pássaro de olhos bem abertos do símbolo de afeição parecia agora estar em pânico, imerso em manchas de sangue. Henry saiu a cavalo ao lado do pai e viu os homens mortos sendo arrastados para o fosso. Suas entranhas e os membros decepados foram fincados com machados e lanças e jogados logo depois. O pai prestava atenção às reações do menino, mas este se mantinha estoico.

Foram três dias que passaram até que o clima melhorasse, tempo em que Christiana não quis ver nem falar com Blackstone. Os ganhos foram divididos, e cada companhia recebeu a sua parte. Todos os homens sabiam o que o outro recebera. Blackstone ofereceu a todos que partissem, se quisessem. Uns trinta resolveram retornar à França, muitos com as mulheres que haviam tomado ao longo do caminho. O núcleo do bando de Blanche de

Harcourt que sobrevivera à batalha – 173 guerreiros – a escoltaria de volta a seu feudo, em Aumale, na Normandia, seu por direito hereditário.

Blackstone e Christiana estavam na floresta. Atrás deles, grupos espalhados de homens e mulheres carregavam cavalos, e armaduras e armas eram empilhadas em carroças. Sob a luz clara da campina, onde a flâmula de Montferrat ondulava do alto de um adarve, Killbere e a companhia de comandantes organizavam seus homens em formação. A matança reduzira suas fileiras a algumas centenas, mas eram guerreiros especializados, muito disciplinados, e valiam mais do que o dobro de homens destreinados.

– O país dos lombardos não é a minha casa, Thomas – disse Christiana. – Você terá agora uma vida itinerante de guerra. Quero que meus filhos encontrem um refúgio e um lar. Permita que partamos. Blanche nos levará de volta.

Blackstone esforçou-se para encontrar as palavras para confortar a esposa, mas foi com muita dificuldade.

– Logo terei riqueza e serei pago como *condottiere* em Florença. É um contrato generoso. As lutas pesadas acabaram. Um lar com criados nos espera. Estou pronto para fazer qualquer coisa para ter você e as crianças comigo.

– Não consegue parar de lutar.

– É o que eu faço.

– Você comanda outros homens; não precisa lutar.

– Esse dia logo chegará. Até lá, vou ganhando o respeito deles.

– Correndo o risco de perder o meu.

– Sempre achei que o tivesse na mesma medida que seu amor – disse Thomas, baixinho, pegando a mão da esposa, sentindo seus frágeis dedos entre os dele. E sentiu que ela poderia querê-lo de volta. – Aquele rio que cruzamos era tão perigoso, mas nos abraçamos e chegamos à margem. Este é outro rio, Christiana. Abrace-me. Volte a confiar em mim.

– Não posso. Preciso de tempo para que este tormento me abandone. Estaremos a salvo, e rezarei pelo seu bem-estar, Thomas. Eu imploro, não me force a contrariar minha vontade. Vamos torcer para que nosso tempo retorne.

Ela levou o rosto ao dele e beijou-o na bochecha.

– Adeus, Thomas.



Os cavaleiros se reuniram na campina pisada de sangue. Blackstone cavalgava à frente de seus homens, como Blanche de Harcourt, dos dela.

Os dois adiantaram-se para dar adeus.

– Vou protegê-la. Quem sabe logo ela melhore – disse-lhe Blanche.

– Mande-me notícias.

Thomas viu Henry sentado em um corsário, cavalgando um passo atrás da Condessa, com a adaga de Guillaume – que ele mesmo pegara – enfiada no cinto. Blackstone amarrara a espada e a bainha do escudeiro morto no pito de sua sela.

– Lembre-se, filho, nunca abandone uma espada tomada em batalha. Foi Sir Gilbert quem me ensinou isso.

– Eu não a ganhei, pai – respondeu o menino.

– Cada homem aqui viu você merecê-la por sua coragem, como um dia fez Guillaume Bourdin. Ele foi o homem mais corajoso que já conheci e sempre lutou ao meu lado. Essa adaga carrega honra consigo. É por isso que você a mereceu.

Ele pegou a mão do menino e a segurou por um instante.

– Queria ter você ao meu lado. Logo poderia ser meu escudeiro.

O conflito do menino estava evidente.

– Pai, quem vai cuidar de Agnes e a mãe se eu não estiver com elas? Quando não precisarem mais de mim, eu o encontrarei... prometo... milorde.

O menino virou o cavalo e foi até Christiana e Agnes.

– Eu o enviarei a uma boa família, perto da minha, e ele aprenderá os melhores ensinamentos, Thomas. E, quando tiver idade, eu o enviarei a você – disse Blanche.

Menos de uma hora antes, o cavaleiro abraçara a filha pela última vez, sentindo seu corpinho terno contra o dele, e contou-lhe a história de uma grande jornada que precisava realizar, sobre ter que viajar para desvendar lendas de duendes, fadas e monstros, e onde os anjos viviam, nas montanhas.

– E depois o senhor vai voltar para casa e me contar? – ela perguntara.

– Prometo – ele dissera, sentindo a tristeza de tudo que se passara antes e a dor desesperadora do que estava para perder. Restara-lhe pouco além da fraternidade junto a seus homens, e isso teria de sustentá-lo. – Pela minha honra.

A menina passou o dedinho na cicatriz e beijou o pai.

Não havia mais o que dizer. Blackstone virou seu cavalo e partiu para as montanhas, com seus homens logo atrás, carregando sua flâmula, que ostentava a manopla segurando a espada.



O Marquês de Montferrat reivindicou o forte para si e mandou a notícia ao papa Inocêncio de que mercenário nenhum passaria a não ser que pagasse imposto, metade do qual seria enviado aos cofres do pontífice. Girolami, ferido na contenda pelo castelo por um arqueiro desconhecido, foi tratado por um médico e enviado de volta a seu mestre, Galeazzo Visconti, com a notícia de que o poderoso lorde milanês perdera controle da chegada ocidental a seu território – e que o homem que infligira tal derrota era o inglês Sir Thomas Blackstone.

Foram precisos dias para que as notícias da batalha chegassem ao papa, e mais dez para que o padre Niccolò Torellini ouvisse falar do evento. Florença estava em guerra com Milão, e seria preciso ter guerreiros se quisessem, algum dia, derrotar a família Visconti. Padre Niccolò agradeceu a Deus por ter sido ele quem um dia absolvera o inglês à beira da morte, pois lhe parecia que agora Deus o colocara ali, pronto para servir. O mensageiro contou como o cavaleiro inglês enterrara seu escudeiro e cortara ele mesmo a pedra para marcar o túmulo, gravando um memorial na rocha.

Esta pedra marca o local de descanso de mestre Guillaume Bourdin, escudeiro do cavaleiro inglês Sir Thomas Blackstone, cruelmente assassinado em defesa dos inocentes por Gilles de Marcy, o Padre Selvagem.

O andaime no qual o jovem escudeiro fora pregado foi reforçado, para que, nas estações seguintes, continuasse firme, mostrando os restos do homem ali pendurado, cujo escudo fora preso com arame e pendurado no pescoço.

Conforme a carne apodrecesse, o arame roçaria os ossos. A inscrição gravada no escudo era tanto testemunho quanto alerta.

Aqui está o corpo do cruel assassino morto em combate pessoal por Sir Thomas Blackstone. Para que todo o mal pereça.

Blackstone guiou seus homens a partir do vale: Killbere, John Jacob, Meulon e Gaillard com suas companhias; Elfred e Will Longdon à frente de seus arqueiros em montarias. A brisa passou sussurrando pelo vale e sacudiu o escudo do Padre Selvagem, zombando gentilmente dele.

Blackstone não olhou para trás.



NOTAS HISTÓRICAS

Quando Thomas Blackstone cavalgou para o norte de Bordeaux, o ataque foi inspirado pelo gascão Jean de Grailly, o Captal de Buch, que, em janeiro de 1356, reunira uma força mista de gascões e ingleses, tomara vários castelos vitais e depois seguira com seiscentos homens para capturar a cidade de Périgueux. O príncipe Edward já tinha começado sua grande incursão pelo sul da França.

Eu levei Blackstone um pouco mais ao norte e criei o forte fictício que foi o incentivo para o rei francês querer vingar-se e contratar os serviços de Gilles de Marcy, o Padre Selvagem. Durante minha pesquisa, deparei-me com Arnaud de Cervole, filho de uma família inferior do qual arrancaram o benefício na diocese de Périgueux. Marcy, meu personagem, não foi baseado no bandido Cervole – que se tornou universalmente conhecido como o Arquipadre –, mas a conexão era boa demais para deixar passar, então, de certo modo, foi a partir dele que o Padre Selvagem ganhou vida. Arnaud de Cervole lutou em Poitiers, depois liderou uma força de mercenários de dois mil homens que ameaçou Avignon. Oito anos depois, ele foi assassinado por seus mercenários húngaros, que não eram pagos.

Foi difícil pôr Blackstone corretamente em Paris em 1356, pois os marcos do século XIV tinham mudado muito. Procurei registros históricos sobre onde atuavam os trabalhadores das associações e li diversos relatos da cidade, com a ajuda do mapa medieval. Pouquíssimas ruas tinham nomes, mas havia pelo menos uma avenida larga que ia ao norte, passando por Les Halles, o mercado e um cemitério. As igrejas a que dei nome existem ou existiram e, ao expandir-se, Paris o fez passando por cima das muralhas romanas originais.

Quando Charles de Navarre, o genro do rei francês, mandou matar Charles de Cerda, o xerife da França – e amigo do rei – em L'Aigle, na Normandia, em 1354, acabou abrindo um novo capítulo no conflito francês. Os eventos

que se desenrolaram ao longo dos dois anos seguintes quase destruíram o país. O próprio Navarre teve direito legítimo ao trono, mas sua contínua atuação de um lado contra o outro fez dele um dos personagens em que menos se podia confiar a emergir na época. Edward III estava preparado para lidar com ele, e o Duque de Lancaster recebeu autoridade para negociar. Não uma, mas duas vezes, Navarre trocou de lealdade e, mesmo quando Edward já discutia a possibilidade de uma aliança, Navarre já conversava com agentes do rei John II. Entretanto, Edward jamais pôs fim definitivo a sua associação com Charles de Navarre. Na verdade, após a Batalha de Poitiers, dizia-se que Edward ajudara a arquitetar a fuga do outro de ser preso pelo monarca francês. O rei John II não era um covarde no campo de batalha, mas um pobre líder cercado por uma roda de conselheiros – entre eles, Simon Bucy.

A influência e o charme de Navarre traziam muitos para o círculo dele, incluindo os lordes normandos – sempre famintos de autodeterminação. Esse era um atributo que eles demonstraram de modo bastante consistente ao longo de sua história, embebidos que eram em sua lendária descendência nórdica. Godfrey de Harcourt e outros normandos estavam prontos para jurar lealdade ao Delfim, na tentativa de que ficasse do lado deles, contra o próprio pai, mas o príncipe adolescente fora comprado pelo rei, acertando o fim de suas dívidas, e depois o rei John apenas aguardou para atacar os que conspiraram contra ele.

Godfrey de Harcourt foi um ator-chave nos eventos da época, como foi seu sobrinho – amigo e mentor de Thomas Blackstone –, Jean de Harcourt. Godfrey, o velho cavaleiro coxo que ajudara a arquitetar a invasão da Normandia com Edward III em 1346, foi morto em uma emboscada. Jean de Harcourt foi preso, como escrevi, em Rouen, e levado e morto sem julgamento, junto com os outros conspiradores – Graille e Mainemares. Um ladrão assassino ofereceu-se para ser o carrasco em troca do perdão, que lhe foi concedido. Foi uma terrível carnificina.

Com o príncipe Edward em campanha pelo sul, o rei John II foi pressionado pelas províncias sulistas para que fosse ajudá-las, mas ele não tinha exército para tanto. O preboste de Paris, Étienne Marcel, acrescentou insulto à injúria ao concordar em elevar as taxas necessárias para equipar um novo exército,

mas somente sob a condição de que seus coletores juntassem os fundos – num golpe que impedia o rei de usar o dinheiro do jeito que quisesse. O príncipe Edward lutara e ganhara terreno no sul, além de comprar senhores locais, como Jean le Galand, Lorde de Limeuil. Foi a quinta vez que Galand trocou de lado em dez anos. Anteriormente, traíra o pai de John pelo rei Edward e depois recompensara e jurara lealdade ao francês novamente. Gaillard de Durfort foi outro nobre que vendeu sua lealdade, incitado por interesses e desentendimentos locais que levaram ao conflito com outro grande senhor da região. Esses feudos eram totalmente autônomos e somente firmariam aliança com o suserano que escolhessem, geralmente um que lhes garantisse benefícios suficientes. É possível ter certa simpatia por um rei beligerante conforme ele e outros que o traíam arranjavam cada vez mais pressão para suportar. Era hora de o rei livrar-se dos ingleses e dos traidores de uma vez por todas.

O príncipe de Gales, cavalgando muito longe ao sul, esperava que o pai pousasse no norte, mas essa invasão foi prorrogada, e o rei Edward, sabendo que o rei francês tinha reunido um grande exército, acreditava que o filho seria incapaz de derrotar as poderosas forças francesas apontadas contra ele. Um mensageiro foi enviado, permitindo ao príncipe render-se com honra e voltar para casa – na minha história, sabendo que o rei inglês tinha muitos contatos na Itália, criei o padre Niccolò Torellini. Historiadores podem discordar quanto a se o príncipe estava em fuga quando o exército francês o alcançou, mas a evidência sugere que ele escolheu o local no qual lutar. E escolheu com cuidado.

O resultado foi a Batalha de Poitiers, provavelmente a maior derrota que o poderoso exército francês viria a sofrer. Ao contrário de Crécy, nesse confronto, os arqueiros ingleses e galeses não poderiam ser tão eficientes, visto que tinham poucas flechas. Poitiers foi um conflito entre homens de armas agarrados feito lutadores de sumô. Em termos simples, os ingleses foram sempre mais bem-liderados e leais a um comandante – seu rei –, enquanto os franceses lutavam por glória e pela honra da família. Sua coragem era reconhecida por todos, mas a falta de coesão na batalha os fraturara, derrotando-os. A esplêndida bravura do rei John foi reconhecida no

campo de batalha. Ele brandia seu machado e foi quase derrubado no grosso do combate. Seu filho Philip, de 14 anos, ficou ao lado do pai, avisando quando os amigos atacavam. O maior erro cometido por John foi ter mandado sua força principal atacar a pé. Obviamente, ele quis imitar o sucesso dos ingleses em Crécy, mas não lhe ocorreu que os ingleses estavam todos na defesa – a pé. E não eram obrigados a escalar o morro para confrontar o inimigo. Os franceses não estavam aptos para a tarefa. O Delfim lutou a pé após a cavalaria francesa punir as fileiras inglesas, mas, então, quando o rei o retirou do campo, por sua segurança, o Duque de Orléans – irmão do rei – também retirou suas tropas. Ninguém sabe muito bem por que isso aconteceu. Covardia ou mal-entendido? De qualquer modo, deve ter sido isso que levou a França à derrota.

Em um movimento final e ousado pela vitória, o príncipe Edward ordenou seu comandante gascão, Jean de Grailly, a cavalgar com cem homens para trás das linhas francesas. Quando a flâmula de São Jorge foi vista atrás dos franceses, o príncipe arriscou tudo, tirando seus homens das fileiras no solo e usando cada um que fosse capaz de cavalgar para atacar a porção principal do exército francês. Essa atitude definiu a batalha.

Após Poitiers, um enorme contingente do exército inglês foi liberado de seu compromisso. Eles se voltaram para o que muitos soldados fizeram ao longo da história quando se deparavam com a falta de guerra: arranjavam emprego como soldados de fortuna. Essas hordas de mercenários assolaram a terra. O poeta italiano Petrarca escreveu isto, após visitar a França: “Em todo canto havia pesar, destruição e desolação... cicatrizes da derrota”.

As portas da Itália estavam abertas. O poderoso e ambicioso Visconde de Milão detinha o poder dominante. Os muitos mercenários alemães e húngaros que contratavam aumentavam ainda mais a anarquia prevalecente. Muitos ingleses, guiados por monges pelas passagens alpinas, foram para a Itália para se tornarem guerreiros *condottieri* para a Florença contra os milaneses antipapais.

E essa se tornou também a jornada de Thomas Blackstone.

David Gilman
Devonshire
2014



www.novoseculo.com.br





Portão dos mortos

Gilman, David

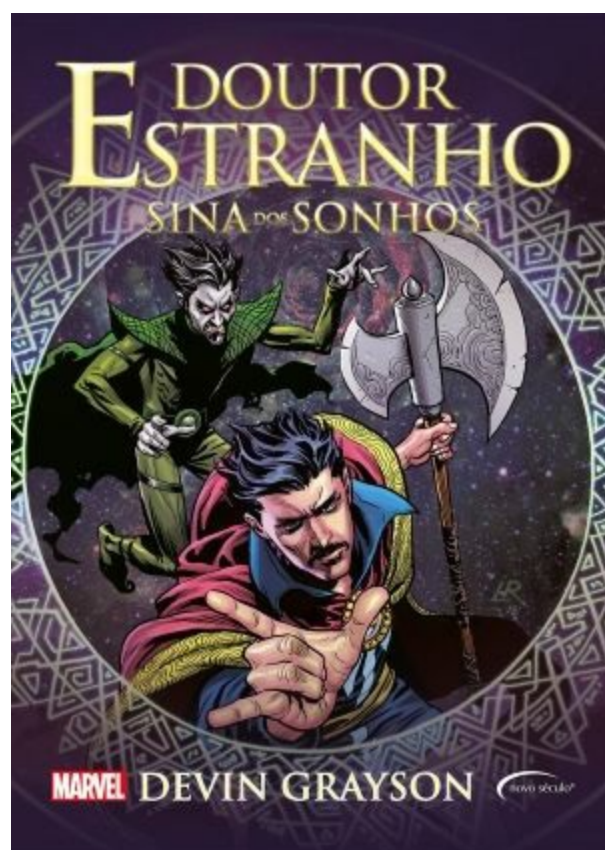
9788542807103

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

Volume III da série "Mestre da Guerra" TOSCANA, 1358. Thomas Blackstone construiu uma formidável reputação no exílio, lutando como mercenário em meio ao incessante conflito interno das cidades-estado italianas. Sua fama despertou muitos inimigos, que aproveitarão qualquer oportunidade para destruir o homem que não podem superar no campo de batalha. Quando um homem à beira da morte entrega uma mensagem chamando Blackstone de volta à Inglaterra, parece quase certo que é uma armadilha. No entanto, Thomas não pode recusar – a convocação aparentemente é da Rainha. Não bastasse seu caminho já repleto de terrores, ele ainda será assombrado por um assassino notório, instruído a infligir a máxima dor a seu alvo antes de mandá-lo para os portões do inferno. Blackstone, a lenda forjada em batalha, já desafiou a morte. Agora ela está em seu encalço, muito mais faminta.

[Compre agora e leia](#)



Doutor Estranho - Sina dos sonhos

Grayson, Devin

9788542810202

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

O mundo está desmoronando. A criminalidade só aumenta, a economia global é um abismo sem fim. Doutor Stephen Strange, o Mago Supremo, derrotou hordas de demônios, lutou contra forças malignas e defendeu incansavelmente nosso reino de exércitos Interdimensionais. Mas quando um perigoso sonho passa a inspirar pessoas comuns a agir conforme suas ambições mais soturnas, Doutor Estranho é obrigado a confrontar não apenas seu arqui-inimigo, Pesadelo, mas suas próprias fraquezas. O Mago Supremo deverá afundar-se nos pesadelos, delírios e anseios de todo o mundo. Para salvar o Reino dos Sonhos, ele terá de abrir mão de algumas das suas próprias ilusões – incluindo seu heroísmo. Quais sonhos assombrarão o Mago Supremo ao longo desse percurso?

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

Sumário

Parte Um

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Parte Dois

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta

Parte Três

Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco
Capítulo Trinta e Seis
Capítulo Trinta e Sete
Capítulo Trinta e Oito

Notas históricas

Colofão